



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**RUBENIL DA SILVA OLIVEIRA**

**REPRESENTAÇÕES DAS IDENTIDADES HOMOAFETIVAS NA PROSA  
CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA: leituras da escrita de si**

Belém  
2019

**RUBENIL DA SILVA OLIVEIRA**

**REPRESENTAÇÕES DAS IDENTIDADES HOMOAFETIVAS NA PROSA  
CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA: leituras da escrita de si**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Letras do Instituto de Letras e Comunicação  
da Universidade Federal do Pará para a obtenção  
do grau de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria do Perpétuo  
Socorro Galvão Simões

Belém  
2019

**RUBENIL DA SILVA OLIVEIRA**

**REPRESENTAÇÕES DAS IDENTIDADES HOMOAFETIVAS NA PROSA  
CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA: leituras da escrita de si**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará para a obtenção do grau de Doutor em Letras.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões – Universidade Federal do Pará  
(Orientadora e Presidente da Banca)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Josebel Akel Fares – Universidade do Estado do Pará  
(Avaliadora Externa)

---

Prof. Dr. Paulo Jorge Martins Nunes – Universidade da Amazônia  
(Avaliador Externo)

---

Prof. Dr. Sílvio Augusto de Oliveira Holanda – Universidade Federal do Pará  
(Avaliador Interno)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Tânia Maria Pereira Sarmiento-Pantoja – Universidade Federal do Pará  
(Avaliadora Interna)

---

Prof. Dr. Carlos Henrique Lopes de Almeida – Universidade Federal do Pará  
(Suplente)

A minha mãe.

Felinos têm o desenho do rosto mais belo  
Que o desenho do rosto dos homens  
Quanto ao resto do corpo, homens são mais concentrados  
Quando olho o corpo e o rosto de um gato sei ver  
Mas quando olho você  
Com seu corpo concentrado  
Assim desse modo fico louco, eu sou louco sou vulgar  
Sou vulgar no amor  
O amor é sacanagem  
Não tem poesia, nem matemática, o amor é magia.  
(Luís Capucho. *O amor é sacanagem.*)

## AGRADECIMENTOS

A expressão da gratidão pelo afeto, pelas palavras de encorajamento à luta enfrentada ao ter que deixar o meu lugar de origem em busca de mais um passo na realização de um sonho – o de me tornar DOUTOR, deixa-me com receio de que sejam esquecidas as palavras certas para as pessoas certas. Palavras de gratidão têm sempre valor subjetivo e imensurável, inclusive são singelas, mas ressignificadas pelo turbilhão de lembranças que me chegam à memória nesse momento tão representativo da minha existência.

Agradeço a **DEUS**, pela força com que **ELE** conduz os meus passos e me determina a agir mesmo quando algumas pessoas insistem em dizer que não mereço as bênçãos recebidas.

Aos meus Orixás, os quais abrem e iluminam os meus caminhos sempre colocando pessoas certas quando não é possível que eu consiga sozinho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Pará (FAPESPA), pela concessão da bolsa de estudos que tanto me ajudou a prover a realização dessa conquista.

Agradeço à mulher guerreira, dedicada, carinhosa, amorosa que me ensinou as primeiras palavras e lições de vida, minha mãe, Izabel da Silva Oliveira, por todo o amor dedicado a mim, orações e compartilhamentos dos sonhos. Não só nesse momento, mas durante esses quase 39 anos da minha existência. Obrigado, por ser a melhor MÃE do mundo para mim, amo-te incondicionalmente.

À minha avó, Tumaza Araújo dos Santos (*in memoriam*), por ter acreditado na força da educação como chave para mudar o mundo para os meus irmãos e para mim.

Aos meus irmãos e irmãs, que, mesmo apesar dos conflitos, se sentem felizes por minhas conquistas.

A minha sobrinha Marcela Oliveira Braga, que tanto me acompanhou, em Belém, quando não era possível que eu desbravasse sozinho os caminhos da cidade.

Agradeço a minha sobrinha e filha do coração, Nayara Dias Oliveira e, seu esposo, Daniel Sousa Oliveira, pelo afeto e cuidados comigo e por cuidarem tão bem de minha mãe durante meu período de ausência em casa.

Para ELA o agradecimento adquire uma dosagem maior de emoção, no qual me faltam os adjetivos que expressem a magnitude do ser humano, paciente e de coração grandioso, minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões, por ter me acolhido como orientando, mesmo não sabendo quem eu era. Foi ela quem me ensinou a gostar e a reconhecer o valor da literatura oral, pois antes, o meu contato com esta era ínfimo, reduzia-se a leituras dos romances de cordel que tanto estiveram nas leituras da infância na casa de

minha avó materna (*in memoriam*) quando os lia para o meu avô Ângelo (*in memoriam*). Partilhou comigo de sua sabedoria, dividiu momentos em discussões de eventos e me orientou a ler mais e escrever, reconheceu e me fez acreditar que tenho capacidade para a pesquisa e ainda me chamava carinhosamente de “Meu menino”. Desafio maior é atender e acompanhar seu ritmo de trabalho, a facilidade com a qual ela escreve, fala e conhece da crítica das literaturas de língua portuguesa e do seu berço – a oralidade. Todavia, tê-la, como minha Orientadora, foi presente de Deus e da Misericórdia de Nazica.

Minha gratidão profunda aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará (UFPA) – Prof. Dr. Sílvio Augusto de Oliveira Holanda, tão respeitoso e comprometido com a docência, com o nos fazer pesquisar e viajar pelo universo de sua sabedoria literária; Prof. Dr. Luís Heleno Montoril del Castilo; Carlos Henrique Lopes de Almeida; Marli Tereza Furtado; Tânia Maria Pereira Sarmento-Pantoja, pela colaboração e aconselhamentos que pudessem dar novos rumos às leituras e processo de pesquisa da tese; Jane Felipe Beltrão, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, pelo modo como me acolheu ao cursar a disciplina Gênero, Sexualidades e Direitos Humanos: uma guerra em trincheiras.

À banca examinadora da Qualificação, pela leitura atenta e valiosas sugestões;

Aos colegas de turma do Doutorado: Benedito Ubiratan de Sousa Pinheiro Júnior (Bira), Elijames Moraes dos Santos, Aline Costa da Silva, Alex Moreira, Elisângela Ribeiro pelos diálogos constantes e trocas de ideias constantes. Também aos colegas do Mestrado com os quais cursei algumas disciplinas – Carla Patrícia, Mayara Christinny, Francisco (Chico), André Simões, Anderson Luís, Ronaldo Pantoja, Luana Miralha, Aline, Francelina, Lucília e Marcos Roberto, pelo respeito, amizade e partilha de conhecimentos.

Aos amigos e colegas de orientação do Doutorado – Aida Suellen, a irmã que será para a vida inteira; Rafaella Contente, sempre atenta a tudo, conselheira, afetuosa; Breno Pauxis, o irmão e ombro-amigo; Edvaldo, a voz da razão; Natasha, a graciosidade, beleza e inteligência, reunidas numa só pessoa. E, aos meninos do IFNOPAP, tão prestativos e acolhedores, em particular, Vítor, Sílvia, Jéssica Catarina, Pâmela e Denis, pela acolhida e respeito.

Ao casal de amigos, Geane de Oliveira Brígido e Francisco Chaves Martins (*in memoriam*), pelo apoio e incentivo. Muito obrigado!

Às vozes homoafetivas ouvidas na pesquisa de campo.

A todos que, de modo direto ou indiretamente, contribuíram para a concretização de um sonho.

## RESUMO

A tese, cujo título é “**REPRESENTAÇÕES DAS IDENTIDADES HOMOAFETIVAS NA PROSA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA: leituras da escrita de si**” tem como objetivo geral analisar as identidades homoafetivas na prosa contemporânea brasileira, a partir da leitura de **Stella Manhattan**, de Silviano Santiago (2017); **Confissões ao mar**, de Kadu Lago (2010); **O terceiro travesseiro**, de Nelson Luiz de Carvalho (2007); **O diário de Marjorie: memórias de uma travesti**, de Marcos Soares (2014); **Olho de Boto**, de Salomão Larêdo (2015) e o conto “Cachorro Doido”, de Haroldo Maranhão (1986), à luz da abordagem dos estudos culturais na literatura, da literatura de autoria de minorias sexuais e da escrita de si. Como abordagem da pesquisa foi usada a qualitativa, uma vez que se dispensa a quantificação de dados e a pretensão é analisar como são feitas as representações das identidades homoafetivas sob o viés das teorias e críticas da literatura apontadas anteriormente. Para as análises e elaboração dos capítulos teóricos foi necessário um aprofundamento de leituras acerca da literatura e suas teorias críticas em Cevasco (2003, 2005), Bhabha (2013), Compagnon (2010), Candido (1981, 2000 e 2007), Dalcastagnè (2012), Derrida (2014), D’Onofrio (2004), Eagleton (2011) e outros; da homoafetividade – Okita (2015), Figari (2007), Fry e Macrae (1983), Fry (1982), Trevisan (2002), Gomes Filho (2016) Mott (2003), Oliveira (2016, 2018); da memória e identidade – Le Goff (2016), Halbwachs (2013), Ricoeur (2007), Yates (2016), Hall (2014), Woodward (2014); da cultura e tradição oral – Zumthor (1997, 2001 e 2018), Câmara Cascudo (2008), Simões (2006), Mindlin (2006) e Paes Loureiro (2006); do poder e sexualidade – Foucault (2014, 2015, 2016 e 2017), Agamben (2005), além de outros. A pesquisa incluiu o tipo bibliográfico a fim de solidificar o conhecimento necessário para suportar a análise. Ao comparar o que está posto nas teorias com as leituras literárias conclui-se que as diferenças entre a escrita de si e do outro, as quais estão amalgamadas nas experiências dos sujeitos. Portanto, pode ser afirmado que há correspondência entre o viver e o não viver a homoafetividade, visto que no viver sugere-se maior proximidade entre o real a narrativa literária, enquanto o apenas ouvir sobre torna o narrador mais distante do fato, sobretudo, porque a literatura homoafetiva é uma atitude de resistência.

**Palavras-chave:** Homoafetividades. Literatura contemporânea. Escrita de si. Narrativas de resistência.

## ABSTRACT

This is a title called "REPRESENTATIONS OF THE HOMOAFECTIVE IDENTITIES IN BRAZILIAN CONTEMPORARY PROSE: reading of the self-writing" as the analysis of homoafetive identity in contemporary literature, based on the reading of **Stella Manhattan** by Silviano Santiago (2017); **Confissões do Mar**, by Kadu Lago (2010); **O Terceiro Traveseiro** by Nelson Luiz de Carvalho (2007); **O Diário de Marjorie: Memórias de um Travesti**, by Marcos Soares (2014); **Olho de Boto**, by Salomão Larêdo (2015) and the short story "Cachorro Doido", by Haroldo Maranhão (1986), in the light of cultural studies in literature, literature on sexual minority authorship and self-writing. In this research was applied a quantification of data and an attempt to be representative of the homoafetive identities in relation to the theories and critics of the literature pointed out previously. The behavior for the analysis and evaluation of critics in Cevasco (2003, 2005), Bhabha (2013), Compagnon (2010), Cândido (1981, 2000 and 2007), Dalcastagnè (2012), Derrida (2014), D'Onofrio (2004), Eagleton (2011) and others; of the homoafetividade - Okita (2015), Figari (2007), Fry and Macrae (1983), Fry (1982), Trevisan (2002), Gomes Filho (2016) Mott (2003), Oliveira (2016, 2018); of memory and identity - Le Goff (2016), Halbwachs (2013), Ricoeur (2007), Yates (2016), Hall (2014), Woodward (2014); of culture and oral tradition - Zumthor (1997, 2001 and 2018), Câmara Cascudo (2008), Simões (2006), Mindlins (2006) and Paes Loureiro (2006); of power and sexuality - Foucault (2014, 2015, 2016 and 2017), Agamben (2005), and others. The research included the types, bibliographical and field research to find out the necessary conflict resolution process. On comparing what is implied in the theories with the literary readings, it is concluded that the difference between the writing of oneself and another, are in the subjects' experience. Therefore, it can be affirmed that there is a correspondence between living and not living homoafetivity, since you do not live the best alternative between the real and the literary narrative, while only to hear the narrator is more distant from the fact, above all, because the homoafetive literature is an attitude of resistance.

**KEYWORDS:** Homoafetivities. Contemporary literature. Writing for you. Narratives of resistance.

## RESUMEN

La tesis, cuyo título es "REPRESENTACIONES DE LAS IDENTIDADES HOMOAfetIVAS EN LA PROSA CONTEMPORÁNEA BRASILEÑA: lectura de la escritura de sí" tiene como objetivo general analizar las identidades homoafectivas en la prosa contemporánea brasileña, a partir de la lectura de Stella Manhattan, de Silviano Santiago (2017); Confesiones al mar, de Kadu Lago (2010); La tercera almohada, de Nelson Luiz de Carvalho (2007); El diario de Marjorie: memorias de una travesti, de Marcos Soares (2014); (1986), a la luz del enfoque de los estudios culturales en la literatura, de la literatura de autoría de minorías sexuales y de la escritura de sí. Como enfoque de la investigación se utilizó la cualitativa, una vez que se dispensa la cuantificación de datos y la pretensión es analizar cómo se hacen las representaciones de las identidades homoafectivas bajo el sesgo de las teorías y críticas de la literatura apuntadas anteriormente. Para los análisis y elaboración de los capítulos teóricos fue necesario una profundización de lecturas acerca de la literatura y sus teorías críticas en Cevalco (2003, 2005), Bhabha (2013), Compagnon (2010), Candido (1981, 2000 y 2007), Dalcastagnè (2012), Derrida (2014), D'Onofrio (2004), Eagleton (2011) y otros; de la homoafectividad - Okita (2015), Figari (2007), Fry y Macrae (1983), Fry (1982), Trevisan (2002), Gomes Filho (2016) Mott (2003), Oliveira (2016, 2018); de la memoria e identidad - Le Goff (2016), Halbwachs (2013), Ricoeur (2007), Yates (2016), Hall (2014), Woodward (2014); de la cultura y la tradición oral - Zumthor (1997, 2001 y 2018), Cámara Cascudo (2008), Simões (2006), Mindlins (2006) y Paes Loureiro (2006); del poder y la sexualidad - Foucault (2014, 2015, 2016 y 2017), Agamben (2005), además de otros. En la investigación se incluyeron los tipos, bibliográficos y de campo, el primero, a fin de solidificar el conocimiento necesario para soportar el análisis. Al comparar lo que está puesto en las teorías, y las lecturas literarias, se concluye que las diferencias entre la escritura de sí y del otro, las cuales están amalgamadas en las experiencias de los sujetos. Por lo tanto, puede ser afirmado que hay correspondencia entre el vivir y el no vivir la homoafectividad, ya que en el vivir se sugiere mayor proximidad entre lo real la narrativa literaria, mientras que el apenas oír sobre hace al narrador más lejano del hecho, sobre todo, porque, la literatura homoafectiva es una actitud de resistencia.

**Palabras-clave:** Homoafetividades. Literatura contemporánea. Escritura de sí. Narrativas de resistencia.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2</b>	<b>ENTRE TRILHAS E TESSITURAS: o percurso teórico-metodológico</b> .....	22
<b>2.1</b>	<b>A literatura homoafetiva: uma historiografia em construção</b> .....	34
<b>2.2</b>	<b>Os estudos culturais como abordagem da crítica literária</b> .....	44
<b>2.3</b>	<b>Percursos da crítica da literatura de autoria de minorias sexuais: apontamentos da crítica homoafetiva</b> .....	51
<b>2.4</b>	<b>A escrita de si na literatura homoafetiva</b> .....	65
<b>2.5</b>	<b>Uma confluência de vozes: a construção da pesquisa</b> .....	75
<b>3</b>	<b>MEMÓRIA, IDENTIDADE E IMAGINÁRIO SOCIAL: a construção das vozes dos sujeitos homoafetivos na literatura contemporânea</b> .....	84
<b>3.1</b>	<b>Literatura, imprensa e homoafetividades: contribuição do jornalismo para a formação da poética gay</b> .....	87
<b>3.2</b>	<b>O lugar da memória na literatura homoafetiva</b> .....	108
<b>3.3</b>	<b>Múltiplas identidades homoafetivas nas narrativas literárias: reflexões, imaginário e apontamentos historiográficos</b> .....	118
<b>3.4</b>	<b>Performance e imaginário social: a repercussão do discurso da coletividade sobre a homoafetividade em terras paraenses</b> .....	135
<b>4</b>	<b>VOZES NAS NARRATIVAS: análises à luz da escrita de si</b> .....	154
<b>4.1</b>	<b>Dispositivos de controle sobre o corpo gay em Confissões ao Mar, de Kadu Lago</b> .....	161
<b>4.2</b>	<b>Verdade, ficção e escrita de si na literatura homoafetiva em O Terceiro Travesseiro, de Nelson Luiz de Carvalho</b> .....	171
<b>4.3</b>	<b>Memória, esquecimento, poder, travestismo e escrita de si em O Diário de Marjorie: memórias de uma travesti, de Marcos Soares</b> .....	183
<b>4.4</b>	<b>O poder do outro sobre o corpo gay em Stella Manhattan, de Silvano Santiago</b> .....	198
<b>4.5</b>	<b>Olhares sobre ficção literária, imaginário paraense e a homoafetividade em Olho de Boto, de Salomão Larêdo</b> .....	215
<b>4.6</b>	<b>Olhares sobre a binariedade da homoafetividade do adolescente em “Cachorro doido”, de Haroldo Maranhão</b> .....	230
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	243
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	255

<b>ANEXOS.....</b>	<b>261</b>
--------------------	------------

## 1 INTRODUÇÃO

A tese ora apresentada consiste na expressão dos resultados de processo investigativo acerca das representações que se faz dos sujeitos homoafetivos masculinos na prosa de ficção da contemporaneidade e autorrepresentações sob a perspectiva de si, em particular em produções dos anos 1985 a 2015. Para melhor articular os elementos da pesquisa, delimitou-se a pesquisa, dando-a o título – “REPRESENTAÇÕES DAS IDENTIDADES HOMOAFETIVAS NA PROSA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA: leituras da escrita de si”. A escolha por esse recorte toma, como pressuposto, as discussões em torno da crítica da literatura no que tange aos discursos da abordagem dos estudos culturais e da literatura de autoria minorias sociais, as quais têm ganhado força no meio acadêmico nas últimas décadas como meio de preservação da construção literária como arte mimética.

Mesmo com esse ganho e abertura, a discussão em torno das homoafetividades na literatura ainda não se pode dizer que tenha um espaço de reconhecimento desta expressão literária, uma vez que para os críticos da abordagem dos estudos culturais a discussão de gênero é cultural e não literária. Além de nas comunidades tradicionais existir um pacto de silêncio sobre a expressão da afetividade, fato evidenciado nas pontuações e cuidados com a escolha lexical dos narradores-personagens, que narram as suas vivências, o que evidencia o caso de alguns sujeitos gays os quais têm dificuldades para falar de si e, conseqüentemente, de sua orientação sexual. Nesse caso, para os formalistas, as representações das identidades sexuais deveriam ocupar espaço apenas nas discussões da Sociologia e/ou da Antropologia, visto que a literatura é, para os defensores das correntes anteriores da crítica literária, apenas um recorte da cultura. Por esse entrave, ressalta-se que sendo a literatura enquanto uma metáfora do real a que se soma o valor das escrituras dos sujeitos históricos – os homens – as práticas homoafetivas não podem ser consideradas como objeto apócrifo à literatura.

Sabe-se que, no passado, os homoafetivos foram obrigados a negar os seus desejos afetivos e aqueles que ousaram satisfazê-los foram penalizados com a morte, expulsos do meio familiar ou aprisionados, conforme o Código Penal<sup>1</sup> e outras normas da época em que viveram. A partir da década de 1960, embora em meio à Ditadura Militar, verificou-se que há um crescente número de jornais e revistas, além de livros que tematizam a vivência e identidade homoafetivas. Contudo, mesmo tendo sofrido essa ampliação no mercado editorial,

---

<sup>1</sup> Ressalta-se que o Código Penal de 1890, o qual fora promulgado pelo Decreto nº 847/1890, prescrevia sobre a punição das práticas amorosas entre homens que se identificavam homoafetivos. No Código Penal de 1940, no artigo 258 trazia a informação de que os atos homoeróticos/libidinosos entre pessoas do sexo masculino seriam reprimidos por causarem escândalo público, com pena de detenção por até um ano (GREEN & POLITO, 2006).

é necessária uma discussão acerca das representações das identidades dos sujeitos homoafetivos na literatura brasileira na contemporaneidade, perguntou-se:

1. Como são representados os sujeitos homoafetivos na literatura brasileira contemporânea, em particular, entre os anos de 1985 a 2015, sob a perspectiva da abordagem dos estudos culturais e da literatura de autoria de minorias sexuais?
2. Há um “pacto autobiográfico” entre o autor e os narradores em primeira pessoa e protagonistas das narrativas gays da prosa contemporânea brasileira publicada no período pós-Ditadura Civil-Militar? Se há um “pacto autobiográfico” conforme dito Lejeune (2008) em sua obra homônima, de que modo essa categoria se aplica nas diversas expressões da produção literária homoafetiva?
3. A motivação para a violência contra as personagens homoafetivas na cena literária é uma representação daquilo que vivenciam ou escutam os autores no cenário cotidiano brasileiro?
4. Quais as semelhanças e diferenças entre as identidades homoafetivas dos romances **Stella Manhattan**, de Silviano Santiago (2017); **Confissões ao Mar**, de Kadu Lago (2010); **O Terceiro Travesseiro**, de Nelson Luiz de Carvalho (2007); **O Diário de Marjorie: memórias de uma travesti**, de Marcos Soares (2014), **Olho de Boto**, de Salomão Larêdo (2015) e o conto **Cachorro Doido**, de Haroldo Maranhão (1986)?
5. Que códigos estéticos da literatura diferenciam a literatura homoafetiva das outras literaturas no período assinalado?

Na tentativa de responder a esses questionamentos, considerou-se exponencial o uso da abordagem dos estudos culturais na literatura e da literatura de autoria de minorias sociais; da historiografia da cultura e literatura gay ou de temática homoafetiva, das representações da identidade e da teoria da escrita de si. O uso das primeiras toma por referência a ideia de que este é um estudo literário e não somente social e dentre as teorias da crítica literária, a abordagem dos estudos culturais está centralizada nas produções que tematizam o gênero e a etnia e, por se referir ao estudo da prosa gay, os sujeitos nela envolvidos são vistos como produto dessa corrente crítica. Foi usada pesquisa bibliográfica, empenhada para atingir esse fim.

Como recorte fundamental a este trabalho será priorizado o sujeito homoafetivo masculino da produção romanesca e contística da contemporaneidade, incluindo as identidades expressas por narrador em primeira pessoa e com foco narrativo de terceira pessoa, que têm personagens gays e as vozes de sujeitos gays que falam sobre si. Como parte desse corpus, situam-se as narrativas apresentadas nas perguntas que problematizam esta pesquisa.

A eleição das narrativas da produção contemporânea publicadas entre 1985 e 2015, deve-se ao fato de elas trazerem, na sua maioria, elementos que evidenciam a escrita de si, a partir dos fios da tessitura da memória, além de agregar um maior número de identidades homoafetivas. Por sua vez, as narrativas seguem a mesma trilha e se acresce que as vozes gays nelas apresentadas servem como meio de exprimir a condição da criação literária enquanto mimese na acepção aristotélica e ainda o conceito de literatura como “todas as criações de toque poético ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações” (CANDIDO, 2004, p. 174). Neste contexto, tratar destas identidades constitui-se caminho para fragmentar o preconceito existente contra aqueles que assumiram sua orientação sexual em contraposição às condições heteronormativas e que as manifestações literárias enquanto arte serve de ponto de articulação com outras áreas do conhecimento e expressões da literatura.

O julgamento social dos homoafetivos assumidos, desde o Período Medieval, foi marcado pela austeridade no tratamento dos que exercem a sua sexualidade conforme a heteronormatividade, em represália ao que não lhes é padrão. No entanto, cabe ressaltar que esse modelo punitivo “descreve um duplo processo das ações de poder em relação aos indivíduos que é, a um só tempo negativo e positivo” (TAYLOR, 2018, p. 204). O excerto reflete a posição de Foucault em relação à presença da manifestação do poder sobre os corpos dos homoafetivos, é negativo quando os gays são sujeitados às relações de exercício do poder como corpos limitados a normas e sanções punitivas, como o era para os Códigos Civil e Penal dos séculos anteriores. É positivo, porque sujeitos gays podem insurgir-se contra o poder opressor, como o é a presença da literatura de autoria de minorias sexuais, em particular, a de autoria gay.

Entretanto, é conveniente diferenciar a literatura de autoria de minorias da literatura menor. A primeira consiste na escrita dos grupos sociais marginalizados e/ou excluídos pela cultura academicista brasileira e é, nessa perspectiva, uma literatura de resistência ao sistema dominante e, por sua vez, se analisada em confronto com a literatura reconhecida pelo cânone observar-se-á incompatibilidades no tocante aos elementos e características (SANTOS; WIELEWICKI, 2005). Já a literatura menor não está restrita ao conteúdo, mas à produção estética feita por um grupo minoritário em uma língua maior (DELEUZE; GUATTARI, 2014). Neste sentido, a literatura homoafetiva pode ser categorizada nas duas perspectivas, é a reprodução das vozes gays ou sobre os gays e se coloca ainda como produzida por um grupo específico no ambiente coletivo. Por isso, o uso de tais categoriais remete-se ao fato de que as

memórias e identidades aqui tratadas pertencem ao público gay, as quais são excluídas de muitos debates acadêmicos por conta disso, além de se inscrever em um código que representa toda uma comunidade e seus silêncios e que aquele que a escreve carrega a vivência de todos os outros.

Desse modo, estudar a literatura que carrega o ideário das vozes dos homoafetivos implica reconhecer suas características e códigos estéticos os quais a diferenciam das demais escrituras da literatura, além de perceber que nem todas as correntes da crítica literária podem estabelecer um juízo a ela. Por outro lado, na perspectiva de Antonio Candido, é respeitar a função humanizadora da literatura, uma vez que nem todos os viventes têm o seu direito à literatura. Isso implica que o papel da literatura é representar aquilo que falta ou que não pode ser dito, que fora silenciado de um povo, nestas circunstâncias, assevera-se que a história da homoafetividade é atravessada por silenciamentos, embora para Foucault (2017a) tratar da sexualidade nunca tenha sido proibido.

Por sua vez, a repressão aos homoafetivos fora imposta, na era vitoriana, porque os discursos deste estrato populacional eram considerados um insulto ou zombaria à moralidade instituída mediante os padrões do Cristianismo vigentes na Idade Média. Neste campo, falar da sexualidade, inclusive das identidades tidas para os padrões de então como apócrifos, não é lícito, assim, aquele que ousasse confessar seus desejos carnis e imaginações voluptuosas transgrediria a norma e iria contra a prudência imposta para este aspecto (FOUCAULT, 2017a). Todavia, os produtores da literatura homoafetiva parecem contrapor-se ao modelo imposto e nela reivindicar o seu poder, inclusive provocar a fragmentação do invólucro da infração que revestia o paradigma da moral cristã, colocando-se como uma voz de caráter eminentemente político.

Observa-se que a abertura para o mercado livreiro gay, na contemporaneidade, pode representar “a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício de poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo ele próprio sob a forma de articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado” (FOUCAULT, 2017a, p. 20). Nesta perspectiva, vê-se uma possível abertura para falar da sexualidade como forma de contestar a ordem vitoriana oriunda da religiosidade medieval que reprimia a abordagem explícita da sexualidade, embora isso não fosse cumprido, tampouco se deixasse de praticar o amor homoafetivo. É com o florescimento da sociedade burguesa, no século XVII, torna os discursos sobre o sexo, incluindo as práticas homoafetivas e a monossexualidade um tabu que sequer poderia ser reduzido ao nível da linguagem, isto, não se poderia ousar dizer o nome desse amor.

É esse mutismo imposto sobre os discursos da homoafetividade que é contestado na literatura escrita ou representativa das identidades homoafetivas e/ou dos grupos sociais marginalizados, naquela classificada como literatura menor na perspectiva deleuziana. Entretanto, com os discursos iluministas do século XVIII e a difusão dos ideais de liberdade nos séculos seguintes se ganha novos dispositivos que auxiliam na fragmentação dos discursos que reduzem às práticas homoafetivas à interdição e morte daqueles que ousavam se assumirem e confessar sobre suas práticas amorosas. Mesmo, nesta construção, observa-se que, nos ambientes acadêmico e editorial, ainda há restrições da crítica e do público quanto à leitura das obras que têm essa temática. Por isso, a reivindicação do falar e/ou escrever acerca da literatura gay é desconstruir a repressão e imposição dos silêncios que atravessam os tempos querendo o domínio sobre essa literatura.

Nesse caso, aquele que não vive mediante os padrões heterossexuais é visto como inferior e, por ter tal identidade sexual é massacrado pelos padrões tidos como majoritários, fato esse que os sujeitos homoafetivos da contemporaneidade contrariam, à medida que também recusam os estereótipos que os aprisionavam a um simulacro. Nessa perspectiva, analisar as representações das identidades homoafetivas nas narrativas de Silviano Santiago, Kadu Lago, Nelson Luiz de Carvalho, Marcos Soares, Salomão Larêdo, Haroldo Maranhão, a partir da abordagem dos estudos culturais e da literatura de autoria de minorias sexuais, é lutar pela garantia de que seja ouvida a voz dos homoafetivos. Desse modo, a investigação aqui feita quer ir além do já contido na teoria literária, pois se sabe que a linguagem e o público da literatura gay não são os mesmos das outras literaturas.

A prosa gay contemporânea reveste-se de uma perspectiva mimética da realidade e, é também uma atitude de contestação dos homoafetivos para tratar das suas representações identitárias na cena literária, além de reunir elementos da memória os quais contribuem para que pareça existir uma fusão entre a narrativa literária e a vivência dos autores. Todavia, a escrita de si, aqui abordada, reside sob a presença do ponto de vista do narrador e não do autor, pois a voz que se escuta no texto é do narrador ou da personagem, assim não cabe nenhum julgamento sobre a orientação sexual de quem escreve a obra, pois o objeto é o modo de expressão da identidade no texto literário. No caso, a existência da conciliação entre o ponto de vista, a temática, a autoria, a linguagem e o público (DUARTE, 2008) é que reforça a necessidade de compreensão e investigação da escrita de si na estruturação da prosa de temática homoafetiva contemporânea, sobretudo a das últimas três décadas.

Por isso, a análise da representação das identidades homoafetivas, a partir da escrita de si, justifica-se pela necessidade de novos trabalhos que aprofundem a pesquisa no âmbito da

literatura de minorias sexuais e acerca da posição do narrador no romance, nas diversas formas e gêneros literários. Além disso, representa a associação entre estudos culturais e estudos literários que aprofunda a natureza metalinguística da escrita literária e as dificuldades decorrentes dessa estratégia da escrita, pois pode haver pontos de tensão nas obras. Isso porque o sujeito homoafetivo que é o narrador que ora fala de si ou se coloca, como dono da voz do outro, é também capaz de criar outras representações as quais extrapolam o modelo convencional dos sujeitos homoafetivos, isto é, marcado por estereótipos jocosos e pilhéricos relativos à identidade sexual.

Desse modo, analisar as representações do sujeito homoafetivo nas narrativas selecionadas, de ambas as expressões literárias, é uma reação ao sistema dominante, presente na literatura que privilegia as chamadas teorias da literatura e descaracteriza a abordagem dos estudos culturais. Nesse caso, as obras que tratam das identidades de gênero e sexuais, sobretudo, das minorias, também são consideradas uma literatura menor, uma vez que ela carrega “a desterritorialização da língua, a ligação do individual no imediato-político e o agenciamento coletivo de enunciação” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 39). Esse estudo é oportuno não só por tratar da identidade homoafetiva, na perspectiva da escrita de si e por mostrar que, na construção da prosa gay, há caminhos e elementos os quais demonstram que esta vertente não rompe com a noção de sistema literário já institucionalizada nas Universidades como centros de pesquisa da literatura.

No tocante aos objetivos propostos para a investigação, o objetivo geral foi analisar as identidades homoafetivas na prosa contemporânea brasileira, a partir da leitura de **Stella Manhattan**, de Silviano Santiago (2017)<sup>2</sup>; **Confissões ao mar**, de Kadu Lago (2010); **O terceiro travesseiro**, de Nelson Luiz de Carvalho (2007); **O diário de Marjorie: memórias de uma travesti**, de Marcos Soares (2014); **Olho de Boto**, de Salomão Larêdo (2015) e o conto “Cachorro Doido”, de Haroldo Maranhão (1986), à luz da abordagem dos estudos culturais na literatura, da literatura de autoria de minorias sexuais e da escrita de si. Os objetivos específicos: Identificar os traços constitutivos da identidade sexual do sujeito

---

<sup>2</sup> Nesta investigação será usada a edição de 2017, contudo o romance fora, originalmente, publicado em 1985 e, em 1991, tivera uma segunda edição pela Editora Rocco. No entanto, a Companhia da Letras produziu e reeditou a primeira edição do mesmo. Desta edição, o autor diz, no Prefácio: “Tenho 81 anos. O romance **Stella Manhattan**, 32. Publiquei-o quando tinha 49 anos. Desde 1936, ano em que nasci no dia 29 de setembro, a lógica do três e seus múltiplos sempre definiu a mim e aos produtos. O nove pelo viés do número três interfere na lógica de **Stella**. O romancista ganhava careca e cabelos brancos, o romance queria ser sexy. O jeito foi apelar para a memória. Localizar a trama nos anos 1960. O primeiro capítulo se abre no dia 18 de outubro de 1969. A rebelião de Stonewall, no Village, hoje marco histórico do movimento gay, ainda era manchete. Escrito em tempos de Aids, **Stella Manhattan** é nostálgico da revolução. A dedicatória dupla – a Auggie (Agostinho) e Minnie (Francisco) – homenageia amigos mortos (SANTIAGO, 2017, p. 9).

homoafetivo nas narrativas selecionadas; Estabelecer estratégias com vista à comparação do sujeito homoafetivo na prosa brasileira contemporânea, escrita entre 1985 e 2015, a partir da escrita de si; Demonstrar o modo como as memórias do narrador imbricam-se com as memórias da autoria na perspectiva da escrita de si; Diferenciar os procedimentos da escrita de si nas narrativas de temática homoafetiva selecionadas neste estudo e; Caracterizar o sujeito homoafetivo nas narrativas selecionadas.

Para a investigação, aqui empreendida, foi necessário o emprego quanto aos procedimentos, da pesquisa bibliográfica, a partir da consulta a teorias e obras literárias em livros e periódicos impressos e os depositados na web. Por sua vez, no que concerne aos objetivos da pesquisa foram utilizadas as pesquisas – exploratória para estreitar as relações com o tema; descritiva, com o intuito de caracterizar e diferenciar as identidades homoafetivas estudadas e explicativas, para explicitar os fatores contribuintes para a construção das identidades dos sujeitos encontrados durante o processo de investigação e suas performances no texto literário.

O instrumento utilizado, na pesquisa bibliográfica, consistiu na leitura dos textos tanto sobre a teoria que fundamentou a construção da tese quanto às obras literárias que deram suporte à elaboração das representações das identidades homoafetivas como pretendido. O método usado foi o hipotético-dedutivo visto que este é compreendido, a partir da presença do seguinte esquema: problema – hipóteses – dedução de consequências observadas – tentativa de falseamento – corroboração. Com este esquema, considerou-se que a execução deste foi capaz de compreender os passos fundamentais para a investigação e escrita da tese (MARCONI; LAKATOS, 2017), pois se buscou aqui a compreensão de como a ficção se aproxima da vida, de como a mimese pode ser aplicada na literatura contemporânea e como isto corrobora com o sistema literário brasileiro.

A seção um traz a introdução, na qual se justifica e comenta conceitos e perspectivas adotados na construção da tese, além dos objetivos, procedimentos metodológicos e organização dos capítulos do trabalho.

Na seção dois, o capítulo – ENTRE TRILHAS E TESSITURAS: o percurso teórico-metodológico – o autor procurou abordar os conceitos da literatura e crítica literária homoafetivas, os conceitos teórico-metodológicos fulcrais da investigação e os procedimentos da mesma. Para isso, a seção foi distribuída em cinco tópicos, a saber, *A literatura homoafetiva: uma historiografia em construção*, no qual foi apresentado um esboço historiográfico da literatura homoafetiva, desde a sua presença em poemas da Antiguidade até a contemporaneidade. O segundo, intitulado de *Os estudos culturais como abordagem da*

*crítica literária* trouxe uma exposição acerca dessa abordagem no escopo da crítica da literatura na qual estão implicados os estudos de gênero, entre os quais está a homoafetividade. O terceiro, *Percursos da crítica da literatura de autoria de minorias sexuais: apontamentos da crítica homoafetiva*, tratou, particularmente, da tessitura e sistematização dessa corrente da crítica literária, porque, ao se centrar nos estudos sobre o homoafetivo na literatura, esta rompe com os silêncios que atravessaram a história da literatura. O quarto tópico, *A escrita de si na literatura homoafetiva* aborda a teoria foucaultiana para a qual este modelo de escrita explora as subjetividades do narrador não o acusando, mas exprimindo os seus movimentos interiores, o que aquele que está fora não é capaz de saber e ao explorar a narrativa do outro se joga com esses contrários. Por sua vez, o quinto e último tópico, *Uma confluência de vozes: apontamentos da pesquisa bibliográfica*, ocupou-se da descrição metodológica a partir da abordagem de pesquisa usada na construção dessa tese e os conceitos essenciais nela abordados.

Na seção três, o capítulo – MEMÓRIA, IDENTIDADE E IMAGINÁRIO SOCIAL: a construção das vozes dos sujeitos homoafetivos na literatura contemporânea buscou-se aprofundar a teorização que valida essa investigação a partir do aprofundamento acerca das categorias – memória, identidade e imaginário social. Para isso a seção foi dividida em quatro eixos – *Literatura, imprensa e homoafetividades: contribuição do jornalismo para a formação da poética gay*; *O lugar da memória na literatura homoafetiva*; *Identidades homoafetivas: da sodomia ao homoafetivo, a construção de uma historiografia* e; *Imaginário social: a repercussão do discurso da coletividade sobre a homoafetividade em terras paraenses*. Na construção do primeiro, foi feito um levantamento acerca de como os homoafetivos eram representados na literatura que circulava em jornais e outros periódicos do século XX, *O Snob* e *Lampião da Esquina*, respectivamente, além de outros periódicos e, assim, destacar como a imprensa contribui para a circulação e recepção da literatura homoafetiva. O segundo considerou o modo como a memória é apresentada na literatura homoafetiva, porque tanto aquele que narra sobre si quanto àquele que narra sobre o outro carecem da memória como lugar das lembranças do que viveu ou do que viu, conforme asseverado por Halbwachs (2013). O terceiro traz algumas das nomenclaturas empregadas para nomear os sujeitos praticantes do amor nefando, isto é, o amor entre pessoas do mesmo sexo, entre os quais – sodomita, pederasta, gay, fresco, fanchono, viado, homossexual, *queer*, homoafetivo e outros que tenham o mesmo efeito de sentido, inclusive reiterando o seu uso na literatura a partir do viés historiográfico. Para fechar esse capítulo apresenta-se a discussão acerca da Performance e imaginário social: a repercussão do discurso da coletividade sobre a

homoafetividade em terras paraenses, no qual se procurou mostrar o ponto de vista da coletividade paraense, quando o assunto é a homoafetividade e como esses discursos contrários ou favoráveis se proliferam.

A seção quatro, o capítulo será constituído pelo corpus de análise proposto para esta investigação, terá como título – **VOZES NAS NARRATIVAS**: análises à luz da escrita de si. Nela o intuito é apresentar todas as análises dos textos considerados manifestações da tessitura literária as quais trazem personagens homoafetivas que narram suas histórias ou que têm suas vivências narradas por outro que não necessariamente esteja como personagem na história. Estes diferentes olhares procuram perceber como as homoafetividades podem mudar conforme a mudança dos enunciadores do discurso. Ressalta-se que este estudo se delimita à análise da literatura gay masculina, tanto do ponto de vista da autoria das obras como as personagens analisadas e alguma informação acerca da produção feminina que houver esta servirá apenas como constituinte de uma vertente em formação da historiografia da literatura gay. Esta seção será subdividida em seis tópicos, obedecendo às narrativas usadas como corpus analítico.

Para a análise dessas narrativas, aprofundou-se a teorização acerca das categorias conceituais – memória, dispositivos de controle, poder, verdade e ficção, escrita de si e homoafetividades – considerando para isso os projetos filosóficos foucaultiano e agambeniano, além de outros autores, acerca desses conceitos e das representações do eu na escrita literária. Na análise da primeira obra, considerou-se o debruçar sobre o conceito dispositivo de controle e como este se manifesta e impacta a descrição da identidade homoafetiva das personagens Mateus e Alejandro, sobretudo do primeiro, que é o narrador e protagonista da ação. Da segunda obra foi analisada a dicotomia verdade e ficção na literatura na perspectiva da escrita de si sob o eu de Marcus Dório, a partir da difusão de que este é um romance verídico e como esta narrativa fora tecida por um sujeito homoafetivo, além de perceber que há uma polifonia de vozes polifônica representativas da sociedade e de outras instituições como a Igreja. Do romance de Marcos Soares foram analisadas as representações das categorias memória, poder, travestismo e escrita de si e como elas se imbricam na constituição do romance, incluindo as lembranças que Marjorie de Rennaud carrega como a surra que levava do pai para que aprendesse a ser homem, da vida na casa de Leujim ao chegar ao Recife/ Pernambuco e as memórias das cenas do período em que esteve no cárcere.

Também foram buscadas narrativas em que o narrador se comporta como espectador da vida e da narração, além de ser aquele que não tem a orientação homoafetiva como característica do sujeito que discursa na obra ou se a tem, mas discursa em favor do outro. Na

busca por cumprir essa intenção, privilegia-se a análise das narrativas **Stella Manhattan**, de Silviano Santiago; **Olho de Boto**, de Salomão Larêdo e o conto “*Cachorro doido*”, presente no livro **Jogos Infantis**, de Haroldo Maranhão. Do primeiro, buscou-se perceber como o poder do outro age sobre o corpo gay a partir da análise dos discursos das personagens com as quais Eduardo/Stella mantém relações, seja na família, no trabalho e nas outras esferas sociais, inclusive esse jogo de poder contribui para que a personagem/título seja vista como um corpo matável como proposto por Benjamin, Agamben e Butler. Do segundo, o foco de análise é a percepção sobre ficção e as homoafetividades no imaginário social paraense, uma vez que o autor traz – Inajá e Inajacy – que se revestem das marcas vivenciais da cultura paraense, além de um discurso bastante verossímil no que diz respeito ao modo como os homoafetivos são visto, inclusive recuperando o imaginário religioso. Por último, desloca-se do adulto para o adolescente em fase escolar e procura compreender qual a visão recorrente no imaginário social acerca da construção da identidade homoafetiva nesta fase de descoberta da sexualidade dos sujeitos sociais, porque é na adolescência que o ser procura definir a sua orientação sexual. E, é, também, nessa etapa que o sujeito procura ampliar os seus horizontes de expectativas em relação ao universo dos prazeres e descobertas do corpo.

Já na conclusão, que é a seção cinco, destacam-se algumas considerações sobre a pesquisa, inclusive das abordagens usadas e de como elas contribuem para o sucesso ou fracasso dos objetivos pretendidos no início do processo de investigação. Também nele se verifica como conclusão a sustentação de que o imaginário paraense acerca das identidades homoafetivas é marcado pela linguagem inerente a esse espaço e pelo preconceito contra essa identidade, conforme apresentado no julgamento presente em **Olho de Boto**, de Salomão Larêdo mesmo que o ato erótico-amoroso entre pessoas do mesmo sexo não seja um crime. Outra marca do imaginário sobre as homoafetividades está no querer enquadrá-las em um gênero, uma vez que mediante o estudo da teoria dos gêneros e das identidades sexuais não há um terceiro gênero que possa categorizar os homoafetivos, ou seja, se forem masculinos, continuarão sendo masculinos e, igualmente, para o feminino.

## 2 ENTRE TRILHAS E TESSITURAS: o percurso teórico-metodológico

*La Literatura no es una actividad de adorno, sino la expresión más completa del hombre.*<sup>3</sup>

Alfonso Reyes

Se para o autor acima a literatura não tem apenas a função do entretenimento ou da contemplação, antes disso, é uma expressão da subjetividade e exterioridade do homem, o homem representado na sua complexidade cultural, ela pode assumir a função do engajamento político e dar voz aos silenciados. Nessa dimensão, constatou-se que a noção de literatura e cultura ganham as cores dos seus produtores e dos receptores delas, pois se pode considerar a segunda como “[...] um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções” (MORIN, 1977, p. 15). Neste caso, percebeu-se que os elementos da cultura implicam também a produção da literatura como produto revelador do homem, incluindo para isso as suas subjetividades e vivências, a arte manifesta por meio da linguagem que traduz a sociedade e o sujeito, por isso, convém lembrar-se de que:

A literatura é tradicionalmente uma arte verbal. É uma modalidade de linguagem que tem a língua como suporte. As palavras numa obra de arte literária, tornam-se multissignificativas e adquirem um valor específico no momento em que nela se integram e passam a fazer parte dos elementos que, interligados e interdependentes, constituem o todo ficcional. E o texto literário, a partir do idioma, revela uma realidade apoiada em vivências humanas (PROENÇA FILHO, 2007, p. 20).

De acordo com o crítico, a literatura enquanto arte que tem a linguagem como canal de comunicação entre os homens, ela toma como referente às vivências humanas e faz recuperar a ideia de que os textos diversos carregam uma memória, porque estão sempre imersos em um discurso ou contexto. Desse modo, o produtor de textos literários é um confessor da experiência vivida e/ou ouvida por ele, entretanto essas experiências não são impressas no papel ou narradas ao outro tal qual ocorreram, elas são ressignificadas e neste processo ampliadas, tornando-se multissignificativas como afirmara o professor no excerto acima. Isso traz à memória que as representações literárias, desde a Antiguidade, carregam essa condição nos diversos gêneros e modalidades do texto literário, porque a memória humana não é capaz de armazenar todos os fatos, o que fica nela armazenado são apenas imagens fragmentadas. Por essa razão, deve-se considerar que:

---

<sup>3</sup> A Literatura não é uma atividade de adorno, mas a expressão mais completa do homem (trad. literal).

[...] a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma práxis socialmente condicionada. Mas isto só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da ilusão e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão de mundo. E para deixar claro este aspecto de derivação e retorno em face da realidade, poderíamos investigar o significado que a obra adquire como elaboração estética de um problema fundamental, e para nós bastante prosaico: o do ajustamento ao meio físico para a sobrevivência do grupo, fenômeno básico em toda sociedade humana e sobretudo absorvente nas primitivas e menos evoluídas. Deste ângulo primário, a literatura aparecerá como algo que só a análise sociológica é capaz de interpretar convenientemente, pois ela mostra que naquelas sociedades o sentimento estético pode ser determinado por fatores diferentes dos que o condicionam entre nós, ligando-se estreitamente aos meios de vida, à organização social, e representando uma nítida sublimação de normas, valores e tradições (CANDIDO, 2000, p. 49).

Mediante o fragmento, pode ser evidenciado que a literatura busca representar a imagem que aquele que a produz tem do universo onde está inserido, é conforme o autor uma práxis condicionada por se mover somente a partir de uma força propulsora que a antecede, porém não trata do real em si, é uma transfiguração. O Boto que tanto namora mulheres quanto toca na genitália dos jovens mancebos, a velha que se transforma em porca, o homem que assume a forma de pássaro ou a mulher que empalidece por ser possuída sexualmente, por um ser imaginário, são criações que moldam e dão ao homem uma nova visão de mundo ou lhes ajudam a explicar o mundo onde vivem.

Essa criação demonstra que os efeitos estéticos, pretendidos na criação literária, contribuem para a sobrevivência da matéria criativa, da fantasia, mesmo que esta, como no caso da literatura homoafetiva, venha a ser considerada válida somente através do emprego da crítica sociológica na sua análise. Já que nenhuma das correntes da crítica da literatura, anterior aos anos de 1960, será capaz de analisar na sua completude uma obra literária pertencente a esta vertente, uma vez que não se trata de um novo sistema literário, nem de um outro sistema dentro de outro sistema já conhecido. Desse modo, as correntes da crítica que melhor se aproximam da literatura gay é a abordagem dos estudos culturais, a sociologia da literatura e a literatura de autoria de minorias sexuais, visto que esta literatura se coloca como uma reação ao modelo de dominação das vozes patriarcais, como notado a seguir.

#### **Avant-première**

(...)

Mas juntei minhas forças todas  
e num relance lembrei-me  
que mamãe sempre dizia:

- Homem é para-mulher,  
e mulher é para-homem.

(Paulo Augusto)

Percebeu-se, no poema, de Paulo Augusto, que o eu lírico relembra, nos versos curtos, os quais representam uma memória imediata do que dissera a mãe dele, da imagem de que os homens foram feitos para conquistar as mulheres e vice-versa, o que pode ser entendido ainda como um contradiscurso da mãe à orientação sexual do filho. Neste sentido, a lembrança do passado pode dar a entender que se trata da infância, adolescência ou início da idade adulta da voz que fala no poema, uma vez que é sugerido que o eu lírico ainda mora com a mãe, por isso, a influência da mãe sobre as ações dele. O texto literário demonstra que os fatos não existem por si, são dependentes do tempo, do meio ou das experiências dos seus autores, assim a poética de Paulo Augusto, Ítalo Moriconi, Gregório de Matos Guerra ou até mesmo a de Machado de Assis não tem compromisso fora do seu tempo, pois carece de um contexto em que se possa basear.

Com efeito, o sistema literário vem a ser o conjunto de princípios que assegura à escrita literária a regularidade, permanência e capacidade de transpor à morte de seus produtores e formar uma tradição cultural, assim, um sistema de relações hipotéticas que tenha por objeto os fenômenos observáveis. Por outro lado, a crítica literária precisa ainda reunir os códigos que diferem a escritura gay das demais produções, uma vez que, embora haja regularidades entre as formas percebe-se que há também marcas pontuais que as diferem. Nessa conjuntura, a escrita sobre a homoafetividade tem uma historicidade regular embora com expressões ora pejorativas e ora otimistas como marca do contexto historiográfico e da cultura social. Desse modo, afirma-se que sistemas literários ultrapassam a ideia de manifestações literárias, como expresso em:

[...] um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Estes denominadores são, além das características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização (CANDIDO, 1981, p. 23).

Diante do excerto apresentado na obra de Antonio Candido, compreendeu-se que, além das obras e suas características internas e externas, participam do conceito de sistema literário – o autor e o público – e, é isso que permite que, no Brasil, do século XIX, esse sistema venha a ser formado. Neste sentido, pode ser afirmado ainda que o País não tinha as condições necessárias para comportar um sistema literário, pois a educação dos que habitavam a Colônia era inadequada, não havia quem lesse a produção literária existente e a presença deste grupo é fundamental para a concretização do texto. Para Candido (1981), a existência de um público que receba essa obra é essencial, pois sem a presença dele “a obra não vive”, uma vez que é ele quem lê, comenta, aceita ou refuta o que há no texto e, por isso,

faz circular essa narrativa tornando-a viva e dinâmica. Nessa perspectiva, o autor sustenta que:

O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece, sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade (CANDIDO, 1981, p. 23-24).

Considerando a afirmação de Candido (1981), entende-se a literatura como passível de possibilitar a interação humana, de explicar a origem do homem e da natureza, de indicar a vida como percebido nas diferentes manifestações dessa arte. Nesta perspectiva, a literatura é, também, veículo de interação entre os homens, através do qual se constrói uma troca simbólica entre as perspectivas dos sujeitos, que transforma a realidade, pois a ficção permite esta inscrição. Por isso, pode ser dito que:

Como o mundo começou, quem criou a vida, o que é a morte, como surgiram o sol, a lua, a noite, o dia, o fogo, a água, os animais, o sono, por que homens e mulheres são diferentes entre si, que regras de comportamento são permitidas e o que é proibido, o que distingue os seres humanos dos animais, por que há muitas línguas, e muitas outras perguntas filosóficas são indagações de todos os seres humanos. Cada povo tem uma forma de responder, uma tradição diferente da de outros povos, fundamental para definir sua identidade, juntamente com a língua, o território, a economia, a organização social, a cultura e os costumes (MINDLIN, 2006, p. 142).

Conforme o fragmento, identifica-se que a literatura tem o papel de representar a sociedade, transfigurando-a, uma vez que: “é possível mimetizar com os mesmos meios e com os mesmos objetos, ou pela via de narrações – tornando-se outro [...] ou permanecendo em si mesmo sem se transformar em personagens –, ou pela via do conjunto das personagens que atuam e agem mimetizando” (ARISTÓTELES, 2015, p. 51). Nesta perspectiva, supõe-se que a criação literária tem por função ampliar os modos de observação da estrutura social e das instituições, incluindo as pessoas e seus costumes, são ainda produtos da memória individual e coletiva. Isso contribui para a afirmação de que “[...] essas narrativas, originárias da memória coletiva, inscrevem-se na tradição e organizam-se por meio de tramas e de motivos. E, assim sendo, acabam por se transformar na própria imagem/reflexo cultural da comunidade que as produz” (SIMÕES, 2006, p. 151).

É mister ressaltar que as narrativas gays enquanto literatura de reivindicação da voz de um grupo social marginalizado carrega a memória da existência desses sujeitos, inclusive, no âmbito das cartografias sociais, representa e discute o binômio heterossexualidade/homoafetividade. Deste modo, notou-se que a heteronormatividade do brasileiro se travestida “de uma aparente flexibilidade e aceitabilidade sexual, é responsável pelos processos de

exclusão e relações de poder derivado desses processos que limitam e marginalizam a discussão sobre a identidade homoerótica” (SANTOS; WIELEWICKI, 2005, p. 296). Toda a sociedade é marcada por uma oposição de forças, seja entre o coletivo e o individual, uma disputa de classes e também entre orientações sexuais, entre os últimos reside o fato de a moral burguesa aceitar somente as relações matrimoniais e sexuais voltadas para a reprodução e não ao prazer do sexo.

Ao trazer à discussão esse tema e se colocar como contraponto às representações literárias do amor e da vivência heterossexuais a autoria de minorias sexuais coloca em evidência a disputa por reconhecimento à diversidade e instaura uma oposição ao olhar heteronormativo com o qual se quis por longos séculos a vida gay. Isso faz repensar e até mesmo parafrasear o que Judith Butler (2016) cita como vidas que são passíveis de luto<sup>4</sup>, perguntando-se: há identidades passíveis de não representação na literatura? Se não, por que se tentou silenciar ou invisibilizar as identidades gays? Se ela reivindica esse lugar, que motivação tem para que essas obras mesmo quando escritas por autores reconhecidos pelo cânone não estejam presentes entre seus principais trabalhos? Que códigos estéticos subalternizam a poética da vida gay? Quem determina que as obras pertencentes à poética e estética gays pertençam a um campo estranho que o coloca na condição de uma literatura menor?

Entende-se que a motivação para o não reconhecimento da literatura gay pela crítica literária tem ramificações na história das sociedades, como a ausência de um vocabulário específico que dê conta das particularidades das sexualidades humanas, por exemplo, a medicina usava o termo “invertidos sexuais”. O termo usado pelas ciências médicas pode ser lido ainda como a subversão social, o sujeito que não se adéqua ao seu valor natural, a orientação heterossexual e, passa a ser identificado como subversivo, que não obedece ao que lhes é padrão ou ordem conforme o modelo oitocentista. Outro argumento evidenciado nessa construção e formado a partir do anterior é o de que “a homossexualidade ganha o seu estigma sexual dentro de um contexto moral/religioso que se apresenta envolto por ideias de ‘pecado’, ‘perversão’ e ‘anomalia’, como transgressões à ordem vigente” (SANTOS; WIELEWICKI, 2005, p. 296). Isso ocorre devido ao fato de no século XVIII, as práticas sexuais serem reguladas por três códigos: “o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil” (FOUCAULT, 2017a, p. 41). Acerca dos códigos mencionados pode ainda ser dito que:

---

<sup>4</sup> Ver BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Trad. Sérgio Lamarão; Arnaldo Marques da Cunha; Marina Vargas; Carla Rodrigues. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

[...] esses diferentes códigos não faziam distinção nítida entre as infrações às regras das alianças e os desvios em relação à genitalidade. Romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam, de qualquer modo, condenação. Na lista dos pecados graves, separados somente por sua importância, figuravam o estupro (relações fora do casamento), o adultério, o rapto, o incesto espiritual ou carnal, e também a sodomia ou a “carícia” recíproca. Quanto aos tribunais, podiam condenar tanto a homossexualidade quanto a infidelidade, o casamento sem consentimento dos pais ou a bestialidade. Tanto na ordem civil como na ordem religiosa o que se levava em conta era um ilegalismo global. Sem dúvida, o “contra a natureza” era marcado por uma abominação particular. Mas era percebido apenas como uma forma extrema do “contra a lei”; também infringia decretos tão sagrados como os do casamento e estabelecidos para reger a ordem das coisas e dos seres. As proibições relativas ao sexo eram, fundamentalmente, de natureza jurídica. A “natureza”, em que às vezes se apoiavam, era ainda uma espécie de direito. Durante muito tempo os hermafroditas foram considerados criminosos, ou filhos do crime, já que sua disposição anatômica, seu próprio ser, embaraçava a lei que distinguia os sexos e prescrevia sua conjunção (FOUCAULT, 2017a, p. 42).

Em conformidade com o fragmento destaca-se que a noção de pecado ou anomalia, não é exclusiva da homoafetividade, mas comum às diferentes orientações sexuais, posto que a ela somam-se perversões como o incesto, o estupro, tudo era infração e pecado e deviam ser punidos porque se colocavam contra a lei<sup>5</sup>. A vigilância era sobre a sexualidade humana e não sobre a homoafetividade, além de não a ter impedido de ser discutida tampouco apresentada nos diversos gêneros textuais e literários, visto que nas poéticas da Antiguidade e da Modernidade, a homoafetividade, o incesto, o adultério, a perda da virgindade antes do casamento, tudo serviu de tema para a literatura. No entanto, isto não é um código estático, as diversas sociedades descreviam essas relações “impuras” a partir dos modelos vigentes, ora as camuflando, ora as explicitando de modo menos cerimonioso, por isso, se considerarmos a perspectiva historicista da literatura, essas mudanças serão perceptíveis. Essa perspectiva da punição ao amor impuro pode ser vista em obras românticas brasileiras, inclusive na morte das heroínas dos romances **Iracema** e **Lucíola**, de José de Alencar e **O Seminarista**, de Bernardo Guimarães.

No século XVII, a homoafetividade era representada dentro de um modelo punitivo porque os códigos legais da Igreja e da sociedade assim a instituíam, embora os homens não a abandonassem, apenas procuravam amar-se às escondidas e sob o signo do silenciamento, já que a livre expressão não era permitida. No século XVIII essa mesma visão continua, tanto que, na cena literária árcade, seja em Tomás Antonio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Basílio da Gama, Silva Alvarenga e Santa Rita Durão não fora evidenciada nenhuma obra que mencionasse a vivência, costumes ou o amor homoafetivo. Por sua vez, no século XIX, com

---

<sup>5</sup> A alusão aos desvios e perversões comportamentais relacionadas à sexualidade podem ser consideradas pecados porque conforme a visão foucaultiana que sustenta essa análise também não estariam enquadradas dentro daquilo que era visto como normal ou que atendessem à noção de legalidade diante do parâmetro do direito canônico como consta em **História da Sexualidade I**: a vontade de saber.

os tratados e descobertas das ciências, novamente, torna-se a falar do amor homoafetivo, embora representado de modo estereotipado e/ou com as limitações impostas pelos mecanismos legais e médico-higienistas da época, tanto na Europa quanto no Brasil. Assim, as representações das identidades homoafetivas eram demarcadas entre silêncios e hierarquias sociais. Por outro lado, a demarcação desse aspecto, no plano do conteúdo, é representativa da moral social da burguesia que se avolumava, por isso, diz-se:

A perspectiva burguesa, instituída na literatura do século XIX, objetivava a uniformização dos papéis que se constituíam em identidade social e previamente estabelecidas. Tal perspectiva se justificava no momento da constituição dos estados-nação, quando, uma população, espalhada por extensos espaços geográficos, deveria se reconhecer a partir de valores culturais e morais uniformes. Para tanto, foi precisa a elisão dos valores e morais nacionais, que tomavam forma nas páginas da literatura romântica, em especial. Vale assinalar que o nacional surgiu como uma categoria alternativa ao universal, expressão do conceito de origem. O particular, a categoria que seria capaz de dar conta das diferenças entre comunidades e individualidades, foi, assim, levada em desconsideração por parte das camadas culturais dominantes. Nosso cânone literário foi formulado, nesta altura, única e exclusivamente com obras que atendessem ao sentido diretor nacional (LUGARINHO, 2008, p. 10).

Diante do exposto no fragmento, fica evidenciado que os olhares sobre a literatura homoafetiva estiveram associados à construção do ideal de sociedade e moral oitocentista, inclusive relaciona-se à formação de uma identidade nacional e isso tem perdurado até a contemporaneidade. No caso, assume a função de uma expressão do coletivo em detrimento do particular, entre o indivíduo e o seu meio, o nacional/local e o universal, visto que os homoafetivos, não reproduziriam biologicamente, logo levariam sua sociedade ao desaparecimento e, por conseguinte, não ajudariam no crescimento econômico desejado pela nova burguesia. Por sua vez, as obras julgadas como bem escritas e dotadas de qualidade estética para a crítica da literatura eram somente aquelas que traziam a defesa dos ideais da nacionalidade enquanto as que abordassem as identidades individuais como a que apresentava personagens gays era deixada de lado. Nessa condição, ressalta-se a presença de **Um homem gasto**, de Ferreira Leal, publicado a primeira vez no *Jornal do Commercio* (RJ), em 26 de maio de 1885. Sobre a temática nele abordada e o uso da teoria higienista diz-se:

A utopia higienista, no entanto, teria repercussão não só na produção espacial, mas também na produção de corpos, subjetividades e identidades. Como argumenta Foucault (1999, p. 301), a sexualidade foi o núcleo de um saber médico sobre a loucura e a anormalidade que se apoiava uma teoria de doenças e “taras” psicológicas hereditárias. Esse discurso médico teve efeitos consideráveis sobre as doutrinas e as práticas eugênicas, assim como também sobre a criminologia, a antropologia e a literatura (MAIA, 2019, p. 18).

Nestas circunstâncias, o cânone literário tem por papel atender aos preceitos e valores da tradição, inclusive que lhes trouxesse a consolidação do ideário nacionalista, a preservação

dos valores e da moral conforme os paradigmas da época. Entretanto representar uma cena da poética gay, escrever sobre os costumes e atitudes desse grupo social são tidos como uma subversão da moralidade, é querer propagar uma cultura inferior. Por isso, a estética gay é considerada pelos críticos como menor, visto que não apresenta do mesmo modo os códigos estéticos da literatura canônica, é uma escrita estranha em uma língua maior, como se um brasileiro escrevendo em língua diferente da sua língua mãe. Entre os novos códigos está a reivindicação política dos direitos civis dos gays e, por conseguinte, a relativização do ideal de uma identidade nacional para a literatura, o que acontecera, de modo mais contundente no século XX, sobretudo depois da II Guerra Mundial, da Guerra Fria e, no caso do Brasil, no pós-regime militar. Sobre esse aspecto estético da literatura homoafetiva pode ser mencionado que:

Quando emergem as reivindicações de homossexuais por seus direitos civis, chama à atenção a construção de uma identidade homossexual. Salva das garras da religião e do direito pelo seu confinamento na patologia, a identidade homossexual reivindicada põe abaixo o edifício da família burguesa, extensão do sentido de permanência do Estado, na medida em que sua simples existência punha em causa os valores da exemplaridade burguesa. A instauração da homossexualidade como uma identidade social questiona, sobretudo, o determinismo biológico que o século XIX construiu para a conformação gênero humano, em substituição ao modelo religioso e monárquico da família tradicional (a família burguesa justificava-se pelo simples binarismo macho/ fêmea). Ao recusar o determinismo “natural” o homossexual era, aos olhos da sociedade burguesa, exceção social e, portanto, aberração patológica (LUGARINHO, 2008, p. 15).

Posto o fragmento, evidenciou-se que a construção da identidade homoafetiva na literatura procura se desvencilhar das instituições e discursos que encarceram o corpo gay e, é do confronto com esses que a literatura de minorias sociais, seja a homoafetiva, a negra ou a feminista despertam reações que procuram negativá-las. Por sua vez, a abordagem das identidades homoafetivas questiona os discursos da Biologia e da Medicina sobre a constituição desse corpo os quais foram erigidos para sustentar a moral das famílias burguesas, cujas evidências históricas mostram que negavam ou escondiam a homoafetividade dos seus entes, mas não os seus bens.

Esta última, herança da Europa Medieval, ocorria quando da morte, pois o homoafetivo morto não tinha sequer a inscrição no epitáfio ou no túmulo como visto em: “[...] no seguinte item do código francês, de fins do século XIII: ‘se alguém é suspeito de sodomia, o magistrado deve prendê-lo e mandá-lo ao bispo e, se for condenado, deve ser queimado, e todos os seus bens confiscados para o barão [...]’” (OKITA, 2015, p. 39). Isso ocorre porque se tratava o sujeito gay como um ser abjeto, uma aberração patológica que devia ser extirpado como prescrito nos Códigos Penais dos fins do século XIX e início do século XX, além das

campanhas higienistas do mesmo período através das quais se pretendia a extirpação da homoafetividade (GREEN; POLITO, 2006).

Em se tratando dos códigos estéticos, como literatura menor, que diferenciam a literatura homoafetiva das demais literaturas, menciona-se a reivindicação dos direitos civis desse grupo social; a linguagem utilizada na obra (vocabulário que transita entre o erótico e pornográfico) e o público a que ela se destina. Além de trazer os vazios discursivos não apontados em outros textos, inclusive reivindica que o homoafetivo não seja “uma mera representação, um simples tipo de caricatura. Naquela altura, distinguimos uma ‘literatura de representação’ de uma ‘literatura de subjetivação gay’” (LUGARINHO, 2008, p. 19). Das categorias apresentadas pelo professor da Universidade de São Paulo (USP), esta tese tem como objeto as duas formas de expressão, pois ela tanto representa as identidades gays como protagonistas das suas vivências e critica as estereotípias que envolvem os sujeitos com essa identidade. Por essa razão, deve-se observar essa distinção.

A “literatura de representação”, em nossa perspectiva, seria aquela em que se insere e se representa o homossexual, seja por tipos ou não, fosse ele protagonista ou mero personagem secundário. Além disso, não se teria, neste universo de obras, a preocupação de delimitarmos possíveis fronteiras entre os inúmeros conjuntos que poderiam ser formados por recorrermos a alguma tipologia, no interior desta produção literária. A “literatura de subjetivação” viria a consistir naquela que, de alguma maneira, romperia com estereótipos e contornaria de modo eficiente a identidade homossexual, configurando alguma forma de individualização e, por conseguinte, subjetivação ao homossexual. Os exemplos mais flagrantes encontravam-se na década de 1980, notadamente nas obras de Caio Fernando Abreu e Silviano Santiago. No entanto, em ambas destacava-se das formas mais tradicionais da literatura brasileira na medida em que a homossexualidade não era apenas temática da obra, mas também conferia consistência a uma forma de compreender o mundo de maneira particular, característica dos grupos sociais que buscavam representar. Todavia, tanto Santiago quanto suas obras, instituindo-as num panorama alargado daquilo que poderia ser considerado uma (sub)cultura gay. A mediação era sustentada num padrão cultural vigente em que a prática narrativa dirigia-se a um público amplo e indiferenciado que classificaria o texto no âmbito de um exotismo literário, portanto, vago e indefinido, sem o devido direcionamento explícito a um público socialmente identificado (LUGARINHO, 2008, p. 19-20).

De certo modo, ao trazer essas duas categorias para analisar a literatura homoafetiva, Lugarinho (2008) fornece os códigos fundamentais para a sustentação das abordagens acerca da presença dos gays na literatura. Entretanto, o sujeito que lê ou analisa a narrativa gay precisa considerar que se trata de um texto literário, não um tratado antropológico ou sociológico, assim, ele tem uma forma estética e elementos distintos como um tema e uma identidade que não podem ser analisados à luz da forma. Por conseguinte, “a narrativa implica uma técnica de arranjo e apresentação, que lhe comunica estrutura arquitetônica, beleza de forma e unidade de efeito. Estas são as fontes de interesse entre a personalidade do autor e a

personalidade do leitor, nesta criando um interesse absorvente, uma sintonia psíquica” (COUTINHO, 2015, p. 51). Desse modo, a literatura gay apresenta todos os elementos das demais obras/literaturas – enredo, narrador, tempo, espaço, personagens, autoria – mas se difere, sobretudo no uso do vocabulário e na representação das personagens, inclusive na atitude política evidenciada nos discursos sustentados por eles.

Mesmo que não seja objetivo desta tese qualificar as obras aqui analisadas, no sentido de dizer que uma é melhor que outra, que este ou aquele autor merece ser mais lido ou mesmo a literatura homoafetiva em si. Vale lembrar que a crítica literária sustenta a partir dos seus paradigmas ou correntes haver uma boa literatura e há escritos que precisam ser melhorados para atingir uma qualidade estética, para que atendam às disposições do que é e como se comporta a literatura. Por este motivo, sustenta-se que: “A literatura é, assim, vida, parte da vida, não se admitindo possa haver conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana” (COUTINHO, 2015, p. 24-25).

Sendo parte da vida, o amadurecimento dos sujeitos precisa ser considerado, a sua vivência em relação à homoafetividade, o grau de instrução, as condições sociais de produção da obra, mas nada é fechado como se uma verdade absoluta. Das seis narrativas analisadas, observou-se que **Stella Manhattan**, de Silviano Santiago (2017) e “Cachorro doido”, de Haroldo Maranhão (1986) destacam-se em relação à qualidade estética, isso reflete a maturidade e a associação dos autores com a crítica literária. Por sua vez, os demais autores fazem uma excelente cartografia do universo homoafetivo, essencial para os leitores e pesquisadores da literatura gay da contemporaneidade e reúnem nas representações feitas uma atitude política de contestação que emociona, principalmente, o leitor que mantém alguma identificação com o lido. No entanto, as suas obras atendem aos preceitos da literatura, a engenhosidade fica por conta da maturidade como estrutura definidora das diferenças na apresentação da matéria literária.

Ressalta-se que as identidades gays representadas nas narrativas analisadas nesta tese colocam-se como contraponto aos estereótipos cômicos fabricados pela cultura televisiva, cinematográfica e teatral, inclusive nas comédias românticas do século XIX, o homoafetivo já era uma caricatura. Neste sentido, as narrativas gays se colocam como uma literatura de resistência, na qual “resistência é um conceito originariamente ético, e não estético” (BOSI, 2002, p. 118), por se colocar contra o discurso dominante, no qual a comunidade homoafetiva foi segregada, vista como impura. No caso, a resistência somente pode ser analisada à luz da escuta da voz do grupo social representado, da abordagem dos estudos culturais e da

sociologia da literatura, uma vez que a resistência é tema e, também, um processo inerente à escrita (BOSI, 2002).

Por sua vez, quando se considera o fato de que a memória individual e coletiva carrega as lembranças de um sujeito ou de uma comunidade, há de se notar que mesmo aqueles com uma identidade marcada pelo preconceito, como é o caso dos homoafetivos, têm uma imagem guardada na memória social. Essa imagem é representada através dos discursos da sociedade, discursos estes que reiteram “a suspeita de que a linguagem não diz exatamente o que diz. O sentido que se apreende e que se manifesta de forma imediata, não terá porventura realmente um significado menor que protege e encerra; porém, apesar de tudo transmite outro significado; este seria o significado mais importante, ‘o significado que está por baixo’” (FOUCAULT, 2015, p. 48).

Considera-se que a análise do texto literário prescinde de estratégias, a partir das quais se possam desvendar os segredos da linguagem, o seu tecido semântico-conceitual, o que não é exclusivo da língua no texto escrito, mas que no contexto da oralidade também deixa a sua marca. A primeira estratégia a ser utilizada na busca por compreender esse significado oculto, nas obras em que se faz a pesquisa, tendo o texto literário como objeto, no caso, para que se identifiquem e sejam analisadas as diferenças e similaridades entre a escrita de si e a do outro e nas narrativas orais as quais tematizam a homoafetividade. Outra forma de compreensão da linguagem posta, no texto literário, é a observação de como o autor situa a voz do narrador na escritura literária, como ressaltado no fragmento a seguir:

Na voz a palavra se enuncia como lembrança, memória-em-ato de um contato inicial, na aurora de toda vida e cuja marca permanece em nós um tanto apagada, como a figura de uma promessa. Surgindo desta falha, “entre a transparência do abismo e o fosco das palavras”, como escreve ainda D. Vasse, a voz deixa ouvir uma “ressonância ilimitada no curso de si mesma”. O que ela nos libera, anterior ou interiormente à palavra que veicula, é uma questão sobre os começos; sobre o instante sem duração em que os sexos, as gerações, o amor e o ódio foram um só (ZUMTHOR, 1997, p. 13).

Em conformidade com as ideias do teórico, vê-se que a lembrança é uma memória do narrador e que pode ser expressa, na sua voz, como algo pertencente a si ou de outro, entretanto, se dele mesmo, esta lembrança parecerá mais avivada, enquanto, se do outro, não terá os mesmos efeitos. No caso, a transparência da qual fala o crítico parece ser uma característica inerente aos textos em que o narrador é personagem e conta sua vivência, suas dores, angústias e prazeres, porque tudo adquire maior intensidade, “uma ressonância ilimitada” do sujeito. Todavia, essa mesma marca não é vista quando esse narrador é um terceiro, um observador dos fatos narrados, pois o leitor logo estranhará esse texto, uma vez

que nele são deixadas rasuras que tornam a superfície do texto mais fosca, deixam um abismo entre o narrado e o vivido. Neste sentido, pode ser observado que a palavra ao ser enunciada adquire o status de símbolo, por expressar a dor ou a alegria, o pessimismo ou a euforia do sujeito, o som da palavra ou a sua cadeia sonora passa a ser uma ponte que liga o narrador ao leitor (ZUMTHOR, 1997).

Embora se saiba que a literatura não tem esse compromisso de dizer o real, ela “é um fenômeno estético. É uma arte, a arte da palavra. Não visa a informar, ensinar, doutrinar, pregar, documentar. Acidentalmente, secundariamente, ela pode fazer isso, pode conter história, filosofia, ciência, religião. O literário ou o estético inclui precisamente o social, o histórico, o religioso, etc.” (COUTINHO, 2015, p. 23), inclusive se sabem que a elaboração da linguagem não significa o seu falseamento, mas a expressão do inexistente. Além disso, é o poder da voz que une as consciências que habitam no sujeito, que faz parte dos discursos os quais são resultante daquilo que o homem deposita na memória, revelador da intencionalidade do eu que conta a sua história ou a do outro. Nesta circunstância, cabe ao leitor-analista a função de conhecer as orientações e limites dos diversos discursos que penetram a matéria literária em análise, pois é somente através do reconhecimento destas marcas que se poderá, por exemplo, reconhecer as diferenças nos modos de descrição das homoafetividades, como proposto para este estudo. Por essa razão, diz-se que:

[...] esse conjunto é tratado de tal maneira que se tenta encontrar, além dos próprios enunciados, a intenção do sujeito falante, sua atividade consciente, o que ele quis dizer, ou ainda o jogo inconsciente que emergiu involuntariamente do que disse ou da quase imperceptível fratura de suas manifestas; de qualquer forma, trata-se de reconstituir um outro discurso, de descobrir a palavra muda, murmurante, inesgotável, que anima do interior a voz que escutamos, de restabelecer o texto miúdo e invisível que percorre o interstício das linhas escritas e, às vezes, as desarruma (FOUCAULT, 2016, p. 33).

É da compreensão de como são expressas as identidades homoafetivas nos discursos literários postos em análise que se pretende a construção do produto desta investigação – uma tese – que dê conta de demonstrar como as identidades são representadas nos textos literários publicados entre 1985 e 2015. Por sua vez, esta investigação sob a égide da escrita de si e do outro, numa perspectiva comparada às narrativas orais, supõe, ainda, o assentamento sobre uma ou várias correntes da crítica da literatura como a abordagem dos estudos culturais, a qual tem como objeto, os estudos de gênero, no caso deste estudo, a homoafetividade e a crítica de minorias étnicas e sexuais, aqui prevalece a das minorias sexuais, devido ao tema proposto para a pesquisa e a inscrição no que Deleuze e Guattari (2014) chamam-na literatura menor.

Para demarcar esse caminho foi necessária a pesquisa bibliográfica, no intento de que se dominassem os conceitos fulcrais os quais nortearão a construção desta tese. Desse modo, as trilhas e tessituras serão reunidas a partir do entrelaçamento entre a construção da referenciação teórico-conceitual, proposta para este capítulo, com vistas a informar o leitor dos caminhos percorridos, pelo investigador, para chegar a atingir os objetivos pretendidos desde a estruturação do projeto de pesquisa. Para tanto, procura-se compreender cada uma das categorias conceituais, a fim de que se tenha o domínio necessário para a construção dos desenhos cartográficos que balizam as análises das narrativas selecionadas, além de permitir identificar os códigos estéticos que diferenciam as narrativas gays das demais produções da literatura.

## 2.1 A literatura homoafetiva: uma historiografia em construção

*Aceitarás o amor como eu o encaro?...  
... Azul bem leve, um nimbo, suavemente  
Guarda-te a imagem, como um anteparo  
Contra estes móveis de banal presente.  
Mário de Andrade*

Sabe-se que a pergunta lançada pelo eu lírico do soneto acima pode ser respondida, efusivamente, com sonoro “sim” ou “não”, entretanto, em Pátria onde todos são livres, não libertinos, cada um pode amar como lhe convém, sem que precise da aceitação do outro, do que não pertence à relação. O primeiro sentido dado é de que se trata de um amor homoafetivo, uma vez que a indagação só encontra sentido se no contexto da diversidade, seria bastante óbvio se ela fosse lançada por um heterossexual a outros, também, heterossexuais, assim se depreende que o eu lírico do soneto é homoafetivo. Outro sentido dado à pergunta decorre do embaraço que ela causa, sobretudo, naqueles que fazem questão de estar reiterando a sua condição heteronormativa, a fim de reprovar qualquer orientação ou identidade sexual que não seja a sua, como se todos tivessem que expressar o seu desejo de amar de modo único.

O soneto de Mário de Andrade é modernista, publicado em 1937, no livro **A Costela do Grão Cão** e no poema fica evidente desde o primeiro verso a apresentação da homoafetividade e o modo como a sociedade a vê, embora se saiba que o homoafetivo, para ser quem é, não precise da aprovação do outro. Entretanto, isso nem sempre foi assim, em outras épocas como retratado na História, na Sociologia, Antropologia, Filosofia e também na Literatura. Isso ocorreu porque a educação era e, em algumas culturas, ainda é sexista, pois se

vê que os sujeitos são educados para o exercício de uma pretensa superioridade do masculino em relação ao feminino e mais ainda diante do homoafetivo e ainda da heterossexualidade sobre a homoafetividade (GOMES FILHO, 2016). Ao notar essa pretensa supremacia quanto à orientação sexual dos sujeitos, convém ressaltar que, as práticas culturais da Antiguidade e da Idade Média, determinavam os papéis sexuais a partir do respeito à natureza biológica dos sujeitos, isto é, conforme suas genitálias (OSÓRIO, 2013).

Os estudos sobre a homoafetividade, no campo da literatura e das Ciências Sociais, são relativamente embrionários, uma vez que mesmo se sabendo de que o amor entre pessoas do mesmo gênero não é novo, este era camuflado, negado pela sociedade por ser tratado como pecado, anomalia genética ou social. No entanto, quando se isola o campo da literatura, nota-se que a homoafetividade sempre foi representada na poesia, na prosa e no teatro, com as configurações de cada época e também em consonância com a percepção de seus autores e do público que os lia ou assistia as suas representações. Ao perceber esses agenciamentos na criação dessa literatura vê-se que “os discursos sobre gênero e sexualidades na literatura expressam a premissa teórica básica de que o discurso é uma prática que, sistematicamente, forma os objetos de que fala” (GARCIA, 2014, p. 16).

Essa percepção retorna à noção de sistema literário proposto em Candido (1981), para quem este só seria possível se a literatura tivesse a tríade – autor, obra e público – assim a literatura homoafetiva sempre contou com autores que escreviam sobre essa temática e com um público, que mesmo mais restrito, lia essas obras. Em se tratando do papel do leitor, dentro da cultura material da produção livresca homoafetiva, percebeu-se que eles tiveram suas vidas afetadas a partir da produção massiva de livros, assim como a “própria leitura se transformou ao longo do tempo. Ela era frequentemente feita em grupo e em voz alta, ou em segredo e com uma intensidade que hoje talvez nem consigamos imaginar” (DARNTON, 1995, p. 127). A posição de Darnton (1995) dialoga com a ideia de leitura como construção de sentido e também uma prática interacionista entre leitor e texto que também é defendida pela linguística textual, por isso, diz-se:

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados... o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda a história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças as práticas de leitura. (CHARTIER, 1999, p. 77).

Conforme o fragmento nota-se que o autor defende a ideia de que o leitor é, antes de tudo, um construtor de sentidos que se apropria do conteúdo dos livros, ato esse que exige proficiência do leitor para não se comportar somente como decodificador que não se apropria, na integralidade, do que é lido. É um leitor ativo que critica o que lê dando margem à circulação do texto, além de possibilitar a criação de novos textos para assim satisfazer as necessidades do público, por isso, admite-se que ele precisa da liberdade, embora existam limitações contextuais que façam pensar que esta liberdade inexistente. Nesse caso, o leitor deve atuar como o sujeito responsável pelas atualizações do texto em consonância com os efeitos nele provocados a partir da consumação da leitura<sup>6</sup>, assim à medida que ele constrói novo significado, ele renova o texto lido, construindo um outro texto. Assim, esse processo de construção de sentido é também motivado por crenças, valores e ideologias dos leitores e que a leitura literária pode estimular quando usada como recurso na formação dos leitores na escola e fora dela.

Todavia, essa construção de sentidos acaba por ser afetada quando se trata da publicação e consumo de obras de temática homoafetiva, por exemplo. Por mais que exista hoje uma quantidade de títulos, vista como considerável, ela ainda é mínima diante de um público de mais de 10 milhões, como destacado pelo jornalista Carlos Hee, a partir de argumento do Grupo Gay da Bahia. Outro aspecto a ser ressaltado é que a temática homoafetiva parece seguir o caminho dos “livros proibidos” na Europa, isto é, eram consumidos avidamente, mas na clandestinidade, o que se vê como uma retomada da “coerção do texto sobre o leitor, bem como a liberdade do leitor com o texto” (DARNTON, 1995, p. 128). É ainda nessa tensão que se percebe a literatura homoafetiva, como visto em:

A questão da literatura homossexual é de mercado. Enquanto todos, editores, livreiros, escritores, sabem que existe um público em potencial, sedento por uma leitura que retrate seu próprio universo, não se fornece a esse público o que ele deseja. A opção mais fácil é ignorar essa fatia do mercado. E quando isso não acontece e um autor é premiado com a edição de seu livro, não se divulga a existência de um produto destinado a um enorme público gay. Nas poucas e raríssimas vezes em que é feita uma resenha em jornais e/ou revistas de grande circulação, o leitor enfrenta um outro problema: onde encontrar o livro. A cadeia de preconceitos começa com o editor, que não quer saber de escritores iniciantes, e termina no livreiro, que se recusa a comprar e até mesmo exibir livros homossexuais em seu estabelecimento (HEE, 2010, p. 42).

Se há uma limitação de cunho mercadológico, é porque os estereótipos gerados pela estrutura social possibilitam que haja uma restrição ao papel do leitor pertencente a essa comunidade, visto que o problema não é ter o leitor, mas o fato de o mercado não possibilitar

---

<sup>6</sup> Hans Robert Jauss em **A história da literatura como provocação à teoria literária** (1994) quando aborda o horizonte de expectativas do leitor e sua participação na concretização do texto literário.

que o texto circule até chegar ao leitor. Essa restrição pode ter origem no conjunto de crenças do leitor e no fato de ele não ter sido apresentado a esse conjunto de textos na escola, visto que o professor de Língua Portuguesa e, por conseguinte, de Literatura, em geral, opta por obras já lidas por ele ou as indicadas nos manuais didáticos. Isso sugere dois movimentos para se pensar a não leitura da literatura homoafetiva: 1. Trata-se de obras, embora em alguns casos escritas por autores canônicos, que não fazem parte do cânone e passam quase que despercebidas pelos leitores, por exemplo, os contos “Pílades e Orestes”, “Acauã”, “Frederico Paciência”, respectivamente, de Machado de Assis, Inglês de Sousa e Mário de Andrade e. 2. Por mais que tenha havido uma expansão do chamado “*Mercado gay de literatura*”, este não chegou a todos e em muitas localidades não há nas academias grupos de estudos que venham a contribuir para tirar essa literatura da prateleira obscura onde ela esteve posta por séculos.

Outro problema é que o leitor, assim como o escritor para fugir ao julgamento social, opta por não ler essa literatura a fim de que não seja identificado como homoafetivo. No caso, para fazer com que a literatura homoafetiva atinja o público desejado e ocupe o seu lugar no meio acadêmico, mesmo que carregando os estereótipos comuns à literatura marginal e/ou de resistência. É preciso resolver um problema que não diz respeito à literatura: o preconceito. Preconceito esse que resulta da disseminação de que a literatura homoafetiva é demarcada por um vocabulário pornográfico e anti-cristão, o qual contraria a moral social e os bons costumes da sociedade burguesa contemporânea. Esse comportamento permitiu que obras deixassem de ser lidas à época em que foram publicadas, por isso, sobre a narrativa de *Um homem gasto* diz-se:

O livro que apresentamos a seguir é, portanto, importantíssimo do ponto de vista histórico-literário, uma vez que hoje é considerado o primeiro texto em prosa da literatura brasileira a abordar a homossexualidade masculina, ainda que a partir da patologização e da sugestão do suicídio como saída moral para os perversos. Nesse sentido, é interessante perceber como os discursos médicos e literários podem atuar conjuntamente para suicidar as diferenças e os corpos dissidentes (MAIA, 2019, p. 19)

Ao estudar o campo das representações das identidades homoafetivas nas literaturas deve-se ressaltar que “McIntosh argumenta que a existência de um rótulo fortemente desenvolvido constrange o comportamento no sentido de fazê-lo conformar-se às expectativas sociais e sexuais geradas por este rótulo [...] as taxonomias são profecias que se cumprem” (FRY, 1982, p. 89). Compreendeu-se assim que a homoafetividade sempre estivera identificada por estereótipos que buscavam enquadrar aqueles que tinham a mesma identidade sexual, rotulando-os para que tivessem vergonha de si, podendo assim serem regulados pelas normas sociais. Indo além, o antropólogo ainda ressalta que “é também verdadeiro que na

medida em que a percepção é forjada e controlada pelas representações, a ação social vai ser de certa forma direcionada por essas representações” (FRY, 1982, p. 89). Ressalta-se que as representações feitas dos homoafetivos na literatura são diversas e em consonância com o tempo em que foram escritas, como visto em:

#### Catulo 15

A ti eu me confio e meus amores,  
Aurélio, e de pudor eu peço vênia  
pois se já desejaste algo em teu ânimo  
que mantivesses casto e inteirinho,  
preserves em pudor este menino,  
não digo das pessoas – delas nada  
temo a passar na praça aqui e ali  
com suas próprias coisas ocupadas.  
Minha paúra és tu, e é teu pau,  
atal aos bons, fatal aos maus meninos;  
por onde queiras, como queiras, leva-o,  
quando saíres, pronto para tudo.  
Só ele excludo, sim, pudicamente,  
pois se uma ideia má ou louca fúria  
te impelir, pérfido, a tamanho crime  
de preparar insídias contra mim,  
então, ah!, infeliz e malfadado,  
pelos pés arrastado, por teu rabo  
aberto vão passar mugens e rábãos.

(CARVALHO et al, 2017, p. 47)

Nota-se, no poema de Caio Valério Catulo<sup>7</sup>, que as referências à homoafetividade consistem na confiança e amor que o eu lírico dedica a Aurélio, um menino, sobretudo o corpo do menino ou parte dele, como visto na menção ao falo do interlocutor. Não somente Catulo, mas também diversos outros autores como Aulo Gélío, Cícero, Tito Lucrécio e Caio Mecenas são alguns dos poetas que, também, trataram do amor entre pessoas do mesmo gênero sexual em sua poética, assim, o tratamento dado a este não é novo, tampouco uma marca do contemporâneo. A mudança, nesse caso, decorre do ponto de vista usado pelo autor, pois esta acontece influenciada por fatores externos e internos à consciência do poeta ou escritor, podendo apenas sugerir ou expressar sem nenhum pudor a homoafetividade, seja por meio da evocação de elementos eróticos ou pornográficos. Neste sentido, considera-se que os escritores os quais se propunham a escrever sobre essa temática fosse na perspectiva da escrita de si ou não teriam de enfrentar lutas consigo e com a esfera social, pois para esta aqueles que as escreviam era porque queriam deixar seus armários. Por isso, reitera-se:

---

<sup>7</sup> Nascido em Verona entre 87 e 84 e morreu por volta de 52 a.C. Para nós hoje é praticamente o único poeta latino do fim do regime republicano em Roma, que teve prosadores como Cícero, Júlio César, Salústio e Cornélio Nepos (CARVALHO et al, 2017, p. 47).

A literatura homossexual passou também por uma fase onde o tema foi abordado das maneiras mais diferentes possíveis, às quais um extremo pudor não é estranho, o que pode espantar-nos, visto que falar de sexo e mais ainda, de homossexualidade, já foi sinônimo de pornografia e sem-vergonhice! Como todo e qualquer artista, o escritor que apresenta o tema da homossexualidade em sua obra enfrenta problemas de todos os tipos, que vão desde os mais simples problemas de criação literária até os mais complexos problemas morais e religiosos que podem impedir sua aceitação e difusão junto ao público, bem como sua empatia com seu leitor. Isto quando não encontram problemas de ordem judiciária, sendo processados por “perverterem” a ordem. Mas como analisar friamente, como ignorar os gritos da paixão, como sufocar o amor e a ternura que aparecem em páginas sublimes da literatura? Como ignorar a alma de um Gide, que transcendeu o sensualismo revelando-nos a “nostalgia dos anjos”? (FAURY, 1984, p. 15).

O excerto confirma a ideia de que a estrutura social impacta no modo de expressão das homoafetividades na escritura literária e nas outras Ciências Humanas, enquanto as sociedades helênicas permitiam a pederastia. Na Idade Média, o domínio cristão tratava o homoafetivo como um pecador, um sodomita que os magistrados deveriam aprisionar e enviar à autoridade episcopal e, em caso de condenação, a punição era a morte na fogueira e os bens dele tomados para o barão (OKITA, 2015). A ideia de culpa devido o sujeito se identificar como homoafetivo continuou na Idade Moderna, inclusive durante a Inquisição, e nas sociedades contemporâneas, com a consolidação do sistema capitalista o fato de que estes sujeitos não constituiriam, a princípio, uma família e, por isso, seriam vazios para a afirmação das sociedades capitalistas. Acerca disso, afirma-se: “A homossexualidade entra em conflito com a família, que é o que sustenta e serve de base para o sistema capitalista de reprodução de mão de obra barata” (OKITA, 2015, p. 42).

A escrita literária de temática homoafetiva, no Brasil, tem seu início no Período Colonial durante a literatura barroca, na poesia satírica do baiano Gregório de Matos Guerra (1636 – 1696), mesmo que não houvesse um sistema literário propriamente dito como postulado por Candido (1981)<sup>8</sup>. Sobre essa ideia, o autor defende que a formação do sistema literário brasileiro só ocorreu entre os séculos XVIII e XIX – do Arcadismo ao Romantismo, sobretudo no último e Gonçalves Dias, o marco criador. Além disso, Gregório de Matos Guerra não participa desse sistema, visto que ele escreve quando está em Portugal, inclusive, parte da sua obra não tem ligação com a cena brasileira da época, exceto, parte da sua sátira. A exemplo, quando trata da presença da homoafetividade no poema “Marinícolas”, mediante o que fora afirmado por Trevisan (2002). Pode ser acrescido que em se tratando de uma sátira, a voz que fala no poema não poderia ser condescendente com a identidade sexual do outro,

---

<sup>8</sup> O crítico brasileiro Antonio Candido trata da formação da literatura brasileira como sistema no seu livro **Formação da literatura brasileira**, volume 2.

além de o contexto histórico no qual ele estava situado não permitir a relação amorosa entre pessoas do mesmo sexo.

O título do poema “Marinícolas”, sugere em visão jocosa, agressiva e linguagem de baixo calão a homoafetividade do Provedor da Casa da Moeda de Lisboa, Nicolau de Tal, numa clara junção com o termo “*maricas*”, o qual é entendido como gíria usada para nomear os sujeitos homoafetivos (TREVISAN, 2002). Sobre o título do poema, Azevedo (1996) afirma que Higino de Barros tem outra versão – a de que é um trocadilho entre o sobrenome do poeta italiano Giambattista Marini (1569 – 1625) e “*maricas*”, isto por aludir ao estilo afetado e preciosista do poeta. Nesse caso, compreendeu-se que as duas versões apontam para algum inimigo do poeta, a quem era alvo da sua crítica maledicente.

Mesmo participando das manifestações literárias no Brasil e não de um sistema literário organizado, com obra, autor e público definidos, o poeta baiano apresenta em sua poesia a identidade do homoafetivo masculino, por esta razão, faz-se necessário inseri-lo quando se trata da historiografia da literatura de temática homoafetiva. A citação da poética satírica do Boca do Inferno explica-se no fato de ele ser o primeiro autor, na historiografia da literatura brasileira, a apresentar sujeitos homoafetivos no conjunto da sua obra, ainda que na visão dele se perceba a desqualificação e zombaria a esses sujeitos, o que faz da sua sátira uma representação do pensamento social do seu tempo, como percebido no trecho do poema transcrito a seguir.

Tem por mestre do **terço fanchono**  
Um pagem de lança, que Marcos se diz,  
Que se em casa **anda ao rabo dele**,  
O traz pela rua **ao rabo de si**.

Uma tarde em que o perro celeste  
Do sol acossado se pos a latir,  
**Marinícola** estava com Marcos  
Limpendo-lhe os moncos de certo nariz.

Mas sentindo ruído na porta,  
Aonde batia um Gorra civil,  
Um e outro se pôs em fugida,  
Temiendo los dientes de algun javali.

Era pois o baeta travesso:  
Se um pouco de antes aportara ali,  
Como sabe latim o baeta,  
*Pudiera cogerlos en un mal Latim.*  
(MATOS, 2013, pp. 351-352, **negrito** e *itálico* meus).

No fragmento do poema, a homoafetividade é expressa logo no primeiro verso, através do emprego do termo “fanchono”, o qual era usado desde o século XVI para identificar os

sujeitos homoafetivos e “terço fanchono” para designar o ato sexual entre indivíduos do mesmo sexo. A figura do jovem pajem, Marcos, aparece no segundo verso como o namorado ou aquele que, mesmo esporadicamente, mantém relações sexuais com o marinícola, conforme percebido nas expressões “anda ao rabo dele” e “o traz pela rua ao rabo de si”. Nessas últimas, observou-se que o eu lírico parece jogar com as palavras, constituindo assim uma antítese – “rabo dele” e “rabo de si” – para se referir aos papéis sexuais desempenhados, o que evidencia que nas relações homoafetivas não existe a divisão binária ativo/passivo mantida nas relações heterossexuais. Embora haja, na comunidade gay, aqueles que se orgulham somente de serem passivos e os que se dizem ativos, o que segundo Mott (2003) é um mito, sobretudo quando se pensa a identidade homoafetiva na contemporaneidade.

A construção de uma literatura gay ou homoafetiva no Brasil não é especificidade dos relatos da Inquisição ou do período setecentista, pois nas estéticas posteriores, como no Romantismo, há espaço para as personagens homoafetivas, por exemplo, o cabelereiro da Rua do Ouvidor, na peça **O demônio familiar**, de José de Alencar. Entretanto, é durante o Realismo e Naturalismo que diversas personagens e obras que narram a homoafetividade terão seu espaço, mesmo que para a crítica do momento isso parecesse assombroso e, são personagens estereotipadas e dominadas por uma ordem social maior. O Albino, de **O Cortiço**, de Aluísio Azevedo, embora bastante zeloso e pertença à linha de frente das lavadeiras do cortiço, ele não tem nenhum envolvimento amoroso, porque sua cama está sempre infestada de formigas, o que demonstra que a sua relação é impura. Essa mesma visão doentia aparece no conto *Acauã*, de Inglês de Sousa, em livro organizado por Paulo Maués Corrêa, quando o narrador descreve a personagem Vitória no instante em que a irmã se casaria, sendo assim o corpo gay uma possessão demoníaca, aterradora e atemorizante aos homens.

De pé, à porta da sacristia, hirta como uma defunta, com uma cabeleira feita de cobras, com as narinas dilatadas e a tez verde-negra, Vitória, a sua filha adotiva, fixava em Aninha um olhar horrível, olhar de demônio, olhar frio que parecia querer pregá-la imóvel no chão. A boca entreaberta mostrava a língua fina, bipartida como língua de serpente. Um leve fumo azulado saía-lhe da boca e ia subindo até ao teto da igreja. Era um espetáculo sem nome! (CORRÊA, 2005, p. 36-37).

O doentio na personagem aparece como uma maldição do Acauã, o signo serpente pode ser recuperado como o pecado, uma vez que na tradição cristã esse réptil que induz a mulher [Eva] à corrupção [pecado], assim como Vitória seria, no conto, pela, de Aninha. Vitória tem um comportamento mais masculinizado – “tinha alguma coisa de masculino nas feições e nos modos [...] Fitava com arrogância os homens até obrigá-los a baixar os olhos”

(CORRÊA, 2005, p. 33), além de entre a língua da serpente e o membro fálico haver uma justaposição de imagens, a língua bipartida. Também outros elementos que contrapõem as características de Vitória e Aninha, sendo esta sempre mais delicada e feminina nas suas feições e atitudes do que aquela, até mesmo um jogo ambíguo da palavra, a exemplo, quando o narrador diz que Aninha parecia uma escrava aos pés da irmã adotiva. Assim, naquela que se supõe ser a primeira narrativa que traz uma personagem homoafetiva em contexto amazônico, ela ainda é marcada pela força dos mitos e lendas os quais amalgamam o imaginário e saberes dos homens desse lugar.

As obras literárias de temática homoafetiva foram deixadas de lado, ao longo da história literária, por serem vistas como literatura de perversão, apócrifas, que não deveriam ser lidas ou ouvidas por representarem a escrita dos abominados pela sociedade nas diversas fases da história. Isto por trazer conteúdo representativo da identidade de uma minoria social que, ao longo da sua existência, fora penalizada com a exclusão social e, muitas das vezes, a morte. Por exemplo, cita-se: **Bom-Crioulo**, de Adolfo Caminha e, mais tardiamente as obras de Caio Fernando Abreu e na cena contemporânea apresentam-se as obras as quais são objeto de estudo desta pesquisa. Porém, com o surgimento da abordagem dos estudos culturais e os estudos de gênero e identidade na literatura, essa ideia tem sido modificada e as obras de temática homoafetiva e/ou da literatura gay, ressignificadas e mais publicadas nas últimas décadas do século passado, além de nas Universidades terem sido criados grupos e linhas de pesquisa voltados ao estudo desse campo na literatura (GARCIA, 2012).

Observou-se, também, que no século XX, desde publicações da primeira década como os contos – *História de gente alegre* e *Píldes e Orestes*, respectivamente, de João do Rio e Machado de Assis; e nas décadas seguintes: *Frederico Gouveia*, de Capadócio Maluco e *Frederico Paciência*, de Mário de Andrade. E, nas décadas posteriores, sobretudo, depois da década de 1980, com a produção de Caio Fernando Abreu, João Silvério Trevisan, Walmir Ayala, Silviano Santiago. E, na primeira década do século XXI, surgem novos nomes como Kadu Lago, Nelson Luiz de Carvalho, Roberto Muniz Dias, Ricardo Mesquita, Vinicius Grosso, Milly Lacombe, Léo Dragone, Marcos Alcântara, Marcos Soares e outros, tanto na prosa quanto na poesia. O crescimento desse número de publicações tem como base o surgimento e afirmação da luta dos movimentos gays, em todo o globo, por respeito, direitos e descriminalização da homoafetividade, mesmo que, por máscaras ou não, ou por uma suposta democracia de gênero e sexualidades a ideia de crime não prevaleça no Brasil<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Ver FRY, Peter. **Para inglês ver** (1982) e TORRÃO FILHO, Amílcar. **Tribades galantes, fanchonos militantes**: homossexuais que fizeram história (2000).

A década de 1960 foi no Brasil, como em várias partes do mundo, um período de liberação sexual, de movimentos por direitos civis e especialmente de luta contra a ditadura militar que governou o país entre 1964 e 1985. Na década de 1970, começam a aparecer os primeiros grupos homossexuais. Mas diferentemente dos demais países europeus e dos Estados Unidos, a homossexualidade nunca foi crime no Brasil. Enquanto os movimentos destes países tiveram como objetivo primeiro a descriminalização da homossexualidade, no Brasil eles tiveram de lutar contra um preconceito muito mais encoberto e sutil, que não tinha a lei a seu lado, mas que se espalhava por toda a sociedade; um preconceito que se esconde por trás duma suposta democracia sexual, assim como o racismo esconde-se sob uma suposta democracia racial (TORRÃO FILHO, 2000, p. 260).

Esses novos olhares não é fruto do acaso ou de uma vitória de semideuses, mas de uma luta travada a duras penas, uma ultrapassagem do esquecimento à visibilidade, todavia, esta é incômoda e causa a indignação de muitos que ainda se sentem órfãos de um tempo em que eles dominavam por conta de sua orientação e identidade sexual ser a padrão. Neste cenário, cabe destacar a presença de Caio Fernando Abreu e João Silvério Trevisan, o primeiro com uma escrita ficcional mais abrangente e o segundo dividido entre a escrita jornalística e a escrita histórica acerca das homoafetividades. A escrita de Caio Fernando Abreu traz imagens do noturno e da violência ora simbólica, ora crua contra a comunidade gay, como visto na violência praticada no conto *Terça-feira gorda*, transcrito a seguir.

Mas vieram vindo, então, e eram muitos. Foge, gritei, estendendo o braço. Minha mão agarrou um espaço vazio. O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai-ai, gritavam, olha as loucas. Olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e nenhuma culpa entre as outras caras dos homens. A boca molhada afundando no meio duma massa escura, o brilho de um dente caído na areia. Quis tomá-lo sozinho pela mão, protegê-lo com meu corpo, mas sem querer estava sozinho e nu correndo pela areia molhada, os outros todos em volta, muito próximos.

Fechando os olhos então, como um filme contra as pálpebras, eu conseguia ver três imagens se sobrepondo. Primeiro o corpo suado dele, sambando, vindo em minha direção. Depois as Plêiades, feito uma raquete de tênis suspensa no céu lá em cima. E finalmente a queda lenta de um figo muito maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos (ABREU, 2018, p. 346).

O conto de Caio Fernando Abreu ajuda a compor um vasto painel de cartografias representativas das identidades gays na cena da literatura brasileira contemporânea, pois carrega as dores destes sujeitos. Mário César Lugarinho (2003) afirmou que o espaço agora ocupado pelos grupos sociais marginalizados, no campo dos estudos culturais, modificou os estudos literários nas universidades brasileiras contribuindo para o aprofundamento do estudo das relações de gênero e a percepção do estranhamento presente na sociedade tradicional. Para isso, ele ainda se apoia em Roland Barthes que dizia ser a literatura um lugar de encenação dos saberes e que nessa análise não importa a orientação sexual do autor, mas a obra em si enquanto elemento representativo da cultura, o que deixa de lado a temática homossexual e convergem os saberes a respeito da mesma.

## 2.2 Os estudos culturais como abordagem da crítica literária

*Eu te falarei dos grandes instantes  
Em que tua cabeça adolescente  
Adormeceu cansada sobre os meus ombros.  
Augusto Frederico Schimidt*

Os versos do poeta demonstram que os horizontes da literatura são demarcados por relações temporais e estes exprimem que a sociedade e os homens estão sujeitos a mudanças, condicionadas a fatores culturais e isto influencia diretamente a produção artístico-cultural, assim quando a literatura toma as discussões em torno das identidades de gênero, corpo, sexualidade e outros paradoxos da contemporaneidade e as transforma em temas não representa a negação dessa forma artística. Esse novo aspecto da literatura, mesmo que em contraposição ao cânone, não significa a adoção de um novo estilo que nada tem a ver com o real, no caso, destituir a verossimilhança da realidade do texto literário é desconstruir as noções de mimese e ficção necessárias ao fazer dessa expressão artística desde a Antiguidade.

Na literatura, a mais comum dentre essas totalidades falsas é a “tradição”, que é vista não como ela é, uma seleção e resseleção ativa e contínua que, mesmo em seu último ponto no tempo, é sempre um conjunto de escolhas específicas, mas que é agora vista (de forma mais conveniente) como um objeto, uma realidade projetada, com a qual temos de chegar a um acordo sempre submetido aos seus termos, mesmo que esses termos sejam e devam ser sempre as avaliações, seleções e omissões dos outros homens. A ideia de um currículo fixo é o produto metodológico mais difundido dessa premissa. E, obviamente, dado esse tipo de totalidade, os fatos da mudança podem ser admitidos, mas de forma particular. Podemos ser positivamente convidados a estudar a história da literatura – agora, porém, não como mudança, mas como variação, uma série de variações dentro de uma totalidade estática –, as características de um outro; tal como na história empírica chegamos a conhecer este e aquele período, mas o “e” não é enfatizado, ou é, em qualquer caso, entendido como uma variação temporal, e não como uma mudança qualitativa (WILLIAMS, 2011, p. 22).

O olhar sobre a cultura e sociedade demarca o processo de criação das diversas manifestações artísticas, contudo, essa mudança de paradigma criacionista não implica necessariamente em maior qualidade, mas trouxe uma maior aproximação com o público leitor. Por isso, admite-se que a abordagem dos estudos culturais surgiu com o intuito de compreender a formação social, surgimento, formulações conceituais, posturas e a trajetória das transformações sociais centradas nos discursos que associavam cultura, socioeconomia, lutas sociais e produção intelectual. Nessa perspectiva, para se analisar as representações das identidades homoafetivas há que se considerar a presença das novas complexidades trazidas pelas transformações dos discursos sociais e culturais, da linguagem, pois “o foco não é mais

a conciliação de todos nem a luta por uma cultura em comum, mas as disputas entre as diferentes identidades nacionais, étnicas, sexuais ou regionais” (CEVASCO, 2003, p. 24).

Considerando a perspectiva de Cevasco (2003) ressalta-se que tratar das homoafetividades na prosa contemporânea não é querer que a literatura gay seja vista como parte do cânone literário ou que os sujeitos gays tenham a mesma identidade. Mas demonstrar que são representações distintas por serem também personagens de hábitos e experiências incorporadas conforme a visão de seus autores, o que valida também à ideia de que “a literatura é símbolo e vetor da cultura de uma sociedade” (MATTELART & NEVEU, 2004, p. 19). Diante da visão apresentada pelos autores compreende-se que sendo a literatura um vetor de cultura, não se trata apenas do estudo desta, como produto cultural, mas das práticas sociais existentes numa obra literária, que é capaz de se debruçar na construção e desconstrução da história.

Os discursos literários acerca das representações das identidades sociais à luz da abordagem dos estudos culturais dialogam com Hall quando ele admite que o sujeito pós-moderno apresenta uma identidade movente ou fragmentada, uma vez que para ele: “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas em redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo constantemente deslocadas” (HALL, 2014, p. 12). Essa afirmativa demonstra que um mesmo sujeito, no caso, o homoafetivo, assume diferentes identidades que são influenciadas pelos processos culturais vivenciados por eles em conformidade com a perspectiva de seus autores, o que se vê de modo contundente nas representações propostas nessa pesquisa.

A noção de identidade como movediça é vista como marca do homem pós-moderno ou da modernidade tardia e carrega a ideia de que “o ‘pertencimento’ e a ‘identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis” (BAUMAN, 2005, p. 17). Por essa razão, ressalta-se que o sujeito da pós-modernidade não pode ser demarcado por uma só identidade, uma vez que a complexidade de relações que o envolve estabelece o seu “entre-lugar” no mundo. Isto é, o homem apresenta sempre uma identidade fronteiriça, o que pode ser aplicado à identidade do homoafetivo, sobretudo, quando considerado o conjunto de identidades presentes na prosa brasileira contemporânea.

No tocante às temáticas pertencentes ao campo dos Estudos Culturais, incluindo as práticas homoafetivas, a sociedade por seus costumes e hábitos manteve-se silenciada e/ou julgaram as obras produzidas sobre tais temáticas (feminino, negritude, homoafetividades) a

partir de valores do senso comum, usando da literatura para justificar um juízo de valor cultural. Por essa razão, acredita-se que a dominação imposta aos homoafetivos através da violência física e psicológica, cento e cinquenta chibatadas desferidas em Amaro<sup>10</sup> e do afastamento entre os adolescentes Frederico Paciência e Juca<sup>11</sup>.

Também a condenação dos homoafetivos à solidão devido à morte de um dos que constituem o casal amoroso como no conto machadiano já mencionado no tópico anterior quando se escrevia sobre a historiografia da literatura homoafetiva no Brasil; a de Ezequiel Neves (o Zeca), em **Mil rosas roubadas**, de Silviano Santiago e; a de Catarina, no conto *Uma branca sombra pálida*, de Lygia Fagundes Telles nunca despertaram “piedade ou terror”, motivo catártico apresentado como fundamento às tragédias gregas (ARISTÓTELES, 2015) e para a humanização do homem (CANDIDO, 2000). Ao considerar que o tratamento dado às orientações homoafetivas variou conforme a época e a cultura das sociedades, é mister a compreensão de que existe um ponto de ancoragem à literatura enquanto fronteira entre o literário e não literário, que é ressignificada pela ação temporal e pela cultura contemporânea (COMPAGNON, 2010).

A Teoria Literária apresenta a literatura como “parte do produto geral do trabalho humano, ou cultura. A cultura de um povo se realiza, em diversos sentidos, nas ciências e nas artes. A cultura é um conjunto de fatos e hábitos socialmente herdados, que determina a vida dos indivíduos” (SAMUEL, 2007, p.9). O ponto de vista do teórico valida a crença de que os impactos na estrutura social influenciam na produção das manifestações artísticas, incluindo a literatura, mesmo aquela que traz temática semelhante. Nesta perspectiva, convém lembrar-se de que a abordagem dos Estudos Culturais se ocupa das lacunas deixadas na crítica literária ao longo da história, porque ela sempre esteve restrita a particularidades da obra literária que desconsiderava a existência de coletivos como os homoafetivos e as mulheres no campo das discussões sociais.

Quando a abordagem dos Estudos Culturais insere no seu escopo as identidades marginalizadas (negros, homoafetivos, mulheres e outras minorias), ela se coloca em tensão com as outras correntes, sobretudo com as defensoras da forma, no caso, o estruturalismo e o formalismo russo. Por isso, afirma-se que, diante da negativa conciliação entre os discursos da literatura canônica e da abordagem dos Estudos culturais, há na produção literária da América Latina convergência entre cultura e discursos politicossociais. Essa convergência leva à

---

<sup>10</sup> Ver **Bom-Crioulo**, de Adolfo Caminha. Primeiro romance brasileiro que narra a presença da homoafetividade a ganhar a notoriedade do público.

<sup>11</sup> Ver *Frederico Paciência*, de Mário de Andrade, o qual fora publicado no livro **Contos**, de 1937.

percepção de que a crítica literária, dessa porção do continente americano, foi fundida com as categorias conceituais presentes nas ciências humanas – cultura, identidade, hibridismo, mestiçagem, memória cultural e nação (PEREIRA; REIS, 2000). As autoras sustentam que a imbricação entre esses discursos, neste cenário, conduz o leitor a um processo de ruptura com o cânone literário quando o desloca para o campo cultural a fim de que sejam compreendidas, numa perspectiva interdisciplinar, as marcas histórico-sociais que permitem ao escritor literário transpor para o papel as suas experiências.

Os Estudos Culturais é a abordagem da crítica literária que privilegia as categorias – gênero e etnia – contudo, nesta investigação, toma-se apenas a homoafetividade como conceito subjacente à categoria gênero, que é o que nos interessa nesse estudo, por se tratar de uma análise das representações homoafetivas nas manifestações escritas e oral da literatura. Somente quando inseridas essas discussões, no campo acadêmico, é que se poderão analisar que marcas historicossociais representam a identidade dos homoafetivos, seus contextos de produção e associações com outros ramos do conhecimento que os fundamentam. Se não levados em consideração os aspectos mencionados, no período anterior, o processo de análise e crítica da literatura terá sido falho, pois as identidades homoafetivas só podem ser representadas se através de um painel cartográfico.

Bhabha (2013), em **O local da cultura**, trata da inserção dos Estudos Culturais no debate acadêmico, inclusive aponta que estes têm sua origem nas transformações sociais e, por conseguinte, humanas, sobretudo, no tocante à sexualidade como objeto de estudo. Para isso, toma-se ainda a posição que esses sujeitos ocuparam ao longo da história – a posição de subalternidade – na qual foram mantidos ao longo dos séculos, nas sociedades antigas e medievais, e que agora deixam de lado o silêncio e transmutam-se para a posição de sujeitos com voz e identidades definidas. Contudo, essas identidades ainda são vistas como repousadas num “entre-lugar”, que precisa ser definido e não marcado por estereótipos que sirvam de justificativa para a cultura de dominação instalada nas sociedades do medievo. Acerca das representações identitárias e suas complexidades, inclusive quando se tem a certeza de que há diversos grupos e letras que procuram nominalizar os homoafetivos atestam-se:

[...] a problemática da identidade se esboça em filigrana. À medida que a dinâmica dos trabalhos vem superpor às classes sociais variáveis como geração, gênero, etnicidade, sexualidade, é todo um questionamento sobre o modo de constituição das coletividades, uma atenção crescente à maneira com que os indivíduos estruturam subjetivamente sua identidade que vêm ocupar um lugar estratégico (MATTELART; NEVEU, 2004, p. 75).

Sabe-se ainda que a abordagem dos Estudos Culturais, enquanto pertencente às correntes da crítica de literatura, toma como referência a concepção de cultura dada pela Antropologia na qual essa corresponde a um modo de vida da sociedade que pretende o refutamento de cultura como distintivo social adquirido somente pela elite (CEVASCO, 2003). A partir da percepção da autora, compreendeu-se que essa corrente diz respeito à abordagem da crítica literária a qual envolve a cultura como exercício subjetivo da arte e estabelece o diálogo entre a literatura e as ciências humanas e sociais na perspectiva da interdisciplinaridade. Por isso, assevera-se que, quando aplicada essa abordagem na análise literária, são exigidos conhecimentos os quais vão além da estrutura do texto literário e dos fatores da literariedade, incluindo aqueles que fazem referência ao contexto de produção da obra. Ao usar esses aspectos para analisar o texto literário na perspectiva da abordagem dos estudos culturais insere-se, também, a ideia de “cultura como entidade inclusiva” (HATTNER, 2001, p. 250) a qual foi defendida por Raymond Williams no novo campo da crítica cultural permite observar duas linhas de atuação, conforme afirmado a seguir:

A primeira delas é sua **disposição de ação política**, de **atuação intelectual politicamente engajada**, associada inegavelmente a sua origem e ao momento em que as obras – **Uses of Literacy** (1957), de Richard Hoggarth; **Culture and Society** (1958), de Raymond Williams e; **The Making of the English Working Class**, de E. P. Thompson – foram publicadas.

O segundo traço caracterizador dos Estudos Culturais, e possivelmente o mais importante, é seu **caráter de projeto interdisciplinar** (HATTNER, 2001, p.250, **negrito** do autor).

Em conformidade com o fragmento acima pode ser afirmado que a dimensão em que se situa os Estudos Culturais gera tensões com os teóricos dos estudos literários, os quais refutam a presença dos discursos sociais previstos na Sociologia da Literatura e outras correntes da crítica da segunda metade do século XX, as quais estão inclusas na análise e investigação da obra literária. É nesse contexto que “o cânone é rediscutido e expandido com a redescoberta de obras, antes relegadas ao esquecimento escritas por mulheres, negros, homossexuais e outros” (CEVASCO, 2005, p.271). Pode-se considerar ainda que a conexão com outros saberes parece sugerir a fragmentação da tradição e transformação no interior das ciências sociais e da literatura, demonstrando assim a ruptura dos fenômenos sociais e um novo olhar para as realidades sociais, incluindo as identidades proletárias e subalternizadas devido ao pouco poderio socioeconômico.

Fica evidente que a função social da literatura não é contemplada na teoria formulada pelos críticos, que fazem a defesa das funções lúdica e estética da literatura, isso demonstra a necessidade de uma teoria crítica que abranja a literatura na sua totalidade e não apenas como

efeito estético, o que acaba por favorecer o nascimento da teoria dos Estudos Culturais. Por sua vez, eliminar a função social da literatura, seria auxiliar na construção de um outro projeto ideológico que isola o homem de sua sociedade e, por conseguinte, destrói a perspectiva de humanização do homem pela literatura. Contudo essa nova abordagem também estava preocupada com outros produtos culturais, como a cultura popular, no contexto pós Segunda Guerra, além de situar essa discussão no âmbito das disputas de poder, assim, afirma-se:

A partir do momento em que o objeto cultura é pensado em uma problemática de poder, um conjunto de interrogações teóricas e de conceitos se faz necessário. Quatro deles tomam um lugar estruturante.

Inicialmente a noção de ideologia: ela faz parte do legado marxiano no qual se inspira a maioria dos pesquisadores dessa corrente. Pensar os conteúdos ideológicos de uma cultura nada mais é que perceber, em um contexto dado, em que os sistemas de valores, as representações que eles encerram levam a estimular processos de resistência ou de aceitação do status quo, em que discursos e símbolos dão aos grupos populares uma consciência de sua identidade e de sua força, ou participam do registro “alienante” da aquiescência às ideias dominantes (MATTELART; NEVEU, 2004, p. 73).

Em se tratando da categoria gênero, enquanto categoria de análise nas obras literárias selecionadas para esse estudo, a abordagem que melhor satisfaz a esse tipo de análise é a dos Estudos Culturais, pois ela ultrapassa os limites da forma do texto. Além disso, ressalta-se que as questões retóricas – Para que servem os Estudos Culturais? A quem se destinam os Estudos Culturais? – feitas por Álvaro Luiz Hattner (2001) continuam sem respostas definitivas para os estudos literários. A razão da não resposta a essas questões tem sua origem no fato de que as discussões da literatura, que carrega a temática das minorias sexuais e/ou produzida por elas, pertencem a um campo maior que é o da cultura e não da literatura como arte do cânone. Por isso, assevera-se a “noção de literatura é historicamente demarcada, de pertinência limitada no espaço e no tempo: ela se refere à civilização europeia, entre os séculos XVII ou XVIII e hoje” (ZUMTHOR, 2018, p.13-14). Assim se entendeu que a literatura canônica serviu para que fossem reafirmados e justificados os estereótipos usados para escarnecer os homoafetivos na historiografia da literatura e para legitimar as desigualdades entre esses sujeitos e a elite heterossexual.

Acrescenta-se, ainda, que os estudos culturais dizem respeito ao conjunto de conhecimentos alternativos acerca das produções de gênero e etnia, articulados pelos movimentos sociais pós-Segunda Guerra Mundial. Esse contexto de transformações tem como símbolo identitário um homem multifacetado, fragmentado, característica da chamada pós-modernidade. Contudo, a presença do aspecto interdisciplinar ou multidisciplinar não significa a existência da ruptura das fronteiras sociais, porque o sujeito permanece e são vistas

como necessárias para que sejam explorados novos campos não experimentados na análise literária, na música, no cinema e na cultura popular. Por isso, ressalta-se que até as visões sobre o corpo foram modificadas em acordo com as mudanças sociais e culturais, como se vê em:

As práticas corporais são produções simbólicas e tiveram seus significados transformados e reinterpretados de acordo com a dinâmica da cultura na qual se inserem. As diferentes formas de exercê-las e sua validação se estabeleceram e se estabelecem em meio às relações de poder que ocorrem entre os sujeitos praticantes e entre estes e os diversos grupos que discursam sobre elas e sobre seus adeptos. As práticas corporais falam da sua cultura e são faladas pela(s) cultura(s). Ou seja, elas comunicam significados (NUNES, 2011, p.48).

Mediante a ótica do autor, evidencia-se que as práticas culturais impactam e determinam mudanças nas relações que o sujeito mantém com o próprio corpo, no caso, quando se busca a representação de um corpo de um sujeito homoafetivo contemporâneo pode-se identificá-lo como um corpo malhado, forte e não mais uma representação frágil. Todavia, a comunidade gay é marcada por uma diversidade de tipos e uma quantidade expressiva não adotou essas transformações. Essa mudança no perfil representado ocorre porque muitos dos homoafetivos contemporâneos não mais estão identificados pelos estereótipos com que se costumou a taxar o comportamento homoafetivo. Por exemplo, as entrevistas realizadas na pesquisa de campo dão conta de que os homoafetivos masculinos não se prendem nem se prendiam quando crianças a pensar no domínio das atividades domésticas assim como as mulheres lésbicas não se viam como os machões ou mesmo não determinando estereótipos como muitas vezes se nota na escrita vertiginosa de Caio Fernando Abreu.

Preciso parar. Estou cansado. Pela cabeça, essa luz que não sei se é compreensão ou loucura. É de mim, de ti ou dele que sai essa voz contando o sonho de ontem? Como se fosses tu, assim entras no teatro e te chamam dentro do sonho e te chamam para fazer o papel do sonho de alguém que não veio, e dizes que nunca viste a peça e nunca leste o texto e nada sabe de marcações intenções interiorizações e te dizem que não importa porque é só um sonho e um sonho não precisa ensaio, e já não sabes se comesas a rir ou a gritar, então foges para encontrar o outro, mas o rosto da moça tem os olhos do homem e a boca da moça, os seios da moça são os seios da moça, aqueles mesmos, cujos bicos duros roçavam tua barba malfeita quando os beijavas, mas o sexo da moça é o sexo do homem, aquele mesmo que te inundava de esperma quente, e não sentes medo nem nojo, mas te afastas confuso e caminhas caminhas em busca do teatro para entrar em cena e desempenhar tão bem quanto possas o teu papel de sonho do sonho de outro, depois procuras procuras dentro do teatro, em pirâmides de estreitos corredores, e continuas procurando o palco, o vértice, a câmara real, a tua deixa, a tua marca, e antes de acordar não pensas, ou pensas, sim, eu não sei, ele não sabe, tu não sabes nem ninguém se de repente não estarás perdido nem não sabes o papel de cor, pois o palco é a procura do palco e o teu papel é não saber o papel e tudo está certo e a aparente desordem se ordena súbita e a grande ordem de todas as coisas é o caos girando desordenado assim como deve girar o caos, e assim mergulho eu e assim mergulhas tu e assim mergulha ele: a tontura de nossos seis passos equilibra-se instável e precisa sobre o fio da navalha. Mas – sei, sabes, sabemos – as uvas talvez custem demais a amadurecer. E quase não temos tempo (ABREU, 2018, p. 350-351).

Desse modo, acrescenta-se que abordagem dos Estudos Culturais surgiu com a pretensão de compreender a formação social, origens, formulações conceituais, posturas e a trajetória das transformações sociais centradas nos discursos os quais associavam cultura, sociedade, economia, lutas sociais e produção intelectual. Não obstante, para que sejam analisadas as representações da identidade do sujeito homoafetivo na perspectiva da escrita de si e do outro e nas narrativas orais há que se considerar a presença das novas complexidades trazidas pelas transformações dos discursos sociais e culturais, da linguagem. Por essa razão, deve-se considerar que: “O foco não é mais a conciliação de todos nem a luta por uma cultura em comum, mas as disputas entre as diferentes identidades nacionais, étnicas, sexuais ou regionais” (CEVASCO, 2003, p. 24). Portanto, a autora ressalta que os Estudos Culturais não pretendem a unificação das diferenças, sejam elas quais fossem, tampouco o enfrentamento entre os grupos sociais, como a disputa de espaços entre homoafetivos e heterossexuais, mas o respeito de um e do outro.

### **2.3 Percursos da crítica da literatura de autoria de minorias sexuais: apontamentos da crítica homoafetiva**

*laura tem um corpo  
e um nome que lhe pertencem  
laura de vermont presente!  
foi assassinada pela nossa indiferença  
e pela polícia brasileira  
tinha 18 anos.  
Adelaide Ivánova*

O fragmento do poema acima, da poeta pernambucana Adelaide Ivánova<sup>12</sup> traz explicita a identidade marginalizada de uma travesti – Laura de Vermont – a qual teve como causa *mortis* a indiferença social dos sujeitos e das nossas forças de segurança aqui representadas pela polícia brasileira quando mal ingressara na idade adulta. O tom do poema expressa “o modo como elas são vistas e descritas e não deixa de refletir o julgamento que é feito, por vezes, de forma inconsciente, dos integrantes desses grupos” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 49), não o grupo a que pertencia Laura, mas àqueles que matam a todas as Lauras. Os silêncios que rompem as frágeis máscaras da intolerância e do desrespeito à identidade sexual

---

<sup>12</sup> Jornalista, fotógrafa, poeta, escritora e tradutora brasileira, nascida em Recife, 1982. Lançou os livros “autotomy (...)” (Pingado-Prés, 2014), “Polaroides” (Cesárea, 2014) e “O Martelo” (Garupa, 2017). Recebeu o Prêmio Rio de Literatura na categoria poesia (2017). Vive e trabalha em Colônia e Berlim, na Alemanha (IVÁNOVA, 2017).

e orientação sexual do outro nas representações literárias somente saem da invisibilidade e do caráter doentio quando chegam à segunda metade do século XX com a crítica da Sociologia da Literatura, a abordagem dos Estudos Culturais e a Crítica da Literatura de Minorias. Mas, neste tópico o foco é abordar esta última, uma vez que ela é aquela que melhor enquadra os estudos sobre a literatura produzida por homoafetivos e sobre os homoafetivos, além disso, deve-se considerar que:

Discutir questões gays na e pela literatura, numa primeira visada, pode parecer um exercício estranho às atividades de um professor e crítico da literatura (também teórico), visto que o nível de discussão a ser entabulada exige daquele que se dispõe a essa empreitada o conhecimento de categorias teórico-metodológicas como ‘gênero’ e ‘sexualidade’, às vezes nem sempre de domínio daquele que envereda por esse caminho. Também poder-se-ia contraargumentar que, em razão do pouco domínio desse assunto, por parte do profissional das letras/literatura, não haveria a necessidade de ‘invadir’ outras cátedras ou áreas para se chegar à literatura ou às leituras do texto literário (SILVA, 2014, p. 63).

Esse fragmento evidencia que a crítica do texto que discute a vivência homoafetiva prescinde de conhecimento diverso do crítico, da Biologia às Ciências Humanas, a fim de que ele possa considerar que todos possuem um corpo que é biológico, porém a sua interação com o outro é social. E, nessa interação, supõe situar o uso de outros ramos do conhecimento – a Linguística, a Sociologia (Marxismo) e a Psicanálise (Psicologia) – para se chegar à compreensão do discurso literário o qual tematiza esta vivência e, assim, perceber as diferenças entre este tipo e os outros discursos e vozes. Posto isso, analisar um texto sob o viés da crítica da literatura de minorias sexuais, em particular, da literatura homoafetiva ou gay, exige saber que a sua histografia ainda é uma construção e, por isso, às vezes refutada pelos críticos literários, os quais defendiam que a arte literária independe da existência de fatos sociais. Inclusive se deve considerar que:

[...] a história da homotextualidade ainda está em processo de construção e autodefinição no campo da legitimidade institucional. Limitar-nos-emos, portanto, a um levantamento introdutório sobre o tema gay e sua produção literária, seguindo uma perspectiva histórica. Concentraremos nossa discussão na delimitação de uma perspectiva sobre os discursos homoeróticos masculinos que transitam entre diversos gêneros literários, discutindo como a problemática das relações homoeróticas emerge através de temas, comportamentos e personagens (SANTOS; WIELEWICKI, 2005, p. 296).

Mediante o fragmento, nota-se que os homotextos estão espalhados por todos os períodos da história desde a Antiguidade, contudo, a legitimidade deles, enquanto texto literário, é questionada pelos críticos defensores do cânone, para quem os homotextos são exemplos de mau uso da escrita e da criatividade. Isso exige saber que o cânone, desde a Antiguidade clássica, é entendido como “regra, um modelo, uma norma representada por uma

obra a ser imitada. Na Igreja, o cânone foi a lista mais ou menos longa, dos livros reconhecidos como inspirados e dignos de autoridade” (COMPAGNON, 2010, p. 222). Fora dessa lista estavam todos os textos nos quais se notava a presença do amor entre iguais, mesmo que escritos por autores que estivessem com seus nomes na lista, no Brasil, por exemplo, tratar de “Pílades e Orestes” (1906) e de “Frederico Paciência” (1947), respectivamente, de Machado de Assis e Mário de Andrade.

Para a tessitura da crítica e ensino dos homotextos deve-se partir da distinção entre os conceitos de literatura de autoria das minorias sexuais e da literatura menor, inclusive considerar que ela precisa “emancipar-se da história e da filologia, campos verdadeiramente distintos, exigindo professores diferentes, de mentalidades e terminologias especiais, já que os objetivos colimados são diversos” (COUTINHO, 2015, p. 26). Atendendo a esse dispositivo, carece perceber que as abordagens genealógica e estilística necessitam ser pensadas, a fim de que não se priorize uma em detrimento da outra. Caso contrário, se somente for priorizada a abordagem estilística nem toda obra de temática homoafetiva ou inscrita sob o signo de um grupo minoritário sobreviverá, pois a literatura de autoria das minorias prioriza e reivindica o político não os traços estilísticos do texto.

Essa reivindicação acaba por situar a literatura gay em um campo estranho, no qual não há unicamente a preocupação com o belo, o compromisso dessa literatura é com o político, uma contestação à história e ao lugar dos subalternos ou invisibilizados, um lugar da resistência onde os sujeitos que foram subalternizados deixa essa condição. Porque sujeitos subalternos não têm o poder da voz, neste contexto, os praticantes do vício dos clérigos ou amantes do pecado nefando estiveram colocados em tal lugar durante séculos. Entretanto, à medida que se tem uma narrativa ou poema no qual um narrador conta as suas experiências, seja as vividas por si ou as vidas pelos outros que o circundam, a subalternidade desaparece, porque a ele foi dado o poder de se comunicar, de ser o dono de uma voz.

A obediência à defesa do argumento de que cabe ao próprio homoafetivo “a tarefa de criar espaços e condições de autorrepresentação e de questionar os limites representacionais, bem como seu próprio lugar de enunciação e sua cumplicidade no trabalho intelectual” (SPIVAK, 2014, p. 18). Esse caminho serviu para apontá-la como uma literatura menor, enquanto que para os defensores do cânone, sendo arte da palavra, a literatura carece “originar-se na imaginação criadora, cujo objetivo é despertar um estado emocional, o prazer artístico. Não visa, portanto, ao conhecimento, à informação, ao ensinamento” (COUTINHO, 2015, p. 115). Para o crítico brasileiro, a literatura não pretende ensinar nada a ninguém, ela

não surge com outro propósito a não ser – ser arte – porque nasce com uma função puramente estética.

Por outro lado, o ato de suscitar a catarse, de fazer emocionar (rir ou chorar), que é próprio do texto literário, é fruição estética e também apresentada na expressão dos conflitos vividos pelos homoafetivos nas suas narrativas. Por exemplo, o distanciamento, silenciamento e esquecimento e esquecimento dos pais de Eduardo em relação a ele em **Stella Manhattan**, de Silviano Santiago (2017); as tensões e lutas individuais de Mateus para dissimular e ocultar a identidade homoafetiva em **Confissões ao Mar**, de Kadu Lago (2010) e; no relato de Marcus Dório, sobretudo quando revela ao pai acerca da descoberta do se sentir gay, inclusive já ter recorrido à tentativa de suicídio por não se aceitar como tal, em **O terceiro travesseiro**, de Nelson Luiz de Carvalho (2007). Há também a surra dada em Aglailson/Marjorie, o preconceito do professor para com este na Universidade, no romance **O Diário de Marjorie: memórias de uma travesti**, de Marcos Soares (2014) e as mortes dos jovens como mostra do preconceito contra homoafetivos como é o caso de Bitinho, no romance de Salomão Larêdo (2015).

Nesta perspectiva, está implicada a segunda característica da literatura menor, pois “seu espaço exíguo faz que cada caso individual seja imediatamente ligado à política. O caso individual torna-se, então, tanto mais necessário, indispensável, aumentado ao microscópio, quanto toda uma outra história se agite nela” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 36). O posicionamento dos filósofos franceses orienta o leitor a demarcar o espaço ocupado pelos sujeitos gays nas narrativas e, com isso, ampliar suas dores sem romantizá-las, este não é o intuito daquele que narra, porque nenhuma dor, seja ela individual ou coletiva, necessita de romantização da história. No caso da vida homoafetiva, ela era e continua dura para aqueles que assumem identificar-se com essa orientação sexual, além de sofrer as marcas dos discursos de infração que perduram por séculos. Por essa razão, ao considerar a perspectiva histórica da literatura de autoria de minorias sexuais sustenta-se que:

[...] o levantamento histórico de grupos oprimidos resgata a memória fundamental para se entender os processos identitários experimentados em cada grupo. Observamos, porém, que, em sentido lato, tal levantamento deve ir além de ressentimentos, mitificações de histórias de resistência, da opressão e repetição de estereótipos produzidos por ideologias oficiais; no caso da literatura homoerótica, a misoginia, a homofobia, o heterossexismo, entre outros. Nesse prisma, a revisão histórica construirá memórias alternativas constituídas em um referencial político central para a constituição de uma sociedade multicultural como a brasileira. Dentro dos estudos homoeróticos, observamos a presença de uma emergência política muito próxima dos *Queer Studies* americanos, ainda pouco exercitada pelos grupos indígenas e afro-brasileiros (SANTOS; WIELEWICKI, 2005, p. 296).

Em se tratando do fragmento acima se percebeu que a literatura de autoria de minorias sexuais posiciona-se como depositária da memória individual, das dores, angústias, desejos e percepções a partir das suas experiências, por isso, esta corrente da crítica pretende revisitar a cultura brasileira na emergência do político. A instauração desse aspecto dialoga com o surgimento da *Teoria Queer*, a qual se coloca não apenas como contraposição à norma, uma recusa à binaeriedade dos gêneros e à limitação da identidade homoafetiva, mesmo que usado o termo “*queer*” como sinônimo de gay. Por isso, pode ser afirmado que: “a cultura *queer* reivindica o termo ‘queer’ como adjetivo que se diferencia da relativa respeitabilidade de ‘gay’ e ‘lésbica’, então podemos dizer que teoria ‘*queer*’ como verbo que põe em dúvida as pressuposições sobre ser e agir de modo sexual e sexuado” (SPARGO, 2017, p. 33).

Mediante o exposto acerca da reivindicação contida no *queer*, uma vez que a mudança dos termos opera no sentido de uma ação política de contestação, não para reduzir a importância dos paradigmas do passado, porém se quer a desconstrução dos olhares atravessados à orientação homoafetiva. Devido a isso se compreendeu que essa teoria se coloca “incessantemente em desacordo com o normal, a norma, seja a heterossexualidade dominante ou a identidade gay/lésbica. É categoricamente excêntrico, a-normal” (SPARGO, 2017, p. 33). O colocar-se em desacordo com aqueles que se mostram donos do poder é, também, parte do exercício de uma literatura menor, sobretudo, quando se apoia a presença da língua como característica primeira dessa vertente, o “*queer*” é um termo desterritorializado. Por conseguinte, “esse estudo das funções encarnáveis em línguas distintas só leva em conta diretamente fatores sociais, relações de forças, centros de poder muito diversos; ele escapa ao mito ‘informativo’, para avaliar o sistema hierárquico e imperativo da linguagem como transmissão de ordens, exercício do poder” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 47).

Convém ainda ressaltar que a crítica da literatura de autoria de minorias sexuais (homoerótica), embora procure recuperar obras que representam as identidades gays desde o Período Colonial, com maior abrangência a partir do século XIX e sua afirmação, no século XX. Seguindo a perspectiva histórica, o professor e crítico, Ítalo Moriconi (2002), dividiu-na em três dimensões – sentimental, erótico-pornográfica e a escrita de AIDS, essa divisão serve como instrumental para a análise dessa vertente literária.

Na primeira, estão os romances e outros escritos que tematizam a solidão, os conflitos decorrentes da revelação do amor e dos afetos, reveste-se de uma maior densidade psicológica, expressão das memórias afetivas e dos traumas dos sujeitos, a exemplo do que se vê em **O terceiro travesseiro** e no romance **Confissões ao Mar**. A segunda consiste na expressão mais latente das pulsões da sexualidade, inclusive chega a parecer obsessivo, as

identidades gays presentes não são tão pudicas e nem escondem seus sentimentos ou relações amorosas e a linguagem que descreve o encontro amoroso não se deixa regular por discursos de interdição, “Cachorro doido”, traz um pequeno trecho que ilustra essa dimensão. Já a última diz respeito aos textos que abordam a experiência do viver com o vírus da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), nenhuma das narrativas selecionadas no corpus analítico tem essa dimensão, os personagens analisados nenhum deles vive com a doença mencionada, dos que subsidiam esta subseção só **Cinema Orly**.

Essa obediência cega a um modelo de inspiração teológica instaura-se, na literatura oitocentista, como uma crença na ideia de que o leitor “espera dos profissionais da literatura que lhe digam quais são os bons livros e quais são os maus: que os julguem, separem o trigo do joio, fixem o cânone. A função do crítico literário é, conforme a etimologia, declarar: ‘Acho que este livro é bom ou mau’” (COMPAGNON, 2010, p. 221). É nesse julgamento que os homotextos foram considerados como obras de menor valor para a existência de um gosto estético, uma vez que para os acostumados à lista canônica qualquer narrativa, poema ou teatro que não tivesse o conteúdo ou forma por eles desejada seria destituído de valor. A noção de desvio à norma é aprofundada por essa lista ter sido construída por autoridades eclesiásticas, assim, os bons textos teriam aspecto divino, enquanto aqueles que não tinham esse gosto seriam textos ruins, de mau gosto, mas aqui a noção de gosto é relativa aos costumes da elite burguesa (WILLIAMS, 1979). Neste sentido, ressalta-se ainda que:

Assim, a crítica e a teoria literária estudadas nos meios acadêmicos têm papel fundamental na definição de literatura e nas possibilidades e restrições das leituras literárias. Como nos ensina Foucault (1996), as disciplinas não só possibilitam discursos como os restringem. Antes de os estudos culturais, feministas e pós-coloniais, por exemplo, serem validados pela academia, leituras de literatura de massa, de autoria feminina e de autoria de minorias étnicas e sexuais, estavam “fora da verdade” acadêmica. O contexto histórico não propiciava que tais textos fossem considerados fonte legítima de estudos. Hoje em dia, apesar de encontrarmos alguma resistência por parte de alas mais conservadoras dos estudos literários, essas literaturas antes ditas “marginais” não são mais banidas das salas de aula e das publicações especializadas (ZAPPONE; WIELEWICKI, 2005, p. 28).

Consoante o fragmento reitera-se que os textos, que compõem o que se convencionou chamar de literatura de temática homoafetiva ou literatura gay, tiveram a princípio tratamento jocoso e de escárnio como aparecera em Gregório de Matos e/ou como uma sexualidade interdita, em razão do tempo em que foram elaboradas as obras. Se o tempo histórico é fator preponderante para a construção da escrita literária conforme apontado pelas autoras, ver-se-á que no conto de Mário de Andrade, o amor entre os adolescentes permanecerá mudo dentro deles, apenas uma “amizade eterna”, que não evolui para o amor erotizado. Tal qual a

amizade que se fizera sentir entre o Quintanilha e o Gonçalves, do conto machadiano, mas que por força do tempo, também, não se pudera realizar, assim a estratégia usada pelos autores, ainda que não necessariamente correspondessem ao seu modo de pensar, era a de sufocar esse amor como notado em:

Agora falávamos insistentemente da nossa “amizade eterna”, projetos de nos vermos diariamente a vida inteira, juramentos de um fechar os olhos do que morresse primeiro. Comentando às claras o nosso amor de amigo, como que procurávamos nos provar que daí não podia nos vir nenhum mal, e principalmente nenhuma realização condenada pelo mundo. Condenação que aprovávamos com assanhamento. Era um jogo de cabeças unidas quando sentávamos pra estudar juntos, de mãos unidas sempre, e alguma vez mais rara, corpos enlaçados nos passeios noturnos. E foi aquele beijo que lhe dei no nariz depois, depois não, de repente no meio duma discussão rancorosa sobre se Bonaparte era gênio, eu jurando que não, ele que sim. – Besta! – Besta é você! Dei o beijo, nem sei! Parecíamos estar afastados léguas um do outro nos odiando. Frederico Paciência recuou, derrubando a cadeira. O barulho facilitou nosso fragor interno, ele avançou, me abraçou com ansiedade, me beijou com amargura, me beijou na cara em cheio dolorosamente. Mas logo nos assustou a sensação de condenados que explodiu, nos separamos conscientes. Nos olhamos olho no olho e saiu o riso que nos acalmou. Estávamos verdadeiros e bastantes ativos na verdade escolhida. Estávamos nos amando de amigo outra vez; estávamos nos desejando, exaltantes no ardor, mas decididos, fortíssimos, sadios.

- Precisamos tomar mais cuidado. (ANDRADE, 2011, p. 108-109).

O fragmento do conto exposto acima exprime a ousadia do amor adolescente, o não sufocamento do amor que quer a sua liberdade, entretanto, a interdição social não permite que as escolhas e juramentos dos amigos desejosos de serem amantes sejam cumpridos, embora eles não vissem nenhum mal em assumir esse amor. Contudo, a moral social da sociedade brasileira, do século XX, era marcada pela dominação do sentimento religioso e da produção capitalista para quem o amor homoafetivo representava o pecado da carne, nefando ou ainda a desagregação e não reprodução da estrutura familiar como apontado por Trevisan (2002). Por isso, os homoafetivos deveriam permanecer isolados no armário, este “é a estrutura que melhor sintetiza a opressão gay neste século” (SEGDWICK, 2003, p. 11), entretanto, nem Juca, nem Frederico querem essa prisão, eles querem se unir, enlaçar-se ou se beijar como descrito no trecho.

Por outro lado, o desejo dos dois amantes é quebrado pelo rompimento do silêncio com a queda da cadeira, esse móvel no conto assume a voz do meio social, aquele que repreende a lascívia do sentimento dos meninos, porque se não provocados poderiam ir além, cedendo aos impulsos da carne adolescente. Também a sensação do beijo entre os dois, beijo esse que de doloroso traz a sensação de condenação, isto é, eles se sentem pecadores, a moral religiosa falando mais alto dentro deles, ambos estudavam numa escola mantida por uma Ordem religiosa – os maristas – e dirigida por Irmão Bicudo, assim reuniam em si a formação

social e a moral. Além de estudar numa escola de princípio religioso, ambos frequentavam a missa aos domingos, dia em que estes, mesmo não estando na escola, mantinham-se inseparáveis, conforme visto em: “Os domingos dele me pertenceram. Depois da missa fazíamos caminhadas enormes” (ANDRADE, 2011, p. 102).

A verdade é que tanto Juca quanto Frederico tinha consciência daquilo que sentiam um pelo outro e das limitações que este amor sofria, tinha a diferença de classe social, Frederico tinha maior poder aquisitivo que aquele e mais tarde do distanciamento entre eles. Frederico Paciência foi para o Rio de Janeiro, a fim de estudar Medicina, e Juca continuara em São Paulo, onde estudara Música e aos poucos foram se afastando um do outro, sendo a última correspondência um telegrama trocado por ocasião da morte da mãe de Frederico. A primeira metade do século XX carrega os silêncios e omissões que envolvem o amor homoafetivo como presentes no conto de Mário de Andrade, no qual se diz: “suas vivências íntimas mais do que fluem de uma homosociabilidade para um homoerotismo: processam uma consciência da impossibilidade de sua relação, na qual os interditos e os silêncios constituem uma afetividade sempre truncada, ora pelas exigências sociais, ora pela morte, ora pela distância” (OLIVEIRA, 2015, p. 16).

Essa fidelidade entre amigos aparecera como tema no conto “Píldes e Orestes”, de Machado de Assis, publicado originalmente no livro **Relíquias de Casa Velha** (1906) e, em 2007, no volume de contos **Entre nós: contos sobre homossexualidade**, organizado e coordenado por Luiz Ruffato. Nessa narrativa é contada a história da cumplicidade e amizade que acompanhara a vida de Gonçalves e Quintanilha, este é advogado, todavia “não seguiu advocacia nem magistratura, meteu-se na política; mas, eleito deputado provincial em 187... cumpriu o prazo da legislatura e abandonou a carreira. Herdara os bens de um tio, que lhe davam de renda cerca de trinta contos de réis” (ASSIS, 2007, p. 23). Aquele tinha o rosto comprido, alto e claro, quase a mesma idade de Quintanilha, de quem recebia um tratamento quase paternal ou até com mais carinho, cautelas e pensamentos que num relação paternalista (ASSIS, 2007).

Não há no conto nenhum contato mais íntimo que explicita claramente a homoafetividade de ambos, eles não dormem na mesma cama, apenas, estão sempre juntos e Quintanilha tem larga afeição pelo amigo, o que gera a suspeição da família e dos vizinhos dele [Quintanilha] de que haja entre os dois um contato amoroso mais íntimo. Essa suspeita foi alimentada e inventada pela família de Quintanilha, pois esta se via preterida por ele e o ciúme que a corroía em virtude do interesse maior – a herança deixada a ele por um tio – ao que ele reagia. A suspeita das instituições acerca da relação entre dois revela que “o tabu da

homossexualidade é um dos mais sólidos ferrolhos morais das sociedades pós-industriais, com base em novos e velhos argumentos” (TREVISAN, 2002, p. 19). Mesmo que o País ainda não fosse uma Nação industrializada, como ainda não o é na maioria das regiões, a família e a vizinhança se personificavam nesses “ferrolhos morais” os quais se punham como contrários ao amor entre pessoas do mesmo sexo. Todavia, para os exilados, mesmo fora do seu ambiente, os homoafetivos, na segunda metade do século XX, podem desfrutar dos seus prazeres desde que o faça às escondidas como acontece no conto *Interlúdio em San Vicente*, de João Silvério Trevisan.

Arturo apressou-se em intalar a bandeja, sentou-se, alisou o babado do avental e, enquanto servia açúcar, soltou uma voz lisa como veludo, sorrateira como nenhuma outra poderia ter sido:

- *Así que a usted también le gustan los muchachos...*

O outro sentiu-se um pouco incômodo. Depois fingiu mal-estar. Em seguida, entregou-se e baixou os olhos.

- *No se preocupe usted. Yo sé muy bién que ya estoy viejo. No voy a hacer sugerencias imundas, ni pensarlo.*

Ele olhou os olhos de Arturo e Arturo compreendeu. Seria súplica ou simplesmente solidão, mas Arturo entendeu.

- Si gusta, puedo hacerle un regalo. Basta no más llamar por telefono. Papá Arturo ya tiene todo organizado, después de tantos años...

Trocaram olhares sem sim nem não (TREVISAN, 2007, p. 218).

Mediante o paradigma posto, compreendeu-se que a sociedade contemporânea ainda não convive bem com a ideia de as homoafetividades estarem fora dos seus armários, entretanto, eles se reconhecem entre si e podem ajudar uns aos outros na procura por parceiros ou mesmo amarem-se dentro do mesmo grupo. Por outro lado, observa-se que o viés ideológico do processo de industrialização das sociedades europeias do século XIX orienta os comportamentos sociais os quais satisfariam as necessidades de consumo e produtividade, além do fornecimento de mão-de-obra para a indústria. Essa pressão do capitalismo sobre o amor homoafetivo reforça o argumento de que o assumir-se homoafetivo é, literalmente, colocar-se em posição contrária à unidade familiar, à força do patriarcado e, por isto, deve ser controlada, perseguida e, em último caso, exterminada (OKITA, 2015). Por outro lado, os amigos parecem não se incomodar com a pressão social e vigilância posta sobre eles pelos ferrolhos morais, assim, o narrador diz: “A vida que viviam os dous era a mais unida deste mundo. Quintanilha acordava, pensava no outro, almoçava e ia ter com ele. Jantavam juntos, faziam alguma visita, passeavam ou acabavam a noite no teatro” (ASSIS, 2007, p. 25).

O fragmento expressa que os amigos eram muito unidos e estavam sempre juntos nas mais diversas ocasiões, dito isto, não há a presença de elementos que possam traduzir ou representar o homoerótico no texto machadiano, mas uma homoafeição regulada por

condições historicossociais. São essas condições que orientam para os silêncios acerca do sentimento nutrido pelos amigos, inclusive menciona-se a clandestinidade a que eram submetidas às relações homoafetivas na *Belle Époque*, assim, o silêncio é condição *sine qua non* para a clandestinidade (TREVISAN, 2002). Dessas condições ressalta-se a ideia da negação à presença do reconhecimento da relação afetivo-amorosa-sexual entre dois homens, no caso, a escolha do termo amizade para justificar a união desmedida dos dois. Por isso, exprime-se:

Creio que o exame da relação entre homossexualidade e escritura não deve incidir sobre as modalidades de codificação ou de incorporação de uma homossexualidade preexistente. Será preciso, pelo contrário, verificar como o texto define e descreve (e, portanto, cria) a homossexualidade da qual ele fala. O procedimento de interpretação literária sugerido aqui (...) é menos direto do que parece. Pois a própria escritura desempenha um papel na economia discursiva de que falei (ALLEN, 1994, p. 20, **tradução livre**).

Conforme o excerto compreendeu-se que, mesmo contrariando a teorização, a literatura homoafetiva ou gay procurava incorporar ou somente codificar as representações das identidades dos sujeitos homoafetivos. Nesta perspectiva, vê-se que as construções tecidas nos séculos XIX e nas primeiras décadas do século XX são bastante similares e se mostram em consonância com os preceitos morais e sociais da época e também os locais onde o encontro amoroso entre dois homens ou duas mulheres pode acontecer. As habitações coletivas como os internatos, os quartéis e os conventos podem ser espaços ideais para a manifestação do amor homoafetivo, a exemplo dos espaços de **O Ateneu**, de Raul Pompeia, onde os meninos mais velhos se aproveitam sexualmente dos meninos mais novos em troca de proteção a estes. Já em **Bom-Crioulo**, de Adolfo Caminha, o espaço é a corveta, a embarcação onde circulava as personagens Aleixo e Amaro, nele a ausência do feminino possibilita que os homens mais velhos possam se aproveitar dos mais novos para a prática sexual assim como acontecera na trama de Caminha.

Há relatos históricos nos quais “colégios e internatos foram vistos como lugares onde proliferaria a ‘perversão’ sexual, tanto de meninos quanto de meninas, cabendo aos professores, inclusive, o papel de corruptor. Há romances célebres sobre o tema, afora inúmeros documentos de diversas partes do mundo” (GREEN; POLITO, 2006, p. 34). A justificativa para que esses locais fossem também o lugar de liberação dos impulsos sexuais era a ausência do sexo oposto e a necessidade fisiológica do gozo dos sujeitos que neles se encontravam, era o caminho para que eles pudessem produzir mais, embora a relação entre iguais fosse considerada uma violação aos estatutos das instituições. Convém ressaltar que se até o século XIX, os internatos eram tornados espaços de homosociabilidade e de início da

sexualidade dos adolescentes há, na contemporaneidade, diversos textos que apresentam a escola como esse espaço, por exemplo, **O Diário de Marjorie: memórias de uma travesti** (2014), de Marcos Soares. Acerca dessa experiência da personagem Marjorie/Aglailson menciona-se:

Certa vez, fiquei furiosa, com os *Três Mosqueteiros* (era assim que chamávamos três meninos, inseparáveis, três pestes, e que eram o terror da escola). Eriberto (Porthos), Severino “quatro olhos” (Aramis) e Tobias (Athos) seguiram-me até o banheiro e, quando eu estava urinando, me seguraram por trás, baixaram meu calção e começaram a me bolinar, chamando-me de Marjorie, uma puta francesa de quem eles tinham ouvido seus pais falarem, e que vivera na capital. Dei uma cotovelada no ovo de Tobias, meti a mão na cara de Severino, cujos óculos caíram na privada, e me atraquei com Eriberto, que levou uma mordida no braço até sangrar. Eles saíram correndo, jurando vingança. Na escola, ninguém ficou sabendo e, em casa, também não. Na semana seguinte, eles tornaram-se meus amigos, e passei a namorar os três, sem que nenhum soubesse dos outros. Era um namoro besta, a gente se beijava, fazia troca-troca, na realidade eu só fazia troca-troca com Severino e Tobias, pois Eriberto não gostava, só queria roçar em mim. Roçando em mim, por trás, pegando nos meus peitinhos. Eu adorava. Eriberto era de quem eu mais gostava. Pegava-me com força e me chamava de Marjorie. Esse namoro durou até terminar o primário. Saí da escola aos 11 anos (SOARES, 2014, p. 7-8).

Fica evidenciado no fragmento que a escola pode ser também o espaço da iniciação homoafetiva, visto que nela os sujeitos sociais interagem não apenas para o desenvolvimento do intelecto, mas para a formação integral do sujeito, inclusive para discutir sexualidades. Isso não significa concordar que o sexo seja praticado na escola, tais instituições não foram criadas para esse fim. Percebeu-se no excerto que o narrador conta de modo contumaz a violência que os homoafetivos sofrem no cotidiano escolar, para estes a escola não é o lugar do aconchego como se vê nos livros, é um lugar de desafios múltiplos que muitas vezes não são transpostos e acabam por contribuir e se associar a outros, resultando no afastamento total da escola. Há na narrativa, ao menos, duas ocorrências nas quais Marjorie abandona a escola: a primeira quando termina o curso primário e a segunda quando já tinha ingressado no Curso de Secretariado em uma Universidade pública, da capital pernambucana, e ali é destrutada por um professor (SOARES, 2014).

Além de **O Diário de Marjorie: memórias de uma travesti** (2014), de Marcos Soares, há outras narrativas as quais trazem o espaço escolar ou ações correlatas ao currículo da instituição escola como um dos ambientes onde o sujeito começa a se perceber como homoafetivo ou a ter sua iniciação amorosa no campo da homoafetividade. O conto *Cachorro Doido*, do escritor paraense Haroldo Maranhão (1927 – 2004), publicado no livro **Jogos Infantis** (1986), é um exemplo desse argumento, pois nele é narrada a experiência afetiva de Luiz/Luizinho e Carlos/Carlão. Este, quando, na escola procura diversos apelidos para nomear o novo amigo, entretanto, nenhum deles se adéqua ao perfil de Luiz, Luizinho seria assumir

para si a condição da passividade. Por sua vez, o aumentativo – Luizão – também não cabeira porque não haveria concordância com o biótipo daquele, depois, nomeia-o de Acapu e, por último de Cachorro Doido, que dá título ao conto.

Os apelidos dados por Carlão ao novo amigo da escola parecem inocentes, Cachorro Doido, o ideal, pois se o associarmos à representação do animal fora de si, sinalizaria o medo e o perigo ao outro, o que o leitor menos experiente não percebe é que se trata de estratégia de Carlos para legitimar seu poder sobre aquele a quem ele julga mais fraco. Essa suposta fraqueza dá lugar para que Carlão procure meios de se aproveitar do outro, assim, no instante em que ele é convidado por Luizinho para estudarem juntos na casa deste, aquele imagina ser apenas uma estratégia de Luiz para a ele se entregar. Por isso, exclama para si que o novo colega “não passa dum bom fresco” e assim projeta como terá relações sexuais com ele: “Tá na cara. Vou comer hoje o ‘Cachorro Doido’. Só na minha cabeça que iam acreditar que o mimoso é cachorro doido, quem nasce para Luizinho, morre Luizinho” (MARANHÃO, 1986, p. 18).

Em consonância com os estereótipos associados à homoafetividade atribuídos ao novo amigo e na busca por testá-lo, enquanto estudava na casa de Luiz, Carlão faz a alegação de que somente estuda se estiver nu, pois o calor não o possibilita aprender. Essa exibição de Carlão consiste no mito de que todo homoafetivo “é um viciado em sexo, sexófilo insaciável” (MOTT, 2003, p. 34) e, por essa condição não deixaria de notar e se entregar a um homem jovem, além de configurar assédio sexual por parte daquele que se mostra. Também relacionado ao ambiente escolar está o conflito primeiro de Marcus Dório, o protagonista de **O terceiro travesseiro** (2007), de Nelson Luiz de Carvalho, embora a escola não seja o espaço principal da ação, tampouco existam cenas do contato amoroso-sexual dos dois no referido ambiente. Entretanto, é em meio às atividades escolares como estudar para a prova e assistir a um jogo de futebol, no ginásio da instituição, que Marcus expõe ao leitor as inquietações com relação a sua orientação sexual.

Em se tratando, ainda, do nascedouro das relações homoafetivas e seus conflitos na escola ou em espaços correlatos a ela, em **Confissões ao Mar** (2010), de Kadu Lago, o protagonista Mateus revela, no capítulo quatro, que estudara nas melhores escolas da capital maranhense. O capítulo ainda dá conta de que foi numa viagem a Morros que ele conhecera Giovanni, o garoto que fora a sua primeira paixão homoafetiva, no entanto, essa paixão não se desenvolve porque as amarras sociais as quais condicionavam Mateus eram mais fortes do que ele. Essa firmeza da reação ante as amarras pode ser verificada quando o protagonista diz não ao afeto que Giovanni confessa ter por ele: “Falei sem certezas, mas fui convincente em

tudo que eu disse. Em todas as vezes que abri a minha boca, fechei o coração de Giovanni” (LAGO, 2010, p. 18). Esse conflito é dado como natural para os sujeitos que procuram refutar seus sentimentos, sobretudo, no caso de Mateus que provinha de uma família cristã evangélica e apontava o amor entre pessoas do mesmo sexo como pecado nefando.

Considera-se que a escola não determina, em nenhum momento, a construção da identidade homoafetiva, caso assim fosse todos os homens e mulheres os quais passaram pelo processo formal de educação seriam homoafetivos e isso não ocorre. Podem ser explicadas essas ocorrências em virtude da democratização do acesso à educação, no qual mesmo aqueles que não podem custear uma educação privada, enquanto há outros que, por conta de sua classe social e lugar de nascimento não têm essa mesma condição de acesso. De uma outra perspectiva, as representações dos homoafetivos na escola são marcadas pelo abandono por este ambiente ser hostil a essas identidades e, quando, esses sujeitos permanecem são estereotipados, como visto na descrição de Romualdo Bento, o Bitinho, no romance **Olho de Boto** (2015), do escritor cametaense Salomão Larêdo.

O filho desmunhecava diante de toda a comunidade. Bitinho, cabeludo, pra muitos, transviado que gosta de *twist* e de *la bamba*, não se continha; era natural sua maneira de ser. Pronunciava inglês perfeito no quarto ano do ginásio e, corpulento, andava compassado, segurando os cadernos à moda das mocinhas. Com a voz macia, sofria sua frescura sem saber como expandir-se naquele lugar pequeno e num colégio de regras rígidas, que o pai recomendava e culpava a mãe, que se lamentava às amigas o filho daqueles modos esquisitos (LARÊDO, 2015, p. 21-22).

Outros espaços de homossociabilidade, como bairros, boites, bares, cafés praças, saunas, avenidas, praias, redes sociais e cinemas, surgiram ao longo dos séculos XX e XXI, entretanto, estes não têm caráter educativo, eles servem para a paquera, sexo e entretenimento. Sobre estes ambientes é revelado que: “Nos cinemas, cafés e áreas de cortejamento, homossexuais de todas as classes aproveitavam as longas horas de almoço e o momento da cerveja após o expediente para socializar-se, fazer novos amigos e encontrar parceiros sexuais” (GREEN, 2000, p. 257). Nessa direção, no romance **Cinema Orly** (1999), evidencia-se que o cinema pode ser considerado um espaço de homossociabilidade, embora existam algumas ressalvas como revelado ao leitor no excerto que segue:

À saída do Orly sempre tinha a preocupação de encontrar alguém conhecido. Parecia que iria ser vigiado pelos olhares de quem estivesse passando na rua. Na verdade, ninguém notava nada e nunca encontrei nenhum conhecido à saída. Nenhum amigo meu frequentava o Orly. Não era ambiente para eles, eu acho. Mas era comum encontrar conhecidos. Uma vez, loucamente, convidei uma amiga para ir, mas ela não foi. Ia ser muito estranho uma mulher lá dentro, ainda mais minha amiga (CAPUCHO, 1999, p. 30-31).

A obra de Luís Capucho, em consonância com o pensamento de Green (2000), demonstra o cinema como um dos maiores lugares de pegação dos homoafetivos, entretanto, o narrador teme ser visto pelos conhecidos quando saía do Orly, além de ressaltar que nenhum dos seus amigos frequentava a esse espaço. Todavia, essa violação dos espaços pode acontecer em outras instituições, por exemplo, na casa paterna, como visto no conto *Uma branca sombra pálida* (1996), de Lygia Fagundes Telles. Nele, Gina rompe esse invólucro quando recebe Oriana em seu quarto para traduzir músicas – *A Whiter Shade of Pale* – que traduzida para o português temos a frase-título do conto – Uma Imagem Mais Branca. Entretanto, o clímax da narrativa é alcançado com a conversa entre a mãe (a narradora) e Gina, após aquela ter ciência de que sua filha era lésbica e mantinha uma relação com Oriana quando a recebia no seu quarto para ouvir jazz e traduzi-la.

Comecei falando em trivialidades, me lembro que cheguei a oferecer-lhe um refresco. Ou quem sabe preferia um chá? Sem interromper a tarefa que executava como se dispusesse de uma régua para podar os caules sempre no mesmo tamanho, agradeceu, tinha tomado um lanche com amigos. Confesso que não sei, até hoje não sei por que de repente, sem alterar a voz, comecei a falar com tamanha fúria que não consegui segurar as palavras que vieram com a força de um vômito, Gina querida, como é que você tem coragem? De continuar negando o que todo mundo já sabe, quando vai parar com isso? Ela levantou a cabeça e ficou me olhando. Mas o que todo mundo já sabe, mamãe? Do que você está falando? Cheguei perto dela, acho que me apoiei na mesa para não cair. Mas ainda me pergunta? Falo dessa relação nojenta de vocês duas e que não é mais novidade para ninguém, por que está se fazendo de tonta? Não vão mesmo parar com essa farsa? Seria mais honesto abrir logo esse jogo vai, Gina, me responde agora, não seria mais honesto? Mais limpo. [...] Cruzei os braços com força porque eram os meus dentes que agora batiam. Levantei a voz, mas falei devagar. A escolha é sua, Gina. Ou ela ou eu, você vai escolher, não vai? Ou fica com ela ou fica comigo, repeti e fui saindo sem pressa. [...] mas em momento nenhum me ocorreu que além das duas saídas que lhe ofereci, havia uma terceira. Que foi a que ela escolheu, cortar com aquela tesourinha, tique! O fio da vida no mesmo estilo oblíquo com que cortara os caules (TELLES, 1996, p. 160-163).

Verifica-se no excerto que a mãe de Gina tenta dissimular aquilo que sente em relação à descoberta da homoafetividade da filha, contudo, o impacto dessa descoberta parece vencê-la quando a mãe perde o controle e dirige várias perguntas à filha e todas num tom raivoso. Mas a protagonista não a responde, porque “nenhuma das teorias existentes sobre as causas de homossexualidade nos convence e a nossa tendência é de tratá-las todas, sem exceção, como produções ideológicas” (FRY; MACRAE, 1983, p. 7). Percebeu-se ainda que a convicção da mãe é de que a filha deve assumir a sua orientação sexual diante da sociedade e a encurrala a fim de que ela escolha a mãe ou a amante, porém é o peso de não ter de escolher que leva Gina à morte. Portanto, tecer uma crítica dos homotextos é possibilitar a construção de um novo olhar sobre os diversos aspectos relacionados à vivência dos homoafetivos.

## 2.4 A escrita de si na literatura homoafetiva

*Dor, de minha alma, é madrugada  
E aportam-me lembranças de quem amo.  
E dobram sonhos na mal-estrelada  
Memória arfante donde alguém que chamo.*  
Mário Faustino

A estrofe do soneto do piauiense Mário Faustino remete, desde o primeiro verso, à dor existencial do sujeito que expõe a si, ou melhor, canta suas subjetividades para o outro, inclusive as dores mais profundas, as dores do amor e da memória da pessoa ama. Essas marcas podem ser percebidas no uso reiterado do pronome possessivo “minha”, do pronome pessoal do caso oblíquo “me” e dos verbos na primeira pessoa do singular “amo” e “chamo”, respectivamente, no segundo e quarto versos. No caso, percebeu-se que esse discurso como todos os outros carregam uma intencionalidade, o eu lírico tanto seleciona as palavras quando as dota de um sentido que devem ser perseguidos pelo leitor, não apenas para saber o que o texto quer dizer, mas como o texto significa. Acrescenta-se ainda que essa estratégia discursiva não é característica exclusiva da literatura contemporânea ou da literatura homoafetiva, entende-se que:

Tal postura supõe a delimitação do campo de interesse à abordagem do funcionamento específico dos mecanismos internos de organização textual, sem desprezar sua articulação com um determinado regime de leitura no âmbito do sistema literário e social, a fim de estabelecer os traços configuradores de uma modalidade narrativa que, apesar de suas características particulares, mantém afinidades com outras modalidades vizinhas (MIRANDA, 2009, p. 25).

Observa-se que esta estratégia da organização textual não é traço identificado somente na poesia de Mário Faustino ou dos autores que abordam as minorias sexuais como a vivência da população homoafetiva em suas criações, também não há um gênero literário específico em que esses traços possam ser identificados. Outro procedimento precisa ser esclarecido – a adoção da escrita de si e não do “pacto autobiográfico” – a adoção da primeira, conforme a perspectiva foucaultiana, vai além da dimensão da biografia, pois aplicar a crítica biográfica neste estudo implica trazer um julgamento sobre quem escreve e não sobre o narrador.

Por sua vez, convém mencionar que o pacto autobiográfico pode ser definido como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014, p. 16). Conforme o exposto pelo autor compreendeu-se que o ato narrar a si representa uma ação de cunho memorialístico dos sujeitos que pode ser representada em

primeira ou terceira pessoa, a pessoa gramatical na perspectiva da interação para Benveniste e até mesmo Lejeune pouco importa, visto que ambas não extraem o eu do texto, como observado no poema “Onda” de Antonio Cícero que segue transcrito.

### Onda

Conheci-o no Arpoador,  
garoto versátil, gostoso,  
ladrão, desencaminhador  
de sonhos, ninfas e rapsodos.

Controu-me feitos e mentiras  
indeslindáveis por demais  
eu todo ouvidos, tatos, vistas,  
e pedras, sóis, desejos, mares.

E nos chamamos de bacanas  
e prometemo-nos a vida:  
Comprei-lhe um picolé de manga

e deu-me ele um beijo de língua  
e mergulhei ali à flor  
da onda, bêbado de amor.  
(MACHADO; MOURA, 2017, p. 56).

O objeto de estudo aqui é a literatura, ou melhor, o texto ficcionalizado, não a vida dos autores, nem suas orientações ou identidades sexuais, além disso, “muita gente prefere não sair do armário, e tirar alguém à força é um ato de violência, além de uma invasão à sua privacidade e uma negação dos seus direitos individuais” (BIMBI, 2017, p. 48). Do contrário se corria o risco de em vez de que fosse produzida uma tese de valor científico fosse produzido um texto qualquer, sensacionalista e de que não se trouxesse contribuição para as representações das identidades homoafetivas e para a crítica da literatura. Por sua vez, acrescenta-se que essa linha de pesquisa auxilia na construção de novas políticas de afirmação dessa identidade, inclusive no tocante ao campo da educação e da cultura, sobretudo, quando articula as manifestações da expressão escrita e das narrativas orais. Sendo assim, pode ser afirmado que:

O texto deve ser *principalmente* uma narrativa, mas sabe-se a importância do *discurso* na narração autobiográfica; a perspectiva, principalmente retrospectiva: isto não exclui nem seções de autorretrato, nem diário da obra ou do presente contemporâneo da redação, nem construções temporais muito complexas; o assunto deve ser *principalmente* a vida individual, a gênese da personalidade: mas a crônica e a história social ou política podem também ocupar um certo espaço. Trata-se de uma questão de proporção ou, antes, de hierarquia, estabelecem-se naturalmente transições com outros gêneros da literatura íntima (memórias, diário, ensaio) e uma certa latitude é dada ao classificador no exame de casos particulares” (LEJEUNE, 2014, p. 17).

Diante do fragmento anterior constatou-se que a posição do narrador na escrita de si vai além da autobiografia, esta exprime haver uma relação entre a identidade do autor e a do narrador e, para afastar essa aproximação é o que se procura nesta tese, ir além, pois os gêneros textuais usados são memórias, diário, romances e contos. Ressalta-se, embora a identificação das personagens quando se trata dos narradores seja demarcada pelos pronomes referentes a primeira pessoa, o que caracteriza a narração autodiegética, não invalida que a narrativa em terceira pessoa também remeta ao processo de subjetivação da escrita, assim, a escrita de si não pode ser confundida com a pessoa gramatical. Esta é entendida como “a pessoa empregada de modo privilegiado ao longo da narrativa. É evidente que o eu se concebe sem um ‘tu’ (o leitor), mas esse permanece em geral implícito; no sentido inverso, o ‘tu’ supõe um ‘eu’ igualmente implícito; e a narração em terceira pessoa pode comportar intromissões do narrador em primeira pessoa” (LEJEUNE, 2014, p. 21). Essa percepção estabelece um diálogo com o fragmento que segue:

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo é o que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa por *eu*. Vemos aí um princípio cujas consequências é preciso desenvolver em todas as direções. A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso. Por isso, eu propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*. A polaridade das pessoas é na linguagem a condição fundamental cujo processo de comunicação, de que partimos, é apenas uma consequência totalmente pragmática. Polaridade, aliás, muito singular em si mesma, e que apresenta um tipo de oposição do qual não se encontra o equivalente em lugar nenhum fora da linguagem (BENVENISTE, 2005, p. 286).

Consoante o fragmento acima, o teórico admite que o eu se inscreva a partir das diferenças de um outro que é imaginário – o “tu” – com o qual é estabelecida uma interação sociocomunicativa, no caso tudo, é uma escrita de si e o outro é somente uma marca linguística da interação. Isso implica haver sempre uma situação de reciprocidade do diálogo entre o narrador e aquele que o lê, mas não se conhece quem é esse suposto leitor do texto, sobretudo, que ele se identifique com as narrativas das vozes dos homoafetivos ou que estas tratem da vida homoafetiva.

Na história da literatura brasileira, mesmo quando não existia ainda um sistema literário formado, a temática homoafetiva já estava nos poemas e peças teatrais, eram seres invisíveis e quando o contrário, carregados pelas tintas do jocoso e da pilhéria, apócrifos, lidos na clandestinidade. Por isso, admite-se que a invisibilidade da literatura homoafetiva é sustentada por argumentos como a religiosidade cristã do leitor, do medo de ser identificado

como homoafetivo e de que a homoafetividade não condiz com o estatuto da literatura. O último é sustentado na imbricação entre literatura e as ciências humanas, visto que se consideram as identidades sexuais um tema da Sociologia ou da Antropologia, além de os defensores do cânone e do formalismo russo não o reconhecerem como literatura.

Essa distinção pode ser explicada pela inexistência do que se entende por lugar de fala e, mesmo que os sujeitos ousassem falar suas vozes seriam logo silenciadas e, se pela escrita, os textos seriam queimados ou considerados perigosos, visto que poderiam influenciar os comportamentos dos leitores os quais se identificassem com os mesmos. Nesta perspectiva se deve considerar que: “A voz é sempre ativa, mas seu peso entre as determinações do texto poético flutua em virtude das circunstâncias; e o conhecimento (necessariamente indireto) que dela podemos passar por uma investigação dessas últimas” (ZUMTHOR, 2001, p. 24). Por isso, pode ser afirmado que a determinação de lugar de fala, da escrita de si pode se dá em virtude de circunstâncias alheias ao texto, como as experiências do sujeito, não aquele que escreve, mas aquele que narra a sua história, fato que remete à presença do narrador-personagem. A voz é ainda uma manifestação política a qual mostra sujeitos independentes, donos de si e dos seus corpos, que reivindicam a sua identidade no mundo, consoante o excerto que segue:

Para além dessa conceituação dada pela comunicação, é preciso dizer que não há uma epistemologia determinada sobre o termo lugar de fala especificamente, ou melhor, a origem do termo é imprecisa, acreditamos que este surge a partir da tradição de discussão sobre *feminist stand point* – em uma tradução literal “ponto de vista feminista” – diversidade, teoria racial crítica e pensamento decolonial. As reflexões e trabalhos gerados nessas perspectivas, conseqüentemente, foram sendo moldados no seio dos movimentos sociais, muito marcadamente no debate virtual, como forma de ferramenta política e com o intuito de se colocar contra uma autorização discursiva. Porém, é extremamente possível pensá-lo a partir de certas referências que vêm questionando quem pode falar (RIBEIRO, 2017, p. 58).

Mediante o exposto pela autora, compreendeu-se, que para o pensamento filosófico, não existe ainda uma precisão acerca da origem da expressão lugar de fala, de quando se começa a assumir e demonstrar essa atitude, já que o ter um lugar de fala é ter uma atitude política a qual mostre o sujeito que fala como pertencente a um grupo social. Atitude essa que pode ser identificada na fala de Inajacy, em **Olho de Boto** (2015), quando se dirige aos outros homoafetivos da pequena Inacha, Cametá, Pará e as de outros espaços: “Bichas de Cametá e de toda parte. Uni-vos! Vai raiar o dia em que seremos compreendidas, poderemos viver sem ter que enfrentar problemas desse tipo. Estaremos livres do preconceito e da discriminação...” (LARÊDO, 2015, p. 123). A fala de Inajacy, ao se dirigir aos outros homoafetivos, coaduna-se à de Djamila Ribeiro quando ambas situam suas falas como instrumentos políticos

moldados nos movimentos sociais, a primeira no movimento LGBTTTQI e a última no movimento feminista negro.

De outra perspectiva, considera-se que o amor, as grandes aventuras e descobertas, o erotismo, o adultério, o sofrimento do outro e a exploração humana a partir do trabalho ou do sexo quase sempre serviram de tema para a construção das narrativas, inclusive as bíblicas e as literárias. Neste sentido, fica uma primeira indagação – por que o amor homoafetivo não é considerado literatura se os enredos ficcionais das grandes obras causam um estranhamento convidativo ao leitor, justamente, por colocarem em evidência a brutalidade humana? Essa brutalidade é manifestada nas narrativas homoafetivas, por exemplo, um pai agride o filho com socos e pontapés depois de saber que o mesmo é homoafetivo ou a expulsão de um filho do meio familiar, mesmo tendo ele trabalhado para sustentar a família, mas que o fato de se identificar como homoafetivo é motivo para excluí-lo. Entretanto, a perspectiva do leitor e do crítico parece não ter sensibilidade para estes assuntos.

O caráter ficcional da literatura serve para problematizar questões reais, como os sentimentos amorosos e as demais problemáticas que envolvam o homem em sua teia de relações sociais. Por essa razão, ler o texto literário supõe o emprego das experiências carregadas pelo leitor durante a sua existência, pois é essa experiência que também motiva a sua aproximação como outros textos e, é também o que faz escrever. E, sendo produto dessa condição vivencial, destaca-se a memória como o lugar no qual o homem deposita todas as suas experiências e vivências, podendo lembrá-las ou esquecer-las em consonância com o poder de afetação que elas desempenham sobre o sujeito e de onde se parte para anunciá-la ao outro. No entanto, quando o outro que não viveu a experiência, não sentiu as dores, nota-se que ele está fora do eixo da enunciação, porque ele não consegue reproduzir o mesmo pacto autobiográfico ou o que Paul Zumthor (2001) chamou de oralidade segunda. Porque ela se “recompõe com base na escritura num meio onde esta tende a esgotar os valores da voz no uso e no imaginário. [...] de uma cultura ‘letrada’ (na qual toda expressão é marcada mais ou menos pela presença da escrita)” (ZUMTHOR, 2001, p. 18).

A experiência passada assume a condição de lugar vivo, que carece da revisitação permanente do sujeito a fim de que ele redescubra a sua identidade e suas tramas. Essa imbricação dos conceitos de memória e identidade, quando situados na perspectiva da escrita de si, orienta para o reconhecimento da identidade homoafetiva dos narradores-protagonistas de **O terceiro travesseiro**, de Nelson Luiz de Carvalho; **Confissões ao mar**, de Kadu Lago e de **O Diário de Marjorie: memórias de uma travesti**, de Marcos Soares, respectivamente, Marcus Dório, Mateus e Marjorie, incluindo outros narradores para intensificar o diálogo. Por

isso, perguntou-se: Como é percebida a identidade dos sujeitos homoafetivos nos romances mencionados e qual o lugar das lembranças das experiências do passado na escrita de si? Para responder às inquietações levantadas, além da leitura dos referenciais teóricos acerca das identidades e literatura homoafetivas e a escrita de si, buscou-se tecer uma leitura dos romances anteriormente apontados e outros autores e obras.

Sabe-se que os textos literários nos quais se retrata a vivência dos homoafetivos ainda não fazem parte do sistema literário dito canônico<sup>13</sup>, portanto, uma literatura em formação, que nos últimos anos, tem conquistado novos leitores e chegado às discussões acadêmicas. Mas isso não significa a isenção do julgamento social e, é especialmente, o fato de ela representar a escrita sobre os “pecadores”, conforme o julgamento cristão, que determinou a ela essa condição. Desse modo, percebeu-se que no texto literário, incluindo os de temática homoafetiva, reside uma intencionalidade que é motivada pelas experiências de quem escreve e podem ser reconhecidas no ato da recepção pelo leitor (DERRIDA, 2014). Isso faz perceber a aproximação entre os modos de compreensão do que vem a ser literatura para Jacques Derrida e o desejo veemente do sujeito de se confessar através daquilo que escreve como supõe Michel Foucault ao falar sobre a escrita de si.

O poder dado à arte da ficção não impossibilita a produção literária de problematizar as vivências da população homoafetiva e suas resistências diante da rigidez de valores impostos no florescer das sociedades patriarcais como a manutenção da heterossexualidade. Desse modo, a expressividade dessa literatura pode ser vista como uma reação à ordem patriarcal que negava e punia as práticas homoafetivas com invisibilidade, segregação e até mesmo à morte ou condenação por abandono e esquecimento dos familiares como demonstrado na história social. Além disso, oportuniza ao leitor uma reflexão acerca de si e do outro a partir da construção das personagens nas narrativas ou na expressividade das vozes existentes no interior dos romances, inclusive suscita no público a inquietação que o permite formular o seu horizonte de expectativas.

Outra diferença existente na literatura homoafetiva que carrega a escrita de si é o ponto de vista não acusatório dessa identidade sexual, também não se trata da manutenção de um discurso neutro ou de uma voz militante, mas não carrega os estereótipos que marcam essas identidades. No caso, a escrita de si “constitui uma experiência e uma espécie de pedra de toque: revelando os movimentos do pensamento, ela dissipa a sombra interior onde se

---

<sup>13</sup> Com a exceção dos autores já celebrados como Machado de Assis e Mário de Andrade, entretanto, ainda não se nota na lista de leituras das IES os contos Pílades e Orestes, Frederico Paciência e mesmo outros autores, sendo esta parte da obra deles um tanto esquecida, uma vez que as seleções de leitura têm origem na subjetividade e na relação com as pesquisas dos sujeitos nestas instituições.

tecem as tramas do inimigo” (FOUCAULT, 2014, p. 142). Isso sugere que narrador/personagem carregam uma relação de verossimilhança que os aproxima, mas sem diminuí-lo a uma verdade absoluta. Por isso, estabelece-se que:

[...] a literatura que problematiza o desejo gay carrega consigo um teor particular, quase interno, que a singulariza sem, com isso, torná-la menos ou mais importante que toda a tradição literária desenvolvida e canonizada nas e pelas culturas, mesmo em suas compartimentalizações. A singularidade que a torna ‘especial’ diz respeito a uma sistematização ou a uma forma específica de o narrador desenvolver a história narrada e nela fazer atuar as personagens: a ‘literatura de expressão gay’, em quase sua exclusividade, utiliza-se da ‘primeira pessoa’ para narrar os fatos acontecidos. As obras que narram os fatos em ‘terceira pessoa’ utilizam-se do discurso do narrador para engendrar na narrativa a tipicidade discursiva ou o ponto de vista sobre o qual as ações são narradas, dando-se sempre voz e direito às personagens homoafetivas, esvaziando, pelas vozes narradoras, as projeções preconceituosas e discriminatórias que determinados narradores mantinham em relação às personagens gays que são encontradas em textos da primeira metade do século XX. (SILVA, 2014, p. 67).

O fragmento evidencia que há particularidades na literatura homoafetiva que não são vistas nas que tratam do amor heterossexual e soam como reforço à anacorese, além de servir para amenizar “os perigos da solidão” oferecendo outro olhar ao texto, o da compreensão de um companheiro como o é um diário para as memórias de um sujeito solitário (FOUCAULT, 2014). É este olhar individualizado que recobre as experiências do passado como movimento interno dos sujeitos, capaz até mesmo de mexer nos desejos que se presencia na literatura homoafetiva quando circunscrita sob o signo da escrita de si. Vale ressaltar que essa produção literária desconstrói, provoca o cânone e recusa o determinismo biológico passadista, além de conferir dignidade a sujeitos que por séculos foram subalternizados e invisibilizados na história. Por essa razão, assume-se que a literatura homoafetiva é aquela que envolve as vivências e experiências de quem conta a narração, além de conhecer a autoria, o ponto de vista, a linguagem, a temática e o público para o qual se volta o determinado texto.

Nesse conjunto, ressalta-se partir dos fatores apontados por Duarte (2008) para a conceituação da literatura afro-brasileira que estes também podem ser readequados e utilizados na formação de um conceito para a literatura homoafetiva. Admite-se que a literatura homoafetiva pode ser conceituada como a que consiste na exposição legitimada de uma temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público comum aos homoafetivos e com o desejo de construir uma escritura sustentada nas diferenças e na perspectiva do respeito à comunidade homoafetiva. Nestas circunstâncias, os olhares dos leitores devem se voltar para a percepção de como os autores dão voz aos seus personagens e como eles representam as homoafetividades nas suas obras, se a construção da obra e dos personagens tem consonância com o real. Por essa razão, convém citar:

- Pai, não fale nada agora. Me deixe falar. O senhor não precisa se desculpar. Eu tenho consciência do tamanho do problema que joguei para vocês. Se existisse no mundo alguma forma de modificar esse sentimento, eu o faria. Para mim tudo isso é muito doloroso. Me custa muito remar contra a maré. Me custa muito viver baseado numa grande mentira. Desde os meus 13 anos eu sinto isso. O senhor e a mamãe também erraram em algumas coisas, sim. O senhor se lembra da caixa de camisinhas um ano atrás? O senhor me entregou a caixa, virou as costas e foi embora. Eu tinha dúvidas, pai. Nós nunca conversamos direito pai (CARVALHO, 2007, p. 49).

Observou-se no fragmento que Marcus Dório, o narrador-protagonista de **O terceiro travesseiro** (2007), de Nelson Luiz de Carvalho, após o conflito instaurado com os pais por força de ter contado a eles sobre o fato de se identificar como homoafetivo e a recusa destes. Percebeu-se que a voz do narrador ocorre tal qual estabelecera Zumthor (2001), ela é ativa, porque ele durante todo o tempo é o dono dela, é perceptível ainda que ele [o narrador] se posiciona como o dono de sua própria voz, o homem masculino que por se identificar como homoafetivo não pretende ser mulher. Aqui, vê-se a recusa, através da voz da personagem, do mito de que todo gay carrega dentro de si uma mulher acorrentada, o que é visto como “puro equívoco: algo como 99% dos homossexuais estão satisfeitos em ser homens, gostam de seu pênis, não aspiram tornar-se travesti nem mulher” (MOTT, 2003, p. 33).

A concordância com os dados do antropólogo estão presentes na fala de Marcus quando ele confessa ao pai que nunca irá se vestir de mulher ou usar roupa íntima feminina, que ele se sente satisfeito por ter um corpo masculino, entretanto, não quer viver a “mentira” sobre a sua orientação sexual. Por outro lado, deve-se considerar que a personagem somente tem consciência de si porque possui uma ideologia formada acerca da sua identidade, sabe de si. Por isso, enumera situações para que possa esclarecer sua orientação sexual ao pai, inclusive dos assuntos que o pai e a mãe costumam tratar e a falta de uma orientação mais segura dos pais em relação à experiência sexual dos filhos, pois o filho reclama da caixa de camisinhas dada a ele sem que tivesse nenhuma orientação mais segura sobre o seu uso. Desse modo, tanto o ponto de vista do narrador quanto às estratégias mobilizadas para contar são resultantes de uma ideologia, sendo assim se deve esclarecer.

A ideologia não é, em primeiro lugar, um conjunto de doutrinas; ela representa a maneira como os homens exercem seus papéis na sociedade de classes, os valores, as ideias e as imagens que os amarram às suas funções sociais e assim evitam que conheçam verdadeiramente a sociedade como um todo. [...] Toda arte surge de uma concepção ideológica do mundo; não existe, Plekhanov comenta, qualquer obra de arte que seja inteiramente livre de conteúdo ideológico. Mas as observações de Engels sugerem que a arte tem uma relação mais complexa com a ideologia do que o direito ou a teoria política, que incorporam de forma mais transparente os interesses da classe dominante. A questão, portanto, gira em torno da relação entre a arte e a ideologia (EAGLETON, 2011, p. 36-37).

Consoante o fragmento, notou-se que as escolhas por um processo ou outro em relação ao escrever é resultado da existência de uma ideologia, pois esta contribui para que os homens possam adotar suas posturas e atitudes na esfera social, até mesmo a escolha entre falar ou não falar das vivências gays na sociedade. Para o crítico literário, a ideologia está para além de um manual de ideias que regula o comportamento social, ela está representada nos diversos saberes produzidos pelo homem, na esfera social, onde toda e qualquer manifestação artística não se faz desprovida de uma ideologia, nem mesmo a arte objetiva da estética parnasiana estivera destituída de um viés ideológico. Por isso, considera-se que artes têm um estatuto, também, político e social, que no caso dos textos com temática homoafetiva se colocam contra os discursos de dominação.

Nesta dimensão, enquanto Marcus refuta parecer ou usar roupas e adotar comportamentos estereotipados como sendo do feminino, ele tem a consciência de si e não se olha como mulher nem quer ter um corpo similar ao das mulheres, Marjorie/ Aglailson, quer adotá-los para si. No entanto, se Marcus não traz uma mulher acorrentada<sup>14</sup>, a presente em Aglailson quer explodir, desabrochar para a vida num corpo de mulher e não mais num corpo masculino, quer matar o Aglailson e fazer nascer a Marjorie de Renaud. Inclusive paga com todas as suas economias um implante de silicone, traveste-se, expõe-se aos perigos de fazê-lo numa clínica clandestina e com um profissional sem a formação necessária, também não se preocupa que poderia perder o teto onde morava com Leugim, o amigo que conhecera no Recife. Sobre essa experiência cita-se:

Cilene questionou minha idade, mas, de imediato, ofereci o dinheiro. Ela, então, mandou que eu me deitasse em uma maca. Amarrou minhas pernas e a cintura, me deu um pedaço de pano para eu morder e suportar a dor. Com uma potente seringa de uso veterinário, na ponta da qual estava acoplada uma agulha grossa, injetou o líquido nos meus dois mamilos e, depois de várias picadas, fez uma massagem ao redor, para espalhar bem o produto. Comecei a morder o pano, pois era uma dor terrível, mas não gritei. Em seguida, Cilene fechou os buracos causados pelas injeções com cola instantânea. Verônica Vera assistiu a toda aquela sessão de tortura a que eu me submetia para poder usar vestido. Na casa da Cilene, fui batizada. Ela, gentilmente, me deu um vestido de uma de suas filhas. Foi meu primeiro vestido. Era branco, comprido até o joelho, de alças, com uma faixa azul na cintura e zíper nas costas. Verônica Vera olhou para mim e disse:

- Com esse vestido e esse cabelo loiro, você lembra a grande dama dos cabarés dos anos sessenta, madame Marjorie.

Naquele momento, comecei a chorar, lembrando-me do meu primeiro amor, Eriberto, que me chamava de Marjorie. Expliquei a elas o motivo do meu choro, então Verônica Vera foi enfática:

- A partir de agora, você é a nossa Marjorie dos anos 80 (SOARES, 2014, p. 22-23).

---

<sup>14</sup> Ver Luiz Mott (2003), no livro, **Crônicas de um gay assumido**, os mitos usados como estereótipos para identificar os homoafetivos.

Mediante o fragmento fica evidenciado que Marjorie não mede as consequências dos seus atos para que se transforme na mulher que deseja ser, contudo, tem consciência de que é uma travesti e não uma mulher, carrega na memória a doce lembrança de Eriberto, o primeiro amor. Enquanto muitos que não aceitam ter seus corpos alterados refutam ser chamados por nomes femininos, Aglailson sente-se bem, pois não estava “feliz com o seu corpo e modo de ser masculino” (MOTT, 2003, p. 34), desde a infância ela gostava de parecer com uma mulher e não via nenhum constrangimento nisso. Sendo assim, pode-se afirmar que “a arte não se limita a refletir essa experiência passivamente. A arte encontra-se imersa em ideologia, mas também consegue se distanciar dela, a ponto de nos permitir ‘sentir’ e ‘observar’ a ideologia de onde surge” (EAGLETON, 2011, p. 39).

Diante do pensamento do crítico e do fragmento do romance de Soares (2014) compreendeu-se a criação literária enquanto mimese do real carrega a ideologia de seus autores, ela apresenta elementos os quais podem ser vistos como instrumentos para o enfrentamento dos silêncios institucionais (RIBEIRO, 2017). Essa postura denota que a escrita de si, na literatura homoafetiva, evoca a ideia de que “os textos ficcionais que se aproximam dessa definição ou permitem ao leitor suspeitar da identidade entre autor e protagonista, embora o primeiro negue ou não afirme tal identidade” (MIRANDA, 2009, p. 30). Entretanto, como já esclarecido não se pretendeu neste estudo suspeitar dessa aproximação identitária entre autor e protagonista, mas de considerar apenas o narrador-protagonista quando este conta a sua experiência homoafetiva ou ainda quando um narrador observador ou testemunha narra à experiência homoafetiva do outro. Ainda tratando da escrita de si, recupera-se um trecho de **Confissões ao Mar**:

Senti muita saudade.  
 Ouvi Alejandro confessar quando entramos no quarto do hotel. Tranquei a porta. Tirei a minha camisa. Cheguei próximo dele... e foi inevitável não colocar os meus olhos em seus olhos. E senti a minha alma ser invadida. Eu estava desarmado, como nunca tinha estado antes. Ele foi me colocando contra a parede e me beijou. Me beijou com força, como se desejasse alcançar a minha alma. Alcançando os meus sentidos...  
 O beijo foi interrompido com uma ideia. Peguei o telefone e pedi um champanhe para dois.  
 Mateus, tu ainda não disse por que veio pra cá.  
 O que foi? Não gostou de me ver?  
 Claro que adorei! Mas tu aqui, assim...  
 É, que aconteceram algumas coisas lá em casa.  
 Que coisas? (LAGO, 2010, p. 135).

Observou-se, no fragmento, que o narrador parece recorrer às lembranças do vivido e ao se utilizar dessa estratégia suas ações obedecem às condições da escrita de si, nas quais a ideia de sujeito “sai, apesar de tudo, reforçada, como acontecerá em maior ou menor grau com

quase todas as modalidades da escrita do eu vizinhas à autobiografia” (MIRANDA, 2009, p. 31). Neste sentido, as marcas de subjetivação do narrador-protagonista, Mateus, evidenciadas, sobretudo, pelas desinências verbais, pronomes pessoais do caso oblíquo e possessivos e o desnudamento da alma dele. Portanto, a escrita de si é uma maneira que o sujeito encontra para permitir que o outro mergulhe na sua alma (FOUCAULT, 2014), mesmo que esse outro seja apenas uma criação do imaginário do autor para demonstrar que a linguagem tem sua materialidade na perspectiva da interação.

## 2.5 Uma confluência de vozes: a construção da pesquisa

*[...] um bom narrador deveria ter o domínio da história, saber contá-la, prender a atenção dos ouvintes, ser um bom imitador, ser hábil na prosopopeia e onomatopeia, de modo a evitar descrições com muitas palavras.*

Carmen Lucia da Silva

Entende-se que uma tese de doutoramento “é uma das modalidades de trabalho científico cuja origem se encontra na Idade Média” (MARCONI; LAKATOS, 2017, p. 173). Para isso, convém lembrar-se de que para a sua construção o pesquisador carece investigar um objeto o qual possa ser examinado sob um aspecto ainda não abordado, assim, quando se toma apenas as representações da identidade homoafetiva sob a égide da escrita de si, não há novidades. O professor Antônio da Pádua Dias da Silva, do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), já desenvolveu pesquisas sobre esse campo do saber. Entretanto, o fato que dá a esta tese o caráter pretendido e necessário, uma pesquisa que sugere uma ampliação ao campo da crítica da literatura de autoria de minorais sexuais e da abordagem dos estudos culturais é a cartografia das análises como nela estabelecida.

Para a construção dessa cartografia foi necessário resgatar a história das homoafetividades a partir dos escritos literários, uma vez que para se compreender as representações da literatura contemporânea carece fazer um percurso historiográfico a fim de notar como essa literatura era recebida. Ao percorrer esse caminho buscou-se conciliá-lo com a crítica literária, por sua vez, ao estudar a literatura gay, verificou-se que a abordagem dos estudos culturais é o melhor caminho e nela o mais adequado a fazer é a construção das cartografias sociais. Partindo do pressuposto de que tinha encontrado o caminho ideal, traçou-se um roteiro de leitura e fichamento das teorias para posterior confronto com as leituras

literárias, ajustando-as e procurando selecionar aquilo que parecia melhor e atendia aos propósitos da investigação, inclusive de que esta investigação resultará em uma tese que quer e deve apresentar um aspecto inovador para os estudos da literatura.

No tocante ao tipo de pesquisa quanto à abordagem, foi utilizada na construção desta tese a pesquisa qualitativa, porque não se pretende quantificar ou traduzir em estatísticas os dados coletados durante as entrevistas. Por sua vez, preocupa-se com “o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2002, p. 22). Nesta perspectiva, na abordagem qualitativa o pesquisador deve se ocupar da interpretação dos dados coletados sem que sejam transformados em dados numéricos, no caso, da compreensão sobre as representações das identidades homoafetivas na literatura escrita sob a perspectiva da escrita de si, nas narrativas orais e nas vozes dos sujeitos homoafetivos.

Ressalta-se que essa abordagem refuta o modelo positivista, pois neste paradigma o pesquisador devia ser neutro, todavia, os avanços dos métodos científicos já demonstraram que não se faz uma ciência neutra. Sobretudo quando o que se estuda são as representações identitárias de grupos sociais marginalizados, como o é a população homoafetiva, além disso, o pesquisador tem duplo papel – é objeto e pesquisador simultaneamente, e nesse duplo desperte críticas, uma vez que há o envolvimento do pesquisador com o objeto o que para os positivistas implicaria em riscos para a produção do conhecimento científico. Sobre as divergências entre o positivismo e a abordagem qualitativa pode ser afirmado que:

Os autores que seguem tal corrente não se preocupam em quantificar, mas, sim, em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalham com a vivência, com a experiência, com a cotidianidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultados da ação humana objetivada. Ou seja, desse ponto de vista, a linguagem, as práticas e as coisas são inseparáveis (MINAYO, 2002, p. 24).

Acresce-se que para que uma pesquisa atenda à necessidade daquilo que é proposto, no caso, aqui, analisar as representações das identidades homoafetivas sob a perspectiva da escrita de si carece reunir um coro de vozes as quais conheçam do assunto tratado. Para corroborar com a construção desse domínio do qual carece um pesquisador pueril torna-se essencial ouvir vozes, ler depoimentos, ensaios, artigos e outros gêneros textuais. Com isso, espera-se que oportunizem recuperar os silêncios ansiosos das palavras já impressas no papel, incluindo fazer anotações, constantes exercícios de escrita e reescrita, a fim de que se torne um pesquisador com alguma proficiência. Também a aquisição desse domínio pressupõe,

além de uma seleção adequada dos referenciais teóricos usados como instrumentos para a pesquisa bibliográfica. Sobre este tipo de pesquisa pode ser afirmado:

A **pesquisa bibliográfica** é a que se desenvolve tentando explicar um problema utilizando o conhecimento disponível a partir das teorias publicadas em livros ou obras congêneres. Na pesquisa bibliográfica o investigador irá levantar o conhecimento disponível na área, identificando as teorias produzidas, analisando-as e avaliando sua contribuição para auxiliar a compreender ou explicar o problema objeto da investigação. O objetivo da pesquisa bibliográfica, portanto, é o de conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se um instrumento indispensável para qualquer tipo de pesquisa (KÖCHE, 2015, p. 122).

Conforme Köche (2015) evidencia-se que a pesquisa aqui registrada tem como problema identificar como as identidades gays são representadas à luz da escrita de si, inclusive na tentativa de explicar como esse problema se apresenta e as teorias que o sustentam. Além de esse tipo de pesquisa possibilitar que seja construído um estado da arte do tema investigado, inclusive possibilita perceber o que ainda falta ser estudado no tema, visto que nenhum objeto de estudo se encontra esgotado, todos têm alguma necessidade e, no caso da literatura homoafetiva há muito a ser discutido ainda. A pesquisa pode ser compreendida como um “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados” (GIL, 2007, p. 17).

Tendo em vista o conceito expresso compreendeu-se que todo processo de investigação precisa ser organizado e, aos poucos, vá ganhando um formato, uma identidade, além de responder satisfatoriamente ou negar as hipóteses levantadas quando se propusera a pesquisa. Nesta perspectiva, compreendeu-se ainda que pesquisa “é uma atividade que se realiza para a investigação de problemas teóricos ou práticos, empregando métodos científicos. Significa muito mais do que apenas procurar a verdade: é encontrar respostas para questões propostas, utilizando procedimentos científicos” (MARCONI; LAKATOS, 2017, p. 31). De acordo com as autoras, o ato de investigar não é desprezioso e exige daquele que dele se ocupa o emprego de métodos os quais possam validar o conhecimento construído, a fim de possibilitar que este seja visto como verdadeiro e não achismo do senso comum, sem uma valia para as ciências.

O problema norteador da investigação fora identificar como são representados os homoafetivos à luz da escrita de si foucaultiana, sendo assim um problema teórico e não um problema prático, não será desconstruído o preconceito que repousa sobre as identidades homoafetivas somente com esta pesquisa. Desse modo, convém ressaltar que esta

investigação, inicialmente, fora planejada para quarenta e oito (48) meses, entretanto, devido ao seu proponente ter sido aprovado em dois concursos para Professor Adjunto I, da Universidade Estadual do Maranhão, diminuiu-se o tempo para, aproximadamente, vinte e seis (26) meses. Por sua vez, espera-se que essa redução no tempo da investigação não venha a prejudicar a sua qualidade e contribuição dada à crítica da literatura de autoria de minorias sexuais e à abordagem dos estudos culturais, pois, mesmo reduzindo o tempo, todas as etapas da pesquisa foram cumpridas. Sobre a pesquisa bibliográfica é apontado que:

Pode-se utilizar a pesquisa bibliográfica com diferentes fins: a) para ampliar o grau de conhecimentos em uma determinada área, capacitando o investigador a compreender ou delimitar melhor um problema de pesquisa; b) para dominar o conhecimento disponível e utilizá-lo como base ou fundamentação na construção de um modelo teórico explicativo de um problema, isto é, como instrumento auxiliar para a construção e fundamentação das hipóteses; c) para descrever ou sistematizar o estado da arte, daquele momento, pertinente a um determinado tema ou problema (KÖCHE, 2015, p. 122).

Quanto aos procedimentos adotados para vir a conhecer o assunto abordado na investigação, o primeiro foi a pesquisa bibliográfica, isto é o “levantamento de referências já publicadas, em forma de artigos científicos (impressos ou virtuais), livros, teses de doutorado, dissertações de mestrado” (MARCONI; LAKATOS, 2017, p. 33). Nessa etapa da pesquisa a pretensão era oportunizar, ao seu proponente, a aproximação com diversas fontes primárias e secundárias a fim de que ele tivesse um embasamento sólido do conhecimento a ser aprofundado, visto que essa base pode permitir ao cientista ou ao pesquisador iniciante o descobrimento de aspectos ainda não estudados dentro de uma área do conhecimento. Por essa razão, pode ser afirmado ainda que esse tipo de pesquisa “pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de qualquer pesquisa científica” (MARCONI; LAKATOS, 2017, p. 33). Acerca desse tipo de pesquisa declara-se ainda que:

A pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias é a que especificamente interessa [...]. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com o que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista “o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações” (TRUJILLO FERRARI, 1974, p. 230). A bibliografia pertinente “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas, onde os problemas ainda não se cristalizaram suficientemente” (MANZO, 1971, p. 32)

A descrição do que é e para que serve a pesquisa bibliográfica permite compreender que, se, de um lado, a resolução de um problema pode ser obtida através dela, de outro, tanto a pesquisa de laboratório quanto a de campo (documentação direta) exigem como premissa o levantamento do estudo da questão que se propõe analisar e solucionar (MARCONI; LAKATOS, 2017, p. 33).

A pesquisa adotada para esta tese foi a do tipo bibliográfico e para a construção do conhecimento científico necessário, todos os passos/fases dela foram executados: “Escolha do

tema; Elaboração do plano de trabalho; Identificação; Localização; Compilação; Fichamento; Análise e interpretação e; Redação” (MARCONI; LAKATOS, 2017, p. 34). O primeiro passo parte da curiosidade que o proponente da pesquisa tinha de investigar se havia uma diferença que singularizasse a narrativa homoafetiva no tocante à representação das identidades destes sujeitos, havendo assim uma inclinação, uma compatibilidade entre o pesquisador e o objeto, além de outras demarcações externas como o tempo, a existência de um acervo para consultas e orientação de especialistas. Sustenta-se que a reunião desses dois fatores impulsionou a pesquisa, além de saber que no Programa de Pós-Graduação a que se vincula esta pesquisa ela é a primeira com essa temática.

O segundo passo trata da fase que “engloba ainda a formulação do problema, o enunciado de hipóteses e a determinação das variáveis. Uma descrição detalhada e exaustiva de construção e hipóteses e variáveis” (MARCONI; LAKATOS, 2017, p. 37). Essa etapa consiste na estruturação do trabalho, é nela que o pesquisador planeja o seu percurso e dá uma estrutura a sua investigação – introdução, desenvolvimento e conclusão. Já o terceiro passo, a identificação, consiste na fase de reconhecimento do assunto pertinente ao tema em estudo, nela se procura relacionar as obras, artigos e periódicos, depois de relacioná-los, é chegada a leitura dos resumos e *abstracts* para que seja selecionada o necessário e descartar aquilo que não será de valia à investigação, geralmente, faz-se uma lista para regular esse procedimento.

Sobre a localização, esta se constituiu na busca por informações em livros, periódicos impressos e na Internet, na consulta a hemerotecas, como a da Biblioteca Nacional Digital e da Biblioteca Mário de Andrade, além da Biblioteca Central da Universidade Federal do Pará (UFPA), a Biblioteca Prof. Dr. Clodoaldo Beckmann, a Biblioteca Setorial do PPGL-UFPA. Inclusive a compra de um acervo de mais de cem títulos sobre homoafetividades, obras literárias, literatura de autoria de minorias sexuais, estudos culturais, metodologia científica e os projetos filosóficos de Michel Foucault e Giorgio Agamben. Já a compilação refere-se à “reunião sistemática do material contido em livros, revistas e jornais impressos, periódicos virtuais. Esse material pode ser obtido por meio de fotocópias, xerox, microfimes, impresso em casa, ou ser lido na tela de um computador” (MARCONI; LAKATOS, 2017, p. 38). Entretanto, por ser bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Pará (FAPESPA), todo o investimento serviu somente para eu comprasse livros e participasse de eventos, nos quais pudesse socializar o que estava sendo pesquisado.

Por sua vez, o sexto passo, é o fichamento, torna-se até uma tautologia, porque é condição essencial para quem ler uma obra, sobretudo, quando a pretensão é analisar, tecer considerações acerca do referencial teórico lido para fundamentar a análise literária. O

processo de análise e interpretação diz respeito à tessitura da crítica às bibliografias consultadas para que seja estabelecido um juízo de valor a elas e se encontra dividida em duas – crítica interna e crítica externa. A primeira crítica corresponde à apreciação do significado e a valoração do conteúdo; a segunda centra-se na significação, importância e historicidade dos documentos tomados como fundamento da investigação. Para isso, necessita-se, também da desconstrução dos elementos básicos e suas categorizações, consoante à ordem e suas inter-relações para depois chegar à fase da generalização e atingir à análise crítica, aqui, com o uso do método hipotético-dedutivo, acerca do qual se afirma:

A interpretação de método científico indutivista e positivista, profundamente influenciada pelo empirismo, via o processo do conhecimento como consequência de um mero registro das impressões sensoriais extraídas dos fatos no intelecto, originando as leis e as teorias com o auxílio da lógica. Colocava, no contexto de descoberta, a observação do fato ou do fenômeno como ponto de partida para o desencadeamento da investigação e para o surgimento das hipóteses que seriam posteriormente testadas e generalizadas. Identificavam fatos a serem investigados e não problemas (KÖCHE, 2015, p. 71).

Desse modo, compreendeu-se que o método selecionado está entre a indução e a dedução, visto precisar de hipóteses para ser testadas, experimentadas a partir das impressões sensoriais do pesquisador em confronto com as teorias já sistematizadas acerca do fato investigado. A teoria filosófica que o sustenta é a de Karl Popper, uma vez que na teoria deste a pesquisa é vista como o lugar onde reside a dúvida metódica e se necessita dar respostas aos fatos e problemas. Nesta perspectiva, considera-se que a partir do uso dele no fazer ciência, na contemporaneidade, atesta-se que: “o processo do conhecer como resultado de um questionamento elaborado pelo sujeito que põe em dúvida o conhecimento já produzido, por percebê-lo como teoricamente inconsistente, ou mesmo incompatível com outras teorias, ou como inadequado para explicar os fatos” (KÖCHE, 2015, p. 71).

Observa-se que o método escolhido requer que o pesquisador esteja atento ao processo de análise e interpretação dos fatos ou problemas, por isso, ressalta-se que: “a interpretação exige a comprovação ou refutação das hipóteses. Ambas só podem ocorrer com base nos dados coletados. Deve-se levar em consideração que os dados por si sós nada dizem: é preciso que o cientista os interprete, isto é, seja capaz de expor seu verdadeiro significado” (MARCONI; LAKATOS, 2017, p. 42). Esse passo é visto como essencial para a construção do conhecimento, pois é nele que são confrontadas as teorias e as narrativas analisadas. Ainda sobre os passos da pesquisa bibliográfica, o último é a redação, que varia em concordância com o tipo de trabalho a ser apresentado, no caso, um trabalho monográfico de graduação é menos rigoroso que uma tese de doutoramento, inclusive no tocante à maturidade da pesquisa

e na presença de um produto que possa validá-la. Retomando o método usado e seu contexto para legitimar o processo de investigação pode ser dito que:

É o método da tentativa e erro. O seu uso permite identificar os erros da hipótese para posterior correção. Ela não imuniza a hipótese contra a rejeição, mas, ao contrário, oferece todas as condições para, se não for correta, que seja refutada. E, é esse critério, segundo Popper, o da falseabilidade, que deve demarcar a ciência da não-ciência e que oferece maior segurança para os resultados alcançados. Se uma hipótese for falseável, será considerada científica. Para que haja a falseabilidade deve-se oferecer condições de falseabilidade intersubjetiva, explicitando-se os falseadores potenciais, isto é, quais os possíveis resultados que podem ser incompatíveis com a hipótese formulada.

[...]

Uma vez testada e avaliada a hipótese, não é conveniente afirmar “a hipótese foi aceita”, ou confirmada, pois jamais um experimento a confirma, ou a valida em sentido positivo, por maior severidade, controle e rigor que tenham sido adotados. Deve-se afirmar “a hipótese não foi rejeitada”, isto é, a partir das provas de não se ter encontrado algo em contrário quando submetida a testes de falseabilidade e confrontada com o resultado de outras teorias, ela passa a proporcionar uma aceitação temporariamente válida. O valor de uma teoria está em sua corroboração, isto é, no fato de não ter sido ainda rejeitada, após ter passado por severas provas. O que lhe dá garantias de que o resultado é seguro não são as confirmações, sua validação empírica em sentido positivo, como acreditavam os indutivistas, mas a corroboração, a sua validação empírica em sentido negativo (KÖCHE, 2015, p. 76).

Considera-se que ela seja capaz de responder a todas as inquietações suscitadas, uma vez que satisfaz aos objetivos pretendidos para essa investigação, pois o método é o hipotético-dedutivo e este pode ser contemplado na análise interpretativa das obras selecionadas para o corpus teórico e o literário. Inclusive se percebeu que a pesquisa bibliográfica corrobora com a escolha desse método, assim, o pesquisador é capaz de formular e testar hipóteses a fim de validá-las como positivas ou refutá-las por não corresponderem às respostas pretendidas. Entre as hipóteses confirmadas nesta investigação está o fato de que as narrativas em primeira pessoa apresentam maior teor subjetivo que se liga às vivências dos homoafetivos e que as violências contra os corpos gays são extensões que se coadunam ao conceito de literatura como mimese. Por isso, um estudo literário não carece de outro tipo de pesquisa, exceto, se os objetivos da pesquisa assim o exigirem, o que não foi o caso, há aqui, seis obras para análise e elas não precisam da comprovação de outras vozes, além das que já estão também escritas, não cabe a intenção de uma pesquisa-ação, por exemplo.

Não é necessário porque a concepção de escrita de si usada nesta pesquisa toma o narrador como base e não o autor, por isso, declara-se: “a escrita aparece regularmente associada à ‘meditação’, ao exercício do pensamento sobre ele mesmo que reaviva o que ele sabe, torna presentes um princípio, uma regra ou um exemplo, reflete sobre eles, assimila-os, e assim se prepara para encarar o real” (FOUCAULT, 2014, p. 143). Desse modo, a escrita sobre si não se desvincula da memória que o sujeito que narra carrega das suas experiências, é

sobre elas que o sujeito medita, reflete, avalia a experiência passada a fim de planejar o futuro e, porventura, não repetir os mesmos erros do passado. Por outro lado, o que está posto no texto são lembranças do narrador e das personagens, não do autor, assim o sujeito que se conhece, que narra a si, seja usando a sua própria voz ou pedindo de empréstimo a do outro é o objeto dessa escrita.

No caso, nota-se que aqui, não se conflui apenas os procedimentos de pesquisa, mas também as vozes do orientando, da orientadora e de outros professores do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal do Pará (UFPA), área de concentração em Estudos Literários. Porque, ao longo das disciplinas cursadas, entre a obrigatória e as eletivas, os professores todos com maior ou menor efetividade foram colocando suas vozes no processo de investigação através da reorganização da teoria para adequá-las ao objeto e a supremacia da orientação ao indicar as leituras as quais pudessem satisfazer melhor aos objetivos. Nessa confluência, o tipo de abordagem da pesquisa parece negociar com o tipo de procedimento, porque o pesquisador é também um apaixonado por essa área do conhecimento e por isso procurou estar sempre atento a todos os detalhes da investigação, em particular, quanto à construção de um acervo teórico-metodológico que fosse capaz de satisfazer as necessidades do objeto.

Se a palavra de um docente puxa a outra e assim foram sendo reunidas as referências, o proponente da investigação também seguiu o curso das suas referências, fosse através da consulta a hemerotecas, aos arquivos da biblioteca do CENTUR, Biblioteca Pública Arthur Viana e da compra de um acervo que reúne obras literárias de gêneros diferentes e outros textos teóricos diversos. Nesta fase de seleção e aquisição foi reunida uma diversidade de textos – biografias, ensaios, artigos, livros e outros sobre os conceitos fundamentais dessa pesquisa, entre os quais se cita as homoafetividades, poder, memória, identidade e Foucault, tudo a fim de que se conseguisse construir uma referenciação de qualidade para esta tese. No tocante à presença do projeto filosófico foucaultiano nesta tese, embora se veja que ele está em todas as partes como se não houvesse uma organização e que suas ideias preenchessem lacunas aleatórias, este não é o objetivo do seu uso. Pelo contrário, há outros autores, mas os conceitos de escrita de si, poder e da história da sexualidade, inclusive das homoafetividades o único filósofo a reunir estes temas no seu projeto genealógico fora ele, por isto, ele aparece tanto no texto ora apresentado.

Pelo intenso percurso para adquirir as obras e a necessidade de uma contenção com a abreviação do curso, espera-se que ao final o efeito agrade sem que sejam prejudicados os objetivos pretendidos e se possam construir conhecimentos acerca das múltiplas vivências de

uma parcela da população, a comunidade homoafetiva. Como já mencionado, desde o início da pesquisa foi sentida a necessidade de se procurar por registros em fontes secundárias acerca das homoafetividades, uma vez que se procurou o registro, sobretudo em livros, artigos e periódicos da contemporaneidade, tanto os impressos quanto os que circulam nas plataformas digitais. Acrescenta-se ainda que este tipo de pesquisa se valha de “dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes do textos” (SEVERINO, 2016, p. 131).

De outra perspectiva, pretendia-se perceber se a escrita de si pode ser influenciada pelas experiências do sujeito, assim o narrar a si das vozes homoafetivas adquire maior força no texto escrito e, por essa razão, mesmo a pesquisa bibliográfica sustenta os diferentes objetivos aos quais se propôs o estudo. Desse modo, a leitura de dados já elaborados serve de suporte para a sustentação das análises e isso permite que novas perspectivas se tornem conhecidas, até mesmo narrativas de vida e isso novo fôlego à pesquisa. Pode-se aproximar do que vivera Oscar Wilde, na prisão e outros homoafetivos enclausurados em seus próprios armários e de perceber como a sociedade belenense representa os sujeitos homoafetivos em seu imaginário, por exemplo.

De acordo com informações coletadas, sugere-se que ao reunir a teorização já divulgada acerca desse saber e a voz dos viventes que se identifica como homoafetiva, o pesquisador poderá tratar os dados e assim perceber como essas vozes caminham para um mesmo ponto, como se confluem. Dado esse que, a princípio, era apenas uma hipótese, mas ficou evidenciado que muitas das narrativas escritas apresentam efetiva relação entre o real e o vivido pelas personagens. Sobretudo, no tocante à existência dos conflitos familiares tais como, brigas, ameaças, xingamentos e outras formas de violência, após a orientação sexual de um dos seus membros vir a ser conhecida por todos, o que pode resultar na saída do sujeito que é homoafetivo da casa paterna. Por exemplo, no romance **Confissões ao Mar** (2010), de Kadu Lago, o protagonista é expulso da casa paterna após os familiares ficarem sabendo de sua orientação sexual. Portanto, é possível afirmar que as vozes das teorias se somam às da pesquisa de campo, sendo ressignificadas conforme os lugares e a posição dos falantes.

### 3 MEMÓRIA, IDENTIDADE E IMAGINÁRIO SOCIAL: a construção das vozes dos sujeitos homoafetivos na literatura contemporânea

*O que vão dizer de nós?  
Seus pais, Deus e coisas tais  
Quando ouvirem rumores do nosso amor*

*Baby, eu já cansei de me esconder  
Entre olhares, sussurros com você  
Somos dois homens e nada mais  
Johnny Hooker & Liniker*

A canção “*Flutua*”, de Johnny Hooker traz, no primeiro verso, a inquietação acerca do olhar lançado pela sociedade aos homoafetivos, inclusive o imaginado na comunidade onde habitam, seja na família, na Igreja ou nas demais instituições sociais. Entretanto, o eu lírico parece tomar uma posição radical – não mais se esconder – isto é, assumir-se, mesmo com a consciência de que serão perseguidos, ouvirão sussurros, sofrerão *bullying* na escola, quando adolescentes e assim demonstrar a consciência de que a homoafetividade não os torna menor ou os faz menos homem. Essa percepção do homoafetivo pode ser uma reação às dicotomias – “ativo/passivo”, “dominador/dominado”, “bofe/bicha”, “fanchona/lady” (FRY; MACRAE, 1983, p. 13), uma reivindicação do *queer* que não aceita o silenciamento imposto por uma parcela da sociedade tampouco o enquadramento em um só papel. Como se vê em:

O que parece mais ou menos claro é que, nesta sociedade, uma forte distinção entre masculinidade e feminilidade é acompanhada por uma igualmente forte distinção entre “atividade” e “passividade” sexual. Assim, os homens que mantiveram relações sexuais “ativas” com *Krembégi* não sofreram nenhuma alteração no seu status de homens. Supõe-se, então, que aos homens *guaiaqui* eram permitidas relações heterossexuais e homossexuais, contanto que eles mantivessem em ambas um papel “ativo”. Supõe-se, também, que o homem que desejasse manter relações homossexuais “passivas” sofreria realmente um rebaixamento de status, se transformando em *kyrpy-meno*. Esse rebaixamento poderia ser bastante amenizado através do simples expediente de trocar de papel sexual: “virar mulher” (FRY; MACRAE, 1983, p. 20).

Mediante o excerto compreendeu-se que a dicotomia ativo/passivo propicia a distinção entre aquele que “dá” e aquele que “come”, sendo o passivo sempre associado ao feminino e, por isso, como premissa do patriarcado houve uma espécie de inferiorização deste. Nesta perspectiva da diferenciação, notou-se que os ativos, também alcunhados de bofes, são aqueles que se relacionam esporadicamente com os passivos, seja por interesse financeiro ou apenas por sexo casual e, sobre estes não recai nenhum julgamento social, pois eles não carregam nenhum estereótipo o qual o associe ao feminino (MOTT, 2003). Desse modo, para tecer um panorama das vozes dos sujeitos homoafetivos na contemporaneidade é

preciso que se recorra à história a fim de que se recupere a memória dos fatos e assim se perceba qual era o lugar dos homoafetivos na sociedade. Porque, no quadro da memória coletiva da sociedade brasileira, há uma forte tendência ao julgamento dos indivíduos quanto aos papéis sexuais que eles desempenham, por essa razão, convém citar que:

Como nas sociedades que acabamos de discutir, os papéis sexuais neste Brasil popular são rigidamente separados. Desde a mais tenra infância, meninos e meninas são educados para se portarem como homens e mulheres mais tarde. Os homens deveriam ser fortes, trabalhadores capazes de sustentar sua família, interessados em futebol e outras atividades definidas como masculinas e, sobretudo, não deveriam chorar. Convém também que desde o início da adolescência comecem a ter experiências sexuais. Neste Brasil que estamos evocando, estas experiências podem ser com irmãs, primas, empregadas domésticas ou prostitutas (FRY; MACRAE, 1983, p. 24).

Em se tratando do excerto acima, pode-se afirmar que a memória do tempo em que se separavam rigidamente os papéis sexuais parece ter voltado, uma vez que homoafetivos e prostitutas ainda são punidos por conta da sua identidade sexual, pois contrariam as normas sociais pretendidas para a sexualidade. Porque se considera que “o corpo, fincado na concretude histórica e instrumento de defesa e de ataque no embate de forças com as mais diversas formas autoritárias, vai além de si mesmo e se faz voz do vivido coletivo” (MIRANDA, 2009, p. 151). Sendo assim, é no corpo que estão escritas as memórias dos sujeitos, pois é nele que podem ser encontrados vestígios do passado os quais possibilitam lembrar a existência dos grupos sociais, inclusive é no processo de interação com a sociedade e lugares que o sujeito pode exercitar suas trocas simbólicas. Nesta perspectiva, considera-se que a memória pode ser:

[...] a quinta operação da retórica: depois da *inventio* (encontrar o que dizer), a *dispositio* (colocar em ordem o que se encontrou), a *elocutio* (acrescentar o ornamento das palavras e das figuras), a *actio* (recitar o discurso como um ator, por gestos e pela dicção) e, enfim, a *memoria* (*memoriae mandare*, “recorrer à memória”) (LE GOFF, 2016, p. 404).

Mediante o fragmento se pode considerar que a memória aparece atrelada a outras experiências do sujeito, mas aqui representadas como elemento associado à retórica, nos quais a linguagem parece ser um dos instrumentos que contribui para a expressão da identidade dos sujeitos a partir das perspectivas da memória e do imaginário social. Também se pode considerar que “a memória penetra profundamente no homem interior, no seio da dialética cristã do interior e do exterior, de onde saíram o exame de consciência, a introspecção, e também a psicanálise” (LE GOFF, 2016, p. 407). É por buscar compreender como o homem é capaz de recuperar o passado, por meio das lembranças, que carrega dos fatos passados, que se separou, essas categorias conceituais as quais serão pormenorizadas, neste capítulo.

Partindo da ideia de que a literatura de autoria de minorias sexuais, a qual pode ser entendida como aquela que é escrita e representativa de um grupo considerado menor diante do quantitativo de pessoas que existem dentro de uma sociedade/Nação, inclusive que carrega o registro das vozes dos sujeitos pertencentes ao grupo daquele que escreve. Em se tratando de Brasil, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) havia no País em 01 de Julho de 2018, 208,5 milhões de habitantes, como consta no **Diário Oficial da União** (DOU)<sup>15</sup> na referida data e, destes para a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, como consta no site JusBrasil estima-se que há, aproximadamente, 18 milhões de homoafetivos<sup>16</sup>. Outra expressão que vale ser lembrada é literatura menor, entendida aqui como a que consiste naquela que uma minoria faz em uma língua maior, se abre para o político e carrega a voz da coletividade (DELEUZE, GUATTARI, 2014).

Neste sentido, a literatura homoafetiva somente pode ser pensada se considerados os conceitos mencionados no parágrafo anterior, além disso, a abordagem da crítica literária que melhor satisfaz a análise do corpus selecionado para a tessitura dessa tese é a dos estudos culturais. Isso por considerar que “a cultura não é o reduto de uma minoria mas um bem e uma realização sociais, é preciso estender os meios de produção e de compreensão culturais a todos. Se as formas de cultura se engendram na sociedade não se pode entender nenhuma produção cultural” (CEVASCO, 2005, p. 270). Por essa razão, percebeu-se que há mudanças em relação ao modo como se comporta o analista e os elementos que ele procura, entre os quais a compreensão do contexto em que se insere a produção artística, o esforço de energia gasto para a materialização da obra. Desse modo, deve ser compreendido que:

O que muda com essa posição teórica? Claro que estudar, por exemplo, uma obra literária em relação a seu contexto sócio-histórico, ou ilustrar esse contexto através de suas produções culturais, não é nenhuma novidade. O diferencial nos estudos culturais é que se propõem a ver produção cultural e modo de vida social como diferentes manifestações de um mesmo impulso. Os projetos artísticos e intelectuais são constituídos pelos processos sociais, mas também constituem esses processos na medida em que dão a forma pela qual são percebidos. Os elementos que se costuma, em crítica cultural, considerar externos – como, por exemplo, modo de produção econômica, relações sociais, tempo histórico – são fatos internos, na medida em que são eles que estruturam a forma dos produtos culturais. Estes, por sua vez, concretizam esses elementos e os tornam perceptíveis (CEVASCO, 2005, p. 270).

<sup>15</sup> Cf. **RESOLUÇÃO Nº 2, DE 28 DE AGOSTO DE 2018**. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=515&pagina=55&data=29/08/2018>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

<sup>16</sup> **Estimativa aponta que número de brasileiros homossexuais já chega a 17,9 milhões**. Disponível em: <<https://espaco-vital.jusbrasil.com.br/noticias/145829/estimativa-aponta-que-numero-de-brasileiros-homossexuais-ja-chega-a-17-9-milhoes>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

Conforme o excerto, a construção de cartografias sociais acerca das identidades homoafetivas e a contextualização das obras são elementos cruciais para a validação do processo de análise das mesmas, não havendo aí a preocupação em estabelecer valores para a obra literária, nem mesmo comparar os seus autores. Deve ser considerado também o contexto histórico, as relações desempenhadas entre os sujeitos nos enredos das narrativas, o poder aquisitivo das personagens, pois se sabe que os gays pobres e se negros ou indígenas sofrem mais preconceito, assim, os fatores internos e externos precisam ser considerados na análise. O respeito aos processos de produção cultural remete ao argumento “fazer crítica cultural é também apreender o funcionamento real de uma determinada sociedade. Claro que para uma crítica assumidamente militante, conhecer esse funcionamento é parte fundamental do projeto de modificar a sociedade, tornando-a mais justa e democrática” (CEVASCO, 2005, p. 270). Portanto, uma crítica militante não leva em conta os aspectos formais do texto, tampouco a sua filologia, mas a compreensão acerca dos processos sociais e culturais que amalgam a sociedade e suas implicações sobre a vida daqueles em favor de quem se defende.

### **3.1 Literatura, imprensa e homoafetividades:** contribuição do jornalismo para a formação da poética gay

*A hostilidade de membros da família diante de manifestações de feminilidade nos homens, a descoberta pelos parentes ou pais da vida secreta de alguns, ou o medo da revelação, tudo isso provocou uma variedade de reações.*

James N. Green

Sabe-se que a literatura enquanto “[...] uma forma de representação, espaço onde interesses e perspectivas sociais interagem e se entrecrocaram, não podemos deixar de indagar quem é, afinal, esse outro, que posição lhe é reservada na sociedade, e o que seu silêncio esconde” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 17). Nesta perspectiva, ao articular o conceito de literatura e a hostilidade vivida pelos homoafetivos no ambiente familiar, constatou-se que a literatura homoafetiva, assim como as demais vertentes dessa expressão artística, é moldada pelo contexto social, revelando-se uma *mimesis* do real. Por sua vez, convém mencionar que a inovação e ampliação da rede de comunicação permitiu às comunidades silenciadas o poder da voz, deu aos subalternos o poder de mando, entretanto, isso não se aplica a todos os grupos, uma vez que os homoafetivos continuam a ser perseguidos e até mortos, tendo por motivação sua orientação sexual (SPIVAK, 2014). Neste sentido, atesta-se:

Os estudos gay-lésbicos, nos rumos da luta histórica contra a polícia no Bar Stonewall Inn em Nova York no ano de 1968, se organizam pela análise e interpretação de fenômenos sexuais entre pessoas do mesmo sexo – a condição do homoerotismo e sua visibilidade. A conduta sexual homoerótica historicamente tem sido alvo de negligência e marginalização, contudo é preciso destacar os valores e os méritos das diferentes formas de expressões afetivas e eróticas do ser humano. Os estudos gays-lésbicos se organizam pela análise e interpretação de fenômenos caracterizados pelas relações afetivas, amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo (GARCIA, 2000, p. 14).

Evidencia-se que, mesmo tendo sido iniciado os estudos gay-lésbicos e o fato de, na contemporaneidade, existir diversos grupos de estudo os quais pesquisam e divulgam seus produtos em eventos como o Congresso Internacional de Estudos Sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH (CINABEH)<sup>17</sup>, a leitura dessas informações ainda é parca. Não por conta de quem produz e se ocupa desses estudos, mas, porque o público leitor na sua totalidade lê por algum interesse e para o imaginário coletivo, de pouca instrução ou amalgamado por princípios religiosos sem criticidade, a homoafetividade é um tabu. Nesta condição, até mesmo a produção televisiva (telenovelas) ou cinematográfica, quando aborda essa temática, pode gerar uma repercussão negativa, como foi o caso da cena mostrada entre as personagens André (Caio Blat) e Tolentino (Ricardo Pereira), na telenovela, *Liberdade, liberdade*, transmitida pela TV Globo no horário das 23h.

**Imagem 01:** Cena de sexo entre dois homens na TV aberta



**Fonte:** Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2016/07/apos-cena-de-sexo-com-caio-blat-ricardo-pereira-fala-sobre-os-rumos-casal-em-liberdade-liberdade-6643287.html>>. Acesso em 23 nov. 2018.

<sup>17</sup> Evento que congrega a cada dois anos pesquisadores(as) brasileiros(as) e de outras nacionalidades, concretizando-se como oportunidade de intercâmbios e enriquecimentos, além de fortalecer este compromisso e reunir um número significativo de trabalhos acadêmico-científicos e experiências de diferentes áreas do conhecimento, que versem sobre discussões da diversidade sexual e de gênero. Disponível em <<http://congressoabeh.com.br/index.php>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

A imagem acima choca, porque, desde a Idade Média, foi difundido que o amor entre pessoas do mesmo gênero sexual é abominação e, é colocar-se contra a divindade cristã – Deus – e a sociedade usando esse mesmo discurso acaba por promover intensa campanha homofóbica. Lê-se, por meio da imagem acima, que as diversas expressões artísticas e mídias têm procurado dar espaço para as representações homoafetivas, não porque o mundo tenha virado gay, como provocara o jornalista André Fischer (2008)<sup>18</sup>. Ela age no sentido de romper com os armários em que estas identidades estiveram encarceradas pelos parâmetros das normas heterossexistas, para as quais todo aquele que não estivesse adequado aos estereótipos, por eles legitimados, seriam vistos como anormais ou imorais. Assim sendo, “o comportamento sexual divergente da ordem da heterossexualidade é situado fora dos estereótipos e rotulado de anormal, ou seja, fora da normalidade. O que não se encaixa nos padrões é rejeitado pelo simples fato de ser diferente” (DIAS, 2016, p. 43).

Fica evidenciado, no excerto acima, que o preconceito às práticas homoafetivas nasce da não adequação dos sujeitos identificados com essa orientação aos estereótipos heterossexistas e isto impacta a vida dos homoafetivos, partindo da negação da existência deles com a expulsão do núcleo familiar e das demais instituições. Por outro lado, pode ser afirmado que as diversas produções artísticas e campos do saber que, fazem repercutir a discussão acerca dessa temática e não somente a produção ficcional, tem ganhado notoriedade nas últimas décadas. Isto está associado a fatores históricos e sociais – popularização da imprensa gay, desqualificação da homossexualidade como doença psíquica, lutas por direitos civis, enfrentamentos sociais e a crescente produção e divulgação na imprensa dessa vertente literária. Mesmo com avanço acentuado neste campo, visto que antes ainda era pior o tratamento dado aos homoafetivos, o brasileiro ainda precisa ser educado para respeitar as diferenças no outro, inclusive no tocante às sexualidades tidas por dissidentes.

O julgamento e a exigência de um comportamento social mais próximo ao dos heterossexuais contribuíram para que o preconceito e as interdições aos sujeitos homoafetivos acontecesse e a sua visibilidade, no cenário contemporâneo, parece incomodar àqueles que lhes queriam trancados a sete-chaves em seus armários. Houve um tempo em que era proibida qualquer manifestação de afeto entre dois homens ou entre duas mulheres e, nos dois casos, podiam ser punidos com os rigores da lei assim como ocorrera com Oscar Wilde e outros em diferentes períodos da história e até mesmo época em que as vestimentas eram vistas como índice da homoafetividade (TORRÃO FILHO, 2000). Desse modo, chega-se ao século XX e

---

<sup>18</sup> Ver o livro de crônicas **Como o mundo virou gay? Crônicas sobre a nova ordem sexual**.

suas primeiras décadas sem que fosse falado, abertamente ou em tom favorável, às homoafetividades, pois as interdições eram dominantes, também não era lícito falar das perversões humanas, uma vez que esta orientação sexual estava relacionada à desordem psíquica e ao crime, como apontado a seguir.

São inúmeros os autores que relacionam a homossexualidade masculina à criminalidade, entendendo que a criminalidade é uma tendência “natural” entre os homens que gostam de outros homens. Desde meados do século XIX até hoje, esse discurso equivocadamente encontrou defensores tanto entre juristas quanto entre médicos. Sirvam como exemplo três autores. Em primeiro lugar, o sexólogo Hernani de Irajá, em **Psicoses do amor**, editado em 1917. [...] Em segundo lugar, o jurista Francisco José Viveiros de castro, em seu livro **Atentados ao pudor**, cuja primeira edição é de 1895. O autor estabelece uma diferenciação entre ação criminosa e “doença sexual”. Ficava assim repartido o território de caça aos homossexuais entre o aparelho jurídico-legal e o médico. [...] E ainda nos anos 1950, a mesma correlação entre homossexuais e criminalidade se repete em **Homossexualidade masculina**, de Jorge Jaime. A única diferença de seu texto em relação ao anterior é que Jorge Jaime supõe que os “pederastas” passivos são não apenas criminosos, mas também vítimas dos relacionamentos em que se envolvem (GREEN; POLITO, 2006, p. 91-92).

Observa-se, no fragmento acima, que os olhares acerca da homoafetividade masculina são demarcados por discursos e publicações que condenam a relação afetivo-sexual entre pessoas do mesmo gênero, por conseguinte, essa cena repercute no imaginário social por toda a primeira metade do século XX. Porque, os discursos e publicações procuravam mostrar uma identidade controversa da população homoafetiva, representava uma junção de desordem e patologias clínica e social e que, para a sua cura precisava de tratamento adequado à base de choques elétricos e até mesmo o cárcere privado. Esses discursos reforçam a ideia de que se identificar como homoafetivo, no Brasil, pode ser perigoso devido à intolerância a essa orientação sexual, sendo que os subgrupos mais próximos do feminino (travestis e transgêneros) correm maior risco até mesmo de fazer parte das estatísticas de óbito.

Vale ressaltar que, na contemporaneidade, quando proposta a cura para a homoafetividade, o homem ao defender a moral e os bons costumes sinaliza a sua involução, porque em vez de ele procurar evoluir, ele regressa a um estágio inferior e nega todos os avanços e conquistas dos homoafetivos. Neste sentido, afirma-se que “o sistema simbólico construído se articula com a ‘estratégia de conjunto’, manifestando sua presença ao mesmo tempo em que é marcado pelas relações de poder dominantes” (GUIMARÃES, 2004, p. 106). Em conformidade com o excerto, compreendeu-se que há sobre os corpos gays o exercício de um poder simbólico e que o jornalismo e a literatura acabam por apenas reproduzi-lo como algo inerente à vivência desse grupo social. Avanços que podem ser percebidos na crítica de Antonio Gonçalves Filho à obra de Oscar Wilde contida no **Jornal Diário do Pará**, de 04 de Outubro de 1988.

# Imagem: Página do Jornal Diário do Pará, de 04 de Outubro de 1988.

D-4 — Terça-feira, 4 de outubro de 1988

Diário do Pará

## O satã vitoriano na era do medo



O escritor irlandês Oscar Wilde com seu filho de 10 anos, durante sua visita aos Estados Unidos, em 1888



Oscar Wilde e seu amigo Alfred Douglas, em Oxford, 1895

Ainda que a língua ferida de Gore Vidal tenha vociferado contra o que chamou de sociopata investigação freudiana típica da era da Aids, a biografia de Oscar Wilde (pronuncia-se Oshcar, como ele gostava), escrita pelo acadêmico Richard Ellmann, deverá seduzir boa parte dos leitores que sempre associaram o nome de Wilde ao de uma tia velha decadente. Primeiro, é o livro mais elegante que a Companhia das Letras já publicou. Vem com sobrecapa e dezenas de fotos do autor de língua inglesa mais lido fora do Império Britânico depois de Shakespeare, "uma mistura de Apolo e monstro".

Ellmann, biógrafo de Joyce, passou mais de 20 anos recolhendo as peças de um "puzzle" chamado Oscar Wilde (1854-1900), geralmente lembrado por seus logotipos de porcelana de Sévres, lírios na lapela, modelitos exclusivos, uma incomoda alienação e venoso moral de suas penas verbais, além, é claro, de ter sido o autor de "O Retrato de Dorian Gray". Quando muito, além das intelectuais que conhecem o real valor da literatura do dublinense Wilde, é criado pela mania como a notória beleza gorda que dançou miudinho nas mãos do inventor das regras do boque, o marquês de Queensberry.

É uma história caeleste. Wilde foi acusado pelo marquês de ter seduzido seu filho, lord Alfred Douglas. Homossexualidade, então, era crime na Inglaterra. Passou dois anos (entre 1896 e 1897) no cárcere de Reading, onde escreveu seu poema definitivo "A Ballada do Cárcere Realista".

Wilde diz: "Quando os homens matam o que amam. Seja por todos isto ouvido! Alguns o fazem com severo olhar. Outros com fráguas de lágrimas. O covarde assassina com um beijo. O bravo mata com punhal". Há quem considere, como Gore Vidal, que Wilde "acadêmico e heterossexual" de Richard Ellmann fez isso com Wilde.

O enigma é evidente. Se Ellmann não conta detalhes da vida (homos) sexual do escritor também não é hipócrita. Foi um de seus primeiros biógrafos a falar sobre os complexos de Wilde. Filho de uma poeta nacionalista que acrescentou Speranza a sua sobrenome. Oscar foi criado como uma menina até os 10 anos, contraiu sífilis aos 23 anos, morria de vergonha de seus dentes,

manchados pelo tratamento de mercúrio, e foi tão edipiano quanto o Geraldo. É a melhor época para se ler Oscar Wilde, quando o recultivamento da moral vitoriana, um século depois, não parece apenas uma possibilidade.

Richard Ellmann foi, em todo caso, menos tímido que o filho mais novo de Oscar Wilde, Vyvyan Holland, também autor de uma biografia do pai (leia texto nesta página). Ellmann, por exemplo, afirma que Wilde assinou o convite para fazer conferências nos Estados Unidos (entre janeiro e maio de 1882) como um pretexto para fazer publicidade da opereta "Patience", de Gilbert e Sullivan. Justamente um musical que ridicularizava a figura do escritor, mostrando Wilde como uma bichona a se divertir.

Coincidência ou não, o produtor do espetáculo era também o promotor das conferências nos EUA. O fato é que Wilde desprezava os riscos que pagavam para ver o arauto do esteticismo os chamados ignorantes. A cada noite, durante uma apresentação de "Patience", olhava para Wilde do que para os outros no palco. "É o mínimo que a mediocridade pode fazer com quem não é mediocre", teria dito Wilde. A tradução primorosa (de José Antonio Arraes) acrescenta o tom "tidy" das frases. "Tem algo a declarar?", pergunta o policial alfanidário. "Nada, exceto meu gênio", responde Wilde no desembarcar em Nova Iorque. Típico do esteticismo, um movimento da virada do século que colocava a beleza da condição fundamental para a existência.

Wilde, que teve sua vida arruinada por um cartão de visitas, só admitia a existência enquanto ser social. Por isso a beleza de seus traços e o cuidado com os cabelos. Socialista, ele viveu para todos. Traçou soldados de licença, mineiros e desocupados, para provar suas posições ideológicas. Ellmann evita tocar no assunto, mas a beleza de Wilde, apenas quando esses ítem alguma influência sobre a sua criação literária, altamente subversiva para quem só leu "Caminho Suave". Ellmann mostra isso "o escritor indiano no meio do caminho entre o bordel e a igreja, um mármore alagado em paradoxos." (Folha de São Paulo).

Antônio Gonçalves Filho

## Cartas a Lord Alfred Douglas não mentem

No ano em que Oscar Wilde publicou "O Retrato de Dorian Gray", isto é, em 1891, um garoto loto com cara de anjo e corpo de demônio, terceiro filho do marquês de Queensberry, lord Alfred Bruce Douglas, pediu ao pai para que lhe escrevesse cartas de amor. Era o começo da malícia de Wilde, o começo do estrelato social da casa sua do cárcere de Reading por causa desse garoto arrogante, mimado e cruel. Foi um cartão que provocou sua desgraça: Queensberry, botador machão, não gostava de ter Oscar e seu filho juntos. Destinou um cartão no clube de Wilde chamando o poeta de "sodomita" (sic).

Wilde processou o marquês. Perdeu. Foi condenado a dois anos de trabalhos forçados. Toda esta história é contada no livro "Cartas a Lord Alfred Douglas", editado pelo ensaísta espanhol Luis Antonio de Villena, que acaba de sair na Espanha pela Tusquets Editores. Não são as cartas de seu livro "De Profundis". O volume recolle o texto da correspondência trocada entre Oscar Wilde e lord Alfred Douglas, 150 cartas ao todo.

Edição a partir da compilação feita por Rupert Hart-Davis há 26 anos, em Londres, o livro traz uma preciosa biografia e notas explicativas sobre as cartas. Tem uma versão da biografia de Vyvyan Holland, é ágil e temia mesmo tempo para contar a mesma história.

Wilde processou o marquês. Perdeu. Foi condenado a dois anos de trabalhos forçados. Toda esta história é contada no livro "Cartas a Lord Alfred Douglas", editado pelo ensaísta espanhol Luis Antonio de Villena, que acaba de sair na Espanha pela Tusquets Editores. Não são as cartas de seu livro "De Profundis". O volume recolle o texto da correspondência trocada entre Oscar Wilde e lord Alfred Douglas, 150 cartas ao todo.

Edição a partir da compilação feita por Rupert Hart-Davis há 26 anos, em Londres, o livro traz uma preciosa biografia e notas explicativas sobre as cartas. Tem uma versão da biografia de Vyvyan Holland, é ágil e temia mesmo tempo para contar a mesma história.

Antônio Gonçalves Filho

## Show

### O Xamego reabre com novo visual

O Adalberto Cabral dá boas notícias para os tradicionais frequentadores da boate Xamego e, ao mesmo tempo, enfatiza que, quando a simpática casa de diversão noturna reabrir, na sexta-feira, os militantes vão ficar maravilhados com o que vão ter a oportunidade de ver. Após ficar fechado por um curto espaço de tempo, o Xamego reabre, em alto estilo, para o seu fiel público, com um novo visual. Tudo muito bonito.

O Show

Outubro é o mês de aniversário da boate, que muitos serviços tem prestado para a grandeza da noite paraense, ao longo de 19 anos. Isto mesmo. O Xamego faz 19 anos e quem ganha presente é o pessoal que frequenta a noite. Sexta-feira um grande show, intitulado "19 Anos de Amor e Erotismo", contando com um grande elenco, estrelado por belas e talentosas mulheres oriundas do sereno de Recife, Fortaleza e Manaus. Elas já estão chegando no pedágio e por certo que vão fazer sucesso na pista paraense.

O Xamego, em hipótese alguma, poderia ficar por baixo, ele que tem um nome a zelar dentro do contexto da Honrorável Condição do Sereno e esta nova etapa de sua existência vem comprovando o sucesso, proprietário, Raimundo Campos, continua vivo.

### Lapinha acompanha o Cirio

O Cirio está na porta e o Lapinha, como a casa que mais promove em Belém, por certo que não vai querer ficar por baixo. O Aletcar, coadjuvado por Junior e Natal, estão tratando de todos os detalhes para que a casa da Padre Eufíquio se mostre convidante para os olhos sobretudo dos turistas que lotam Belém durante esta época do ano. De quinta a sábado a atração ficará por conta do grupo Sôfisticado, especialista em bailes, e que faz muito sucesso pelo Brasil afora. Tem ainda o show de Rudy Star, com muita pluma e pitada de Hollywood. É ainda pelo pitada de chumbo grosso de última hora.

### Tem folclore duplo no Sabor da Terra

O Sabor da Terra, restaurante típico que fica na Jerônimo Pimentel com a Doca, esta semana, alterou a sua programação, passando a apresentar duas sessões de shows folclóricos. Assim sendo, a primeira sessão começa às 22 horas e a segunda, às 20 horas. O show de sábado, a primeira sessão começa às 22 horas e a segunda, às 20 horas. O show de sábado, a primeira sessão começa às 22 horas e a segunda, às 20 horas. O show de sábado, a primeira sessão começa às 22 horas e a segunda, às 20 horas.

### Agito total no China da Pedreira

Durante a semana do Cirio, o agito vai ser realmente questionoso no China da Pedreira. Sexta e sábado o público vai ter o que merece: shows de strip-tease a montante e brega a granel. Uma festa total, incrementada pelas melhores aparelhagens da cidade. Para quem não sabe, o China funciona on de por muitos anos era o cinema Paraisópolis. Agora é local de pauleira bem popular.



Beleza belona levra enfim o sereno lapiniano

### O forró do Sabino

Sabino do Acordeon, um dos mais festejados forrozeiros da cidade, agora tem o seu próprio estabelecimento, um bar e restaurante que fica na rodovia do Coqueiro, 117, logo na entrada da Cidade Nova. Funciona sexta e sábado, oferecendo comida e bebida de todo tipo, além de cerveja estupidamente gelada, caranguejada, sarapatel e, logicamente, muito forró para sacudir a galera. E forró com o próprio grupo do Sabino.

### Espaço Aberto

**Sublime lembrança**  
Em memória de meu pai Lator  
Claudio Jorge Bentes de Castro

Recordo minha terra n'alvorada  
Coberta de verde e fumaça  
Ouvindo o marulhar do rio e a jangada  
Do pescador que cantando  
alegremente passa

A Igreja, a serra, a casinha destelhada  
O peixe-boi, o pirarucu, a garça  
O vaqueiro a perseguir a rês desgarrada  
E, na campina cansando-a, enlaça

Meu velho pai contando com saudade  
Os bons momentos de sua mocidade  
Com a voz trêmula de emoção

Ele partiu. Foi sozinho pro espaço  
Não pude tê-lo velhinho em meus braços  
A sentir o leve pulsar de seu coração.

### Uma janela para o rio

Alfredo Garcia

Não sei a quantas anda o projeto do eminente pesquisador e atual diretor de Navegação da Enasa, Carlos Rocque, sobre a criação do que seria um "janelão" para o Baía do Guajará, presumivelmente a instalar-se onde hoje existe o galpão Mosqueiro-Soure e adjacências.

Indubitavelmente, o projeto tem seus cerceamentos por parte de quem o vê como simples obra sem fim de praticidade, a nível de consumo. Pelo menos é o que se depreende das declarações do Sr. Manoel Oliveira, da Federação do Comércio, quando diz que "não se justificam obras que implicam em gastos que podem e devem ser evitados" e "que se procure outro local", pois "outras janelas" de menor porte", "já foram instaladas" e "esses locais em pouco tempo foram desvirtuados e hoje envergonham a cidade".

Analisando as declarações do citado senhor, compreendemos os motivos da recusa em ver-se implantado o projeto do Sr. Carlos Rocque: A "janela" da Feira do Açaí, próxima ao Forte do Castelo, realmente foi desvirtuada no seu objetivo, posto que agora anda abandonada, às moscas como diria alguém, sem iluminação adequada e servindo de abrigo de párias e marginais que atacam transeuntes que altas horas, ou mais cedo até, passem por aquele local. Entendo, entretanto, que a culpa primeira cabe ao poder público, em que pese o grande esforço do mesmo, pois desde que a Feira foi abandonada a própria sorte, sem a presença dos artesãos (debandaram para a Praça da República) e sem nenhuma programação cultural para as domingos, o quadro ficou de uma abandono total, advindo, então, toda sorte de párias para aquele logradouro.

Iso, entretanto, não invalida o projeto da "janela" que o Sr. Carlos Rocque tenta viabilizar. Creio ser uma ótima idéia. Claro está que precisariam, ser analisados todos os ângulos que envolvem a questão e, se colocado em prática, o projeto, criada toda uma infra-estrutura para que o mesmo não fosse a pique. Poderia ser essa "janela" um marcante ponto turístico, como foi e ainda pode voltar a ser se tomadas as providências cabíveis, qual a Feira do Açaí, o Forte do Castelo, etc. Vamos aguardar os acontecimentos e, oportunamente, voltaremos à questão.

### Um dia, um amor

Ella Azevê

Lindo, belo e querido  
Fui assim o nosso amor  
Não éramos amantes,  
mas sim amados.  
Eu te amava e tu me amavas  
Fui como uma linda primavera  
Nosso amor desabrochou feio flor  
E cheirávamos juntos a fragrância  
do amor.  
Éramos livres e felizes  
Mas como a primavera,  
nosso amor acabou  
E como uma flor murcha,  
nosso amor terminou.

### Pensamentos

Por detrás da feitura mais impetuosa  
se descobre a mais natural beleza (Gláucio Oliveira)

As mulheres queixam-se da infidelidade dos homens, mas são as primeiras a encobrir e compactuar com as infidelidades dos filhos, homens, por achá-las naturais. Enamorada (Rosa Noronha)

A crítica à obra de Oscar Wilde, no Brasil, é um quadro à parte, representativa das conquistas pós-Stonewall, porque antes a representação e a crítica da literatura homoafetiva não tinha esse tom. De **Da prostituição em geral e em particular em relação à cidade do Rio de Janeiro, profilaxia da sífilis** (1872), de Francisco Ferraz de Macedo, **Homossexualismo** (1906), de José Ricardo Pires de Almeida e **Observações sobre hábitos, costumes e condições de vida dos homossexuais (pederastas passivos) de São Paulo** (1938/1940), de Aldo Sinisgalli, várias publicações trataram das homoafetividades, mas nenhuma respeitava os homoafetivos. Contudo, elas serviam de instrumentos para a justiça e a medicina condenarem a essa população, visto que eles eram tidos como vadios, desocupados, ameaça à ordem pública e vetores de doenças sexualmente transmissíveis (GREEN; POLITO, 2006).

Por sua vez, é somente na segunda metade do século XX, quando surgiu a imprensa gay no Brasil, a partir de 1963, com jornais como o *Snob*, *O Centro*, *Darling*, *Gay Society*, *Baby*, *Le Sophistique* e *Entender*, que circulava no Rio de Janeiro e em outros Estados brasileiros que se pode perceber que havia um público leitor para esses textos. A princípio, essas publicações mostram dois olhares sobre as homoafetividades – maior visibilidade, reconhecimento da existência e, em proporção equivalente, o desrespeito e homofobia. No entanto, a existência desses leitores e a publicização da vida gay na imprensa não serviu de todo para a diminuição do preconceito, sobretudo, em tempos nos quais uma Cartilha, que era para o combate à homofobia, tornou-se um “Kit gay” e auxilia na construção de um projeto político como assistimos durante a campanha para as eleições de 2018. Por outro lado, deve-se compreender que a existência de um novo olhar às homoafetividades dependeu de mudanças estruturais das sociedades e, por conseguinte, de suas mentalidades, inclusive a partir dos manifestos como o *Gay Power*<sup>19</sup>, assim:

[...] o levantamento histórico de grupos oprimidos resgata a memória fundamental para se entender os processos identitários experimentados em cada grupo. Observamos, porém, que, em sentido lato, tal levantamento deve ir além de ressentimentos, mitificações de histórias de resistência, da opressão e repetição de estereótipos produzidos por ideologias oficiais; no caso da literatura homoerótica, a misoginia, a homofobia, o heterossexismo, entre outros. Nesse prisma, a revisão histórica construirá memórias alternativas constituídas em um referencial político central para a constituição de uma sociedade multicultural como a brasileira dentro dos estudos homoeróticos, observamos a presença de uma emergência política muito próxima dos *Queer Studies* americanos, ainda pouco exercitada pelos grupos indígenas e afro-brasileiros (SANTOS; WIELEWICK, 2005, p. 297).

<sup>19</sup> Movimento homossexual norte-americano que vigorou entre 1969 e 1977 e fazia circular na imprensa mundial as notícias as quais apresentavam uma imagem positiva dos homossexuais masculinos e lésbicas em suas manifestações de protesto, ações legais e atividades que visavam à ampliação dos seus direitos democráticos nos EUA (GREEN; POLITO, 2006).

Notou-se que a imprensa gay teve como função levar a comunidade homoafetiva a se perceber como sujeito histórico, à medida que fora capaz de buscar no passado a representação do presente, visto que as publicações das décadas de 1960 a 1980 mostram uma nova perspectiva da vida gay. Se no passado os homoafetivos foram classificados como doentios e malfeitores, agora têm uma identidade multicultural, ressentem-se do modo como foram vistos os seus antecedentes, das agruras sofridas, comparam-se a outras realidades como, na Rússia, em alguns países do continente africano e do mundo árabe, onde se declarar amar a alguém do mesmo sexo é ser criminoso. Esse olhar acerca das homoafetividades fora orientado pelos silêncios impostos aos pertencentes a este grupo social, além disso, esses novos olhares desafiam os estereótipos já construídos e que dominavam o contexto social acerca dessa identidade, entre eles “a média dos brasileiros confundia homossexualidade masculina com efeminação” (GREEN, 2000, p. 27).

Nesta dimensão, compreende-se que embora se esteja, no século XXI, é necessário reagir e a melhor forma de fazê-la é por meio da educação, educação para a tolerância, para o respeito ao outro, rompendo com a misoginia, a homofobia e o sexismo que massificam a esse estrato populacional. Por sua vez, para que esse modelo de educação seja adequado, ele deverá se basear na *Teoria Queer*, pois esta é mais uma atitude do que uma identidade sexual, uma vez que se contrapõe à binariedade do gênero e às dicotomias da sexualidade, além de se colocar como política de contestação. Seguindo essa linha de raciocínio pode ser acrescentado que “a performatividade de gênero literalmente destrói a base dos movimentos políticos cujo objetivo é a libertação de naturezas reprimidas ou oprimidas, tanto de gênero quanto sexual, porém revela possibilidades de resistência e subversão encobertas pela política identitária” (SPARGO, 2017, p. 44). De acordo com o excerto, compreendeu-se que os corpos todos são construções que abrigam performatividades e essas podem ser vistas como negativas por se instaurarem na condição do político, uma reação à domesticação dos corpos, neste caso, vale relembrar o sentido do vocábulo *queer*.

Em inglês, o termo “queer” pode ter função de substantivo, adjetivo ou verbo, mas em todos os casos se define em oposição ao “normal” ou à normalização. A teoria queer não é um arcabouço conceitual ou metodológico único ou sistemático, e sim um acervo de engajamentos intelectuais com as relações entre sexo, gênero e desejo sexual. Se a teoria queer é uma escola de pensamento, ela tem uma visão profundamente ortodoxa de disciplina. O termo descreve uma gama diversificada de práticas e prioridades críticas: interpretações da representação do desejo entre pessoas do mesmo sexo em textos literários, filmes, músicas e imagens; análises das relações de poder sociais e políticas da sexualidade; críticas do sistema sexo-gênero; estudos sobre identificação transexual e transgênero, sobre sadomasoquismo e sobre desejos transgressivos (SPARGO, 2017, p. 13).

Se a educação é caminho para a mudança social, a imprensa pode servir de veículo para que os homens se eduquem à medida em que se informem mais e melhor acerca das homoafetividades, inclusive faça uso dessas informações para desconstruir as noções as quais legitimaram a exclusão dos praticantes do vício italiano no passado. É mister afirmar que a imprensa, de um modo geral, educa e informa o homem do seu tempo, assim, se do século XV à primeira metade do século XX, o amor dos clérigos era o pecado que conduzia os homens ao inferno, ela tinha a tarefa de transmitir essa informação à sociedade. Por isso, os primeiros escritos na imprensa sobre os praticantes do pecado nefando eram vistos sob dois aspectos: “satirizando figuras públicas, principalmente por meio de charges e ilustrações, ou divulgando fatos policiais envolvendo homossexuais e travestis” (PÉRET, 2012, p. 11).

Ao considerar que o jornalismo contribuiu para a mudança de discursos e rumos na história da homoafetividade, vale tratar dos principais jornais ou revistas que ajudaram nesse intento – De *Snob* a *Lampião da Esquina*, todos, de algum modo, contribuíram para essa nova configuração e estudos gays. A ação vanguardista desses meios de comunicação aliada a movimentos culturais como o Tropicalismo, inclusive com o verso “é proibido proibir” de Caetano Veloso demonstraram que eles: “não só refletiram o conteúdo contestatório do movimento estudantil, violentamente reprimido, como também apontava uma revolta contra toda a rigidez moral da sociedade brasileira” (OKITA, 2015, p. 75). O caráter apontado está integrado ao projeto editorial do Jornal *Snob* e do *Lampião da Esquina*, os quais foram considerados o abre-alas e o fechamento, respectivamente, entre as publicações gays desse período. Sobre o primeiro, menciona-se:

Em 1963, Agildo Guimarães editou uma das primeiras publicações para homossexuais masculinos no Brasil: o *Snob*. A expressão foi escolhida porque, segundo ele, “era muito usada pelas bichas naquela época”. Para a realidade brasileira, pode-se dizer que o jornal teve vida longa: com 99 números regulares e uma edição “retrospectiva”, foi publicado de julho de 1963 a junho de 1969, ano em que o endurecimento do regime militar levou à sua extinção. Inicialmente modesto, com poucas páginas, mimeografado e com desenhos de modelos femininos, o jornal foi se sofisticando, chegou a atingir de 30 a 40 páginas, divulgou ilustrações mais elaboradas, colunas de fofocas, concursos de contos e entrevistas com os travestis mais famosos do período. E se nos primeiros números as matérias eram mais leves, brincadeiras trocadas entre os gays, aos poucos o jornal foi se politizando e passou a discutir problemas relativos à realidade brasileira. Mas principalmente abordou uma pauta importante de questões referentes à homossexualidade masculina no Brasil em seus aspectos internos e em suas interações com a sociedade mais ampla (GREEN; POLITO, 2006, p. 155).

A partir do excerto compreendeu-se que a mudança discursiva decorre do fato de os escritos assumirem a perspectiva da escrita de si, de tomarem para si o caráter contestador dos outros movimentos sociais da época, como o era o movimento estudantil, a clara recusa às

proibições, entre as quais o enclausuramento desses sujeitos em seus armários. Porém, mesmo sendo mais visíveis as publicações sobre a vida gay, que esses veículos de comunicação de massa tenham servido para fomentar e consolidar novas políticas de gênero e identidade, como o fato de os trans e travestis puderem usar um nome social, inclusive nas instituições escolares ainda resistem obras que recusam essa visibilidade. De outro modo, essa publicação não trata apenas do nível social, antes, é uma produção que atende ao cunho cultural e serviu para divulgar as artes e a literatura de contestação como o poema-manifesto “*Dez mandamentos da bicha*”, nele publicado em 1964, reproduzido a seguir:

1. Amar todos os homens.
2. Nunca ficar só com um só.
3. Beijar todos os bofes.
4. Evitar falar no futuro.
5. Quanto mais intimidade na cama melhor.
6. Fingir sempre que ama um só.
7. Nunca esquecer os bofes casados.
8. Evitar falar em dinheiro.
9. Não querer as mariconas.
10. Casar só por uma hora (PÉRET, 2012, p. 24).

O poema-manifesto assume o tom do deboche, da contracultura, da negação do momento político à medida que desconstrói um texto já cristalizado no imaginário do Cristianismo, que foi quem mais bateu forte nos homoafetivos em toda a história. Por outro lado, notou-se ainda que as publicações as quais carregassem o tom jocoso para tratar dos homoafetivos não ficaram presos no passado, hoje, muitos ainda são arrancados do armário a partir de uma manchete jornalística como fora apontado por Bimbi (2017), quando discute a saída e a permanência no armário. Nesta circunstância, pode ser apontado, como fundamento da mudança no discurso sobre as homoafetividades, o fato de ela ser composta quase que, exclusivamente, por jornalistas que também se identificam como homoafetivos, assim, pode ser afirmado que: “[...] o conhecimento pessoal de um escritor possa ser útil para o estudo de sua produção literária. Neste caso específico, é patente que não há praticamente diferença alguma entre sua vida profissional e particular” (FAURY, 1983, p. 93).

Compreendeu-se que para a sistematização da análise da produção literária homoafetiva cabe ao leitor/analista conhecer não somente o texto, mas também a autoria, pois, assim se pode verificar se há elementos que reforçam a escrita de si como se houvesse um pacto autobiográfico ou se vai além dessa relação. Mesmo que se perceba que a linha divisória entre o real e a ficção na escrita de si é apenas uma linha tênue, pois nem mesmo o uso do foco narrativo de terceira pessoa pode demarcar a fala de um outro, visto que para a linguística esse outro inexistente, ele é apenas uma criação do artista como assegurado por

Benveniste (2005). Na percepção da autora, há um pacto que interliga os aspectos da vida, a personagem e seu criador, o qual contribui para um maior enriquecimento do texto e identificação com o escrito, não é, por um acaso que o Jornal que mais fizera sucesso foi o *Lampião da Esquina*, que tinha Darcy Penteado, Peter Fry, João Silvério Trevisan e Aguinaldo Silva como editores (TORRÃO FILHO, 2000). A imprensa dessa época, além de trazer novas vozes, traz também novos espaços, sobre os quais se menciona:

Com a constituição desses novos espaços, novas necessidades foram surgindo, como a criação de jornais ou fanzines que divulgassem as ações dos grupos. As primeiras publicações no país voltadas especificamente para homossexuais eram feitas de maneira artesanal, mimeografadas e distribuídas ou trocadas entre pessoas das diferentes turmas.

Nos Estados Unidos dos anos 1960 já se discutia abertamente a questão da homossexualidade. Os movimentos contraculturais que haviam emergido na década anterior mudaram a cara do ativismo juvenil e provocaram uma revolução no modo como grupos minoritários – homossexuais, mulheres e negros – se articulavam politicamente, ganhando visibilidade na mídia e buscando estabelecer um diálogo mais liberal e tolerante em relação à diversidade sexual e racial. A contracultura ainda mudou, embora com algumas fissuras e muitas tensões a agenda política da esquerda. Gradualmente, a figura do jovem socialista preocupado com a luta de classes e com os grandes problemas sociais foi dividindo espaço com um novo tipo de ativismo: o de jovens de cabelos longos com roupas coloridas e extravagantes, que realizavam manifestações excêntricas. “Faça amor, não faça guerra!”, pediam os hippies, em protesto contra a Guerra do Vietnã, distribuindo flores para os policiais. Além do pacifismo, militavam pelo autoconhecimento e pela liberdade sexual como alternativas para mudanças globais (PÉRET, 2012, p. 18-19).

Evidencia-se, mediante o fragmento, que a formação da imprensa gay na década de 1960, impulsionada pela emergência do Movimento Gay norte-americano, contribui para que surjam novos atores sociais e perspectivas, inclusive ganhando adeptos entre os mais jovens e entre os heterossexuais. Desse modo, é conveniente saber acerca desses jornais, os quais podem ser considerados desdobramentos do *Gay Power*<sup>20</sup> (ver ANEXO A) em terras brasileiras. Esses meios de comunicação são entendidos de tal modo porque funcionam como corruptores do silêncio e, de certo modo, promotores da ruptura entre o silêncio e a visibilidade dessa orientação sexual. Esse ir contra o silêncio implica no novo papel da contracultura trazida pela imprensa gay das décadas de 1960 e 1970, visto que rompe com os paradigmas tradicionais e pode evocar suas dores, inclusive mostra um novo protagonismo social dos grupos marginalizados, assim:

<sup>20</sup> Matéria jornalística trazida na revista *Veja*, em agosto de 1977, que trata do empoderamento da comunidade gay no Brasil, tal qual ocorria nos Estados Unidos desde a noite no Bar Stonewall. Essas matérias que tratavam do poder gay ou empoderamento da comunidade gay, a princípio, eram notícias do movimento homossexual norte-americano, entre 1969 e 1977. Embora houvesse uma censura devido ao Período Militar e o fato de as matérias que circulavam sobre as homoafetividades tivessem a marca da caricatura e da negatividade. Estas que tratavam do poder gay passaram a representá-los de modo contrário, traziam comportamentos positivos dos homossexuais masculinos e femininos, inclusive nas suas manifestações de protesto e outras atividades da luta por seus direitos democráticos nos Estados Unidos (GREEN; POLITO, 2006, p. 159).

[...] o silêncio tem razões bastante complexas. Para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta. Em seu retorno, os deportados encontraram efetivamente essa escuta, mas rapidamente o investimento de todas as energias na reconstrução do pós-guerra exauriu a vontade de ouvir a mensagem culpabilizante dos horrores dos campos (POLLAK, 1989, p. 4).

Outro, esses meios se estabelecem como movimentos de contracultura, de oposição ao conservadorismo, da liberdade defendida pelos frequentadores dos bares de Stonewall, porém, não se pode confundi-los com movimentos de esquerda, uma vez que o mais notório é o florescimento da consciência sobre si, o seu corpo e suas lutas (GREEN; POLITO, 2006). Ao passo que Green (2000) ainda reitera que as ideias de esquerda, direita, centro como posição político-partidária não interessaria à comunidade gay, pois meio ou centro pode, simplesmente, significar uma referência ao trânsito da identidade homoafetiva entre os gêneros masculino e feminino. Desse modo, supõe-se que seja colocado em jogo na memória o sentido individual e coletivo, pois os silêncios representam as imposições do coletivo sobre as subjetividades da comunidade gay e estas são transmitidas para as diversas manifestações artísticas representativas do mundo gay.

Na área intermediária entre o **Snob** e o **Lampião da Esquina**, tivemos a revista *Realidade*<sup>21</sup> que também traz uma visão positiva sobre os homoafetivos, a exemplo da matéria sobre o modo como a escritora Cassandra Rios passa a ter a sua independência para que possa escrever (Ver ANEXO B). Além disso, ainda em Maio de 1968, a mesma revista trouxera o artigo “Homossexualismo” (Ver ANEXO C), no qual tratara da homossexualidade masculina, inclusive mencionando que aquele que reprimia a pulsão sexual tornava-se um homem triste e angustiado. Entretanto, a visão dos editores deste periódico nem sempre fora positiva em relação às homoafetividades, uma vez que em outros números, estes apareciam somente nas páginas policiais e/ou como personagens carnalizadas, conforme apontado em:

Apesar de a revista insistir em velhas teses médicas a respeito da homossexualidade como “doença”, reunir depoimentos de médicos, pedagogos, professores de teologia moral, rabinos, padres e sociólogos convidados a opinar sobre o “problema”, por outro lado, nenhum dos homossexuais entrevistados supôs-se como portador de uma doença em função de suas preferências homossexuais. As entrevistas feitas pela revista foram todas realizadas em um bar noturno. A reportagem gerou impacto. Nos dois números seguintes da revista (de junho e julho), muitas cartas foram enviadas à redação. As cartas vão desde a condenação da matéria, que nem deveria ser estampada na revista, até críticas certeiras à fragilidade da reportagem. É curioso notar que muitos dos que escreveram cartas eram homossexuais e não hesitaram em declarar seus nomes e endereços. As cartas compõem um painel riquíssimo das diversas reações possíveis ao tema (GREEN; POLITO, 2006, p. 156).

<sup>21</sup> A revista **Realidade** é um marco na história do jornalismo brasileiro. Sob qualquer ângulo que possa ser estudada, a publicação da Editora Abril, lançada em 1966 e produzida durante 10 anos consecutivos, representa para os profissionais da imprensa e para os estudiosos da vida cultural brasileira um momento obrigatório de referência, tanto pela abrangência dos temas que reportou como pela forma como o fez (FARO, 2008, p. 4).

Percebeu-se que a posição dos autores é apenas expositiva em relação ao contido no periódico, não há um juízo de valor, acerca do contido, apenas se aborda o tema e a crítica fica por conta do comportamento da revista. Por outro lado, acerca do *Snob*, para Green (2006) a postura de Agildo Guimarães era a mesma dos editores de *Lampião da Esquina*, parecera incomodar àqueles homoafetivos que migraram do Movimento estudantil, uma vez que estes se filiaram, particularmente, aos partidos da chamada esquerda. Também nesta linha de pensamento, que os homoafetivos não devem assumir a defesa dos ideais de um partido político, na literatura latino-americana, está Mário Vargas Llosa e o seu clássico **História de Mayta** (1984).

A visão impressa nessa obra, que para ambas as forças políticas a homoafetividade masculina, eram “como uma prática degenerativa, furtiva e de efeminados, que elas vaga e variavelmente associaram com subversão e vulnerabilidade política” (COWAN, 2014, p. 32). Neste sentido, vê-se que os locais onde os homossexuais estavam nas suas representações contribuíam para sustentar a tese de que eram degenerados sociais, estavam sempre em bares, nas ruas, não frequentavam as escolas, eram trabalhadores da noite. Por outro lado, retomando a representatividade de *Lampião da Esquina* para a difusão da escrita literária homoafetiva, seja na perspectiva da escrita de si ou do outro, cita-se:

*Lampião da Esquina* reunia um grupo de jornalistas e intelectuais com ampla experiência profissional e o primeiro número teve tiragem de dez mil exemplares. Aguinaldo Silva era o coordenador editorial e o jornal contava no início com sete editores: Darcy Penteadó, João Silvério Trevisan, Francisco Bittencourt, Clóvis Marques, Adão Costa, João Antônio Mascarenhas e Gasparino Damata. Em seu Conselho Editorial, figuras proeminentes, como o antropólogo Peter Fry e o cineasta Jean-Claude Bernardet. O título do jornal tanto sugeria a vida gay de rua, quanto a figura do rei do cangaço no Brasil. Nele editaram-se contos, ensaios, notícias do movimento internacional de gays e lésbicas, informações sobre bares e pontos de interação e notas de interesse da comunidade homoerótica. O jornal circulou até junho de 1981, tendo publicado 38 números. Em sua curta existência, teve que enfrentar a truculência do Estado brasileiro, que desde agosto de 1978 vinha investigando suas ações (GREEN; POLITO, 2006, p. 183).

Diante do excerto entendeu-se que a experiência dos escritores que compõem o quadro de editores de *Lampião da Esquina* contribui para que o jornal deixe sua importância e possa ser visto como a luz que guia os transeuntes por ruas ermas e escuras em noites sem lua cheia. O referido periódico era uma proposta ousada se comparado aos seus antecessores, era a consolidação de uma proposta visionária com um novo olhar sobre as homoafetividades, não carrega o mesmo tom político de o *Snob*, *Realidade*, nem das *Colunas de Celso Cury*. A ousadia da proposta nos é apresentada desde o título quando perturba a mente do leitor ao propor a tensão da desconstrução daquele que era conhecido por sua coragem de enfrentar os

poderosos da sua época e, agora, quem o faz são aqueles considerados fracos, não adaptados a nenhum gênero sexual. Com essas artes nota-se que há uma produção na cena cultural na qual o homoafetivo é representado dentro de uma perspectiva positiva, além de abordar outros assuntos da agenda das minorias, conforme se nota na imagem que segue:

**Imagem 03:** Capa do primeiro número de *Lampião da Esquina*



**Fonte:** Hemeroteca da Biblioteca Mário de Andrade, 2018.

Mediante o que se lê na capa deste periódico, é perceptível a presença de temas ligados de modo direto ao universo homoafetivo, por exemplo, desde o Editorial, neste número, intitulado “*Nossas gaiolas comuns*” e que trazia nele o poema “*Mulher vestida de gaiola*”, do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto: “Parece que vives/ sempre de uma/ gaiola envolvida,/ isenta, numa gaiola/ de uma gaiola/ vestida,/ de uma gaiola/ cortada em tua/ exata medida/ numa matéria/ isolante:/ gaiola-blusa/ ou camisa”. O poema do poeta-engenheiro já remete há duas questões que aludem ao universo homoafetivo – o

aprisionamento e a constante luta por liberdade, por isso, na sua segunda página o Jornal já diz a que veio – não apontar o homoafetivo como incapaz, mas sujeito de si, dono de sua(s) liberdade(s). Também fazem parte desse número reportagens como, por exemplo, “Mesmo no carnaval baiano, cada macaco no seu galho”, de Peter Fry e Edward MacRae, na qual tratava de uma travesti que incorporou seu Orixá enquanto participava da festa momesca na Praça Castro Alves; ensaios; críticas de cinema, livros e peças teatrais e; da literatura, os poemas – “Ode”, de Augusto Frederico Schmidt; “Soneto”, de Mário de Andrade e; “Soneto ao anjo”, de Sosígenes Costa (ver ANEXO D).

Sobre o *Lampião da Esquina* ainda pode ser considerado que ele fora o último periódico da fase de “*desbum guei*” ou da chamada era do “*boom guei*”, período em que as artes que tematizavam o homoafetivo, em diferentes percepções, vêm à tona e passam a ser apreciadas. Nesta perspectiva, cita-se como exemplos, a charge de Seth, publicada em 1911, em *O Gato*; Os filmes *Carnaval no fogo* (1949), de Watson Macedo e *O menino e o vento* (1967), de Carlos Hugo Christensen (ver ANEXOS E, F e G). Essa fase remeteu a um processo de mergulho do homem no seu inconsciente a fim de que ele pudesse intuir a liberdade a qual não tinha, é um período de anarquia da comunidade gay, que a colocava como contraponto a tudo que a prendesse social e moralmente. Por isso, ele emerge “sob a aparência frequente de irresponsabilidade – os compromissos com a direita e a esquerda militarizadas da época, para mergulhar numa liberação individual, baseada na solidariedade não partidária e muitas vezes associada ao consumo de drogas ou à homossexualidade (então recatadamente denominada ‘androginia’)” (TREVISAN, 2002, p. 284).

Há uma aparente incompreensão da sociedade em relação ao modo de expressão da imprensa e das artes que tematizam as homoafetividades, porque para ela era desconhecida, estranha, embora se saiba que homoafetivos existam e que foram silenciados desde o início dos tempos. Este jogo de silêncios pode ser lido como uma memória traumática, a qual se prefere silenciar para evitar a culpa de si ou do outro, do não querer lembrar aquilo que o atemoriza ou a compromete na esfera social. Notou-se também que a imprensa, sobretudo, o jornalismo teve papel fundamental na construção e conservação da memória e resgate da identidade dos diversos grupos sociais à medida que focalizava as resistências enfrentadas por estes no cotidiano e promovesse a difusão das expressões artísticas que tematizavam acerca da vida e costumes gays.

A manutenção do silêncio sobre os corpos gays não atende somente a uma tentativa do dispositivo de controle dos mesmos pelo mito dominante, entretanto, os discursos da literatura de minorias sexuais reage a essa força e reivindica a voz do seu grupo para reafirmar o seu

lugar no mundo. Desse modo, a arte de expressão gay como a literatura, as artes plásticas, fotografia, cinema, música, dança também encontram um público cativo, tanto entre os que se identificam com essa identidade quanto os que apenas simpatizam com ela, pois para ler um texto que trata do amor gay não é necessário que o leitor também o seja. Por outro lado, é no anseio de resistir às imposições do meio social que o sujeito escreve e publica suas dores sem medo de se mostrar ao outro, assim, o ato de resistir “se dá como processo inerente à escrita” (BOSI, 2002, p. 120).

A escrita trabalha não só com a memória das coisas realmente acontecidas, mas com todo o reino do possível e do imaginável. O narrador cria, *segundo o seu desejo*, representações do bem, representações do mal ou representações ambivalentes. Graças à exploração das técnicas do foco narrativo, o romancista poderá levar ao primeiro plano do texto ficcional toda uma fenomenologia de resistência do eu aos valores ou antivalores do seu meio. Dá-se assim uma subjetivação intensa do fenômeno ético da resistência, o que é a figura moderna do herói antigo. Esse tratamento livre e diferenciado permite que o leitor acompanhe os movimentos não raro contraditórios da consciência, quer das personagens, quer do narrador em primeira pessoa (BOSI, 2002, p. 121).

Em consonância com o fragmento acima se entendera que a literatura e a imprensa escritas cumpriram com a função de registrar a memória dos fatos os quais os mais variados sujeitos experimentam no cotidiano, seja do vivido ou daquilo que lhes fora narrado pelo outro. No entanto, há diferenças entre a narração daquilo que o sujeito vivenciou e o que ele ouviu da vivência do outro, a vivência marca, deixa registros que a memória não quer ou não pode apagar, pois é individual e ao mesmo tempo coletiva, já o ouvido apenas por um pode ser mais facilmente esquecido. Por essa razão, ao considerar os elementos apresentados nos diversos meios aqui apresentados e outros apenas lidos durante a investigação e nas falas dos entrevistados, mas suprimidos por falta de espaço, dão conta de que o *Lampião da Esquina* e outros periódicos, os quais assumiam o caráter da escrita de si, impactam de modo mais contumaz os sujeitos com igual identidade ou simpatizantes.

As revistas e jornais comentados – **Snob**, **Realidade** e **Lampião da Esquina** podem ser lidos como representativos de uma geração do Gay Power, têm uma linguagem sóbria e o seu intuito ainda que chocasse a sociedade preservava uma linguagem culta e se mantinham distanciados do caráter erótico-pornográfico. Entretanto, rompiam com o silenciamento acerca das identidades gays e lhes conferiam visibilidade e poder, tinham um caráter de contestação e resistência, como visto no anexo B, na entrevista de **Realidade** à escritora Cassandra Rios e nas outras expressões artísticas da época. Caráter de contestação que se explicita, principalmente, no periódico **Chana com Chana**, que, a princípio, era apenas um caminho para o diálogo com a comunidade lesbo-afetiva, resultante de um grupo de lésbicas que, em

1981, foram convidadas a escrever uma matéria sobre a lesbianidade para ser publicada em **Lampião da Esquina**. Neste periódico, criado pelo Grupo de Ação Lésbico-Feminista (Galf), as suas pensadoras pretendiam a criação de um espaço de debates, conversas e diversão, que informasse às outras mulheres lésbicas, ampliasse suas discussões sobre a identidade lésbica, tivesse humor, um espaço para namoro e para a divulgação da poesia e outros textos literários (Ver ANEXO H).

Entende-se que o vocábulo “chana” contido no título da publicação mencionada anteriormente pode ser um dos vários usados como codinome da vagina e remete, por essa razão, de modo direto, ao sexo feminino, ela ainda se enquadra no ideário contestador da reivindicação por um poder e uma identidade. Que nessa reivindicação elas não pudessem ser silenciadas e presas pela polícia como contido no quadrinho da página ao (Cf. ANEXO H), inclusive que não pese sobre esses corpos os rótulos da negação, dos estereótipos que tipificam os corpos dando-lhes armários para enclausurá-los. Nesta mesma direção combativa estava o *Jornal do Gay*, uma vez que a vida gay acaba por se tornar um assunto público e de importância para a população da década de 1970 (GREEN; POLITO, 2006), inclusive esta publicação, no seu segundo número, na página 0 traz um manifesto contrário à ideia de que a homoafetividade era uma doença (ver ANEXO I).

Na década de 1980, fora produzida a revista **Rose**<sup>22</sup> (1979 – 1983), a qual tinha por intuito possibilitar que o público feminino pudesse se informar para conquistar novos espaços, inclusive que evoluíssem social e profissionalmente e pudessem conquistar os seus direitos. No entanto, não tratava somente de mulheres ou com informações para elas, alguns números também abordavam as masculinidades e homoafetividades, como visto na seção *De cabo a rabo*, nos números 66 e 77, respectivamente, publicadas em 1982 e 1983. O primeiro trata de uma discussão sobre a alegação de que a revista tinha preconceito com os atores transformistas, uma vez que nada publicava acerca deles, porém mostra a imagem de uma travesti que lia a publicação e que ela chegava aos lugares mais distantes. Na mesma seção trouxe uma matéria sobre a Campanha Nacional contra o parágrafo 302 do Código de Saúde do INAMPS que incluía as homoafetividades como doença ou desvio (ver ANEXO J). Já no segundo número, na mesma seção o Capitão gay, personagem representado por Jô Soares fora considerado o herói favorito dos estudantes e da reunião da Sociedade Brasileira para o

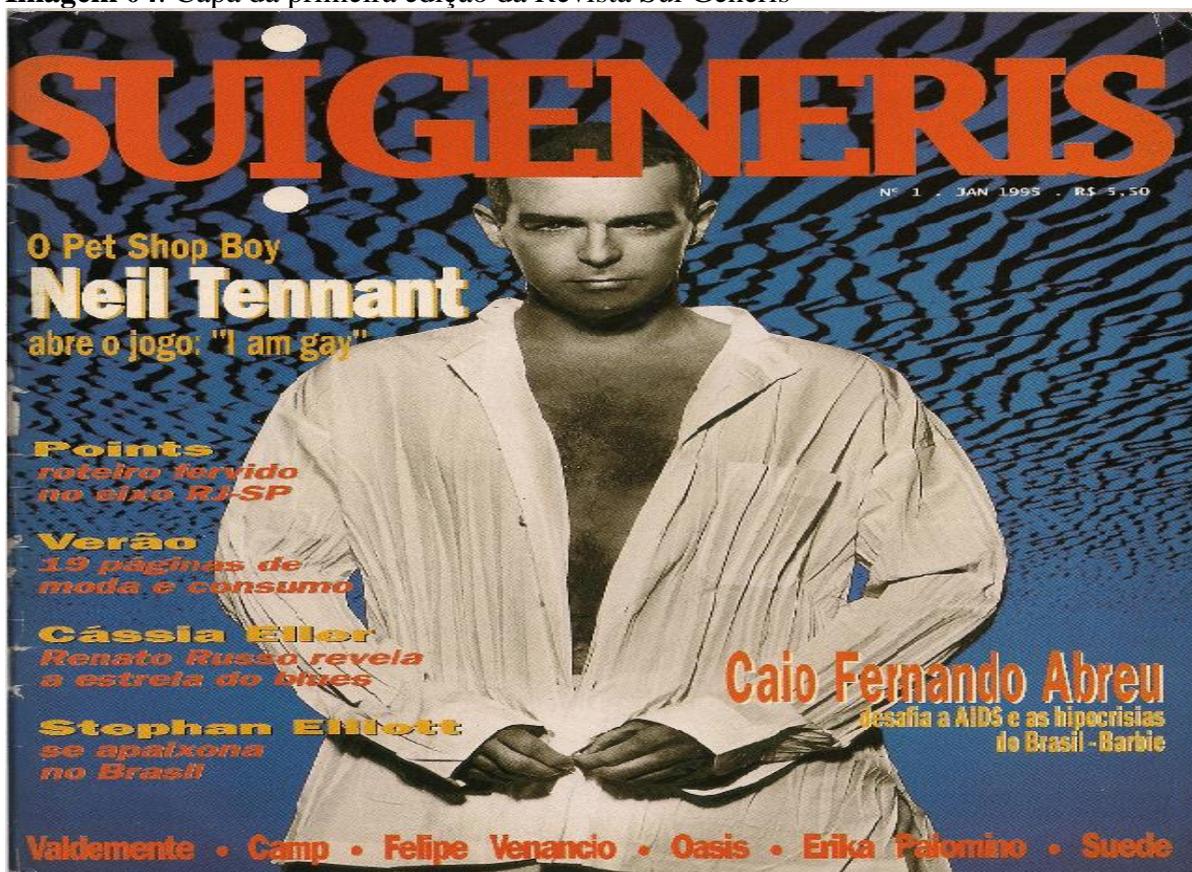
---

<sup>22</sup> Publicada e distribuída mensalmente pela Grafipar – Gráfica Editora Ltda, com sede em Curitiba, Rose é lançada no mercado editorial brasileiro em março de 1979.12 Embora com pequenas dimensões (20,5cm de altura por 13,5cm de largura) e poucas páginas, a revista apresentava aos seus leitores uma diversidade de assuntos desde textos sobre comportamento, variedades culturais, astrologia, humor, contos eróticos; até discussões sobre o movimento feminista e homossexualidade masculina (LOPES; SEFFNER, 2010, p. 4).

Progresso da Ciência, na qual fora discutida a “Sexualidade no Brasil”, inclusive retomava as opiniões acerca do parágrafo 302 do Código de Saúde do INAMPS (ver ANEXO K).

Outra publicação acerca da vivência gay era a revista *Sui Generis*, teve o seu primeiro número publicado em Janeiro de 1995, na cidade do Rio de Janeiro, trazia na capa a imagem do *boy band*, Neil Tennant, integrante da banda Pet Shop Boys e um dos *sex-symbols* juvenis da década que revelara a sua identidade homoafetiva “I am gay”. Além disso, afirma-se que essa revista “foi a única publicação desse período que conseguiu dialogar tanto com o lado considerado mais mundano da cultura gay (festas, moda e boates) como os movimentos sociais e as questões colocadas pela militância” (PÉRET, 2012, p. 85). Nota-se que essa publicação parece estar entre as duas alas da comunidade gay – os militantes e os não-militantes, uma vez que nas suas matérias contempla as agendas dos dois grupos, menciona os *points* que servem para encontrar novos parceiros ao mesmo tempo em que traz matérias sobre a AIDS, por exemplo. Desse modo, a editora sinaliza querer vender um produto com uma qualidade estética que agrade aos diferentes públicos e que mesmo heterossexuais possam se tornar leitores da mesma.

**Imagem 04:** Capa da primeira edição da Revista Sui Generis



**Fonte:** Disponível em: <[https://www.researchgate.net/figure/Sui-Generis-year-I-n-1\\_fig1\\_324854134](https://www.researchgate.net/figure/Sui-Generis-year-I-n-1_fig1_324854134)>. Acesso em 12 fev. 2019.

Essa publicação, não é literária, ela está voltada mais para a antropologia da cultura gay, sobretudo, aborda a moda, a militância e a cultura gays, não é uma publicação fechada, as pautas parecem atender ao gosto *gay friendly*. Isto é, faz referência “ao comportamento tanto dos indivíduos (simpatizantes) como das instituições e empresas que demonstram atitudes de respeito à diversidade sexual, adotam posturas inclusivas, com ações que não excluem homossexuais e, ao contrário, se mostram receptivas a eles” (PÉRET, 2012, p. 84). A intenção dos seus editores ao tentar agradar aos diferentes públicos reforça o seu ideal de ser um produto vendável, a observar nas manchetes postas na capa da publicação, incluindo o destaque para a principal, contudo, aqui nos interessaria mais a última “Caio Fernando Abreu desafia a AIDS e as hipocrisias do Brasil-Barbie”. Aprofundando a presença da cena gay na década de 1990, na sexta edição, publicada em outubro de 1995, trouxe uma discussão mais aprofundada acerca da orientação homoafetiva, conforme capa apresentada a seguir.

**Imagem 05:** Capa da sexta edição da Revista Sui Generis



**Fonte:** Disponível em: <[https://www.researchgate.net/figure/Sui-Generis-year-I-n6\\_fig2\\_324854134](https://www.researchgate.net/figure/Sui-Generis-year-I-n6_fig2_324854134)>. Acesso em: 12 fev. 2019.

Constatou-se que todas as manchetes de algum modo se ligam à homoafetividade, a começar por “A voz de Cathedral<sup>23</sup> **Zélia Duncan**<sup>24</sup> mais uma estrela da MPB”, nesta a expressividade consiste no fato de a cantora ser assumidamente lésbica. Por conseguinte, a letra da canção sugere um mergulho dentro de si para compreender os sofrimentos, angústias e esperanças da vida homoafetiva “O deserto que atravessai/ Ninguém me viu passar/ Estranha e só/ Nem pude ver que o céu é maior”. A outra manchete “Ziriguidum, a velha guarda gay do samba”, traz um olhar para os homoafetivos da terceira idade que compõem a ala da velha guarda nas escolas de samba do Rio de Janeiro, não apenas para carnalizá-los, porém para demonstrar a importância destas personagens da vida real na história das agremiações do samba. Já a manchete “Cafajeste, cuidado com eles!”, referia-se aos cuidados que os homoafetivos devem ter, principalmente, com seus parceiros ocasionais como os michês e até mesmo se numa relação estável, que se conheça o comportamento e origem do outro. Por último, menciona-se a manchete principal “Sandrinho<sup>25</sup>, a vingança gay no horário nobre da Globo”, sobre essa reportagem menciona-se:

Na reportagem, o autor de **A próxima vítima**, Sílvio de Abreu, falava do cuidado que teve ao colocar dois personagens gays na trama, já que não queria que o fato se transformasse em escândalo, mas ajudasse as pessoas a entender e a aceitar, como mais tranquilidade, uma relação homossexual. O principal feito da novela foi a mudança de perspectiva na representação que, tradicionalmente, era feita dos homossexuais na TV brasileira, mostrados ou de maneira caricatural e exagerada, ou como vítimas da própria sexualidade (PÉRET, 2012, p. 87-88).

De acordo com a autora e o telenovelistas, a inovação na representação do homoafetivo se deve a não caricaturização da personagem, pois Sandrinho era um jovem comum, filho da classe média baixa, sem estereótipos aproximados ao feminino, da mesma forma que o seu namorado Jefferson. Por essa razão, admite-se que o telenovelistas rompeu com a tradição que

<sup>23</sup> Cover de “Cathedral Song”, da cantora alemã Tanita Tikaram, lançada no ano de 1998, no álbum *Ancient Heart*.

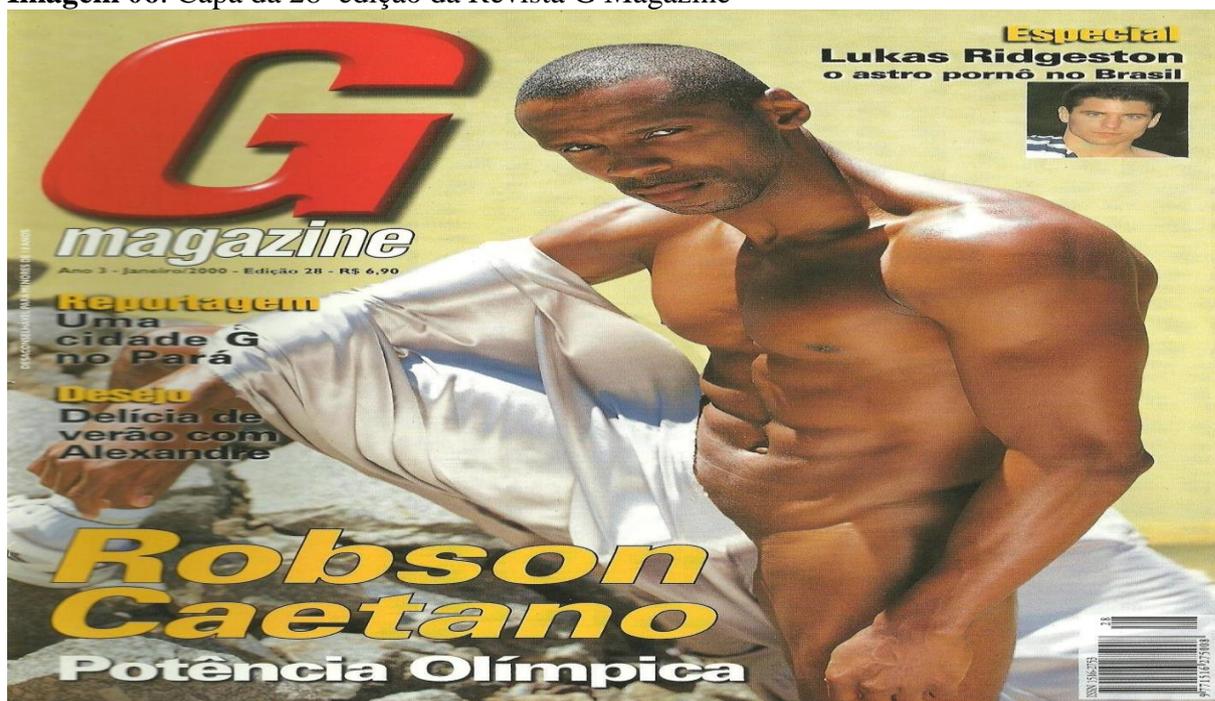
<sup>24</sup> Começou a cantar profissionalmente no início dos anos 80, e sua estréia como solista aconteceu em 1987 no *Botanic*, no Rio, quando ainda adotava o nome artístico Zélia Cristina. Em 1990 lançou pela Eldorado o LP “Outra Luz”, mas, insatisfeita, passou um semestre nos Emirados Árabes, cantando em um hotel. Voltou em 1992 e gravou uma faixa no *songbook* de Dorival Caymmi produzido pela editora Lumiar. Mudou o nome para Duncan (nome de solteira da mãe) e passou a ser incluída numa nova safra de cantoras que surgiu na década de 90, ao lado de Adriana Calcanhoto, Cássia Eller e Marisa Monte. Em 1994, saiu o CD “Zélia Duncan”, incluindo o hit “Cathedral” (versão do sucesso da cantora alemã Tanita Tikaram), que jogou os holofotes sobre a violonista, compositora e cantora de voz grave. Em 2019, a cantora e compositora prepara um novo disco autoral pop/folk, com seu parceiro Christiaan Oyens na produção musical. Os dois juntos, são autores de muitos de seus maiores sucessos, como Não Vá Ainda, Nos Lençóis Deste Reggae, Enquanto Durmo e Sentidos. (ASSESSORIA DE IMPRENSA\_ZÉLIA DUNCAN. Disponível em: <<http://www.zeliaduncan.com.br/bio.html#about>>. Acesso em 15 fev. 2019).

<sup>25</sup> Personagem interpretada pelo ator André Gonçalves, inaugura o primeiro gay normal da história da televisão brasileira. Sua atitude positiva tem significado mais revolucionário que o tal namoro – barulhento fora do vídeo e meio chocho na tela – com o conturbado Jefferson (Lui Mendes). Para a crítica televisiva foi o primeiro gay gente boa, jovem, com família e namorado (SUI GENERIS, nº 6, out./1995).

era o efeito de humor presente nas representações gays, antes, eram gays que não poderiam ser levados a sério ou que viviam relações amorosas clandestinas, pois não podiam apresentar seus parceiros para a família. Outro fator que chamava a atenção para esse casal era o fato de ser um casal etnicorracial e que dependiam da família para viver, pois eram representados como adolescentes e trouxe à tona a discussão acerca da normalidade/anormalidade das relações homoafetivas.

Até aqui se percebeu que a imprensa homoafetiva não necessariamente servia para divulgar a literatura, para tratar dos amores gays como uma criação ficcional, mas também para discutir a homoafetividade como um comportamento social. Por essa razão, a *Sui Generis* se colocava nessa condição ao tratar de temas como a pansexualidade, como visto na edição dezesseis, de 1996. Por outro lado, outras publicações voltadas para o público homoafetivo como a **G Magazine** tinha compromissos com outras agendas como a publicação de notícias acerca da homofobia e dos direitos da comunidade gay, além de ter um conteúdo mais erótico, trazia a cada número ensaios da nudez masculina. Diversas personalidades, ainda que instantâneas, deram vida a esses ensaios – “Mateus Carrieri, Alexandre Frota, que posou quatro vezes; o ex-jogador de futebol Vampeta; os cantores Roger, do Ultraje a Rigor, e Latino; o atleta Robson Caetano; e o ex-guitarrista da banda inglesa Duran Duran, Warren Cuccurullo, entre outros” (PÉRET, 2012, p. 90).

**Imagem 06:** Capa da 28ª edição da Revista G Magazine



**Fonte:** G Magazine. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/a-fazenda/7/album/2014/09/11/veja-fotos-de-robson-caetano.htm?mobile>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

Com a duração da revista e a saída dos primeiros editores, o corpus dessa publicação sofreu alterações e o que era para ser uma revista que reunisse um público diverso que quisesse ver cenas da nudez masculina, todavia quisesse também aprender sobre comportamentos e pesquisas acerca da vida gay acabou por desaparecer. A voz militante dela deu lugar a publicações de cunho erótico-pornográfico, diminuiu até mesmo o número de matérias alusivas ao comportamento e passou a explorar informações sobre os locais de pegação e a nudez deixa o seu aspecto artístico e se aproxima da pornografia. Depois da G Magazine apareceu também a **Júnior** e a **Dom**, ambas lançadas em 2007, dispostas a faturar com o *pink money* e fomentar a proximidade dos *gays friendlies* com suas tiragens, das duas somente a Júnior ainda sobrevive no mercado.

Com a diminuição do volume de revistas impressas a internet aumentou a sua produção de material erótico-pornográfico para o público homoafetivo e também para os heterossexuais, entretanto, interessa aqui as publicações voltadas aos homoafetivos. Algumas das revistas já traziam contos erótico-pornográficos e estes a partir da popularização da internet passaram a ser produzidos em massa, existindo, na contemporaneidade diversos sites que hospedam somente material com esse enfoque e, são produções de anônimos e apenas com a restrição da idade para que sejam lidos. Essa popularização da vida gay no ciberespaço instaura dois lados – uma militância que se vale desse espaço para chegar a mais pessoas e do outro, uma maioria que se está preocupada com a exibição de pornografia. Da fatia preocupada somente com a pornografia estão os sites Mix Brasil, Casa da Maitê, Xvídeos.blog, Pintolândia Gay, Rabiscos e contos eróticos, Safados, Arquivos Gay, Hentai Gay, Ponto de Vista Gay – Privê contos eróticos, Músculo Duro, HotBoys, Garoto Esperto, Casa dos Contos Eróticos e Contoerótico.com.

Acrescenta-se que os leitores destes espaços não estão preocupados em assumir uma militância, mas apenas em buscar conteúdo para aguçar suas fantasias, sobre essa percepção afirma-se que ela “levaria a crer que os sites voltados para o público gay, ao priorizar a pornografia e o conteúdo erótico, criaram um distanciamento em relação às lutas e aos movimentos homossexuais” (PÉRET, 2012, p. 103). Seguindo as dimensões propostas para a classificação da literatura homoafetiva propostas pelo Ítalo Moriconi (2002), os textos apresentados nos sites mencionados no parágrafo anterior são enquadrados na dimensão erótico-pornográfica. São relatos da vida gay, há outros que são histórias de ficção, criadas apenas para aguçar o imaginário do leitor com histórias picantes, assim, a função é apenas voltada para o entretenimento, para viajar nas histórias reais, as quais são mais relatos que contos (ver ANEXOS L e M).

### 3.2 O lugar da memória na literatura homoafetiva

*Você quer lembrar quando tudo começou, mas não consegue, por mais esforço que faça. Você sabe quando tudo começou. Não quer se lembrar de quando tudo começou, não quer e se lembra.*

Silviano Santiago

O múltiplo homem, Silviano Santiago, sinaliza que a memória antes de ser coletiva é individual, demarcada por hiatos e reveladora da existência de cada um dos sujeitos, inclusive de que para lembrar muitas se supõe, implicitamente, o ato de esquecer como defendido por Paul Ricoeur (2007). O narrador do conto apresentado no fragmento que ora abre essa proposição de tessitura de mais uma parte de capítulo desta tese tem a consciência de que o seu interlocutor sabia dos fatos, contudo, naquele momento eles não vinham à lembrança dele, fosse uma estratégia ou não somente o próprio a saberia. Todavia, ao saber tratar-se de uma narrativa de Silviano Santiago e de que na sua escrita ele recupera o movimento das composições de Hélio Oiticica e Lygia Clark e, nessa condição dá aos seus personagens o movimento das dobradiças que movem uma porta de um apartamento ou armário.

Pode-se considerar que é uma estratégia da personagem para dar mobilidade àquele que narra, uma vez que, em momento anterior, dissera: “*Tudo começou quando...* como ele tinha raiva desse seu jeito de querer dar um começo factual e preciso para as histórias que você queria contar. Várias vezes você quis dizer para ele quando tudo tinha começado entre vocês dois” (SANTIAGO, 2007, p. 184). No fragmento anterior, percebeu-se que o narrador tinha ciência de como era o seu “amigo”, do modo como ele se comportava ao narrar os fatos vividos por eles, é assumir para si que a arte carrega “conteúdo reflexivo sobre as identidades gays, principalmente quando se trata das manifestações nas quais são reconhecidas imbricações entre os discursos dos seus narradores” (OLIVEIRA, 2016, p. 788). Essa reflexão não é marca exclusiva dos narradores, ela também pode ser encontrada na relação deste com os outros personagens.

É perceptível na narrativa de Silviano Santiago que os sujeitos sempre recorrem “a testemunhos para reforçar ou enfraquecer o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós. O primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso” (HALBWACHS, 2013, p. 29). O durkheimiano reforça a ideia de que o ato de recorrer à memória é fulcral na contação de narrativas, as quais podem ser sobre si e sobre os outros, entretanto, em ambas, a

quem o narrador primeiro recorre é a si, nas interrogações individuais acerca do que ele se lembra dos fatos a serem narrados. Nesta perspectiva, há o empreendimento de saberes usado na construção de um texto, em particular, o literário, requer daquele que escreve o conhecimento acerca das estratégias que deve ou não camuflar a sua personalidade, em primeiro plano. Isso é possível?

Até seria se apenas se seguisse o viés ideológico do formalismo russo para quem a materialidade do texto literário deve refutar os elementos históricos, biográficos, políticossociais e comportamentais, visto que o importante para eles são os mecanismos empregados no tecido textual (FRANCO JÚNIOR, 2005). Por outro lado, na abordagem dos Estudos Culturais, na Literatura Oral e na Literatura de Minorias étnicas e sexuais enquanto correntes da crítica literária essa percepção inexistente, uma vez que para compreender um determinado texto é necessário ao leitor o conhecimento das circunstâncias de produção dos textos. No caso, tanto a escritura quanto a leitura do texto literário é atravessada por um processo de subjetividades no qual se notam imbricações das experiências de cada polo, seja da perspectiva de quem narra/escreve ou da perspectiva de quem ouve/lê. Por isso, reitera-se que:

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia de minha própria identidade (COSSON, 2006, p. 17).

De acordo com a perspectiva do teórico, pode ser constatado nas literaturas analisadas à luz da abordagem dos Estudos Culturais e das demais críticas usadas neste estudo, há um vínculo entre o autor e sua obra e também no interesse do leitor por determinado texto e nem na escrita nem na análise há a famigerada neutralidade propagada pelo paradigma positivista. Isto acontece porque “a memória é o lugar central onde o homem armazena todas as suas experiências, podendo lembrá-las ou esquecê-las de acordo com o que essas representam para ele, memória é, então, o lugar vivo que requer a revisitação do indivíduo para a redescoberta de sua identidade” (OLIVEIRA, 2016, p. 786).

E, é por a memória representar este espaço no qual toda a experiência dos sujeitos é abrigada que ela serve de orientação tanto para a escrita quanto para a leitura, e os processos de lembrar ou esquecer estão condicionados ao que essas experiências representam, caso seja um trauma, o sujeito procurará apagá-la da memória, uma vez que não terá boas lembranças e poderá vir a sofrer mais. Entretanto, mesmo as experiências negativas ou traumáticas não

podem ser esquecidas de todo, não são extirpadas, como se uma caneta jogada no lixo, porque não tinha mais tinta, pois ambas “lembram-se de si e assim revelam o seu íntimo, as suas dores” (RICOUER, 2007, p. 108). Dores essas que são geradas desde os conflitos individuais e psíquicos dos sujeitos gays, entre a aceitação e não aceitação do viver a experiência homoafetiva, como é o caso das personagens Mateus (**Confissões ao Mar**) e Marcus Dório (**O terceiro travesseiro**).

Os conflitos mencionados podem ser percebidos em fragmentos como: “[...] Mas aquele assunto me preocupou. Quando cheguei em casa, fui direto para o meu quarto, tranquei a porta, apaguei a luz e fiquei pensando: ‘se é pecado, por que Deus deixa a gente ter esses sentimentos? E por...’” (LAGO, 2010, p. 12, **negritos** do autor). O excerto evidencia que a personagem Mateus, na ocasião, com catorze anos, procurava no seu íntimo compreender o porquê de ele ter sentimento por outros iguais a ele e não por meninas como a Igreja que ele frequentava, com a família, dizia e justificava com fragmentos do seu texto-base ser impuro, pecado mortal. Esse fragmento recuperado da memória de Mateus, quanto ao impedimento do admitir amar outra pessoa do mesmo sexo devido à presença do dogma religioso, pode ser considerado uma regularidade das memórias dos sujeitos homoafetivos, como visto em:

Um dos principais motivos para se manter no armário – e levantado por quase todos os enrustidos – foi a religião. São muitas as religiões que ainda acreditam – devido a errôneas e questionáveis interpretações – que a homossexualidade é algo condenável [...] Se você nasceu em uma família muito religiosa, pode ser mais difícil de aceitar e se assumir, uma vez que você desde o berço, foi condicionado a muitas crenças. Como eu, na gravação, poderia dizer para aquele menino chorando na minha frente que ele não iria para o inferno? Que tudo que ele acreditava podia ser apenas uma interpretação da cabeça dele? (HMC, 2016, p. 70).

Em consonância com o contido no fragmento, pode-se evidenciar que a instituição da memória coletiva trazida pela religião é mais forte que a memória individual, assim o conflito é instaurado à medida que a fala do outro, do coletivo, repercute na consciência do indivíduo. É a fala do Pastor, durante o sermão, que faz Mateus ao voltar para casa se isolar, no quarto, a fim de que possa pensar sobre seus sentimentos e no modo como Deus poderia ser injusto ao dar a ele essa orientação, assim, constatou-se que ele só age de tal modo, porque foi condicionado de tal modo, doutrinado pelo discurso religioso. Pode ser visto ainda, no uso das reticências, no fim do fragmento que se antes ele não pronunciava sequer a palavra “homossexualidade”, com a interrupção do pensamento, este seria guiado a desviar a atenção desse assunto e assim se afastar do estado de atormentamento que a memória dos discursos sobre a homoafetividade traz sobre ele. Ainda tratando da memória que os homoafetivos

trazem da religiosidade, note-se o fragmento a seguir a conversa entre Marcus e o padre a quem a mãe de Marcus (Ana) chamara para conversar com o filho e procurar demovê-lo da ideia de se identificar como sendo homoafetivo.

- O sexo, Marcus, que é próprio do ser humano e não de Deus, não pode ser praticado de forma mecânica. O sexo só é aceito no casamento, no qual já existe estabilidade de união, de vínculo de amor, de amizade e de afeto, ou seja, o sexo é uma expressão daquilo que na realidade já existe.

Após me sentir “catalogado” pelo padre Antonio, resolvi perguntar:

- O senhor está dizendo que perante Deus é errado ser homossexual?

Ele pensou muito antes de responder.

- Às vezes uma amizade profunda, Marcus, pode se tornar dependência afetiva. Por isso, é importante refletir bastante para que as coisas não se misturem.

Novamente, perguntei a ele:

- Padre, é errado ser homossexual?

Ele respondeu quase que imediatamente:

- É ilícito ser homossexual. A homossexualidade é uma etapa que estacionou e não chegou a se completar, em que não houve uma vertigem pelo feminino. Eu diria que é uma fase homófila.

Não era fácil conversar com padre Antonio, mas, mesmo assim, fiz mais uma pergunta:

- Claro que não, Marcus. É próprio do ser humano buscar a felicidade. Agora, temos de aprender a controlar nossos impulsos não deixando em livre curso todas as vontades. O prazer é inerente à sexualidade, porém não é correto buscar o prazer pelo prazer.

Terminamos a nossa conversa com ele se referindo à caridade pastoral e me convidando a frequentar mais a igreja, bem como a participar de grupos de trabalho dentro dela.

Antes de sair, o padre Antonio deixou claro que a única coisa da qual eu não poderia participar no momento seria a eucaristia. Trocando em palavras mais comuns, eu estava proibido de receber a hóstia (CARVALHO, 2007, p. 44).

Conforme o fragmento exposto acima fica evidenciado que nenhuma religião cristã apoia a experiência homoafetiva, visto que a memória coletiva dessa religião dá conta de que não há nela lugar para os que amam a outro de sexo igual, a exemplo do que ocorrera nos países europeus e no Brasil Colonial entre os séculos XVI e XVIII. Outro dado exposto, no fragmento, é imagem de um Deus punitivo, a qual não aceita o sexo sem que seja para a prática reprodutiva, o que só acontece entre sexos opostos, tampouco que as relações homoafetivas sejam construídas com base no afeto e no amor. Por sua vez, deve-se considerar ainda que: “a busca de Deus continua na memória, mais alto que a memória, pela mediação da busca da vida feliz: ‘Superarei até mesmo essa força em mim que se denomina a memória; eu a superarei para tender até ti, doce luz’” (RICOUER, 2007, p. 111) e essa memória transcende ao homem porque habita o coletivo e não o individual.

Em consonância com os fragmentos pode ser assumido que a memória do coletivo contribui para a formulação das perguntas de Marcus a padre Antonio, uma vez que os cristãos, na sua história, sempre consideraram que a homoafetividade pressupunha a morte da fé nos homens. Porque as inquietações nele contidas permitiam ao jovem outra visão acerca

das homoafetividades, inclusive quando o padre diz a ele [Marcus] que ele poderia participar das atividades pastorais da igreja, entretanto, não participaria da eucaristia que, para os cristãos católicos, é o momento mais representativo da celebração eucarística [missa], o encontro do homem com a divindade [Deus]. Vale ressaltar ainda que a homoafetividade é representativa do humano, a carne, e não de Deus, além disso, entre os sexos iguais não existiria o amor, apenas o encontro para a relação sexual como se apenas produto do instinto humano e, portanto, condenável, como visto a seguir.

Na Europa dos séculos XVI, XVII e XVIII, não apenas a Espanha, Portugal, França e Itália católicas mas também a Inglaterra, Suíça e Holanda protestantes puniam severamente a sodomia. Seus praticantes eram condenados a punições capazes de desafiar as mais sádicas imaginações, variando historicamente desde multas, prisão, confisco de bens, banimento da cidade ou do país, trabalho forçado (nas galés ou não), passando por marca com ferro em brasa, execração e açoite público até a castração, amputação das orelhas, morte na forca, morte por fogueira, empalhamento e afogamento. Entre as vítimas podiam contar-se tanto nobres, eclesiásticos, universitários e marinheiros, quanto simples camponeses, servos e artesãos. Apesar dessas interdições, as relações homossexuais eram comuns no meio da aristocracia, seus reis, generais e artistas (TREVISAN, 2002, p. 127).

Diante do excerto acima fica evidenciado que as relações homoafetivas não eram lícitas para a época assim como também não se pode dizer que gozem de prestígio na contemporaneidade, visto se saber de narrativas, como a de Princesa, em que pais deixam de falar com seus filhos em razão de estes se identificarem como homoafetivos. Neste sentido, pode ser dito que o viés da memória usado por Nelson Luiz de Carvalho, Kadu Lago e Silvano Santiago apresentam a memória como retorno ao passado, a revisitação das lembranças daquilo que experimentaram os sujeitos, logo: “Dizer ‘você se lembrará’, também significa dizer ‘você não esquecerá’. Pode até ser que o dever de memória constitua ao mesmo tempo o cúmulo do bom uso e o do abuso no exercício da memória” (RICOUER, 2007, p. 100). No caso, a exigência de voltar ao passado supõe que o sujeito lembrará daquilo que viveu e não mais apagará esse rastro do seu subconsciente.

Compreendeu-se ainda que a memória, além de ser o lugar do passado, é também o da demarcação de uma identidade, termo entendido como estrutura movente de um lugar ou pessoa, visto que as identidades dentro do contemporâneo são transitórias como admite Hall (2014). Por outro lado, o dizer para não se esquecer, na literatura homoafetiva, parece querer “sustentar uma indústria de entretenimento pautada na legitimação da violência que vai do mais ignóbil ordinarismo [...] à hipótese de que esteja trivializada a atitude de promover o gozo com a contemplação de sofrimento e de destruição de corpos humanos” (GINZBURG, 2013, p. 100). Essa perspectiva contraria o paradigma grego de contemplação das tragédias,

uma vez que as personagens homoafetivas seriam as causadoras do seu próprio infortúnio, assim, não seriam passíveis de despertar a piedade do outro, nem mesmo dos familiares, exceto àqueles que já nutrem algum afeto pelo homoafetivo, como é o caso de Sebastiana em **Stella Manhattan**.

Ao passar para a banheira Stella vai-se descolando mais e mais da tarefa da limpeza e pensando na verdadeira Sebastiana carioca do subúrbio e a sua cabeça volta a flutuar como corpo de carne e osso pelo apartamento dos pais no início de 1968, logo depois do carnaval, e vê a si mesmo deitado na cama e trancado no quarto por dois meses, execrado pelos pais que não queriam aceitá-lo como filho depois do que tinha acontecido, escândalo felizmente abafado por amigos influentes da família (SANTIAGO, 2017, p. 29).

O fragmento deixa evidente que as lembranças de Stella remetem ao passado que Eduardo tentara esquecer, pois não era motivo de nenhuma nota de alegria o sofrimento a que fora lançado pelos seus progenitores, o castigo de ter de ficar dois meses trancado no quarto. Essa atitude dos pais de Eduardo – Sérgio e Ana – tivera origem no fato de descobrirem que o filho era identificado como homoafetivo, e o jovem, embora tente fugir delas assumindo a identidade da travesti Stella nos momentos em que ele está sozinho, estratégia a qual pode ser entendida como fuga para aplacar os efeitos da solidão. Também se pode presumir que o não querer lembrar fosse um meio de não sofrer novamente, uma vez que “o primeiro problema que enfrentam é o de uma autobiografia, de um passado que seja possível recordar e documentar” (ROSSI, 2010, p. 24-25). Então, recordar para poder registrar as suas memórias trazem certo desconforto para o sujeito homoafetivo que narra sua vivência, pois nem sempre ele recordará tudo o que foi vivido, ficará lacunas que precisam da invenção da palavra em seu sentido mais amplo.

O entrelaçamento de memória-esquecimento é muito profundo. Mesmo quando se teorizam rupturas totais e irreparáveis e transformações radicais. Nas situações histórico-culturais em que predominam a cólera e o espírito de rebelião, a exigência de um passado é frequentemente tão forte quanto a que diz respeito ao futuro (ROSSI, 2010, p. 25).

Em virtude do excerto, vê-se que para a compreensão dessa relação se precisa de uma teoria mais aprofundada e que penetre no texto, indo além da sua superfície textual e se supere as armadilhas postas para dificultar a compreensão do narrado e propiciar a criação de uma nova identidade por Eduardo a qual é representativa desta transformação radical. A compreensão de Rossi (2010) ajuda no esclarecimento do motivo por que Eduardo assume a identidade da travesti Stella Manhattan – a fuga de si para o apagamento da dor do passado, a dor de ter sido castigado e depois expulso da casa paterna apenas com a passagem de ida para os Estados Unidos. No caso, a adoção de uma nova identidade, embora dentro do espaço

doméstico possa ser vista como um prenúncio da liberdade da personagem, uma maneira de apagar as lembranças do aprisionamento “castigo”, dado na casa paterna, assim, não é a relação com o corpo que produz a liberdade, mas o desejo de esquecer-se do passado.

Ao considerar que há uma tendência quase que comum dos autores ao empregar a memória na tessitura da literatura contemporânea há de se perceber e interrogar acerca da intencionalidade que envolve essa estratégia de dar ao narrador o seu lugar, lugar que muitas vezes ele não tivera acesso na história. Nesta perspectiva, convém recuperar que, memória e lugar de fala, na produção literária homoafetiva, caminham simultaneamente à procura de reagir aos silenciamentos da história, no qual o lembrar possa ser também uma busca do esquecer os castigos impostos nas diferentes propostas de limpeza étnica e sexual. Por isso, ressalta-se:

O escritor, dizia Barthes (1999 [1966], p. 33), é o que fala no lugar de outro. Quando entendemos a literatura como uma forma de representação, espaço onde interesses e perspectivas sociais interagem e se entrecrocaram, não podemos deixar de indagar quem é, afinal, esse outro, que posição lhe é reservada na sociedade, e o que seu silêncio esconde. Por isso, cada vez mais, os estudos literários (e o próprio fazer literário) se preocupam com os problemas ligados ao acesso à voz e à representação dos múltiplos grupos sociais. Ou seja, eles se tornam mais conscientes das dificuldades associadas ao lugar da fala: quem fala e em nome de quem. Ao mesmo tempo, discutem-se as questões correlatas, embora não idênticas, da legitimidade e da autoridade (palavra que, não por acaso, possui a mesma raiz de autoria) na representação literária. Tudo isso se traduz no crescente debate sobre o espaço, na literatura brasileira e em outras, dos grupos marginalizados – entendidos, em sentido amplo, como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva, que recebe valorização negativa da cultura dominante –, que sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério (Williams, 1998). (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 17).

Em concordância com a autora, enfatiza-se que tratar do lugar de fala é, também, assumir o lugar da memória, o vivido pelo sujeito e por seus ancestrais, no caso, a experiência de Eduardo/Stella é dela e também de outros sujeitos gays os quais foram hostilizados por seus pais. Hostilizados são todos os homoafetivos ao dizerem não aos seus espaços habituais – a casa paterna e as instituições nas quais eles vivem suas experiências – como a igreja e a escola, embora se trate de um choque com pessoas conhecidas, este é inevitável, pois trata do encontro de experiências distintas. Por sua vez, se a literatura é apresentada como *mímesis* do real não poderia deixar de representar as homoafetividades, visto o fato de elas estarem presentes na historiografia social, embora muitas vezes as representações tivessem sido marcadas pelos silêncios, que eram marcas identitárias dos sujeitos com essa identidade. Assim, a memória pode ser entendida como um exercício de valorização das minorias sociais, sobretudo quando elas são apresentadas como sujeitos se si, donas da sua própria voz e dos seus desejos.

Em virtude do exposto, por Dalcastagnè (2012), pode ser afirmado que a memória é o lugar de excelência para que as minorias, no caso aqui estudado, os homoafetivos possam deixar vir à superfície textual as suas vivências, as quais para Conceição Evaristo podem ser também chamadas de escrevivências. Embora esse processo cause incômodo aos defensores do formalismo russo e estruturalismo; para a literatura de tradição oral, a abordagem dos estudos culturais e a literatura de minorias sexuais o caminho é outro e isso tem suscitado a presença de dicotomias – elite/povo; dominantes/dominados, heterossexuais/homoafetivos; brancos/negros e; homens/mulheres. A memória é o filtro que faz perceber que o narrador acumulou saberes/experiências durante o seu existir e partilha-as com um leitor universal, pois o processo de revisitação da experiência, do saber acumulado tem seu lugar entre as regras e preceitos usados no aprimoramento desta técnica, conforme esclarecido no fragmento que segue:

Não é difícil apreender os princípios gerais da mnemônica. O primeiro passo era imprimir na memória uma série de *loci*, lugares. O tipo mais comum de sistema mnemônico de lugares utilizado, embora não fosse o único, era o tipo arquitetônico. A melhor descrição do processo é dada por Quintiliano. Segundo ele, para formar uma série de lugares na memória, deve-se recordar uma construção a mais ampla e variada possível, com o pátio, a sala de estar, os quartos, os salões, sem omitir as estátuas e outros ornamentos que decoram esses espaços (YATES, 2016, p. 19).

Partindo da percepção da autora, compreendeu-se que somente aquele que vivenciou experiências tem a autoridade de melhor descrevê-lo, assim, para os narradores orais/contadores de histórias a narrativa tem um outro efeito quando elas foram vividas por eles mesmos. Mesmo que possa o leitor/pesquisador percorrer todos os espaços mencionados na narrativa, como ir às comunidades de Bragança, Pará, para ouvir as histórias acerca do Ataíde para o não nativo há um entre-lugar na formação do discurso, uma omissão a qual está condicionada ao viver. Do mesmo modo ao não cametaense, ele pode pagar passagens para ir de Belém a Cametá, percorrer suas ruas, passagens e becos, visitar monumentos, refazer os passos de Inajá durante o julgamento, provar sabores e temperos, apaixonar-se pela cidade, e a sua experiência não terá o mesmo efeito da narrada por Salomão Larêdo.

Outro conceito associado à memória que reside na elaboração da literatura homoafetiva é o de silenciamento, visto que as lembranças do passado, não são somente esquecidas, uma vez ou outra revisitadas, entretanto, o sujeito que se identifica com o amor entre pessoas do mesmo sexo é orientado pelo meio onde vive a se calar. Neste sentido, é observado que na memória coletiva há “uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica, acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, donde o termo que se utiliza de ‘comunidade afetiva’” (POLLAK, 1989, p. 3).

Conforme o fragmento, o silenciamento concretiza a violência simbólica existente na memória da coletividade acerca das homoafetividades, uma vez que a este grupo social se impõe o não demonstrar a sua orientação sexual, inclusive que o sujeito elimine os estereótipos que tipificam essa orientação e identidade sexual. Por conseguinte, nas obras analisadas foram observadas diferentes maneiras de silenciar as homoafetividades, sendo que somente em “Cachorro doido” a menção ao silenciamento não parece direta à orientação sexual homoafetiva, mas uma referência à omissão do diminutivo “Luizinho” para que este não sofresse *bullying* na escola.

Em se tratando das outras narrativas, os silenciamentos, como dito anteriormente, são escancarados, servem como justificativa para a manutenção da reserva moral das famílias e para preservar a unidade destas, todos os discursos do núcleo familiar e das instituições pelas quais transitam é uníssono nessa defesa. Sair do armário significa romper o simulacro que os envolve e isso implica consequências graves, em outras épocas – condenação e morte – em nome da moralidade das instituições para as quais ter um membro da família que se identificava como homoafetivo era vergonhoso. Nesta perspectiva, para não mais envergonhar a família, muitos homoafetivos deixavam a casa paterna porque seus genitores para cumprir o rito da não aceitação próprio das sociedades patriarcais e religiosas exigiam que eles saíssem de casa ou se ficassem teriam de se comportar, anular a sua sexualidade. O comportamento aqui significa não ter estereótipos, silenciar a identidade sexual como visto em:

Em poucos meses, meus pais puderam finalmente perceber que o filho deles continuava sendo o mesmo garoto de sempre; que a minha opção sexual não havia me transformado em nenhum frankstein. Mesmo com toda a limitação que o meu mundo continha – várias foram as vezes em que contornamos situações um tanto quanto delicadas –, felicidade era um estado de espírito quase constante no meu dia-a-dia.

Uma dessas situações aconteceu comigo no meu aniversário de 17 anos quando, a pedido de meus avós, foi feita uma grande festa na casa deles em Jundiá. Por tradição de família – meu avô acreditava nisso –, uma boa comemoração tinha de durar no mínimo três dias. O que mais chamava a atenção nesse tipo de festa é que, a certa hora da noite, os convidados – exceto parentes – iam embora para casa e voltavam no dia seguinte para prosseguir com a festa, e assim sucessivamente até acabar.

[...]

- Não esqueçam que, para os outros, vocês são apenas amigos.

Conversar no carro é bom por isso. Meus pais no banco da frente e Renato e eu no de trás não nos sentimos envergonhados, já que ninguém conseguia se olhar de frente.

- Pode deixar, pai. Nós não daremos nenhum fora (CARVALHO, 2007, p. 117-119).

O fragmento de **O terceiro travesseiro**, de Nelson Luiz de Carvalho (2007) demonstra haver uma série de interditos acerca da homoafetividade e suas expressões na esfera social, visto que os pais de Marcus imaginavam que ao se assumir gay, ele mudaria o

seu comportamento e viria a cultivar novos hábitos, entretanto, isso não aconteceu. O não acontecimento das mudanças no comportamento da personagem pode ser visto como marca do silenciamento imposto sobre o corpo homoafetivo, silêncio que, por sua vez, representa a docilização dos corpos, um corpo que não transgride e se deixa dominar pela voz do outro, um corpo-títere dos padrões heteronormativos. Inclusive tiveram situações que foram contornadas para que o amor de Marcus e Renato não fosse sabido por todos os familiares do protagonista, são as recomendações da mãe, as perguntas dos familiares sobre a namorada, o desmaio da mãe por causa do suspense na hora de o aniversariante dar o primeiro pedaço do bolo, até as suspeitas do primo, depois de ver Marcus colocar bolo na boca de Renato. Nesta perspectiva o silenciamento reveste-se da memória do proibido, da doutrinação sobre o corpo do outro, isto reforça que esse fenômeno:

[...] consiste muito mais na irrupção de ressentimentos acumulados ao longo do tempo e de uma memória da dominação e de sofrimentos que ocupa toda a cena cultural, o setor editorial, os meios de comunicação, o cinema e a pintura, comprovando, caso seja necessário, o fosso que separa de fato a sociedade civil e a ideologia oficial de um partido e de um Estado que pretende a dominação hegemônica. Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades.

[...]

Ele remete igualmente aos riscos inerentes a essa revisão, na medida em que os dominantes não podem jamais controlar perfeitamente até onde levarão as reivindicações que se formam ao mesmo tempo em que caem os tabus conservados pela memória oficial anterior. Este exemplo mostra também a sobrevivência durante dezenas de anos, lembranças traumatizantes, lembranças que esperam o momento propício para serem expressas. A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas.

[...]

[...] a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante (POLLAK, 1989, p. 5).

Assim, recupera-se, de pronto, que cada sujeito carrega as suas próprias lembranças e elas serão sempre distintas, a memória da coletividade sempre distinta da memória individual, uma vez que “as minhas lembranças pessoais são inteiramente minhas, estão inteiras em mim” (HALBWACHS, 2013, p. 73). Outro aspecto a ser considerado quando se trata do lugar da memória em narrativas e que reforça a força da memória individual é o viver a experiência

homoafetiva, não como um fato esporádico, mas como marca identitária, embora se acredite que o homem, enquanto sujeito sociológico possua uma identidade em trânsito, como defendia Hall (2014). Neste sentido, ao partir para a leitura e análise do corpus teórico e das narrativas selecionadas nesta investigação, entendeu-se que a o lugar da memória nas literaturas homoafetivas é um lugar do afeto, do encontro consigo e com os de mesma identidade, portanto, um índice de empoderamento e de fragmentação dos silêncios amalgamados na história.

### **3.3 Múltiplas identidades homoafetivas nas narrativas literárias: reflexões, imaginário e apontamentos historiográficos**

*Não parece incoerente que logo nós, que lutamos por tanta liberdade, acabamos nos rotulando e segregando ainda mais? Por que, afinal, existem tantos rótulos e segregações no meio gay?*

Pedro HMC

Pode-se responder à inquietação do criador do Programa “Põe na roda”<sup>26</sup>, Pedro HMC, afirmando a incoerência entre querer e lutar por igualdades e ao mesmo tempo usar do arcabouço de vocábulos usados ao longo da história para chamar aos homoafetivos. O ideal seria que nenhum sujeito que se identifica como gay tivesse que dizer qual a sua orientação e identidade sexuais, visto que não é feita essa mesma pergunta e com a mesma intensidade aos que se identificam heterossexuais. Por outro lado, tipificar a comunidade gay pode ser lido a partir de dois pontos de vista – menosprezar e empoderar – no primeiro, busca-se a todo custo desqualificar o homoafetivo, enquanto o último tem a pretensão de lhes dar maior visibilidade no meio social. Ressalta-se que mesmo os gays de um determinado grupo podem tentar desqualificar os pertencentes a outros grupos e, no caso, o inumano é a falta de respeito entre os sujeitos sociais, visto não importar se barbies<sup>27</sup> ou ursos<sup>28</sup>.

Para tratar das identidades homoafetivas convém responder à inquietação acerca do que se entende por identidade e se esta tem alguma diferença da representativa dos sujeitos heterossexuais, uma vez que os homoafetivos, desde o medievo, foram considerados impuros

<sup>26</sup> Maior canal de humor e informação fora do armário, o qual está disponível em formato de vídeos no canal Youtube e discute temas de relevância para a comunidade homoafetiva.

<sup>27</sup> Gays que cultivam o ideal da perfeição física (HMC, 2016).

<sup>28</sup> Gays que são caras grandes e/ou gordos e que não se importam nem um pouco em manter a depilação em dia. Pode ter barba, pode ter pelos, pode ser o homem na sua forma mais bruta (HMC, 2016).

à vida social. A primeira concepção desse vocábulo é a de que “as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (HALL, 2014, p. 109). Isso dá a entender que as identidades não são estruturas estanques, nem externas ao sujeito, mas produzidas dentro dele, das suas vivências, dos locais por onde os sujeitos transitam, pois se tomarmos o tratamento dado aos homoafetivos, nos períodos históricos, há de se perceber que os olhares foram distintos.

Outra concepção é de que as identidades são demarcadas por fatores culturais e sociais. Por sua vez, deve-se, ainda considerar que:

Diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais. Consideremos as diferentes “identidades” envolvidas em diferentes ocasiões, tais como participar de uma entrevista de emprego ou de uma reunião de pais na escola, ir a uma festa ou a um jogo de futebol, ou ir a um centro comercial. Em todas essas situações, podemos nos sentir, literalmente, como sendo a mesma pessoa, mas nós somos, na verdade, diferentemente posicionados pelas diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas diferentes situações, representando-nos, diante dos outros, de forma diferente em cada um desses contextos. Em um certo sentido, somos posicionados – e também posicionamos a nós mesmos – de acordo com os “campos sociais” nos quais estamos atuando (WOODWARD, 2014, p. 31).

Essa distinção entre as diversas identidades homoafetivas, na contemporaneidade, pode ser percebida a partir da reunião de outras categorias conceituais para além da orientação sexual e mesmo dentro dela, para além se cita a etnia e a classe social. No caso, se o sujeito é homoafetivo, negro ou indígena e pobre reside sobre ele o triplo preconceito; se homoafetivo e pobre, o duplo preconceito e; se ele for homoafetivo, negro, pobre e travesti, o escárnio social será quadruplicado; entretanto, se homoafetivo, mas se comporta como heterossexual e tem uma profissão que ganhe acima de cinco salários mínimos, anula sua sexualidade diante do grupo familiar e amigos, não enfrentará preconceitos. No caso, os fatores renda e educação podem ser vistos com fatores que apagam as identidades sexuais homoafetivas, são silenciadas com no máximo “vistes como o filho de fulano é tão delicado”, ou “mas ele é tão bonito que nem parece que é...”.

Outro elemento demarcador das homoafetividades é a presença dos estereótipos ou mitos usados, geralmente, para isolar os homoafetivos na estrutura social, visto que eles servem de “bolha social”, um estado de enclausuramento das identidades gays. Partindo destes dispositivos os quais procuram regular os corpos dos homoafetivos, ressalta-se que o intuito deste tópico não é tratar das diferenças apontadas a partir deles. Nesta dimensão, deve-

se considerar que “todo dispositivo corresponde a um determinado processo de subjetivação (ou, neste caso, de dessubjetivação), é de tudo impossível que o sujeito do dispositivo o use ‘de modo justo’” (AGAMBEN, 2005, p. 14). Sobre este dispositivo regulador da sexualidade diz-se:

Ora, o aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e “hermafroditismo psíquico” permitiu, certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais nessa região de “perversidade”; mas também possibilitou a constituição de um discurso “de reação”: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua “naturalidade”, e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico. Não existe um discurso de poder de um lado e, em face dele, um outro contraposto. Os discursos são elementos ou blocos táticos no campo das correlações de forças; podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia; podem, ao contrário, circular sem mudar de forma entre estratégias opostas. Não se trata de perguntar aos discursos sobre o sexo de que teoria implícita derivam, ou que divisões morais introduzem, ou que ideologia – dominante ou dominada – representam; mas, ao contrário, cumpre interrogá-los nos dois níveis, o de sua produtividade tática (que efeitos recíprocos de poder e saber proporcionam) e o de sua integração estratégica (que conjuntura e que correlação de forças torna necessária sua utilização em tal ou qual episódio dos diversos confrontos produzidos) (FOUCAULT, 2017a, p. 111).

Mediante o excerto compreendeu-se que o tratamento dado aos homoafetivos fora modificado em consonância com as mudanças dos discursos sociais desde o século XIX, entretanto, essa mudança não se deu de modo aleatório, tampouco foi planejada. É antes, resultado de uma luta histórica deles. Luta a qual se colocava contrária às manifestações de poder dos heterossexuais e em nome do reconhecimento de que o amor entre pessoas do mesmo sexo não representa uma anomalia psíquica ou precise de choques elétricos para a reversão da orientação sexual, assim, os discursos dos homoafetivos se colocam contra a banalização dessa orientação sexual. Com isso, sustenta-se que há diversos aspectos que carecem ser estudados na história da homoafetividade, o que esse trabalho de investigação, mesmo se tratando de uma tese, não dá conta, há outros elementos que ficaram de fora, à procura de outros pesquisadores.

O deixar fragmentos é prática contínua das pesquisas, pois nenhuma delas responde a todas as questões, desse modo, tratar da identidade do sujeito homoafetivo é também situar um grupo distinto de identidades, pois “o importante é saber que as pessoas são diferentes, e os gostos, as preferências e os inúmeros comportamentos devem ser respeitados” (HMC, 2016, p. 169). Essa diferenciação das identidades, no universo gay, pode ser vista nas letras que representam a sigla do Movimento – LGBTTTQIACDDPGADG – sendo que elas incluem tanto a orientação quanto a identidade sexual ou apenas uma delas. No entanto, a

preocupação desse tópico é buscar na história social e nas obras literárias, tanto as selecionadas como amostra para o corpus analítico desta tese, quanto outras que tragam vocábulos usados para nomear a identidade sexual deles, inclusive dos estudos sociológicos e antropológicos.

Há diversos mitos e vocábulos usados para nomear os praticantes do amor entre pessoas do mesmo gênero sexual. Dos mitos circulantes no imaginário social acerca da comunidade gay aponta-se: “1. Todo gay tem dentro de si uma mulher acorrentada; 2. Todo homossexual é um viciado em sexo, um sexófilo insaciável; 3. Homossexualidade seria sinônimo de cópula anal; 4. Todos os gays são potencialmente perigosos molestadores de crianças e; 5. Os homossexuais são transmissores da peste gay” (MOTT, 2003, p.33). Sobre estes, menciona-se que eles “reforçam a negatização da identidade dos gays na sociedade, fomentam a prática da homofobia e são inverdades divulgadas com intuito difamatório e acusatório sobre essa parcela da população” (OLIVEIRA; SIMÕES, 2018, p. 149).

Podem ser dito também que os homoafetivos masculinos, na sua maioria não deseja ser mulheres, nem mesmo se veem como uma, estão satisfeitos com o seu corpo e na infância não se travestiram com roupas femininas e os que o fizeram foi mais por curiosidade. Também se pode afirmar que nem todos os gays aceitam serem chamados de “mulher”, de “bicha” ou “veado” por alguém não pertencente ao seu meio e ainda que deste se não tiver afinidades, recusa-se ainda o uso do nome no feminino ou da adoção de um nome feminino. Além dos entrevistados, nesta pesquisa, outro homoafetivo que não aceitava a denominação do feminino era João Francisco dos Santos, a Madame Satã, fato contado pelo próprio em entrevista ao jornalista Silvan Paezzo, porque para ele assumir um nome feminino era ressignificar nele toda a carga de estereótipos pejorativos comuns ao feminino oriundos do patriarcalismo (GREEN; POLITO, 2006).

O mito dois não é verdadeiro, visto que heterossexuais traem até mais e a incidência de estupros, sobretudo, de vulneráveis dentro do espaço doméstico contribui para que ele seja desconstruído, além de haver homoafetivos os quais vivem quase como assexuados. Outra ideia que repercute nesse mito é o de que a comunidade gay é, inveteradamente, composta de profissionais do sexo ou que ela está sempre procurando por um parceiro para o sexo. Embora haja identidades como as travestis e os michês os quais são profissionais do sexo, as *drags queens* que são *performers*, há profissionais liberais, servidores públicos (professores, juízes, delegados e outros), inclusive alguns deles passam meses sem nenhuma relação sexual e não andam à procura do sexo a todo momento.

Acerca do mito três, ressalta-se que a homoafetividade não está associada ao ânus, pois há muitos homoafetivos efeminados e travestis os quais não gostam de serem penetrados, nem mesmo de penetrar no outro; há ainda homens heterossexuais os quais durante o ato sexual sentem prazer ao terem introduzidos objetos no ânus (dedos, vibradores), inclusive pedem isso a suas parceiras. Desse modo, associar homoafetividade a prazer anal é um erro grotesco de interpretação da sexualidade do outro, fato esse que, como apontado por Foucault (2017), orienta a sociedade a situar essa orientação sexual como um pecado grave e aquele que se identificava com ela como um contra a lei, uma abominação particular.

Sobre o mito quatro, chega a ser infame o preconceito nele apregoado, pois muitos ao ouvi-lo ajudam na difusão da crença dessa crença e uma vez tendo nela acreditado qualquer homoafetivo que se aproxime de uma criança será sempre motivo para desconfiança, o que tem atrapalhado até mesmo nos casos de adoção. Neste sentido, um problema puxa o outro, e assim, sobretudo os meninos deixarão de ser adotados por casais homoafetivos masculinos, pois a morosidade da justiça na resolução do processo de adoção leva o casal a desistir do mesmo e, na educação, fomenta o ideário de que os anos iniciais da escolarização não é uma atividade masculina. Isso faz lembrar que a educação das crianças no modelo patriarcalista era tarefa a ser executada pelas mulheres e não pelos homens, pensamento este que tem força no imaginário paraense, sobretudo, em razão da religiosidade professada neste lugar e do pouco avanço no que se refere à conquista da equidade entre os gêneros.

Em se tratando do mito cinco, há certa sensação de *dèja-vu*, pois em outras épocas fora disseminado que a comunidade gay fora a responsável pela destruição de populações inteiras, por exemplo, Sodoma e Gomorra, como consta no texto bíblico e, mais tarde, nas campanhas higienistas do século XIX. Nesta direção parece que se trilhou o mesmo caminho, pois ao chegar à década de 1980 e se noticiar a presença do vírus da AIDS, na sociedade brasileira, essa doença passou a ser difundida como a “peste gay” como se heterossexuais não pudessem ser contaminados com o vírus HIV. Isso suscita que o brasileiro cria nomes para identificar aquilo que ele desconhece, assim o é para com a gigantesca massa da comunidade gay no tocante ao uso da expressão “peste gay”, além de deturpar a ordem carregando para aqueles, a quem julgam menores, um tom jocoso e pilhérico.

A desconstrução do preconceito difundido por esses mitos passa por uma educação para o respeito e tolerância para com a comunidade homoafetiva, inclusive com ações as quais demonstrem haver a transformação social de espaços e mentalidades. Desconstruí-los é uma reação às campanhas anti-homoafetivas às quais obrigaram estes sujeitos a manterem escondidas as suas identidades sexuais, que os forçou a construir uma máscara conformativa à

heteronormatividade (OKITA, 2015). Entretanto, não se pode ou não se deve esquecer de que os vocábulos usados para nomear o amor entre pessoas do mesmo gênero sexual quase sempre estiveram demarcados por ideologias negativas a essa orientação sexual.

Isto é – pederasta, safista, sodomita, mordedor de fronha, fanchono, maricas, viado, macho e fêmea, bicha, fresco, *gay* e *queer* não têm a pretensão de legitimar os discursos dos homoafetivos num ideário positivo. Os termos mencionados não são os únicos nesta seara da identificação dos amantes de pessoas do mesmo gênero sexual, tanto no Brasil, quanto em outras partes do globo há outros os quais, inclusive, desconhecemo-los. Por sua vez, sabe-se que das terras lusitanas foi incorporado ao léxico português brasileiro os seguintes vocábulos: “sodomita, bugre, amor dos nobres, pecado mau, velhacaria, fanchonice, vício italiano, nefandice, amor grego, vício dos clérigos, marica, puto, amor elegante” (FIGARI, 2007, p.61). Dos vocábulos mencionados o usado comumente é sodomita, visto haver nele a origem religiosa, uma vez que a moral cristã desde o Período Medieval o colocara como sinônimo de pecado por atribuir aos homens ou mulheres que amavam aos seus iguais a responsabilidade da destruição da cidade de Sodoma. Deste ainda se diz:

“Sodomita” ou “somitigo” era a designação interpelante principal. Somitigo significava, além disso, uma pessoa ridícula, mesquinha ou sovina. É possível, dessa forma, perceber associações e deslocamentos semânticos que estabeleciam sinonímia entre significados negativos ou estigmatizados e o homoerotismo. Assim também em alguns países se associava sodomia à heresia ou sodomia à bruxaria (FIGARI, 2007, p.61).

Fica evidenciado que os sentidos atribuídos a esse termo influenciaram não somente na decisão sobre a morte daqueles identificados como gays, ato esse que, além de promover uma limpeza social da vida terrena e da memória coletiva, visto que estes, uma vez mortos não mais envergonhariam aos seus familiares ou meio social. Pode ser acrescido que essa ação possibilitava o esquecimento da família e da sociedade, pois a família não podia velá-los ou enterrá-los, aos sodomitas era negado um túmulo para repouso do corpo, entretanto, caso possuíssem algum bem cujo valor fosse elevado este ficaria de herança para a família (FIGARI, 2007). O autor ainda acrescenta que: “Na França e em outros países europeus, os autos do processo eram queimados junto com eles(as), perdendo-se inclusive o registro de execução” (FIGARI, 2007, p.61).

O tratamento dado aos homoafetivos na Europa cristã se estende aos países colonizados por europeus, incluindo os pertencentes ao chamado Novo Mundo, por terem a influência da educação jesuítica e contrarreformista. Por essa razão, ao considerar o modo como os homoafetivos são chamados nas obras literárias percebeu-se que assumiam as feições

do seu tempo, no caso, poder-se-á admitir que “os fatos se ajustam entre si na forma de enredo ou intriga, configurador da ação, como ponto de chegada da atividade mimética” (NUNES, 2013, p. 15). Essa configuração serve para perpetuar o imaginário de que gays são pecadores os quais devem negar sua sexualidade para que sejam aceitos por Deus, do contrário, morrerão no pecado e, segundo essa moral, em condenação.

Em se tratando dos vocábulos que nomeiam os praticantes do vício italiano nas obras que servem de matéria básica a esta investigação que ora se desenrola – **Confissões ao mar** (2010), de Kadu Lago; **O terceiro travesseiro** (2007), de Nelson Luiz de Carvalho; **O diário de Marjorie: memórias de uma travesti** (2014), de Marcos Soares; **Stella Manhattan** (2017), de Silviano Santiago; **Olho de Boto** (2015), de Salomão Larêdo e; *Cachorro doido* (1986), de Haroldo Maranhão. Destas, um a um serão extraídos os referidos vocábulos, a fim de que se faça um mapeamento de quais termos se usa para identificar os homoafetivos, entretanto, a intenção aqui não é reproduzir os estereótipos negativos relacionados a essas identidades, mas demonstrá-los.

No romance **Confissões ao mar** (2010), do escritor maranhense Kadu Lago, os termos ou expressões relativas à homoafetividade são – (“relacionamento entre pessoas do mesmo sexo”, p. 12), contínuos silêncios..., gay (“Mateus tu... tu és gay”, p. 128), bicha (“Bicha? É isso que tu és?”, p. 128), isso/viado (“... Eu achava que namorava um homem, não um... um viado. Não fala isso!”, p. 129), viadinho (“A casa caiu pra ti, seu viadinho”, p. 203), qualira (“esse qualira de merda acha que é o quê?”, p. 203). As expressões e termos mencionados na narrativa dão conta das possibilidades diversas, a começar, do não querer nomear o encontro afetivo entre dois homens ou duas mulheres, visto que entre o primeiro e o segundo, Mateus, é um adolescente que está à procura de sua verdade. Na idade adulta, quando resolve pôr um fim ao relacionamento heterossexual o qual tinha com Fátima, ela é a primeira a chamá-lo de “gay”. Acerca desse vocábulo, afirma-se:

Gay significa “alegre” em inglês. A palavra gay já era usada na Espanha, no catalão-provençal, desde a Idade Média como sinônimo de “rapaz alegre” – o que deu no português o termo “gaiato”, popularmente chamado de “engraçadinho”. Por isso, quando alguns criticam o movimento gay de não ter originalidade por ter copiado um termo inglês para se autoidentificar, tal crítica não tem cabimento: é coisa de “gaiato”! (MOTT, 2003, p. 60).

Mediante o excerto, compreendeu-se gay é o vocábulo mais utilizado e o preferido dos homoafetivos, o mais popular, por isso, Fátima chama Mateus de gay. Mateus enquadra-se, ao

menos, em duas categorias dos gays – enrustido<sup>29</sup> e bicha (assumido) – a primeira, ele vive desde quando começa a se sentir diferente dos outros meninos, mas devido à religiosidade e à família ele permanece no armário. Entretanto, mesmo que a personagem possa ser considerada bicha, ela não carrega o tom fechativo que é estereótipo dessa categoria, ele o é porque foi arrancado do armário e justifica para a avó ações do passado usadas como estratégia para esconder a orientação sexual. É salutar compreender ainda que depois deste [enrustido] aparece um outro – o vocábulo “bicha”, tão comum quanto o anterior em terras brasileiras, o que se evidencia no fato de na narrativa eles serem usados como sinônimos, essa proximidade entre os termos contribui para que este seja entendido como complemento daquele. O termo em questão apresenta variantes como – Bi, Bee<sup>30</sup>; BF<sup>31</sup>; Bia<sup>32</sup> e; Biba<sup>33</sup> (FISCHER, 2008). Sobre a historicidade desse vocábulo convém afirmar:

*Bicha*, outro termo para homem efeminado que mantém relações sexuais com outros homens, foi criado nos anos 30. Apesar dos seus outros significados, incluindo o de parasita intestinal, ele permanece hoje em dia como a forma mais comum de referir-se pejorativamente a um gay. Assim como para a palavra viado, há versões controversas sobre suas origens como gíria escarnecedora. Um estudo de 1939 sobre as atividades sociais, costumes, hábitos, apelidos e gírias para homossexuais na cidade de São Paulo, dirigido pelo Dr. Edmur de Aguiar Whitaker, incluiu uma lista de expressões vernaculares empregadas por homens jovens. Entre os códigos adotados havia três referências ao termo. *Bicha* foi definido como pederasta passivo. *Bicha sucesso* significava um pederasta passivo que levava uma boa vida. *Bicha bacana* referia-se a um pederasta com uma boa conta bancária (GREEN, 2000, p. 145).

A origem desse vocábulo é francesa “*biche*” e assumiu a função de questionar a masculinidade dos jovens como meio de imputar-lhes estereótipos do feminino, um trocadilho com o vocábulo “viado” no intuito de ironizar aos jovens homoafetivos, dando-lhes ares de sofisticação (GREEN, 2000). Como visto nos trechos mencionados anteriormente, no romance de Kadu Lago, foram usados, além de *gay* e *bicha*, os vocábulos “viado”, o diminutivo “viadinho” e “qualira” para se referir à homoafetividade de Mateus. Do termo “viado”, pode-se dizer que é o mais popular entre as classes de menor poder aquisitivo e um dos mais jocosos, uma vez que a intenção daquele que o profere é constranger a quem ele se dirige, tanto que quando usado entre amigos heterossexuais o objetivo é ferir a masculinidade.

<sup>29</sup> Entre os enrustidos há os bissexuais que são casados e que levam vida dupla, procurando gays, michês ou travestis para suas transas esporádicas. Portanto, dentro da categoria dos “enrustidos” encontram-se tanto o entendido que é exclusivamente gay, que tem uma identidade homossexual, que não é casado nem pretende se casar com mulher, mas que só é assumido dentro do “gueto gay” (bares, boates, saunas), como há também o pai de família, ou o noivo, que vive nos dois mundos (MOTT, 2003, p. 62).

<sup>30</sup> Redução de bicha (FISCHER, 2008, p. 214).

<sup>31</sup> Bicha fina ou Bolacha fina (FISCHER, 2008, p. 214).

<sup>32</sup> Bicha feminina (FISCHER, 2008, p. 214).

<sup>33</sup> Bicha superfeminina (FISCHER, 2008, p. 214).

Na narrativa, o peso da inferioridade é maior por dois motivos: 1. Vem acompanhado do adjetivo merda – “o ‘Mateus’, não passa de um viadinho de merda” (LAGO, 2010, p. 203), merda, naturalmente, é sinônimo de fezes, assim, para Lucas, o intuito é reduzir o irmão à condição de excremento; 2. É usado no diminutivo, linguisticamente, o uso desse grau do substantivo pode representar afeição, repulsa ou a redução do tamanho, porém, quando associada ao homoafetivo o sentido é o da repulsa e; 3. O vocábulo “viado” é substituído pelo pronome demonstrativo “isso”, o que remete ao não querer falar, a repulsa à homoafetividade ou a sua comparação a algo sem nenhum valor, situação de inferioridade em relação a quem fala. Sobre esse vocábulo ainda se diz que:

Em algum momento da década de 1920, ou mesmo antes, o termo *viado* uniu-se aos epítetos *puto* e *fresco*, no linguajar popular, como outra palavra depreciativa para referir-se a homens efeminados que praticavam sexo com outros homens. O termo vem da palavra *voadado*, mas talvez tenha adquirido outra pronúncia para distinguir o termo pejorativo de qualquer referência ao animal. Como o termo *viado* se desenvolveu é um completo mistério. Uma teoria afirma que a expressão se originou no Rio em 1920, quando um comissário de polícia ordenou a prisão de todos os homossexuais que fossem encontrados num certo parque (algumas versões apontam a Praça Tiradentes, outras a Praça da República, nas mesmas proximidades). Seu subordinado tentou executar a tarefa, mas voltou ao superior admitindo o fracasso. Explicou que, quando os policiais tentavam prender os jovens, eles corriam como voadados. Diz-se que o incidente foi amplamente divulgado pela imprensa e, assim, tornou-se um mito do folclore gay (GREEN, 2000, p. 143).

Muitos dos termos os quais servem para identificar os homoafetivos não se sabe a origem deles ou como eles começaram a ser usados no dia-a-dia. Se o termo *viado* surgiu no Rio de Janeiro, o vocábulo *qualira* surgiu no Maranhão e assume o significado de *gay*, *viado* e *baitola*. Conforme o jornalista Ewerton Neto (2016), em texto publicado no Portal Imirante.com, **Jornal O Estado**, há duas versões para o surgimento desse vocábulo – 1. Que havia um rapaz efeminado, tocador de lira em um bloco carnavalesco, de quem a plateia dizia: “Lá vem ele com a lira”, expressão reduzida a “qualira” e; 2. Durante o Período Imperial morou em São Luís um homem de nome Lira, o qual procurava cumprir seu papel de homem diante de uma fogaosa dama. E diante das falhas dele, ela dizia: “Qual, Lira, não vai adiantar!” e de tanto a população repetir o que ouvia acabou-se cristalizando o reducionismo “qualira”. Assim, *qualira* é o nome dado ao homem que não consegue satisfazer sexualmente a uma mulher, por isso, homoafetivo, embora se saiba que esse ideário não é verdadeiro, muitos dos homoafetivos se relacionam com mulheres, até mesmo as travestis, somente os gays passivos recusam, por não afinidade, o contato sexual com mulheres.

Em **O terceiro travesseiro** (2007), de Nelson Luiz de Carvalho, para se referir à homoafetividade vale-se de expressões conflitivas: “Eu não posso ser isso que estou

pensando; nem em pensamento consigo dizer essa palavra” (CARVALHO, 2007, p. 14). O medo de se confessar homoafetivo dá lugar aos estereótipos – “Quando se pensa em alguém assim, logo se imagina que o cara gosta de se vestir de mulher, gosta de ‘dar’ e gosta de qualquer homem. E isso, pelo menos para mim, não é verdade” (*ibid*, p. 22). Também foram encontrados vocábulos como – bicha “... e já que bicha você também não é” (*ibid*, p. 40); homossexual “Eu sou homossexual, pai.” (*ibid*, p. 40); desvio moral “... eu acho que esse desvio moral...” (*ibid*, p. 43); gay “Não quero carregar comigo nenhum rótulo, seja ele bicha, gay ou o que for” (*ibid*, p. 50); referências implícitas ao *queer*, como visto em: “Naquela cama não existiam masculino e feminino. Existiam, sim, três pessoas se amando do jeito que a imaginação de cada um pedia” (*ibid*, p. 99) e opção sexual “- Esconder a minha opção sexual depois do que ele viu e, provavelmente, ouviu não adiantaria nada” (*ibid*, p. 129).

Em se tratando do vocábulo homossexual, menciona-se que ele surgiu, em 1869, na Alemanha, criado pelo médico polonês Karoly Maria Kertbeny como contraponto e em substituição ao termo “pederasta”, o qual procurava desqualificar os praticantes do amor entre pessoas do mesmo gênero sexual (BARBO, 2013). Ressalta-se que junto ao termo homossexual também aparecia no mesmo panfleto “os termos heterossexual e monossexual (esse último referindo-se ao homem que centrava prazer na masturbação com outro homem)” (BARBO, 2013, p.13). Por outro lado, as ideias de Kertbeny foram refutadas por serem consideradas destituídas de valor biológico-cientificista, embora o médico pretendesse a implantação dessa categoria conceitual como sendo científica e desprovida de valores subjetivos (TREVISAN, 2002).

Na percepção de Michel Foucault (2017) essa mudança terminológica é representativa de uma mudança contextual, pois abre espaço para que novos comportamentos sexuais sejam vistos e também estudados à luz das ciências médicas ou mesmo numa reação aos discursos delas. Nesta perspectiva, afirma-se: “A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (FOUCAULT, 2017a, p.48). O reconhecimento da homossexualidade como não doença parece ser uma estratégia discursiva a partir da qual se visa à legitimação das transformações, tornar-se espécie é tornar-se mais forte, visão essa ajustada à ideia de que o desejo homossexual não se adéqua ao conjunto das patologias mentais.

Em se tratando do argumento posto acima de que o desejo homoafetivo era doentio e que fora legitimado pelo discurso médico-científico e, por conseguinte, nas teorias médico-higienistas dos fins do século XIX, ressalta-se que esta não é a visão empregada neste

trabalho. Não se ajusta porque não é parte dos objetivos provar isso, tampouco o discurso mencionado representa a visão dos pesquisadores envolvidos, não se concebendo também que seja um “desvio moral”, apenas uma definição que não cabe no discurso médico-cientificista propagado pelos meios midiáticos (TREVISAN, 2002). Por essa razão, convém mencionar que:

Foucault referia-se a um estado de vir-a-ser e estar-em-mutação que me parece muito interessante justamente porque não afirma a homossexualidade como uma condição de santuário da normalidade, mas também não deixa de instigar as nuances quotidianas do desejo, que podem continuar mudando indefinidamente, num espaço de manifestação labiríntica. A propósito, lembro que certa vez em Aracaju ouvi um termo curioso e muito perspicaz, usado pela população local para designar uma bicha: “duvidoso”. Homossexual é exatamente isso: duvidoso, instaurador de uma dúvida. Em outras palavras: algo que afirma uma incerteza, que abre espaço para a diferença e que se constitui em signo de contradição frente aos padrões de normalidade. Ou seja: trata-se do desejo enquanto devir e, portanto, como afirmação de uma identidade itinerante (TREVISAN, 2002, p. 42-43).

É desse sentido de identidade itinerante que surge o *queer* como termo que pode nomear a manifestação do amor entre pessoas do mesmo sexo, pessoas que assim como Marcus Dório e Renato recusam a binariedade dos gêneros como masculino ou feminino. Sujeitos os quais apenas buscam o prazer: “– Entre mim e o Renato não existe essa divisão de homem e mulher. Por que você me perguntou isso?” (CARVALHO, 2007, p. 101). Notou-se que essa identidade é resultante das lutas pela liberdade e reconhecimento da comunidade homoafetiva do Movimento de Stonewall, nos Estados Unidos, ela não quer silenciar diante das imposições heteronormativas, é uma identidade que aprofunda o debate sobre este grupo social numa perspectiva interdisciplinar. O caráter transgressor do referido vocábulo está incluso na sua tradução, a qual, no Brasil, pode ser “estranho”, “excêntrico”, “raro” e “extraordinário” (LOURO, 2013, p.39).

A partir da leitura dos adjetivos acima, percebeu-se que há neles um contraponto ao poder heteronormativo enquanto paradigma da orientação sexual e para os norte-americanos “assume a função de estereotipar, negativamente, os sujeitos homoafetivos por equivaler, na língua portuguesa, a ‘bicha’, ‘viado’, ‘fresco’, ‘qualhira’ e outros termos do mesmo campo semântico” (OLIVEIRA, 2016, p. 61). Nessa reação, pode-se entender que o *queer* é a voz do sujeito que não quer calar, é a expressão do “repúdio e uma atitude crítica aos grupos que pregam a disseminação da homofobia enquanto forma de silenciar as vozes gays” (OLIVEIRA, 2016, p. 61). Por sua vez, pode-se dizer ainda que se assume a atitude de “colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier” (LOURO, 2013, p.39), de não tolerar os discursos de que a homoafetividade é doença e precisa de tratamento.

Em cada lugar são criados vocábulos para nomear os seres ali existentes, assim o é, também, para a nomeação dos comportamentos e atitudes, inclusive os referentes às identidades sexuais. No romance **O Diário de Marjorie: memórias de uma travesti** (2014), de Marcos Soares, apresenta os vocábulos – travesti(s)<sup>34</sup>, travas, veado, veadinho, mariquinha, mulherzinha, florzinha, menina-flor, quebra-munheca, fresco, baitola, boiola, putinho, boneca, Barbie, pena branca, homossexual, gay, enrustido e homoafetivo. O primeiro é apresentado no título e, posteriormente, ao tratar da transformação de Aglailson em Marjorie de Rennaud e para apresentar a Verônica Vera e o uso das flexões de número com acréscimo de “s” e o metaplasmo de redução “travas” para se referir à Barberine e às outras com quem Marjorie entra em conflito. Dessa identidade, menciona-se:

É a categoria menos numerosa de homossexuais do Brasil: todas juntas não devem ultrapassar vinte mil pessoas. Parece que são mais numerosos porque são mais visíveis e chamam mais a atenção em qualquer lugar que estejam.

As travestis também se subdividem em três tipos principais: 1) aquelas travestis que só se vestem de mulher para fazer *show* em boate gay, preferem ser identificadas como transformistas e que, fora do palco, durante o dia, são simplesmente gays; algumas fazem pista esporadicamente. 2) Há também algumas que se “montam” de mulher só de noite, para “batalhar” ou “fazer pista”, mantendo em segredo esta dupla vida: “de noite é Maria, de dia é João...” Estes dois tipos raramente fazem alterações femininas definitivas em seus corpos pois socialmente vivem como. 3) As travestis de pista formam a categoria mais numerosa. [...] Muitas feminilizaram seus corpos graças a hormônios ou aplicação de silicone; vivem dia e noite vestidos de mulher, têm nomes femininos, muitas alugam quatinhos em pensões humildes na área de prostituição [...] têm como clientes uma ampla variedade de homens e rapazes, [...] (MOTT, 2003, p. 63-64).

Conforme o excerto, Marjorie é uma travesti de pista<sup>35</sup>, embora, enquanto morara com os pais adotivos não tenha feito pista, tenha estudado – cursado o supletivo de 1º e 2º graus<sup>36</sup>, ingressado no Curso de Secretariado Executivo em uma Universidade pública do Recife e cursado francês e música. Entretanto, antes de ser adotada e após a morte dos pais, Marjorie

<sup>34</sup> Uma travesti se comporta e usa códigos e acessórios do gênero oposto ao qual foi designada ao nascer, mas pode se sentir tanto homem como mulher ou, ainda, nem homem nem mulher necessariamente. É como se pertencesse a um terceiro gênero (HMC, 2016, p. 170).

<sup>35</sup> Designação dada às travestis que vivem da prostituição nas ruas das cidades grandes. Elas formam a categoria mais volumosa. Rara é a cidade com mais de 300 mil habitantes que não tenha uma ou mais travestis profissionais do sexo. Em João Pessoa tem umas 20; em Salvador, 200; no Rio de Janeiro e em São Paulo, mil e poucas em cada cidade. Muitas feminilizaram seus corpos graças a hormônios ou aplicações de silicone; vivem dia e noite vestidas de mulher, têm nomes femininos, muitas alugam quatinhos em pensões humildes na área de prostituição. Muitas participam da mesma subcultura da violência que domina o submundo da prostituição, sendo vítimas e autoras de agressões, roubos, etc. atendem de 3 a 10 clientes por dia, seja em seus quatinhos, seja no carro das “mariconas” (como elas chamam seus clientes mais velhos, bissexuais ou gays), ou em pensões e motéis. As travestis de pista têm como clientes uma ampla variedade de homens e rapazes, que inclui além das “mariconas” (executivos de meia-idade, os homens casados, geralmente proprietários de carro), vigilantes noturnos, taxistas, policiais, marginais, boyzinhos, etc., etc (MOTT, 2003, p. 64).

<sup>36</sup> Antiga terminologia dada à, hoje, educação básica e em conformidade com a LDB 5.692/71, no seu Art. 1º tinha por intuito prover o discente dos conhecimentos necessários para o desenvolvimento de suas potencialidades, como elemento de autorrealização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania.

ganha a vida fazendo programas, ou melhor, pista, fato que a levará a conhecer o inferno do mundo prisional. Desde criança Marjorie já demonstrara a homoafetividade, por isso, o pai a levava num prostíbulo a fim de fazê-lo tornar-se homem, pois o seu progenitor não o queria “veado”<sup>37</sup> e lá, como não conseguira realizar o ato, foi chamado pela prostituta de “veadinho”, que é a forma diminutiva do termo “veado”. Na escola, ganhara vários apelidos dados pelos meninos que estudavam com ele “mariquinha, mulherzinha, florzinha, menina-flor, quebra-munheca, fresco, baitola, boiola, putinho, boneca, Barbie, pena branca” (SOARES, 2014, p. 7).

Os vocábulos presentes no excerto acima são comuns no Nordeste brasileiro, do Maranhão a Salvador, “mariquinha”, tem origem portuguesa e, é diminutivo de “maricas”; “mulherzinha”, devido à efeminação e ao mito de que todo homoafetivo masculino deseja ser uma mulher; “florzinha”, dada à delicadeza da personagem, característica essa que não corresponde a todos os amantes de pessoas do mesmo sexo; “menina-flor”, pilhéria a qual reúne o feminino e a fragilidade da flor, usada para aproximar esses substantivos e assim desqualificar o homoafetivo; “quebra-munheca”, por não ficar com as mãos firmes durante todo o tempo, estereótipo comum aos homens com essa orientação sexual; “fresco”, serviu para designar os gays passivos, no século XIX e pode ser associado ao clima e à jovialidade; “boiola” e “baitola”, termos regionalizados que identificam os homoafetivos na região Nordeste; “putinho”, diminutivo de puto, por associar as práticas homoafetivas à prostituição e à vida noturna; “boneca”, usado como sinônimo de travesti.

Por sua vez, os termos Barbie<sup>38</sup> e pena branca, não são específicos da identificação dos gays masculinos, o primeiro, alusão à boneca de mesmo nome, devido às formas do corpo dela e o gostar de exibi-lo e “pena branca”, o narrador diz tratar de uma marca de frango<sup>39</sup> vendida na região. Outra identidade que aparece na obra é a do enrustido, nessa categoria estão os “entendidos” quanto os pais de família ou noivos (MOTT, 2003). Sobre os entendidos, trata-se de homens, exclusivamente, gays que não se assumem na esfera social e, se o fazem somente no “gueto” e os pais de família ou noivos, vivem no mundo da bissexualidade, casaram ou noivaram com o sexo oposto apenas para dar uma satisfação social, mas não se adaptam à vida heterossexual e transitam nos universos paralelos.

<sup>37</sup> Geralmente para se referir ao homoafetivo é escrito com “i” – viado – entretanto, o autor grafa-o com “e”, por essa razão, nesta tese empregam-se as duas formas do vocábulo.

<sup>38</sup> Gay masculino que gosta de malhar, pegar forte na Academia e exibir os músculos nas redes sociais, esse tipo está sempre preocupado com o corpo sarado e bronzeado como o é o da boneca.

<sup>39</sup> O vocábulo “frango” na capital pernambucana – Recife – é usado para identificar a ave galinácea e em sentido conotativo e regional para os homoafetivos masculinos.

Dos homoafetivos, categoria fulcral dessa investigação se pode afirmar que ela surge como contraponto à exacerbada erotização dos corpos gays, já que esta é a visão implícita no reconhecimento dos amantes do mesmo sexo – donos de um corpo que pensa e vive o sexo diuturnamente. Por outro lado, dá-se à categoria primeira um sentido mais amplo o qual agrega a defesa e a nomeação de “uma política, uma ética e uma estética da homoafetividade” (LOPES, 2002, p.37), Marjorie não é só o corpo sexualizado de uma trava de pista, ela é humana, é toda feita de afetos, inclusive altruísta, exagera a sua humanidade. Justifica-se a escolha desse vocábulo porque se considera que há nele a reunião de toda a complexidade do humano presente nas personagens escolhidas das narrativas literárias e dos humanos que narraram suas vivências durante as entrevistas na pesquisa de campo. Para defendê-lo, argumenta-se:

Não pretendo apenas cunhar mais um termo, mas penso que falar em homoafetividade é mais amplo do que falar em homossexualidade ou homoerotismo, vai além do sexo-rei, bem como é um termo mais sensível para apreender as fronteiras frágeis e ambíguas entre a homossexualidade e a heterossexualidade, construídas no século passado, sem também se restringir a uma homossociabilidade homofóbica [...], como em tantos espaços sociais que foram tradicional e exclusivamente masculinos como times de futebol, internatos, quartéis e bares. Uma política da homoafetividade busca alianças para desconstruir espaços de homossociabilidade homofóbicos ou heterofóbicos, ao mesmo tempo em que pensa, num mesmo espaço, as diversas relações entre homens (ou entre mulheres), como entre pai e filho, entre irmãos, entre amigos, entre amantes (LOPES, 2002, p.37).

Mediante a leitura do fragmento, chegou-se a conclusão de que este é o termo mais adequado, pois não se percebe o corpo gay, apenas como um corpo sexualizado, se assim o fosse teria de se concordar com o mito de que todo gay é um sexófilo insaciável, crença já recusada. Esta percepção dá conta de que se o sexo não é o fator preponderante na união dos amantes do mesmo sexo, mas o transcende e a ele reúne outros sentimentos, emoções, companheirismo, cumplicidade, altruísmo, colocar-se no lugar do outro e assumir suas dores, por isso, Mott e Assunção (1987) chamam-no de homoemocionalismo. Morfológicamente, o termo é um adjetivo e, semanticamente, designa os sujeitos que expressam não somente o desejo sexual erotizado por outros do mesmo sexo. Por isso, ao considerar o fato de que o vocábulo em questão é derivado de “afeto”, entendeu-se não haver uma restrição ao desejo do contato sexual e, nesta dimensão, pode envolver outras relações nas quais ocorre a troca de afetos, por exemplo, as relações fraternais entre amigos, entre pais e filhos e/ou entre professores e alunos.

Em **Stella Manhattan** (2017), de Silviano Santiago, os homoafetivos os quais aparecem na narrativa são bichas, fanchonos, travestis, entendidos, bissexuais, libidinosas e

voyeurs, além de estas identidades não serem estáticas. Por exemplo, Eduardo/Stella, no trabalho tem comportamento típico dos entendidos, mas é entendido, bicha e nos lugares de pegação e quando sozinho, nos afazeres domésticos, assume a personalidade da travesti Stella, logo, nenhuma identidade é fixa, são moventes, trata-se de sujeitos sociais. Outro aspecto a ser ressaltado é a consciência que a personagem Eduardo tem sobre a sua identidade sexual, como visto em: “também sou entendido” e “[...] bicha pra bicha, a gente diz que é bicha mesmo. Ou então fanchona se for o caso” (SANTIAGO, 2017, p.52).

Entretanto, como alguns desses vocábulos já apareceram em outras narrativas será dado ênfase àqueles ainda não tratados, entre os quais os vocábulos fanchono, libidinoso e voyeur. Comentar-se-á sobre o primeiro, pois os últimos podem ocorrer tanto entre heterossexuais quanto entre homoafetivos e, na obra envolvia um casal heterossexual. Sendo assim, o termo fanchono é de origem lusitana e chega ao Brasil com os jesuítas, uma vez que os primeiros registros dele foram encontrados nos documentos do Tribunal da Inquisição como sinônimo de sodomita e designava aquele que “realizava outros atos homoeróticos de molície, como ‘sacanagem’, ‘punheta’ e ‘coxeta’” (FIGARI, 2007, p. 61-62). Conforme o excerto notou-se que o vocábulo apresenta os homoafetivos como praticantes da desordem, da masturbação, daquilo que ia contra os padrões da moralidade cristã da época, fato perceptível no texto que trata do caso do presbítero Ant3nio de Antas Barreto, o qual fora denunciado pelo crime de sodomia.

*Ser fanchono, somitigo e puto agente, dormindo com um moço que mandou vir de Guimarães, o qual certo dia apareceu com o traseiro escalavrado que nem sentar se podia. É tão infamado que o chamam de clérigo rabista e os pastores o vendo passar dizem: Guarda do clérigo de São Mamede, que é fanchono e somitigo* (FIGARI, 2007, p. 62).

Embora todos os termos usados para nomear a prática do amor entre pessoas do mesmo sexo sejam sinônimos, este é apresentado na literatura de tal modo dentro de um único documento e isto não há em outro texto, ao menos não com esses vocábulos. Outro elemento a ser observado é a diferença no modo como se descreve, sobretudo no léxico empregado, pois as palavras usadas parecem ganhar vida própria à medida que mencionam o lado jocoso, pilhérico com que se queria tratar o outro, de modo a constrangê-lo social e moralmente – “[...] traseiro escalavrado que nem sentar se podia”. Outra diferença está no fato de esse termo envolver mais do que o sexo em si, estão contidas nele as preliminares como a masturbação e outras fantasias que possam erotizar ainda mais o ato sexual e o escárnio à homoafetividade, visto no fato de ele não poder se sentar após o ato sexual.

No romance **Olho de Boto** (2015), de Salomão Larêdo há uma série de vocábulos os quais nomeiam a prática do amor entre iguais – luziário, homem-mulher, LGBTT, transviado, homens efeminados, lésbicas, travecos, homossexual(is), pederastia, homomixia, veado(s), fresco(s) e bissexuado<sup>40</sup>. Dos vocábulos apontados, uns são regionalismos, outros, comuns nos diversos estudos acerca das identidades homoafetivas, em especial, dos movimentos ativistas e, outros, criação da mente fértil de Larêdo.

Sobre o vocábulo “luziário” não há nenhuma informação contida nos estudos sociológicos, antropológicos ou literários sobre o tema em estudo, por essa razão, entendeu-se haver ao menos três justificativas para o seu uso nesta narrativa. A primeira é que se trata de um termo criado pelo autor para se referir à visibilidade dos homoafetivos; a segunda é que o vocábulo deriva de luzir, podendo ser entendido o homoafetivo como um sujeito possuidor de luz própria e, por isso, de se transformar diante da sociedade e, por último, a de que por se tratar de um corpo gay, no imaginário belenense, tem a mesma conotação de Lucíola, protagonista do romance homônimo, de José de Alencar, isto é, vem de Lúcifer, demoníaco, o corpo gay como mau, pecaminoso, por essa razão, aqui essa é a tese mais aceita para o uso do termo luziário. Homem-mulher toma como referência o processo de construção dos papéis sociais dos gays, seria o homem efeminado e ainda uma alusão ao mito de que todo homem gay carrega dentro de si uma mulher acorrentada (MOTT, 2003).

A sigla “LGBTT – Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros” (LARÊDO, 2015, p. 249). Esta é uma criação do Movimento Gay para reunir um número maior possível de identidades que amam, se relacionam ou não com pessoas do mesmo sexo e mesmo não se relacionando não excluem a eles dos seus grupos sociais. Por exemplo, o grupo dos transexuais<sup>41</sup> e transgêneros<sup>42</sup>, há homens e mulheres gays (têm atração pelo gênero a que pertencem) nesse grupo, mas isso não representa a todo o grupo, há trans que se identificam como heterossexuais (atração pelo sexo oposto). Também podem ser bissexuais (atração pelos dois gêneros) ou pansexuais (atração pelos dois gêneros, por trans, por pessoas não binárias, sentem desejo erótico por pessoas, sem nenhum rótulo) (HMC, 2016). O vocábulo transviado

---

<sup>40</sup> Sujeito que sente atração por ambos os sexos.

<sup>41</sup> Transexual é uma pessoa que, ao nascer, foi designada a um sexo diferente ao do gênero a que entende pertencer. Por exemplo: nasceu com pênis, é do sexo masculino. Contudo, já na infância ou depois que cresceu percebeu que se entende como mulher – trata-se de uma mulher trans. Ou, ainda, nasceu com vagina e foi designada mulher, mas, posteriormente, se entendeu como homem. Aí é um homem trans (HMC, 2016, p. 171).

<sup>42</sup> Não é uma orientação sexual. Não diz respeito a por quem a pessoa é atraída, mas ao gênero a que ela entende pertencer. Diz respeito ao gênero. Como explicado anteriormente, transgênero abrange travestis e homossexuais. Ainda pode dizer respeito a *crossdresser*. Resumindo, é toda e qualquer “ultrapassagem” do gênero designado ao nascer para o outro gênero (HMC, 2016, p. 170).

é usado como sinônimo de efeminado e estava relacionado ao gostar das músicas estrangeiras trazidas ao Brasil na década de 1960 como o *twist*.

Homens efeminados correspondem aos homens que têm estereótipos acentuados os quais o identificam como desviante do masculino, por exemplo, a voz mais fina, o sentar-se de pernas cruzadas, desmunhecar. Por outro lado, embora não seja uma preocupação deste trabalho a análise do homoafetivo feminino, mas aparecera na obra analisada o termo lésbicas, por isso, a menção a ele como vocábulo identificar das homoafetividades. Assim, ressalta-se que ele tem origem na Grécia para designar as moradoras da ilha de Lesbos, onde vivera, nos séculos VI e VII a poetisa Safo, a qual escrevera poemas eróticos e de amor dedicados a outras mulheres, por isso, lésbicas são mulheres as quais gostam de se relacionar sexualmente com outras mulheres (HMC, 2016). Travecos corresponde a uma variação de travesti ou trava, geralmente, usado como gíria nas diversas regiões do Brasil.

Já o termo pederastia é substantivo de origem grega e designa o amor entre os homens que se relacionavam com outros iguais, entretanto, de idades distintas, ocorria nas escolas gregas, fazia parte da educação dos homens e o professor era sempre o responsável por iniciar sexualmente o seu pupilo. Entretanto, a prática homoerótica era temporal, não acontecia até o fim da vida dos sujeitos, também não era vista como pedofilia como apontam as leis atuais no Brasil e em outros países como nos Estados Unidos, Inglaterra e Grã-Bretanha. Inclusive, no último, até os dias atuais é, expressamente, proibido aos “professores gays ou lésbicas falarem favoravelmente sobre homossexualidade. Falar mal, repetir preconceitos, pode: dizer a verdade sobre ‘*the Love that dare not speak it’s name*’ continua sendo proibido na terra de Oscar Wilde” (MOTT, 2003, p. 78). Por sua vez, o vocábulo homomixia diz respeito à mistura de identidades homoafetivas, é um neologismo criado por Salomão Larêdo e não há nenhuma outra obra, as quais tematizam homoafetividades, dentre as já lidas pelo investigador que apresentem tal termo.

Por último, no conto “*Cachorro Doido*” (1986), de Haroldo Maranhão, há os vocábulos “fresco” e “mimoso”, além de outros estereótipos para identificar o homoafetivo masculino, sobretudo o passivo, como visto no excerto que segue:

Carlão fez uma bolota do papel, ia jogar fora num peteleco, mas aí pensou: ô-lá-lá, caiu de para-quedas no meu quintal um bom dum fresco. Tá na cara. Vou comer hoje o “Cachorro doido”. Só mesmo na minha cabeça que iam acreditar que o mimoso é cachorro doido, que quem nasce para Luizinho morre Luizinho.

[...]

- Tira a roupa, tira. Tu tem um corpinho fino, macio, carninha de menina, sabe? Tá gostando? (MARANHÃO, 1986, p. 18).

Vê-se que o termo fresco como mencionado anteriormente é uma referência à jovialidade de Luizinho e isso desperta em Carlão o desejo pelo sexo com o outro, pois é diferente das suas características, enquanto ele é forte, Luizinho é fraco e, por isso, próximo do feminino. Enfim, são muitos os termos usados para nomear a prática do amor entre pessoas do mesmo gênero sexual e que, talvez, uma tese não fosse espaço suficiente para descrevê-las, então, tomei apenas alguns que aparecem nas narrativas pesquisadas e como se repetem, uns não foram exemplificados ou analisados à exaustão.

Isto não era o objetivo, o objetivo era citá-las para dar conta aos leitores ou futuros leitores de que as obras mencionadas carregam essa infinita diversidade de vocábulos para identificar os amantes do sexo igual. Neste sentido, pode ser afirmado que “as pessoas poderão cada vez mais se manifestar de todas as formas, ser como quiserem, amar a quem quiserem e como bem entenderem, cada vez mais livres e com menos imposição de padrões limitantes” (HMC, 2016, p. 170). Portanto, são múltiplos nomes que dão nome a uma mesma prática, a qual ora traz um olhar diferente, porque diferentes são os costumes sociais, porque os homens evoluem e são afetados pelas transformações sociais do seu tempo.

**3.4 Performance e imaginário social:** a repercussão do discurso da coletividade sobre a homoafetividade em terras paraenses

*A palavra não é inocente, e há cinquenta anos se arrasta no uso comum: convém atacá-la de frente antes de arriscar o seu reemprego.*

Paul Zumthor

Se na palavra não há inocência, logo, não se pode pensar que o devaneio, o inventar, o ato de criar ou de recriar uma narrativa seja provido de não intenção, todo discurso materializado pela linguagem não é inocente, não nos esqueçamos de que linguagem é pensamento (TRAVAGLIA, 2009). Desse modo, quando se trata dos discursos acerca da homoafetividade nenhuma palavra lançada é sem intenção e, elas, na maioria das vezes, agridem, constrangem, seja um – “Você não é mais meu filho!”, “Te ajeita, viadinho” ou “Isso se trata com urtiga braba”, todas essas frases ferem e muito ao homoafetivo que as ouvem, visto que ele as internaliza e passa a se perceber como um saco de batatas que fora esquecido. Repercutem na consciência do sujeito gay de um modo tão intenso que o motiva a tomar um caminho – provar a todos que a homoafetividade não lhe é demérito, fugir de casa quando não expulso dela por seus genitores e irmãos ou recorrer ao suicídio e às drogas.

Consideram-se as frases citadas acima como ideias que ressoam no imaginário social enquanto forma de tratamento dado aos homoafetivos na cidade de Belém, conforme fora identificado na pesquisa de campo, uma vez que muitos dos entrevistados não têm a autonomia para falar de si por imposição do seu grupo social. São pais e mães que não querem ouvir falar em hipótese alguma da orientação sexual de seus filhos, outros os expulsam de casa e ainda os proíbem do contato com outros familiares, são performances diversas usadas pelas famílias belenenses. Performances que atuam como dispositivos de controle dos corpos gays e procuram devolvê-los aos seus armários, como se fossem móveis os quais podem ser trocados de lugar, em consonância com os desejos de poder de uns poucos e a recusa da submissão, por parte do homoafetivo, dá origem a novas tensões sociais e pode resultar na morte deste.

Pode ser observado nessas ações do imaginário que existe uma “espécie de ponto de apoio para cada nova criação ou conjunto de criações que, às vezes, se aglutinam em ciclos narrativos, e ainda como aval e confirmação de certas tendências do imaginário popular” (FERREIRA, 1995, p. 47). É essa visão que dá forma ao pensamento, cultura e história das sociedades e, aos poucos, elas vão sendo reproduzidas e ganhando novos sentidos, como se cada palavra ou contexto puxasse o outro como um cordão e as novas vozes passassem a dominar as vozes dos ancestrais. Essa percepção suscita à lembrança de que costumes tendem a ser reproduzidos, tanto na oralidade quanto na escrita, assim, as desconfianças, os silêncios, os preconceitos, as oposições, tudo ganha um novo formato, é performatizado, legitimado e ressignificado por um novo conjunto de vozes. Nesta perspectiva, entendeu-se a performance como sendo:

[...] a performance é sempre constitutiva da forma. Se um fato observado em performance é, por motivos práticos, transmitido, como objeto científico, por impressão ou conferência, então de maneira indireta e segunda, a forma se quebra. Nesse sentido, a performance é para esses etnólogos uma noção central no estudo da comunicação oral (ZUMTHOR, 2018, p. 29).

Mediante o exposto, entendeu-se que, por estarem contidas na forma, as performances estão presentes nos fatos narrados pelos sujeitos e, embora se tenha uma intenção de cunho cientificista a sua estrutura não siga a mesma forma, a performance pode, também, ser associada às marcas discursivas da oralidade. Deve-se perceber ainda que essa expressão parece dialogar com os mitos e os relatos do vivido nas diferentes comunidades, uma vez que todo ato performático recupera o contexto espaço-temporal e isso não representa economia do esforço do contar ou do escrever. São respostas distintas as quais levam em consideração àquele que narra e o que apenas ouve a matéria narrada, por esse motivo se diz: “Cada povo

tem uma forma de responder, uma tradição diferente da de outros povos, fundamental para definir sua identidade, juntamente com a língua, o território, a economia, a organização social, a cultura e os costumes” (MINDLIN, 2006, p. 142).

Por sua vez, ao tratar da performance e do imaginário social não se pretendeu tornar os homoafetivos figuras heroicas, tampouco se quer demonizá-las, isso já é feito em alguns lugares como casas, escolas, universidades, ruas e igrejas. Ressalta-se que esta investigação é literária, não é um produto sociológico ou antropológico, tem na linguagem o seu meio de expressão, o que propõe a recusa da dimensão folclórica, presente nas expressões do imaginário. Porque, quando se trata deste termo, prevalece a noção de folclore e não da literatura, no caso, a última seria uma expressão mais elaborada, metódica, sistematizada da escrita enquanto o folclore envolve os mitos e uma realidade que parece ingênua por não ter uma sistematização. Todavia, aqui, defende-se a mesma tese dos pesquisadores eslavos – “entre arte oral e literatura não há uma diferença importante e de que, tanto no primeiro quanto no segundo caso, lidamos com os produtos evidentes da criação individual” (BOGATYRIÓV; JAKOBSON, 2006, p. 33).

Conforme o excerto acima, não há para os autores uma diferença grandiosa entre a literatura escrita e a oral, pois ambas são consideradas uma construção social as quais dependem da liberdade criadora de um sujeito qualquer influenciado pelos afetos do tempo e de uma estrutura social. E, por essa razão, não seriam laboriosas as diferenças entre literatura e folclore, a existência de uma possível separação entre elas somente contribuiria para que fossem estabelecidos juízos de valor nos quais não se privilegiasse uma manifestação ou gênero em detrimento da outra. Mesmo que se reconheça as diferenças da performance entre o texto literário escrito como matéria ficcional e as narrativas da oralidade, sobretudo as que envolvem as noções de gênero e sexualidades. Nesta perspectiva, menciona-se: “A obra literária apenas leva aproximadamente em conta as suas exigências, às vezes corretamente, às vezes não; alguns pedidos do coletivo ela nem leva em consideração” (BOGATYRIÓV; JAKOBSON, 2006, p. 35).

A partir do excerto, fica entendido que a arte literária não tem a pretensão de “estabelecer uma nova moda, nem literária nem crítica, mas oferecer um antídoto para todos os conceitos estreitos acerca da literatura, antiga ou moderna. [...] Uma época de crítica é uma época consciente” (SCHOLE; KELLOGG, 1977, p. 1). Sendo assim, a abordagem dos discursos da coletividade acerca das homoafetividades, o ouvir essa comunidade não é modismo, quando se trata de um estudo literário todas as vozes podem ser escutadas, assim como ocorre em outros campos como na Linguística, na Antropologia ou na Educação.

Porque na literatura oral, as vozes das comunidades sempre foram ouvidas, são elas que narram as suas histórias, histórias as quais foram escutadas dos seus pais e de outros membros da comunidade e que, agora podem apresentar outras identidades para além da binariedade dos gêneros. Por essa razão, a noção de imaginário que melhor traduz esse escrito é:

O imaginário, como funcionamento de mitopoéticas, nada faz acontecer! Não modifica o status de ninguém, como avaliador de importância entre as pessoas. Tudo o que se pode fazer é saborear o prazer de sua contemplação. Tudo é o reino das aparências, isto é, uma imagem, uma ficção, uma metáfora. É como a história real dos nossos sonhos, contada por nós para nós mesmos. Um livre jogo que é mais do que jogo – torna a existência real harmônica com o maravilhoso. Faz desse maravilhoso as iluminuras da existência (PAES LOUREIRO, 2006, p. 185-186).

Consoante o fragmento, evidenciou-se que a função do imaginário não é transformar a vida do outro, nem do pesquisador, tampouco dos entrevistados, não se analisa os discursos sobre os homoafetivos a partir de suas vozes para endeusá-los ou torná-los mito. A intenção é identificar como eles [os gays] são tratados pelo outro, embora os mitos tenham uma natureza cultural, sejam construídos socialmente, não se pretende torná-los como tais, porque teria de se assumir um outro conceito de imaginário, o de devaneador assumido, o qual tem nas mitopoéticas a sua expressão sensível (PAES LOUREIRO, 2006). As vozes representam a materialização das práticas discursivas, a imagem que se tem dos homoafetivos na sociedade belenense, são histórias relatadas por eles mesmos, são suas vivências, há nelas registros memorialísticos os quais legitimam as suas ações. Além disso, pode ser afirmado que essa legitimação ainda repercute mais quando se considera a voz da autoria em consonância com as seis teses de Zumthor (2018) nas quais se percebe os valores da voz enquanto elemento constituinte da poética do imaginário.

**Primeira tese:** a voz é o lugar simbólico por excelência; mas um lugar que não pode ser definido de outra forma que por uma relação, uma distância, uma articulação entre o sujeito e o objeto, entre o objeto e o outro. A voz é, pois, inobjectivável.

**Segunda tese:** a voz, quando a percebemos, estabelece ou reestabelece uma relação de alteridade, que funda a palavra do sujeito.

**Terceira tese:** todo objeto adquire uma dimensão simbólica quando é vocalizado. Concebem-se as implicações dessa tese para a poesia; tanto mais ela permanece plenamente verdadeira quanto mais a voz é interiorizada, e não se produz percepção auditiva registrável por aparelhos.

**Quarta tese** (também se referindo diretamente ao poético): a voz é uma subversão ou uma ruptura da clausura do corpo. Mas ela atravessa o limite do corpo sem rompê-lo; ela significa o lugar de um sujeito que não se reduz à localização pessoal. Nesse sentido, a voz desaloja o homem do seu corpo. Enquanto falo, minha voz me faz habitar e me libera dele.

**Quinta tese:** a voz não é especular; a voz não tem espelho. Narciso se vê na fonte. Se ele ouve sua voz, isso não é absolutamente um reflexo, mas a própria realidade.

**Sexta tese:** escutar um outro é ouvir, no silêncio de si mesmo, sua voz que vem de outra parte. Essa voz, dirigindo-se a mim, exige de mim uma atenção que se torna meu lugar, pelo tempo dessa escuta (ZUMTHOR, 2018, p. 76-77).

Conforme o fragmento é evidenciado nessa primeira tese que a voz dos sujeitos que narram as suas dores, emoções, angústias, solidão, não pode ser considerada a coisa em si, ela é o espectro do sujeito, não ele, há na voz uma realidade alterada, uma *mimesis* do sujeito narrador. Na segunda tese, a voz é capaz de viver o outro, ao que chamamos alteridade, de se colocar como um outro ser e de nele se projetar, porque “a ‘terceira pessoa’ representa de fato o membro não marcado da correlação de pessoa. É por isso que não há truísmo em afirmar que a não-pessoa é o único modo de enunciação possível para as instâncias de discurso que não devam remeter a elas mesmas” (BENVENISTE, 2005, p. 282). Por sua vez, o tornar audível essa voz é demarcar o espaço da sua existência, embora se saiba que, mesmo no silêncio, a voz não desaparece, é um produto interior o qual não se faz percebido, é o exercício de domínio sobre o existir do outro conforme demonstra a terceira tese.

Por outro lado, na quarta tese, o silêncio é capaz de explodir e, com isso ser considerado subversivo por ir contra a ordem dominante, é o homoafetivo que assume uma voz militante, mas não rompe o invólucro do armário, assume-se, mas silencia diante da ordem heterossexista e introniza em si o discurso desta. Já na quinta tese, a voz não reflete uma imagem, a voz não é o reflexo do sujeito, nem é cópia alterada, é a realidade em si, as vozes dão conta da existência de um problema social que é real e dependente de outros fatores sociais como educação, poder aquisitivo e religiosidade. Mais do que falar é importante ouvir o que o outro sente e tem a dizer, sobretudo, quando ele trata de si, em particular, se ela me impacta a ponto de me fazer adentrar no espaço da intimidade do outro, de ocupar o seu lugar de fala. Isso exige uma empatia maior entre o pesquisador e seu objeto de estudo, implica uma aproximação com a comunidade. Considerando suas vivências e experiências, como estudos apontam em décadas anteriores, assumir-se homoafetivo era, particularmente, perigoso, mesmo que, na atualidade, se saiba de que há mortes em razão da homofobia. Vale ressaltar que:

[...] o amor entre pessoas do mesmo sexo permanece como o maior e mais estigmatizado tabu do mundo moderno, a ponto de levar 80% dos formadores de opinião no Brasil a condenarem a orientação sexual dos gays e lésbicas. Os homossexuais continuam sendo as principais vítimas do preconceito e discriminação em todos os segmentos sociais: dentro de casa, na escola, no local de trabalho, na rua, nas igrejas, na polícia e exército, nos meios de comunicação. Não há nenhum lugar, nenhuma instituição que não discrimine gays, lésbicas e travestis (MOTT, 2003, p. 197).

Consoante o antropólogo e decano do Movimento Gay, no Brasil, não há segmento social antirrepressivo às letras representativas das homoafetividades, todos em maior ou menor grau demonstram a sua repulsa, afetando o outro física ou psicologicamente. Da

família, Igreja, Escola, festas, todos os lugares podem ser perigosos para os homoafetivos, até mesmo nos locais considerados como “de pegação gay”<sup>43</sup>, como é o caso dos banheiros, há aqueles que procuram esses espaços para o uso de drogas e assaltos. Outro aspecto da vida dos homoafetivos analisado foi a escolaridade, pois, sabe-se que este ambiente é, particularmente, repressivo, uma vez que se trata de um aparelho ideológico do Estado como nomeado por Louis Althusser, no qual resiste a tendência a reproduzir os comportamentos e discursos aprendidos fora dele. Entre esses comportamentos está o preconceito, sendo que este se associa ao assumir ou não à orientação homoafetiva diante da comunidade que forma essa espaço, sendo que, para aqueles que se assumem este ambiente, lhes é mais hostil e para que isto não aconteça o sujeito é condicionado a negar a si mesmo a sua orientação sexual, tornando-se um ser hostil.

Conforme o exposto compreendeu-se que os discursos religiosos cristãos os quais parecem predominar no cenário belenense não comungam com as práticas amorosas entre pessoas do mesmo sexo, uma vez que para os fundamentalistas o amor homoafetivo é pecaminoso e contrário à vontade do Criador. Embora se saiba da existência de fragmentos contidos nos livros do Antigo Testamento que se mostram contra essas práticas, mas no Novo Testamento, em particular, nos Evangelhos, não há nenhuma menção contrária ou favorável, apenas o apelo para que todos amem uns aos outros como o Cristo os amou. Entretanto, não há temor de uma nova Inquisição, na qual mulheres, canhotos e sodomitas foram mortos, há a reminiscência nos discursos de ódio conclamadores da matança daqueles que amam a outros do mesmo sexo (HMC, 2016). Ainda tratando do olhar da Igreja sobre o amor homoafetivo, convém mencionar que:

A Igreja é prudente nestes primeiros anos do Cristianismo, identificando a homossexualidade como uma forma de fornicação e adultério. Primeiro vieram as penitências, só depois a fogueira e o fogo do inferno. E por muito tempo ainda os atos de sodomia, ou seja, o sexo anal, serão condenados igualmente se forem praticados por dois homens ou um homem e uma mulher, mesmo casados. Para Boswell (1985: 238), a igreja neste período não ignora a homossexualidade mas considera-a uma falta menor (TORRÃO FILHO, 2000, p. 97).

Consoante com o que diz o teórico, percebeu-se que, mesmo durante os primeiros seis séculos da Idade Média, as homoafetividades não eram discutidas pela Igreja, visto que estudiosos da história dessa orientação sexual apontam que foi somente no III Concílio de

---

<sup>43</sup> Locais destinados à prática do encontro entre gays, sobretudo, porque muitos deles não são adequados para o sexo e nem mesmo para uma simples conversa. Podem ser perigosos porque se trata de locais públicos onde os gays podem sofrer alguma violência como terem seus bens furtados ou mesmo serem agredidos, embora ninguém esteja a salvo da violência em lugar nenhum, são banheiros públicos (shoppings, universidades, rodoviárias), carros, praças, estacionamentos, terrenos baldios, cinemas, bares, boates e saunas.

Latrão, em 1179, que ela fora mencionada (TORRÃO FILHO, 2000). O fragmento evidencia que não é somente a homoafetividade que sofre interdição, porém, o sexo anal, seja ele entre casais homoafetivos ou entre casais heterossexuais e a condenação partia, primeiramente, do adultério e aqueles praticantes do pecado nefando os quais não tinham outras relações não eram julgados do mesmo modo. Esse discurso coaduna com o das sociedades industrializadas e capitalistas, para as quais a população homoafetiva é julgada como menor por não se reproduzir, porque biologicamente o sexo anal não gera filhos e, por isso, a produção do capital sofreria abalos.

Entretanto, abordar identidade parece ser um tanto espinhoso, contrário a quem não aceita rótulos, a quem não se percebe como produto numa prateleira de supermercado, isto é, sujeitos gays conscientes de sua orientação sexual e não que não aceitam rótulos. O sujeito que se lança a escrever, a se diasporizar para buscar um título de doutoramento, os sujeitos de quem aqui se fala, que contam as suas histórias são viventes de um mundo e um tempo líquido-moderno. No qual “o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados” (BAUMAN, 2005, p. 18). Embora cientes de que se vive no mundo onde tanto os homens quanto o mundo em si são fragmentados, mas convergentes em certos momentos, isso leva a mencionar que:

Quando emergem as reivindicações de homossexuais por seus direitos civis, chama à atenção a construção de uma identidade homossexual. Salva das garras da religião e do direito pelo seu confinamento na patologia, a identidade homossexual reivindicada põe abaixo o edifício da família burguesa, extensão do sentido de permanência do estado, na medida em que sua simples existência punha em causa os valores da exemplaridade burguesa. A instauração da homossexualidade como uma identidade social questiona, sobretudo, o determinismo biológico que o século XIX construiu para a conformação gênero humano, em substituição ao modelo religioso e monárquico da família tradicional (a família burguesa justificava-se pelo simples binarismo macho/fêmea). Ao recusar o determinismo “natural” o homossexual era, aos olhos da sociedade burguesa, exceção social e, portanto, aberração patológica (LUGARINHO, 2008, p. 15).

Por sua vez, reitera-se que falar de si, da sua sexualidade, inclusive quando ela é considerada por muitos como um tabu social, até mesmo no meio familiar, pode gerar certo desconforto para aquele que vive preso no armário social, porque temem ser rotulados, negativamente, pelos outros e isso, pode implicar na ocupação de outros espaços como o emprego no setor privado. Convém ressaltar que essas razões contribuem para que as identidades sejam vistas como frágeis e permanentemente provisórias (BAUMAN, 2005), uma categoria aberta e sujeita a modificações, na qual o sujeito pode assumir que se sente atraído por homens, todavia, gosta do beijo feminino.

Para que seja mais bem compreendida essa questão deve-se distinguir identidade de gênero de orientação sexual. A primeira diz respeito ao “processo de construção psicológica que não diz respeito ao órgão sexual (sexo biológico) nem aos gostos (papéis sexuais) dessa pessoa” (HMC, 2016, p. 160) enquanto a segunda se refere à com quem o sujeito deseja se relacionar sexualmente (HMC, 2016). Por essa razão, deve-se acrescentar que:

Se é verdade que a sexualidade, como qualquer atividade social, é construída ideologicamente de acordo com as contradições da sociedade como um todo, e que portanto ela “fala” dos princípios nem sempre consistentes que regem a vida social, qual a sua especificidade em relação aos demais comportamentos sociais? Aventuro-me a sugerir que as noções de hierarquia e igualdade, quando expressas através da linguagem do sexo, calam mais fundo na consciência do que através de quaisquer outras linguagens. Esta sugestão tem como pressuposto que, pelo menos num sentido, Freud está com a razão quando coloca a sexualidade na base da psique e da sociedade. Em contrapartida, e como resultado dos argumentos aqui desenvolvidos, ela supõe também que a sexualidade, antes de ser uma substância, uma condição da natureza humana, é sobretudo uma construção social. Daí o seu caráter histórico (FRY, 1982, p. 112).

Em conformidade com a teorização acerca da identidade de gênero enquanto marca não relacionada ao sexo com o qual a pessoa nasce, assim, cabe ao sujeito à ideia de como ele se enxerga em relação a sua sexualidade, então, a pergunta adequada seria como o sujeito se entende. Embora não querendo o enquadramento dentro de uma caixinha, a maioria dos homoafetivos vê a identidade versátil como aquela em que você dá e recebe prazer, o que parece ser um equívoco, pois ser ativo ou passivo não significa negar o prazer. Ressalta-se que a identidade versátil rompe com o paradigma binário – ativo versus passivo – no qual o primeiro era aquele que “come” e o último àquele que “dá”. Essa mudança paradigmática nos comportamentos dos homoafetivos não significa que eles se tornaram mais promíscuos, apenas que existem mais possibilidades de buscar a saciedade dos seus prazeres, que a busca do prazer é uma necessidade individual dos corpos. Assim sendo, pode ser afirmado que “todas as classificações são úteis, suficientes para as experiências de alguns, mas incapazes de abranger a todos. Isto sempre foi assim, de forma mais aberta ou mais clandestina, com ou sem aceitação, com ou sem teorizações, dito ou não dito” (BIMBI, 2017, p. 59).

Pode-se afirmar que querer saber como o outro se comporta na cama, ou seja, quem desempenha o papel de homem ou mulher, entre casais homoafetivos, é uma interpretação abrupta e grotesca da sexualidade do referido casal. Nela se parte “da impossibilidade do desejo homoerótico, como se para um homem gostar de outro homem um dos dois tenha que ser, de algum modo, feminino. Isto mesmo vale para quem pensa que, num casal de lésbicas, uma das duas ‘faz o papel de homem’” (BIMBI, 2017, p. 19). De acordo com o sociólogo, notou-se que essa tentativa de enquadramentos das identidades sexuais não parte dos próprios

homoafetivos, mas dos heterossexuais, como dispositivo de dominação dos corpos gays, à medida que se impõe uma regularidade para o momento de prazer do outro. Este dispositivo é usado, sobretudo pela família, instituição que tem, como papel social, a regulação da sexualidade dos seus rebentos.

A FAMÍLIA como instrumento de imposição da ideologia correta aos filhos. Na família, os primeiros papéis sexuais são rigidamente delineados e, com isso, a atitude correta seria de submissão das mulheres e dos filhos à autoridade dos patriarcas. A família patriarcal é composta de modo a evitar a livre expressão da sexualidade. É uma instituição heterossexual e, assim, tenta oprimir todos os impulsos homossexuais dos seus membros. É uma camisa de força heterossexual que oprime qualquer comportamento que fuja às suas normas (OKITA, 2015, p. 43).

Se a família influencia no comportamento dos seus membros, inclusive no tocante à construção das identidades, logo, a identidade sexual também poderá ser construída de tal modo, entretanto, isso não ocorre porque as identidades sexuais não se formam nessa estrutura. Isso implica dizer que ter um membro homoafetivo, em determinada família, não significa que toda família venha a ter essa mesma orientação sexual ou, ainda, que existam outros membros da família com a mesma.

Constatou-se que ter outro homoafetivo na família significa ter alguém com quem se identifica, como uma autoimagem, um exemplo a ser seguido, alguém com quem se pode ter amizade mesmo quando não são tão próximos. No entanto, há diferenças em relação ao tratamento dado aos mesmos, como visto uns sofrem mais preconceito do que outros, uns precisam ter a sua sexualidade anulada para conviverem harmonicamente com a família. Por sua vez, essas diferenças comportamentais das famílias podem ser explicadas pela diferença de idade, ideologia, costumes, lugar de origem, formação religiosa, educacional, poder aquisitivo e outros dispositivos. Há 30 anos se via o homoafetivo de outra forma, inclusive algumas famílias chegavam a internar seus membros em sanatórios para receberem tratamento à base de choques elétricos para reversão da identidade sexual, pois no imaginário deles isso seria possível. Dito isto, afirma-se:

Ideologia pode significar qualquer coisa, desde uma atitude contemplativa que desconhece sua dependência em relação à realidade social, até um conjunto de crenças voltado para a ação; desde o meio essencial que os indivíduos vivenciam suas relações com um estrutura social até as ideias falsas que legitimam um poder dominante. Ela parece surgir exatamente quando tentamos evitá-la e deixa de aparecer onde claramente se esperaria que existisse (ZIZEK, 1996, p. 9).

Mediante o fragmento fica evidenciado que as relações sociais entre diversos agentes são estruturadas como processos ideológicos os quais são motivados por um conjunto de crenças, sejam elas verdadeiras ou não, porém terão poder de mando social. São marcas

típicas das diferentes sociedades, das antigas às contemporâneas, moldadas por um falso empoderamento, forjado sem que haja conhecimento da realidade social na qual está inserido. Quando pensado sobre “os símbolos e mitos podem tornar-se receptores das projeções dos medos, interesses e aspirações, modelando comportamento, condutas e visões de mundo desde que partilhado por pessoas criando uma comunidade de sentido e solidificando uma determinada visão de mundo” (SERBENA, 2003, p. 2).

São esses símbolos e mitos que dão margem a ideias de que a homoafetividade masculina é motivada se o menino veste roupas consideradas do vestuário feminino como sapatos de salto alto, vestidos ou acessórios como maquiagem e colares. Além disso, existe a crença de que há uma mulher adormecida dentro de cada um, instalada no ser desde o nascimento e em dado momento elas despertarão, conforme as experiências de cada um. Por essa razão, as questões de sete a nove visam recuperar informações as quais estejam centradas nessas marcas do imaginário social consideradas como estereótipos da formação da orientação homoafetiva. É *mister* ressaltar que, nesse imaginário, circula a ideia de que toda menina que joga futebol, gosta de lutas e outras atividades relacionadas ao masculino seriam lésbicas.

É comum ouvir entre grupos gays que, desde a infância, alguns deles já traziam algum estereótipo que poderia servir de índice para informar sobre a orientação sexual deles e já se sentissem diferentes ao observar o sexo igual, contudo, não sabiam explicar o que significava essa atração. Nessa fase, o sujeito não encontra explicações lógicas dos motivos pelos quais ele se sente diferente dos demais sujeitos do seu grupo e cobra de si terrivelmente, pois costuma ouvir que o seu desejo é errado, como já demonstrado em fragmento de **Confissões ao Mar** (2010), de Kadu Lago.

Observa-se que não há da parte deles o desejo de transformações do corpo a fim de que se pareça com o sexo feminino, não são travestis tampouco transgêneros, aceitam-se com o seu sexo biológico, porém se identificam sexualmente com o sexo igual. Neste aspecto, fica evidente que não haver associação entre o desejo erotizado pelo corpo igual e o desejo de ter um corpo performatizado para que se pareça com o outro gênero sexual ou desperte o desejo do igual. Somente gays passivos classificados como bichas fechativas recusam o sexo com outro também homoafetivo levando em consideração estereótipos como voz e corpo, uma vez que, para eles, ao aceitar o sexo com outro igual ou mais efeminado é como se tivessem relação sexual com o gênero oposto e não desejam, nem sentem atração por efeminados.

Outro mito, que resiste no imaginário belenense, é o de que a prática de atividades estereotipadas como do masculino ou do feminino auxiliariam na construção da identidade homoafetiva quando praticadas por sujeitos de sexos opostos. Isto é, caso um menino pratique

atividades consideradas tipicamente femininas, como o cuidar da casa, lavar louças e/ou brincar com bonecas ele terá mais chances de se tornar gay na idade adulta, assim como também a menina que pratica esportes e outras atividades consideradas como masculinas se tornará lésbica. Fica evidenciado que os sujeitos na fase da infância não se preocupam com os rótulos impostos para a construção do que é feminino ou do que vem a ser o masculino, se homem tem que se vestir de azul e menina com a cor rosa, se homem chora ou não chora.

A consciência da criança diz apenas que ela deve brincar, mas um brincar sadio, no qual a sua fantasia e imaginação fluam livremente e não esteja presa a dispositivos reguladores, que ela possa fazer uma coreografia de uma música, jogar queimada, pular elástico sem preocupações com padrões impostos. Sendo assim, impor um comportamento padrão para meninos e meninas, durante a infância, implica no tolhimento das suas liberdades individuais, é encarcerá-los no universo dos adultos, antes que eles tenham a maturidade para compreendê-lo e, assim, repetir o passado, tornando a criança um adulto em miniatura.

Evidencia-se não haver uma idade padrão para o florescimento da sexualidade dos sujeitos, homens e mulheres têm organismos distintos, seja de homem para homem ou de mulher para mulher, as variações ocorrem, porque o amadurecimento biológico e psicológico é individual. No caso, é natural que um amadureça mais cedo do que o outro, como o é também para o início da vida sexual, isso implica dizer que, biologicamente, não há uma idade certa para a primeira relação sexual nem para os heterossexuais nem para os homoafetivos. Para que isso ocorra de forma sadia é preciso haver uma interação entre a maturação do organismo biológico e o desenvolvimento psíquico, mentes e corpos carece estar numa mesma frequência.

Não se sabe, ao certo, o ponto de onde se origina o desenvolvimento da orientação sexual dos indivíduos, embora se saiba que na psicologia freudiana esta se desenvolve desde o nascimento e se molda até a idade adulta. Isto permite afirmar que o se tornar homoafetivo não é algo que o sujeito determina para si mesmo, ao menos o pesquisador conhece nem a literatura aponta alguém que tenha dito – a partir de hoje serei gay – nem um que dissera: “Desde hoje, volto a ser heterossexual e não mais homoafetivo”. Entretanto, no tocante à primeira relação sexual, como muitos ainda estão em fase de descoberta de si e, por conseguinte, de sua sexualidade, os que hoje se declaram homoafetivos podem ter iniciado a sua vida sexual numa relação heterossexual.

Notou-se, assim, que os papéis sexuais são fluidos “e os usos que faziam do corpo para fins prazerosos não podem ser rigidamente classificados” (GREEN, 2000, p. 106). Sendo assim, ficou evidenciado que as identidades sexuais não correspondem a estruturas estáticas,

elas podem mover-se conforme as experiências do sujeito no tempo e no espaço, de modo que a sexualidade humana não seja reduzida a uma caixa de aviamentos da memória. Desse modo, iniciar uma vida como homoafetivo implica quebrar tabus, desprendimento da natureza humana, dores de cabeça as quais o sujeito ganha para toda a vida por se colocar como um contraponto aos comportamentos e pontos de vista do outro (GARCIA, 2000). Esse quebrar tabu implica se envolver num quadro de tensões sociais com pessoas próximas e podem resultar em violência física e na morte do homoafetivo.

Os sujeitos homoafetivos não se assumem em todos os espaços, porque temem represálias às quais podem advir desses lugares que deveriam ser de homossociabilidade como a própria casa paterna, a escola, o trabalho, lugares nos quais o afeto e o respeito deveriam ser a fonte da segurança. Convém ressaltar que os discursos médico-higienistas alegavam que a prostituição e a homoafetividade eram carcinomas que destruíam as famílias, portanto, era necessário proteger essa instituição desses males. As narrativas de si dos entrevistados dão conta de que a maioria das famílias finge indiferença quanto à homoafetividade de seus membros, pois, assim, pode-se ter a ilusão de que eles se identificam como heterossexuais e com isso não sentem vergonha da orientação do outro.

Esses comportamentos das famílias em relação aos homoafetivos que delas fazem parte têm origem nas formações discursivas hegemônicas nas quais fica evidenciado que “a classe dominante sempre implementa mecanismos pelos quais suas condições materiais, ideológicas e políticas de exploração se perpetuam no tempo” (FIGARI, 2007, p. 501). Desse modo, por se tratar de um domínio heteronormativo, o homoafetivo acaba por ter o seu corpo controlado pelos dispositivos impostos como o se acostumar à indiferença, não apresentar seus companheiros aos familiares e não abordar a sua orientação sexual com os pais. Por isso, pode ser admitido que:

Na FDH que sustenta o padrão masculino/ativo, as interpelações atuam como correias de transmissão das imagens e metáforas que assinalam os papéis – e as posições – do feminino e do masculino nos diferentes tempos/espços e condições de produção.

De acordo com a interpelação “constitutiva”, os indivíduos são estruturados como sujeitos sexuados conforme a binariedade macho/fêmea e as ideias, discursos e práticas que atribuem às modalidades das condutas objetivas e subjetivas em relação ao que devem ser os homens e as mulheres, ou seja, ao que é “próprio” de cada sexo. Estruturamo-nos psiquicamente segundo as diferenças sexuais e estas mesmas não só marcam os sexos, mas também a percepção do social, do político, do cultural, do cotidiano (FIGARI, 2007, p. 503).

Conforme o fragmento notou-se que a FDH atua como um dispositivo de controle dos estereótipos comuns a cada gênero, inclusive condicionam as diversas percepções do sujeito

ainda que silenciosamente. Por outro lado, não se sabe qual a origem do desejo erotizado pelo sexo igual e, ao longo do tempo, muitas teorias ou conjecturas foram criadas na tentativa de justificá-la. Inclusive, nas últimas décadas do século XX, pesquisas de mapeamento genético indicaram a “existência de um componente genético da homossexualidade; de que ela seja herdada geneticamente da mesma forma que a cor dos olhos, cabelos ou o fato de ser destro ou canhoto” (TORRÃO FILHO, 2000, p. 216). Entretanto, não se sabe se há uma explicação biológica, cientificista ou humanística para a homoafetividade, o que pode se dizer é que sujeitos têm desejo erótico por outros do mesmo gênero e não se opta por ele.

Não há uma justificativa do pensamento científico para nenhuma das orientações sexuais, por isso, a conjectura mais aceitável é que se nasce com a predisposição para uma ou outra orientação. Porque, desde cedo, da mais tenra infância, geralmente, os homoafetivos demonstram ter essa orientação a partir de estereótipos tipificadores dessa orientação, ainda que de modo inconsciente, visto que esse insight só é percebido na idade adulta e qualquer julgamento que se faça da sexualidade de uma criança é doentio. Com isso, considera-se que nenhuma criança tem consciência da sua orientação, há apenas desejos, a atração diante da contemplação do corpo, como apresentado nos relatos dos informantes da pesquisa e de outros homoafetivos, como visto a seguir.

Fico um pouco constrangido em assumir esta história publicamente, mas vamos lá: me lembro, quando eu tinha uns 6 ou 7 anos, de estar folheando sozinho uma revista qualquer na praia e ver uma página em que tinha uma foto de um clube e vários caras em uma piscina. Era uma foto normal, nada demais para qualquer pessoa. Mas não pra mim. Eu não pensei no porquê, mas quis guardar pra mim essa imagem tão especial, e que tinha me despertado algo. Rasguei a página, dobrei e guardei no bolso. Ver homem nu era algo tão raro que eu tinha que guardar aquele papel! (HMC, 2016, p. 18-19).

Em se tratando do surgimento da orientação homoafetiva parece ser comum não apenas aos belenenses, mas a todos os homoafetivos do mundo, o que converge ainda com a escrita literária, pois Marjorie, Mateus, Marcus, Eduardo, Bitinho e Luizinho, desde cedo, carregam estereótipos que os demarcam como sendo homoafetivos. Estereótipos esses que são percebidos pela comunidade na qual vivem, inclusive motivam o *bullying* e outros comportamentos violentos que ratificam as práticas homofóbicas. Também se recusa, aqui, a ideia de que a homoafetividade é uma opção sexual, pois optar por ser xingado, recusado no trabalho e em muitas famílias seria um desvio patológico do sujeito, uma vez que ninguém deseja o sofrimento ou a exclusão social. Entretanto essa recusa não se dá apenas dos heterossexuais para os homoafetivos, entre a comunidade homoafetiva há aqueles que não se relacionam bem com outras identidades do mesmo grupo social.

Entretanto, os diferentes subgrupos gays não dialogam entre si, embora esta não pareça ser uma ideia hegemônica, a travesti e as bichas fechativas despertam a repulsa dos enrustidos e de alguns bofes. Porque as travas<sup>44</sup> são tidas por mais violentas, uma caricatura do feminino e as estas, por sua militância e darem a cara à tapa escancarando as portas do armário, lugar de onde os que a temem não desejam sair, por não se sentirem à vontade ou por causa da pressão social que existe sobre eles. Isto implica lembrar-se de que até há pouco tempo “quando um incipiente movimento político de gays e lésbicas começou a desafiar os estereótipos reinantes, a média dos brasileiros confundia homossexualidade masculina com efeminação” (GREEN, 2000, p. 27).

Por isso, o temor de que, ao conviver demais e partilhar dos ideais do que é efeminado, aquele que não é venha a reproduzir o mesmo comportamento, uma vez que estão no mesmo campo social e ao apreender o referido comportamento este se tornaria um dispositivo (FOUCAULT, 2017b,). Lê-se também que os enrustidos e os bofes preferem o anonimato do gueto, do lugar de pegação, pois tudo o que ali é feito, como o encontro furtivo com o outro, fica ali mesmo e passa a ser guardado apenas na memória como fato a ser lembrado ou esquecido por quem o viveu. Acresce-se que ao nomear a homoafetividade de vício burguês, assume-se a cidade como espaço ideal para as práticas amorosas entre pessoas do mesmo sexo, entretanto, nos espaços públicos não era permitida essa prática, ficando o espaço do privado destinado à liberação da lascívia dos corpos. Desse modo, convém a ressalva de que:

Os espaços eróticos no Brasil Colonial se caracterizavam por sua “inespecificidade” e inclusive uma certa “visibilidade”. Não havia um lugar especificamente privado para os encontros sexuais. Os domicílios particulares, sobretudo entre os setores mais pobres, eram frequentemente indivisos com um único cômodo para todas as atividades familiares. Inclusive, a casa-grande ou senhorial era uma mistura de casa de morada ou descanso e unidade produtiva que incluía várias dependências: dormitórios, escritórios, oratórios e muitas vezes quartos de escravos e depósitos, confundindo-se o caráter público/privado, tal qual o entendemos hoje (FIGARI, 2007, p. 104).

Em se tratando do excerto acima convém ressaltar que esse caráter foi evoluindo e se transformou com o tempo, além de que não havia espaços reservados somente para os atos amorosos e sexuais, logo o mato, os arredores da cidade, os becos poderiam ser esses lugares. Com isso, não se pode dizer que houvesse privacidade, visto que até mesmo quando realizado dentro de uma casa, pela proximidade com a vizinhança estes poderiam ouvir os gemidos dos amantes e, essa aproximação entre as casas demarcava o lugar da diferença como público e

---

<sup>44</sup> Abreviação de travestis.

privado tal qual se concebe no contexto contemporâneo. Outro dado, é que não havia um lugar específico para os encontros entre pessoas do mesmo sexo e se estas fossem flagradas durante o ato ou mesmo numa troca de carícias, o casal seria punido consoante o poder da Igreja e do Estado, da primeira durante a Inquisição e a partir da segunda metade do século XVIII apenas do último.

Todos hão de convir que as mudanças sociais implicaram em transformações destes espaços, assim do mato, chega-se às saunas, cinemas, banheirões, bares, drive-in, boates e outros lugares onde os homoafetivos possam ir se divertir, encontrar parceiros para o sexual casual ou até mesmo conhecer as suas caras metades. Todavia, esses lugares são comuns nas capitais, não sendo comuns ou inexistindo nos interiores, pois o imaginário dos sujeitos que habitam as pequenas cidades ainda não se renderam ao *pink money*<sup>45</sup>, como ocorrera nos grandes centros e com marcas conhecidas como O Boticário e a Avon.

Acerca da percepção dos sujeitos pesquisados sobre os lugares de pegação, constatou-se que há diferentes visões que se coadunam quanto à dimensão de que os referidos são espaços políticos onde uma identidade sexual se vê em exercício de protagonismo. Todavia, há neles ambientes como os banheirões que reforçam o lugar da marginalidade, da clandestinidade, é o mato do Período Colonial, neles não há segurança, são locais tomados de outros não apropriados, como instituições educacionais, *shoppings* ou estações, ambientes de grande circulação de pessoas. Por outro lado, praticar o ato sexual nesses locais não tem a marca do político, da luta por liberdade e respeito às múltiplas identidades que formam a comunidade LBTTQIA, não há reivindicação de uma agenda de direitos básicos e pode haver implicações quanto ao risco de contágio por doenças e a violência.

Em se tratando de uma agenda de direitos da comunidade LBTTQIA, percebeu-se que há vários problemas estruturais sistêmicos, dos lugares onde não se pode manifestar o afeto, do reforço ao lugar da marginalização e ainda da violência a que estão sujeitos, os quais demonstram a negação dos direitos a essa parcela social. Violência essa fundamentada no preconceito, o qual continua vivo e produzindo novas vítimas, dentre elas crianças que sequer tinham consciência de sua orientação e identidade sexuais, tantos Aglailsons que tiveram seus corpos marcados por um relho de couro de boi, cipós de tamarindo ou molhos de pimenta na região anal. Nestas circunstâncias, é preciso resistir ao poder opressor que, talvez, tenha suas raízes fincadas no passado histórico no qual se aprendeu a subjugar “a ‘raia miúda’ – pobres,

---

<sup>45</sup> Nome dado ao dinheiro dos homoafetivos, por considerar que o consumo deste público é vantajoso para qualquer empresa ou produto e, por essa razão, visa patrocinar campanhas que celebram a diversidade sexual e de gênero para atrair esse público.

gente de cor, despossuídos – inclusive mulheres, crianças e adolescentes” (MOTT, 2003, p. 218).

Pode-se explicar o não preconceito pelo mascaramento da realidade, ou seja, quando o sujeito homoafetivo, mesmo que assumido para si, não frequenta ambientes onde há concentração da comunidade LGBTTTQIA, não discute políticas para a comunidade, é *cis* e não efeminado. Do contrário, o preconceito começa dentro de casa, quando pais sequer cogitam que o filho possa assumir-se gay e, na sua ocorrência, o abrupto corte da relação, o qual culmina com a expulsão do filho da casa paterna, inclusive, às vezes, com o emprego de violência física. Por outro lado, interroga-se: quem nunca ouviu as frases: “Homem não chora!”, “Menina, cruza as pernas, você já é uma mocinha!”, “Anda que nem homem!”, “Sua letra é tão redondinha, parece letra de mulher!”, “Menina jogando futebol? Sapatão!”, “Aê, viadinho, tá de pernas cruzadas?!”, “Homem não cruza as pernas!” e “Fala sem mexer as mãos, parece viado!”. Essas frases não são inocentes, são criações que repercutem no imaginário social belenense sem que se saiba onde elas começaram a ser usadas, mas que têm um peso grave para as crianças que apresentam algum estereótipo associado à efeminação e isso é violência, é difusão de preconceito.

Outra forma demasiada é a violência psicológica difundida através dos discursos religiosos os quais têm a intenção de levar o sujeito a acreditar que ele é um erro genético, uma aberração da natureza, tudo isso faz parte do imaginário belenense. Imaginário no qual se pretende reforçar todos os dias que os gays são culpados de doenças como AIDS ou que esta síndrome foi um novo castigo de Deus lançado a essa comunidade, assim como no passado destruíra as cidades de Sodoma e Gomorra. Também é violência simbólica, a crescente e contínua preocupação em provar a origem da homoafetividade, ao longo do tempo, como medida para segregar a comunidade LGBTTTQIA são as tentativas da ciência médica de explicar essa orientação sexual.

Em consonância com os discursos apresentados anteriormente se vê que há muitas famílias, pessoas e outras instituições as quais não reconhecem as conquistas do Movimento Gay. Por exemplo, há professores nas Universidades que não respeitam o uso do nome social das travestis e transgêneros. Há famílias que recomendam ao membro de orientação homoafetiva que procure conter todos os seus estereótipos, inclusive não andar ou ter amigos travestis ou bichas fechativas, pois acreditam que, com a convivência, eles poderão aprender os mesmos estereótipos. É recorrente, nos discursos, o medo de perder o respeito dos amigos, da Igreja e da família, embora, para algumas famílias, o tempo possa ser o remédio para pôr

fim ao preconceito e se abrir a novos olhares acerca do amor homoafetivo, para outras não há esse antídoto e, assim, pais morrem sem falar com os seus filhos.

Entretanto, como não temos as respostas do porquê de alguns pais fazerem isso e, também, não é a intenção desta investigação encontrá-la, ela surge apenas como uma conjectura a qual ajuda a mostrar que, quando um homoafetivo, não reprime o seu desejo sexual, ele pode perder os laços com a família. Neste jogo, muitos homoafetivos acabam optando pela clandestinidade, por essa razão, convém mencionar que “a tensão entre pertencer a uma subcultura social e sexual semiclandestina, de um lado, e manter uma relação próxima com sua família, de outro, foi resolvida por meio da adoção de uma complexa vida dupla” (GREEN, 2000, p. 453). Já o que não se submete a essa vida dupla continuará a sofrer preconceitos de toda a sorte, anular-se implica viver infeliz, viver pela metade, enquanto o viver por inteiro e o ato de se assumir que é o ideal para viver sem máscaras sociais, tem um alto custo para o sujeito que vive essa experiência e, inclusive pode contribuir para outros problemas sociais, como o surgimento de doenças psíquicas.

Assim, parte-se para a última parte da entrevista, a qual foi composta por duas questões e tratam da relação literatura e homoafetividades, pois se trata de uma pesquisa para a literatura e não para a Antropologia, Sociologia ou outras ciências correlatas, o objeto é literário. Este aspecto visava verificar o conhecimento que os informantes da pesquisa têm das produções artísticas que tematizam o amor entre pessoas do mesmo sexo, numa visão macro, e se eles conheciam narrativas paraenses e orais que tivessem como tema as homoafetividades ou tivessem personagens com essa orientação sexual. No caso, aqui se encontra a parte nuclear da investigação, pois se sabe que parte da sociedade belenense desconhece essas produções.

Diante das respostas dadas pelos informantes foi percebido que essa literatura não chegou a todos, nem mesmo à comunidade homoafetiva, pois mesmo nesta comunidade há aqueles que optam pela produção cinematográfica ou televisiva, a exemplo, das séries, uma vez que não fora citado nas entrevistas as telenovelas. Isso não é, hoje, devido à ausência de publicações, somente elas não chegaram a todos e, mesmo nas Universidades, inclusive nos cursos de Letras – Línguas e Literaturas parece haver um estranhamento e recusa dessa vertente da literatura que pode estar relacionado ao ponto de vista que os docentes têm da homoafetividade. Nesta perspectiva, para dar fim ao estranhamento é necessário que docentes e alunos tenham acesso a essa vertente da literatura e conheça a seus autores, a fim de que sejam desconstruídos os preconceitos em torno dela. Por essa razão, menciona-se:

Gide e Proust são um marco não só na literatura homossexual como na própria história do homossexualismo. Eles contribuíram com sua obra para que este comportamento sexual passasse a ser visto com maior naturalidade e sobretudo para que se entendesse melhor o desejo homossexual. O que antes era considerado sob o ponto de vista do Amor.

Ninguém melhor que Gide para explicar a atração homossexual. Toda a sua obra é calcada sobre sua descoberta da sexualidade e sobre sua vivência homossexual. E é aí que podemos admitir que o conhecimento pessoal de um escritor possa ser útil para o estudo de sua produção literária. Neste caso específico, é patente que não há praticamente diferença alguma entre sua vida profissional e particular. Porque Gide “ousou” viver sua homossexualidade como escritor e “ousou” vivê-la também para a sociedade. Uma interpenetra a outra. Uma enriquece a outra. Uma revela a outra. Esta necessidade absoluta que ele teve de contar-se talvez fosse uma busca de identificação com a humanidade. Porque era diferente. Porque se sentia diferente e porque se via marginalizado e nada melhor para comunicar-se com os outros do que explicar-se (FAURY, 1984, p. 93).

Outro problema que, talvez, justifique a falta de leitura e conhecimento acerca da literatura homoafetiva seja o fato de o Norte e o Nordeste estarem distante das grandes editoras e os autores dessas regiões serem poucos os quais ousam escrever sobre esse tema. Por exemplo, na literatura amazônica, há o conto *Acauã*, de Inglês de Sousa que sugere a lesbianidade, o conto *Cachorro doido*, de Haroldo Maranhão, o romance **Olho de Boto**, de Salomão Larêdo e algumas narrativas do imaginário oral do acervo do IFNOPAP. Por outro lado, do Nordeste, há os romances **Mosaicos azuis desejos**, de Antonio de Pádua Dias da Silva; **Urânios**, **A teia de Germano**, **Uma questão de jeito** e outros, do piauiense Roberto Muniz Dias; **O diário de Marjorie: memórias de uma travesti** e **O Cafuçu**, do alagoano que mora em Recife, Marcos Soares e; **Confissões ao mar**, do maranhense, Kadu Lago. Estes são apenas alguns dos que escrevem dentro do escopo dessa vertente literária na atualidade, antes Aluísio Azevedo, José de Alencar, Jorge Amado, José Lins do Rêgo e Mário Faustino já traziam personagens ou eu lírico de feições nitidamente homoafetivas nas produções literárias deles.

Se há desconhecimento, quando se trata da produção editorial e circulação da literatura homoafetiva, este ainda é mais profundo quando se trata das narrativas orais com essa temática. Destas há duas em que o boto é apresentado como uma moça, numa a moça seduz os rapazes que dormem nas embarcações na beira do rio e na outra ele é homem, mas além de possuir as mulheres atacam também os homens, ou seja, é bissexual. Nas histórias de Matinta perera não há a mudança de sexo e nas do Ataíde, sobretudo na região de Bragança, há o medo de os pescadores entrarem no mangue para catar caranguejos sem as ceroulas, pois nesta condição eles seriam atacados por ele. A Matinta perera em nenhuma narrativa deixa o feminino, ela se traveste de outras formas, é pássaro agourento “a rasga-mortalha” ou uma velha que se transforma em porco por causa de um incesto ou ainda uma jovem bela e

sedutora. O Ataíde é sempre um homem de membro monstruoso, o que dá mais medo nos homens bragantinos de serem desvirginados pelo mesmo<sup>46</sup>.

São diversos os enredos das narrativas orais e a cada povo ou lugar eles vão adquirindo novos pontos, acréscimos, vão sendo transformados, assim o é desde que atravessaram o Atlântico e aportaram nas terras longínquas do chamado Novo Mundo, inclusive na Amazônia brasileira. Nesta perspectiva, fora perguntado aos entrevistados se eles conheciam alguma história real ou do imaginário em que um dos seres fantásticos (Boto, Matinta perera, Cobra Grande ou outro) fosse homoafetivo e, caso, positivo, pudesse nos recontar.

Entendeu-se que não há distinção entre as narrativas do imaginário oral, as quais são aquelas nascidas há muito, transmitidas de geração a geração por meio da fala e do canto, representada, dançada no meio do povo, ao redor da fogueira, no terreiro das fazendas, nas senzalas ou nas noites de cantorias (CÂMARA CASCUDO, 2008). Aquelas que eram apresentadas nas festas dos santos padroeiros, como São Benedito em Bragança ou Nazica, na grande Belém, nos navios e embarcações que cortam as águas dos rios amazônicos, paraenses, nortistas. Entretanto, percebeu-se que os informantes não tratavam destas, embora a Acauã seja uma lenda contada no norte do Brasil, como visto o referente do qual partiram é o livro *Contos Amazônicos*, de Inglês de Sousa, por isso, há de se dizer que eles conhecem a “literatura a que chamamos oficial, pela sua obediência aos ritos modernos ou antigos de escolas ou de predileções individuais, expressa uma ação refletida e puramente intelectual” (CÂMARA CASCUDO, 2008, p. 25).

Ao pontuar os dois conceitos, percebeu-se que há diferenças entre as duas formas de manifestação da literatura e as duas estão inseridas nesta investigação, no entanto, a questão perguntada se fazia restrita ao primeiro conceito apontado, à literatura dita oral. Por sua vez, eles a incorporaram à literatura oficial como já o fizera Inglês de Sousa e outros autores do norte, Salomão Larêdo em **Olho de Boto** (2015), **Chapéu Virado: a lenda do boto** (2001) e **Matintresh – Antígona, ex-Amazônia. O mito da matinta-perera** (2003). Portanto, narrativas podem ser ressignificadas pela ação do espaço, do tempo e dos olhares múltiplos que os homens e mulheres emprestam àquilo que veem e ouvem, “alimentadas pelas fontes perpétuas de imaginação, colaboradora da criação primitiva, com seus gêneros, espécies, [...], como rio na solidão e cachoeira no meio do mato” (CÂMARA CASCUDO, 2008, p. 25).

---

<sup>46</sup> As informações aqui transcritas podem ser confirmadas diante da leitura da coletânea de narrativas orais – **Belém conta...; Santarém conta...; Bragança conta...; e Abaetetuba conta...**, organizados pela professora Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões e pelo professor Cristopher Golder.

#### 4 VOZES NAS NARRATIVAS: análises à luz da escrita de si

*A voz poética assume função coesiva e estabilizante sem a qual o grupo social não poderia sobreviver.*

Paul Zumthor

Durante o processo de investigação diversas inquietações surgiram e iam sendo moldadas conforme ia se galgando novos passos, novas leituras, tudo aberto e em constante construção, assim, perguntou-se o que é a voz? Como as vozes são representadas nas narrativas literárias? Há pontos de contato entre os processos de narrar nos romances contemporâneos e nas narrativas da tradição oral? Estes foram alguns dos questionamentos surgidos na cabeça do proponente da pesquisa e por um dos seus arguidores durante a exposição de uma Comunicação oral em um Seminário. Por sua vez, considera-se que “a voz humana, ligada pela obra de arte à totalidade da ação representada, unifica os seus elementos. Nestes, ficticiamente, se encontram sua causa e seu fim, e com isso ela os justifica: circularidade na qual alguns moralistas sentiram, em certas épocas em várias culturas, uma diabrura secreta” (ZUMTHOR, 1997, p. 58).

Ao considerar que a voz serve de elo coesivo da arte com a ação representada e, por conseguinte, com o público, logo, pode ser compreendido que a voz é capaz de reunir a manifestação oral à escrita, convergindo assim às diversas expressões da literatura enquanto representação social. Inscrita nessa direção a voz pode ser entendida como “forma arquetípica, ligada para nós ao sentimento de sociabilidade. Ouvindo uma voz ou emitindo a nossa, declaramos que não estamos mais sozinhos no mundo” (ZUMTHOR, 2018, p. 79). Sendo assim, a voz põe o leitor em contato com o texto, pois a voz que no texto está contida só chega ao polo da recepção se tiver um leitor que a procure, que socialize o já confessado por outro através da escrita, assim, o poema de Mário Faustino parece assumir o já dito por outros eus.

#### **Balatetta**

Por não ter esperanç de beijá-lo  
 Eu mesmo, ou de abraçá-lo,  
 Ou contar-lhe do amor que me corrói  
 O coração vassalo,  
 Vai tu, poema, ao meu  
 Amado, vai ao seu  
 Quarto dizer-lhe quanto, quanto dói  
 Amar sem ser amado,  
 Amar calado. (FAUSTINO, 2017, p. 207).

Partindo da ideia de que a voz põe os homens em comunicação e completa-os seria uma contradição admitir que a voz do narrador presente na escrita romanesca limitaria a construção dessas representações na tessitura do literário, visto que ela seria suplantada pela voz do leitor. Embora seja perceptível que o narrador pareça emudecido diante da ressignificação do texto pelo leitor, ele não está morto, há uma voz que fala o texto, que narra os acontecimentos, que sonda a alma das personagens, confessa as memórias delas. Todavia, “é forçoso constatar que seu funcionamento só deixa à voz o estatuto de instrumento, subserviente ao texto escrito que ela tem por ofício fazer conhecer, mediante leitura em voz alta” (ZUMTHOR, 2001, p. 265). Desse modo, percebeu-se que a escrita de textos literários condiciona a leitura dos mesmos, uma vez que o texto sem o seu leitor é desprovido de sentido, é a ele que cabe a tarefa de concretizar, materializar os múltiplos sentidos os quais carrega o texto. Por essa razão, convém reforçar:

Na medida em que a arte é – como foi apresentada aqui – um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente das relações entre os três, que formam uma tríade indissolúvel. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam realmente a viver quando a posteridade define afinal o seu valor. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra (CANDIDO, 2000, p. 33).

Observa-se que a proposição do crítico brasileiro parece concordar com a do teórico suíço para os quais a voz do autor/narrador permanece emudecida até que um leitor a retire da prateleira e com ela estabeleça uma relação de interação. Na proposição de Candido (2000) notou-se que a voz da obra só se concretiza mediante a ação do leitor/público, inclusive estabelece, desse modo, conexão com o pensamento de Hans Robert Jauss (1994) na Estética da recepção, porque para ele somente o leitor é quem dá sentido à voz do narrador. Sendo assim, “a voz é querer dizer e vontade de existência, lugar de uma ausência que, nela, se transforma em lugar de presença; ela modula os influxos cósmicos que nos atravessam e capta seus sinais: ressonância infinita que faz cantar toda matéria” (ZUMTHOR, 1997, p. 11). Isso evidencia que através da voz acontece a demarcação para os limites da fala, é na voz que se materializa a existência da criação literária.

Quanto à presença da voz nas narrativas literárias pode-se, originalmente, perceber duas formas, as quais estão relacionadas à maneira como se situa o foco narrativo na obra – primeira ou terceira pessoa e, às vezes, um narrador misto. Essa classificação é aplicada às obras que tematizam as homoafetividades, inclusive o objetivo geral dessa investigação foi o de analisar as identidades homoafetivas na prosa contemporânea brasileira a partir da leitura

das obras: **Confissões ao mar** (2010), de Kadu Lago; **O terceiro travesseiro** (2007), de Nelson Luiz de Carvalho; **O Diário de Marjorie: memórias de uma travesti** (2014), de Marcos Soares; **Stella Manhattan** (1985), de Silviano Santiago; **Olho de Boto** (2015), de Salomão Larêdo e “*Cachorro doido*” (1986), de Haroldo Maranhão à luz da escrita de si.

Olhar para dentro de si, escrever sobre o vivido parece querer forçar um compromisso entre aquele que escreve, o autor e o escrito (obra) e entre esta e o público, já que é ele a sua terceira via (CANDIDO, 2000) e a concretiza na sociedade através do seu entendimento como visto na estética da recepção de Jauss (JAUSS, 1994). Por outro lado, considerando que é papel do público dá sentido ao que o escritor produziu em dado contexto, não se pode nem deve ser afirmado que uma obra na qual a homoafetividade é a parte mais significativa do enredo tem, por trás dela, um escritor que segue essa orientação. A isto, deve ser acrescentado que:

[...] a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma práxis socialmente condicionada. Mas isto só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da *ilusão* e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão de mundo. E para deixar claro este aspecto de derivação e retorno em face da realidade, poderíamos investigar o significado que a obra adquire como elaboração estética de um problema fundamental, e para nós bastante prosaico: o do ajustamento ao meio físico para a sobrevivência do grupo, fenômeno básico em toda sociedade humana e sobretudo absorvente nas primitivas e menos evoluídas (CANDIDO, 2000, p. 49).

Em se tratando do exposto no excerto acima, fica evidenciado que a obra literária depende da intenção de representar o mundo, seja através do contar, do canto ou do drama, pois a sua escritura está condicionada à realidade social e ao olhar de quem a escreve. Essa condição leva a acreditar que toda obra traz uma visão de mundo que é similar a de quem a escreve, neste caminho, tal orientação faz supor a existência de um pacto autobiográfico entre o autor e o enredo da obra, entretanto, essa via nos parece um tanto arriscada, quando usado o foco narrativo de primeira pessoa. O risco é o público querer se valer unicamente da crítica biográfica para buscar os vínculos entre a vida do artista e o conteúdo da obra e, isso poderia tirar a seriedade dos estudos da crítica da literatura homoafetiva, porque podem ser iniciadas conjecturas falaciosas e más acerca da orientação sexual dos autores. Considera-se que “todo o mal-entendido nasce da convicção de que, no romance, a voz que detém a narração seria do autor – a do poeta objetivo que subscreve os originais” (DAL FARRA, 1978, p. 19).

Por isso, o caminho da escrita de si é focalizado sobre o narrador, o discurso analisado é o do narrador protagonista, não se reconhece a verdade do artista, as obras investigadas são literárias, reconhece-se a existência de um discurso literário que é apresentado na voz de um

narrador. Ressalta-se que a obra é entendida como “um espaço da linguagem em que a narrativa e o discurso perdem seus caracteres definidores e entram em regime de cruzamento e simultaneidade” (DAL FARRA, 1978, p. 13). No caso, o que chega ao público é a obra, as falas de um narrador em primeira pessoa, narrador que muitas vezes é confundido com o autor, o que supõe a presença de um narrador ensimesmado, o qual é entendido como:

[...] a voz, a emissão através da qual o universo emerge, se desprende de uma garganta de papel, recorte de uma das possíveis manifestações do autor. Como narração ela emana de um ser criado pelo autor que, dentre a galeria das suas posturas – as personagens –, elegera-a como *narrador*. Máscara criada pelo demiurgo, o narrador é um ser ficcional que ascendeu à boca do palco para proferir a emissão para se tornar o *agente* imediato da voz primeira. Metamorfoseado nele, o autor tem a indumentária necessária para proceder à instauração do universo que tem em vista (DAL FARRA, 1978, p. 19).

Conforme o excerto, entendeu-se que, para a autora, há imbricações entre o autor e o narrador, sendo este apenas um recorte daquele, uma máscara criada para camuflar a sua presença na obra, pois a sua visão de mundo parece continuar a mesma, apenas uma transposição do real para a ficção. Por sua vez, ao considerar o discurso de si a partir da narração, em primeira pessoa, nas narrativas homoafetivas, ela assume que não é o escritor em si, afinal, é o narrador quem fala, que põe às claras o seu ponto de vista sobre a sociedade que o rodeia. Inclusive é capaz de disciplinar o corpo dos sujeitos de modo a submetê-lo e, por essa razão, ocasionar a frustração das armadilhas criadas pelos inimigos (FOUCAULT, 2014), os quais podem ser os medos, as forças do meio social, aqui o querer associar autor e personagem-narrador, sendo o último a cópia do primeiro.

Embora se reconheça que o autor teve a sua participação na criação do narrador e que sem o empenho dele a obra não existiria, o trabalho de análise literária é um trabalho que se faz com o texto, este é o material, a base que fundamenta a ação de descobrir os movimentos internos da alma. Esse movimento parece ser um treino para penetrar surdamente<sup>47</sup> no interior dos sujeitos que narram a si, no caso dessa análise, as personagens Mateus, Marcus Dório e Aglailson/Marjorie, as quais são personagens-narradores dos romances, **Confissões ao mar** (2010), de Kadu Lago; **O terceiro travesseiro** (2007), de Nelson Luiz de Carvalho e; **O diário de Marjorie: memórias de uma travesti** (2014), de Marcos Soares, respectivamente. Porque, nesta análise serão levadas em consideração “as formas tomadas por esse treino, as abstinências, memorizações, exames de consciência, meditações, silêncio e escuta do outro), a

---

<sup>47</sup> Referência ao movimento proposto no poema “*Procura da poesia*”, que integra o livro **Rosa do povo**, do itabirano Carlos Drummond de Andrade, “*Penetra surdamente no reino das palavras/ Lá estão os poemas que esperam ser escritos*”.

escrita – o fato de escrever para si e para outro – tenha desempenhado um papel considerável por muito tempo” (FOUCAULT, 2014, p. 143).

Desse modo, há um conjunto de aspectos a serem considerados, quando se trata da análise na perspectiva da escrita de si, aspectos os quais somente podem ser percebidos e analisados se for focalizada a presença do narrador. Porque o narrador é quem está mais próximo, além de admitir que “o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo distante, e que se distancia ainda mais. [...] Vistos de uma certa distância, os traços grandes e simples que caracterizam o narrador se destacam nele” (BENJAMIN, 1987, p. 197). No caso, pode ser afirmado que o narrador atua como um intermediário o qual somente se materializa através da voz, a partir das características que ele impõe à narração, pois ao assumir a função de protagonista da ação a sua voz é tornada mais viva e possibilita, ao leitor, meditar sobre o escrito. Inclusive se deve mencionar que:

As variantes de narrador em primeira pessoa ou em terceira pessoa podem ser inúmeras, uma vez que cada autor cria um narrador diferente para cada obra. Por isso é bom que se esclareça que o narrador não é o autor, mas uma entidade de ficção, isto é, uma criação linguística do autor, e por tanto só existe no texto. Numa análise de narrativas evite referir-se à vida pessoal do autor para justificar posturas do narrador; não se esqueça de que está lidando com um texto de ficção (imaginação), no qual fica difícil definir os limites da realidade e da invenção. Este pressuposto é válido também para as autobiografias, nas quais não temos a verdade dos fatos, mas uma interpretação deles, feita pelo autor (GANCHO, 2006, 22).

Mediante o excerto, compreendeu-se que o narrador, além de ser uma criação do imaginário do artista/escritor, assim como os outros elementos da narrativa, e, por isso, deve ser notado como uma entidade a qual tem a função de mediar o diálogo do leitor com o texto. Ele é autônomo, não precisa ser associado ao seu criador nem mesmo quando trata de uma narração com foco narrativo de primeira pessoa, caso buscasse sempre se valer de tal procedimento poderia se incorrer no erro de extinguir a materialidade do texto literário, a sua ficcionalidade. Nesta perspectiva, menciona-se que “a escrita aparece regularmente associada à ‘meditação’, ao exercício do pensamento sobre ele mesmo através do qual é reativado o que ele sabe, torna presentes um princípio, uma regra ou um exemplo, reflete sobre eles, assimila-os, e assim se prepara para encarar o real” (FOUCAULT, 2014, p. 143). Então, é necessário o exercício de análise sob a visão do narrador para o reconhecimento dos discursos de si na escrita literária como meio de perceber como os discursos presentes na matéria literária atravessam e revelam a vivência dos homoafetivos.

Nas discussões contemporâneas muito se tem escutado que determinadas pessoas não têm legitimidade para tratar de certo assunto, porque ele está fora do seu lugar de fala, isto é, um branco não estaria autorizado a falar da negritude ou do racismo estrutural, já que não o

sofre ou sofrerá. Na mesma direção, uma voz heterossexual não teria a autoridade necessária para discutir ou expor sobre as homoafetividades, uma vez que o seu pensamento tende a reproduzir as concepções amalgamadas pela heteronormatividade. Porque “no campo da violência homofóbica, simbólica ou material, o padrão da heteronormatividade compulsória naturaliza a rejeição à homossexualidade como um dado comum no mundo da vida expressa por meio da exclusão, discriminação, estigma, crimes de ódio, preconceitos sutis e explícitos variados” (GOMES FILHO, 2016, p. 46). Em virtude do excerto supõe-se haver nesse processo uma descontinuidade entre emissor e a mensagem a ser emitida, pois para falar o sujeito precisa ter cumplicidade e reconhecer o espaço produtivo sobre o qual ele teoriza. Por isso, ressalta-se:

[...] há uma relação intrínseca entre o “falar por” e o “re-presentar”, pois em ambos os casos, a representação é um ato de fala em que há a pressuposição de uma falante e de um ouvinte. A autora ainda argumenta que o processo de fala se caracteriza por uma posição discursiva, uma transação entre falante e ouvinte e, nesse sentido, conclui afirmando que esse espaço dialógico de interação não se concretiza jamais para o sujeito subalterno que, desinvestido de qualquer forma de agenciamento, de fato não pode falar (SPIVAK, 2014, p. 15).

No tocante ao exposto pela autora nota-se que o outro não tem como falar no lugar daquele que está subalternizado, isto é, os lugares do opressor e do oprimido são diferentes, as experiências deles, o modo como vivenciam e experimentam os acontecimentos também se operam distintamente. No senso comum, imaginar que um heterossexual possa se valer dos discursos gays e narrar à vivência destes como ocorre em **Stella Manhattan** (1985), de Silviano Santiago; **Olho de Boto** (2015), de Salomão Larêdo; “*Cachorro doido*” (1986), de Haroldo Maranhão, “*Uma branca sombra pálida*” (1996), de Lygia Fagundes Telles e tantos outros textos literários os quais tematizam as homoafetividades não se concretizará, visto que faltará a relação dialógica necessária à execução dos atos de fala.

Mesmo no caso do conto de Lygia Fagundes Telles em que a mãe narra sobre o processo de descoberta da homoafetividade e morte da única filha “Gina”, aquela nunca estará no lugar da filha e isso possibilita que ela não compreenda as angústias que atormentam a filha e o porquê de esta se suicidar. Por sua vez, se aplicada à ideia de que é “na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (BENVENISTE, 2005, p. 286). Neste sentido, constatou-se que é somente pela linguagem que o homem consegue a sua realização enquanto sujeito, porque é na subjetividade que o ser consegue se concretizar, uma vez que o outro é apenas uma criação imaginária do eu, um produto da consciência que opera em torno de si mesmo.

Comportamento operacionalizado nesta mesma direção fica evidente no conto “Cachorro doido”, publicado no livro **Jogo Infantis** (1986), do escritor paraense Haroldo Maranhão, no qual Carlão fala sobre Luizinho e este em nenhum momento fala em sua própria defesa nem mesmo quando é convidado pelo amigo a tocar no corpo dele. O impedimento do poder sobre o próprio corpo evoca a existência de deslocamentos na constituição da identidade do sujeito, uma vez que o homem perde a sua autonomia e se ele não se governa, portanto, será um corpo dominado, controlado pelos discursos do outro. Compreendeu-se ainda que “este deslocamento não significa uma ruptura; devemos falar antes numa mudança de perspectiva, possibilitando o deslocamento dentro dos eixos” (ORTEGA, 1999, p. 38). Sendo assim, fica evidenciado que no entendimento deste filósofo essa mudança no ato da narração das histórias as quais abordam gênero e sexualidades chama a atenção para a existência da construção de novos caminhos para a descrição e argumentação sobre as identidades sexuais dissidentes.

Se o lugar de fala ou da enunciação refere-se quando o narrador é dono da sua própria voz, a escrita do outro, toma um narrador que tem ponto de vista diferente, que se coloca como oposto, “que se pretende universal e insiste que fala por todos, insiste que fala pelo outro, quando na verdade fala de si mesmo e se julga universal” (RIBEIRO, 2017, p. 31). No caso, o lugar de fala é o lugar de pertencimento, de referência do sujeito, por esse motivo se sustenta, nessa teoria, que um narrador heterossexual seja feminino ou masculino não a autoridade necessária para falar sobre a vivência homoafetiva e mesmo se pertencente à comunidade gay, mas se não viveu a mesma história não terá a mesma fluidez no contar. Mesmo que o narrador em terceira pessoa não tenha a mesma fluidez que o narrador em primeira pessoa a perspectiva de si não desaparecerá, porque toda escrita ou discurso parte sempre do eu.

Visão essa que parece sustentar-se quando os narradores são isentos ou procuram manter a neutralidade dos seus discursos tomando para si uma perspectiva positivista e não multiculturalista, mas desfeita quando se trata da perspectiva de abordagem dos estudos culturais. Ressalta-se, também, que quando assumida a perspectiva da escrita do outro o foco narrativo pode ser de primeira ou terceira pessoa, visto que nela aquele que é tratado se desloca, torna-se o assunto, são as ações dele que são representadas para executar o enredo. Portanto, a escrita do outro é representativa de uma hermenêutica feita das outras identidades que não a de quem conta suas experiências, mas um narrador, geralmente onipresente ou onisciente o qual narra sobre a experiência vivida pelo outro.

#### 4.1 Dispositivos de controle sobre o corpo gay em *Confissões ao Mar*, de Kadu Lago

*Aqui estou, seguro a esta carta, e fico a pensar no tempo que perdi... em tudo o que fiz e, principalmente, no que deixei de fazer. Se eu tivesse ficado, aceitado as dificuldades e enfrentado os meus medos, esta história teria outras páginas... Mas em muitas das vezes, o nosso maior inimigo está dentro de nós mesmos.*

Mateus Matos

Kadu Lago apresenta-se como sujeito nascido em trânsito, dias antes do previsto e se acomoda conforme as situações lhes são oportunizadas. Fora criado no Maranhão, declara-se apaixonado por Copacabana, há 17 anos reside no centro da capital de São Paulo, lugar considerado por ele o seu preferido no hemisfério Sul. Da vida social, diz-se viciado em café e madrugadas, não fumante, gosta de acordar tarde e dormir sozinho, que os outros o veem como um cão urbano, todavia, assume que prefere a depravação à hipocrisia, além de gostar de dias cinza e frios, de gatos e de pessoas, já foi suicida, mas, hoje, ama viver. Tem três romances publicados – **Confissões ao mar** (2010), **Dolores – Aluga-se um quarto num apartamento de família**, editado em 2005 e **Girassol** (2013), já colaborou com jornais, escreveu peças teatrais e cronista de *O Imparcial*, no Maranhão. Em São Paulo, foi múltiplo para ganhar o pão que sustenta o corpo – barman, ator de teatro e gerente de bar, hoje, só exerce um só papel: o de escritor (LAGO, 2018).

**Confissões ao mar** (2010) é o primeiro romance do autor e também uma das suas paixões, nele é narrada ao leitor a história de um amor homoafetivo entre Mateus e Alejandro, sendo o primeiro, uma personagem autobiográfica, e um desfecho que quebra o horizonte de expectativas do leitor. Pelo menos dois dispositivos controlam a vida da personagem – a religião e a família, por causa destas instituições ele procura negar a sua sexualidade, inclusive auxiliam na difusão dos argumentos de que a homoafetividade é patológica, porque não contribui para a reprodução do núcleo familiar. Por sua vez, na narrativa, Mateus, o narrador-protagonista, procura corresponder, da infância à idade adulta ao que é prescrito como comportamento ideal para a manutenção da ordem patriarcal, é pela obediência e temor ao pai, no primeiro plano e, depois à mãe e dos demais familiares que ele camufla a sua orientação sexual.

Em consonância com o argumento acima convém esclarecer que nas disputas pelo poder “a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior

instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias” (FOUCAULT, 2017a, p. 112). Percebeu-se que, desde a Idade Média, os sujeitos responsáveis pelo governo de si e dos outros tentaram implantar normas e leis as quais pudessem padronizar os comportamentos sociais dos sujeitos, inclusive os relativos à sexualidade. Sabe-se ainda que a sexualidade não fora o elemento de maior domínio social admite-se que, ao longo do tempo, foram implantadas diversas estratégias que pudessem servir para dominar as sexualidades tidas como rebeldes ou indóceis. Sobre as estratégias diz-se:

Não existe uma estratégia única, global, válida para toda a sociedade e uniformemente referente a todas as manifestações do sexo: a ideia, por exemplo, de muitas vezes se haver tentado, por diferentes meios, reduzir todo o sexo à sua função reprodutiva, à sua forma heterossexual e adulta e à sua legitimidade matrimonial não explica, sem a menor dúvida, os múltiplos objetivos visados, os inúmeros meios postos em ação nas políticas sexuais concernentes aos dois sexos, às diferentes idades e às classes sociais (FOUCAULT, 2017a, p. 112-113).

Observa-se que a tentativa de criar estratégias para disciplinar a sexualidade humana é um meio de distinguir corpo e alma, matéria e espírito, assim como determinar que o homem o qual se deixasse orientar pelos desejos sexuais estaria impulsionado a desmoronar, ao fracasso. Neste sentido, o homem que age por instinto em relação à descoberta e obtenção do prazer através do sexo seria um sujeito, fatalmente, a ser descrito como um ser fracassado. Porque a “sexualidade reflete, assim, o desmoronamento da vontade, exprimindo a teimosia do homem diante da vontade divina. Como consequência, a carne passa de uma dimensão fisiológica a uma psicológica, tornando-se o arcano da alma” (ORTEGA, 1999, p. 86). Assim, fica evidenciado que as identidades sexuais tidas por dissidentes e até mesmo a heterossexual se não ligada a fins reprodutivos estariam condicionadas a ser somente um exercício da fisiologia humana.

**Confissões ao mar** (2010), do escritor maranhense, Kadu Lago, narra a *via crucis* de Mateus para esconder de si e da família o desejo erótico pelo sexo igual e quando não mais suporta e a família torna-se ciente da sua homoafetividade é “convidado” pela mãe a deixar a casa paterna. Porque: “No campo do privado, a família e as relações vicinais, a escola e as instituições estatais, cada vez mais intervenientes na vida das pessoas, seriam as encarregadas de reproduzir os padrões ‘normais’ sobre a sexualidade, tomando como eixo a relação heterossexual” (FIGARI, 2007, p. 372). A expulsão da casa paterna pode ser lido como a necessidade da manutenção de um ambiente “sadio” nos aspectos moral, religioso e físico, além de ser também parte da política higienista adotada no fim do século XIX, é um “limpar a casa” para preservar a moral e os bons costumes.

Neste campo, vê-se que o narrador-protagonista tem o seu comportamento condicionado por imposições do meio social desde a infância à idade adulta, o que é demonstrado nos instantes em que se refugia no quarto ou no banheiro para refletir sobre o seu existir. Todos os discursos ouvidos, por Mateus, servem para que ele possa se autopenitenciar, ele é uma identidade desviante no seu meio e assim se sente porque os discursos que ouve têm essa intenção, embora fique evidente, ao leitor, que os personagens que o proferem nada saibam, a princípio, da orientação sexual do narrador. Ele incorpora o discurso que lhe é contrário à sua orientação sexual, porque o discurso tem essa intenção, provocar a mudança naquele que se sente provocado, o discurso aqui assume a força dos dispositivos os quais regulam a ordem social. Por dispositivo, entende-se:

[...] em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos.

Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre esses elementos heterogêneos. Sendo assim, tal discurso pode aparecer como programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretação dessa prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. Em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes.

Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante. Esse foi o caso, por exemplo, da absorção de uma massa de população flutuante que uma economia de tipo essencialmente mercantilista achava incômoda: existe aí um imperativo estratégico funcionando como matriz de um dispositivo, que pouco a pouco tornou-se o dispositivo de controle-dominação da loucura, da doença mental, da neurose (FOUCAULT, 2017b, p. 364-365).

Nas cartas que iniciam a narrativa, fica evidenciado que, no desfecho, a não união das personagens tem um motivo, uma força que os separou, a qual Alejandro não consegue nomear, tem consciência de que escreve uma carta, mas que, talvez, o seu destinatário nunca a leia. Nela, Alejandro desnuda sua alma e tenta compreender quais fatores foram decisivos para que Mateus o deixasse naquela noite em São Luís, como se lê no trecho: “Tento entender o que aconteceu com a gente. O que me levou a te amar tanto... e o que te levou de mim. E nunca esqueci a noite em que me deixou em São Luís e partiu levando contigo a minha felicidade inteira e um bocado da minha vida, porque você é parte dela. O melhor pedaço, eu acredito” (LAGO, 2010, p. 6). Logo, no primeiro período, percebe-se que há uma força atávica a qual Alejandro procura compreender, sobretudo como ela o afasta de seu amor e como Mateus leva consigo o que para aquele era a sua felicidade, assim Mateus é a condição

da felicidade de Alejandro. Se Alejandro desconhece o porquê de Mateus ter viajado e o deixado para trás quando tudo poderia se encaminhar para um desfecho diferente, este sabe dos motivos de ter se afastado de quem amava e confessa:

Aqui estou, seguro a esta carta, e fico a pensar no tempo que perdi... em tudo o que fiz e, principalmente, no que deixei de fazer. Se eu tivesse ficado, aceitado as dificuldades e enfrentado os meus medos, esta história teria outras páginas... Mas em muitas das vezes, o nosso maior inimigo está dentro de nós mesmos (LAGO, 2010, p. 7).

O narrador escolhe o mar como espaço para depositar suas lembranças do passado, sobretudo, da experiência mais profunda – o amor e morte de Alejandro, o único homem a quem Mateus se entregou e, mesmo que num curto período viveu o amor e, por isso, pagou um alto preço. O livro é aberto pela última carta escrita por Alejandro Morales para Mateus, logo após a separação deles, embora não tivesse como remetê-la ao seu destinatário, escreve como forma de confessar aquilo que sentia e lembrar que fazia um ano que eles se conheceram. E, é de posse desta mesma carta que Mateus confessa para o mar maranhense, em particular, à praia de São Marcos, em São Luís, capital do Maranhão, as suas dores e medos, quando a maré já está baixa e as ondas podem vir até ele molhando-o, o que é também um rito para expurgar o sofrimento diante da morte do amado:

A maré está baixa. O barulho das ondas me deixa molhado. Deixa a dor escorrendo... Novamente a luz do farol me chama a atenção. Desta vez invade a minha alma como se também possuísse um espírito. E consome os meus olhos, aumentando a minha angústia. Minha carne ainda mais molhada, úmida de dor, de arrependimento e medo... (LAGO, 2010, p. 8).

Somente no terceiro capítulo o narrador apresenta ao leitor a sua origem, através da descrição do seu nascimento, no “banco de um Jeep CJ-5, ano 1968”, de modo tão apressado que a mãe não chega à maternidade e, simbolicamente, o intermédio entre o irmão, o Lucas e a Marta. Vê-se que a escrita é dotada de intenção e, Mateus é o filho do meio, assim sendo lido como o “entre-lugar”, uma identidade em trânsito entre o masculino e o feminino, onde por mais que se veja masculino, o seu desejo erótico é pelo sexo igual e isso o atormenta, principalmente, porque os discursos que ouve condenam a homoafetividade. Neste sentido, percebe-se “o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade” (SANTIAGO, 2000, p. 26).

A angústia de Mateus em relação à homoafetividade é estimulada pelo sentimento de que é rejeitado pela mãe, o modo rústico do pai expressar o afeto e pela formação cristã-

protestante da família, da última, o medo constante de ir “para o inferno” e isso evoca a lembrança do que o pastor falara acerca da relação entre pessoas do mesmo sexo. Não se pode esquecer de que a Igreja sempre procurou se contrapor à prática do amor homoafetivo, a tomar pela história das cidades de Sodoma e Gomorra, as quais, segundo a narrativa bíblica, foram destruídas devido ao fato de nelas haver muitos homoafetivos. No caso, destaca-se o discurso religioso como primeiro dispositivo de controle dos corpos gays em **Confissões ao mar** (2010), visto que há todo um jogo discursivo da Igreja, que se vale dos discursos bíblicos para condenar as práticas homoafetivas.

Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarda ao poder, fixam suas interdições; mas também afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras. Lembremos, por exemplo, a história do que constituiu, por excelência, “o” grande pecado contra a natureza. A extrema discrição dos textos sobre a sodomia – essa categoria tão confusa; a reticência quase geral no falar dela admitiu, por muito tempo, um duplo funcionamento: por um lado, a extrema severidade (pena de fogueira ainda aplicada no século XVIII, sem que se formulasse, até a metade do século, nenhum protesto importante), por outro lado, a tolerância seguramente bem ampla (que se deduz, indiretamente, a partir das raras condenações judiciais e que se poder perceber mais diretamente através de certos testemunhos sobre as sociedades masculinas que podiam existir no exército e nas cortes) (FOUCAULT, 2017a, p. 110-111).

A partir do fragmento acima se compreendeu que não somente as instituições e normas podem funcionar como dispositivos de controle dos corpos gays, também os silêncios podem ser revestidos de igual poder, visto que o silêncio é uma manifestação discursiva do sujeito. Ainda que os discursos sejam vistos como uma via de mão dupla, ora podem assegurar um lugar, como ocorrera com o amor homoafetivos nas sociedades primitivas e na Grécia do mundo antigo, ora se ocupar de uma função repressiva como ocorrera na Baixa Idade Média e no século XVII, durante a Contrarreforma. Por sua vez, deve-se entender a sexualidade como dispositivo histórico que faz parte de uma grande rede de superfície onde os corpos são estimulados a intensificar os prazeres, formar conhecimentos e reforçar o controle e as resistências ao poder (FOUCAULT, 2017a).

No período histórico, mencionado anteriormente, deu-se aos homoafetivos a alcunha de sodomitas e lhes ofereciam punições diversas como “jejuns obrigatórios, orações especiais, retiros, uso de cilícios, multas em dinheiro e açoites, para as penas mais brandas. Nos casos considerados mais graves, a punição materializava-se em confisco de bens e degredo para outras cidades... além de trabalho forçado nas galés, variando a quantidade de anos conforme

a culpa” (TREVISAN, 2002, p. 149). Nota-se que, durante o Período Medieval e no contrarreformista, os dispositivos reguladores da sexualidade parecem se aliar aos de aliança para os quais o sexo, sem a finalidade reprodutiva, ganha o status de anomalia social, uma patologia a qual seria necessária uma intervenção corretiva. Corretivo esse que poderia ser os mencionados por Trevisan (2002), uma vez que também nestes se tinha por intento construir, nos sujeitos homoafetivos, a consciência de que eles por conta da orientação sexual são sujeitos inferiores, desajustados socialmente e pecadores. No caso, o amor homoafetivo era um contraponto ao dispositivo da aliança, como visto no quadro apresentado a seguir.

**Quadro 01: Dispositivo de aliança versus Dispositivo de sexualidade (FOUCAULT, 2017a)**

<b>DISPOSITIVO DE ALIANÇA</b>	<b>DISPOSITIVO DE SEXUALIDADE</b>
Estrutura-se por um sistema de regras que definem o permitido e o proibido.	Organiza-se por técnicas móveis, polimorfas e conjunturais.
Objetiva reproduzir o jogo de relações e manter as leis que as regem.	Estende o domínio da sexualidade e engendra novas formas de controle.
Centra-se no fato de que os membros do casal possuem um estatuto definido.	Centra-se nas sensações do corpo, na qualidade dos prazeres, na natureza das impressões.
Está fortemente articulado na economia, visando à transmissão e circulação dos bens.	Está ligado à economia através do corpo.

**Fonte:** SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. Dispositivo: um aporte metodológico para o estudo do discurso. In. SOUSA, Kátia Menezes de; PAIXÃO, Humberto Pires da. (orgs.). **Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault:** biopolítica, corpo e subjetividade. São Paulo: Intermeios; Goiânia: UFG, 2015.

Observa-se que a primeira coluna do quadro é a vida que Mateus teria ao lado de Fátima, pois é a que teve os casais da família – Seu Osmar e D. Nazaré e Lucas e a esposa – através do casamento, entretanto, somente quanto à articulação da economia, é que Lucas destoa dos demais. Por outro lado, o dispositivo da sexualidade age sobre o casal homoafetivo – Mateus e Alejandro – como meio de castrá-los socialmente e, assim, exercer o controle sobre os seus corpos, a começar pelo medo da punição de um Deus austero, o narrador diz: “Já estava com catorze anos, quando certa noite, na igreja, o pastor falou sobre relacionamento entre pessoas do mesmo sexo. Voltei pra casa muito pensativo, pois algumas vezes já havia me sentido atraído por outros garotos, porém, sem mais acontecimentos” (LAGO, 2010, p. 12). Assim, o narrador-protagonista, desde a adolescência, procura restringir os prazeres do uso do corpo no exercício da sexualidade.

Fica evidenciado que o escritor se vale de estratégias formais como o destaque de algumas letras para impulsionar o leitor a refletir sobre as emoções da personagem – “por que Deus deixa a gente ter esses sentimentos?” (LAGO, 2010, p. 12), o que inclui uma linguagem cuidada. Aos poucos o narrador Mateus vai levando o leitor a conhecer a sua angústia, a partir de uma escrita de densidade psicológica e intimista “me tranquei no quarto, apaguei a luz, liguei o som. Fiquei fora do mundo. Como eu costumava fazer”. E também em: “Estava ouvindo música, para ver se escapava de ouvir a mim mesmo,” (LAGO, 2010, p. 14). Esse excerto exemplifica os dispositivos surgidos durante a adolescência dos homoafetivos, pois é, geralmente, nesta etapa da vida que começam a se dar conta de que a orientação sexual deles não se encaixa nos armários sociais criados pelo outro já que o psicológico não nutre o desejo erótico moldado pela heteronormatividade.

Essa não adequação ao modelo heteronormativo causa sofrimento no sujeito gay, visto que ele, a princípio, não compreende o motivo pelo qual se sente diferente dos demais garotos ou garotas da sua faixa etária, sobretudo, se há na família um modelo de homem erigido pela sociedade patriarcal. Por mais que insistisse em conhecer a si, seus sentimentos, essa procura por se conhecer é uma estratégia para se negar com veemência, pois o medo do pecado, do desapontar a família é tão forte que recupera na memória trechos do sermão e do fragmento bíblico: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo...”. (LAGO, 2010, p. 12). A recusa da identidade homoafetiva é tornada mais vívida quando Mateus conhece Giovanni e, depois de se tornarem amigos, este se confessa apaixonado por aquele, conforme expresso no trecho que segue:

Desde aquela viagem a Morros, que eu não faço outra coisa a não ser pensar em ti. E não dá mais pra fazer de conta que nada tá acontecendo.  
 Eu tinha entendido, mas naquele hora eu desejei que ele nunca tivesse falado aquilo. E foi como se os meus olhos, de repente, estivessem congelados, fixos no rosto de Giovanni:  
 Caralho, Giovanni, tu tá... tá querendo dizer que...  
 Exatamente, Mateus. Eu estou apaixonado por ti.  
 Tá louco, cara, isso não existe!  
 Como não existe?!  
 Giovanni, isso é pecado.  
 Mateus, eu não pedi pra isso acontecer, tampouco pra eu ser assim. Eu não tenho culpa!  
 Mas tu não é assim! Não tem jeito... Não! Giovanni, eu gosto muito da Marisa. Não curto essas paradas... E isso é pecado, sim.  
 [...]  
 Olha, Giovanni, se fosse a minha praia eu não pensaria duas vezes, mas sinceramente... não é. (LAGO, 2010, p. 17).

O fragmento evidencia que Mateus procura negar para si e aos outros a homoafetividade, pois para ele, essa orientação sexual era demarcada pela presença dos

estereótipos, “tu não é assim! Não tem jeito”. Essa recusa também dialoga com o desejo de permanecer “no armário”, uma vez que o protagonista teme a incompreensão da família e mais ainda o medo de ser negado por Deus por cometer o “pecado nefando”, pois sabe que a família era preconceituosa, principalmente, a mãe. A consciência desse comportamento da família contribui para que a “preocupação com o que os parentes e amigos talvez pensem ou façam é o que mantém as pessoas ‘dentro do armário’ mais do que qualquer outro fator, independentemente do contexto social” (DAWSON, 2015, p. 124). Consoante o fragmento anterior, pode ser observado na obra que o pai é a imagem predominante, no instante em que Giovanni confessa o seu amor a Mateus e lhe rouba um beijo, no fragmento transcrito a seguir.

Eu sei que tu também gostas de mim, Mateus. E só não aceitas, porque acreditas que Deus vai jogar a gente no inferno por isso. E mais uma vez, ele tentou fazer com que eu o olhasse. E quando eu virei o rosto, Giovanni me beijou. E era um beijo cheio de fúria, cheio de paixão... Senti seus lábios grudarem nos meus lábios. Gelados. Suas mãos segurarem firme a minha nuca. E então senti o calor da boca de Giovanni em mim, e a minha língua adormecer enquanto o meu coração esperneava nas minhas costelas... E todo o meu corpo ficou gelado.

Aquele beijo era a porta para o desconhecido, tão desejado e reprimido. E era também o caminho que me levaria para dentro de mim mesmo... **E meu pai foi a figura mais forte que entrou na minha mente naquele momento.** Empurrei Giovanni pra longe:

Seu filho da mãe!

Saí do carro, com ele logo atrás.

Não encosta em mim, Giovanni. Te meto a mão, se tentar!

Mete nada, Mateus! Eu sei que tu gostaste, assim como sei que gostas de mim também. Tu consegues enganar a ti, mas a mim, não.

Não viaja, Giovanni! Não viaja... Vamos embora daqui (LAGO, 2010, p. 20, **negrito meu**).

Observou-se que a imagem da presença patriarcal aliada à presença do discurso religioso se faz mais forte na mente do narrador-protagonista, elas têm o poder de domínio sobre o corpo dele, por isso, enquanto elas se projetam no interior do indivíduo, ele resiste e sufoca o amor sentido. A presença do pai e o desejo de nunca desapontá-lo inunda todo o ser de Mateus, tanto o é que ele presta vestibular para Agronomia para agradar ao pai, como visto em: “E pra mim não tinha prazer maior do que fazer alguma coisa que enchesse o meu pai de alegria. E nada me deixava mais feliz do que ver a felicidade do meu pai” (LAGO, 2010, p. 22). Isto reforça a ideia de que o respeito à ordem, à disciplina do pai, o tê-lo como grande exemplo auxilia na construção do modelo de homem que Mateus tenta construir para si, mesmo que, para que isso aconteça, ele tenha de negar para os outros e para si sua orientação sexual.

Embora procurasse continuar preso no “armário”, inclusive buscasse ter experiências sexuais heteronormativas, para afirmar a identidade masculina e heterossexual, inclusive

namorara a Marisa e resistira ao amor de Giovanni, Mateus não conseguira de todo esconder seu desejo erótico pelo sexo igual. Sobretudo, depois de conhecer Alejandro, um modelo colombiano que fixara residência em Belém, e o vê apenas de sunga branca: “Alejandro estava somente de sunga branca, procurando uma camiseta dentro da mochila. Em outras vezes eu me sentira atraído por outros homens, mas nada se comparado ao que senti ao ver Alejandro daquele jeito. Porque não era somente tesão. Foi uma coisa tão forte... Uma... Acho que nem tem nome o que senti”. (LAGO, 2010, p. 49). Essa atração sentida por Alejandro irá mudar por completo a vida de Mateus, apesar de, a princípio, os dois buscarem apenas a amizade, esta é transformada em amor e esse sentimento irá repercutir de tal modo que o protagonista se transformará, inclusive terá coragem de viver o amor homoafetivo. No entanto, antes que isso ocorra a sua *via crucis* não está completa, como notado em:

Chegamos em casa e eu segui direto para o quarto. Tirei a roupa e entrei no banho. Liguei o chuveiro e comecei a falar com Deus: Meu Deus, eu tenho que deixar de sentir isso pelo Alejandro. Tenho que fazer esse cara sumir.  
O sabonete escorregou das minhas mãos:  
É o único jeito de esquecer tudo que tá acontecendo.  
Vi o meu corpo refletido no vidro do box. Me lembrei do pastor, na minha adolescência... o culto naquela noite. Como aquelas palavras me agonizaram. Mas agora eu não era mais um garoto de catorze anos. Já havia crescido. Virado homem. A gente cresce. Para o bem e para o mal, a gente deixa de ser criança.  
[...]  
Senhor, me perdoe. Me ensine a negar a mim mesmo, meu Deus!  
Fiz um pedido molhado. De água e de lágrimas.  
Juntei o sabonete. Lembrei do Giovanni:  
Como eu pude conter a situação. Tive sempre o controle de tudo. Agora, cadê o controle?  
Virei-me de costas para o vidro do box, pra não ver mais o meu corpo. O meu rosto: Mas com Alejandro é diferente. Por quê? Por que, Senhor? Por que eu perco o controle? (LAGO, 2010, p. 82).

No excerto, Mateus parecer ter consciência de que o sentimento nutrido por Alejandro é diferente do que sentira por Giovanni, na sua adolescência, uma vez que se ressentia de não mais ter o controle da situação, isto é, as vozes do pastor e a do pai não soam mais como dominantes. O narrador-protagonista não consegue mais negar a sua orientação sexual e sabe que terá conflitos com o seu meio social em razão disso e, por isso, suplica a Deus que deixe de sentir o que nem ele mesmo consegue nomear por Alejandro e chama-o apenas “isso”. Porque para ele, o assumir o amor homoafetivo para Mateus significa romper com estruturas que o aprisionam, visto que ele irá “se chocar com outros sistemas e disputar sentidos no campo público pressupõe um nível de ‘centramento’ intenso, uma definição mais ou menos clara de quem somos e o que queremos” (FIGARI, 2007, p. 436).

Os outros sistemas correspondem à família e à namorada dele, visto que Fátima não aceita o fato de aquele a quem ela namorou por mais de três anos, ser homoafetivo e, mais

ainda, que ele a deixe para manter uma relação afetiva com outro homem, o qual ela também aprendera a vê-lo como amigo. Todavia, para Fátima saber que tinha sido traída não fora fácil, principalmente, porque ela amava a Mateus e nunca suspeitara que ele pudesse ser gay, assim como, para ele, também fora difícil deixar-se vencer pelo amor de um homem, como visto em: “Me perdoe, Fátima. Por Deus, me perdoe! Você não faz ideia do que estou passando. E não fique achando que fiquei com outros homens, porque isso nunca tinha acontecido” (LAGO, 2010, p. 128). Esse processo não é tranquilo, visto que as dores não são sentidas apenas por ele, mas por Fátima, Marta, esta porque estava apaixonada por Alejandro, a avó, D. Marta e também Joaquim, empregado fiel da família desde a época em que o Sr. Osmar era vivo. Pois, para o narrador, seria doloroso desapontar as personagens mencionadas, mais ainda se o pai ainda estivesse vivo.

Por último, mesmo que tentasse se preparar para assumir a identidade homoafetiva e viver o amor com Alejandro, Mateus temia a polifonia de vozes da sociedade e a Deus, pois como a sua Igreja pregava – Deus era contrário ao amor entre pessoas do mesmo sexo – assim como a mãe, D. Nazaré e o irmão mais velho, Lucas. Entretanto, o que o protagonista mais temia acaba por acontecer, ele é flagrado pelo irmão no momento em que beijava Alejandro na festa do Natal, na fazenda: “Então tu é gay, Mateus? O exemplo da família é um VIADO?! Queria que papai estivesse vivo pra ver que o filho, que ele sempre colocou diante de tudo e de todos, é uma bicha!” (LAGO, 2010, p. 202). Foi observado que os termos, os quais foram usados por Lucas, pretendiam a desqualificação de Mateus diante da família e dos convidados e a evocação à memória do pai ocorre porque o primogênito se sentia preterido pelo pai, depois do nascimento do irmão.

Depois da confusão feita por Lucas, a discussão com a mãe e a expulsão da casa paterna, Mateus parte com Alejandro para São Luís, onde ficam por alguns dias no seu apartamento. Contudo, contrariando o horizonte de expectativas criado pelo leitor e gerando um ponto de tensão na obra, Mateus decidiu não continuar com Alejandro. Assim, o colombiano viaja para o Rio de Janeiro, a fim de dar continuidade ao seu trabalho na agência de modelo e depois de organizar e vender parte do seu patrimônio, Mateus parte para uma viagem à Europa, inclusive pela Espanha e, ao retornar e ir a Belém, em busca de informações sobre Alejandro, é surpreendido pela notícia da morte deste em um arrastão no Rio de Janeiro. Portanto, o desfecho cumpre à ideia da punição ao amor homoafetivo, pois a morte de um representa a inviabilidade da concretização do ato amoroso, restando, a Mateus, apenas as lembranças e a carta escrita por Alejandro e, é de posse desta que Mateus faz suas confissões ao mar.

#### 4.2 Verdade, ficção e escrita de si na literatura homoafetiva em **O Terceiro Travesseiro**, de Nelson Luiz de Carvalho

*Sobre o amor no mesmo sexo  
De pares literários, quase nada:  
Não se terão amado homens  
E mulheres entre si?*  
Horácio Costa

Os dados biográficos de Nelson Luiz de Carvalho são poucos, da vida dele diz-se apenas que é empresário, graduado em Administração de empresas, nasceu e vive na cidade de São Paulo e escreveu os romances **Apartamento 41** (2007) e **O terceiro travesseiro** (2007). Por outro lado, o romance aqui analisado – **O terceiro travesseiro** – é classificado como romance verídico, entretanto, não se pode afirmar onde termina a realidade e começa a ficção, uma vez que se concebe a literatura como sendo uma verdade a qual define as regras internas do uso da linguagem. Nesta perspectiva, ressalta-se que “a verdade é como uma imagem do mundo num espelho fiel. Se não há distorção nem embaçamento, pode-se esperar que o emparelhamento das coisas com este espelho produza uma imagem verdadeira” (PIMENTA NETO, 2003, p. 32). Assim, o autor, logo, no prefácio, ao apontar os sentimentos que atravessam a sua escrita chama a atenção para o fato de que aquilo que narrará acontecerá de fato, como visto no texto transcrito abaixo.

Desafio e emoção. Assim posso definir o que representou escrever **O terceiro travesseiro**. Tudo começou numa sexta-feira de dezembro. Ao aceitar o convite de Marcus para um almoço, não imaginei que após tratarmos de assuntos comerciais – normalmente me reunia apenas com o pai dele – nossa conversa seguisse por caminhos tão pessoais de sua vida. Vi diante de mim uma sequência de expressões difícil de explicar numa pessoa tão jovem. Seus olhos vermelhos diziam muito mais que suas próprias palavras.

Por meses sua história invadiu minha vida de forma irreversível, levando-me a decidir contá-la em livro. Vencido o desafio de narrar todos os fatos como exatamente aconteceram, passei a caminhar pelo campo da emoção. A obra foi o resultado de ter convivido, por alguns meses, com os verdadeiros personagens da história – capítulos inteiros foram escritos nos próprios locais dos acontecimentos (CARVALHO, 2007, p. 11).

Mesmo que tenha um caráter ficcional e, por esse motivo, considerada artifício da ilusão, da fantasia, a literatura serve para problematizar questões reais, como os sentimentos amorosos e as demais problemáticas que envolvam o homem em sua teia de relações sociais. Deve-se considerar ainda que uma narrativa romanesca ficcional é um lugar de expressão das liberdades individuais, pois não se pode demarcar com exatidão, o que se chama de verdade numa narrativa literária ou que isso a que chamamos verdade poderia ser outra. Por exemplo,

na seara das histórias do amor homoafetivo muitos casais tiveram seus amores postos à prova por causa da intervenção de seus familiares ou foram separados pela morte de seus parceiros ainda jovens, marca que faz repetir o atravessamento do discurso de que esse amor é impuro e, por isso, o pecado deve ser expiado com a morte. Por isso, a ficção corresponde à criação de um mundo imaginário o qual traz verossimilhança com a história, conforme afirmado no excerto que segue:

Também fica evidente, a partir do que foi dito, que a tarefa do poeta não é a de dizer o que de fato ocorreu, mas o que é possível e poderia ter ocorrido segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito o historiador e o poeta diferem entre si não por descreverem os eventos em versos ou em prosa (poder-se-iam apresentar os relatos de Heródoto em versos, pois não deixariam de ser relatos históricos por se servirem ou não de recursos da metrificacão), mas porque um se refere aos eventos que de fato ocorreram, enquanto o outro aos que poderiam ter ocorrido (ARISTÓTELES, 2015, p. 95-97).

A distinção entre ficção e história por alguns séculos serviram para demarcar os horizontes da literatura e da história, pois aquela se servia da ficção, do devaneio possibilitado pelo imaginário e esta, pela verdade enquanto narração do real, o que possibilita o surgimento da hipótese de que o enredo do literário apenas se parece com o real, não o real em si. Por essa razão, ler o texto literário supõe o emprego das experiências carregadas pelo leitor durante a sua existência, pois é essa experiência que também motiva a sua aproximação como outros textos e, é também o que faz escrever. Esse dado da verossimilhança ocorre, por exemplo, quando Marcus, que é o dono da história torna-se uma personagem de ficção, a qual é entendida como:

A personagem é um ser fictício, – expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção *ser*? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem que é a concretização deste (CANDIDO, 2007, p. 55).

Conforme o excerto, compreendeu-se que quem dá verossimilhança à escrita literária é a personagem, visto que é a representação dela que torna a história verossímil, inclusive quando levadas em consideração as aproximações e distanciamentos entre o ser real e o ser ficcional. E, sendo produto dessa condição vivencial, destaca-se a memória como o lugar no qual o homem deposita todas as suas experiências e vivências, podendo lembrá-las ou esquecê-las em consonância com o poder de afetação que elas desempenham sobre o sujeito e de onde se parte para anunciá-la ao outro. Também se acresce que este romance chama à atenção para a inscrição de que se trata de um romance verídico, porque leva o leitor a

conjecturar que outros textos pertencentes ao mesmo gênero tenham classificação distinta, inclusive de questionar acerca de um valor literário. Por isso, ressalta-se:

A literariedade, como toda definição de literatura, compromete-se, na realidade, com uma preferência extraliterária. Uma avaliação (um valor, uma norma) está inevitavelmente incluída em toda definição de literatura e, conseqüentemente, em todo estudo literário. Os formalistas russos preferiam, evidentemente, os textos aos quais melhor se adequava sua noção de literariedade, pois essa noção resultava de um raciocínio indutivo: eles estavam ligados à vanguarda da poesia futurista. Uma definição de literatura é sempre uma preferência (um preconceito) erigido em universal (por exemplo, a desfamiliarização). Mais tarde, o estruturalismo em geral, a poética e a narratologia, inspirados no formalismo, deviam valorizar do mesmo modo o desvio e a autoconsciência literária, em oposição à convenção e ao realismo (COMPAGNON, 2010, p. 43).

No caso, vê-se que a literariedade seria uma filha do cânone, da lista da considerada literatura de elite não por seus elementos, mas para a satisfação do gosto de alguém que está fora, enquanto a produção romanesca sobre o homoafetivo, mais próxima do real, destituída de valor literário. Entretanto, fora percebido que pessoas distintas têm gostos os quais se adequam as suas visões de mundo também na formação de um juízo sobre a tessitura de uma obra literária podendo indivíduos de uma mesma classe ou sociedade discordar entre si, cada um conforme suas convicções e sem que um ou outro estejam errados. Com isso, assevera-se que mesmo Machado de Assis, quando escrevera o conto “*Pílades e Orestes*” ou seus célebres romances como **Memórias Póstumas de Brás Cubas** ou **Dom Casmurro**, não tivera ampla aceitação dos seus leitores e críticos. Assim, a definição do que é literatura, da preferência a uma obra mais verossímil ou mais imaginária é sempre uma escolha por um gosto particularizado.

Outra marca que singulariza o gênero romance verídico é o estilo da narração, a opção pelo uso de um narrador de primeira pessoa ou ainda de um narrador-personagem, esta foi o tipo escolhido pelo autor para a narração do enredo de **O terceiro travesseiro** (2007), de Nelson Luiz de Carvalho, nada melhor que Marcus contando a sua história. Todavia, não se trata do Marcus real, de quem não se sabe o sobrenome, mas de uma criação ficcional, a personagem, sobre a qual se diz: “é um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação. Por mais real que pareça, o personagem é sempre invenção, mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em pessoas reais” (GANCHO, 2006, p. 12), portanto, o conceito da autora dá conta de que nessa invenção são acrescentados elementos a um Marcus já existente.

Essa personagem, no romance em análise, é também o narrador-protagonista, Marcus Dório, haja vista ser quem assume a narração dos fatos que envolvem a sua vida, sobretudo,

os relacionados à descoberta e aceitação da homoafetividade, inclusive dos conflitos que envolviam esse amor. Ressalta-se que nesta narração o narrador não está distante dos fatos que são narrados, ele é uma das peças do triângulo amoroso materializado em **O terceiro travesseiro** e, talvez, o que mais sofra por todos os acontecimentos da narrativa, das armações da mãe, Ana, à morte de Renato. No caso, por se tratar de um romance classificado como moderno pode ser afirmado que essa “personagem é considerada complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícia elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado se os compararmos com o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante, no modo de ser das pessoas” (CANDIDO, 2007, p. 59-60).

O poder dado à arte da ficção não impossibilita a produção literária de problematizar as vivências da população homoafetiva e suas resistências diante da rigidez de valores impostos no florescer das sociedades patriarcais como a manutenção da heterossexualidade. Desse modo, a expressividade dessa literatura pode ser vista como uma reação à ordem patriarcal que negava e punia as práticas homoafetivas com invisibilidade, segregação e até mesmo à morte ou condenação por abandono e esquecimento dos familiares como demonstrado na história social. Nesta narrativa é oportunizada, ao leitor, uma reflexão acerca de si e do outro a partir da construção das personagens nas narrativas ou na expressividade das vozes existentes no interior dos romances, inclusive suscita, no público, a inquietação que o permite formular o seu horizonte de expectativas. Além disso, é a recriação da verdade através de um personagem que fala de si, que era também, por isso, deve ser respeitado na análise o argumento de que por se tratar de um romance verídico.

[...] quando toma um modelo na realidade, o autor sempre acrescenta a ele, no plano psicológico, a sua incógnita pessoal, graças à qual procura revelar a incógnita da pessoa copiada. Noutras palavras, o autor é obrigado a construir uma explicação que não corresponde ao mistério da pessoa viva, mas que é uma interpretação deste mistério; interpretação que elabora com a sua capacidade de clarividência e com a onisciência do criador, soberanamente exercida [...]. Em consequência, no romance o sentimento da realidade é devido a fatores diferentes da mera adesão ao real, embora este possa ser, e efetivamente é, um dos seus elementos. Para fazer um último apelo a Forster, digamos que uma personagem nos parece real quando “o romancista sabe tudo a seu respeito”, ou dá esta impressão mesmo que não o diga. É como se a personagem fosse inteiramente explicável; e isto lhe dá uma originalidade maior que a da vida, onde todo conhecimento do outro é, como vimos, fragmentário e relativo. Daí o conforto, a sensação de poder que nos dá o romance, proporcionando a experiência de ‘uma raça humana mais manejável e a ilusão de perspicácia e poder’ (CANDIDO, 2007, p. 65-66).

O romance de Nelson Luiz de Carvalho é narrado por Marcus Dório, adolescente, dezesseis anos que narra suas experiências homoafetivas – do conflito inicial, descobrir-se apaixonado por aquele a quem julgava ser o seu melhor amigo, Renato até à morte do último

em um acidente. Inclui-se também o comportamento das famílias dos enamorados, as experiências erótico-amorosas dos dois, incluindo a presença de Beatriz, como parte das descobertas e iniciação sexual da adolescência, e também contraponto que ecoa no imaginário heterossexual como capaz de devolver a masculinidade a Marcus e gerar um filho. Por sua vez, algumas outras ações demonstram que o caráter ficcional da narrativa é marcado por situações que fogem à ideia de que a escrita de si seja um relato testemunhal ou do documento, inclusive considera que “a obra literária é tecida com fios de uma temática pessoal que Barthes define como ‘a estrutura de uma existência’” (BRUNNEL; PICHOS, ROUSSEAU, 2016, p. 112).

No primeiro capítulo, o leitor já é provocado pelo narrador, Marcus Dório, a testemunhar suas dores e confissões: “andando por esta rua, não consigo deixar de avaliar e refletir sobre tudo aquilo que se passou. Tantos problemas, tanta confusão, muitas mágoas, e para quê? Tenho a impressão de que, se eu tivesse agido diferente, evitado discussões e desgastes desnecessários, o resultado teria sido outro” (CARVALHO, 2007, p. 13). O excerto demonstra que o narrador parece arrependido de algo acontecido no passado que o leitor ainda não tem ciência, no entanto, deixou rastros de mágoa e ressentimentos que os acabrunham, por isso, o escrever sua confissão serve como materialização da experiência vivida e demarca “um pertencimento que falava” (LOPES, 2002, p. 51). Esse senso de pertencimento mencionado pelo crítico é tornado mais visível quando presente na escrita em primeira pessoa, uma vez que a personalidade da escrita de si parece permitir uma familiaridade maior com o enredo, como visto em:

[...] a unidade do sujeito permanece apesar das mudanças sofridas no tempo, sendo a manutenção da primeira pessoa na narrativa o vetor dessa duradoura responsabilidade pelos atos cometidos no passado. A primeira pessoa é, pois, o suporte comum da reflexão presente e da pluralidade de atos reevocados, sendo as mudanças de identidade melhor expressas pela contaminação do “discurso” por traços da “história”, pelo tratamento da primeira pessoa como se fosse quase uma terceira. Desse processo, a noção de indivíduo sai, apesar de tudo, reforçada, como acontecerá em maior ou menor grau com quase todas as modalidades da escrita do eu vizinhas à autobiografia (MIRANDA, 2009, p. 31).

Considerando o fragmento acima, pode-se admitir que a escrita de uma narrativa romanesca na qual se vale da criação de personagens e enredos partidos do real não sofreram mudanças em relação ao tempo, pois os conflitos nos quais elas estão imersas são bastante semelhantes aos de outras épocas. No caso, quando se trata dos conflitos relacionados à homoafetividade, sugere-se que seja no século XIX ou no século XXI, os adolescentes sempre se sentiram diferentes e desajustados aos outros, em virtude de nutrirem desejo erotizado pelo sexo com o igual, e, se o narrador do texto literário ficcionaliza isso, em primeira pessoa, tudo

parecerá mais real. Isto sugere ainda que a evocação do pensamento registrado em primeira pessoa se deixe atravessar por uma polifonia de vozes, inclusive a de outros homoafetivos os quais se veem identificados com a narrativa, embora o autor se mantenha de lado e deixe que o narrador fale por si, desnude a sua alma a um leitor que, certamente, nutrirá empatia pela obra. Por outro lado, é somente através da escrita da narrativa, incluindo a posição da autoria, que se pode assegurar a diferença entre os polos do real e do imaginário, como contido no excerto que segue.

A escrita é o que vai permitir de certa forma repelir o princípio da realidade para o mais longe possível das fronteiras da imaginação; ou, antes, a escrita é aquilo que, à força de repelir, de postergar sempre para além da imaginação o momento de conhecer, a escrita é aquilo que, à força de fazer trabalhar a imaginação e de adiar o momento do real, vai finalmente substituir o princípio de realidade. Graças à escrita, o imaginário não precisará mais dar esse passo que era até então absolutamente indispensável para ele, o passo da realidade. A escrita vai repelir a realidade até torná-la tão irreal quanto a própria imaginação; a escrita é o que faz as vezes de princípio de realidade e o que absolve a imaginação por nunca atingir a realidade (FOUCAULT, 2016, p. 154).

Conforme o posicionamento do filósofo pode ser afirmado que a escrita não dá garantias de que aquilo que se põe no enredo de uma narrativa, mesmo quando dentro de um romance verídico, seja real, pois ninguém nem mesmo o autor é capaz de determinar onde começa e termina a realidade ou a ficção. Mais adiante, o narrador volta aos dezesseis anos e chama a atenção para a iniciação do seu conflito, sobretudo, se os expõe a todos ou não: “Estou aqui, tentando estudar para a prova de português, mas não consigo prestar atenção na matéria. O que será que está errado? Será que tenho algum problema? Não é possível. Já sou um cara adulto, tenho 16 anos e sou normal. De qualquer forma, esses pensamentos são meus, gosto de tê-los e ninguém nunca vai saber” (CARVALHO, 2007, p. 13). O jogo discursivo acerca da normalidade do desejo pelo igual é, comumente, atravessado pelo imaginário social de que a identidade homoafetiva é problemática e, por essa razão, deve ser ocultada diante do outro, assim, esse estigma age “como efeito do poder que atua sobre os corpos, disciplinando-o, regulando e controlando suas relações, de modo a torná-los dóceis, úteis e ascéticos” (PERES, 2010, p. 305).

Evidencia-se que o adolescente pretende omitir alguns dos seus pensamentos, o que leva o leitor atento a querer saber quais são esses pensamentos, o porquê eles poderiam ser encarados pela sociedade como errados e a não possibilidade de sê-lo, como sugere a leitura dos questionamentos feitos a si pelo narrador. Pode-se argumentar que os questionamentos do narrador servem não para que seja estabelecido um plano ou programa a ser perseguido por todos os homoafetivos, uma vez que as suas vivências não são iguais, visto depender do

contexto em que estão situadas, pois, conforme a narração percebe-se que é mais fácil a aceitação da família do que em outros contextos. Neste sentido, ressalta-se que não se pretende desestimular a criação literária com essa abordagem, a recusa de um plano pronto se deve ao fato de o filósofo admitir: “não quero que os gays deixem de pensar que é a eles que compete regular as suas próprias relações descobrindo o que satisfaz à sua situação” (FOUCAULT, 2015, p. 41).

Mediante o filósofo constatou-se que a regulação dos corpos gays depende dos próprios sujeitos que são gays, pois são eles quem conhece os seus corpos, as suas trajetórias e, isso ganha vivacidade quando são eles mesmos que tratam de si, que narram suas vidas. As perguntas direcionam para o ato de questionar acerca da normalidade/anormalidade das práticas homoafetivas, embora nesse fragmento da narrativa não se conheça o “problema” que aflige o narrador, não deixa que ele se concentre sobre a matéria estudada para a prova. É a repercussão que o sujeito traz das intolerâncias do outro, por isso, Marcus não é capaz de avaliar a sua vida, os percalços que nela ocorreram desde quando começara a perceber sua homoafetividade, o assumir-se e a morte do amado. Todavia, aquilo que não foi revelado no primeiro capítulo, o é, no primeiro parágrafo do segundo capítulo:

Sentado no chão, com os joelhos dobrados, de short, meias e tênis, com pelos cobrindo desde os tornozelos até as coxas, Renato me fazia sentir algo muito estranho. Uma sensação que não sabia explicar, muito boa, mas ao mesmo tempo muito assustadora. Eu não posso ser isso que eu estou pensando; nem em pensamento consigo dizer essa palavra. Aliás, acho que tudo isso é normal (CARVALHO, 2007, p. 14).

As imagens contidas no fragmento reforçam o desejo nutrido pelo corpo masculino, o corpo de Renato despertava sentimentos em Marcus que ele não era capaz de suportar, mesmo que os achasse bons e ao mesmo tempo “assustadores” e essa dualidade traz o medo de identificar-se como homoafetivo – “não posso ser isso”, “nem em pensamento”. Não pronunciar o termo homoafetividade sugere que o sujeito não teve êxito na construção da sua masculinidade, pois, desde, cedo as práticas culturais exigem dos meninos “uma postura ‘ativa’ em relação a sua identidade de gênero, demonstrem e até mesmo sigam implacavelmente seu desejo pelo sexo oposto” (PARKER, 2002, p. 58). Essa cobrança dos meninos é parte intrínseca da cultura patriarcal e heteronormativa que regula os comportamentos e até mesmo os desejos dos sujeitos e também cria estereótipos, como visto em: “as pessoas fazem juízo errado de caras como eu. Quando se pensa em alguém assim, logo se imagina que o cara gosta de se vestir de mulher, gosta de ‘dar’ e gosta de qualquer homem. E isso, pelo menos para mim, não é verdade” (CARVALHO, 2007, p. 22).

Os estereótipos mencionados, no parágrafo anterior, recuperam os mitos que povoam o imaginário social acerca da homoafetividade masculina (MOTT, 2003). Essa parece ser a visão do pai de Marcus, Giorgio, conforme visto no trecho em que o protagonista conta para o pai e a mãe que se identifica como homoafetivo: “- E o que importa a palavra? O que importa é que você gosta de homem. Meu Deus! Meu filho é uma bicha. Quer ser mulher.” (CARVALHO, 2007, p. 40). Outro aspecto presente na família é a visão da homoafetividade como erro genético – “-Não, meu filho. Estou pensando onde foi que eu errei” (CARVALHO, 2007, p. 42), principalmente, do ponto de vista da mãe, pois uma das explicações para a existência da homoafetividade masculina era que se a mulher produzisse cromossomos a mais que o homem durante a relação sexual e desta fosse gerado um filho nascido com o gênero masculino este seria homoafetivo e o contrário, lésbica<sup>48</sup>.

A família de Marcus alega ter medo de que os outros o façam sofrer por conta da sua orientação sexual – “- Por que, Ana, justo com o nosso filho! Não vou permitir que façam dele uma pessoa inferior” (CARVALHO, 2007, p. 48), ação essa que é comum na história social dos homoafetivos. Geralmente, as famílias ao descobrirem “que um filho é gay, pais e parentes podem vir a tolerar esse fato, contanto que ele não seja abertamente efeminado e que as pessoas fora da família não saibam” (GREEN, 2000, p. 27). Porém, esse não querer que as pessoas fora da família saibam é manifestação do sentimento de vergonha que elas sentem, assim como acontece com Ana e Giorgio, diante do suspense feito por Marcus antes de ele entregar o primeiro pedaço do bolo do seu aniversário de 17 anos. No suspense, os pais supõem que o pedaço seja para Renato, por isso, como estratégia de chamar a atenção da família para si, Ana desmaia e, quando melhor, diz ao filho: “Eu é que fui muito boba em pensar que você pudesse fazer isso na frente de todos” (CARVALHO, 2007, p. 122).

No romance, a religiosidade aparece como arma da enfrentamento à homoafetividade – 1. O padre é convidado a dialogar com Marcus para demonstrar a este a ilicitude e pecado do amor entre iguais e; 2. Ana, a mãe de Marcus, juntamente, com a amiga dela, Lídia, resolve procurar ajuda espiritual no candomblé para curar Marcus, como visto em: “As duas acreditavam mesmo que o Zelador, como num passe de mágica, me transformaria de uma hora para outra numa pessoa ‘normal’” (CARVALHO, 2007, p. 165). Nos casos apontados, as instituições religiosas (Igreja e terreiro) e seus agentes foram chamados para reeducar a

---

<sup>48</sup> Este argumento toma como base o estudo apresentado, em 1993, por Deam Hamer, o qual ficou conhecido como a descoberta do gene *gay*. Nele, o cientista declarou que a maior parte dos homossexuais estavam do lado materno das famílias, sugerindo assim uma associação com o cromossomo X, que é o cromossomo materno, além de “as técnicas de biologia molecular sugeriram uma correlação entre a homossexualidade nessas famílias e marcadores na região q28, uma região de aproximadamente 4 milhões de pares de bases no braço longo do cromossomo X” (ALVES; TSUNETO, 2013, p. 70).

sexualidade de Marcus, cumprindo assim a função da família que falhara nessa tarefa (GREEN, 2000). Por sua vez, acresce-se que estas agências atuam como dispositivos regulatórios da sexualidade do outro, são forças as quais se impõem como contrárias à homoafetividade e à tolerância à união de Marcus e Renato.

**O terceiro travesseiro** apresenta a identidade *queer* para os homoafetivos, sobretudo, ao colocar Beatriz como terceiro vértice do triângulo amoroso – Marcus-Renato-Beatriz, sendo a personagem feminina a materialização da metáfora-título, o terceiro travesseiro. Isso pode ser percebido no fragmento: “–Não! Ela não disse nada. Eu é que pensei que as coisas ficariam mais ou menos bem, por ser ela a terceira pessoa” (CARVALHO, 2007, p. 147), pois se impõe na relação, a princípio, parecendo apenas em busca de uma aventura passageira entre adolescentes querendo experimentar todos os prazeres possíveis. Porém, a presença dela não é espontânea, ela já conhece os dois, foi namorada de Renato, é sobrinha de Lídia e, por isso, facilmente cooptada para a trama tecida por Ana para separá-lo de Renato, devido ao inconformismo da mãe com a orientação sexual do filho, como afirmado por Beatriz: “a minha estada na pousada foi toda arranjada de última hora. Sua mãe e eu preparamos tudo” (CARVALHO, 2007, p. 175).

Fica evidenciado, no excerto, que a tolerância da mãe à homoafetividade do filho era, a princípio, apenas fingimento, ela dissimula para não criar atritos no meio familiar e, com isso, preservar a estrutura dessa instituição, haja vista ser ela religiosa, se mostrar boa mãe e esposa, cumprindo, com isso, o papel destinado às mulheres nas sociedades patriarcalistas. Essa falsa tolerância da mãe é evidenciada numa conversa entre Ana e Giorgio: “– Ana! Quando você vai entender de uma vez por todas que não somos nós que definimos a tendência sexual do nosso filho? Se fosse assim, eu diria: ‘Marcus, a partir de agora, você vai gostar de mulher’, e pronto, como num passe de mágica tudo estaria resolvido” (CARVALHO, 2007, p. 83). O fragmento deixa claro que a mãe não concorda com a homoafetividade do filho, enquanto o pai parece mais tolerante, esse comportamento do pai pode ser considerado como contrário à voz do patriarcado, pois neste sistema e papel dos homens mostrarem-se mais fechados às identidades sexuais tidas por dissidentes.

O argumento usado para isso é o de que ele era muito novo, não tinha muitas experiências sexuais e tudo poderia ser apenas uma confusão da adolescência, o que ganha mais impulso depois que a garota vai até a pousada onde os dois passavam o fim de ano e acabam por ter uma relação sexual a três: “Naquela cama não existiam masculino e feminino. Existiam, sim, três pessoas se amando do jeito que a imaginação de cada um pedia” (CARVALHO, 2007, p. 99). Compreende-se a identidade *queer* como a negação dos rótulos

para a homoafetividade, não se aceita nesta identidade a redução do amor entre iguais à binariedade dos gêneros ou ao par ativo/passivo para nomear os desejos de sujeitos que se amam, não há fronteiras para a busca dos prazeres do corpo (MISKOLCI, 2012). Além disso, pode-se afirmar:

[...] *queer* significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora (LOURO, 2013, p. 39).

Por outro lado, todas as formas de domesticação dos corpos, como a conversa com o padre, a armação de Ana para que Marcus se relacione com Beatriz e assim se esqueça de Renato, a ida de Ana ao centro de candomblé e a sugestão da conversa com o psicólogo não produzem qualquer efeito. Mesmo vivendo em um paradigma no qual as identidades são mutáveis, não fixas – o do sujeito sociológico (HALL, 2014) constata-se que Marcus não quer mudar sua orientação sexual assim como não quer ser rotulado gay, quer, apenas, ser livre para viver o amor da forma como ele entende. Liberdade essa que pode ser vista quando do intermédio de Giorgio e Beatriz para que aconteça a reconciliação entre Marcus e Renato, incluindo quando o pai de Marcus presenteia ao filho com uma cobertura em Higienópolis para que ali o triângulo amoroso vivesse o seu fantástico amor. No caso, não seria a imposição social da mãe de Marcus [Ana], da religião ou da ciência que o fariam mudar de identidade sexual. Diante disso, considera-se que:

A minoria não confronta simplesmente o pedagógico ou o poderoso discurso-mestre com um referente contraditório ou de negação. Ela interroga seu objeto ao refrear inicialmente seu objetivo. Insinuando-se nos termos de referência do discurso dominante, o suplementar antagoniza o poder implícito de generalizar, de produzir solidez sociológica (BHABHA, 2013, p. 251).

Ao ressignificar as palavras de Bhabha, para o contexto das homoafetividades percebeu-se que o posicionamento dos garotos, desde o princípio, não é por se colocar contra, mas uma forma de interrogar aos seus pais e à sociedade que querem lhes impor uma forma de amar. Essa nova forma de amar, isto é o poliamor do trio, a princípio, é mostrada com cautela pelo narrador, sobretudo a partir do instante em que eles iriam morar juntos no mesmo apartamento e da organização sugerida, para que não se tornassem alvo dos comentários maledicentes das famílias e da sociedade. Naturalmente, a formação do triângulo amoroso – Marcus-Renato-Beatriz – é perturbador para a sociedade patriarcal, uma marca antagônica ao modelo que se tem de triângulo amoroso nas relações heterossexuais. É também a ruptura de

paradigmas, não há mais um casal heterossexual ou homoafetivo, há três jovens que não se rotulam e procuram descobrir o prazer, como visto em:

Na cama, me lambuzei como um menino. Pela primeira vez curti estar transando com uma garota. Naquela cama não existiam masculino e feminino. Existiam, sim, três pessoas se amando do jeito que a imaginação de cada uma podia. Eu estava abraçado ao Renato e nos beijávamos, quando ela começou a brincar comigo. Primeiro foi a sua língua que deslizava suavemente pela minha bunda. Eu podia sentir, a casa toque, o seu enorme prazer me fazer isso. Interrompendo por alguns momentos o meu beijo com Renato, ela colocou os seus dedos na minha boca e me fez chupá-los até ficarem bem molhados com a minha saliva. Já imaginava o que ela iria fazer com eles. E ela fez. Lentamente ela foi enfiando um dedo dentro de mim. Ninguém nunca tinha feito isso comigo, ainda mais uma mulher. Com tesão e um pouco de dor continuei beijando Renato da forma mais profunda que conhecia. Beatriz não parou aí e tentava colocar dois dedos dentro de mim, mas a dor que eu começava a sentir era grande demais, e forcei uma mudança de posição, lá deitado sobre ela, fui lentamente sentindo-a por dentro. Centímetro a centímetro eu conquistava aquele reguinho - já todo molhado e quase sem pêlos. Eu cavalgava sobre ela como um cavalo de raça, quando Renato deitou seu corpo sobre o meu. Desta vez eu era o recheio do sanduíche. Eu a beijava e Renato dava pequenas mordidas no meu pescoço quando juntos gozamos os três (CARVALHO, 2007, p. 72).

Em se tratando do trisal da narrativa - Marcus-Beatriz-Renato – no início da narrativa, ela era apenas uma garota com quem Renato tinha ficado e que não desperta nenhum desejo em Marcus, todavia, após o consentimento dos pais para que Marcus e Renato tenham a sua primeira viagem a sós, Beatriz lá aparecerá, na mesma pousada e, acabarão, os três indo para a cama. O que as personagens não sabiam é que Beatriz lá aparecera por estar sendo paga por Ana, a mãe de Marcus, para que ela se intrometa na relação e conquiste o rapaz, uma vez que na visão dela, como ele era ainda adolescente, a orientação sexual ainda estava em formação e a homoafetividade poderia ser apenas uma fase transitória por ele também não ter tido relações heterossexuais. O plano de Ana, acaba dando certo em parte, inclusive fará com Beatriz venha a engravidar de Marcus e separar este daquele, mas os dois reatarão ajudados por Giorgio, o pai de Marcus e também Beatriz, juntando assim o trisal, novamente. Mas isso não se dará por muito tempo, o pai de Marcus dará a ele um apartamento e, lá eles poderão viver juntos e criar o filho, para isso começam a traçar planos, comprar os móveis, sonharem a nova vida, o que é interrompido com a morte de Renato.

Esse elemento é posto por meio da punição, imposta a Marcus, como notado no sofrimento deste durante o velório de Renato, também na posição da família deste ao aceitar a relação entre os dois e ainda reservar o momento anterior ao enterro para que Marcus se despedisse dele e da declaração de amor feita no momento, conforme visto no trecho: “Eu amo você, cara. Eu amo você... Daqui a pouco vão levar você para longe de mim, mas o que eles não sabem é que o seu coração vai ficar guardado para sempre dentro do meu peito.

Nunca mais terei ninguém, cara” (CARVALHO, 2007, p. 201-202). A ideia de punição retoma a ideia de que o amor homoafetivo é pecaminoso e por se tratar de uma família de moral cristã, esta prática não seria aceita e o jugo para o pecado é a morte nessa tradição.

A posição da família exprime que os tempos são outros e com isso é preciso que a sociedade entenda que a homoafetividade não é crime, nem pecado mortal: “É legal ser homossexual!” Legal na dupla acepção do termo: porque a Lei protege os homossexuais e porque as ciências garantem que as três orientações sexuais – homossexualidade, heterossexualidade e bissexualidade – são igualmente legítimas, saudáveis e naturais” (MOTT, 2003, p. 47). A legitimidade trazida às relações gays ainda se mostra como um espaço de conflito entre os sujeitos com esta identidade e os heterossexuais, inclusive os primeiros buscam institucionalizar seus discursos a partir de estratégias elaboradas a partir das vivências e representações de si (BHABHA, 2013). Essa legitimidade foi resgatada nas memórias do narrador acerca de como tem sido a vida, após a morte do amado, presentes no último capítulo da narrativa, o qual é o único a receber um título e assinatura, conforme transcrito a seguir:

#### **Cinco Anos Depois**

Meus pais se separaram poucos meses após a morte do Renato. Beatriz e Rafael moram com minha mãe; e eu, com meu pai. Me sinto feliz por ter um filho – levo Rafael todos os domingos para passear –, mas desde aquele triste acidente de carro, vivo apenas por viver. Não existe nada na Terra capaz de arrancar esse vazio do meu peito. A saudade é a pior coisa do mundo. Aos sábados à noite, geralmente converso com a Lua e, quando isso acontece, de frente à capela da família Assunção, espero o nascer do dia, sempre com uma dúzia de cravos brancos e uma rosa amarela nas mãos. Sentado nos degraus, divido com o orvalho frio da manhã o silêncio eterno da minha alma. Caminhando pelas estreitas alamedas do cemitério, espero por um milagre que nunca aconteceu. O silêncio da morte é enorme. O do meu coração, maior ainda.

*Marcus Dório* (CARVALHO, 2007, p. 203).

O desfecho da narrativa é lido como uma forma de punição ao enfrentamento das famílias e da sociedade para viver o amor homoafetivo, um exercício da ordem patriarcal e heteronormativa, uma vez que a “sexualidade é uma elaboração social que opera dentro dos campos de poder” (GIDDENS, 1993, p. 33). Embora o desfecho corresponda ao exercício de poder da heteronormatividade, o romance inova ao narrar de modo verossímil a complexidade dos sentimentos homoafetivos na adolescência, incluindo a *ménage à trois* e a crueza dos relatos erótico-pornográfico dos encontros dos amantes. Portanto, **O terceiro travesseiro** é uma narrativa na qual o leitor não tem os limites do que é verdade ou do que vem a ser ficção, sobretudo devido ao uso da escrita de si e da verossimilhança emprestada a essa personagem que era real e fora amalgamada para a ficção.

### 4.3 Memória, esquecimento, poder, travestismo e escrita de si em **O Diário de Marjorie: memórias de uma travesti**, de Marcos Soares

*A liberdade de ser não impede de viver intensamente as nossas escolhas; cicatrizes não curam a dor, mas nos ajudam a crescer.*

Claudionor JBS

Marcos Soares é o nome artístico de Marcos Antônio Soares, nascido em 1970, em Maceió, Alagoas, porém mora em Recife, cidade onde trabalha. Funcionário público federal, atua na função de bibliotecário da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), graduado em Biblioteconomia e pós-graduado em Gestão e Tecnologia da Informação. É autor dos livros **Bibliotecário bar** (2009), **Relatos e fragmentos de vida** (2010), **O Cafuçu** (2012), **Praças: contos** (2014), **O Diário de Marjorie: memórias de uma travesti** (2014) e **16 histórias à procura de um leitor** (2018). Destes, o antepenúltimo e o penúltimo tem como enredo central a homoafetividade. Contudo, a epígrafe acima evoca as reminiscências do passado de Marjorie, a narradora-protagonista, de **O Diário de Marjorie: memórias de uma travesti**, no qual ela trata das suas escolhas durante a vida, da infância à idade adulta, pois cada um tem o livre arbítrio de escolher este ou outro caminho.

**O Diário de Marjorie: memórias de uma travesti** (2014), de Marcos Soares pode ser considerado a sua obra-prima entre os seus livros publicados até o momento, como se trata de um autor ainda jovem poderá ele amadurecer mais a sua escrita. Porque se sabe que “a escrita faz se abrir e vê se abrir diante dela um espaço infinito onde as imagens, os prazeres, os excessos podem se multiplicar sem que jamais nenhum limite seja encontrado. Por conseguinte, a escrita, que é ilimitação do prazer em relação à realidade, [...]” (FOUCAULT, 2016, p. 156). Mediante o exposto pelo filósofo é que podem ser percebidas as imagens, os prazeres e os excessos de Aglailson/Marjorie, da infância, na pequena Solidão, Pernambuco, onde nascera até os limites do desfecho, depois que descera ao Hades, o pavilhão 5, cela 134, do maior presídio da capital pernambucana. Sobre a opção por escrever as suas memórias em forma de diário, percebeu-se que a narradora-protagonista só esclarece isso quando a narrativa já se encaminha para o seu desfecho:

Meu diário, na realidade, são memórias. Eu não procurei seguir uma rotina. Não fui fiel a uma sequência cronológica. Eu passei a escrever o que me provocava, o que me faz pensar, o que eu sinto vontade de escrever por aquilo que sou e estou. Se por ventura alguém ler esse diário-memória um dia (não pretendo levá-lo comigo para o além, afinal ele já está em mim), desejo que compreenda esse meu estilo, sem precisar aceitar minhas virtudes e meus pecados (SOARES, 2014, p. 84).

As narrativas literárias são criações ficcionais que demarcam as experiências ou vivências do sujeito escrevente e para recuperar essas experiências cabe a ele recorrer às lembranças que traz do passado ou ainda da ausência deste para que possa ficcionalizar. Quando se trata do uso da memória, ela não é uma aparente matriz da história e sim uma retomada do passado histórico no qual a memória é o meio utilizado pela história para ensinar e, muitas vezes, magoar os sujeitos; isto é, afetá-los de algum modo pela repercussão dos fatos do passado, como esclareceu Spinoza na sua filosofia. Quanto à escrita do diário pode ser observado que a narradora argumenta não se valer da sequência das ações, pois se tratam de memórias e estas não obedecem a uma cronologia e o escrito é marcado por interrupções do pensamento, a primeira delas segue transcrita.

Comecei este diário-memória em 1996, quando cheguei à prisão e tive meu sonho interrompido. Encontrei, como refúgio, a biblioteca desse Hades.  
1970 – ano em que nasci.  
*Solidão, Pernambuco, 1983* (SOARES, 2014, p. 1)

Observou-se que a narradora começa a contar sua trajetória aos 26 anos, quando já chegou à prisão e, por causa das representações e imagens, que guarda desse lugar chama-o de Hades ou Inferno, o reino dos mortos, como descrito na mitologia grega (VASCONCELLOS, 1998). Antes de descer ao Hades prisional, a vida de Aglailson também não fora o que se tem como imagem do Paraíso: “– Não tenho filho veado! Isso é pra você aprender a ser homem, seu cabra safado! Sua mãe morreu por sua causa e você faz isso?! Filho meu tem que ser macho!” (SOARES, 2014, p. 1). Marjorie não se recorda do passado porque gosta de se lembrar dele, sobretudo, de quando era criança e brincava com os colegas da escola, inclusive o Eriberto. O não querer lembrar pode ter sido motivado pelo *bullying* que Aglailson sofria na escola, que rendia a ele diversos apelidos nomeadores da orientação sexual da personagem, entretanto, desse período, ela parece não ter a mesma impressão de Eriberto como visto abaixo:

Os meninos, repetindo a quarta série, continuaram na escola, exceto Eriberto, que parou na quarta série e mudou-se para São Paulo, em um pau de arara, com, com os pais e os irmãos pequenos. Nossa despedida aconteceu à beira de um açude. Nesse dia, eu tinha dado bolo em Severino e falei pra minha madrastra que ia carregar frete na feira. A gente se encontrou e ele disse que me amava e queria que eu fosse com ele para São Paulo, que ele ia esperar eu crescer para a gente poder se casar. Eu respondi que era um menino e não podia casar com outro menino; ele disse que eu poderia me vestir de mulher, quando eu crescesse, então, eu o abracei e o beijei, e comecei a chorar. Daí, ele disse:  
- Eu vou te escrever, minha Marjorie!  
Em seguida, Eriberto saiu correndo e eu fiquei sentada por alguns instantes, embaixo do pé de ingá, olhando a água parada daquele açude, onde tomávamos banho e brincávamos de boto, escondidos dos nossos pais (SOARES, 2014, p. 8).

Ricouer (2007) se vale da categoria esquecimento como uma lembrança daquilo que não se quer esquecer, uma vez que prevalece a noção de “rastros” como imagens psíquicas que possibilitam não esgotar o esquecimento, assim, embora se tente esquecer o sujeito nunca o conseguirá de todo. Essa categoria é apresentada em diversos trechos da narrativa de Marcos Soares, sobretudo, quando Marjorie, enciumada, rasga a fotografia que Dito carregava de Gustavo, pois não queria que aquele tivesse lembranças do namorado, visto ser a fotografia um exemplo de memória artificial e a perda dela poderia representar o esquecimento de Gustavo por Dito. Ação que faz Dito enfurecer e partir para a violência física, contra o corpo de Marjorie, como visto em:

Cometi um desatino. Arrumando as roupas dos colegas de cela, encontrei, na bermuda de Dito, a foto dele com o namorado, rasguei no meio e guardei a foto dele nos meus mamilos, joguei a do namorado no ralo do banheiro e fui para o pátio. Lá comecei a chorar, não queria estar amando aquele homem. Ele já tinha explicado que tudo o que havia acontecido fora um momento de carência e que não iria se repetir mais. Arrependi-me de ter rasgado a fotografia e fui devolvê-la. Levei uma bofetada no rosto. Dito foi para a solitária e eu precisei usar óculos escuros durante alguns dias (SOARES, 2014, p. 87-88).

Em se tratando do excerto acima, fica perceptível a presença dos artifícios criados para que o homem consiga guardar lembranças em outras fontes para além da memória, sobretudo a de longo prazo, isso reforça a ideia de que para sustentar o amor por Gustavo, Dito precisa lembrar-se dele. Esse ato para Marjorie, enquanto sujeito apaixonado pelo negro pode ser lido como uma tentativa de apagar das lembranças de Dito a imagem do amor que ele nutre por Gustavo, o qual se presentificava na fotografia em que eles apareciam juntos e felizes, porque o esquecimento representaria a morte do amor que havia entre eles. E, com a morte desse amor, o caminho ficaria livre e mais fácil para que ela, a narradora-personagem pudesse chegar ao coração e à consciência de quem ela tanto desejava. Isso acaba por não acontecer, motiva a agressão física contra ela e faz Dito parar na solitária.

Outro conceito subjacente à memória recuperado em **O Diário de Marjorie: memórias de uma travesti** (2014), de Marcos Soares, é o de lembrança do tempo passado, conceito esse evidenciado na escolha do gênero textual escolhido pelo autor para narrar as vivências da sua criação – Aglailson/Marjorie. O gênero diário permite a ela narrar as suas vivências, embora não exista a cronologia das datas em uma sequência lógica, ordenada como comum nos escritos desse gênero, por exemplo, **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**, de Carolina Maria de Jesus, aqui há movimentos digressivos remissivos ao fluxo de consciência da narradora. Marjorie, desde as primeiras linhas da narrativa já situa o leitor sobre a perspectiva conceitual de que “a memória parece referir-se a uma persistência, a uma

nova realidade de alguma forma intacta e contínua; a reminiscência (o anamnese ou reevocação), pelo contrário, remete à capacidade de recuperar algo que se possuía antes e que foi esquecido” (ROSSI, 2010, p. 15).

Evidenciou-se que a personagem-narradora reevoca o seu passado, inclusive a surra que levava do pai naquele simbólico Domingo de Páscoa, simbólico porque para a cultura cristã, sobretudo a católica, páscoa é a ressurreição de Jesus e o ressuscitar é ter uma vida nova. Vida essa que Aglailson ganha ao fugir de casa, receber uma carona de um homem desconhecido – o caminhoneiro e dele receber algum dinheiro após terem se relacionado sexualmente, chegar a Recife e ali na praia encontrar a Leugim, o vendedor de caldos a quem lhe dá abrigo, orientação e afeto. Nesta nova fase, mais tarde, se encontrará com Verônica Vera, a travesti que representa a transição identitária de Aglailson a Marjorie e o taxista Agosto que o ajudam a partir desse momento. Além deles, há os pais adotivos, Jean-Pierre de Rennaud e Marie-Joséphine de Rennaud, franceses que a adotam quando completara 18 anos e a inserem no mundo da cultura francesa e do mundo letrado. Em se tratando desse quadro das reminiscências do passado, a chegada ao Recife parece muito viva quando Marjorie escreve em seu diário – aos 26 anos – um fato acontecido 13 anos antes, conforme visto no fragmento abaixo:

Quando cheguei à praia e vi o mar, joguei-me na água. Mergulhei de cabeça. Era uma segunda-feira, a praia estava vazia, apenas alguns vendedores e meia dúzia de guarda-sóis e algumas cadeiras vazias, exceto uma que estava ocupada por uma moça de pele negra, cabelos cacheados, toda lambuzada de uma espécie de óleo vermelho, que depois descobri tratar-se de um tipo de bronzeador barato, vendido em saquinhos. Estava deitada de bruços, com a bunda voltada para o sol, mas com a cabeça um pouco erguida sobre as mãos, fitava o mar e a mim, que me jogava na água como um pato. O sol estava escaldante. Percebi que as marcas da surra eram recentes, mas a sensação de liberdade sanava qualquer dor física (SOARES, 2014, p. 11).

Em se tratando das lembranças do dia em que chegara a Recife, naquela segunda-feira ensolarada e de pouco movimento na praia, descritas acima, constatou-se que: “pedaços do passado se reapresentam no presente, dando lugar a renascimentos ou retornos. Na ideia do retorno está implícita a de uma volta e de uma repetição, de uma não unicidade e não repetibilidades dos eventos, de possíveis uniformidades ou leis” (ROSSI, 2010, p. 130). Neste sentido, percebeu-se que, as segundas-feiras nas praias parecem sempre se repetir, é um dia, geralmente, calmo, sofrendo movimentação atípica quando um feriado; pedaços do passado se reapresentam também quando Aglailson sente as dores das marcas da surra em contato com a água salgada. Entretanto, ele dá a impressão de que quer virar a página, visto que a liberdade agora parecia inebriar sua alma e tomar de seu corpo de menino.

No tocante ao plano da memória presente no romance em análise pode ser mencionado que a narradora-protagonista recorre “a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós” (HALBWACHS, 2013, p. 29). Essa inscrição expressa a existência de duas memórias às quais a narradora-protagonista pode recorrer – a memória individual e a memória coletiva – na primeira, o sujeito parte sempre de sua perspectiva, da sua experiência; já na segunda, do testemunho do outro, uma vez que as lembranças trazidas dos fatos do passado são consideradas permanentemente coletivas e podem ser lembradas pelo outro, mesmo que se trate de fatos em que somente aquele que narra ou vive a ação esteja presente.

Nestas circunstâncias, por exemplo, as lembranças de quando Aglailson/Marjorie chegou ao Recife podem ser lembradas por Leugim ou até mesmo pela mulher negra que se bronzeava, visto estes estarem na cena descrita, entretanto, também poderia haver alguém que não participasse da ação de um modo direto como personagem. Todavia, apresentariam pontos de vista diferentes da ação, uma vez que as experiências impactam de maneira diversa os sujeitos e, assim, aquele que não a viveu não teria um testemunho de um lugar de fala e a sua apropriação do discurso diferenciada. Por outro lado, quanto à presença de alguém que está fora se reforça o discurso filosófico aristotélico de o homem por ser um sujeito político, ele nunca está só. Assim, um excerto que parece incorporar essas ideias acerca da onisciência de Leugim sobre Aglailson é:

Depois das treze horas, eu ficava sozinho na Praia de Boa Viagem. Então, jogava-me no mar daquele bairro de gente rica, onde as comunidades de todo o estado gostavam de ir para se banhar e onde encontrávamos todo tipo de gente: de turistas a gente pobre, passando pela classe média que morava no bairro. Os ricos, aqueles que moravam na Avenida Boa Viagem, esses ficavam em suas coberturas ou nas piscinas dos seus prédios, observando as ondas. Fazia dois anos que eu estava morando com o Leugim, meu irmão de fé que me livrou das ruas (SOARES, 2014, p. 14).

Diante do exposto acima pode ser dito que nenhuma forma de manifestação da memória é autossuficiente, pois quem carrega a memória é o homem, ele é quem vivencia, presencia, seja o praticante ou o espectador das ações, podendo ainda está ali ou não. Por isso, afirma-se que: “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS, 2013, p. 31). Sendo assim, dispensa-se a presença física dos sujeitos os quais podem testemunhar a ação já que elas não são suficientes e uma ou um conjunto de pessoas podem reunir suas lembranças e vir a contar os fatos, ou seja, a história de Marjorie

de Rennaud poderia ter sido contada por outro sujeito ou narrador que não fora nominado no romance. Entretanto, o gênero diário perderia a sua vivacidade, pois neste gênero textual o narrador é protagonista e conta aquilo que é mais íntimo que não caberia a todos vir a saber, são memórias individuais.

Além das diferentes proposições da memória, como, memória e do esquecimento, memória como lembrança do passado e das memórias individual e coletiva outra categoria conceitual evidente em **O Diário de Marjorie: memórias de uma travesti** (2014) é poder. Poder enquanto algo exercido, efetuado que impulsiona um novo agir “como uma máquina social que não está situada num lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação” (FOUCAULT, 2017b, p. 17-18). Esse conceito parece ser o mais apropriado para o romance de Marcos Soares, visto que, desde, a infância aqueles que estão no entorno de Aglailson/Marjorie procuram dominá-lo, embora ele procure resistir e para não se deixar dominar aja com violência contra o outro.

De um modo geral, o pai, os meninos da escola, a prostituta Boca de Veludo, o caminhoneiro, o professor e o Dragão, todos procuram dominar o corpo frágil e feminilizado de Aglailson, no entanto, ele procura resistir. Aglailson/Marjorie recusam a autoridade do outro sobre o seu frágil corpo, nem que para isso submeta o outro ao constrangimento público como fizera com o professor que o ofendera e fizera-o desistir do curso de Secretariado na faculdade. Por isso, pode ser dito que ele “é um corpo disciplinado com seus momentos de indisciplina” (XAVIER, 2007, p. 69), quando ele foge da casa paterna, morde, bate em Severino, vinga-se do professor e afronta o Dragão. Desses episódios, menciona-se:

*Boca de Veludo* me jogou em cima do colchão de capim daquele quarto repugnante, tirou minha camisa e baixou meu calção. Eu não usava cueca, nunca usei pois, na infância, meu pai não comprava; depois, passei a usar calcinhas, que realçavam melhor minhas curvas. O forro do colchão já estava gasto e o capim arranhava meu corpo. *Boca* despiu-se também. Seu corpo se encontrava desgastado pela falta de cuidados e também pelo tempo – já tinha oito anos de experiência, como ela própria havia dito, com todo o orgulho de quem executava bem o seu ofício. Começou a me lambe e a me beijar, passeando seus lábios e a sua língua sobre meus mamilos. Pegou meu pau e começou a movimentá-lo. Pegou minha mão e a pôs sobre a sua boceta cabeluda, que parecia uma aranha caranguejeira. Pediu-me para massagear seu clitóris – o seu pinguelo como ela mesmo chamava. Boca cheirava a remédio e tinha as axilas brancas. Eu não resisti àquela tortura: belisquei-lhe o clitóris desenvolvido e comecei a chorar. Ela me olhou furiosa, vestiu o vestido amarelo, desbotado com o tempo, calçou as chinelas rasteiras, como era a sua vida naquele fim de mundo e ordenou que eu me vestisse. Eu obedeci prontamente, agradecendo por ela pôr um fim àquela tortura física e psicológica. Antes de sair do quarto, ela pegou nos meus ombros, balançando-os, e olhando fundo nos meus olhos, perguntou, quase me cuspiendo:

- Tu não gostas de mulher?

Fiquei em silêncio. O silêncio é, às vezes, nossa melhor arma. Então, ela mesma concluiu:

- Mais um veadinho para roubar nossos machos (SOARES, 2014, p. 3-4).

Mediante o fragmento acima pode ser afirmado que o ato de levar o filho ao prostíbulo para ser iniciado no universo da heterossexualidade, mesmo sabendo que esta não era a sua vontade, já que ele tinha sido flagrado usando as anáguas da tia, a qual era também sua madrasta, é lido como um ato de violência contra o corpo do menino. Outro elemento particular da violência é o modo como a prostituta age com relação a ele, ela não pede autorização a ele para manipulá-lo, ela o usa como usava aos outros homens, que ali chegavam à procura do sexo, no entanto, é um corpo masculino de 13 anos de idade sem nenhum interesse sexual pelo sexo oposto. Isto é, o pai e a prostituta agem contra a vontade dele, ele não foi ao prostíbulo porque quis, fora levado pelo pai que não queria um filho “viado”, era essa uma forma de mostrar a autoridade do pai sobre o filho, tornar o filho um objeto obediente aos seus comandos.

Ainda no tocante a esse exercício do poder do outro, sobre o corpo de Aglailson, está a força de Boca de Veludo, a prostituta, ela joga-o na cama, ela tira as roupas dele, ela inicia o jogo sensual pré-relação sexual, com as lambidas e beijos sobre o corpo pueril do narrador. É ela mesma quem conduz a viagem da mão dele pelo corpo dela, a fim de que ele possa desvendá-lo, porém, ele por não concordar reage, beliscando-a no clitóris e chora para demonstrar que não concorda com a molestação do seu corpo e, essa recusa à dominação a faz chamá-lo “veadinho” e concluir que ele não gostava de mulher. No caso, ela não consegue disciplinar o seu corpo de menino para transformá-lo homem, ele não se deixa trair, sabe da sua orientação sexual já a tinha iniciado com os meninos da escola, incluindo o Eriberto que era de quem ele mais gostava. Desse modo, o poder é percebido como:

O adestramento do corpo, o aprendizado do gesto, a regulação do comportamento, a normalização do prazer, a interpretação do discurso com o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar, hierarquizar, tudo isso faz com que apareça pela primeira vez na história esta figura regular, individualizada – o homem – como produção do poder. Mas também, e ao mesmo tempo, como objeto de saber. Das técnicas disciplinares, que são técnicas de individualização, nasce um tipo específico de saber: as ciências do homem (FOUCAULT, 2017b, p. 26).

Em razão do exposto, na teoria filosófica, afirma-se que o prostíbulo funciona como uma espécie de dispositivo que regula e produz homens heterossexuais e, *Boca de Veludo*, a agente principal dessa rede produtiva, capaz de ensinar aos adolescentes, à medida que controla todos os movimentos do menino a quem devia iniciar nas artes do sexo. O adestramento do corpo do menino devia acontecer porque essa era a intenção do pai, quando quis levá-lo naquele ambiente, inclusive ele, enquanto aguarda ao filho, recebe carinhos de uma outra prostituta que presta seus favores lá, porém, a sua tentativa fracassa, porque o filho não se deixa subalternizar. Por se sentir contrariado o pai bate-lhe na face, na frente de todas

as mulheres que ali estavam: “Meu pai olhou para mim e me deu um tapa na cara, dizendo que era para eu aprender a ser homem” (SOARES, 2014, p. 4).

A imposição da disciplina sobre o corpo de Aglailson aparece em mais momentos da narrativa, seja quando ele foge de casa, pega carona com um caminhoneiro, que viajava para o Recife e, no fim da viagem, é abusado sexualmente, ao se travestir e passar a fazer programas para sobreviver e na descida ao Hades. Deste último diz-se: “O corpo se encontra ali em posição de instrumento ou de intermediário; qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório visa privar o indivíduo de sua liberdade considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem” (FOUCAULT, 2014, p. 16). Neste sentido o corpo de Marjorie precisa se subalternizar, obedecer a uma voz de comando, ela é só um corpo frágil abusado sexualmente, na adolescência, por um homem adulto, pois teme que ele a jogue ribanceira abaixo.

Na prisão, é um corpo aprisionado que precisa obedecer às regras que lhes são impostas, trabalhar para os demais companheiros de cárcere e para o governo, ela não tem o domínio de si, nada pode exigir, pois a prisão tem o papel de tornar os corpos indóceis em dóceis. É papel do sistema prisional retrainar os corpos, discipliná-los, nesta perspectiva, afirma-se que “o encarceramento penal, desde o início do século XIX, recobriu ao mesmo tempo a privação da liberdade e a transformação técnica dos indivíduos” (FOUCAULT, 2014, p. 225). Sendo assim, embora num primeiro momento, exploda e ameace os que ali estavam para não ter o seu corpo abusado sexualmente, aos poucos ela se transforma, é treinada tecnicamente como afirmou o filósofo.

No pavilhão cinco eu era a única travesti. O agente me levou à cela 134 e me jogou como se joga um saco de lixo em um terreno baldio. A cela tinha capacidade para quatro pessoas, mas havia sete, com apenas quatro beliches com pedaços de espuma e jornais velhos, e um varal próximo do banheiro onde pendurava as roupas. O banheiro tinha porta, um vaso sanitário sem tampa, azulejos azuis e um basculante, por onde conseguíamos ver os primeiros raios do sol e, à noite, algumas estrelas perdidas no espaço. Na primeira noite, tentaram me violentar, mas não conseguiram. “O cacete comeu”, encontrei uma garrafa de cachaça escondida entre os jornais, quebrei e ameacei o primeiro que se aproximasse de mim. Passei a noite em claro. Só consegui dormir quando os outros foram para o banho de sol e eu fiquei sozinha. Dormi três horas.

Quando eles voltaram, eu tinha dado uma geral na cela, organizado tudo. Eles ficaram observando aquela arrumação, teve um engraçadinho que chegou a comentar que estava parecendo casa de boneca. Lembrei-me que a única peça teatral a que assisti com meus pais franceses, se chamava *Casa de Bonecas*, era da autoria de Henrik Ibsen e denunciava a exclusão das mulheres na sociedade burguesa. Os outros presos pediram para ele aliviar, porque eu estava querendo ajudar. Mas adverti a eles que o gargalo da garrafa estava bem guardado, se alguém viesse mexer comigo, ia levar. Não sei onde fui buscar aquela coragem, mas foi ela que me fez impor no meio daqueles homens sem destino, sem amanhã (SOARES, 2014, p. 75).

Como visto acima, Marjorie, a narradora-protagonista, relata nas suas memórias o modo como chegou ao presídio e fora recepcionada por seus novos companheiros da cela 134, pavilhão cinco e, para reagir à hostilidade e tentativa de abuso usa da esperteza, quebra uma garrafa encontrada entre os jornais que ali havia. Usa-o como arma de defesa para garantir, desse modo, a sua integridade física e moral, não aceita a violação do seu corpo. Isso faz recuperar o imaginário popular de que as travestis pertencem ao subgrupo mais violento entre os homoafetivos, entretanto, se lê aqui que essa violência externada por elas é uma forma de resistência às provocações do meio. Por isso, recupera-se o fragmento: “Travestis se veem obrigados a reafirmar a cada instante seu direito de ocupar o espaço público. Elas sabem que, a qualquer momento podem se tornar alvo de agressão verbal e/ou violência física por parte daqueles que se sentem ofendidos pela simples presença das travestis nesse espaço” (KULICK, 2013, p. 47).

Mais uma vez Marjorie não se deixa contrariar, reage à violência dos seus companheiros de cela que a consideravam mais frágil por se tratar de uma travesti, fica sem dormir na primeira noite, só dormindo um pouco na manhã seguinte. Desse modo, percebeu-se que o corpo aprisionado “também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (FOUCAULT, 2014, p. 29). Como visto no excerto anterior o corpo do prisioneiro está sujeito ao governo do outro, pode ser controlado e não deve reagir a isso, precisa se conscientizar de que errou socialmente e com isso cabe aceitar o peso do político sobre si. No caso, Marjorie fica sujeita a obedecer às ordens do outro, dos chefes, inclusive precisava pagar aos agentes prisionais para não atrapalharem os programas que ela começara a fazer, o que de certo modo, expõe as debilidades do humano e do sistema penitenciário brasileiro.

É assim que Marjorie depois de reagir, volta a si e passa a fazer todas as vontades daqueles com poder de mando dentro do presídio, o que eles desejavam, ela fazia, fosse a limpeza das celas, lavar as roupas sujas, os afazeres domésticos estereotipados como pertencentes ao feminino. Isso pode ser observado quando ela narra: “Durante o dia eu ralava cuidando da minha cela e das outras celas do meu pavilhão a pedido do chefe. Existiam seis celas no pavilhão. Então, a cada dia, eu passava em uma para dar uma geral, lavar as roupas deles. Só passava a do chefe, pois ele tinha um ferro escondido. Deixava as celas bem limpinhas” (SOARES, 2014, p. 78-79). Além das atividades mencionadas e se considerar a “gata borralheira” daquele Hades, supria a carência sexual de muitos deles, de policiais e agentes prisionais os quais careciam dos serviços sexuais prestados por ela.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita (FOUCAULT, 2014, p. 135-136).

Em virtude do exposto pelo filósofo percebeu-se que o corpo indócil de Marjorie agora com a disciplina do cárcere torna-se dócil, aceita lavar, passar, limpar as celas, deitar-se com os homens que ali estão em troca de dinheiro, segurança, proteção. Ela é um corpo útil para a organização deles, ela é discreta, sabe que o chefe tem um ferro de engomar escondido, mas não delata, paga aos agentes prisionais e dinheiro e com o sexo para que eles a deixem continuar na prostituição e movimentar o mercado do sexo na prisão. Nesta perspectiva, Marjorie parece refutar o senso de liderança, mesmo que tenha assumido a administração da sua após um mês na prisão, ela sabia ainda que ali todos eram ruins, inclusive os chefes precisavam sê-lo para que se fizessem temidos e respeitados. Por isso, exclama: “Depois de um mês na prisão, fui promovida a gerente da cela pelo novo chefe do pavilhão; [...] O novo chefe do pavilhão também era um cara ruim; para assumir uma liderança naquele Hades não podia ser bom. Agora existia gratidão” (SOARES, 2014, p. 76).

Por sua vez, a conquista da liderança a partir da designação do chefe demonstra que Marjorie não quer mandar mais que os outros homens ainda que saiba que existirá momentos em que precisará se impor como fizera na primeira noite em que chegou ao Hades, não há ali uma disputa de poder ou territórios entre heterossexuais e travestis (homoafetivos). Isso a favorece diante deles, pois ela conquista a confiança dos homens que por ali circulam é assim, por exemplo, que ela fica sabendo dos planos de Giba Pé de Mesa para dar cabo à vida de Dito e este poder-saber é tornado útil para que ela usasse da sua inteligência e elaborasse o plano de morte dos inimigos e, por conseguinte, a sua. E com isso, salvasse a vida daquele a quem ela amou depois de Eriberto – Dito, e desse a ele a liberdade e a passagem para que o mesmo fosse para a França e fizesse a viagem que ela sonhara um dia fazer. Por essa razão, ressalta-se que o poder é inscrito por diferentes instrumentos sobre o corpo dos sujeitos, que a liberdade é também política, uma vez que a alma pode ser considerada como parte desta

estrutura e como aprisionamento do corpo, assim, os corpos que entram indóceis no universo prisional podem ser docilizados, treinados no novo meio.

Outra categoria conceitual evidente na obra analisada é o travestismo, identidade dada à narradora-protagonista desde quando ela completara dezesseis anos, porém, ainda aos 13 anos, ao deixá-la na capital pernambucana, o caminhoneiro já dera a Aglailson a sugestão de que ele se vestisse de mulher. Antes, os meninos da escola da professora Fernanda já tinham dado a ele o apelido de Marjorie, nome que a princípio se sabia apenas tratar de uma prostituta francesa que habitara o Recife e fora morta pelo amante. Fato esse que só é sabido inteiramente pelo leitor quando Marjorie estava no segundo período da Faculdade e faz uma visita dirigida ao Arquivo Público do Estado. Por outro lado, quando se trata da formação da identidade da travesti, acrescenta-se:

A subjetividade travesti torna-se possível e desejável apenas porque se acredita haverem conexões entre o corpo físico de uma pessoa (seu papel social e sua posição cultural) e sua atividade sexual. Dito de outro modo, a subjetividade travesti é o resultado – e ao mesmo tempo à incorporação e a efetuação – de uma certa configuração de sexo (biológico), gênero e sexualidade, configuração que é específica da sociedade na qual as travestis vivem. Para descrever e compreender a subjetividade travesti é necessário, então, reconhecer com clareza o modo como se configuram sexo, gênero e sexualidade. Além disso, é preciso determinar de que modo tal configuração fornece o quadro conceitual com base no qual os indivíduos podem entender e organizar seus próprios desejos, corpos e relações afetivas e físicas e papéis sociais (KULICK, 2013, p. 235).

Isto ocorre porque desde cedo todos notavam características femininas no corpo de Aglailson, sua subjetividade já o impulsionava a tal comportamento, por isso, ele mesmo chegara a se interrogar: “Seria realmente um pecado um sujeito que nasceu homem com corpo de homem e alma de mulher e o desejo de querer fazer sexo com homens?” (SOARES, 2014, p. 2014, p. 1). A pergunta da narradora-protagonista soa como retórica, visto que até à contemporaneidade nada se tem de concreto sobre a origem da homoafetividade. Há também as constantes associações com o feminino, seja nos apelidos dados pelos três mosqueteiros na escola, o trajar-se com as roupas femininas, Aglailson fora pego pelo pai vestindo anágua e sutiã da madrasta e o relacionamento com Eriberto. Desse modo, as memórias de Marjorie se assemelham às de Mabel, travesti presente nos estudos etnográficos do antropólogo Don Kulick, que segue transcrito:

Mabel tinha 11 anos quando tudo aconteceu. Seu “marido”, Paulo, tinha 13. A história desse primeiro encontro amoroso evoca um tipo de experiência compartilhada por quase todas as travestis. Sempre que olham para trás, para a infância, buscando os indícios que podem tê-las feito virar travesti, o que aparece mais nitidamente e de maneira mais elaborada é o tema da atração por homens e do prazer proporcionado pelas brincadeiras sexuais com seus jovens parceiros (KULICK, 2013, p. 71).

Assim, interessa-nos pensar a alma feminina que a protagonista sustenta tê-la, brincava com as meninas da escola na hora do recreio, era efeminado e tinha traços de menina e ainda criança trocava juras de amor com Eriberto, inclusive de se casarem, nisso ele a sugeria que se vestisse de mulher quando adulta e a chamava por um nome feminino. No entanto, é somente aos dezesseis anos, três anos após a chegada ao Recife, já com o dinheiro ganho pelas ocasiões em que esteve na cama de Detlef que ela parte para a transformação do seu corpo, decide colocar silicone nos seios e, para isso procura por uma travesti que indique alguém que preste tal serviço e assim encontra com Verônica Vera. A intervenção pretendida era parcial, queria apenas pôr silicone nos seios, como notado em: “Perguntei-lhe onde eu poderia colocar silicone nos peitos (porque na bunda e no rosto não precisava, tinha quadris largos, bunda bem desenhada, além de um rosto feminino e as maçãs do rosto próprias para um bom pó)” (SOARES, 2014, p. 18).

Nota-se que Marjorie já possuía partes do corpo às quais não careciam de correções/intervenções para melhorá-las, ela sabia que tinha bunda, rosto, só lhes faltava seios volumosos que pudessem tornar o seu corpo mais próximo do feminino. Embora naquele momento ela não tivesse consciência do que representava esse desejo dela, mais tarde, confessa: “Hoje com a consciência que tenho, vejo o quanto o peito de uma mulher simboliza o seu universo canalizador de sentimentos e de força, liberdade e vitória” (SOARES, 2014, p. 19). Para exemplificar melhor a necessidade que a mulher tem de ter seios, do quanto esta parte ornamenta e revela o erotismo de um corpo feminino, ela ainda recorre à citação dos versos de Théophile Gautier nos quais é descrita a mutilação dos seios de Santa Cacilda, por isso cita:

E os seios já mortos, belos lírios, cortados em flor,  
Branco como os pedaços de uma Vênus de mármore,  
Numa bacia de prata jazem ao pé de uma árvore.  
Mas a santa em êxtase, esquecendo sua dor,  
Como nos braços de um amante, de volúpia se desfalece,  
Pois, aos lábios do Cristo, ela suspende sua alma. (SOARES, 2014, p. 19).

Neste sentido, parece ser um ponto de vista comum entre as travestis a “ideia básica de que é perfeitamente legítimo buscar todos os meios para melhorar a aparência e ficar mais bonita. E todas que participavam da conversa haviam modificado drasticamente a aparência e o corpo com o auxílio de hormônios e silicone” (KULICK, 2013, p. 210). Por outro lado, essas intervenções no corpo em vez de trazer a beleza podem ter efeito reverso como fora o caso de Verônica Vera, que tem um seio flácido e menor porque o silicone do seu seio esquerdo descera para o abdômen e testículos. Esta ainda cita um outro caso, o da travesti

acreana, Carmen Maura, 21 anos, morava no Rio de Janeiro, levava 61 picadas para inserir nas nádegas dela e teve os poros fechados com esmalte de unha e após três dias teve trombose, a substância descera para as pernas e outras complicações que a deixaram numa cadeira de rodas. Esses foram exemplos citados por Verônica à Marjorie para tentar dissuadi-la de procurar por uma intervenção e/ou mutilação de seu corpo, pois ela percebera que Marjorie mentira sobre a sua idade. Por isso, vale considerar que:

Circulavam entre as travestis algumas histórias horrendas sobre bombadeiras de outras cidades que só pensavam no dinheiro e nem se preocupavam com a pessoa que estava sendo bombada. Elas despachavam as travestis tão logo terminava a injeção, sem nenhuma indicação dos cuidados pós-silicone. Mentiam sobre a quantidade aplicada – dizendo terem bombado seis copos, por exemplo, quando na verdade haviam colocado apenas cinco, guardando o restante para si mesmas (tal prática chamava-se “quebrar o copo”). Contava-se que algumas bombadeiras chegavam a colocar álcool na seringa com o intuito de criar um abscesso nessa ou naquela travesti de quem não gostavam por qualquer razão.

As travestis que desejam colocar silicone precisam se basear nas experiências que outras travestis tiveram com determinadas bombadeiras para fazer a melhor opção. Mas o único fator realmente importante na escolha de uma bombadeira tem a ver com os resultados obtidos no corpo. Sempre que uma travesti aparece com silicone novo em algum lugar do corpo, as outras perguntam quem “fez”. Se chegarem à conclusão que o corpo feito por essa bombadeira teve um resultado particularmente bem-sucedido, irão procurá-la também. Em cidades maiores, como Rio e São Paulo, as bombadeiras mais famosas guardam um book de fotografias das travestis que tiveram os corpos feitos por elas. Assim podem solicitar às novas clientes que escolham, pelas fotos, que tipo de corpo gostariam de ter (KULICK, 2013, p. 95).

Em virtude dos argumentos acima expostos vê-se que a travesti sonha em corrigir as distorções as quais considera ter no corpo a fim de que se aproxime ainda mais do feminino, sobretudo em relação aos seios, uma vez que estes, simultaneamente, representam liberdade e vitória. Para conseguir isto, elas são capazes de correr todos os riscos, inclusive a maioria delas por ter baixo poder aquisitivo acaba por procurar as populares “bombadeiras” que são profissionais não especializadas, mas ainda assim praticam o ofício ilegal da medicina estética, geralmente, técnicas e auxiliares de enfermagem, como é o caso da Cilene, a bombadeira que fez a aplicação de Marjorie. Outro elemento do real que se vê na ficção é a procura por ajuda, Marjorie busca saber de Verônica Vera, e esta, como bom exemplo, trata de expor os problemas os quais podem surgir a partir deste tipo de intervenção.

Por último, percebeu-se que há marcas da escrita de si por toda a narrativa, do título ao poema final, pois é a voz da narradora-protagonista que dá os tons ao escrito, são as suas emoções e subjetividades que estão expostas a cada linha e/ou parágrafo. O gênero textual diário, a opção de narrar pelo viés memorialístico, tudo contribui para mostrar que há muito os sujeitos homoafetivos, em particular, as travestis, têm lutado para serem vistas como sujeitos políticos e, por isso, têm produzido discursos, poemas e outros manifestos contrários

à hegemonia da heterossexualidade. Ressalta-se que não é uma briga para se provar quem é melhor ou pior, quem é o mais hábil, é uma luta interna entre homens por dignidade e respeito, não a orientação ou a identidade sexual que deve ser usada como critério para incluir ou excluir pessoas na esfera social.

No caso, dar a voz a uma travesti, presidiária, pobre, que não chegara a concluir o ensino superior, que começa a narrar suas memórias com quase 26 anos e só conquista a liberdade com a morte três anos e dez meses depois após descer ao inferno do universo prisional. Em particular, na passagem do milênio, quando muitos estavam desesperados cogitando que o mundo fosse acabar ela acaba com as suas dores; outra leitura que pode ser feita é a de que a morte com o fogo significa a purificação da alma, sobretudo, nessa data tão dotada de símbolo. Pode simbolizar ainda a chegada de um novo tempo para a comunidade homoafetiva, um tempo de liberdade no qual suas identidades pudesse conquistar o respeito da coletividade.

Neste invólucro de esperança que se enchia com a chegada de um novo milênio havia esperanças de uma nova vida, vida esta que pode ser a redenção da morte, uma vez que as memórias se iniciam quando Marjorie evoca a lembrança da surra que levava do pai em pleno Domingo de Páscoa, data representativa de uma nova vida, isso une os dois fios da narração. É dentro de um recorte pontual da abordagem dos Estudos Culturais e da corrente da crítica da literatura de minorias étnicas e sexuais, enquanto critério metodológico, buscar meios de descolonizar uma lógica colonial instaurada pelo cânone literário há séculos. Por isso, ressalta-se:

No Brasil, comumente ouvimos esse tipo de crítica em relação ao conceito, porque os críticos partem de indivíduos e não das múltiplas condições que resultam nas desigualdades e hierarquias que localizam grupos subalternizados. As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratadas de modo igualmente subalternizado, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente. Isso, de forma alguma, significa que esses grupos não criam ferramentas para enfrentar esses silêncios institucionais, ao contrário, existem várias formas de organização políticas, culturais e intelectuais (RIBEIRO, 2017, p. 63).

Consoante o excerto as identidade subalternizadas precisam ser debatidas, tratadas de modo humanizado, sobretudo aquelas consideradas como oprimidas durante séculos, pois esse debate tem por função deslegitimar essa pretensa superioridade do poder colonizador e dar voz àqueles subalternizados. Porque a partir desse modelo de escrita o subalterno, principalmente, o homoafetivo, o pobre, o presidiário, a travesti pode falar, contar suas memórias. Por sua vez, entende-se como subalternizadas “as camadas mais baixas da

sociedade constituída pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2014, p. 14). Conforme o fragmento da autora e a escrita das memórias de

Neste aspecto, percebeu-se que Marjorie, a princípio, fora uma criança extremamente pobre, com apenas uma cabra para tomar dela o leite quando esta era pequena, mas logo o pai, por dificuldades financeiras vendera a cabra e o menino ficou sem o leite, trabalhara como carregador de feira. Após a fuga de casa, fora vendedor de caldos ao chegar a Recife e mais tarde com a prostituição e a família adotiva ascende socialmente, inclusive chega a cursar alguns períodos da faculdade. Mas, depois de perder os pais, como eles não lhes deixaram herança, volta à prostituição e recebe a proposta de traficar drogas para fora do País, em particular, para a França, lugar que ela sonhara conhecer e, é denunciada pelo próprio traficante. Ele se apresentara a ela com o codinome Dragão, no entanto, o seu propósito era somente se vingar dela, uma vez que meses antes ela, na noite em que comemorava seus 25 anos, encontrara-o numa boate e lá para responder a uma provocação metera o dedo no copo de uísque dele, como descrito a seguir.

Depois de cinco doses de tequila, que tomei influenciada por Verônica Vera, precisei ir ao toailete. Ao passar em frente à área V.I.P., vi um grupo de seis pessoas, dois homens e quatro mulheres, tomando champanhe e uísque. Um dos homens, bem musculoso, com um cordão grosso no pescoço e um medalhão onde estava a figura de São Jorge olhou para mim, riu e fez um comentário para o homem que estava ao seu lado. Quando voltei do toailete, respirei fundo, entrei na área onde eles estavam. Fui ao devoto de São Jorge, meti meu dedo indicador no seu copo de uísque importado, mexi o gelo do copo, coloquei uma pedra de gelo no dedo e saí chupando o gelo de forma bem sensual, como uma atriz francesa da Nouvelle Vague. Aquele ato de ousadia custou a minha liberdade (SOARES, 2014, p. 70).

O custo dessa ousadia da narradora-protagonista é o seu aprisionamento, o que é tornado evidente, no momento em que ela ainda está no hospital onde tinha sido internada para fazer uma raio-X do tórax e tomar um laxante para expelir as 45 cápsulas de cocaína que ingerira. Lá, no café da manhã, pouco antes de descer para o presídio recebera um bilhete escrito em um dos guardanapos, no qual estava escrito: “*Nunca mexa no copo de uísque de um estranho, não provoque jamais o Dragão de São Jorge, guerreiro. Boa temporada!*” Tive vontade de vomitar naquele guardanapo, mas não podia, precisava alimentar meu corpo para enfrentar aquele mundo de cão” (SOARES, 2014, p. 74, *itálico do texto original*). A descida de Marjorie e o seu aliciamento para o mundo do crime, aliciada para ser mula por um sujeito a quem ela não conhecia traz duas consequências – descer ao inferno do Hades e confessar as suas memórias, sendo a segunda a mais importante delas, sobretudo, à luz da sua voz e punho.

#### 4.4 O poder do outro sobre o corpo gay em *Stella Manhattan*, de Silvano Santiago

*Sorria, Stella, sorria, vamos sorria. Não deixa a peteca cair. Up, up. Cavalinho alazão, upa, upa. Olha o astral. A vida é bela.*

Silvano Santiago

Sobre o crítico e romancista, Silvano Santiago, pode ser afirmado que ele é mineiro, nascido em 1936, na pequena cidade de Formiga, graduou-se em Letras Neolatinas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 1959, e doutorou-se em Literatura Francesa na Universidade de Sorbonne, com a tese “*La genese des Faux-Monnayeurs de André Gide*”, em 1968. No campo da produção literária de temática homoafetiva destacam-se as obras – **Stella Manhattan** (1985), **Keith Jarret no Blue Note: improvisos de jazz** (1996), **Heranças** (2008), **Mil Rosas Roubadas** (2012), **Machado** (2016). Além dessas, ele escreveu outros romances e contos – **O banquete** (1970), **O olhar** (1974), **Em liberdade** (1981) e **O Falso Mentiroso: memórias** (2004). Também é ensaísta, tendo publicado nessa categoria – **Carlos Drummond de Andrade** (1976), **Uma literatura nos trópicos** (1978), **Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais** (1982), **Nas malhas da letra** (1989), **O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural** (2004), **Genealogia da ferocidade** (2017).

A obra de Silvano Santiago já foi traduzida para vários países, assim como objeto de tese não só no Brasil, ele foi ainda professor em diversas universidades estrangeiras, como a Universidade de Nova York. Recebeu o Prêmio Jabuti com a obra **Em liberdade** (1981) e em 2017, pela publicação do romance **Machado** e também como Livro do Ano; em 2013, o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua produção literária e; o Prêmio Oceanos em 2015 e segundo lugar em 2017, além de já ter recebido do governo francês o título de *Chevalier dans l'Ordre des Palmes Académiques*. Atualmente é professor Adjunto I da Universidade Federal Fluminense (UFF) cedido para a UFRJ, na qual é diretor do Instituto de Letras e Coordenador do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC).

O romance **Stella Manhattan**, foi publicado originalmente em 1985, dividido em três partes, narra a história do jovem Eduardo da Costa e Silva através das memórias do narrador em terceira pessoa e que é onisciente e onipresente, já que sabe tudo da narrativa e parece estar em todos os lugares (GANCHO, 2006). É narrador em terceira pessoa porque “está fora dos fatos narrados, portanto seu ponto de vista tende a ser mais imparcial. O narrador em

terceira pessoa é conhecido também pelo nome de narrador observador” (GANCHO, 2006, p. 20), além disso, o romance apresenta personagens classificados como dobradiças, porque eles se movem tal qual esse objeto, isto é, estruturas as quais se movem continuamente sem que haja um ponto fixo, tampouco se fecham. Estas marcas podem ser observadas no fragmento que segue:

Stella Manhattan cantarola a canção enquanto abre a janela da pequena sala do apartamento em que mora, e logo em seguida respira o ar frio e poluído da manhã de outubro em Nova York. Incha e desincha os pulmões e o corpo quente exala uma compacta nuvem de fumaça pela boca como se fosse outdoor de cigarro ou de ferro de engomar na Times Square. *Wonderful morning! What a wonderful feeling!* Cantarola em silêncio. Quando expira, Stella abre os braços e fecha os olhinhos amendoados e saudosos de sol tropical e calor carioca, e a fumaça sai arredondada e com langor preguiçoso dos lábios, compondo a palavra “sa-úúúúúú-de”, bordando dolentemente o ú, com parada brusca de ginasta na sílaba final, e Stella continua, antes de inspirar de novo, olhinhos abertos e brejeiros de odalisca South of the border: “Muita saúde, muito sexo e muitos anos de vida para gozar”. Abre os olhos, inspira; fecha os olhos, expira “sa-úúúúúú-de” (SANTIAGO, 2017, p. 15-16).

Consoante o fragmento percebeu-se que o narrador está presente na ação, entretanto, o seu papel é o de espectador da ação, ele percebe até os movimentos que Stella faz para inspirar e expirar, está tão próximo que sabe que o corpo dela está quente e ainda que da boca da personagem sai fumaça. Por sua vez, chama-se de narrador dobradiça aquele que “funciona de maneira ambivalente, como uma dobradiça entre a ficção e o ‘real’, termo que o próprio Silviano utiliza em homenagem aos **Bichos**, de Lygia Clark e **La Poupée**, de Hans Bellmer” (KLINGER, 2007, p. 56). A autora ainda esclarece que essas referências dão-se, a priori, pela desconstrução e mutilação das bonecas de Hellmer, as quais apresentam diversas poses e a possibilidade de articulação e manipulação dos bichos na obra de Clark. Acerca dessa homenagem aos trabalhos dos artistas, o romance de Silviano Santiago através da conversa entre o professor Marcelo e Aníbal declara:

Escuta de longe os comentários de Marcelo em aparente descaso, como um marido que, de repente, é obrigado a ficar escutando imperturbável a conversa entre a mulher e o convidado.

“Gosto de Albers. Me lembra coisas de Lygia Clark. Só que, na sua série dos Bichos, Lygia foi mais longe, misturou a precisão geométrica de Albers com a sensualidade orgânica das bonecas de Bellmer. Albers ficou sempre nos jogos tridimensionais dentro da superfície bidimensional. Lygia descobriu a dobradiça que deixa as superfícies planas se movimentarem com a ajuda das mãos do espectador. Os olhos veem depois para apreciar a combinação conseguida. Que cada um conseguiu.” (SANTIAGO, 2017, p. 131).

O excerto evidencia que a citação das artes de Lygia Clark e de Hans Bellmer contribui para reforçar o diálogo existente entre a arte literária e as outras artes, área de estudos, à época da narração, pouca estudada. O uso da referenciação à obra de outros artistas

pode se ancorar no argumento de que uma “obra de arte que provoca a participação do espectador favorece um *continuum* do desejo que funde sujeito e objeto, tornando a distinção entre eles fisicamente obsoleta” (POSSO, 2009, p. 42). É esse poder que o narrador de **Stella Manhattan** tem de manipular o seu leitor que permite a percepção acerca das mudanças de perspectiva das personagens, as quais só pode haver se houver a contemplação, o contato próximo com a narrativa, mesmo que, a princípio, nem o leitor, tampouco a personagem perceba como ela é movimentada pelos outros. Pode se afirmar, também, que essa dobradiça pode ser contemplada nos movimentos das personagens do romance, conforme o excerto abaixo.

Estacionado no mesmo lugar, o professor finge desinteresse pela divagação de Marcelo. Fixa os olhos num ponto misterioso do espaço como se lá estivesse acontecendo o que importava. O resto era circunstancial e portanto desprovido de interesse.

“Lygia requer primeiro o tato do espectador”, continua Marcelo, “só depois a visão. O sensualismo do contato do corpo com a obra de arte, do desejo com o objeto para poder melhor compreendê-lo. O ideal é que a obra de arte seja consumida por todos os cinco sentidos ao mesmo tempo.” (SANTIAGO, 2017, p. 131).

A narração de *Stella Manhattan* é imprevisível, ainda que o leitor elabore o seu horizonte de expectativas em consonância ao proposto por Hans Robert Jauss na estética da recepção, ele é sempre quebrado, as dobradiças da narração e das personagens confluem para este direcionamento do texto. Isso ocorre em virtude de “a manipulação do artefato por parte do espectador e a resposta do artefato a essa intervenção através de movimentos articulados imprevisíveis, seduzindo o espectador para futuras atividades, resulta num embaçamento cinético do binarismo do sujeito e do objeto” (POSSO, 2009, p. 42). Essa movimentação demonstra que a personagem nunca reside sobre um único ponto tampouco pode ser analisada como uma figura estática, embora esse movimento represente-a como parte de um jogo de poder no qual as personagens se encontram imersas. Para dar ênfase a esse recurso usado como estratégia para a criação da maleabilidade na estrutura romanesca o autor assume a voz de Marcelo se vale do recurso metatextual e fala ao professor Aníbal:

“Quero fazer um poema, um livro, onde a apreensão pelo tato seja o que importa. Pedir ao leitor que pegue as palavras com as mãos para que as sinta como se fossem vísceras, corpo amuado, músculo alheio em tensão. Que as palavras sejam flexíveis, maleáveis ao contato dos dedos, assim como antes, na poesia clássica, elas eram flexíveis e maleáveis quando surpreendidas pela inteligência. Quero que a polissemia poética apareça sob a forma de viscosidade. Que não haja diferença entre apanhar uma palavra no papel e uma bolinha de mercúrio na mesa.” (SANTIAGO, 2017, p. 131-132).

Consoante o exposto acima o narrador demonstra haver um jogo de poder na linguagem empregada na construção da narrativa, empenho esse para tornar a escrita mais

próxima da percepção das outras artes, inclusive das sensações táteis, como provocação à desconstrução dos sujeitos. Desconstrução que assume uma carga de sadismo, na qual há um corpo gay, abjeto, nocivo à esfera social e aos costumes da família patriarcal e cristã, sobretudo quando comparadas às bonecas. Porque na infância é natural a destruição destas depois de muito manuseadas, assim, elas podem ser vistas como corpos que não conseguiram serem postos em lugares determinados, no caso dos homoafetivos, os armários, lugar onde devem continuar submissos e sem uma identidade subversiva. Por outro lado, a não obediência a ocupar o espaço indicado pela heteronormatividade confere à família o poder de afastá-lo desse núcleo familiar, incluindo aí um tratamento desumanizado ou o esquecimento total do sujeito como ocorre com Eduardo/Stella.

Deve-se ressaltar que movimento das personagens, nas diversas ações da narrativa, envolve a concepção de poder como sendo “uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir” (FOUCAULT, 2017b, p. 45). Por isso, quando se trata do poder do outro, inclusive sobre o corpo de Eduardo/Stella nem todos os outros personagens que com ela têm alguma relação querem dela se aproveitar ou reprimir as suas ações, por exemplo, a Bastiana, o Paco e Rick. Há também aqueles que sentem medo da protagonista, como é o caso da vizinha que morava no apartamento do prédio da frente e ficava a espreitar a vida de Stella e a protagonista sabia das ações da vizinha e esta sabia que aquela tinha conhecimento desse comportamento pernicioso, conforme visto em: “Stella percebe, como não ia deixar de perceber? A velha vizinha de frente que o observava entre assustada e medrosa por detrás da vidraça de seu apartamento” (SANTIAGO, 2017, p. 16).

Observou-se no fragmento que Stella embora fosse observada pela vizinha não deixa que a força desta se imponha sobre ela, pois não silencia e nem deixa de continuar suas ações, como o abrir à janela como se representasse uma personagem de uma peça teatral. Toda a movimentação de Stella no quarto contribui para que ela seja vista com excentricidade pela velha vizinha, o abrir os braços e fechar os olhos, o inspirar e expirar como se uma vedete na apoteose final de teatro de revista da Tiradentes<sup>49</sup> ou ainda uma Mary-poppins<sup>50</sup> com seus

---

<sup>49</sup> Tratava-se de um espetáculo ligeiro, misto de prosa e verso, música e dança que passava em revista, por meio de inúmeros quadros, fatos sempre inspirados na atualidade, utilizando jocosas caricaturas, com o objetivo de oferecer crítica e alegre diversão ao público. O terreno revisteiro é o domínio dos costumes, da moda, dos prazeres e, principalmente, da atualidade. A referência a Tiradentes diz respeito à localização do teatro, a Praça Tiradentes, na cidade do Rio de Janeiro (GINZBURG; FARIA; LIMA, 2006).

<sup>50</sup> Personagem-título do filme homônimo, de 1964, dirigido por Robert Stevenson, vivida pela atriz Julie Andrews, uma babá com poderes mágicos e que com a parceria do amigo Bert, o seu faz-tudo, muda radicalmente a vida da família do banqueiro Mr. Banks através do uso da magia, música e diversão (ADORO CINEMA, 2019).

poderes mágicos, inclusive o de voar sobre os edifícios. Lê-se o voar como a busca constante pela liberdade da personagem-título do romance, sem a imposição da autoridade do outro, experiência fragmentada pela bisbilhotice da velha do prédio da frente e gera o mau humor de Stella. Por essa razão, cita-se:

“Lá vou eu, divina, me segurem que divina lá vou eu”, grita como se já montada numa vassoura de bruxa, voando mary-poppins por sobre os edifícios. Veio um golpe de vento soprado do rio Hudson que lhe tira toda a graça do rosto e derruba alguma coisa do apartamento; olha: o porta-retratos. Fecha depressa a janela mal-humorado.

“Haja saco!”

Detrás da vidraça vê a velha gringa que, também por detrás da vidraça, lhe faz caretas e gestos no edifício em frente e faz outros tantos para ela. “Não brinca, não brinca com Stella, velha megera, porque você não sabe do que ela é capaz. Um dia ainda te torrrce o pescoço.” A velha some por detrás da cortina encardida, sim, ela sabe e como sabe do que Stella é capaz, isso desde o dia em que cruzou com ele na rua e este lhe disse cobras e lagartos, e mais: que deixasse de ser enxada na vida dos outros, você devia mais é lavar as vidraças e cortinas do seu apartamento, *they're as dirty as your mouth, look at them!*<sup>51</sup> (SANTIAGO, 2017, p. 17).

Conforme o fragmento pode ser notado que as ações da velha vizinha incomodam a Stella, entretanto, esta reage e já conhece as estratégias da velha, por isso, percebera rapidamente a presença dela, já tivera discussões anteriores, além da troca de caretas entre as duas personagens. A percepção sobre essas ações delas evoca o poder que o narrador tem de ser onisciente e onipresente, inclusive parece uma testemunha de todas as ações, as mais minimalistas possíveis, chegando a perceber até mesmo que as cortinas da velha eram encardidas. Entretanto, a positividade demonstrada por Stella no desejo de ser uma Mary Poppins é fragmentada pelas intercorrências do mau humor, este trazido pela natureza, o vento vindo do rio Hudson cujo derruba o porta-retratos e a frequente bisbilhotice da vizinha e isso demonstra a maleabilidade e mobilidade da personagem dobradiça.

Outra percepção de poder sobre o corpo do outro presente no romance de Silviano Santiago é poder como meio de negação da ação do sujeito homoafetivo na sociedade é a recusa da família na aceitação deste no seu meio, no exílio forjado pelos pais a fim de que Eduardo não fosse visto como a vergonha da família. Se consideradas cronologicamente as ações estratégicas da dominação dos corpos indóceis dos homoafetivos ver-se-á que elas quase invariavelmente começam no núcleo familiar e por meio do uso de atitudes as quais fazem com que o homoafetivo possa se sentir inferiorizado ante a heterossexualidade dos pais ou dos irmãos. O corpo de Eduardo é abjeto, é visto como um lixo o qual pode ser descartado, jogado num canto do quarto ou simplesmente extirpado por inteiro, porém, de forma velada,

---

<sup>51</sup> “Eles são tão sujos quanto a sua boca, olhem para eles” (SANTIAGO, 2017, p. 17, tradução livre do pesquisador).

mandando-o para os Estados Unidos, uma vez que distante seria mais fácil esquecê-lo como membro da família, como se fizera no passado diante da morte e nenhuma inscrição nos túmulos. Desse modo, menciona-se:

Ao passar para a banheira Stella vai-se descolando mais e mais da tarefa da limpeza e pensando na verdadeira Sebastiana carioca do subúrbio e a sua cabeça volta a flutuar como corpo de carne e osso pelo apartamento dos pais no início de 1968, logo depois do carnaval, e vê a si mesmo deitado na cama e trancado no quarto por dois meses, execrado pelos pais que não queriam aceitá-lo como filho depois do que tinha acontecido, do escândalo felizmente abafado por amigos influentes da família. Eduardo se sentia como um saco de batatas que tinha que tinha sido atirado num canto da casa pelos pais. Não entendia a maneira radical como se distanciavam dele, desmentindo todas as teorias que eles mesmos lhe tinham inculcado desde criança sobre os laços de sangue, a união da família. *Vejo a intolerância, a punição pelo silêncio e pelo distanciamento. Querem me massacrar* pensava Eduardo, quando se dava conta de que queriam se livrar dele como de um objeto cuja utilidade tinha sido perdida com o uso. “Me joguem no lixo. Me façam um favor.” Pensava na carolice do pai, nos elogios que fazia à caridade cristã e não entendia o gelo nas relações, nas relações com ele tão necessitado. “Que me rifem!” gritou angustiado ao sair da mesa, adivinhando o desenlace da trama, ou fornecendo a solução do impasse para o pai (SANTIAGO, 2017, p. 29).

Mediante o excerto anterior, percebeu-se que as lembranças do passado da personagem auxiliam-na na construção da percepção do leitor sobre a maleabilidade do seu corpo diante dos aparatos repressivos, entre eles, a família a qual não aceita ao filho depois que este assume a identidade homoafetiva. O silêncio acerca dessa identidade fica nítido quando não é nomeado o fato, trata-o, apenas, como um “escândalo que devia ser abafado pelos amigos influentes da família”, entretanto, Eduardo não entende o motivo de os pais, que tanto pregavam a união da família e da manutenção e proteção daqueles com quem tinha um laço sanguíneo esquecerem-no, como se um objeto em desuso. Pode ser observado que a personagem julga a ação dos pais como expresso pelo narrador através do uso do discurso indireto-livre no trecho em itálico, no qual o corpo do homoafetivo é considerado pela instituição família como um lixo, um ser que deve ser desprezado, pois é contrário à ordem social, um comunista em tempos de Ditadura.

O amigo influente de quem se fala é o Coronel Valdevinos Viana, protetor de Eduardo, veste-se de roupas de couro negro e assume a identidade sadomasoquista e violenta da Viúva Negra, através da qual o narrador recupera o argumento da aranha (*Latrodectus tredecimguttatus*), a fim de justificar o comportamento desta personagem. Era esse o modus operandis do Coronel, usava das pessoas, fosse para o contato sexual ou outras atividades e, depois, arquitetava um plano para que delas se livrassem, pois, assim, fizera com Jack, o *chofer*, de quem o narrador conta: “O puto estava exigindo cada vez mais dinheiro, dizia que ia casar, depois que precisava montar apartamento, e aí o Vianna bolou um plano para se safar

dele” (SANTIAGO, 2017, p. 50). Constatou-se, na ação do adido militar que ela é semelhante à narrativa contada sobre a aranha alcunhada de Viúva Negra, que usa dos favores sexuais do macho e, depois, do acasalamento mata-o, no entanto, no romance, esta é ressignificada, a aranha trama a morte social, a prisão do seu amante, a partir do plano exposto no excerto abaixo.

Esqueceu o relógio personalizado e mais o anel no carro, e não deu outra, o Jack passou a mão nos dois. Naquela mesma noite o Vianna deu queixa à polícia fingindo nem mesmo desconfiar de quem teria praticado o furto.

“Ainda bem que o relógio traz gravado o meu nome, presente que foi dos colegas de farda quando fui promovido a coronel, e o anel foi comprado na Tiffany’s e é modelo exclusivo. Vai ser fácil identificá-los”, precisava o Vianna na delegacia, “*you know all I want is to help you people.*”

No pega pra capar dos possíveis ladrões, deram com o Jack no bar da 110 com Broadway, bar que frequentava à noite, ostentando no pulso o relógio e no dedo o anel e se justificando:

“*I found them yesterday in the car.*” Ia devolvê-los ao patrão no dia seguinte pela manhã. Estava esperando só a oportunidade.

No dia seguinte o Vianna viu-se obrigado a despedir o Jack, como é que ia dizer à sua mulher e à polícia que não ia despedi-lo depois do fuzuê todo. Por mim, tudo bem, mas podiam pensar que estamos mancomunados. O máximo que posso fazer é pedir à polícia que esqueça todo o caso. Tudo.

Jack lhe ficou agradecido. Ia casar, mudar de vida, procurar um novo emprego, prometeu (SANTIAGO, 2017, p. 50-51).

Embora se saiba que, ao constatar, os pertences de Vianna no carro, o ato correto seria devolvê-los, imediatamente, ao seu proprietário, ação não tomada por ele, porém, Jack é honesto, ele somente quer utilizá-los por um dia, para que possa ostentar na noite novaiorquina. Se Jack fosse um ladrão contumaz, mau caráter, ele não os teria usado para a ostentação, teria vendido as joias, no entanto, ele era somente um motorista que prestava, também, serviços sexuais ao patrão e a não prisão do pobre rapaz, apenas, um jogo dissimulado do Coronel para pôr um fim à sua relação com o amante. Isso serve, também, para continuar o ocultamento da identidade bissexual do Vianna, visto que nem a mulher dele nem os seus pares de farda tinham consciência dessa outra identidade da personagem, de que ele se travestia com roupas de couro negro, frequentava os locais de pegação no Rio de Janeiro e outros fatos.

Observou-se, ainda, que as ações do Vianna são desdobráveis, fragmentadas, ao longo da narrativa, e cabe ao leitor ir reunindo cada um desses fragmentos como se montasse um quebra-cabeça, assim, como Eduardo faz com as informações soltas sobre o seu amigo mais velho e conclui tratar-se da Viúva Negra, dona de um Mercedes, que ele vira, no Posto 6, no Rio de Janeiro. Por isso, sustenta-se que só a leitura da obra consegue dar pistas ao leitor, as *in-jokes*, ou seja, às artimanhas propostas para se analisar os nomes das suas personagens, para a interpretação das identidades *queer* e *camp* de Stella/Eduardo da Costa e Silva e da

bissexualidade e travestismo do Coronel, além da personalidade e comportamento dos mesmos. Sobre o Vianna, para compreendê-lo é necessário recorrer à análise de seu nome, pois esta categoria conceitual é, invariavelmente, a primeira referência a que se pode investigar para legitimar os comportamentos humanos.

Por isso, revela-se que “o prenome Valdevinos, uma palavra que conota fidalguia e baixeza: uma ambiguidade que é adequada vista a performance do nobre paternalismo com o qual ele conquista Eduardo a fim de explorá-lo” (POSSO, 2009, p.38). A perspectiva apresentada pelo teórico contribui para o esclarecimento da identidade conflituosa do adido militar, da indecisão entre a aparência e a essência da personagem. No trabalho e em casa, ele é o coronel e ditador, Vianna, mas na “zona de pegação”, é a Viúva Negra, sadomasoquista, prefere relacionar-se com homens rudes, gente da pesada. Apesar de na narrativa, o narrador parecer mostrar uma identidade sofrida dos conflitos inerentes à orientação sexual da personagem, inclusive a faz parecer outra personagem: “No rosto da Viúva Negra os olhos do coronel sorriem agradecidos e confiantes” (SANTIAGO, 2017, p. 68).

O agradecimento e sorriso estampados na face da Viúva Negra/coronel Vianna é a confirmação de que seus planos os quais entrelaçam Eduardo na sua teia deram certo, conforme havia planejado. Outra explicação do nome do Coronel está no processo de formação dele – Valdevinos – VAI + DIVINO, isto é, no primeiro elemento da composição há a troca de “i” por “l” mais divino, isso sugere o encontro com o sagrado, o que pode se lê na mudança de Eduardo para os Estados Unidos ou na morte. Entretanto, mesmo sabendo quem era o Vianna, da sua dupla personalidade, o protagonista se deixa ser manipulado, tais quais as bonecas de Hellmer ou as esculturas de Clark. Desse modo, o movimento de abrir e fechar das dobradiças perceptíveis nas *in-jokes* permite a Eduardo concluir que o Vianna era, na verdade, a Viúva Negra, uma velha conhecida da noite fluminense:

Mal se recostou na poltrona deu de cara com o passado do Vianna, como se fosse um filme projetado contra o vidro que separava a poltrona do motorista do assento traseiro. *Só pode ser ele* pensava e reviu uma Mercedes cor negra deslizando pela faixa de fora da avenida Atlântica. *Só pode ser ele*, sorria Eduardo feliz com a descoberta, *é ela, a Viúva Negra. Deve estar mandando uma brasa firme em Nova York*, pensava enquanto o táxi descia desembestado pela Segunda Avenida. *A Viúva Negra, a própria, em Manhattan, quem diria! Uau!* Pensava a imaginação borbulhante de Eduardo, e as imagens noturnas cariocas se fundiam a outras mais recentes: um Lincoln último modelo estacionado no parking do aeroporto Kennedy, belo e aerodinâmico, pintado de um negro faiscante, Eduardo olhando para o coronel sentado ao seu lado no banco da frente e pensando que já conhecia aquela figura de algum lugar, abanando a cabeça e dizendo para si é pura imaginação, e essas imagens se fundem a um rosto incógnito no volante de uma Mercedes negra que seguia lentamente os três recos que saíram, às dez da noite, do Forte de Copacabana (SANTIAGO, 2017, p. 56).

Percebeu-se que, aos poucos, Eduardo vai reunindo os fios acerca de quem é o Vianna, o responsável por ele, nos Estados Unidos, e, entre as descobertas está a de que o amigo do seu pai é também homoafetivo e atende pela alcunha de Viúva Negra e, no Brasil, ele já a tinha visto no Posto 6, Copacabana, Rio de Janeiro. No entanto, o protagonista só chega a essa conclusão porque o seu novo amigo, na busca de conquistar a confiança deste lhe conta que, também, é entendido, isto é, bicha, fanchona como visto na resposta que Eduardo dá ao Vianna por este não entender o motivo do riso de Eduardo ao ouvir que o Coronel se identificava como homoafetivo: “Sei lá, é de salão. Meio gozada. De bicha para bicha, a gente diz que é bicha mesmo. Ou então, fanchona, se for o caso.” (SANTIAGO, 2017, p. 55). Notou-se, aqui, que a primeira estratégia para conseguir a atenção e amizade do protagonista foi o desnudamento da imagem militarista e de heterossexual por parte do Vianna, entretanto, o comportamento da Viúva Negra carrega o tom da dissimulação, do planejamento, ele só conta a Eduardo porque sabe que este guardará o seu segredo.

Na primeira parte da narrativa, fica evidenciado que, quando o Vianna queria conseguir a confiança de Eduardo, ele se mostrara solícito, de caráter paternalista, religioso, respeitável, bom amigo da família, arrumara um emprego para Eduardo, no Consulado brasileiro, em Nova Iorque, por amizade ao pai deste desde os tempos de escola. Inclusive, depois que o Vianna recebe Eduardo no aeroporto e, feitas as devidas apresentações indaga-o sobre o amigo da adolescência: “[...] o Vianna lhe perguntou como ia o Sérgio, bem, muitas lembranças, e começou a rememorar a juventude dos dois em Belo Horizonte na década de 1940, com frases intercaladas por minutos de silêncio como se a reconstrução do passado se fizesse também com o tempo [...]” (SANTIAGO, 2017, p. 47). Percebeu-se que a conversa entre o adido militar e Eduardo é marcada por um discurso memorialista, no qual o Vianna parece expressar uma visão saudosista da amizade entre ele e Sérgio, o que se lê como parte da sua estratégia para ganhar a confiança do jovem e pode ser ratificado no seguinte fragmento.

O Vianna espreitava Eduardo e até mesmo o encorajava nos seus arroubos patati a liberdade que se respira nesta cidade, patatá que prazer ter sido recebido pelo senhor. “Me trate de você”, insistiu três ou quatro vezes o Vianna até conseguir mudar o hábito do outro. Queria ganhar primeiro a confiança de Eduardo para depois lhe pedir um favor. Pôr em prática um plano mais seguro do que ter um amante rondando a casa o dia inteiro. Nessa não caio mais (SANTIAGO, 2017, p. 51).

Observa-se que Vianna encoraja a Eduardo e exige deste um tratamento informal porque enseja ganhar a confiança do recém-chegado, visto que assim seria mais fácil ter a sua cumplicidade quando dela necessitasse como explicitado no fragmento citado. Depois que

Eduardo chegara à Nova Iorque, tornou-se amigo do coronel apesar da diferença de idade entre eles como menciona Stella: “Hoje somos amigas íntimas, dizia um, e acrescentara o outro: A minha melhor amiga íntima, apesar da diferença de idade” (SANTIAGO, 2017, p. 47). Mesmo que Stella julgue ter se tornado “amiga íntima” do adido militar e, este procurasse correspondê-la, o leitor virá, a saber, que tudo é dissimulação da parte dele e suposta amizade era irreal. Somente uma estratégia da Viúva Negra para aprisionar o jovem brasileiro à sua teia, uma vez que ele precisava encontrar alguém de extrema confiança para se tornar seu álibi e, assim, esconder ainda mais a sua identidade homoafetiva.

*Será que o Vianna sabe, caminhavam em silêncio pelo barulho de Nova Iorque como dois nadadores em raias diferentes, claro que sabe o papai teve que justificar o pedido de emprego. O Vianna realmente sabia de tudo com todos os detalhes, e espreitava Eduardo pelo canto do olho dando graças a Deus pelo Sérgio lhe ter enviado sem querer um anjo salvador, espreitava-o com o fim de fazer dele, no momento preciso, um cúmplice de suas sacanagens, precisando como estava de desafogar desde que tivera de dar um chute bem dado no seu chofer particular, um gringo espertalhão de Oklahoma (SANTIAGO, 2017, p. 50. *itálico da obra*).*

Vê-se que os discursos usados para justificar a morte dos homoafetivos em Stella Manhattan, inclusive o da família e o do governo têm a pretensão de legitimar a noção de poder sobre os corpos, inclusive quando se toma a noção de corpo-máquina defendida no projeto foucaultiano. Essa noção de corpo possibilita o “seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos – tudo isso assegurado por procedimentos de poder [...]” (FOUCAULT, 2017b, p. 150). Isso ocorre pela indocilidade dos corpos que, por essa razão, devem ter extorquidas as suas forças, o ser e se identificar assumidamente como homoafetivo numa sociedade cristã e militarizada supõe a presença de um embate entre forças contrárias e evoca a desconstrução dos sujeitos dentro de um espaço demarcado por fronteiras ambíguas.

Nota-se que o fato de o adido militar saber de tudo acerca da vida de Eduardo coloca aquele numa posição superior a deste, inclusive de torná-lo um títere ou até mesmo matá-lo quando não mais precisar, noção essa que vem impressa na alcunha dada ao coronel e sua associação com a aranha Viúva Negra, torna-o Vianna um soberano. Sobre a noção clássica do poder do soberano nos regimes autoritários vê-se que os responsáveis por este à medida que consideram o poder sobre o corpo vivo e a morte deste como essenciais para a análise das relações sociais nos regimes totalitários. Neste sentido, menciona-se que “a assunção da vida pelo poder: se vocês preferirem uma tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo, uma espécie de estatização do biológico ou, pelo menos, uma certa inclinação que conduz ao que

se poderia chamar de estatização do biológico” (FOUCAULT, 2016, p. 201). Conforme o fragmento que saber da vida de Eduardo dar ao Vianna o poder sobre o corpo daquele enquanto ser vivo e, uma vez que detém de tal poder pode deixá-lo viver ou matá-lo quando não puder mais usá-lo, sendo a morte um mecanismo para quando não mais se pode controlar esse corpo-máquina, como visto em:

Ora, agora que o poder é cada vez menos o direito de fazer morrer e cada vez mais o direito de intervir para fazer viver, e na maneira de viver, e no “como” da vida, a partir do momento em que, portanto, o poder intervém sobretudo nesse nível para aumentar a vida, para controlar seus acidentes, suas eventualidades, suas deficiências, daí por diante a morte, como termo da vida, é evidentemente o termo, o limite, a extremidade do poder. Ela está do lado de fora, em relação ao poder: é o que cai fora de seu domínio, e sobre o que o poder tem domínio não é a morte, é a mortalidade. E, nessa medida, é normal que a morte, agora, passe para o âmbito do privado e do que há de mais privado. Enquanto, no direito de soberania, a morte era o ponto em que mais brilhava, da forma mais manifesta, o absoluto poder do soberano, agora a morte vai ser, ao contrário, o momento em que o indivíduo escapa a qualquer poder, volta a si mesmo e se ensimesma, de certo modo, em sua parte mais privada. O poder já não conhece a morte. No sentido estrito, o poder deixa a morte de lado (FOUCAULT, 2016, p. 208)

Desse o modo, o não controle das ações do sujeito nos regimes totalitários leva-o à morte, pois ele escapou do poder sobre o seu corpo e não um meio de fazer voltar, a não ser levando-o para o encontro com o sagrado, o divino, notado no nome do adido militar. Aos pouco o Vianna vai conseguindo aproximar-se e conquistar a confiança do jovem à custa da indicação para o emprego no Consulado brasileiro, dos almoços toda quarta-feira no “pequeno e discreto restaurante da rua 82, no *East side*, com mesas distantes umas das outras e praticamente à prova de qualquer indiscrição” (SANTIAGO, 2017, p. 26).

Há o episódio da revelação da identidade homoafetiva, o que só se conta a alguém muito próximo, sobretudo, no caso do Vianna que precisava de um confidente, culminando assim com a aproximação entre eles por existir um fato que os ligava – a orientação sexual. Com isso, o coronel ganha a fidelidade e reconhecimento do novo amigo, pois o último, ao saber do dissabor causado pela vida dupla que o primeiro leva ainda o ajuda a alugar um apartamento usando faceta peculiar ao crime de falsidade ideológica. Entretanto, Eduardo não percebe que nesse jogo ele seria o único prejudicado, pois ele se sente grato por o adido tê-lo acolhido e o leitor é advertido das estratégias do coronel.

“Não sei como te agradecer.”

“Uma mão lava a outra”, disse o Eduardo ironicamente, mas o Vianna viu naquelas palavras a eficiência de seu plano. Era um estrategista de mão cheia. Tinha grande admiração por si, por Eduardo e, mais uma vez agradeceu a Sérgio, a Deus, a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a todos os anjos da guarda por terem feito Eduardo cruzar o seu caminho. (SANTIAGO, 2017, p. 60-61).

As palavras de agradecimento do Vianna são apenas uma face da sua fidalguia como parte da expressão trazida pelo seu prenome, uma vez que ele sente que agora Eduardo estava de fato entrelaçado nas teias tecidas pela Viúva Negra. É também nítido o valor agregado à religiosidade cristã, como visto nos agradecimentos ao sagrado, pois Sérgio enviara ao vale divino (Valdevinos) o seu rebento, isto é, a passagem para os Estados Unidos é também a passagem para o outro lado, o da morte. Mesmo que Eduardo expressasse que um dia ainda pudesse precisar dos favores do adido, o que este faz questão de parecer não ouvir, conforme deixa evidente o narrador quando valoriza o pensamento do coronel. O ato de não ouvir a Eduardo permite que o leitor possa inferir que o adido militar não pretendia atender a nenhum pedido de ajuda vindo do amigo, pois o jovem deixara-se ludibriar como pretendia o militar. Há também o episódio da pichação e arrombamento do apartamento, no qual Eduardo ajuda o Vianna, depois de procurado por este para desabafar sobre o que acontecera. Inclusive, compra-lhe roupas novas para que ele não vá para casa vestido na fantasia de Viúva Negra.

“É um segredo, Eduardo. Confio em você. Confio em você como nunca confiei em nenhuma outra pessoa”, o Vianna já não exigia, implorava. Tinham pintado cruces suásticas por todos os lados e escrito “nazista”, “torturador”, “fascista”, “pig”, “gorila”. Ele ficou no meio da sala atordoado com as cores, os desenhos e os dizeres, e de repente, disse ele, tive a impressão de que estava no meio do campo recebendo a maior vaia da galera. Gritavam aquelas palavras contra ele, xingando. Uma zoeira infernal de quebrar os tímpanos. Veio o silêncio de novo. Saiu correndo para o quarto. Tinham dado sumiço com a roupa. Levaram tudo: terno, camisa, gravata, relógio, sapatos, cartões de crédito, carteira de motorista, de oficial do exército, tudo (SANTIAGO, 2017, p. 67).

Observa-se que a repetição do verbo “confiar” usada pelo coronel reforça a ideia da afeição que o coronel nutria por Eduardo e o medo daquele de que sua outra identidade fosse revelada a qualquer instante e, com isso ele viesse a perder a fama que tinha no Exército. Entretanto, o que nem o Vianna ou Eduardo sabem é que são os guerrilheiros comunistas brasileiros radicados em Nova Iorque que fizeram as inscrições nas paredes do apartamento em contraposição aos crimes de tortura praticados pelo coronel nos primeiros anos do regime militar. Essa ação é esclarecida em “[...] quando os guerrilheiros, procurando acertar as contas com o Coronel – por ter sido um torturador no Brasil a serviço do regime militar – vandalizam o apartamento [...]” (POSSO, 2009, p.39).

A vingança contra o adido militar é organizada pelo grupo de guerrilheiros brasileiros a partir das informações repassadas a eles por Carlinhos, o qual observava as conversas ao pé-do-ouvido entre o Vianna e Eduardo, durante os almoços, às quartas-feiras. E, passara a suspeitar de que os dois eram cúmplices e trocavam informações sobre os acontecimentos do Brasil e de Nova Iorque. Mas Eduardo, somente se angustia depois de ter sido procurado pelo

FBI para dar explicações sobre o contrato do aluguel em nome de Mario Correia Dias, o estudante inexistente, o qual supostamente iria morar no apartamento e, a “suspeita de que guerrilheiros comunistas estão por trás do grafite antifascista nas paredes” (POSSO, 2009, p.39). As ideias contidas em Posso (2009) passam quase despercebidas pelo leitor devido à fragmentação da narrativa e da identidade das personagens. Por outro lado, na parte final, a Viúva Negra mostra seu lado sádico e frio ao considerar o seu “anjo salvador” um fraco e ainda despejar sobre Eduardo que já estava angustiado com toda a situação em que se vira envolvido.

Os discursos literários acerca das representações das identidades sociais à luz da perspectiva dos estudos culturais obedecem ao apresentado por Hall quando admite que o sujeito pós-moderno apresenta uma identidade movente ou fragmentada, uma vez que para ele: “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas em redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo constantemente deslocadas” (HALL, 2014, p.12). Essa afirmativa demonstra que um mesmo sujeito, no caso, o sujeito homoafetivo negro, assume diferentes identidades que são influenciadas pelos processos culturais vivenciados por eles em conformidade com a perspectiva de seus autores, o que se vê de modo contundente nas representações da homoafetividade em **Stella Manhattan**.

A noção de identidade proposta por Hall (2014) é vista em: “o ‘pertencimento’ e a ‘identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis” (BAUMAN, 2005, p.17). Por essa razão, ressalta-se que o sujeito da pós-modernidade não pode ser demarcado por uma só identidade, uma vez que a complexidade de relações que o envolve estabelece o seu “entre-lugar” no mundo. Isto é, o homem apresenta sempre uma identidade fronteiriça, o que pode ser aplicado à identidade do sujeito homoafetivo, sobretudo, no grupo das travestis como Stella Manhattan, que se veste de mulher e se comporta como tal, porém é um corpo masculino.

Essa classificação dada à narração e às personagens consiste no fato de que existe uma série de deslocamentos das ações da narrativa e dos brasileiros exilados em Nova Iorque, os quais continuam a ter sua visão voltada para o país de nascimento. Enquanto isso, eles são também observados pelos norte-americanos e personagens com as quais se relacionam (BARBOSA, 2005). Para isso, é fundamental compreender que Eduardo/Stella Manhattan é posta pelo narrador como a personagem mais subversora, pois a identidade *queer* da personagem reforça essa manifestação, Eduardo pensa em Bastiana, na família ao mesmo

tempo em que busca seguir a vida. No caso, atua como se fosse um jogo de espelhos, no qual todas as outras voltavam seu olhar para ela. Sobre essa relação, afirma-se:

Tal espelhamento ocorre, por exemplo, no modo como elas vivem sua sexualidade; cada uma delas se compõe de camadas de homossexualismo, sadomasoquismo e “perversão”, formando uma cadeia de personagens (Stella → Eduardo → Vianna → Paco → Leila → Aníbal → Marcelo) que permutam essas camadas. Assim se faz adequado o emprego da seta bidirecional para se referir a Eduardo → Stella, indicando-se um intercâmbio, em lugar de se usar uma barra, significando a exclusão (BARBOSA, 2005, p.147).

Incluem-se ainda nessa classificação a multiplicidade da sexualidade das personagens e sua multiplicação a contar pelas que são também homoafetivas – Eduardo/ Stella, Vianna/ Viúva Negra e Paco/ Lacucaracha. Além das outras personagens por suas personalidades multifacetadas e a rotatividade dos deslocamentos impostos ao leitor para que compreenda a narrativa, embora nunca consiga reunir os fios fragmentados do discurso literário o que aproxima sua prosa da arte poética concretista. Quando se toma a análise da construção do romance é observado que o autor utilizou o mesmo recurso presente na construção das personagens, como afirmado em:

Outro aspecto importante em **Stella Manhattan** diz respeito à construção da narrativa, que, assim como a das personagens, ocorre de maneira fragmentada e múltipla: os núcleos da trama não se fecham, há sempre um suspense no final de cada capítulo, sendo que o próximo começa com um diferente núcleo narrativo, enfocando outras personagens. Aparentemente, um grupo de personagens não tem nada em comum com o outro; contudo o que acontece é que a proximidade deles está justamente na fragmentação, na hibridez, na multiplicidade e na reversibilidade de faces e modos de expressão (BARBOSA, 2005, p.147, **negrito meu**).

Conforme o fragmento observa-se que o romance é iniciado de modo multifacetado com um trecho da marchinha carnavalesca “Jardineira”, de Humberto Porto e Benedito Lacerda, composta em 1938, e imortalizada por Orlando Silva, no carnaval carioca do ano seguinte. A citação da canção interpõe a reflexão sobre a possível tristeza da personagem Stella Manhattan que a cantarola pela saudade que sente da terra natal. Sentimento esse que é contrastado pela expressão “*Wonderful morning! What a wonderful feeling!*”<sup>52</sup> cantarolada em silêncio pela personagem enquanto abre a janela do apartamento onde mora e respira o ar frio e poluído de Manhattan. Nesse aspecto, verifica-se a ironia da personagem em relação ao espaço que habita e a fragmentação pela justaposição entre os versos da canção carnavalesca que abre a narração e os versos da canção estadunidense de Ray Charles.

Percebe-se também que, somente depois de apresentar o espaço onde vive Stella Manhattan é que o leitor conhece sua outra identidade – a de Eduardo Costa e Silva,

---

<sup>52</sup> Manhã maravilhosa! Que sensação maravilhosa! (tradução livre)

funcionário do Consulado Brasileiro, nos Estados Unidos e, por último, como ele chegou lá. Além desse quadro, na identificação da personagem-título nota-se que o final de um capítulo não é retomado no seguinte, assim como ocorre nas narrativas tradicionais, conforme-se verifica entre a primeira e segunda divisão do capítulo um, citado a seguir.

Mas o que fica borbulhando insistentemente na tolinha da sua cabecinha é a palavra amor, borbulhando glup glup glup, como peixinho dourado em aquário de restaurante e, mais solta bolhas glup glup, mais os olhinhos de peixe frito de Stella cismam pelos quatro cantos da sala, glup glup, atrás de alguma coisa que relembre a noite passada. Rickie em nada tinha tocado, entraram direto para o quarto e de lá saíram direto para a porta de saída, não sem antes – se me e porque não foi só pelos... autocensura o final da frase criando suspense para si mesmo.

2

Stella Manhattan, aliás Eduardo da Costa e Silva, com terno da Bloomingdale's, camisa de colarinho abotoado e gravata de listras oblíquas dos Brooks Brothers, há ano e meio chegou mal vestido, medroso e deprimido a Nova Iorque. Apesar de não ser da carreira, veio para trabalhar no Consulado Brasileiro lá no Rockefeller Center. Puseram-no na seção de passaportes, com a função de atender o público (SANTIAGO, 2017, p. 20).

Mediante o trecho do romance, ratifica-se a afirmação de Barbosa (2005), uma vez que os romances nos quais se trabalha com uma perspectiva da narração não dobradiça, a narrativa continuaria no sentido de fazer o leitor entender o fim da relação após Rickie ter deixado o apartamento de Stella. Quando aqueles que se consideram superiores não conseguem o adestramento daquele que é considerado inferior, estes passam a ser vistos como indóceis, que não se deixam domesticar e isto serve para que novos conflitos surjam entre os polos dos dominadores e dos dominados. Ainda sobre a necessidade de disciplinamento dos corpos diz-se: “As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida” (FOUCAULT, 2017b, p. 150). O não disciplinamento dos corpos reforça o não querer se deixar domesticar, é querer ser livre para tomar suas próprias, inclusive sobre a sua sexualidade, o que numa sociedade heteronormativa causa repulsa no outro.

A regulação e controle dos corpos feitos pelos dispositivos estabelece que eles tenham “sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder” (AGAMBEN, 2005, p. 10). É na constituição das redes de relações de poder que se pode visualizar que a “velha potência da morte em que se simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida” (FOUCAULT, 2017b, p. 150). É nessa dimensão que se inscreve o corpo e a morte de Eduardo Costa e Silva, pois a “expulsão” da casa paterna não fora o suficiente para que dele se pudesse esquecer, embora durante a sua estada nos Estados Unidos os pais também não tivessem mandado nenhuma carta. Acerca da morte de Eduardo menciona-se:

A noite transcorreu sem arruaças internas e sem incidentes, apesar de ser a tradicional noite de sábado, quando o espírito de revolta e a raiva tomam conta dos detidos. Pela manhã, no entanto, o delegado é chamado às pressas pelo carcereiro. Aquele deparou com o corpo do detido, Mr. Silva, todo coberto de sangue, com a cabeça espatifada. O alcoólatra detido à noite tinha se suicidado. O interrogatório levado a cabo entre os companheiros de cela nada esclareceu. Todos permaneceram em silêncio. Nada tinham visto, nada tinham escutado.

Feito o exame do corpo de delito, constatou-se que, antes do suicídio presumível, ele foi violentado pelos ocupantes da cela, com requintes de sadismo, isso porque, apesar de ter sido encontrado vestido, sua roupa íntima estava manchada de esperma e sangue. O exame do corpo justificou essa conclusão. Acredita-se – na falta de cooperação das testemunhas oculares e possíveis criminosos – que tenha batido a cabeça contra a parede, como um louco. Contra a hipótese da espontaneidade do gesto tresloucado, existe o depoimento do carcereiro que afirma não ter vindo grito algum da cela durante toda a noite.

Foi aberto o inquérito, conclui aqui o relatório da polícia da cidade de Nova Iorque (SANTIAGO, 2017, p. 263-264).

Vê-se que as alegações da polícia para a morte de Eduardo não condizem com o perfil apresentado, sobretudo, para Stella durante a narração, o “suicídio” quebra o horizonte de expectativas do leitor e instaura o poder-violência sobre o corpo gay. Cumpre ressaltar que, durante a Ditadura Militar no Brasil, período contado no romance, várias pessoas foram mortas pelas mãos dos militares e estes, depois divulgavam a versão de que elas tinham cometido suicídio, Vladimir Herzog é um exemplo. Por isso, afirma-se que “o poder na modernidade se tornou um fenômeno que transcende a multidão de homens em ação, passando a se expressar unicamente através de uma entidade una e universal por meio de instrumentos, sejam eles a arma ou a lei” (NASCIMENTO, 2012, p. 159). Outro dado que reforça a tese de que Eduardo/Stella tenha sido assassinado pela própria polícia é o fato de o carcereiro não ter ouvido gritos, inclusive eles dizem no relatório que ele estava tresloucado e que batia fortemente a cabeça contra a parede. Por outro lado, um relatório no qual se acusasse os Estados Unidos de falta de cuidado e não garantia à proteção da vida do sujeito poderia servir para fomentar um conflito entre os governos estadunidense e brasileiro.

Por sugestão dos agentes Marshall e Robins, acatada pelo diretor da representação nova-iorquina, este bureau decidiu considerar o detido na delegacia do Bowery como *não* sendo Mr. Silva, até prova conclusiva do contrário. Por isso, este bureau decidiu não comunicar às autoridades brasileiras e aos particulares envolvidos com o suspeito a ocorrência do incidente. Segundo os citados agentes, a violência ocorrida no interior de uma delegacia de polícia americana, associada aos atos antiterroristas desenvolvidos pelos militares no Brasil com ajuda da CIA, poderia originar campanha difamatória da imprensa americana e internacional contra os dois países e os seus órgãos de segurança nacional (SANTIAGO, 2017, p. 264).

Em conformidade com o excerto compreendeu-se que o narrador teme que outros saibam acerca da real causa da morte do brasileiro, na prisão, além disso, ele era amigo e protegido de um adido militar, no entanto, para o Marcelo, Carlinhos e outros o adido é também o culpado pela morte do protagonista. Isso pode ser visto, quando eles dizem:

“Amigo do adido militar, isso é que era, isso é que é. Só não vê quem não quer. Essa é a verdade que ninguém quis escutar” (SANTIAGO, 2017, p. 269). A polícia vai mais longe quando usa da homoafetividade de Eduardo/Stella para justificar a sua morte, constituindo assim um novo álibi – ele era gay e se relacionara antes com aqueles que o mataram, como demonstrado pelos sinais de esperma e sangue nas roupas.

Entretanto, a prova forjada recupera a tese de que a morte da personagem, além de trazer o aspecto político reforça, por sua vez, o aspecto social de que Eduardo/Stella era um estrangeiro, sem laços de parentesco e homoafetivo, assim ninguém reclamaria a sua morte. Também que essa não reclamação também age como dispositivo do não dito, aquilo que se silencia porque era um corpo gay e este deveria esquecido assim como era classificado pela **Constituição do Império em 1823**, conforme segue:

Qualquer pessoa, de qualquer qualidade que seja, que pecado de sodomia por qualquer maneira cometer, seja queimado, e feito por fogo em pó, para que nunca de seu corpo e sepultura possa haver memória, e todos os seus bens sejam confiscados para a Coroa de nosso Reino, posto que tenham descendentes; pelo mesmo caso deus filhos e netos ficarão inábeis e infames, assim como os daqueles que cometeram crime de Lesa Majestade (FIGARI, 2007, p. 64-65).

Há no excerto a comparação entre a homoafetividade e crimes de Lesa Majestade, ambos situados dentro de uma mesma estrutura demonstram que desde outrora o governo busca arrumar outras justificativas para a morte indiscriminada de sujeitos homoafetivos. Ressalta-se que casos semelhantes ocorrem não apenas na ficção literária, mas casos crassos de morte por homofobia são tratados nas delegacias como casos de crimes passionais, violência urbana ou sequer recebem uma classificação e/ou são investigados pelas autoridades policiais. No entanto, não é só o caso de Eduardo/Stella que parece dissimulado, outras mortes de sujeitos homoafetivos na cena literária também têm outro enfoque, pois se acreditava que não se devia procurar por aqueles que promoviam a limpeza étnica ou sexual.

O romance de Silviano Santiago carrega a tese de que corpos gays podem ser manipulados, pelo meio social, e até por outros sujeitos como se fossem títeres nos quais se pode determinar a vida e a morte do outro. Por isso, assume-se que a identidade dobradiça evidente em Stella Manhattan é uma metáfora que alude ao homem da “modernidade tardia” devido à sua intrincada rede de relações indivisíveis e múltiplas sem aprisionamentos ao passado ou ao vir-a-ser. Portanto, basta que aquele que deseja o controle tenha os dispositivos adequados como fizera o Vianna até aprisionar o Eduardo a sua teia e extirpá-lo da vida como se faz com um objeto o qual não serve mais, que será descartado no primeiro cesto de lixo que aparecer entre os transeuntes.

#### 4.5 Olhares sobre ficção literária, imaginário paraense e a homoafetividade em *Olho de Boto*, de Salomão Larêdo

*O olho e o olhar são outros signos de grande tensão estetizante na lenda. O olhar e o ser-olhado. A potência do olhar. O olho do Boto é tido como poderoso amuleto de sedução.*

João de Jesus Paes Loureiro

Salomão Larêdo é paraense, nascido na Vila do Carmo, em Cametá, em 1949, advogado, jornalista, escritor, professor, Mestre em Estudos Literários, pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e um dos mais influentes autores contemporâneos da Amazônia paraense. Na sua produção literária constam romances, contos, memórias, autoficção e poesias da qual se podem sorver os sabores e sentir os aromas do imaginário amazônico e nela está inclusa a luta pela democratização do acesso a bens culturais nos quais seja prioridade a formação do leitor literário. Entre as suas obras cita-se: **Senhora das águas** (1982), **Sibele Mendes de Amor e Luta** (1984), **Guamares** (1989), **Remos de Faia** (1991), **Marailhas** (1992), **Chapéu virado – a lenda do boto** (1997), **O prazer de ler e escrever – ouvindo histórias do imaginário amazônico** (1998), **Marcas D’água** (1998), **Timbuí – a lenda da anta** (1998), **Vera** (2000), **Moiraba – a lenda do sapo** (2000), **Capitariquara e na Conceição dos Araguaias** (2000), **Matinta Perera** (2000), **Trapiche** (2003), **Lâmina Mea – mulher não chora ou Suzama matriz** (2003), **Embaixo do Casco** (2003), **Amor Engarrafado** (2003), **Os papagaios do paruru** (2003), **Moju Moju meu amor** (2003), **Boiúna-me** (2003), **Matintresh** (2003), **Jiboia Branca via Tapanã/ Tenoné** (2003), **Os Satiro de Melo – história de família musical** (2003), **Palácio dos Bares – Buate Condor** (2003), **Lygia da Cunha Nassar – uma experiência de pobreza no interior da Amazônia – memória social e emotiva – breve história de vida** (2003), **Antônia Cudefacho – O ardente amor de um padre** (2006), **A garota que tentou bater na mãe com a vassoura e ficou seca, na hora – casos visagentos** (2006), **Sarrabulho – a lenda da cobra norato** (2006), **Ilha das Flores** (2006), **Fofós de Cametá – carnaval nativo** (2006), **Cametá Vila Viçosa de Santa Cruz dos Camutá** (2006), **Marabaenses – carpintaria naval** (2006), **Vila do Carmo do Tocantins – A Festa de N. Sra. do Carmo – Paisagem de Afetos** (2007), **A Crença no Amor Lygia Nassar** (2007), **Os Grandes Lábios de Belém** (2009), **As Histórias de São Benedito – memória religiosa e afetiva da Amazônia tocantina** (2010), **As Intolerâncias do Baratismo** (2010), **Tio David, Padre David – A vida – em fatos e fotos –**

do cônego David Gonzaga Larêdo (2013), **Terra dos Romualdos País dos Maparás** (2013), **Olho de boto** (2015), **O Corvo** (2017) e **As Icamiabas – lenda das Amazonas – Paiz das Pedras Verdes? romance de mulheres guerreiras sem marido e seus muiraquitãs** (2017).

**Olho de Boto**, romance baseado em um fato real ocorrido no Norte do Brasil mais de quarenta anos antes da aprovação da Resolução nº 175, de 14 de maio de 2013, na qual fica assegurado à população homoafetiva casar-se em qualquer cartório cível do território nacional sem o constrangimento de terem o pedido negado por este órgão<sup>53</sup>. Nele, o autor convida o leitor a voltar ao ano de 1967, para que assista àquele que pode ser considerado o primeiro casamento homoamazônico. O enlace matrimonial entre Inajá e Inajacy, assunto central do enredo, envolve um conjunto de fatos que modificam a vida dos moradores da pacata e rural, Inacha, comunidade pertencente à cidade de Cametá, no Estado do Pará, em tempos de Ditadura Militar, no Brasil. Pode-se mencionar, também, que no romance de Larêdo a cultura amazônica é tornada “uma espécie de *paideia*, de *bildung* amazônica, constituída por indivíduos formados segundo um modo de relação profunda com a natureza e dos homens entre si.” (PAES LOUREIRO, 2015, p. 31).

O autor, antes mesmo de iniciar o romance adverte que a sua obra é de ficção, visto que aqueles que a vivem-na são personagens inventados e representam ações de igual teor, além disso, “a imaginação do autor que criou a ilusão das realidades e não procura, nos dizeres de Eça de Queirós, a ‘nudez forte da verdade’ sob o “manto diáfano da fantasia”” (LARÊDO, 2015, p. 6). Em se tratando do excerto anterior, a ficção é uma ilusão do autor, característica essa que é tida por primordial para o conceito da literatura, desde a Antiguidade, já que ficção é um dos vários sinônimos de literatura. Segundo essa perspectiva ressalta-se que: “A ficção pode ficar próxima ou distante do reino da experiência humana real. Submetendo-se ao real, temos a ficção realista, fugindo ao real, surge a ficção romântica ou fantasista” (COUTINHO, 2015, p. 50).

Observou-se, no fragmento, que para o vocábulo ficção há dois caminhos, os quais podem aproximá-lo ou distanciá-lo da experimentação do real, assim, parece que Salomão Larêdo, embora recupere os dois caminhos na narrativa, a segunda parece sobrepor sobre a primeira. A primeira se dá na construção de alguns nomes como Yur Gagarino, o contexto histórico da década de 1960, através das ações soviéticas na conquista do espaço e da Ditadura Militar no espaço brasileiro, inclusive nas migrações para o norte do Brasil e a

---

<sup>53</sup> Ver DIAS, Maria Berenice. **Homoafetividade e direitos LGBTI**. 7. ed. rev. atual. São Paulo: Thomson Reuters, Revista dos Tribunais, 2017.

segunda na criação dos nomes das personagens e na imaginação para o enredo, incluindo a estratégia de aproximação com a literatura de tradição oral, fato comum nas narrativas do autor. Sendo assim, deve-se respeitar que:

A essência da ficção é, pois, a narrativa. É a sua espinha dorsal, correspondendo ao velho instinto humano de contar e ouvir estórias, uma das mais rudimentares e populares formas de entretenimento. Mas nem todas as estórias são arte. Para que tenha valor artístico, a ficção exige uma técnica de arranjo e apresentação, que comunicará à narrativa beleza de forma, estrutura e unidade de efeito. A ficção distingue-se da história e da biografia, por estas serem narrativas de fatos reais. A ficção é produto da imaginação criadora, embora, como toda arte, suas raízes mergulhem na experiência humana. Mas o que a distingue das outras formas de narrativa é que ela é uma transfiguração ou transmutação da realidade, feita pelo espírito do artista, este imprevisível e inesgotável laboratório. Ela coloca a massa da experiência de modo a fazer surgir um plano, que se apresenta como uma entidade, com vida própria, com um sentido intrínseco, diferentes da realidade. A ficção não pretende fornecer um simples retrato da realidade, mas antes criar uma imagem da realidade, uma reinterpretação, uma revisão. É o espetáculo da vida através do olhar interpretativo do artista, a interpretação artística da realidade (COUTINHO, 2015, p. 49-50).

Conforme o fragmento, a ficção é representativa da essência da realidade, entretanto, não se pode dizer que tudo que é arte pode atender ao propósito da criação ficcional, assim, resultará a arte do efeito, da adoção de um senso estético que supera a biografia e a história. A criação literária é uma transfiguração do real, uma lente de aumento à realidade, mesmo que para o ano de 1967 não se cogitasse que em pleno contexto amazônico dois homens pudessem vir a se casar, conforme se vê na fotografia a seguir.

**Imagem 07: Foto do primeiro casamento homoafetivo no Brasil**



Fonte: **Jornal Digital Ananindeua Debates.** Disponível em: <<https://ananindeuadebates.blogspot.com/2013/05/primeiro-casamento-gay-no-mundo-foi-em.html>>. Acesso em 20 abr. 2019.

Essa essência da interseção entre o real e a ficção está presente no romance de Larêdo, desde a criação dos nomes das personagens, como Yur Gagarino, uma recriação explícita do cosmonauta soviético, Yuri Gagarin, o primeiro homem a ser lançado no espaço, em abril de 1961. Ao passo que a origem da obra está associada a esse misterioso encantamento que é o espaço amazônico, seus habitantes e costumes. Inajacy fora seduzido pelo encantamento do tajá feito por Inajá, que queria um homem que o amasse. Entretanto, embora pareça ficção, devido ao tempo em que se dera, por ser visto como incomum o casamento entre pessoas do mesmo sexo o fato que principia a narrativa não é uma invenção intelectual de Salomão Larêdo. O *Folha Vespertina*<sup>54</sup> e outros periódicos divulgaram esse casamento, inclusive há o registro fotográfico, a *Folha Vespertina*, à época tinha um diretor e um gerente, Clovis Maranhão e João Maranhão, respectivamente, além de data e personagens para o fato que segue transcrito:

#### FOLHA VESPERTINA

Diretor: Clovis Maranhão  
Gerente: João Maranhão  
Belém/Pará – Quinta-feira 28 de dezembro de 1967

##### *Dois Homens se Casam, em Cametá*

Num povoado distante cerca de 11 quilômetros da cidade de Cametá, consorciaram-se, domingo último dia 24 do corrente dois homens. Um deles, segundo soubemos, era “encantado” e somente se casando com o homem que gostasse é que quebraria o “encanto”, voltando a ser mulher. Este, era professor na localidade, e o fato estava sendo bastante comentado.

Hoje pela manhã, o dr. Luiz Paes recebeu telegrama firmado pelo delegado Mário Martins Sobrinho dizendo que dentro de dias estará em nossa capital, devendo na oportunidade dar amplas explicações sobre os acontecimentos, pois não pode fazê-lo através de telegrama (LAREDO, 2015, p. 10).

Observou-se que o autor lança mão da estratégia de contar um fato que à época parecia irreal, assombroso, a união entre dois homens por meio do matrimônio e mais, um deles era “encantado”, esse fato alude à imbricação entre a literatura escrita e as narrativas da oralidade, particularmente, os contos de encantamento. Entretanto, não o é, o fato foi real, embora eles, os noivos para ter essa autorização alegassem que depois de casados a noiva tornaria-se mulher: “As autoridades permitiram pois eles haviam dito que e a noiva se transformaria em mulher de verdade. Prefeito e todo as autoridades participaram do evento. E depois quando

---

<sup>54</sup> O fato noticiado fora real e circulara, em Belém, na *Folha Vespertina*, assinada pelos jornalistas Clovis Maranhão e João Maranhão e pode ser encontrado somente nos arquivos da Biblioteca Pública Arthur Vianna e no acervo do autor Salomão Larêdo. Além disso, fui informado pelo autor de que a matéria também circulou na *Folha do Norte*, *A Província do Pará*, *Vanguarda*, *Jornal do Dia*, *Flash*, também que o fato fora noticiado no Brasil através das revistas *Cruzeiro* e *Fatos e Fotos*, além da *BBC de Londres* e em pesquisa, na internet, pude constatar que há fotos que registram esse episódio.

viram que nada aconteceram eles armaram uma emboscada para os dois” (VALENTE, 2018, P. 1). Desse modo, percebeu-se que o enlace mesmo que tenha ocorrido, ele nasce em função das narrativas de encantamento que povoam o imaginário dessa região, pois depois da emboscada armada ninguém mais soubera dos dois, o que se presume que tenham sido mortos por enganarem as autoridades. Este tipo de narrativa é caracterizado como aquele em que “o elemento sobrenatural, o encantamento, dons, amuletos, varinha de condão, virtudes acima da medida humana e natural” (CÂMARA CASCUDO, 2008, p. 287) e, permite ao leitor perceber a reminiscência do imaginário paraense. O olhar lançado oportuniza ao leitor entrever as palavras – imaginário, relicário e clavenário – apontadas na definição da primeira por Paes Larêdo (2006), assim, o imaginário, no campo das mitopoéticas, “é o clavenário das chaves desse relicário da dimensão poética do ser” (PAES LOUREIRO, 2006, p. 179). Esse relicário pode ser visto no comentário acerca da narrativa no prefácio da obra.

Na presente narrativa, nesta produção textual, nesta construção literária, a modo, há uma explosão do tipo big-bang e as situações se estilhaçam e viram cuís e se espalham no universo – lixo atômico? – metafórico, espacial, metafísico, filosófico, poético, cru que muda a relação causa e efeito dos personagens dessemelhantes; como no cinema, há sequências quase intermináveis e outras que nem chegam a existir e, num átimo, entram e saem da cena sem serem percebidas, passam despercebidas, quase na velocidade dum carro de Fórmula 1 que nem para no box para trocar os pneus da respitação, e foram deletadas (LARÊDO, 2015, p. 8).

A partir do fragmento e das ações da narrativa pode ser afirmada a existência do imaginário oral amazônico como um “devaneador assumido”, desde o casamento de Inajá e Inajacy à fértil imaginação de Baga, a filha mais nova do coronel Ponciano e da Marquesa Flores de Abril e de outras personagens. O título do romance, por sua vez, já é alusivo à força do imaginário oral amazônico, uma vez que o olho do boto é visto como símbolo metafórico dos talismãs e totens que estão presentes “no prestígio do sexo da fêmea-do-Boto, [...] e que garante que a poderosa capacidade de prazer sexual pode transferir-se ao usuário.” (PAES LOUREIRO, 2015, p. 221-222). Por essa razão, o livro de Larêdo, seduz da mesma forma que as fêmeas-do-Boto, leva não para a profundidade dos rios amazônicos, nem às águas caudalosas dos rios de Mosqueiro ou da Baía do Guajará, mas da consciência a fim de buscar as respostas para aquilo que a ciência não explica.

Embora exista toda uma carga folclórica em torno das representações do Boto, neste primeiro momento, o foco é apenas o “olho” dele, pois que se quer compreender o motivo de o escritor Salomão Larêdo utilizar tal metáfora como título do seu romance. Uma possível resposta seria que ele pretendeu da mesma forma que as fêmeas do mamífero cetáceo, seduzir, assim como o fazem àqueles que se encantam e são transformados em homens nas noites de

sexta-feira com lua cheia. Sedução daqueles que se identificam com a temática homoafetiva ou que gostam das duas, a homoafetiva e a amazônica, este último é, facilmente, mais convencido a devorar a narrativa. No romance, o autor torna explícita a sua interpretação da sociedade paraense à medida que usa na narrativa o léxico paraense e o abrasileiramento da língua estrangeira, fato que poderá dificultar a leitura dos não viventes neste espaço e o aprisionamento da obra à literatura regionalista.

Yur Gagarino realiza discreto voo orbital ao redor da Terra.

Saíra havia pouco de Mesclou e já cometera algumas subversões, deixando indignados os técnicos do centro espacial, que a todo instante querem saber se há vestígio do satélite Sput Niko (em língua brasileira: expulsa o Nico).

Gagarino gasta os preciosos minutos fotografando imensas ondas de rio de água doce<sup>55</sup>, no Mosqueiro<sup>56</sup>, o ouvido ligado num ronquenrou iê-iê-iê que os Beatles gravaram, o mundo ouvia e ele sintoniza, saindo totalmente da rota planejada meticulosamente, pateta às águas verdes do rio Tocantins e a uma sedutora acha de lenha que também passeia no espaço e o leva ao roçado do Inacha na região de Cametá, interior do Pará, e no meio da floresta amazônica (LARÊDO, 2015, p. 17).

Em conformidade com o fragmento evidenciam-se várias subversões ou corruptelas da língua, sobretudo, no uso dos estrangeirismos – “Sput Niko”, “Gagarino” e “roquenrou” – e a proximidade com o imaginário amazônico como demonstrado na visão encantadora que Yur Gagarino tem da natureza, incluindo os rios. Os habitantes do espaço amazônico são movidos por suas crenças e hábitos, têm as florestas, estradas e rios como o seu caminho para as trocas comerciais, é também o caminho que conduz todos os viventes ao roçado do Inacha, na cidade de Cametá, Pará, Brasil. Pode-se considerar ainda que os “rios da Amazônia são relógios e calendários da vida na região. E no ritmo das vazantes e das enchentes, das marés diárias ou fenômenos semestrais – como no alto e médio Amazonas – que os rios se constituem no relógio e no calendário regionais” (PAES LOUREIRO, 2015, p. 225).

Tendo, brevemente, apresentado os conceitos de ficção e imaginário, faz-se necessário discutir acerca de quais os olhares sobre a homoafetividade, no espaço paraense e conforme o imaginário dos habitantes do referido lugar, sem a preocupação com os conceitos de falso ou do que é verdadeiro. A primeira imagem da homoafetividade é a dicotomia homem/mulher na qual tais sujeitos, além de que a homoafetividade pode ser curada com um tratamento violento ao corpo gay, mesmo que a comunidade tenha poucos com instrução formal, os saberes são de

<sup>55</sup> Essas ondas recebem o nome de pororoca, um fenômeno natural originado a partir do encontro das águas dos rios com o mar, relacionado às mudanças da lua. As ondas podem chegar à altura de seis metros de altura e uma velocidade de 30km por hora (BRASIL ESCOLA, 2019). Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/o-que-e-pororoca.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

<sup>56</sup> Ilha fluvial situada na costa oriental do rio Pará, braço sul do rio Amazonas, em frente à Baía do Marajó, Distrito administrativo de Belém. Tem uma área de aproximadamente 212 km<sup>2</sup> e fica cerca de 70km de distância de Belém por via terrestre. (PREFEITURA DE BELÉM, 2019), disponível em <<http://www.belem.pa.gov.br/app/c2ms/v/?id=35>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

tradição oral e procuram ser impositivos sobre o corpo do outro. Embora, a princípio, o romance possa parecer simples, devido à linguagem utilizada, a estrutura faz lembrar as estações da via *crucis* de Jesus, no momento da condenação à ressurreição, em vez de capítulos como nos romances tradicionais, igualmente divididas em quinze. Neste sentido, o romance é iniciado pela cena do julgamento.

Leitor: Proclamação do texto do julgamento, segundo o Juiz da Saúde:

Ponciano perguntou: *Quem és tu?*

*Uma mulher!*

Ponciano perguntou: Que farei com isto que se diz mulher?

E a turba, orientada, conduzida, contratada pelos representantes dos mandachuvvas, dos pica-grossas, das classes conservadoras, das autoridades, dos graúdos, dos que têm o poder e que compunham o conselho de sentença, dizia: *Que leve uma grande pisa! Que seja castigado! Dá um banho de urtiga braba pra nunca mais ele vir com graça.*

Ponciano bem sabia que eles o haviam entregado por inveja. E enquanto estava sentado no tribunal, sua mulher Marquesa mandou dizer a ele: *Não te envolvas com essa turba, porque esta noite, em sonho, sofri muito por causa dessa gente.*

Ponciano falou: *Mas que mal fez?*

A turba gritava com mais força: *É luziário! Luziário!*

Ponciano percebeu que estava numa enrascada e estava numa bananosa e que poderia haver algo incontrolável por aquelas bandas.

Pensando no que a mulher mandara dizer, recolheu o indiciado, deu um tempo e voltou ao espaço do julgamento.

Ponciano disse-lhes:

*Eis o homem!*

Quando viram o indiciado, os contratados pelos representantes dos mandachuvvas e os representantes dos pica-grossas gritaram:

*Não é homem, é mulher!*

Ponciano, para irritá-los, levantou e procedeu do mesmo modo:

Eis a mulher!

E, como houvesse novo início de tumulto, Ponciano pediu para trazer água do rio, no balde de cuia e um alguidar de barro, e lavou as mãos diante da turba. E disse:

*Não sou responsável pelo sangue deste que se diz homem, digo, mulher. A responsabilidade é de vocês!*

A turba respondeu: *Deixe por nossa conta! Não esquente a cabeça!*

Então Ponciano soltou Bacabas que mofava no cercado, cismado de andar com sua mulher, e mandou dar uma pisa no acusado.

A turba exigia ao crime castigo! (LARÊDO, 2015, p. 15-16).

Mediante o fragmento fica evidenciado que, assim, como na Primeira estação da via *crucis*, a obra é iniciada pelo julgamento de Inajá e Inajacy, no qual a discussão se dá em torno da identidade homoafetiva, se homem ou se mulher. Essa discussão acontece porque, desde a meninice, somos levados a criar “uma série de expectativas a respeito do comportamento considerado apropriado aos homens e mulheres de acordo com sua posição social. Estas expectativas, nem sempre conscientes, são impostas através de uma série de mecanismos sociais.” (FRY; MACRAE, 1984, p. 14). Desse modo, o vestir-se de mulher ou apresentar traços efeminados levaria a mulher ao papel da subordinação, inclusive que esses papéis podem ser transformados conforme a ação temporal, pois os estereótipos são flexíveis

e estão sujeitos a mudanças. Todavia, a visão da comunidade do Inacha, chamada de turba, por se referir à aglomeração formada durante o julgamento, é a de que eles deviam ser punidos e curados com um banho de urtiga braba.

As urtigas deixam marcas no corpo de quem toca nelas, provocam vermelhidão, coceira e ardência (queimaduras) na pele e isso traz certo desconforto aos sujeitos, e um banho causaria queimaduras em todo o corpo, uma punição ao corpo homoafetivo. Àquele que subverte, faz “graça” de se transformar num outro corpo, exercer outro papel diverso ao seu sexo biológico, para a turba merecia a condenação, assim, como os religiosos que habitavam Belém e outras regiões defendiam-na e, alguns ainda sustentam ser uma prática pecaminosa. Por último, há uma intertextualidade bíblica, o Juiz da Saúde, coronel Ponciano, parece não concordar com a multidão, pois, repetindo a ação de Pôncio Pilatos, Ponciano pede uma bacia com água para que lave suas mãos e, assim, fique isento de qualquer culpa e não tenha o seu nome manchado com o sangue daqueles a quem ele julgava inocentes.

Outra marca das homoafetividades, no espaço paraense, é a demarcação desta por meio de estereótipos, representações sociais construídas a partir de determinados traços de um grupo social ou étnico, assim, uma característica comum aos homoafetivos seria a efeminação. Entretanto, hoje e nem mesmo antes, se podia dizer que todos os sujeitos gays masculinos tivessem por traço a efeminação, havia aqueles que conseguiam passar toda a vida sem manifestar qualquer sinal que pudesse fazer suspeitar de sua homoafetividade, inclusive, isso facilitava a existência de alguns enlances matrimoniais e a presença da bissexualidade. Exemplo dessa mudança, na narrativa, é o caso de Jehane Maria Laura e de Anselmo Serrador, que formam um casal, a princípio, depois troca e passa a viver maritalmente com pessoas do mesmo sexo, como descrito a seguir.

Jehane Maria Laura teve filhos de Anselmo Serrador e se apaixonou tempos depois pela mulher do vizinho, motorista de táxi. Deixou os filhos e foi viver com Adriana, que também largou o marido e os filhos, montou mercearia para Jehane e as duas correm as festas de aparelhagens nos fins de semana, bebendo e fazendo indecência. Contam os amigos que os dois abandonados resolveram montar uma casa só para as duas famílias e depois se juntaram também, namorados, e aí ficaram amigos das ex-mulheres, com quem transavam em troca de casais de que gostavam e torravam grana boa com cerveja e churrasco. Os filhos se soltaram e se escafederam pelo mundo (LARÊDO, 2015, p. 24).

Mediante esse fato de homoafetividade e poliamor imbricados, na obra, percebeu-se que a homoafetividade, o sujeito nasce com e, ao tentar silenciá-la, ele construirá uma identidade heterossexual, a qual tende a ser desconstruída, no momento em que a parte sufocada explodir desejosa pelas experiências que tentara negar. Isso fica evidente quando os homoafetivos fazem uma auto-análise e, ao recuperar as lembranças do passado como

relatado nas entrevistas e, como ocorrerá com Romualdo Bento, o Bitinho, no romance, nota-se a presença dos estereótipos tipificadores da homoafetividade, como gritos, modo de andar, de se comportar. Desse modo, assume-se que “os estereótipos costumam ser associados a conceitos negativos manifestados quando é emitido julgamento acerca de algum tema, de uma determinada pessoa, de um grupo, ou mesmo relacionado a ações” (WALTER; BAPTISTA, 2007). Assim, as estereotípias da homoafetividade masculina consistem em sempre aproximar o gay masculino quase uma caricatura do comportamento feminino, caricatura porque se trata de uma versão sempre próxima do exagero sobre os mais diversos aspectos: fala, postura, maquiagem, comportamentos sociais. Sobre o comportamento e estereótipos relacionados a Bitinho, menciona-se:

O filho desmunhecava na frente de toda a comunidade. Bitinho, cabeludo, pra muitos, transviado que gosta de *twist*<sup>57</sup> e de *la bamba*<sup>58</sup>, não se continha; era natural sua maneira de ser. Pronunciava inglês perfeito no quarto ano do ginásio e, corpulento, andava compassado, segurando os cadernos à moda das mocinhas. Com a voz macia, sofria sua frescura sem saber como expandir-se naquele lugar pequeno e num colégio de regras rígidas, que o pai recomendava e culpava a mãe, que se lamentava às amigas o filho daqueles modos esquisitos.

E foi exatamente Bitinho – Romualdo Bento – quem regimentou sua turma, que, armada de facas de ponta e de todo tipo e tamanho, peixeiras afiadas expostas aos montes no jirau feito na frente da casa, terreiro limpo, saiu em defesa do casal, evitando a curra fatal (LARÊDO, 2015, p. 21-22).

O excerto evidencia que há traços em Romualdo Bento os quais vão em direção contrária ao paradigma de masculinidade idealizado pela sociedade nortista e nordestina, o caboclo, no qual o masculino é um ser brutalizado e incapaz de demonstrar afetos à mulher e aos filhos. Por essa razão, não cabe ao masculino desmunhecar, ter cabelos compridos, gostar de ritmos musicais que o façam mexerem os quadris, facilidade com a aprendizagem de línguas estrangeiras, segurar o caderno do mesmo modo que as meninas (de lado e na altura do peito), andar compassado e voz macia. Ter esses estereótipos, na escola e em sociedades do interior do Brasil, inclusive nas de baixo poder aquisitivo, significa sofrer *bullying* ou ainda a mãe carregará a culpa por o filho não se comportar conforme o paradigma masculino forjado para ele.

No entanto, Romualdo Bento parece não se importar com os olhares sociais acerca de sua orientação sexual tampouco se deixa prender aos rótulos que tentam diminuí-lo, nem com

<sup>57</sup> Dança inspirada no *rock and roll*, da década de 1960, popular entre os jovens que viveram nesse período e origina outros estilos de dança, como o *jerk*, o *watusi* e o *monkey*. A palavra tem sua origem na música “*The twist*”, de Chubby Checker. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/danca/twist/>>. Acesso em: 18 jan. 2019.

<sup>58</sup> Canção de enorme sucesso, inspirada na canção folclórica mexicana, composta em 1958 por Ritchie Valens, a qual origina o filme de mesmo nome, em 1960.

a afeminação nem com a tentativa do pai de culpar à mãe por causa da homoafetividade, fato para o qual as evidências científicas são parcas. Respectivamente, entre as hipóteses próximas está o estudo genético de Américo Luís Martins da Silva no qual é expresso que “os homossexuais masculinos têm **impressões digitais** com um padrão característico mais aproximado das microestrias femininas do que das estrias heterossexuais” (DIAS, 2017, p. 75) e o outro é o estudo de Leonardo da Vinci, recuperado por Freud, no qual foi sustentado que há “um intenso enlace infantil de caráter erótico – esquecido depois pelo indivíduo – a um sujeito feminino, geralmente a mãe, provocado ou favorecido por sua excessiva ternura e apoiado por um distanciamento do pai da vida infantil e do trabalho” (DIAS, 2017, p. 77).

É ele, o Bitinho, quem organiza os outros para a defesa do casal Inajá e Inajacy e se arma de faca, contrastando com os rótulos femininos dados a ele, uma vez que essa habilidade com as peixeiras é típica dos homens. Além, de Bitinho, Inajá e Inajacy, o roçado do Inacha tem outras pessoas com identidade homoafetiva – Jehane Maria Laura, Adriana (lésbicas), Anselmo Serrador, Eufrosina, Afrodísia, Marucão, Andru Euforia, Dólar/ Surama Suprema Iskha e outros. Cada um com suas ideias, uns fechativos, outros, não como Eufrosina e Afrodísia que preferiam o silêncio sobre a orientação sexual deles, embora se admitissem passivos, isto revela que a posição no sexo não é determinante para a autorrevelação dos sujeitos. No caso, se eles preferiam o silêncio, a não luta por seus direitos, o mesmo não acontece com o Andru Euforia, de quem o narrador diz:

Andru Euforia presidia e entidade LGBT. Muitas vezes pegava-se dizendo coisas do tipo: *só podemos viver entre os viventes; logo temos que conviver com santo e pecador, político desonesto e gente de todo tipo e jeito e maneira, não podemos viver sem o contato com as pessoas*. Procurava obter sapiência nos livros e na vivência com todos e mostrar a todos que era fatal a mudança de que falavam tanto. Aceitava as críticas e elevava a sua entidade num conceito nutrido de estima e respeito, sabia retirar da arte diplomática, a convivência como pronúncia, que tornava simpática a luta e a filosofia. Sempre alerta, atento, não abria – só a bunda – guarda e não alimentava ilusões, sabia que estava metido em ninho de serpentes, e que pelos LGBT ninguém tem consideração, é tudo falso, a sociedade é sempre hipócrita e disfarça bem, como biruta nos campos de aviação (LARÊDO, 2015, p. 23).

Em razão do excerto, pode ser afirmado que Andru Euforia personifica a luta da militância LGBTTQIA, não apenas para promoção de si, mas reconhecimento do respeito ao outro, age com diplomacia e educação, a adquirida nos livros e no meio social, sem fantasias. Compreendeu-se, na ausência de ilusão da personagem, que ele é realista e tem consciência das dificuldades a serem enfrentadas para que os direitos dessa população venham a ser reconhecidos. Há aqui, duas direções: 1. O livro é ambientado, na década de 1960, época em que se procurava ainda uma tese médico-cientificista para legitimar os discursos contrários à

homoafetividade e sua punição conforme os Códigos Penais do fim do século XIX e primeira metade do século XX, período em que a prática homoafetiva era criminosa e contrária à moralidade social para a Justiça. Por sua vez, nos discursos médico-cientificistas, uma anomalia genética ou psíquica como se tentou provar nos estudos divulgados no período já mencionado, por exemplo, nos de Pires Laranjeira (1906) e mantido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), até a década de 1980 como doença psíquica. 2. Há muito a ser conquistado por essa população, pois o que já era ruim ou inexpressivo diante das inúmeras problemáticas como a homofobia que pode levar à morte ou a uma paraplegia, o preconceito nas instituições sociais, que agora, no atual governo, deixa de ter seus direitos reconhecidos na categoria de direitos humanos.

Nesse panorama, a luta de Andru Euforia parece uma luta utópica, na qual se procurava a um fantasma presente somente no imaginário daqueles que se acham vitimizados pela sociedade como refletido em muitos discursos até mesmo de homoafetivos. Por outro lado, percebeu-se que tais discursos são comuns à sociedade que se aglomerava no Inacha, na Liga das Senhoras, de Maruçã, por não ter boa relação com o casal, a Plívia, a Laurilene, a Marquesa Flores de Abril, enfim, um conjunto de caracteres os quais tinham aversão à prática do amor entre pessoas do mesmo ou àqueles que nutriam alguma desavença com o casal. Desse modo, a luta parece que perdurará por algum tempo, uma vez que ela está relacionada aos poderes constituídos para o governo da sociedade, embora nenhum partido político seja defensor desta orientação sexual e o modo como os homoafetivos são tratados mudam conforme a história social e cultural (OKITA, 2015). Nesta perspectiva, convém lembrar o modo como a Liga das Senhoras percebe os homoafetivos, sobretudo no que diz respeito ao casamento entre eles.

Liga das senhoras ajustava umas providências. Vamos dizer que estavam chateadas, que é o nome mais brando e respeitoso que se pode dar ou chamar pra aquele estado de espírito dessas madames, vamos denominar de revolta que se pode dar, respeitosa, àquela angústia que viviam e sentiam diante do que chamavam de imundo, para elas, a imunda, intensa e crescente pederastia, grassando direta. Na vera, essas senhoras da liga estavam mesmo era emputecidas, termo mais apropriado, para não dizer que o certo seria chamar, encaralhadas ou talvez embocetadas de tão revoltadas com tudo que estava acontecendo naquela lonjura. Onde já se viu dar trela pra dois efeminados que já vivem na maior sem-vergonhice e agora resolvem que querem casar. Casar? Isso é termo que se aplique? Casar, casam um homem e uma mulher que se amam, que se preparam, que querem constituir e construir uma família, e agora essa situação... Não podemos admitir! Isso não fica assim. E Ponciano metido nisso! Mas... (LARÊDO, 2015, p. 28).

As senhoras que compõem a Liga representam a sociedade paraense da década de 1960 da contemporaneidade, porque as mudanças no tocante à forma como os homoafetivos

são tratados foram bem pequenas, uma vez que nessa porção territorial ainda se mata e se agride física e psicologicamente o outro, abusivamente, em razão da sua orientação sexual. A revolta e tratamento desrespeitoso das senhoras são vistos a partir do como o narrador as descreve – emputecidas, encaralhadas, embocetadas, isto é, zangadas, enfurecidas, pois não admitiam que o enlace matrimonial entre dois homens pudesse acontecer. Notou-se, ainda, que a união do casal homoafetivo é chamada por elas de sem-vergonhice e que o casamento somente competia aos heterossexuais, isso implica que fora aplicado um perverso entendimento das relações homoafetivas, devido a estas serem discretas e vigiadas (DIAS, 2017). Convém ressaltar, também, que a discussão em torno do casamento homoafetivo suscita:

Indiscutivelmente as relações homoafetivas guardam aproximação com a *affectio conjugalis* do que com a *affectio societatis*. Uma dispõe de caráter empresarial e a outra diz respeito à entidade familiar. A *affectio societatis* significa a vontade de desenvolver atividade empresária, visando ao lucro, requisito fundamental à configuração de natureza societária. Quando se trata da ruptura de relação homoafetiva, não se pode negar os efeitos da união estável, deixando um dos companheiros sem proteção alguma (DIAS, 2017, p. 165).

Observou-se, no fragmento, que a união heterossexual tem um caráter mais econômico do que afetivo, assim, esse modelo de união não se dá porque de fato um homem e uma mulher amam um ao outro, é somente por causa do lucro, o casamento heterossexual é mais uma atividade econômica do que amorosa. Por conseguinte, a união entre Inajá e Inajacy perturba a sociedade cametaense da década de 1960, é uma ruptura dos padrões hegemônicos daquela sociedade, onde homens e mulheres heterossexuais não se mostravam satisfeitos com aqueles que tinham uma orientação e identidade sexuais distinta da deles. A homoafetividade era considerada a corrupção do homem que a vive, além de um terreno infértil e árido, incapaz de gerar a vida, por isso, não dá o lucro que o sistema capitalista e o liberalismo econômico desejam a partir do uso da mão-de-obra do operariado, filho das uniões heterossexuais.

Na cena do julgamento, o narrador não explicita a quem o Juiz da Saúde, Ponciano Flores, está a julgar, pois não menciona o nome do réu, o leitor fica sabendo apenas de que se trata do julgamento de um homoafetivo que era homem e dizia ser mulher ou vice-versa. Também, que ali havia uma multidão, turba que exigia e propunha uma pena ao luziário em julgamento. Somente no meio do primeiro capítulo é que o leitor passa a conhecer a Inajacy, de quem se fica sabendo que ele queria conquistar a Inajá e se tratar de um trabalhador, cujo tinha um patrão severo, rígido, autoritário, conservador, antiquado, machista, dominador, não afeito a inovações, era um amante do tradicional. O poder do patão era tamanho sobre ele que

chegava a obrigá-lo a se manter distanciado do casarão onde habitava a família, a travar contato com estrangeiros à casa do patrão e a manter uma regularidade da sua rotina diária – ir de casa para a lavoura e vice-versa.

Aos poucos, o narrador vai apresentando Inajacy para os leitores e, assim, sabe-se que ele recebia a Inajá, na sua casa, para que namorassem e dormissem juntos e esse segredo só a menina, Bagali ou Baga conhecia. Ele é descrito como um “mestiço cametaense, perfuma-se com priprioica, patchuli e outras folhagens que cultivava pra esse fim” (LARÊDO, 2015, p. 20). Desse personagem, ainda, é acrescentado que ele “lembrava-se das mordomagens das festas de santo de seu lugar e da avó, que, antes, da reza e do arraial, esfregava catinga-de-mulata nos cabelos das primas que iam dançar no Clube dos Aliados, que era pra ficar rescendendo esse cheiro cheiroso e entontecer os possíveis – e era muitos – candidatos ao namoro” (*idem*, p. 21). Inajacy é, também, a professora que ensinara a Bagali as primeiras letras e buscava, por meio das simpatias, arrumar um homem para si, fato apontado na obra como próprio das “novas religiões materiais e profanas, seculares, modernas e sedutoras” (*idem*, p. 48) que, agora, despontavam no Inacha. Das simpatias arrecadadas pela protagonista e os efeitos dela, o narrador cita:

“No dia 13 de junho, pegue um pedaço de linha branca e amarre os pés de uma imagem de Santo Antonio. Depois disso, acenda uma vela para o seu Anjo da Guarda. Quando a vela apagar, desamarre os pés do Santo Antonio; com essa linha, costure qualquer parte da roupa do homem que você deseja segurar para sempre na sua vida.” (LARÊDO, 2015, p. 49).

O excerto expressa que o sujeito quando não consegue realizar por si aquilo que deseja, ele recorre à intersecção do divino, seja Deus, na crença cristã ou mesmo nas diversas divindades africanas e indígenas presentes na formação religiosa do homem amazônico. Neste sentido, “falar em ‘fantasia’, ‘fantástico’, ‘mágico’ e ‘maravilhoso’, no que diz respeito às manifestações populares, significa, na maioria das vezes, remeter a resquícios de temas e imagens religiosas que pretendiam explicar a origem e a razão da existência humana, da natureza e das instituições” (AZEVEDO, 2006, p. 191). Considerando o teor do maravilhoso contido na simpatia feita por Inajacy para ter o homem que a fizesse se tornar mulher em definitivo exprime que o humano quando não consegue alcançar os seus desejos, ele apela para o que está além. E, no território paraense, esse acreditar nas forças invisíveis, seja a partir do paradigma cristão ou do modelo sincrético, este último representativo da convergência de vozes as quais habitam nesse espaço.

Embora tenha que passar por um longo trajeto, do julgamento, de se despir, no hospital, para ser examinada, se era homem ou mulher, os desentendimentos com outros

membros da comunidade gay, como o que tinha com Vera, conforme visto em: “Vera olha atravessado Maruçã, que não se batia com Nícia e não ia com a cara de Inajacy. Vivem se pegando, uma desfazendo da outra” (LARÊDO, 2015, p. 26). O autor aponta a divergência existente dentro dessa comunidade que, como qualquer outra, tem sujeitos com consciências distintas, isto é, a identidade sexual não se relaciona com a consciência política, por exemplo, uma vez que elas são marcas pessoais dos sujeitos.

Voltando a trajetória da protagonista, Inajacy via no casamento o meio para que fosse desencantada da forma masculina e, assim, assumisse, por definitivo, a forma feminina. Essa posição dialoga com o senso comum, isto é, a crença de que o homem gay carrega dentro do seu subconsciente uma mulher que deseja se libertar, como visto em: “Por que queres casar? Tu és homem? Sou mulher, e toda mulher quer casar, ter filhos, família, casa, um marido, um lar. Eu quero isso, tudo isso e muito mais...” (LARÊDO, 2015, p. 93). Mediante, o excerto, Inajacy se vê através da identidade feminina e incorpora todo o discurso do papel da mulher nas sociedades patriarcais, por isso, interioriza a crença de que só o casamento a fará feliz e completa, chega a devanear, inclusive quer copiar aquilo que tem como ideal de felicidade das revistas.

Tudo modelado em Jaqueline. Inajacy teria casamento com convidados, gente bonita chegando em seus enormes automóveis. Ganharia muitos presentes, ganharia fotos destacadas na imprensa, viriam fotógrafos com os flashes que estouravam lâmpadas e sua imagem correria terra, mundos. Não tivera festa de quinze anos, não dançara a valsa de debutante, mas dançaria nos braços do noivo na festa que duraria, como de costume, três dias; muita comida, bebida, fogos de artifício e a lua de mel no hotel da Liberata, na cidade. No dia seguinte, chegaria num tubinho e sandaleta e traria o lençol com as marcas de seu desvirginamento, como acontecia com todas as moças de família, e quem sabe a invejosa da Virgilina ou da Vera, Maruçã ou Nícia agora acreditasse de vez ou morresse de inveja, escrotas, como Inajacy chamava (LARÊDO, 2015, p. 89).

Depois de percorrer um longo caminho, Inajacy consegue, finalmente, casar como Inajá, dançar a valsa e ter a sua realização do sonho. Todavia, é conveniente ressaltar, que parece estratégico do ponto de vista da autoria, dar relevância àquele que se apresenta como a mulher, visto que, no universo gay, apresentar-se na condição do feminino implica atrair para si todos os olhares insatisfeitos da sociedade. Isso ocorre porque a performance do feminino no corpo gay é marcada pela deformidade do masculino, do se colocar no entre-lugar, não é homem, nem é mulher, é um ser indefinido, fluido, uma identidade em trânsito, cuja fronteira é a própria consciência do sujeito.

Nesta condição, Inajá sendo a representação do masculino, não desperta os mesmos olhares, não há, portanto, sobre aquele que se coloca como o ativo ou o homem da relação o

olhar atravessado, uma vez que ele não desconstrói o ideal do corpo imaginado para o homem, assim, a sua punição é sempre mais branda. Inajá é homem, caboclo, fora operário de uma construtora alemã durante a construção do muro de Berlim, ali reunira o dinheiro que, mais tarde, viria a ser gasto no seu enxoval. Ele crescera sem o ideal masculino, não conhecera o pai nem a mãe, fora criado pela parteira a quem chamava de Vó. Outro dado que o aproxima dos caboclos do norte e a pouca instrução, como percebido quando o delegado interroga-o.

**Nome completo.**

Num digo.

**Você é homem ou mulher?**

Suomi.

**Se tu és homem, por que queres casar com outro homem?**

Ela é mulhé.

**Como vais sustentar tua mulher e tua família?**

Nós trabalhemo. (LARÊDO, 2015, p. 193, **negrito do autor**).

Constatou-se, no uso da linguagem usada por Inajá, que a escolaridade dele era pouca, isto pode ser explicado pela ausência de poder aquisitivo, de não ter pais que o provessem desde a infância, fato que o obrigara a trabalhar ainda na meninice para ter o seu sustento e essa experiência o afasta do mundo letrado. Neste caso, o ato de se educar é uma experiência para as classes com maior poder aquisitivo e os homens de menor poder de compra que se instruem, por ela são degenerados, Bitinho, Inajacy, Andru Euforia, todos homoafetivos e passivos. A reação a essa passividade parece ser legitimada, uma vez que todos os homoafetivos adolescentes ou jovens que são vítimas de Mefisto têm morte semelhante, como visto em: “Os pais foram identificar o corpo relegado na cabeceira da ponte. Era mesmo de Bitinho. O comissário informou que havia muitos vestígios de abusos de todo jeito, inclusive um parafuso de acapu no rabo. Velado e enterrado condignamente, Romualdo Bento, o Bitinho descansa em paz!” (LARÊDO, 2015, p. 229).

Observou-se, ao longo das suas 271 páginas, que **Olho de Boto**, em sua estrutura fragmentada pelo atravessamento de múltiplos discursos, marca do romance contemporâneo, há nele, não apenas elementos que narram o primeiro casamento homoamazônico. Mas o tráfico de pessoas, órgãos e especiarias, a hipocrisia social, o adultério nas relações heterossexuais, a morte em razão da homofobia, o imaginário do homem amazônico nas suas múltiplas faces, fechado com um remate no qual o narrador procura amarrar os fios que, porventura, foram deixados soltos durante o percurso da narração. Portanto, aqui estão registradas apenas algumas notas acerca dos olhares sobre a homoafetividade nas terras paraenses, as quais não se esgotam nessa análise.

#### 4.6 Olhares sobre a binariedade da homoafetividade do adolescente em “Cachorro doido”, de Haroldo Maranhão

*[...] a sexualidade, como tudo que é em princípio natural, é limitada e controlada através de conceitos e categorias construídas historicamente.*

Peter Fry

Diversos itinerários dão conta de que Haroldo Maranhão nasceu a 07 de Agosto de 1927, em Belém, Pará, filho do jornalista João Maranhão e de Carmem Lima Maranhão e faleceu no dia 15 de Julho de 2004, em Piabetá, Rio de Janeiro, onde foram depositados seus restos mortais. Durante a vida exercera os ofícios de jornalista, escritor e advogado. Do primeiro ofício pode ser alegada a influência familiar, iniciara-o, na adolescência, aos 13 anos, era repórter policial, no jornal **A Folha do Norte**, cuja propriedade era do pai dele e do avô, Paulo Maranhão e, na idade adulta, chegara ao cargo de Redator-chefe. Na década de 1940, fundou a Livraria Dom Quixote, que servira de ponto de encontro para a elite intelectual belenense e auxiliado por Benedito Nunes e Mário Faustino, dirigira a revista literária **Encontro**. Na área jurídica, exerceu a função de procurador da Caixa Econômica Federal (CEF), no Rio de Janeiro, durante vinte anos. Além do Brasil, tivera textos publicados em Portugal, Tchecoslováquia e nos Estados Unidos, inclusive colaborara com publicações lusitanas e tchecas, como a **Antologia da Universidade de Praga**.

Entre as obras, cujas reúne contos, cartas, histórias curtas, crônicas, romances, novelas e literatura infanto-juvenil, menciona-se **A estranha xícara** (1968), **Chapéu de três bicos** (1975), **Miguel, Miguel** (1977), **Voo de galinha** (1978), **A morte de Haroldo Maranhão** (1981), **O tetraneto del-rei** (1982), **Flauta de bambu** (1982) **As peles frias** (1983), **Os anões** (1983), **A porta mágica** (1983), **Dicionarinho maluco** (1984), **O começo da cuca** (1985), **Jogos infantis** (1986), **Rio de raivas** (1986), **Quem roubou o bisão?** (1986), **Senhoras e senhores** (1989), **Querido Ivan** (1998), **Dicionário de futebol** (1998), **Memorial do fim** (2004) e **Feias, quase cabeludas** (2005). Dos prêmios, cita-se: Prêmio Nacional Mobral de Crônicas e Contos (1979), Prêmio Guimarães Rosa (1980), Prêmio União Brasileira de Escritores (1981), “Hors Concours” do Prêmio Fernando Chinaglia (1981), Prêmio do Instituto Nacional do Livro (1981), Prêmio José Lins do Rêgo (1982) e Prêmio de Literatura Vértice (1983).

Interessa-nos, aqui, a obra **Jogos Infantis** (1986), composta pelos contos – Cortininha de Filó, Tatá, “Cachorro Doido”, Como as Rãs, Movimento no Porão, Rede de Quatro Pés, Mar de Coalhada, Menina-moça, O Ápio, A Mosca, Viagem ao Curro, Palavras Mágicas, A Violinista, Os Três Mosqueteiros, Menino que Faz Menino e Bilhete. Destes, como anunciado desde o sumário, foi selecionado para análise que integra o corpus desta tese, o conto “*Cachorro Doido*”, a seleção dele tomou por critério, a temática e o local, é um conto de temática homoafetiva, reflete a escrita do outro e foi escrito por um autor paraense. A união desses critérios valida a escolha do mesmo, além de retomar a presença da homoafetividade na adolescência e no espaço escolar, período e lugar onde as experiências relativas a essa orientação sexual parecem aflorar mais rapidamente e em correspondência com as disposições biológicas.

“Cachorro Doido”, de Haroldo Maranhão chama a atenção desde o título, pois, naturalmente, no imaginário social repercute a ideia de que se trata de um animal doméstico sem controle, enlouquecido, em estado de fúria como remete a etimologia do termo raiva<sup>59</sup>. O cachorro somente fica doido se infectado pelo “vírus da família *Rhabdoviridae*, gênero *Lyssavirus* e espécie *Rabies virus* (RABV)” (KOTAIT; CARRIERE, TAKAOKA, 2009, p. 9) e o medo que o humano tem do animal doente é porque o vírus que causa a doença pode ser transmitido a ele a partir da mordida do cão. Desse modo, se o animal, hospedeiro do vírus, apresenta a sintomatologia da antropozoonose, a tendência é que os homens dele se afastem, pois temem vir a ser infectados, argumento esse usado pelo narrador através da fala de Carlão ao propor esse apelido para o Luizinho, como visto no fragmento que segue:

- Agora, tem uma coisa. Um apelido bem escolhido salva a pátria. Se tu quer arranjo um pra ti, que mesmo esse negócio de Luiz estou achando fraco. É. Luiz não dá. Luizão? Não. Luizão não combina com o teu corpo, que tu é magro pra caralho. “Acapu”. Acapu é madeira de dar em doido, todo mundo sabe, e se te chamarem de “Acapu”, é porque alguma coisa deve haver, o pessoal vai ficar matutando o porquê. Mas, não. Não sei. Alguma coisa me diz que “Acapu” não, não dá. E “Cachorro doido”, hein? Puta merda, quem é que não tem medo de cachorro doido? Taí. Tou achando melhor. “Cachorro doido”. Tu quer? Se tu quer eu espalho, que daqui a um pouco esquecem essa porra de Luiz e só te chamam de “Cachorro doido” (MARANHÃO, 1986, p. 17).

Fica evidenciado que o autor, nos últimos períodos do fragmento, retoma o argumento circulante no meio social de que o cachorro doido provoca o medo, assim, todos da escola teriam, também, medo de Luizinho, visto que para Carlão, o acréscimo de um sufixo para

---

<sup>59</sup> É conhecida desde a Antiguidade, quando a referiam como uma doença que acometia cães e homens, tornando-os “loucos”. A palavra raiva tem origem em “*rabere*”, do latim, que significa “fúria” ou “delírio”, e “*rabhas*”, do sânscrito, que é “tornar-se violento”. Na Grécia, foi dado o nome de “Lyssa” ou “Lytta”, que quer dizer “loucura ou demência” (KOTAIT; CARRIERE, TAKAOKA, 2009, p. 9).

formar o aumentativo ou chamar ao novo amigo de Acapu não resolveria o problema. Para Carlão, o indivíduo só está protegido, na escola, o Grupo onde ele estuda, dava muita porrada e quando menos se esperava os alunos estavam envolvidos em conflitos, assim, se ele tivesse um apelido ou nome que fizesse evocar o medo, isto é, uma relação arbitrária de poder, na qual uma das partes se deixa subordinar por temor ao outro. Pode ser lido, então, que a criação de um apelido sugere a utilização de um dispositivo regulador das ações do outro, porque todos ao perceberem a força advinda deste não iriam enfrentá-lo, já que não pretendiam ser desmoralizados ao perder e os adolescentes têm no seu imaginário que apanhar do outro é fracassar como homem.

“Cachorro doido”, quanto ao gênero literário classifica-se como uma narrativa, da modalidade conto e se adequa à categoria conceitual conto contemporâneo à medida que cumpre, na perspectiva dos teóricos que a defendem, os requisitos norteadores da criação da ficção na contemporaneidade. Incluindo assim, “a variedade da forma, as exigências da narração realista, apelos da fantasia e seduções do jogo de palavras” (BOSI, 2015, p. 7), tudo isso, dentro de um espaço, relativamente, curto, quase uma crônica do comportamento de dois adolescentes que se conhecem no primeiro dia de aula de uma determinada escola, a qual não é nominada, assim, pode-se referir a qualquer escola. Outro elemento que reforça esse cotidiano no conto analisado é a presença da violência física na escola e, nessa primeira conversa entre Carlão e Luizinho, este é alertado por aquele que devia se proteger da violência existente naquele ambiente, consoante, o disposto no fragmento abaixo:

No primeiro dia de aula a gente vê logo quem vai ser amigo da gente e quem não vai. Muito difícil se errar, basta só olhar as caras. Pois foi só bater o olho que vi que o Luizinho era um menino bom, e era. Ele é que se aproximou:

- Tu estudou no Grupo ou em casa?

- No “Vilhena Alves”. E tu?

- Estudei particular, na casa da Professora Ernestina Jucá. E no Grupo, é bom?

- Bom, é. Mas dá muita porrada. Quando a gente menos espera está metido num bolo.

- Eu nunca briguei – afligiu-se Luizinho. – Tenho medo que me provoquem, que não sei brigar, nunca briguei.

- Deixa, podes deixar, que eu compro as tuas brigas. Sou muito bom de porrada, levei meus cacetes, mas aprendi. Acerto de saída um pontapé no saco. Podes deixar comigo. Como é mesmo o teu nome?

- Luizinho. (MARANHÃO, 1986, p. 15).

Entende-se que Carlão usa da sua força persuasiva, do conhecimento sobre a realidade do Grupo Escolar e oferece proteção ao outro [Luizinho], a proteção aqui é considerada um dispositivo já usado em outros contextos para legitimar o abuso sexual do adolescente nestes espaços, inclusive para fomentar as práticas homoafetivas. Também é neste jogo de dominação proposto por Carlão em relação a Luizinho que se pode perceber o estímulo da

volta à crença de que ninguém é capaz de se livrar da vontade arbitrária de um senhor, nem mesmo que esta venha a ser sobre o corpo daquele que é considerado subalternizado, entretanto, tudo não passa de um jogo, Luizinho usa da aparente fragilidade para seduzir o outro. Os corpos daqueles considerados mais fracos serão sempre molestados, infringidos, na tentativa de docilizá-los, tal qual ocorrera, na história, com mulheres e crianças, isso na ideia de Carlão, uma vez que ele achava que era o caçador enquanto seria a presa. Desse modo, “meninos que cresciam com disciplina, rigor e violência física, a mesma violência que, sentindo-a em si mesmos, deviam aprender a infringir em seus subalternos. Reproduzir o ciclo de violência e sadismo em seu corpo para converter-se em ‘senhores’ de outros corpos” (FIGARI, 2007, p. 54).

Por isso, a pretensão de Carlão é converter o corpo de Luizinho em um domínio seu, embora não estivesse mais em contexto colonial brasileiro e este tipo de dominação fosse próprio do período apontado, além disso, a homoafetividade era impensável e, em algumas relações usadas como punição aos escravos e escravas. Nesta dimensão, convém mencionar que: “entre 1763 e 1769, destaca-se o caso do senhor-de-engenho Francisco Serrão Filho, que estuprara em torno de vinte negros, alguns deles pais de vários filhos e casados. Entre os estuprados dois morreram e vários padeceram de infecções e bicheiras no canal ‘prepósteros’” (TOLEDO, 2006, p. 9). Constatou-se, no fragmento, que a ação do escravocrata é mais um castigo para mostrar a sua força que uma relação legitimada pela Igreja e Estado, visto que se previa o castigo ao escravo ou escrava, não a sua sodomização, esta era uma prática pecaminosa e oposta ao princípio da moralidade. Esse desejo do inconsciente branco de sodomizar o negro, como aquele que é inferior ao branco aparece em **Leite derramado** de Chico Buarque.

**Durante um período, para você ter uma ideia, encasquei que precisava enrabar o Balbino.** Eu estava com dezessete anos, talvez dezoito, o certo é que já conhecia mulher, inclusive as francesas. Não tinha, portanto necessidade daquilo, mas do nada decidir que ia enrabar **Balbino**. Então lhe pedia que fosse catar uma manga, mas tinha de ser aquela manga específica, lá no alto que nem madura estava. **Balbino** pronto me obedecia, e suas passadas largas de galho em galho começaram de fato a me atíçar. Acontecia de ele alcançar a tal manga, e eu lhe gritar como contraordem, não é essa, é aquela mais na ponta. Fui tomando gosto por aquilo, não havia dia em que não mandava o **Balbino** trepar nas mangueiras uma porção de vezes. E eu já desconfiava que ele também se movia ali no alto com malícias, depois tinha um jeito meio feminil de se abaixar com os joelhos juntos, para recolher as mangas que eu largava no chão. Estava claro para mim que o **Balbino** queria me dar a bunda. **Só me faltava ousadia para abordagem decisiva, e cheguei a ensaiar umas conversas de tradição senhorial, direito de primícias,** ponderações tão acima de seu entendimento, que ele já cederia sem delongas. **Mas por esse tempo conheci Matilde, e eliminei aquela bobagem da cabeça** (BUARQUE, 2009, p. 19-20, negrito meu).

Observou-se que há uma espécie de fetichização do corpo negro, contudo, difere-se o caso real do caso contado na narrativa de Chico Buarque, pois nesta se usa do imaginário para atizar a libido e a malícia da conquista do outro, o Balbino reconhece as intenções do seu senhorzinho, Eulálio Montenegro d'Assumpção. Já no caso do senhor-de-engenho maranhense mesmo sabendo de que estava doente, tinha sífilis, ele estupra e transmite a doença aos escravos e pelo crime de sodomia fora punido em conformidade com a legislação do período, como consta nos autos da visitação do Santo Ofício ao Grão-Pará e Maranhão entre 1763 e 1769 (TOLEDO, 2006). Por sua vez, nota-se que fazer o homem tornar-se passivo para o outro era visto como um castigo, uma provocação à fragmentação do ideal de masculinidade e virilidade, por essa razão, só acontecia se em uma relação forçada ou em locais onde não fossem levantadas suspeitas, já que a homoafetividade era vista como perversão moral. Por outro lado, vale ressaltar que, no passado, a escola era, basicamente, religiosa e os meninos, educados em regime de internato, neste sentido, revela-se:

[...] o ambiente conventual constituía uma espécie de refúgio para aqueles que manifestavam atitudes e comportamentos homoeróticos (reprimidos ou não). Sem pressão para contrair matrimônio, em um ambiente nitidamente unissexual, protegidos e camuflados pelo prestígio que na época possuía quem era clérigo de algumas poderosas ordens, com maior ou menor dificuldade, os conventos foram espécies de “catacumbas” para as práticas do homoerotismo durante séculos (FIGARI, 2007, p. 88).

Diante do exposto, assevera-se que as práticas homoeróticas em maior ou menor intensidade são antigas, apenas não era faladas nas rodas de conversa das famílias ou das escolas, visto ser uma prática que não correspondia aos valores religiosos e morais da sociedade. Isso leva a afirmar que “sistemas de conhecimento só existem socialmente se reproduzidos pelos atores sociais, e a vitória de um ou outro sistema dependerá, em última instância, do relativo poder dos seus proponentes” (FRY, 1982, p. 88). Depreende-se que esse sistema de conhecimentos foi estruturado por vozes etnocêntricas, sem que, em momento algum, pudesse se considerar a alteridade, que se pusesse no lugar do outro, que se tivesse uma empatia ao corpo efeminado mesmo nos espaços privados. É a recusa da diferença que cria em um o desejo de querer exercer o poder sobre o corpo do outro, é como se esse sistema agisse como criador de dispositivos de controle do corpo do outro, neste imaginário, reforça-se a estética da virilização do negro.

A estética que exalta a virilidade se apropria do negão como imagem “da moda”, ou seja, passa utilizá-la como um instrumento que confirma a reificação do corpo negro. Em função disso, a ética capitalista estabelece parâmetros para estética do negão viril, tal como faz para o produto mulata (GOMES; PEREIRA; 2001, p. 231).

Esses dispositivos procuram acentuar as diferenças entre os corpos, assim, os considerados mais fracos passam a ser representados como aqueles que precisam da proteção do mais forte, do másculo, do viril, o que é percebido nas representações de Carlão e Luizinho. No caso, a produção das diferenças entre os corpos atuam como dispositivos de regulação para o desenvolvimento da atração, a virilidade, a força e a masculinidade tornam-se signos essenciais para a representação do masculino e se opõem à baixa estatura, fraqueza e aparente docilidade do outro. Entretanto, se na literatura do século essa representação pode ser feita livremente, sem a imposição dos sensores, sem a noção de essa orientação era uma perversão doentia e pecaminosa, mas construída durante a vida do sujeito, ainda que presa ao domínio do privado.

Por sua vez, o que era camuflado, no Período Colonial, ao longo dos séculos ganhou novos desdobramentos e espaços até chegar às ruas, praias, boates, mesmo que, em alguns países e mesmo, no Brasil, em Belém e seus arredores, a comunidade gay esteja sujeita a sofrer alguma violência em razão de identificar-se como homoafetivo. Destaca-se que estão mais sujeitos à violência das instituições e dos indivíduos aqueles que apresentam traços efeminados na constituição de seu processo de identificação, há uma demarcação ideológica e política que ajudou a amalgamar essa ideia a partir das representações feitas na história social, como afirmado a seguir.

[...] esses sistemas de conhecimento não são produzidos no vácuo social. São constitutivos de todo um conhecimento social e coexistem com ideologias políticas conflitantes; com cosmologias religiosas, com ideologias produzidas sobre raça, idade, etc. Em outras palavras, para entender a forma e o conteúdo dos sistemas de representações sobre a sexualidade é fundamental perceber que eles são produzidos num contexto político muito mais amplo. Desse modo, o estudo da sexualidade, nessa ótica, leva forçosamente ao estudo da sociedade brasileira como um todo (FRY, 1982, p. 88).

Conforme o fragmento acima se percebeu que são necessárias experiências, que sujeitos construam a partir de suas ideologias essas diferenças entre os corpos, entretanto, sem a desqualificação de um para a valorização do outro, como ocorrera com os corpos negros e indígenas diante do contato com o colonizador europeu. Essa mesma construção se dera, nos diversos planos da vida social, da religião, da divisão do trabalho, da administração do público e do privado, do masculino e do feminino, enquanto gêneros sexuais e dos papéis atribuídos aos mesmos em ativos ou passivos, a bicha e o bofe. Esse modelo de binariedade chama a atenção no conto de Haroldo Maranhão quando o narrador leva o leitor a observar que Carlão, que representa o ativo/masculino é forte e protege o outro enquanto Luizinho é magro e fraco, uma representação do passivo, do efeminado. Tratando dessas construções, na

perspectiva dos gêneros e identidades sexuais da homoafetividade masculina, pode ser afirmado:

O mundo masculino de Belém está dividido em duas categorias distintas: aqueles que “dão” e aqueles que “comem”. Os primeiros são classificados como “homens”, “machos”, “garanhões” ou “fanchões”. Em princípio, um macho é considerado homem até ele assumir ou “provar” ter “dado”, e nesse caso ele se torna também uma “bicha”. Se ele se torna ou não uma “bicha mesmo”, isso depende da sua escolha pessoal em aceitar o papel de “bicha” com todas as suas implicações sociais e sexuais. De um homem que “solta plumas” e assume o respectivo papel social, espera-se que ele alguma vez tenha “dado” sexualmente.

Com essa informação, fica claro que a palavra “homossexual” é uma tradução inadequada para qualquer dos termos usados. Com muito poucas exceções, os machos que “comem” bichas não são classificados de maneira diferente dos “homens verdadeiros”. Nesse esquema classificatório, eles não diferem de nenhuma maneira dos machos que se limitam a “comer” mulheres.

Essa divisão do mundo masculino em “comedores” e “doadores” e a classificação das relações sexuais onde esses dois papéis não estão claramente definidos como desviantes expressam a ideologia heterossexual macho/fêmea é de “comedor” e “doador”. De fato, os mesmos termos usados em relação ao ato heterossexual. Esta interpretação é reforçada pelo poder associado às relações envolvidas. A palavra “comer” é também usada para se referir ao ato de “tomar” uma peça em xadrez ou no jogo de damas, e ao ato de vencer agressivamente: por exemplo, um time de futebol vencedor “comeu” os seus adversários. A palavra “dar”, por outro lado, expressa fraqueza. Assim como se supõe que um homem domina e “vence” uma mulher num relacionamento heterossexual, da mesma maneira o “comedor” domina o homossexual (FRY, 1982, p. 68).

Em consonância com o pensamento de Fry (1982) convém afirmar que Haroldo Maranhão parece se valer desse conhecimento na construção da sexualidade dos adolescentes no conto “*Cachorro doido*”, à medida que Carlão é aquele que “come” e Luizinho, aquele que “dá”, como percebido em: “Tá na cara. Vou comer hoje o ‘Cachorro doido’.” (MARANHÃO, 1986, p. 18). Outra visão aparente nessa relação é que Carlão se julga o homem “comedor”, o ativo, pois ele não “dá”, assim nada vai de encontro a sua masculinidade, ele continua sendo o macho, nunca foi penetrado, embora seja ele o primeiro a desejar o outro [Luizinho]. Resiste, no ideário do senso comum, o argumento de que se não houve a penetração anal, o homem manterá intacta a sua condição de macho. É mister afirmar ainda que o antropólogo atesta na sua pesquisa o caráter da dominação do masculino sobre o feminino, do ativo sobre o passivo, como aparece, também, no conto, nesta linha de raciocínio, o brigar para se defender, não se deixar apanhar é encarado como uma atitude puramente masculina, do homem enquanto ativo.

A construção do ideal de “macho” remonta à estruturação da sociedade patriarcal na qual o homem é o provedor, o chefe, aquele que sustenta a família, a casa, cuida da proteção de todos e fazer o contrário a isso, como aceitar a dominação do outro é exprimir a sua fraqueza, é comportar-se como gay passivo. Nesta perspectiva, a negação social da “bicha”,

do passivo se dá em razão de aqueles que constituem o universo heterossexista definirem “a ‘bicha’ como um indivíduo anormal, nojento e vergonhoso porque não se conforma ao papel social e sexual prescrito ao seu sexo” (FRY, 1982, p. 68). Esse olhar permite compreender os motivos pelos quais as bichas fechativas, as travestis e transgêneros identificadas como gays despertam o olhar negativo da sociedade, o olhar do escárnio, como se os pertencentes a esses grupos não tivessem o direito de serem pessoas.

Se à época da pesquisa de Peter Fry (1982) era aceita essa distinção entre os grupos de homoafetivos, a autoafirmação das identidades gays advindas posteriormente contribui para a construção de novos olhares sobre esse grupo populacional. Isso leva a afirmar que os desejos eróticos não precisam ser demarcados por fronteiras, todos os sujeitos sociais precisam manifestar livremente o seu desejo sem a interferência dos sistemas de poder que agem como controladores das individualidades dos sujeitos, sobretudo, no tocante à sexualidade. Ressalta-se que essa manifestação do poder é apresentada em “Cachorro doido” a partir de Carlão, quando ele aconselha o novo amigo a não se apresentar nem ser chamado pelo diminutivo Luizinho e ainda trata de si para mostrar a sua pretensa superioridade.

- Olha, vem cá, vou te dar um conselho: acaba com essa merda de Luizinho que tu fica marcado. É Luiz. Quando te perguntarem teu nome tu diz: “Luiz.” Esse troço de Luizinho tu deixa pra casa que aqui a turma é de morte, te seguram e não te largam mais. É “Luiz”. E se alguém te chamar de Luizinho, alguém que te conheça de fora, tu responde: “Luizinho é este aqui!” E agarra os colhões, que o sujeito vê logo que tu és de pouquíssima conversa.

- Luizinho olhava com admiração o novo amigo, não deixava escapular nenhum gesto, que o outro falava forte e sacudia as mãos, agitado, olhando para os lados, como se a qualquer momento o ameaçasse um monstro ou um pontapé.

- E tu, como tu te chama?

- Carlos. Mas me chama de Carlão que eu prefiro. Carlos ainda podem duvidar, mas Carlão muda de figura, que qualquer um pensa duas vezes antes de me pisar o pé. Olha, vou te falar um troço, mas só pra ti, que tu me inspirou confiança. Não espalha, vê lá!, que não gosto que espalhem meus segredos. Presta atenção. Se me chamam “Carlos” me sinto fraco, porquê não sei, mas ferve, me transformo num touro, sou capaz de derrubar um bigu mais alto do que eu. Estás entendendo? Eu procuro enfiar na cabeça que meu nome não é Carlos, mas Carlão. Entendeste? (MARANHÃO, 1986, p. 15-16).

Evidencia-se, no fragmento do conto, que Carlão, a partir dos conselhos dados a Luizinho, começa a exercer o seu poder de macho sobre o corpo dou outro, sobretudo quando comparada a oposição entre os nomes das personagens – Carlão e Luizinho. O primeiro representa o masculino e, por isso, foi nomeado no grau aumentativo e o segundo representa o contraponto a Carlão, tanto nas características físicas quanto no grau usado na construção do nome. Essas diferenças entre o masculino e o feminino foram moldadas nas sociedades patriarcais, nas quais até mesmo se pedido a uma criança para desenhar a sua família, ela

representará, geralmente, a figura do pai como maior que os demais, visto que é assim que ela o imagina e o representará de tal modo. O poder e a liberdade de Carlão exercem o fascínio aos olhos de Luizinho, inclusive aquele ao aconselhar o novo amigo proíbe-o de usar seu nome na forma diminutiva, alegando para isso que a turma poderia se valer disso para tecer conjecturas acerca dele.

Em “a turma é de morte”, ele quer dizer que os colegas poderiam fazer diversas insinuações e pilhérias a partir do nome “Luizinho” e o “agarrou nos colhões” é uma expressão que significa uma reação de força, de contestação ao poder da masculinidade do outro e afirmação da sua própria masculinidade. É a institucionalização de uma cultura falocêntrica, na qual nenhum homem gostaria de tocar nessa região do corpo de outro homem, isso evocaria a perda da sua masculinidade. Pode-se ler esse gesto como um insulto à masculinidade, pois aceitar os colhões implica legitimar a fraqueza daquele que os aceita, por essa razão, entre os homens mesmo que seja comum essa brincadeira, ela nunca é inocente e pretende regular a binariedade das orientações sexuais, ou seja, definir quem se vê heterossexual e quem se identifica como homoafetivo.

Por sua vez, é pensar no exercício do poder masculino ativo como sendo, no conto de Haroldo Maranhão, não somente uma força negativa que age contra o indivíduo, mas uma força que o homem permeia, visto que ele “produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 2017b, p. 45). Nota-se que o corpo masculino assume a forma de um objeto que deve ser contemplado pelo outro, uma vez que ele produz experiências, prazeres, saberes e discursos. Esse poder é exercido pelo fascínio e prazer que o corpo de Carlão inscreve no subconsciente de Luizinho e este não consegue mais deixar de observar os mínimos gestos daquele, conforme expresso na admiração que fazia com que Luizinho olhasse tão fixamente para os gestos e movimentos do amigo tal qual Capitu olhara tão apaixonadamente fixa para o corpo inerte e gélido de Escobar.

Outro aspecto demonstrativo da ideia de poder do homem ativo alegado por Carlão é o uso do grau aumentativo, ele explica ao novo amigo que se o chamassem apenas pelo nome no grau normal – Carlos – ele se sentia fraco, embora não soubesse explicar o porquê de isso acontecer. E para fugir da ideia de que ele poderia vir a ser fraco, opta por acreditar que se o chamarem na forma aumentativa – Carlão – como ele se apresentava aos outros se sentia forte. Por outro lado, convém ressaltar que os homens buscam sempre um argumento para reforçar o seu ideal de masculinidade, inclusive para demonstrar que são mais fortes, que são os “garanhões” e nisso não gostam de serem contrariados. Por sua vez, no conto “*Cachorro*

*doido*”, o autor ainda expressa que essa altivez do ativo faz Luizinho emudecer ao observar as diferenças entre si e o novo amigo.

Luizinho concordava com a cabeça, falar não conseguia, tinha medo de soltar uma bobagem que desagradasse o outro, que sentava e levantava, não ficava um minuto quieto, falava alto, vigiava imaginários inimigos, fechava as mãos parece que com raiva das próprias mãos, as unhas cravaram-se na carne, de deixar marcas. Luizinho analisava o novo amigo, só seus olhos mexiam-se, as mãos postas nas coxas, bem comportado no banco do recreio, conforme recomendava a Professora Ernestina Jucá.

[...]

Luizinho não podia esconder o choque e a confusão.

- Não, não, por favor. Olha, Carlão, vou pensar. Eu preciso pensar.

A campainha interrompeu aquele encontro de reconhecimento, mas Luizinho não se concentrava na aula, estava ali mas não estava, ficou o tempo todo espiando o Carlão sentado mais à frente, o cabelo arrepiado, parece que não usava pente, a camisa desmazelada por fora da calça, o sapato sujo de lama e a cara de homem acostumado, no corpo de menino (MARANHÃO, 1986, p. 16-17).

Fica evidenciado que as diferenças entre os padrões instituídos para segregar os corpos são a causa do fascínio de Luizinho, a determinação e segurança no falar de Carlos “Carlão” faz dele o alvo da admiração do novo amigo, admiração essa que faz com que Luizinho possa apenas ouvi-lo, pois teme dizer alguma bobagem diante de Carlão e, com isso, desagradá-lo. O olhar atento de Luizinho faz o leitor desconfiar do seu encantamento diante do outro, visto que a sua atenção era tamanha que parecia fazer um raio-X do corpo do outro e das ações do novo amigo, o que somente é interrompido pela campainha que soava avisando o fim do horário de recreio. Também, convém ressaltar que as ações de Luizinho são performáticas, fazem parte do jogo de sedução para que Carlão possa se deixar crescer aos olhos do outro, a perturbação das ideias é um indício do quão ele se atráia pelas diferenças existentes no outro, porém, precisa sufocá-las, a princípio, para não se mostrar presa fácil.

A observação dos gestos de Carlão provoca choque e confusão mental, perturba os sentidos de Luizinho, visto que o mesmo não consegue sequer se concentrar na aula, fica como se em êxtase ao fitar o colega que sentava a sua frente e analisá-lo, do cabelo às vestimentas, consegue até mesmo visualizar que os sapatos do outro tinham lama. Por conseguinte, esses dados demonstram que o corpo homoafetivo adquire, ao longo do tempo, novos matizes e com isso as percepções do que fora um gay passivo, na década de 1980, já não é a mesma da atualidade, pois essa fragilidade aparente não se mostra mais um estereótipo dos gays do século XXI. Porque um gay passivo pode ser um jovem másculo que frequenta no cotidiano a uma academia de ginástica e não apresenta nenhum estereótipo feminino, isso reforça que houve mudanças na caracterização dos homoafetivos, como visto em:

O desejo homossexual partilha de uma extrema pluralidade libertária – mas também dos paradoxos da padronização cultural de cada período. Nesse exercício de corda-bamba, faz sentido perguntar se é adequado e funcional definir a homossexualidade, outorgando-lhe algo como um caráter definitivo e uma natureza compartimentada. Ainda que seja possível falar de uma tendência natural, nem por isso estamos diante de uma *condição* (tal como as condições biologicamente determinadas de macho e fêmea), quer dizer, uma maneira inata de ser. Antes, trata-se de uma *circunstância* que tem determinações biológicas, ainda muito frágeis e mutantes. Nesse sentido, o “assumir-se” homossexual poderia acabar criando uma nova forma de categorizar o desejo, justamente por outorgar-lhe uma naturalidade absoluta, que arrisca inaugurar novos parâmetros de normalidade – exatamente como faz a ordem médico-psiquiátrica, ao pretender reprimir desejos considerados desviantes da “norma” heterossexual (TREVISAN, 2002, p. 35-36).

Mediante o fragmento acima e as evidências da homoafetividade no conto “Cachorro doido”, de Haroldo Maranhão, ao se notar um Luizinho perplexo ante a contemplação da imagem de Carlão mostra que ele tem consciência de que se identifica como homoafetivo, o corpo do outro se mostra um objeto de prazer, mas estranho, distante, que não se revela de todo no primeiro encontro. Estranho, porque se vê diferente, coloca-se em uma corda-bamba diante do leitor e do outro [Carlão], pois ao se identificar como um sujeito que nunca brigou, que é mais fraco, que estudava na escola da Professora Ernestina Jucá, que é considerado pelo novo amigo como homoafetivo passivo, “um bom dum fresco”. Constatou-se que o autor através das personagens e seus atributos demarca o território da binariedade dos corpos, do masculino e do feminino, assim, Carlão representa por suas características a condição do masculino e Luizinho, as características da condição feminina.

Entretanto, Luizinho é mostrado como possuidor de um desejo erotizado por Carlão, mas no primeiro esse desejo é encoberto pelo véu da dissimulação, é ainda sorrateiro para que não deixe sua presa escapar. Ele observa e desenvolve empatia pelo colega que o procura para conversar durante o recreio, no primeiro dia de aula, na sua nova escola e, por isso, convida-o para estudarem juntos na sua casa: “- Carlão, tu vai lá em casa, a gente estuda junto. A casa é grande, não tem barulho, ninguém incomoda. O endereço é este aqui. Tu vai? Hoje? A que horas? Se tu puder tu vai logo depois do almoço” (MARANHÃO, 1986, p. 17).

Percebeu-se que o convite de Luizinho não é apenas para estreitar os laços de amizade, nem somente para ter alguém com quem possa discutir e tirar as dúvidas escolares que, porventura, surjam durante o estudo das matérias. Isto é evidenciado quando Luizinho revela detalhes da casa – a casa é grande, não tem barulho, ninguém incomoda, logo, se transassem no primeiro encontro não correriam o risco de serem flagrados. Assim, o que parecia ser inocência, é dissimulação, Luizinho age propositadamente, mas não quer levantar suspeitas de que o seu convite revela o desejo sexual nutrido pela figura do amigo que acabara de conhecer na escola. O mesmo jogo é evidenciado em Leite derramado, de Chico Buarque, na relação

entre Eulálio e Balbino, pois este ao perceber as intenções daquele agia de modo a demonstrar que percebera as intenções do amigo, mas faltava a malícia em Eulálio ainda que lesse todo o jogo do negro.

Esse aparente véu da inocência dá-se como uma estratégia do autor ao contar suas histórias curtas e dar a elas um narrador-observador e testemunha da ação, mas que não interfere e pouco ele sonda o psiquismo das personagens, o que ocorre somente no desfecho da narrativa. A postura do narrador reflete o que se convencionou chamar de literatura de representação gay, o lugar da escrita do outro, visto que não é o narrador-protagonista quem conta suas memórias, desnudando a sua alma diante do leitor, mediante o que afirmou Silva (2008). Por último, a homoafetividade e sua binariedade entre os adolescentes, personagens do conto, somente se revela no fragmento a seguir.

- Tu sabe, Luizinho, eu tenho um negócio comigo que só sei estudar nu. Não aguento o calor, a roupa incomoda, sabe como é? Tu te importa?
- Não, fique à vontade, Carlão, que em casa só está minha mãe, ela nunca incomoda e além do mais está dormindo a sesta.
- Ah, é? E tu não quer experimentar? Nu é melhor, a gente aprende mais rápido e depois tem essa porra do calor que é uma merda. Calor só é bom porque a gente fica arretado, que pelo menos fico muito arretado. Não sei o que me dá, que o menino aqui fica logo no ponto. Olha só, é o calor! Ele vai crescendo, crescendo, que fica inchado e quente. Quer ver? Pega. Pega pra tu ver como é que está uma pedra. Luizinho perturbava-se, gago, tenso, tremia, não achava o que dizer, os pelos dos braços eriçados, foi deixando levar-se com os olhos colados no chão.
- Pega, Luizinho.
- Posso mesmo?
- Carlão aproximou-se, os olhos brilhavam, facilitava:
- Pega. Segura pra ver como parece aço, só parece, que o aço é frio e o menino tá fervendo.
- Delicadamente Luizinho segurou.
- Tira a roupa, tira. Tu tem um corpinho fino, macio, carninha de menina, sabe? Tá gostando?
- Tou.
- Me responde uma coisa: tu já fez com alguém?
- Não, não, nenhuma vez. Com ninguém. Eu juro pelo que há de mais sagrado (MARANHÃO, 1986, p. 18-19).

Ao observar o fragmento é perceptível o jogo de sedução que Carlão executa para assim ver revelada a passividade de Luizinho, porque se alimentou no imaginário social que o gay passivo é um sexófilo insaciável e não pode ver um homem nu que logo quer ser “comido”. Desse modo, o colocar-se nu diante de Luizinho é lido como uma prova imposta a este e, para justificá-la usa do argumento científico de que o calor interfere negativamente sobre o processo de aprendizagem, além de encontrar um campo propício para executar o seu plano. Luizinho não se incomoda e a mãe deste, mesmo em casa, estava tirando a sesta e não incomodava quando ele estudava com os amigos, essas condições auxiliam a Carlão colocar todo o seu plano de sedução em prática.

Outra parte da estratégia de Carlão é o convite para que Luizinho também fique nu, pois, assim, ele poderá visualizar melhor o corpo do seu novo amigo, além de, depois, de se mostrar nu, solicita ao amigo que toque na genitália dele, pedido esse que perturba a Luizinho, a princípio. Mas, depois, ele acaba por ceder e segurar no falo enrijecido do seu novo amigo, isso demonstra que a intenção de Carlão está sendo alcançada, visto que, desde, quando fora convidado a estar na casa do seu anfitrião para estudar começara a arquitetar um plano para “comer” Luizinho. Após ter conseguido persuadir o outro a tocar o seu falo, Carlão observa as diferenças entre os seus corpos e pergunta se o amigo já tivera alguma experiência sexual e tem uma resposta negativa, isso o estimula ainda mais, já que quer provar a sua supremacia sobre o outro, o poder de domínio do masculino sobre o feminino.

Diante das ideias aqui discutidas constatou-se que a binariedade apresentada, no conto, parte da própria estrutura – dois personagens, dois tipos de discurso, dois narradores, características opostas das personagens, o que reforça a presença das dicotomias o do duplo na narração. “*Cachorro doido*” abraça a temática da homoafetividade sem forçá-la, aos poucos, como se o próprio processo de descoberta desta orientação sexual fosse sendo moldado pela perspectiva conceitual do conto enquanto síntese do romance e que coloca em jogo os princípios de composição que regulam a escrita moderna (BOSI, 2015). Além disso, a linguagem do conto e os elementos da narrativa nele utilizados auxiliam para que haja uma identificação do leitor com o narrado, mesmo que o olhar do narrador seja o do outro, aquele que não viveu a história ou se a viveu, mas não é ele quem a narra em conformidade com as suas subjetividades.

## 5 CONCLUSÃO

Cursar um Doutorado é um processo de sonhos que se galga a cada dia como se passos de uma criança que desafia a sua coordenação motora e os espaços, aqui, em nome de uma afirmação profissional, uma ideia fixa, que impulsiona como uma dor aguda e leva a agir, determinar-se, doloroso, mas alegre e prazeroso. Era um desejo antigo, desde criança, achava bonito ouvir alguém ser chamado doutor, vaidades de menino, mas reavivado por duas perguntas em uma – “Rubenil, o que o prende a Bacabal? Por que você não faz Mestrado e Doutorado?” – vindas de um ex-professor e amigo, Leonardo José Coimbra. Primeiro o Mestrado, na Universidade Estadual do Piauí, onde comecei a pesquisar as identidades homoafetivas e, à época, também a negritude, assim, na Dissertação, o objeto fora as identidades homoafetivas do negro na literatura brasileira contemporânea, pesquisa essa que fez crescer a determinação e mais ainda a paixão pelo objeto homoafetividade.

Depois, novas leituras, estruturação do primeiro plano, afirmação da ideia, aprovação na seleção para o Doutorado, início do curso, reescrita do projeto, inserção na linha de pesquisa em consonância com a orientadora, cursar as disciplinas procurando adequar as leituras de cada uma ao objeto de estudo. A partir de então, leituras, livros novos, usados, revistas, tudo, do que serviu ao que foi dispensado, primeiros capítulos, qualificação e novos norteamentos, entretanto, quando ainda planejava a escrita veio a convocação para o concurso regido pelos Editais Nº 63/2017 – GR/UEMA e Nº 230/2018 – GR/UEMA, no qual logrei o êxito da aprovação e classificação. Este evento repercutiu de modo tão intenso que todo o processo que duraria quatro anos tivera que ser reduzido a dois, enfim, passos sucessivos, que agora chegaram às suas primeiras conclusões, que não são definitivas, muitos já pesquisaram, porém muito mais ainda precisa ser pesquisado, sobretudo, no tocante à homoafetividade e a escrita de si.

Tomou-se a princípio o argumento de que “o silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar em nome deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes” (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 17). Entre as vozes marginalizadas está a das minorias sociais, por exemplo, a da comunidade homoafetiva, pois até mesmo na literatura quando se considera esta vertente como uma literatura menor, expressa numa língua estranha dentro de uma língua maior, dona de uma voz política e dirigida a um público das minorias fica implícita a defesa de que essa expressão da literatura não teria o mesmo valor. Entende-se, por isso, que a determinação de padrões para uma estética da arte depende da concepção dos intelectuais que a formam

mediante as realidades apresentadas à sua época, desse modo, haverá sempre uma representação desigual das classes sociais, etnias e grupos sociais, inclusive quando estes procuram representar a si. Por isso, as representações das imagens no texto literário veiculam informações que atendem a grupos e interesses específicos, seja na literatura dita canônica ou na literatura da pós-modernidade.

Embora esta última contrarie o ponto de vista do cânone, a adversidade posta também atende a interesses de um grupo específico, o que faz perceber que a produção artístico-literária atendeu a um propósito implícito no texto. Isto é, há um conjunto de fatores envolvidos na sua produção, isto pode servir de justificativa para o fato de as identidades homoafetivas que circulam no cânone terem sido representadas como identidades doentias, pervertidas e, por isso, precisavam ser anuladas, silenciadas ou punidas com a morte para a expiação dos pecados. As identidades homoafetivas, na perspectiva da escrita de si, também eram reduzidas à condição de escravizados pelo meio e em conformidade com as teorias sobre a sexualidade que dominam o contexto em que as obras foram produzidas – a contemporaneidade, pois se trata de obras publicadas entre 1985 e 2015. Já com os movimentos favoráveis à expressão das minorias sexuais (homoafetividades), do século XX, essas identidades passaram a ser representadas com maior liberdade, atendendo assim ao objetivo das lutas travadas.

Após a seleção do assunto e posterior especificação, resolveu-se trabalhar a temática homoafetividade masculina na perspectiva da escrita de si, conforme o filósofo francês Michel Foucault, no livro **Ética, política e sexualidade** (2014) e Émile Benveniste, no livro **Problemas de linguística geral I** (2005). Para isso, deu-se o título à pesquisa de “REPRESENTAÇÕES DAS IDENTIDADES HOMOAFETIVAS NA PROSA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA: leituras da escrita de si”, a escolha deste direcionou a busca de obras que particularizassem a representação das personagens homoafetivas masculinas representadas conforme a escrita de si. Porque, na contemporaneidade, houve uma maior publicação e divulgação de obras com essa temática no mercado literário brasileiro, além de haver também as representações da homoafetividade feitas por escritores que assumidamente têm o compromisso de representar a si.

No entanto, não se pretendeu pensar a autoria, apenas a representação do narrador, mesmo nas narrativas com foco narrativo em terceira pessoa, uma vez que para Benveniste não há um outro, há apenas o eu, sendo o outro somente uma criação do imaginário, irreal. Devido a essa amplitude de possibilidades acatou-se a título de restrição para o estudo envolver a análise apenas das identidades das personagens homoafetivas pertencentes ao sexo

masculino e um corpus de seis narrativas, sendo três delas como foco narrativo de primeira pessoa e três com foco narrativo de terceira pessoa. Por outro lado, acrescenta-se que é necessário passeio historiográfico acerca das representações da vida gay, isso expressa que as manifestações artísticas foram criadas e difundidas mediante as ideologias e políticas construídas por agentes sociais de seu tempo, nesse caso, à arte atribui-se à condição de uma escrita de si do sujeito que a produziu. Mas eis que surge uma inquietação: O que é arte literária? Quem determina os padrões para a criação artístico-literária? Se padrão social, sua identidade pode sofrer modificações ao longo da história? E, ainda, por que nem todas as identidades são expressas de forma igualitária?

Além dessas, outras inquietações nortearam a investigação, as quais seguem reproduzidas: Como são representados os sujeitos homoafetivos na literatura brasileira contemporânea, sob a perspectiva da abordagem dos estudos culturais e da literatura de autoria de minorias sexuais? Há um “pacto autobiográfico” entre o autor e os narradores em primeira pessoa e protagonistas das narrativas gays da prosa contemporânea brasileira, seja na literatura oral ou na escrita? Se há um “pacto autobiográfico” conforme dito Lejeune (2008), de que modo essa categoria se aplica nas diversas expressões da produção literária homoafetiva? A motivação para a violência contra as personagens homoafetivas na cena literária é uma representação daquilo que vivenciam ou escutam os autores no cenário cotidiano brasileiro? Quais as semelhanças e diferenças entre as identidades homoafetivas nas narrativas analisadas? Que códigos estéticos da literatura diferenciam a literatura homoafetiva das outras literaturas? Essas inquietações estiveram presentes durante toda a formação do leitor literário que sentia o desejo de pesquisar literatura homoafetiva desde o primeiro contato com essa vertente da leitura de **Bom Crioulo**, de Adolfo Caminha (1895) e **A confissão de Lúcio**, de Mário de Sá Carneiro (1914) durante a graduação, todavia, por falta de um professor que o orientasse fora obrigado a escolher trilhar outros caminhos.

Esta tese teve como propósito investigar as representações das identidades homoafetivas na prosa contemporânea brasileira sob a égide da escrita de si, em particular, dos escritos de Michel Foucault acerca dessa teoria e das representações feitas dos sujeitos masculinos que vivem o homoafeto. Como corpus da análise literária, tivemos as seguintes narrativas – **Confissões ao mar**, de Kadu Lago (2010), **O terceiro travesseiro**, de Nelson Luiz de Carvalho (2007), **O diário de Marjorie: memórias de uma travesti**, de Marcos Soares (2014), **Stella Manhattan**, de Silviano Santiago (2017), **Olho de Boto**, de Salomão Larêdo (2015) e “Cachorro doido”, de Haroldo Maranhão (1986). Estas narrativas em confronto com o referencial teórico que sustentou a este estudo reforçam que as identidades

homoafetivas nelas existentes são demarcadas pelo imaginário da coletividade, uma vez que há a influência da memória coletiva sobre a memória individual dos sujeitos.

Inclusive isso contribui para a produção dos silêncios acerca dessa orientação sexual, porque o homoafetivo que procura sua autonomia e independência, é também levado ao silenciamento por uma força atávica do meio social, representado nas narrativas por uma ou um conjunto de personagens. Em **Confissões ao mar**, a religião professada pela família de Mateus e o medo que ele tem de envergonhar ao pai e depois aos demais membros desta instituição; No romance **O terceiro travesseiro**, os pais Ana e Giorgio, embora este se mostre mais aberto à tolerância que aquela em relação a acolher e respeitar a orientação sexual de Marcus Dório; Já em **O diário de Marjorie: memórias de uma travesti**, a Marjorie desce ao Hades porque é altiva e provocara o homem misterioso que tinha um dragão tatuado na pele e, por isso, conhecido apenas com a alcunha de “Dragão”; Em **Stella Manhattan**, o exílio de Eduardo nos Estados Unidos, com a passagem apenas de ida e depois nenhuma linha escrita sequer; No romance **Olho de Boto**, a morte e o julgamento dos homoafetivos era um meio de impor o silenciamento dos desejos ou pulsões eróticas dos sujeitos por outros do mesmo sexo e; No conto *Cachorro doido*, o silêncio é ainda uma forma de proteção do sujeito contra a violência que pode advir do meio.

Pensar um conjunto de trilhas e tessituras foi buscar os caminhos que orientariam a ação, expor e discutir as teorias e metodologias que alimentaram as análises no tocante às categorias conceituais primeiras, por considerar necessária a sua elucidação e clareza na consciência do leitor. Por essa razão, primeiro se devia que esta era uma investigação para a literatura, arte que tem a palavra como matéria-prima, manifestada pelo verbo criador, expressivo e tem como referente o homem em suas relações sociais. Isto faz considerar que além de revisitar conceitos dados à literatura, sua origem e funcionalidade na esfera social, uma autoimagem da comunidade que a produziu, capaz de explicar as relações engendradas entre os sujeitos que a formam, que a ela dão voz, representam-na nos seus mais diversos gêneros.

Uma primeira ideia foi sustentar que a literatura homoafetiva é ainda uma construção, afinal, a literatura é um produto social, criação do humano e, no caso desta, considera-se, também, a sua emergência no campo literário. Embora, há mais de um século os homoafetivos brasileiros não sejam mais punidos pelo Código Penal por assumirem essa identidade ou por demonstrarem pequenos afetos como dar as mãos, acariciar o rosto um do outro sejam considerados subversões à moralidade social. Faz três décadas que também a homoafetividade saiu do Código Internacional de Doenças (CID) enquanto uma patologia psíquica, todavia,

resiste uma carga abusiva de imposições e impedimentos à liberdade dessa população. Nesta condição, pode ser dito que esta tese assume a voz de tantos outros que foram representados na literatura e também dos viventes sociais que ousaram encarar a sociedade e reproduzir com suas experiências o verso de Mário de Andrade – “Aceitarás o amor como eu o encaro?”.

Sobre a Literatura Gay, esta consistiu no fato de as obras selecionadas pertencem a esse escopo da literatura brasileira, mesmo que haja entre os autores aqueles que pelo conceito dado a esta vertente por Silva (2014) devido à autoria do heterossexual masculino, não fossem consideradas literatura gay, mas de temática homoafetiva. A diferença entre estas se dá porque no conceito formulado ele considera que a literatura gay é aquela em que o autor e temática são homoafetivos, enquanto a de temática homoafetiva como o nome sugere o sujeito homoafetivo é apenas objeto da produção. Embora se demarque essa diferenciação considerou-se que ela não era alvo da pesquisa, mas apenas um elemento que está fora do texto e pode influenciar na descrição do comportamento e produção de estereótipos sobre o sujeito homoafetivo. A orientação sexual dos autores é dispensada porque em nada auxilia na construção dessa análise, o que se quer é a matéria, o conteúdo, a representação que é feita dos sujeitos homoafetivos.

Identificar-se como sujeito homoafetivo não significa a instauração de uma nova ordem ou categoria para o sexo, essa crença de que a população homoafetiva viria a ser o terceiro sexo já inexistente. A ideia da existência do terceiro sexo tinha por fundamento a identidade dada aos sujeitos homoafetivos pela Psicologia, no século XIX – invertido – então, os de sexo inverso por desejar ou ter relações sexuais e afetivas com pessoas do mesmo sexo pertenceriam a essa categoria. Desse modo, continua a permanência de apenas dois sexos – o masculino e o feminino, pois nenhum sujeito perde a sua classificação quanto ao sexo, já que esta é uma categoria que se nasce com e se morre com ela, uma vez que é de ordem biológica.

Ainda sobre esse campo da identificação em relação à sexualidade, reafirma-se a ideia de que o gênero é uma construção da cultura social e diz respeito à binariedade dos papéis sexuais como homem ou mulher, isto é, o lugar ocupado pelos sujeitos dentro de uma determinada realidade cultural. Neste sentido, o papel desempenhado na hora do sexo, com quem se vai para a cama não, necessariamente, tem a ver com a biologia dos sujeitos, são homens e mulheres que se relacionam com pessoas do mesmo sexo. No tocante à identidade sexual, considerou-se que em observância aos estudos realizados, esta é resultado dos sentimentos e práticas sexuais dos sujeitos sociais. Por essa razão, não se pode definir a orientação como uma identidade de gênero, uma vez que pela recorrência ao processo de

significação, esta se associa de modo mais preciso à identidade sexual, porque se trata de uma ação individualizada dos sujeitos sociais e, com isso sujeita à mudança temporal.

Se considerada a sujeição ao tempo, entende-se que as orientações sexuais podem ser modificadas ao longo da vida dos homens e mulheres enquanto sujeitos da história cultural, conforme as práticas sexuais dos mesmos com um ou outro sexo. Neste sentido, ressalta-se que muitos homens, hoje, identificados como sujeitos homoafetivos não tiveram suas primeiras experiências sexuais com pessoas do mesmo sexo, mas com o sexo oposto. Assim como não há nenhuma norma social que diga que uma mulher mesmo depois de ter sido casada com o sexo oposto venha a se interessar e buscar experiências sexuais com outras mulheres. Também não se pode considerar que a orientação homoafetiva é regulada por leis da genética, porque não existe nenhuma prova científica sobre isso, o que houve foram apenas pressuposições. Assim, entendeu-se que as identidades homoafetivas são construções orientadas pela busca do prazer sexual dos diferentes sujeitos.

De outro dado fica clarividente a associação entre a literatura homoafetiva e o campo das Ciências Humanas e Sociais, tornando-se um campo interdisciplinar, mesmo que embrionário, sobretudo no que diz respeito à análise das representações literárias, principalmente nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Isso reforça que o imaginário social da coletividade, mesmo daqueles que estão nas instituições de ensino superior, precisa ser modificado. A fim de que os professores tenham a ousadia de Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões e aceitem orientar pesquisas que possam ir além do seu objeto de investigação há décadas, ainda que essa desconstrução não seja tão fácil, afinal, são vinte, trinta ou mais anos de comprometimento diário com um objeto, uma vocação quase que religiosa. Entretanto, como as identidades são móveis e o homem um sujeito sociológico orientado pelas forças do meio, um constructo das suas aprendizagens poderá ele se abrir ao novo sem mudar o seu objeto, apenas se reinventar em tempos de crise até mesmo na produção do conhecimento.

A abordagem dos Estudos Culturais tem como produto o estudo das ideologias das minorias sociais de gênero e étnicas, nascida a partir do estudo dos neo-marxistas Raymond Williams, Richard Hoggart e E. P. Thompson. Essa difunde a conceituação de cultura centrada na ciência Antropologia, na qual desaparecem as fronteiras como elementos que possibilitam a presença das diferenças sociais quanto aos modos de vida em sociedade, isto é, atende à perspectiva da inclusão dos agentes sociais os quais foram negados por muito tempo na história social. É sob o ponto de vista desta diferença que os defensores das correntes anteriores da crítica da literatura a refutam, pois alegam que ela não considera os pressupostos

da forma e dos fatos que servem de modelo à arte literária. Além deste há o julgamento de que por dialogar com a Antropologia e outras ciências humanas ela esteja para além da literatura enquanto manifestação da arte.

Mediante as teorias lidas acerca dessa divergência de pensamento quanto à aceitação da abordagem dos Estudos Culturais, viu-se que o valor estético conferido à homoafetividade, sobretudo se colocada como uma atitude política, de empoderamento de uma população marginalizada, não descaracteriza a criação literária, nem a torna superior, apenas a humaniza. Por outro lado, a perspectiva cultural da produção literária não desaparece com esta, mas contribui para que seja vista, de modo contundente, a estratificação social e cultural difundida através da expressão literária do cânone. Pelo contrário, a leitura do texto literário deve servir para que o leitor possa se aproximar e compreender com a intersecção de outros saberes os problemas sociais que afetavam a vida social, nos mais diversos contextos e, com isso entender o porquê de determinadas características nos textos literários, incluindo os discursos que o marcam.

Também se deve pensar que a função da literatura não é unicamente o **entretenimento** ou **função evasiva**, na qual o indivíduo possa fugir à realidade; tem-se a **função lúdica**, na qual se destaca a atenção aos elementos formais como a sonoridade e a interligação entre os recursos que formam o texto literário; a **arte pela arte**, cultuada pelos poetas parnasianos, para o qual a criação literária deveria se afastar do meio social e, por conseguinte, de suas problemáticas e; por último, a **função social**, que a apresenta como uma arte engajada política e socialmente, capaz de denunciar as mazelas sociais existentes na sociedade, seja como fizera Gregório de Matos através da sátira, Machado de Assis, da ironia cáustica ou Oswald de Andrade com o poema-piada. É nesta última que se enquadra a literatura menor consoante a perspectiva deleuziana e também a crítica da literatura de autoria de minorias sexuais, entre as quais os homoafetivos.

Foi a partir da perspectiva dos Estudos Culturais que se procurou compreender como as identidades dos sujeitos que vivenciaram ou vivem a experiência homoafetiva estavam inscritas como transitórias – caminhavam do masculino heterossexual para o masculino homoafetivo com a celeridade das transformações sociais no contexto pós-moderno. Por essa razão, considerou-se que as identidades seguem a conceituação típica do sujeito sociológico presente em **A identidade cultural na pós-modernidade** (2014), de Stuart Hall e do sujeito pós-moderno em **Identidade** (2005), do polonês Zigmunt Bauman. Assim, compreendeu-se que a transitoriedade identitária é um traço que auxilia na afirmação de que os deslocamentos contínuos dos sujeitos na estrutura social influenciam na constituição das identidades

personais, inclusive fragmenta as fronteiras que poderiam tornar a identidade uma categoria estática.

Conforme visto e sabido por qualquer sujeito mesmo que o menos experiente na investigação literária, toda análise de um texto dessa natureza precisa ser validado por uma corrente da crítica, que se ponham à prova os seus códigos estéticos, os elementos que a constroem. Dito isto, evidenciou-se que a linguagem e a reivindicação social feita na literatura homoafetiva fazem com que algumas correntes da crítica dessa arte que recusam a interferência do político no texto, julguem-na menor e somente os Estudos culturais, a Sociologia da literatura e a Literatura de autoria de minorias sexuais (homoafetiva) possam validar esse estudo. Isso gerou um olhar negativo para esta literatura, embora ela faça parte do mesmo sistema literário e esteja representada na história da literatura brasileira desde o século XVII, ainda na pódica de Gregório de Matos e na historiografia desde os Autos da Inquisição, no século XVI. Por sua vez, se considerada a perspectiva deleuziana presente em **Kafka: por uma literatura menor** (2014), ver-se-á que essa literatura a que se chama menor tem três características: ser estranha dentro de uma língua maior, ter uma voz política e ter um valor coletivo, pode ser dito que a literatura homoafetiva é uma literatura menor.

Ser literatura menor não implica não ter valor literário, trata-se apenas de uma conceituação na ótica da filosofia pós-estruturalista de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2014) e é também uma literatura de autoria de minoria sexual, homoafetiva. É, por sua vez, a representação da voz de cerca de dezoito milhões de brasileiros dentro de uma população total de duzentos e oito milhões, como revelado pelo IBGE em julho de 2018. Vale ressaltar que deste número não são dezoito milhões de escritores, nem se fossem somados todos os que escrevem literatura no País e, se considerarmos somente o homoafetivo escritor de literatura também homoafetiva, empiricamente, não chega a 100 pessoas. Isso ocorre, porque muitos dos homoafetivos não completaram o ciclo da educação básica, pois a esta se agregam a condição financeira e a etnia, podendo haver um duplo ou triplo preconceito e isto se reflete na presença de homoafetivos no ensino superior. Desse modo, assumir-se homoafetivo não significa nem obriga que aquele que escreva tenha de representar a sua orientação sexual na escrita, visto que homens e mulheres heterossexuais podem escrever literatura homoafetiva, se há qualidade estética ou não, a crítica é quem julgará, não há fronteiras de gênero para o ato da escrita.

No tocante à escrita de si, procurou-se, sobretudo, a delimitação de um campo de interesse que reside na superfície do texto, pois se tomarmos Foucault (2014), Miranda (2009) e Benveniste (2005) ver-se-á que esta é apenas uma estratégia da qual o autor lança mão como

recurso para apresentar seu texto ao público. Contudo, quando observada essa estratégia ficou evidente a presença de uma voz que reivindica um lugar, a dignidade e o respeito para a comunidade homoafetiva, torna mais próxima do real a vivência desse grupo social, o que aproxima a criação literária da História e das outras Ciências ou conhecimentos com os quais dialoga. Em virtude disso, os textos literários que tematizam a homoafetividade não são considerados pela crítica como pertencentes ao cânone, mesmo que possa ser neles percebidas as marcas da ficção. Porém, a abordagem dos estudos culturais opta por construir cartografias de si, capazes de responder ao coro de vozes dos sujeitos contidos nas narrativas.

A invenção da escrita de si remete à estreita ligação com a vida dos autores, entretanto, a voz que fora analisada como representativa da escrita de si foi a dos sujeitos que narram as histórias acerca das homoafetividades – em **Confissões ao mar**, **O terceiro travesseiro** e **O diário de Marjorie: memórias de uma travesti** são trazidas vozes que narram a si mesmas. Por outro lado, em **Stella Manhattan**, **Olho de Boto** e “Cachorro doido” o narrador predominante é o de terceira pessoa, mesmo que no uso desse foco narrativo fique evidente um maior distanciamento entre o narrador e a experiência homoafetiva, visto que neles a homoafetividade não é uma característica da identidade do narrador, mas de outra personagem. Nesta perspectiva, deve-se ressaltar que a escrita de si está mais próxima do pacto autobiográfico, de Philippe Lejeune (2014), porém, se buscada essa vertente a crítica adequada seria a biográfica e esta há muito parece ultrapassada.

A confluência de vozes na pesquisa do tipo biográfica deu-se a partir do diálogo entre as diversas vozes que formaram o tecido textual necessário para a execução das diferentes fases da investigação e elaboração da tese, pois foi com o auxílio dessas vozes que se pode fazer uso das fontes secundárias que embasaram a pesquisa, sendo usada em todos os passos. Depois de reconhecido o valor desse tipo de pesquisa, foi planejado todos os demais passos, inclusive tendo que ser revisitado o plano de trabalho continuamente, porque reduzir um curso com a magnitude e importância de um Doutorado sem perder a qualidade, quando se tinha um plano para quatro anos e reduzi-lo a dois, fica a preocupação de perder a mão e a qualidade. Entretanto, acredita-se que os procedimentos mesmo com a redução do tempo foram cumpridos e se apresenta um produto de qualidade científica e um manifesto em favor da homoafetividade e da abordagem dos estudos culturais.

No tocante à memória, identidade e imaginário social, buscou-se a memória representada nas narrativas e posta em conformidade com as ideias de Maurice Halbwachs (2013), no que diz respeito à influência da memória coletiva sobre a memória individual, em Paul Ricouer (2007) acerca das relações entre memória, história e esquecimento e a memória

e seus silêncios em Michel Pollak (1989). A memória, aqui, é produto das lembranças da experiência passada, lembranças que estão no individual, mas formada a partir do inscrito na memória da coletividade e que para viver bem, muitas vezes, é necessário mostrar que esse passado fora apagado, esquecido para não interferir no presente do sujeito. Contudo, para tratar da homoafetividade nas narrativas selecionadas para este estudo viu-se que a relação entre memória e silêncio é predominante, silenciamento que obedece ao que fora dito na história, nos círculos religiosos, nas famílias, escolas e sociedade brasileira acerca das práticas homoafetivas, inclusive na punição como forma de interditar, de usar do poder que têm sobre esse amor.

Sobre a relação imprensa e homoafetividades constatou-se que desde a popularização da imprensa a vida homoafetiva esteve representada na escrita de jornais e livros como marca do seu contexto. Assim, se buscados os arquivos das hemerotecas do século XIX ou até mesmo de hoje, o tratamento dado aos homoafetivos está em consonância com o modo como a sociedade os representa. Desse modo, os estudos gays-lésbicos demonstram que as representações feitas nas diferentes mídias atendem a interesses sociais diversos, é uma construção política que penetra profundamente no seio social, evocando discursos prós ou contrários. No entanto, *Snob*, *Realidade*, *Lampião da Esquina*, *Rose*, *Sui Generis*, *G Magazine*, *Júnior* e *Dom*, até mesmo a internet abordam a vida gay conforme diretrizes específicas. Outra marca, especialmente, da *G Magazine*, *Dom* e da Internet é a presença do discurso pornográfico de um modo mais evidente, na superfície do texto, o que estabelece um diálogo permanente com a dimensão erótico-pornográfica da produção literária homoafetiva, esta é também a que provoca maior estranhamento aos não leitores dessa literatura.

Sabe-se que a memória é o ponto de partida para a criação dos discursos acerca das homoafetividades, são eles que dão a solidez necessária à concretização dos discursos favoráveis ou contrários à produção dessa linha editorial. Ressalta-se que a memória remete às lembranças que os sujeitos carregam do passado vivido e daquele que ela entrou em contato a partir do uso dos registros da memória de outros sujeitos, por exemplo, o que está contido nos livros, tanto os compreendidos e classificados como literatura quando os teórico-conceituais. Essa memória interfere na construção dos vários vocábulos que servem para nomear a prática da homoafetividade e os sujeitos que com ela se identificam, isso pode ser visto nas diferentes narrativas escolhidas como corpus de análise desta investigação. Vale lembrar que os sentidos de tais vocábulos são construções contextuais, logo, em Belém, dificilmente, se ouvirá um homoafetivo ser chamado de frango, enquanto em Pernambuco isso é clichê.

Em se tratando da presença das identidades homoafetivas, no Brasil, foram identificadas várias identidades, das quais se citam – pederastas, safistas, sodomitas, mordedor de fronha, fanchono, bugre, amor dos nobres, pecado mau, velhacaria, vício italiano, nefandice, amor grego, vício dos clérigos, amor elegante, maricas, viado, puto, homossexual, macho e fêmea, bicha, fresco, roçadinho, machona, gay, homoerótico ou homoerotismo, *queer*, *camp* e homoafetivo. Alguns desses vocábulos foram encontrados em referências históricas sobre a vida dos homoafetivos nas diferentes fases da história, outros apontados na historiografia literária, instituições e pela mídia impressa. Além disso, alguns como safistas, roçadinho e machona se aplicam somente à lesbianidade, outros como – fanchono ou fanchonice, vício italiano, amor grego, gay, homossexual, *queer*, *camp* e homoafetivo designam tanto o masculino quanto o feminino que tem relação sexual e afetiva com pessoas do mesmo sexo.

Por sua vez as construções literárias representativas das identidades gays, conforme a perspectiva da escrita de si demonstra que são apenas corpos performatizados, os quais ganham uma forma e podem a partir daí ser esquadrihados obedecendo a um método e uma técnica, o que neste estudo foi a abordagem dos estudos culturais e a cartografia, respectivamente. Para isso, foi necessário recorrer ao diálogo com outras vozes como os multiculturalistas e filósofos como Raymond Williams, Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari para se pensar e criar caminhos para a construção de novas cartografias para as identidades homoafetivas das obras estudadas e também demonstradas na terceira parte da seção três. A técnica da cartografia da voz para perceber os silêncios postos sobre a expressão das homoafetividades instauradas sobre a categoria do poder, um poder punitivo que conduz à morte, à separação, ao exílio, ao distanciamento, somente em **Olho de Boto** e “Cachorro doido” é criada tensões que permitem outras perspectivas além da solidão e da morte.

Ao analisar a representação das identidades homoafetivas através de suas vozes e da obediência à teoria da escrita de si pode-se ratificar que as cartografias analíticas construídas dão conta de naquelas em que o narrador é também a personagem-protagonista. Notou-se que há uma força emocional maior que parece aproximar mais a obra dos conflitos existenciais vividos pela comunidade homoafetiva. Isso provoca no leitor a sensação de que há uma verossimilhança, a instauração da literatura como uma manifestação do real, não apenas para entreter os leitores, mas para suscitar a catarse, o prazer, fazer o leitor se aproximar da reivindicação contida na obra, como se viu em **Confissões ao mar**, **O terceiro travesseiro** e em **O diário de Marjorie: memórias de uma travesti**.

Por outro lado, aquelas em que o foco narrativo está na terceira pessoa, embora, às vezes, faça uso do discurso indireto livre ou promova a alternância entre os discursos direto e indireto, parece deixar de lado esse impacto causado pela voz subjetiva, a do narrador em primeira pessoa. Também não se pode com isso dizer que há apenas um outro já que a teoria linguística apresentada por Benveniste (2005) nos diz que o que existe de concreto é sempre o eu, o outro é apenas uma categoria que reside na imaginação do autor para se referir a alguém que precisar interagir com o texto.

Portanto, convém ressaltar que todo esse processo de construção da afirmação de uma identidade para a literatura gay representada sobre a perspectiva de si, mesmo que marcado por rupturas em alguns momentos da história, ele contribuiu satisfatoriamente para que nos dias atuais pudesse se pesquisar e ler a literatura gay nas academias e escolas. Mesmo que ainda seja pouco e se precise de mais pesquisas e projetos que levem à inserção dessa literatura entre as obras do cânone já estudadas e lidas ainda na educação básica, o que requer que outras pesquisas sejam continuadas. Todavia, alguns problemas ainda persistem, como por exemplo, a falta de docentes qualificados para esse fim e ausência de ações governamentais que possibilitem a inserção desta nos programas de educação pública e ainda na rede privada e o despertar de uma empatia com essa literatura.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Contos completos**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ADORO CINEMA. **Mary Poppins**. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-426/>>. Acesso em 08 jan. 2019.

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In. **Outra travessia revista de literatura**, Ilha de Santa Catarina, n. 5, p. 9-16, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/issue/view/1201>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

ALLEN, Dennis. **Homosexualité et littérature**. Franco-Italica, serie contemporanea, Alessandria, n. 6, 1994, p. 11 – 27.

ALVES, Everton Fernando; TSUNETO, Luiza Tamie. A orientação homossexual e as investigações acerca da existência de componentes biológicos e genéticos determinantes. In. **Scire Salutis**, Aquidabã, v.3, n.1, Out, Nov, Dez 2012, Jan, Fev, Mar, 2013. Disponível em: <<http://www.rcdh.es.gov.br/sites/default/files/ARTIGO%202013%20EvertonAlves%20HOMOSSEXUALIDADE%20E%20COMPONENTES%20BIOLOGICOS.pdf>>. Acesso em 20 abr. 2019.

ANDRADE, Mário de. A costela do Grão Cão. In.: ANDRADE, Mário de. **De Pauliceia Desvairada a Lira Paulistana**. São Paulo: Martin Claret, 2016.

\_\_\_\_\_. **Contos novos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

\_\_\_\_\_. **De Pauliceia Desvairada a Lira Paulistana**. São Paulo: Martin Claret, 2016.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.

ASSIS, Machado de. Pílades e Orestes. In.: ASSIS, Machado de. **Páginas recolhidas; Relíquias da casa velha**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008. (Contistas e Cronistas do Brasil).

\_\_\_\_\_. Pílades e Orestes. In.: RUFFATO, Luiz (org.). **Entre nós: contos sobre homossexualidade**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007. (Coleção Língua Franca).

AZEVEDO, C. A. **Saber com sabor**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1996.

AZEVEDO, Ricardo. Vestígios de tradições populares no imaginário brasileiro. In.: BERNARDINI, Aurora Fornoni; FERREIRA, Jerusa Pires (orgs.). **Mitopoéticas: da Rússia às Américas**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

BARBO, Daniel. A emergência da homossexualidade: cultura grega, cientificismo e engajamento. In. COSTA, Ariane Vidal; BARBO, Daniel (orgs.). **História, literatura e homossexualidade**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

BARBOSA, Josane Fátima. Entre dobradiças e dobraduras: a construção da personagem em *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago, e *Brazil*, de John Updike. **Revista Em Tese**. Belo Horizonte, v. 9, p. 1–281, dez. 2005. Disponível em: <[http://150.164.100.248/poslit/08\\_publicacoes\\_pgs/Em-tese-2004-pdfs/16-Josane-Fatima-Barbosa.pdf](http://150.164.100.248/poslit/08_publicacoes_pgs/Em-tese-2004-pdfs/16-Josane-Fatima-Barbosa.pdf)>. Acesso em: 07 fev. 2019.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. Volume I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

BERND, Zilá. Inscrição do oral e do popular na tradição literária brasileira. In. BERND, Zilá; MIGOZZI, Jacques (orgs.). **Fronteiras do literário**: literatura oral e popular Brasil/França. Porto Alegre: UFRGS, 1995. (Coleção Ensaios CPG-Letras; 1)

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

BIMBI, Bruno. **O fim do armário**: lésbicas, gays, bissexuais e trans no século XXI. Trad. Ari Roitman. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2017.

BOGATYRIÓV, Piotr.; JAKOBSON, Roman. O folclore como forma específica de arte. In.: BERNARDINI, Aurora Fornoni; FERREIRA, Jerusa Pires (orgs.). **Mitopoéticas**: da Rússia às Américas. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **O conto contemporâneo brasileiro**. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

BRUNEL, Pierre; PICHOIS, C.; ROUSSEAU, A. M. **Que é literatura comparada?** Trad. Célia Berrettini. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

BUARQUE, Chico. **Leite derramado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Trad. Sérgio Lamarão; Arnaldo Marques da Cunha; Marina Vargas; Carla Rodrigues. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Literatura Oral no Brasil**. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Global, 2008.

CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. 3. reimpr. São Paulo: Martin Claret, 2010. (Coleção Obra Prima de Cada Autor).

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 11. ed. 1. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750 – 1836)**. Vol. 1. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

\_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000, Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

\_\_\_\_\_. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CAPUCHO, Luís. **Cinema Orly**. Rio de Janeiro: Interlúdio, 1999.

CARVALHO, Nelson Luiz de. **O terceiro travesseiro**. 13. ed. São Paulo: GLS, 2007.

CARVALHO, Raimundo *et al* (orgs.). **Por que calar nossos amores?: poesia homoerótica latina**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (Coleção Clássica).

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. Literatura e Estudos Culturais. In.: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2005.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Conversações com Jean Lebrun. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. 5. reimpr. São Paulo: Unesp, 1999.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Machado e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

CORRÊA, Paulo Maués. **Contos selecionados de Inglês de Sousa**. Revisão e notas de Paulo Maués Corrêa. Belém: Paka-Tatu, 2005.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Horácio. Julieu e Romito. In. MACHADO, Amanda; MOURA, Marina (orgs.). **Poesia gay brasileira – Antologia**. Rio de Janeiro: Machado Grão, 2017.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de Teoria Literária**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar. In. GREEN, James N. e QUINALHA, Renan. (orgs.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

CUNHA, Maria José Oliveira da; FERREIRA, Ediene Pena. O boto e o rapaz – Aquele boto era uma bota? In. SIMÕES, Maria do Socorro; GOLDER, Christophe (Coords.). **Santarém conta...** Belém: Cejup; Universidade Federal do Pará, 1995. (Série Pará Conta; 1).

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Horizonte; Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

DAL FARRA, Maria Lúcia. **O narrador ensimesmado**. São Paulo: Ática, 1978. (Coleção Ensaios 47).

DARNTON, Robert. O que é a história dos livros?. In.: \_\_\_\_\_. **O beijo de Lamourrette**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 109-131.

DAWSON, James. **Este livro é gay – e hétero, e bi, e trans...** Trad. Rafael Mantovani. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Trad. Cíntia Vieira da Silva e Luiz B. L. Orlandi. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Filô Margens; 4)

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida**. Trad. Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

DIAS, Maria Berenice. **Homoafetividade e direitos LGBT**. 7. ed. rev. ampl. São Paulo: Thomson Reuters, Revista dos Tribunais, 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 11-23. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4846151.pdf>>. Acesso em: 31 de out. de 2018.

EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. Trad. Matheus Corrêa. São Paulo: Unesp, 2011.

EWERTON NETO. Qualira, e outras pérolas. **Jornal O Estado**, o jornal que valoriza você. Disponível em: <<https://www.blogsoestado.com/ewertonneto/2016/09/08/qualira-e-outras-perolas/>>. Acesso em: 06 dez. 2018.

FARO, J. S. **Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira**. Porto Alegre: Age, 2008.

FAURY, Mára. **Uma flor para os malditos: homossexualidade na literatura**. Campinas: Papyrus, 1984. (Coleção Krisis).

FAUSTINO, Mário. **Melhores poemas**. Sel. Benedito Nunes. 3. ed. São Paulo: Global, 2000. (Melhores Poemas; 14).

FERREIRA, Jerusa Pires. Matrizes impressas da oralidade. In.: BERND, Zilá; MIGOZZI, Jacques (orgs.). **Fronteiras do literário: literatura oral e popular Brasil/ França**. Porto Alegre: UFRGS, 1995. (Coleção Ensaios CPG-Letras; 1)

FIGARI, Carlos. **@s “outr@s” cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX**. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

FISCHER, André. **Como o mundo virou gay?** Crônicas sobre a nova ordem sexual. São Paulo: Ediouro, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

\_\_\_\_\_. **A grande estrangeira**: sobre literatura. Trad. Fernando Scheibe. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

\_\_\_\_\_. **Ditos e escritos, vol. V: ética, sexualidade, política**. Org. Manoel Barros da Mota. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 3. ed. 2. tiragem. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. (Ditos e escritos; 5)

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade**. Curso no Collège de France (1975 – 1976). Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 5. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017a. (Coleção Biblioteca de Filosofia)

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 5. ed. Org. Trad. Rev. Téc. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017b.

\_\_\_\_\_. **Um diálogo sobre os prazeres do sexo**: Nietzsche, Freud e Marx – Theatrum philosophicum. São Paulo: Landy, 2015.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. 42. ed. 2. reimpr. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. Formalismo russo e New Criticism. In.: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2005.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos)

FRY, Peter. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GANCHÓ, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas?**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Coleção Princípios; 207).

GARCIA, Paulo César Souza. **Literatura e representações do homoerotismo**. Vol. 2. Salvador: EDUNEB, 2014. (Crítica Cultural)

GARCIA, Wilton. **A forma estranha**: ensaios sobre cultura e homoerotismo. 1. ed. São Paulo: Edições Pulsar, 2000. (Coleção outras palavras, outras linguagens)

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1993. (Biblioteca básica)

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GINZBURG, Jaime; FARIA, João Roberto; LIMA, Mariangela Alves de (coords.). **Dicionário do teatro brasileiro**: temas, formas e conceitos. São Paulo: Perspectiva, 2006.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas: Autores Associados, 2013. (Coleção ensaios e letras)

GOMES FILHO, Miguel. **(Homo)sexualidades e Foucault**: para o cuidado de si. Curitiba: Appris, 2016.

GREEN, James N. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Trad. Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_.; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870 – 1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. (Coleção Baú de histórias)

GUIMARÃES, Carmen Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. (Coleção sexualidade, gênero e sociedade)

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HATTNER, Álvaro Luiz. Literatura e Estudos Culturais. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 1. ed. Maringá: Eduem, 2002.

HEE, Carlos. A via crucis do escritor gay. In.: **Revista CULT**, Edições 66, março, São Paulo: Bregantini, 2010. (Artigo). Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/a-via-crucis-do-escritor-gay/>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

HMC, Pedro. **Um livro para ser entendido**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2016.

IVÁNOVA, Adelaide. **O martelo**. Rio de Janeiro: Edições Garupa, 2017.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. (Coleção Série Temas, vol. 36)

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica: Bernardo Carvalho, Fernando Vallejo, Washington Cucurto, João Gilberto Noll, César Aira, Silviano Santiago. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de Metodologia Científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 34. ed. 3. reimpr. Petrópolis: Vozes, 2017.

KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Trad. Cesar Gordon. 1. ed. 1. reimpr. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013.

LAGO, Kadu. **Confissões ao mar**. 2. ed. São Paulo: Copacabana Books, 2010.

\_\_\_\_\_. **Kadu Lago**: biografia. Disponível em: <<https://www.kadulago.com.br/>>. Acesso em 23 dez. 2018.

LARÊDO, Salomão. **Chapéu Virado – a lenda do boto**. Encantamento amazônico. 2. ed. Belém: Salomão Larêdo Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. **Matintresh – Antígona, ex-Amazônia**. O mito da matinta-perera. Belém: Salomão Larêdo Editora, 2003.

\_\_\_\_\_. **Olho de boto**. São Paulo: Empíreo, 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 7. ed. rev. Campinas: UNICAMP, 2016.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014. (Coleção Humanitas)

LOPES, Charles Roberto Ross; SEFFNER, Fernando. O homem do princípio ao fim: produção de masculinidades homossexuais na revista Rose (1979 a 1983). **Fazendo Gênero 9**: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277339136\\_ARQUIVO\\_ArtigoFG2010.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277339136_ARQUIVO_ArtigoFG2010.pdf)>. Acesso em 14 fev. 2019.

LOPES, Denilson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LUGARINHO, Mário César. Estudos de gênero se sofisticam, saem da berlinda e passam a abordar autores canônicos, como Machado de Assis e Guimarães Rosa. Universidade GLS. **Folha de São Paulo**, São Paulo, domingo, 30 de março de 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3003200307.htm>>. Acesso em 14 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. Nasce a literatura gay no Brasil: reflexões para Luís Capucho. In. SILVA, Antonio de Pádua Dias da (org.). **Aspectos da literatura gay**. João Pessoa: UFPB – Autor associado, 2008.

MAIA, Helder Thiago. Ferreira Leal, o literato gasto. In. LEAL, Ferreira. **Um homem gasto**. Uberlândia (MG), 2019.

MARANHÃO, Haroldo. **Jogos Infantis**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso. Atual. João Bosco Medeiros. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MATOS, Gregório de. **Poemas atribuídos** – Códice Asensio-Cunha. Volume I. João Adolfo Hansen; Marcelo Moreira [edição e estudo]. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In.: MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al* (orgs.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINDLIN, Betty. Vozes da origem. In.: BERNARDINI, Aurora Fornoni; FERREIRA, Jerusa Pires (orgs.). **Mitopoéticas**: da Rússia às Américas. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

MIRANDA, Wander Melo. **Corpos escritos**: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2009.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012. (Série Cadernos da Diversidade: 6).

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX – o espírito do tempo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

MOTT, Luiz; ASSUNÇÃO, Aroldo. Gilete na carne: Etnografia das automutilações dos travestis da Bahia. In.: **Temas IMESC (Instituto de Medicina Social e de Criminologia) – Sociedade, direito e saúde**. São Paulo: 1987, p. 41-56.

MOTT, Luiz. **Crônicas de um gay assumido**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

NASCIMENTO, Mariângela. Soberania, poder e biopolítica: Arendt, Foucault e Negri. In. **Griot – Revista de Filosofia**, Amargosa, Bahia – Brasil, v.6, n.2, dezembro/2012. Disponível em: <www.ufrb.edu.br/griot>. Acesso em: 14 ago. 2017.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Loyola, 2013.

NUNES, Mario. Práticas corporais ou mercadorias corporais. In. SANCHES, Tatiana Amendola (org.). **Estudos culturais**: uma abordagem prática. São Paulo: SENAC, 2011.

OKITA, Hiro. **Homossexualidade**: da opressão à libertação. 2. ed. São Paulo: Sundermann, 2015.

OLIVEIRA, Marcus Rodolfo Bringel de. Apontamentos para uma estética homoafetiva “Frederico Paciência”, de Mário de Andrade. **CLARABOIA**: Revista do Curso de Letras da UENP, Jacarezinho–PR, n.2/1, p. 12-21, jan./jun., 2015. ISSN: 2357-9234. Disponível em: <[http://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/viewFile/541/pdf\\_27](http://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/viewFile/541/pdf_27)>. Acesso em: 05 fev. 2019.

OLIVEIRA, Rubenil da Silva. **Identidades homoafetivas do negro na literatura brasileira contemporânea**. Teresina: Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual do Piauí, 2016. (Dissertação)

\_\_\_\_\_. Memórias e o desvelamento da identidade homoafetiva: leitura de Mil rosas roubadas, de Silviano Santiago na perspectiva da escrita de si. In.: PINHEIRO, André; GOMES, Francisco Wellington Borges; SOUZA, Tiago Barbosa. **Anais do II Encontro Nacional de Ficção, Discurso e Memória**: cultura, linguagens e ensino. Teresina: Edufpi, 2016.

OLIVEIRA, Rubenil da Silva. SIMÕES, Maria do Perpétuo Socorro Galvão. Do sodomita ao homoafetivo: estereótipos gays na literatura. In.: **Interdisciplinar – Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão, v. 30, jul.-dez., p. 145-161, 2018. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/9907>>. Acesso em 01 dez. 2018.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

OSÓRIO, Antônio Carlos do Nascimento. (Des)regularização do sujeito: constituições, mecanismos, concessões. In.: OSÓRIO, Antônio Carlos do Nascimento (Org.). **Poderes e saberes**: corpos em educação. Campo Grande: Oeste, 2013.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. 4. ed. Belém: Cultural Brasil, 2015.

\_\_\_\_\_. Mitopoéticas e imaginário. In.: BERNARDINI, Aurora Fornoni; FERREIRA, Jerusa Pires (orgs.). **Mitopoéticas**: da Rússia às Américas. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

PARKER, Richard Guy. **Abaixo do Equador**: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2002.

PEREIRA, Edmilson A. GOMES, Núbia P. M. **Ardis da Imagem**: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira. Belo Horizonte: Mazza Edições, Editora PUCMinas, 2001.

PEREIRA, Maria Antonieta; REIS, Eliana Lourenço de Lima. (Orgs.). **Literatura e estudos culturais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000.

PERES, Wiliam S. Travestis, cuidados de si e serviços de saúde: algumas reflexões. In: COSTA, Horácio *et al* (org.). **Retratos do Brasil homossexual**: fronteiras, subjetividades e desejos. São Paulo: Unesp; Imprensa Oficial, 2010.

PÉRET, Flávia. **Imprensa gay no Brasil**. 1. reimpr. 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2012.

PIMENTA NETO, Olímpio José. O lugar da verdade na literatura. **Cadernos Nietzsche**, n. 15, 2003. São Paulo: Grupo de Estudos Nietzsche, Universidade de São Paulo. Disponível em: < <http://www.gen.fflch.usp.br/sites/gen.fflch.usp.br/files/u41/CN015.31-42.pdf>>. Acesso em: 24 dez. 2018.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: <[http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2019.

POSSO, Karl. **Artimanhas da sedução**: homossexualidade e exílio. Trad. Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura**. 15. ed. 6. impr. São Paulo: Ática, 2007.

REYES, Alfonso. **El deslinde**. México: El Colegio de México, 1944.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas: Unicamp, 2007.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. Trad. Nilson Maulin. São Paulo: Unesp, 2010.

SAMUEL, Rogel. **Novo manual de Teoria literária**. 4. ed. rev. ampl. Petrópolis: Vozes, 2007.

SANTIAGO, Silviano. **Mil rosas roubadas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

\_\_\_\_\_. **Stella Manhattan**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

\_\_\_\_\_. When I Fall In Love (Quando me apaixono). In.: RUFFATO, Luiz (org.). **Entre nós**: contos sobre homossexualidade. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007. (Coleção Língua Franca).

SANTOS, Célia Regina dos; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. Literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais. In. BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2005.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. Dispositivo: um aporte metodológico para o estudo do discurso. In. SOUSA, Kátia Menezes de; PAIXÃO, Humberto Pires da. (orgs.). **Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade**. São Paulo: Intermeios; Goiânia: UFG, 2015.

SCHIPPER, Mineke. Literatura oral e oralidade escrita. In. QUEIROZ, Sônia (org.). **A tradição oral**. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2006.

SCHOLLES, Robert; KELLOG, Robert. **A natureza da narrativa**. Trad. Gert Meyer. Rev. Afrânio Coutinho. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.

SEGDWICK, Eve Kosofsky. **Epistemologia do armário**. Lisboa: Angelus Novus, 2003.

SERBENA, Carlos Augusto. Imaginário, ideologia e representação social. In. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, nº 52 – Dezembro de 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/viewFile/1944/4434>>. Acesso em:

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. A literatura brasileira de temática homoerótica e a escrita de si. Literatura homoerótica e escritas de si. **Acta Scientiarum. Language and Culture**. Maringá, v. 36, n. 1, p. 61-71, Jan.-Mar., 2014. Disponível em: <<http://www.uem.br/acta>>. Acesso em 09 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. Especulações sobre uma história da literatura brasileira de temática gay. In. SILVA, Antônio de Pádua Dias da (org.). **Aspectos da literatura gay**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB – autor associado, 2008.

SILVA, Carmen Lucia. A arte de contar história e tecer os fios da memória. In.: FISCHMAN, Fernando; HARTMANN, Luciana (orgs.). **Donos da palavra: autoria, performance e experiência em narrativas orais na América do Sul**. Santa Maria: EDUFSM, 2007.

SIMÕES, Maria do Perpétuo Socorro Galvão. Vozes da Amazônia. In.: BERNARDINI, Aurora Fornoni; FERREIRA, Jerusa Pires (orgs.). **Mitopoéticas: da Rússia às Américas**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

SOARES, Marcos. **O Diário de Marjorie: memórias de uma travesti**. 1. ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares**. Trad. Heci Regina Candiani. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017 (Argos, 2)

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

TAYLOR, Dianna. **Michel Foucault: conceitos fundamentais**. Trad. Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2018.

TELLES, Lygia Fagundes. Uma branca sombra pálida. In.: \_\_\_\_\_. **A noite escura e mais eu**. Lisboa: Livros do Brasil, 1996.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

TOLEDO, José Luiz Dutra de. **O gato que ri do meu ego esquizofrênico**. 2. ed. Rio de Janeiro: eBooksBrasil, 2006.

TORRÃO FILHO, Amílcar. **Tríades galantes, fanchonos militantes: homossexuais que fizeram a história**. São Paulo: Summus, 2000.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 5. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Record, 2002.

\_\_\_\_\_. Interlúdio em San Vicente. In.: RUFFATO, Luiz (org.). **Entre nós: contos sobre homossexualidade**. Rio de Janeiro: Língua geral, 2007. (Coleção Língua Franca)

VALENTE, Naldo. Primeiro casamento Gay no mundo foi em Cameté – Pará. In. **Jornal Digital Ananindeua Debates**. Disponível em: <<https://ananindeuadebates.blogspot.com/2013/05/primeiro-casamento-gay-no-mundo-foi-em.html>>. Acesso em 20 abr. 2019.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. **Mitos gregos**. São Paulo: Objetiva, 1998.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. In. **Informação e sociedade: estudos**, v. 17, n. 3, 2007, p. 27-39. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/962/1583>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

WERNECK, Mariza Martins Furquim. Viagem à mitosfera – pensamento mágico e mítico em Claude Lévi-Strauss. In. VOLOBUEF, Karin (org.). **Mito e magia**. São Paulo: Unesp, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. Trad. André Glaset. São Paulo: Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In. SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse?** O corpo no imaginário feminino. Florianópolis: Mulheres, 2007.

YATES, Frances Amelia. **A arte da memória**. Trad. Flavia Bancher. 3. reimpr. Campinas: Unicamp, 2016.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. Afinal, o que é literatura? In.: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2005.

ZIZEK, S. (org.) **Um Mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: a “literatura” medieval. Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: HUCITEC, 1997.

\_\_\_\_\_. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: UBU Editora, 2018.

**ANEXOS**

## ANEXO A: Desdobramentos do Gay Power

## COMPORTAMENTO

## Um gay power à brasileira

Pouco a pouco, segundo sua própria linguagem, eles vão afinal "se assumindo" — e talvez em nenhum lugar essa nova postura seja tão evidente como em sua imprensa. Nas areias da praia de Copacabana, em frente à rua Fernando Mendes, e nas efervescentes calçadas do Ciscelândia, no Rio de Janeiro, circulam de mão em mão exem-

plares de seções e periódicos dirigidos aos seus interesses imediatos. É verdade que, à crua palavra "homossexual", eles ainda preferem a relativa discrição do inglês gay, ou as variações do verbo "entender". Mas o fato é que sua voz, após uma secular anonimato, começa a vir a público. E, através dessas leituras, eles se inteiram das últimas fofocas do

bio? Pois descobri que ele foi o primeiro caso do Ney Latorraca." ("Tudo Entendido", de Fernando Moreno.)

● "Os homossexuais saíram às ruas no mundo. (...) No Brasil? Nada! Isso é o que eu chamo de classe destuída." ("Guei", de Glorinha Pereira.)

● "Feminismo é uma batalha, homossexualidade é apenas uma maneira de sentir prazeres sexuais e não um modo de vida." ("Coluna do Meio")



Desfile de travestis no Rio: rندoso e, agora, aplaudido de pé

plares dos mensais *Genie Gay* e *Gay News Magazine*, além de recortes das colunas "Tudo Entendido", da *Gazeta de Notícias* e "Guei", do *Correio de Copacabana*. Em São Paulo, nos interiores da sauna Four Friends, durante o dia, na esquina das avenidas Ipiranga e São João, à noite, e no salão enfeitado da boate Medieval, ao longo da madrugada, são devoradas as páginas do jornal mensal *Entender* — e sobretudo a prestigiada "Coluna do Meio", que o jornalista Celso Curi assina ininterruptamente na *Última Hora* paulista há um ano e meio.

Sem abandonarem seus textos de cabecreira — contos de fada de Oscar Wilde, peças de Jean Genet, romances de Vidal e até mesmo um e outro do "Diálogo" de Pláton —, os intelectuais brasileiros ganham enfim a voz mais próxima, com o sur-

timão, recebem conselhos úteis, tomam conhecimento das opiniões de notáveis do setor e encontram indicações precisas sobre seus principais pontos de encontro ou de lazer do momento.

Alguns exemplos extraídos de tais publicações:

● "Teremos as nossas pornografias, pois não somos moralistas, mas principalmente queremos dar um cunho sério à classe... em busca de melhor entendimento." (Editorial do número zero de *Entender*.)

● "Como você vê o jornalismo gay?" "Como uma porta no qual podemos entrar com nossas idéias, nossas aspirações, nossa arte, tudo enfim que nós homossexuais temos de bom para mostrar." (Entrevista do travesti Juju Falcao a *Genie Gay*, número 8, de julho último.)

● "Você se lembra do cantor Fã-

**Anormalidade relativa** — Como se vê, de comum entre as colunas e os jornais especializados há apenas a temática. No resto, cada um segue uma linha própria — não raro oposta às dos concorrentes. É o caso da coluna "Tudo Entendido", lançada há três meses na *Gazeta de Notícias* carioca (tiragem diária de 40.000 exemplares) pelo ator Fernando Moreno, 28 anos. Suas pequenas notas são de uma clareza chocante para um assunto tradicionalmente tão delicado no Brasil — e, quase sempre, se concentram em rasos cochichos pessoais. "Quem aderiu ao gay power foi o Nuno Leal Maia. Atenção, meninos, ele está solto na praça", anuncia uma. "A moda da adoção pegou mesmo, o Walmar Chagas está procurando um jovem de 18 anos, moreno, olhos verdes e 1,80 metro de altura para adotar. Assim, até eu adoto..." trocheteia outra.

A "Coluna do Meio", considerada a precursora, segue por caminhos mais suaves. "Escrevo para, e não sobre o homossexual", explicou a Carlos Maranhão, de VEJA, o seu criador Celso Curi, de 27 anos. A iniciativa o tornou uma espécie de sumo-sacerdote do gay power paulistano, mas lhe valeu também um processo, aberto contra ele pela Promotoria Pública do Estado, sob a acusação de "unir seres anormais", através da seção "Correio Elegante", para a qual eram endereçadas vinte cartas por dia. "Anormal", defende-se Curi, que se viu obrigado a sustar a publicação de nomes de leitores que desejavam se encontrar ou trocar correspondência "com iguais", "é comer macarrão com arroz e achar gostoso." Seja como for, ele é em geral um adepto da convivência pacífica. Mesmo evitando o chamado "estilo estrangeiro", por exemplo, Curi fez questão de telefonar no mês passado para a ex-manequim Glorinha Pereira, 38 anos, a fim de cumprimentá-la pelo lançamento da coluna "Guei" no *Correio de Copacabana*, semanário de 15.000

VEJA, 24 DE AGOSTO, 1977



Av. Ipiranga, São Paulo: modelitos e bobaluz

exemplares. "Está maravilhosa", diz-lhe Carl.

Proprietária das Termas Flamengo e da Boate 266 West, muito procurada por homossexuais, Glorinha se entretém na coleta de boatos e vagas atividades. "Por que certas pessoas ficam mais de um ano de amor com alguém, se existe 'outro' em São Paulo?", perguntou recentemente. No inevitável "consulatório sentimental", divulgou o pedido de um "buzano, descendente de árabe, que deseja fazer amizade com jovem que gosta de esporte, com idade até 36 anos". Embora não seja um jornal gay, o *Correio de Copacabana* vem se ocupando com esse tipo de noticiário — tanto que descobriu, recentemente, um travesti que trabalhava no elenco da telenovela "Espelho Mágico".

Palcos conquistados — Em São Pau-

loisíssimas". Por que tudo isso? Evidentemente, o surgimento de tal imprensa só foi possível porque os homossexuais brasileiros passaram a ter pontos específicos de reunião, principalmente nas duas maiores cidades do país. Além do mais, os travestis trocaram a reclusão das festas em apartamentos pelos palcos de teatro, cenários de televisão e calçadas de avenidas, nas quais os meninos atentos — e em certos casos até bons observadores de costumes — chegam a confundir os com mulheres.

Rio e São Paulo, na verdade, são os núcleos mais efervescentes de uma movimentação que se espalha por outras capitais do país. Em Salvador, por exemplo, circula há catorze anos, sem periodicidade certa, o *Little Darling*, jornalzinho xerocado que, desde 1966, promove anualmente o concurso "Belleza Gay". Mesmo em cidades conservadoras

lo, começou a circular em julho, no interior de bares e boates da rua Augusta, o *Entender*, com tiragem de 10 000 exemplares. Junto ao logotipo, uma solitária informação: "Circulação interna" — sem qualquer indicação sobre os responsáveis. Apesar disso, pode ser encontrado em vários hotéis de primeira categoria da cidade, "o que significa", vaagloriou-se o editorial do número 1, "que tudo sobre o meio está sendo veiculado para os gringos". Em suas dezessais páginas, traz quatro anúncios (de limpeza de pele, conserto de roupas, aulas de francês e uma clínica de doenças venéreas) e matérias como "Catolicismo e sexo", "O homossexual casado" e um "Roteiro". Não faltam, além disso, informações de ordem estritamente prática.

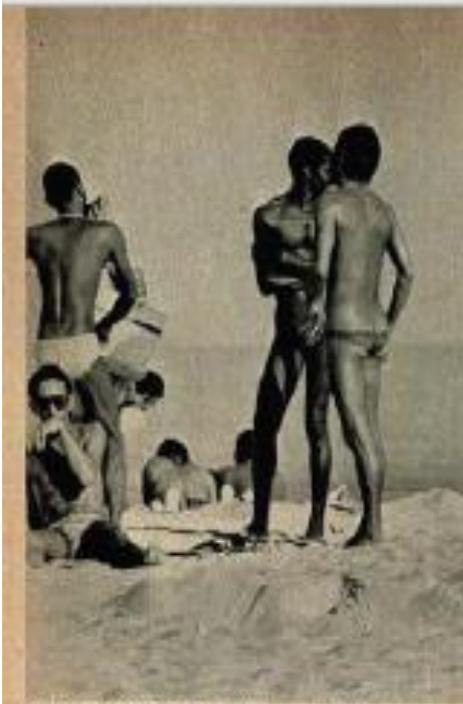
É assim que se relacionam saunas, bares, boates e cinemas onde se realizam encontros, com comentários: "Cine Paissandu. Muito budalado. Convém se preparar para investidas seguras e se-

surgiram pontos em Curitiba (o *Celso*) e em Belo Horizonte (instalado em do quadrifônico). E, afinal, a singular e mentos do setor e na criação da "V" declaradamente h Porto-Alegrense.

**Porto seguro** — eles estão se "assete. No Rio, um p defrente ao Copacho conhecido c res". Ali, escam espreguiçadeiras e de baraco, falam tos têm especial rosas, de tecidos guas, notam-se a das do que a par. E todos mostram gão lançado pelo cos: "Alô, bichar nada". Eventos não abalar a segu se limitado feud ali, um porto tr tirá a amastadora nem no ano pa de homossexuais, dentes, quase foi tidão de rapazes, garantia um delictos, de VEJA, "caretas".

A uma dezena parábata Palcos, tradicional Bar A dia, o panorama, noite, também m após desse horári pedestres diurnos que se estende o Paissou e Senado jovens — de 15 ciam suas atividão, ao lado de c entram e saem d das redondezas, sros híbridos, q bandos. Um doc o Iendário Cine 1911 e de longa homossexuais. H todos usam calç é permitido entr nunca explicado luzes não se ace e, assim, protegi seus frequentado entre si, albeios d

**Intermediárias** — contra notívias d cas é o ch um estacion fícios do c para as ru;



CARTO MIZKA

**"Bolsa de Valores": enfim, um porto seguro**

continuação de página 68

opções de alcova. "Nós nos amamos, pode escrever aí, vivemos juntos há quase um ano", afirmava um deles para Antônio Chrysóstomo, de VEJA. "Mas ser homossexual declarado é uma barra. Tem condenação social, o problema de aceitação", completava.

**Successo suburbano** — Na verdade, seria injusto colocar o homossexual como único discriminado da sociedade brasileira. Ou se esquecer de que há uma escala de preconceitos — desigual para os travestis que perambulam pela Avenida Angélica de São Paulo, para os *midnight cowboys* com aspecto mal alimentado da Candelária carioca ou os fixos *habitués* do Sôlão. Certamente por serem os mais marginalizados, os travestis são também — na terminologia homossexual — os mais "assumidos". E, sem dúvida, vários deles atingiram um respeitável sucesso artístico. "Antes, nos apartamentos, aplaudimos com o estalar dos dedos para que os vizinhos não ouvissem", recorda-se Ismar Alvarenga, o Chris St. Laurent, diretor do *Gay Press Magazine*. "Hoje nossas festas são em clubes, para milhares de pessoas, que aplaudem e adoram a gente."

Há algumas semanas, por exemplo, 1.000 pessoas lotaram o Centro Comércio e Indústria de Pilares, no Rio, para a eleição da Miss Zona Norte 1977, com transmissão direta pela Rádio Continental e júri presidido pelo mesmo Chris Laurent — sendo que a Miss, no caso, era um homossexual. No ano passado, 36 concursos semelhantes foram

disputados só nos subúrbios cariocas (Miss e Mãe Gay, Miss Uniaça, Bonoca Pop e outros). "Brigamos pelo patrocínio com vários clubes", conta Gilberto de Xangô, diretor social do Filares. Alguns membros da diretoria votaram contra, por acreditarem que o certame seria "incompatível com uma sociedade familiar". Mas Xangô venceu, apresentando um argumento definitivo: haveria lucro certo. E de fato houve: 45.000 cruzeiros vieram engordar a caixa do clube.

Com os salões apinhados por uma platéia heterogênea, os quinze candidatos desfilaram de longo. No intervalo, um grupo fez um rápido show, não faltando imitações de Marlene e Estelina Borba. Dentro do camarim, improvisado no banheiro das mulheres, alguns candidatos se agrediam: "Eu te vi ontem fazendo vida na rua Mem de Sá", diziam para Maria Giorette, um travesti preto, de 1,82 metro de altura e 83 quilos. "E daí?", dava de ombros Maria Giorette. Peruca acaju, Maria Giorette, único concorrente sem seios ("Não posso usar homônio, tenho um problema nervoso"), sabiu à postuma. E (seria pela falta de seios?) foi vencedor.

**Mercado em expansão** — De qualquer maneira, se vaias, os preconceitos e a

marginalização não parecem ter força suficiente para unir os homossexuais brasileiros em manifestações e associações realmente militantes, como da Europa e Estados Unidos (veja o quadro). De seas — como os definem — "irmãos" do sorte, imitaram aqui desordenadamente a criação de pontos de encontro (apenas em São Paulo funcionam três saunas e pelo menos vinte bares e hotéis). "No Brasil", define o colonista Celso Curi, "gay não participa de movimento, mas sim de movimentação."

Houve, é verdade, algumas tentativas bissexuais. Mas fracassaram por completo — e lamenta-se até agora que o "congresso nacional" previsto para julho de 1976 no gramado do Museu de Arte Moderna do Rio tenha se frustrado, com vinte carros da polícia e setenta PMs dispensando os 1.000 participantes. "Foram tentativas fúteis", lembra o escritor pernambucano Aguiaraldo Silva. "Há uma tendência *habe disquez*. Oscar Wilde, de afirmação satírica do homossexualismo. Acho que as pessoas não devem ser separadas de acordo com suas preferências de sexo. Os homossexuais devem lutar contra isso." E os próprios "pontos" gay são condenados pelo ideológico, articulado Silva: "Se as pessoas são afins, a tendência é que elas se reúnam, mas não em compartimentos. Os homossexuais, no entanto, estão conformados com isso, tanto que pedem mais lugares gay". Pedem e serão atendidos, pois tudo indica que a demanda desse novo mercado ainda não foi totalmente satisfeita.

**"Bofe," "tia": um dialeto para entendidos**

*Em conversas entre si — ou nas colunas e publicações especializadas —, os homossexuais utilizam palavras e expressões que, para os não iniciados, soam como um dialeto fechado. A seguir, uma relação das mais empregadas atualmente no Brasil — inclusive algumas já de uso quase corrente.*

**Arrematar um modelito** — *Travar relações com um garoto.*

**Assumido** — *Que não faz segredo de sua sexualidade.*

**Assumir** — *Postura psicológica e social de quem é "assumido".*

**Babalu (RJ)** — *Rapaz que se relaciona sexualmente com homossexual por dinheiro.*

**Bofe (SP)** — *O mesmo que babalu.*

**Boy** — *Garoto que mantém relações com homossexuais.*

**Clube** — *Boite ou bar frequentados por homossexuais; ponto de encontro gay.*

**Dar bandeira** — *Deixar claro (por atitudes ou palavras) que é homossexual.*

**Elo (SP)** — *Pronome (variação de "ele" e "ela") para designar travesti.*

**Enrustido** — *Aquele que esconde ou oculta sua condição de homossexual; o contrário de "assumido".*

**Entendido** — *Homossexual.*

**Fazer uma calçada** — *Fazer troisar.*

**Fazer uma criança** — *Mantiver relação sexual com um boy ou modelito.*

**Fazer um cinema** — *Procurar bofes ou babalus no interior de cinemas do tipo Jels (RJ) ou República (SP).*

**Lito** — *Machão.*

**Mala** — *Orgão sexual masculino.*

**Maricota** — *Homossexual de idade avançada — ou que aparenta ser.*

**Michê** — *Prostituto.*

**Modelito** — *Garoto; boy.*

**Pitiriga (RJ)** — *Homossexual perverso.*

**Saonar** — *Lésbica.*

**Tia** — *O mesmo que maricota.*

**Vapores** — *Sauna para homossexuais.*

**Viajar** — *Mantiver relação sexual.*

Fonte: Revista Veja, 24 de agosto de 1977.

rante Barros: Durante o dia, fica cheio de carros. À noite, é tão freqüentado que a polícia, de vez em quando, aparece para uma "batida", surpreendendo as duplas em completa atividade sexual. Justamente por causa da polícia, o "Barraco da Maísa" é evitado pela maioria, que prefere realizar o seu trottoar em locais menos perigosos, menos escuros, como certas ruas do centro denominadas, em conjunto, "Via Appia", pois se caracterizam, à noite, pela movimentação de pessoas a pé ou em carros interessados em encontros homossexuais. Tanto que alguns mais desinibidos exibem, em certos momentos, os órgãos sexuais.

Mais ou menos à mesma hora, outros tantos garotos, a rigor de idênticos tipos físicos — jeans ajustados aos corpos magros —, substituem na região da avenida Ipiranga, em São Paulo, as prostitutas que se afastam para as imediações do Hotel Hilton. Aqui, como no Rio, o trottoar dos homossexuais é uma espécie de vitrina da prostituição masculina. Por trás de tudo isso, existe um mundo feio e duro. Entre os garotos e seus clientes — homossexuais solitários, quietos cavalheiros de meia idade —, interpõe-se a figura do intermediário, isto é, o café-propramente dito. No Cinelândia, tomou-se conhecido o português chamado de Bruno, cerca de 40 anos, calças impecavelmente vivacidas, acusado pelos gays de abocanhar a maior parte do pagamento pelos encontros que agencia.



Curis por enquanto, movimentação



Moreno: no "estilo entregação"

"É mais cômodo tratar com o intermediário", admitiu a VEJA um rico querentão paranaense de passagem pelo Rio, e usuário de tais serviços. "Ele pelo menos dá a garantia de que a transa será profissional, sem roubos ou golpes."

Há os que preferem, ao invés da notória Cinelândia, a privacidade de reuniões sociais em apartamentos da zona sul ou noitadas em lugares em voga, como o Regine's ou o Coscorde, além de fins de semana em Búzios e Cabo Frio. Mas há um momento, num único lugar do Rio, em que eles se libertam das cau-

telas impostas por suas posições e imagens. Mais precisamente no templo carioca do homossexualismo raquizado, a boate Sódito — comparada pela robusta locomotiva internacional Regine's, dona da cadeira de discotecas Regine's, "às melhores casas noturnas do mundo". Lá dentro, envolvidos num clima de luxo e segurança, dois rapazes elegantemente trajados, ambos de 23 anos, universitários, filhos de famílias abastadas, teciam considerações, dias atrás, sobre suas

continua na página 70

## O deslumbrante movimento dos americanos

Numa óptica brasileira, as dimensões do movimento homossexual nos Estados Unidos — o gay power — são deslumbrantes. Seu âmbito, cada vez mais amplo, vão da publicação de um jornal socialista, o Workers Vanguard, à existência de uma organização nazista, "pró-branca e para os não conformistas sexuais". E incluem 22 organizações religiosas, bibliotecas, numerosas grupos de ajuda a alcoólatras e toxicômanos, associações que atuam junto às Forças Armadas e entidades que congregam pais. Há, porém, muito mais: produtores de filmes, editoras, lojas de praticamente todos os ramos de comércio, agências de viagem, hotéis, pousadas, bares, clubes, spas, cinemas e teatros.

No mínimo, segundo os cálculos mais recentes, existem 112 publicações regulares de circulação nacional destinadas exclusivamente aos homossexuais nos Estados. Nas bancas da Christer Street notadamente, vai em que momento cair masculinos pas-

sagem de mãos dadas ou abraçadas, podem ser encontrados, por exemplo, revistas e jornais pornográficos, de naz artistas masculinos, de reportagens, artigos e entrevistas, de temas políticos, de serviços e de crítica e indicações de espetáculos. Alguns livros, inclusive, ganharam prestígio próprio, independente da especialização, como Advocate, Playgay, Blueboy e Mandate.

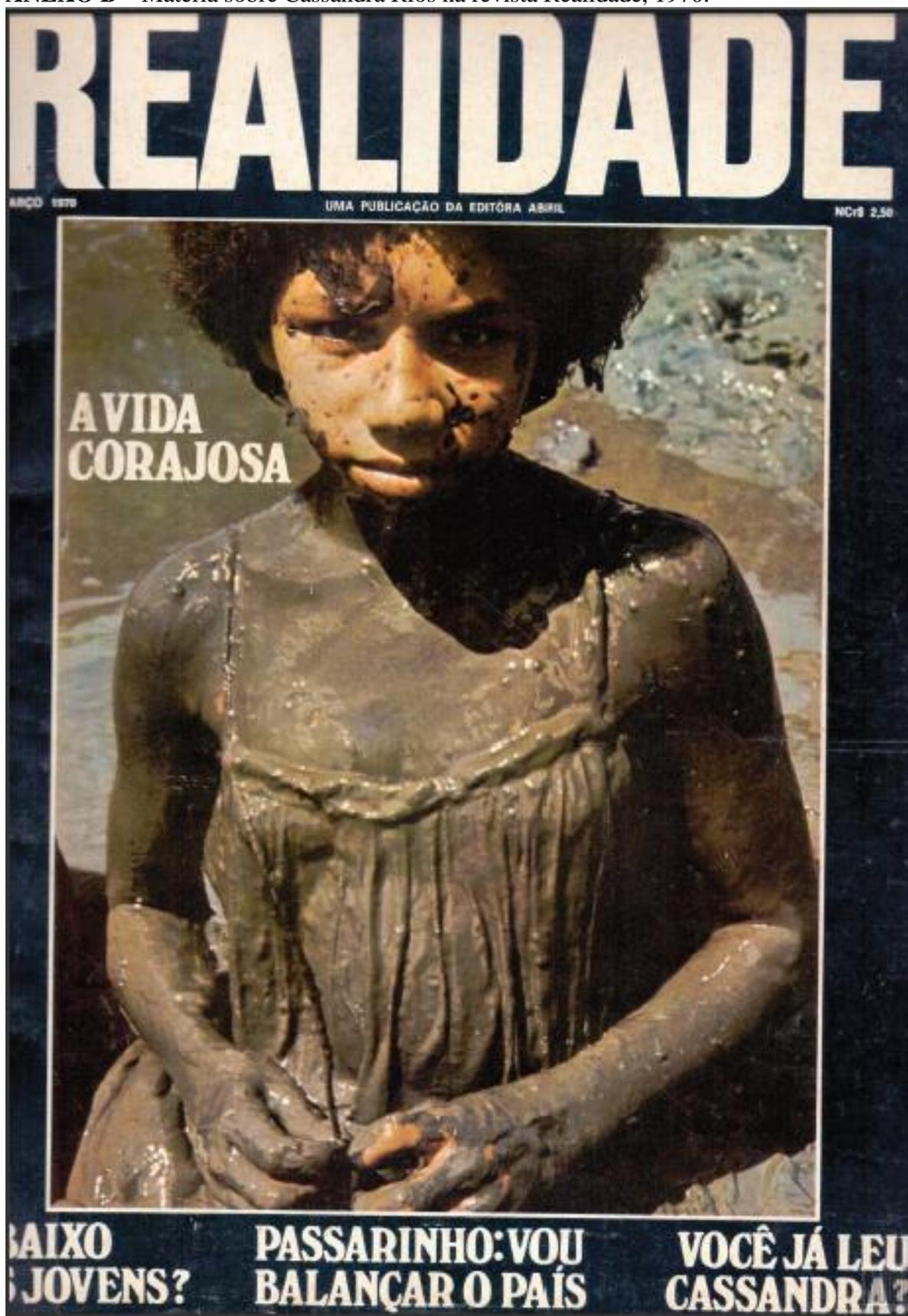
Somente em Nova York, releia a correspondente de VEJA, Judith Penner, os homossexuais dispõem de 650 endereços diferentes catalogados em seu verdadeiro oficial — a Lista Amarela Gay —, além de 23 publicações locais, 100 bares e nada menos do que 58 diferentes movimentos gays. Até onde irá esse boom. Épico dos anos 70? O escritor C.A. Tripp julga que tal local atingirá o pico em 1980, passando então a decair rapidamente, pois a maioria dos frequentadores, hoje com idades entre 25 e 35 anos, "cresceu com uma educação repressiva". Os preconceitos tendenciosos a desaparecer no futuro, no entender de Tripp, o que levará os homossexuais a procurar também estabelecimentos não especializados.

No momento, contudo, de acordo com pesquisas recentes das instituições Gallup e Harris, 57% dos americanos julgam

que os homossexuais são a minoria racialmente discriminada do país, acima dos negros, porto-riquenhos, chicanos, mulheres e judeus. Não menos que 55% dos entrevistados manifestaram-se contrários à idéia de que eles sejam empregados como professores. Um exemplo recente das resistências sociais aos gays americanos ocorreu em junho na Flórida: ali, articulados por líderes religiosos, os eleitores derrotaram nas urnas um movimento pela igualdade de direitos em empregos públicos — e assim os homossexuais viram barrado seu caminho para candidatar-se livremente ao cargo de professores da rede oficial de ensino.

Apesar de tudo, o número de gays nos Estados Unidos não é tão grande como se possa. Pois a interpretação do clássico Relatório Kinsey, dada por várias publicações americanas, segundo a qual 10% da população do país seriam homossexuais, é incorreta. Na verdade, o relatório concluiu que, dentro de determinados limites etários, 10% dos americanos tiveram ao menos uma experiência homossexual — mas não se trata de homossexuais. Estes, os "arrastados", não seriam mais do que 4%. Ou, dentro dos Estados Unidos, cerca de 9,2 milhões de pessoas.

ANEXO B – Matéria sobre Cassandra Rios na revista Realidade, 1970.



Fonte: Acervo Bajubá. Reportagem com Cassandra Rios: Qual o Pecado de Odete?. Disponível em: <[http://acervobajuba.com.br/wp-content/uploads/2017/08/cassandra\\_realidade\\_ocr\\_marca\\_dagua.pdf](http://acervobajuba.com.br/wp-content/uploads/2017/08/cassandra_realidade_ocr_marca_dagua.pdf)>. Acesso em 10 fev. 2019.

# QUAL O PECADO DE ODETE?

É viver duas personagens.  
Uma é ela mesma,  
Odete Rios, criatura  
simples, que mora  
num apartamento com seus  
quatro cachorros. A outra . . .

Texto de Hamilton Ribeiro  
Fotos de Luigi Mamorin

Fonte: Acervo Bajubá. **Reportagem com Cassandra Rios: Qual o Pecado de Odete?**. Disponível em: <[http://acervobajuba.com.br/wp-content/uploads/2017/08/cassandra\\_realidade\\_ocr\\_marca\\_dagua.pdf](http://acervobajuba.com.br/wp-content/uploads/2017/08/cassandra_realidade_ocr_marca_dagua.pdf)>. Acesso em 10 fev. 2019.

... a outra, escritora de livros proibidos, só lhe traz problemas. Por causa dela, Odete é também uma criatura triste e amarga.

# CASSANDRA RIOS

**D**ona Cassandra Rios: Diga à minha filha Odete para ela me visitar. As saudades são muitas, não agüento mais. Damiana.

Cassandra leu o bilhete e chorou. Deixou por um instante de pensar no processo, vestiu uma roupa à vontade e tocou para as Perdizes. Invadiu a casa gritando:

— Ei, Ula-Ula, cadê você?

— Quem está aí?

— É a Dete, mãe.

Era o ano de 1962. Começava no Fórum de São Paulo um processo contra a escritora Cassandra Rios. As acusações eram várias e os jornais faziam grande estardalhaço.

— Eu disse, minha filha, que você ia enfrentar o mundo!

— Eu só queria, mãe, que eles soubessem a diferença entre a minha vida particular e as muitas vidas dos meus personagens. Será que isso é tão difícil?

Cassandra tinha escrito, até então, dez livros. Desses dez, oito acabaram proibidos. Mas ela continuou escrevendo e neste ano de 1970 chegará a uma posição jamais alcançada por uma escritora brasileira: será a primeira mulher a atingir 1 milhão de exemplares vendidos. Ela é a única mulher no Brasil que vive exclusivamente de livros; mesmo entre os homens, só Jorge Amado e José Mauro de Vasconcelos a acompanham. Alguns de seus livros alcançaram dez edições regulares (fora as clandestinas); está agora em entendimentos com uma editora inglesa para seus livros serem editados na Europa; vive razoavelmente com o que ganha nesse trabalho, mas jamais conseguiu essa coisa que lhe parece tão simples: que separem, ao falar nela, a autora dos seus personagens.

## A Volúpia do Pecado

— Querem que a Cassandra Rios seja tudo aquilo que a escritora imagina para os seus livros. Era preciso que eu tivesse mil anos!

Com dezesseis anos, aluna da terceira série de um ginásio particular, Odete tinha gavetas cheias de coisas escritas. Poesias, romances, crônicas, novelas, contos. As vezes escrevia durante a aula e passava as folhas para as colegas. Era o tumulto. Uma vez a professora percebeu, exigiu o papel, era um capítulo de *Carne em Delírio*.

— Nossa!,... Odete, você está suspensa por três dias da minha classe.

O sonho de ver um livro publicado passou a monopolizar todos os momentos da estudante de dezesseis anos. De dois romances já prontos, escolheu, para estréia, *A Volúpia do Pecado*, por achar que ele encerrava um grande ponto de venda: era a história de amor entre duas adolescentes. (O homossexualismo feminino é assunto de dezesseis dos seus 23 livros.)

Sem conhecer nenhuma editora, guiou-se pela lista telefônica e passou a procurar uma por uma.

— Não interessa, mocinha. Só editamos livros sacros.

Quando não a despachavam sumariamente, as editoras pediam que deixasse os originais e viesse saber a resposta depois. Na terceira negativa, fez um teste (suprimiu todo um capítulo) e confirmou sua suspeita: não iam os originais. Só lhe restava um caminho: arranjá-los e pagar para o livro ser publicado. Seus pais, espanhóis da Galiza, tinham meios para isso, mas o problema estava em que **não podiam** ler o romance. Família católica, convencional, certinha, não aceitaria que a filha escrevesse aquelas coisas. Tinha de conseguir o dinheiro por outro meio; resolveu trabalhar. Arranjou emprego de secretária no escritório de um advogado e planejou guardar intato o ordenado de cada mês para juntar o dinheiro da entrada na gráfica: 25 contos. Seriam quase três anos de trabalho.

Mas seus pais não gostavam que ela trabalhasse fora; era motivo constante de briga em casa. Um acólido secreto entre a mãe — Dona Damia-

na — e a futura escritora resolveu a questão. Sem que o marido soubesse, Dona Damiana juntaria o dinheiro da entrada, ao mesmo tempo em que se comprometia, sob juramento — “Esse negócio de jurar, espanhol respeita muito” —, a jamais ler a história. Livro garantido, deixou o emprego e começou os entendimentos com a impressora.

Seu nome verdadeiro — Odete — não poderia aparecer. Desde os treze anos, usava pseudônimo em seus escritos: Cassandra. Cassandra era uma pitonisa grega sobre quem pesava uma maldição: ao mesmo tempo em que tinha o poder de prever as coisas, tinha também a desgraça de jamais ser acreditada. Profetizou a catástrofe que seria causada pelo cavalo de Tróia e pediu que não o deixassem entrar na cidade. Mas, como sempre, não lhe deram fé, e o cavalo entrou, levando a guerra, a destruição e a dor.

Finalmente, com uma declaração falsa de idade no contrato para não haver problema com o Juizado de Menores e o nome de Cassandra Rios, ficou pronta a edição de *A Volúpia do Pecado*. Odete vibrou:

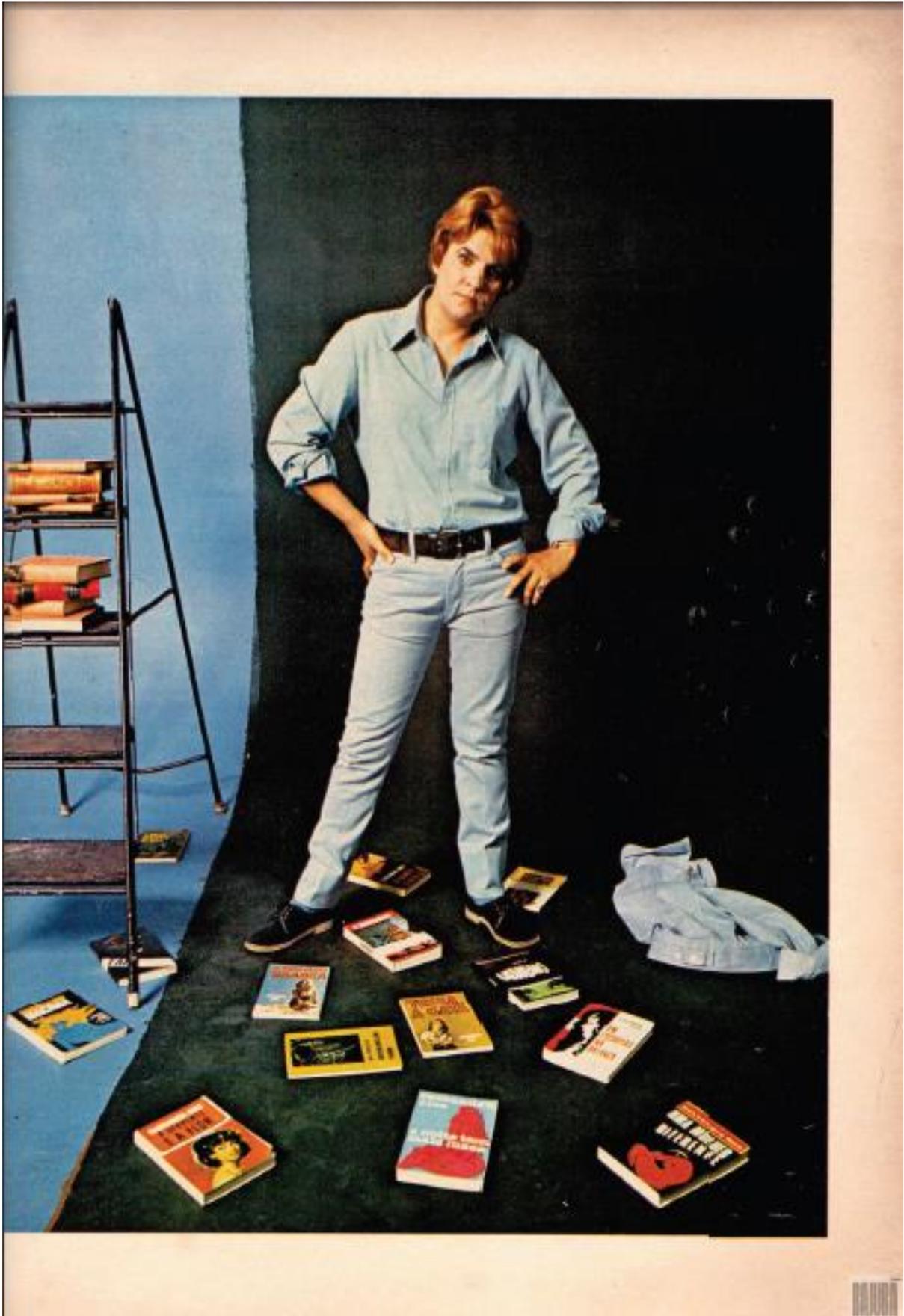
— Fantástico. Deve ser a mesma sensação de quem tem um filho!

Enquanto festejava o livro e se sentia a escritora mais importante do mundo, fazia milagres para impedir que algumas pessoas o lessem: o pessoal da casa, os professores do ginásio.

Dada a entrada na gráfica, havia ainda cinco pagamentos a fazer, até completar o preço total: 50 contos. Com o livro na mão, Cassandra pôs-se a percorrer as livrarias, para colocá-lo. E deu-se um fato extraordinário: em pouco tempo, 1.000 exemplares se venderam. Quando voltou à gráfica para buscar outros exemplares não havia mais. Reclamou — a edição combinada era de 2.000 — e recebeu uma proposta: “Em vez de você nos pagar os 25 contos que nos deve, nós lhe damos 20 contos e ficamos com o seu livro”. Inexperiente, desarmada no meio da selva de edi-

ARCA





Fonte: Acervo Bajubá. **Reportagem com Cassandra Rios: Qual o Pecado de Odete?**. Disponível em: <[http://acervobajuba.com.br/wp-content/uploads/2017/08/cassandra\\_realidade\\_ocr\\_marca\\_dagua.pdf](http://acervobajuba.com.br/wp-content/uploads/2017/08/cassandra_realidade_ocr_marca_dagua.pdf)>. Acesso em 10 fev. 2019.

PERFIL continuação

## Odete é a filha caçula de um casal burguês; Cassandra virou manchete de jornal

tôres e de gráficas, Cassandra cedeu. Entregou, por 20 contos, os direitos totais de um livro que, até ser proibido no processo de 1962, seria reeditado nove vezes.

— E não seria essa a última vez que eu havia de ser assim roubada!

Embalada com o sucesso, levou *A Volúpia* para os críticos literários, nos jornais. Como aconteceria depois com todos os seus livros, ninguém emitiu opinião. Não gastaram espaço nem mesmo para dizer que o livro era ruim; foi julgado, literalmente, abaixo da crítica.

### Casamento sem lua-de-mel

Publicado o livro, o drama da luta entre Cassandra e Odete acirrou-se. Uma era a escritora que descrevia com vigor cenas homossexuais entre mulheres, em meio a histórias recheadas de paixões, intrigas, ciúmes, vinganças. A outra era a filha temporana de um casal burguês, católico, bem de vida.

— Quando Odete nasceu — diz sua mãe, Dona Damiana —, as minhas duas filhas já tinham oito e sete anos. Ela foi a nossa tentativa heróica para ter um menino.

Ainda que o juramento de não ler o livro tenha sido cumprido, a repercussão dele encheu a casa de comentários e de pressões. Muitas vezes Odete foi proibida de escrever. Para fugir à vigilância, escrevia à noite — das 6 da tarde às 7 da manhã —, usando a máquina emprestada pelo dono de uma serraria. As vezes tomava o café da manhã junto com o pai, às 7 horas, ele achando muito bom aquele hábito da filha de levantar cedo.

A publicação de *Carne em Delírio* foi fácil. Apresentou os originais ao funcionário de uma editora, falou do êxito do primeiro livro e deu-lhe uma semana para a resposta. Ao fim dos sete dias, encontrou o homem entusiasmado.

— Eu é que vou editar esse livro.

Pedi demissão da editora, estou montando uma firma própria e vou inaugurar-la com o seu romance.

Assim foi. Como o primeiro, a *Carne* vendeu bastante. O nome de Cassandra Rios passou a ser visto como um bom negócio para certas editoras. Foi então procurada por uma empresa carioca que lhe propunha um contrato de exclusividade, pagando-lhe adiantado e estabelecendo a retirada mensal de 35 contos de réis pelo direito de publicar os livros que escrevesse daí em diante. Era a sua profissionalização como escritora, era a oportunidade sonhada de viver daquilo que gostava de fazer, e de que não podia fugir: seus livros. Mas, ao mesmo tempo, podia ser um terremoto em casa, a luta entre Odete e Cassandra chegaria a um ponto de explosão, aquilo podia significar a desunião com sua família, que, acima de tudo, ela venerava.

Nos tempos de estudante, Odete tinha sido namoradeira, e até noivara duas vezes. Veio-lhe daí a idéia de como libertar-se, sem operação e sem dor, do controle familiar: casando-se! — Eu tinha um grupo de amigos, e combinei com um deles a farsa completa: namoro, noivado e casamento, com véu e vestido, convidados, igreja e tudo. Fêz-se, assim, no melhor estilo católico e burguês. Após a cerimônia, fomos para a lua-de-mel: o Eugênio para o Rio, eu para o Guarujá...

Para Dona Damiana, hoje, simplesmente o casamento não deu certo. Para Cassandra, ele cumpriu perfeitamente sua missão de pôr fim à guerrilha interna da família.

— Para eles, a filha casada era um suspiro de alívio; para mim, foi o grito de libertação.

Com apartamento próprio, um bom contrato com a editora carioca, uma sede imensa de escrever, Cassandra Rios passou a existir completamente. Vivia entre o Rio, São Paulo e Paquetá. Odete Rios, a filha temporana de um casal burguês, restringia-se aos

almoços de domingo e às solicitações internas da família — era uma pedra reservada. A outra é que enfrentava o mundo.

### Um caso de polícia

O primeiro livro na editora carioca — *Eudemônia* — foi um grande êxito (dez edições, até ser proibido). A personagem é uma mulher dominadora que se apaixona por uma prostituta. Quando a surpetende trai a com um homem, e esse homem é seu pai, Eudemônia entra em colapso nervoso e é internada numa clínica psiquiátrica, onde um médico e uma médica são os responsáveis pelo seu tratamento. Disposta a provar que o amor é superior a tudo, Eudemônia propõe-se demonstrar que qualquer pessoa joga tudo por uma grande paixão. Primeiro conquista o médico, com quem se casa. Depois despreza-o e volta-se para a médica, que abandona tudo para ir viver com ela.

Escreve depois *Sarjeta, Lua Escondida, O Gamo e a Gazeta, Bruto Espanhol, As Vedetes, Georgette e Copacabana, Pêto Seis*. Enquanto se foi firmando o conceito de que Cassandra Rios era autora de sucesso garantido — cada novo livro seu vende 3 000 exemplares em quinze dias, sem nenhuma propaganda — foram também sendo criadas dezenas de histórias em torno do seu modo de viver.

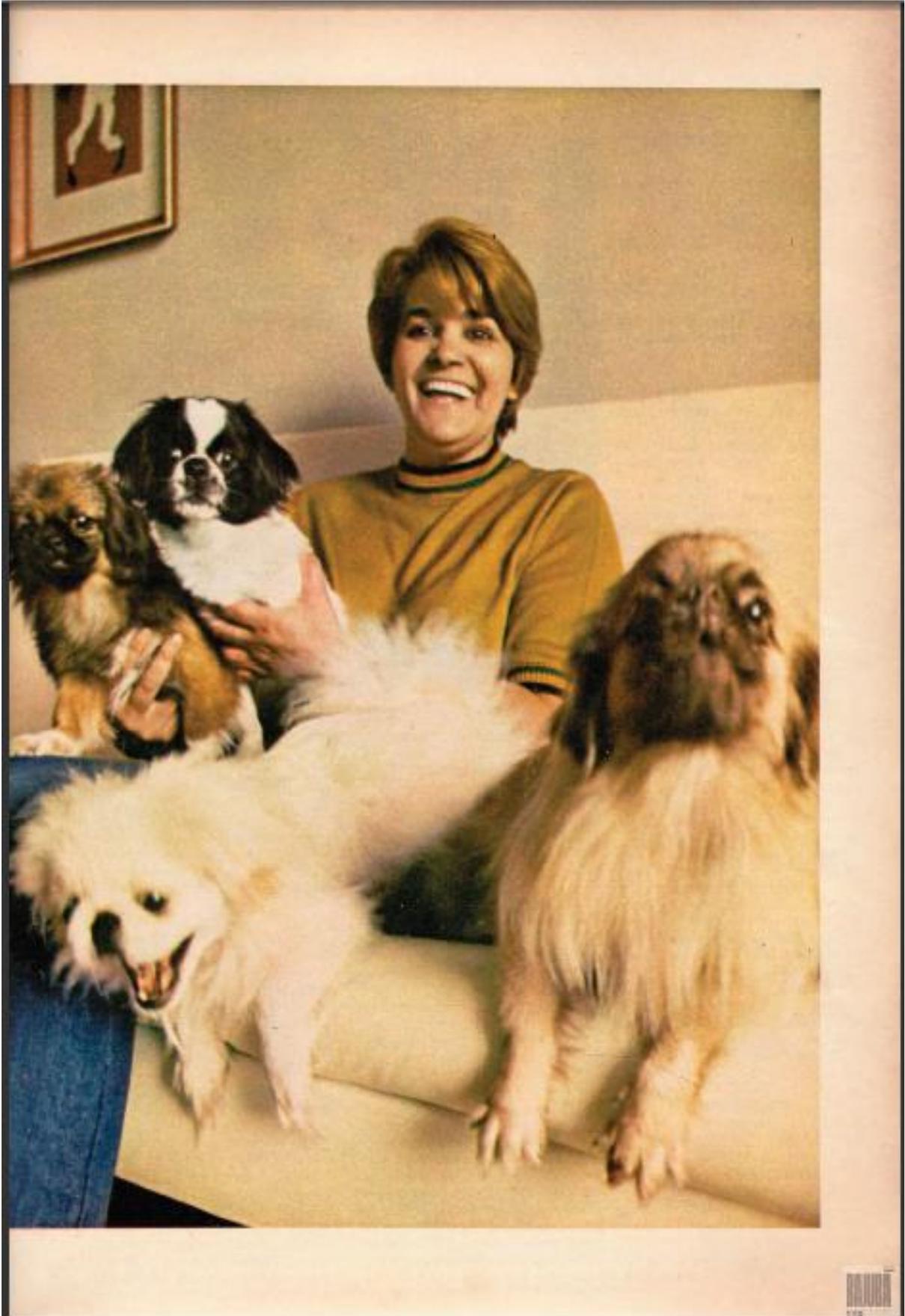
— Cassandra? Ela seduziu e roubou a mulher do próprio irmão. (E ela nem tem irmão.)

— Cassandra Rios? Ela tem um harém de lindas meninas.

— Seus livros? Pura autobiografia: tudo que ela conta, ela faz. (E quando seus personagens matam?)

— Cassandra não existe; é um homem que escreve aquilo tudo.

Surgiu um mito *Cassandra*, e virou manchete de jornal: "Cassandra Rios procurada pela Delegacia de Costumes!" Passou daí para o Forum, num processo em que se pedia a proibição de todos os seus livros e onde ela era



Fonte: Acervo Bajubá. **Reportagem com Cassandra Rios: Qual o Pecado de Odete?**. Disponível em: <[http://acervobajuba.com.br/wp-content/uploads/2017/08/cassandra\\_realidade\\_ocr\\_marca\\_dagua.pdf](http://acervobajuba.com.br/wp-content/uploads/2017/08/cassandra_realidade_ocr_marca_dagua.pdf)>. Acesso em 10 fev. 2019.

PERFIL: RECONSTRUÇÃO

## Cassandra já foi condenada; Odete sofreu bastante

acusada de várias coisas, principalmente ultraje público ao pudor.

— Senti desabar o mundo sobre mim. Faziam questão de confundir e misturar a vida dos personagens — que é fruto puro da imaginação — com a vida da autora. Imagine que me perguntaram insistentemente quem era Sani, um personagem do *Bruxo Espanhol*, cuja história se passa na Idade Média.

Lentamente, o caso seguia na justiça criminal. Prevendo que todos os seus livros escritos até então podiam ser proibidos, Cassandra escreve novo romance — *Tara* — em uma semana, para atender a um editor que quer aproveitar a onda de publicidade. Em um mês *Tara* está na rua, vendendo 20 000 exemplares em pouco tempo.

Segue o processo e Cassandra teme, além da interdição dos livros, que ela, de uma forma ou de outra, acabe também impedida de escrever. Pensa em outra forma de ganhar a vida e monta uma livraria especializada em encadernações. É no balcão da livraria que recebe a decisão da Justiça: oito livros proibidos e pena de multa por ultraje ao pudor (fazer ou distribuir escritos obscenos).

— O processo me esgotou. Tive de juntar os pedaços para continuar vivendo.

Mas a condenação teve também seu lado positivo: a Justiça não levou em consideração os boatos sobre sua vida particular; só a obra foi julgada.

Cassandra manteve a livraria durante quatro anos; foi, nesse tempo, também a sua própria editora. Um dia cansou do comércio, vendeu tudo e voltou a ser escritora de tempo integral. De 1962 — ano do início do processo — até 1969, escreveu mais treze livros. E tem agora três novos romances para sair.

### As quatro pequinhas

É difícil encontrar, fora de sua família, quem conheça Cassandra Rios.



O mito criado em torno dela tornou-a uma pessoa arredia, permanentemente na defensiva. Vive isolada, quase não sai de casa, seu mundo íntimo é pequeno e impenetrável.

— Acho que as únicas pessoas que a conhecem são os editores e seus inquilinos — disse-me um seu ex-inquilino.

O zelador do prédio onde ela mora lhe tem muito respeito.

— Dona Cassandra é pessoa considerada. Basta ver que ela tem quatro cachorros no apartamento e nunca ninguém reclamou.

O dono do estacionamento onde ela guarda o carro:

— Cassandra é como se fosse minha filha!

Só um pequeno grupo de amigos — mais amigas do que amigos — e seus parentes frequentam o apartamento. Ela não gosta de atender estranhos, nem mesmo para autografar livro. Recebe duzentas cartas por mês e não responde a nenhuma. Na primeira vez que a procurei, Maria, uma amiga que mora com ela, pediu a minha carteira de jornalista e examinou-a cuidadosamente. Fora a polícia, foi a primeira vez, no Brasil, que me pediram credenciais para uma entrevista. Depois disso, entretanto, ambas foram muito amáveis.

Cassandra está agora com 37 anos. Nasceu no dia 3 de outubro, dia de Santa Teresinha do Menino Jesus. E acredita no seu signo: Balança. Tinge o cabelo de loiro e só usa calça comprida e blusão.

— Já fui muito vaidosa em matéria de roupa. Cheguei a gastar 1 milhão e meio por mês no alfaiate, mas hoje acho que as calças rancheiras são boas para qualquer situação.

Não fuma, não bebe e tem alergia à fumaça de boate. Sua voz é de menina e o riso fácil, infantil. Chora com alguma facilidade, principalmente se a conversa é levada para o processo e para as histórias que se contam a seu respeito. Fala com muito desembaraço sobre seu trabalho de escritora e sobre as leituras prediletas: dicionários, mitologia, romances policiais, histórias em quadrinhos.

— Se eu não fosse a Cassandra, jamais leria os meus livros; não são do meu gênero!

Tem veneração pelo escritor inglês Richard Llewellyn, autor da novela — muito conhecida por ter sido transformada em filme — *Como Era Verde meu Vale*. Llewellyn, que lê português e passa temporadas no Brasil, escreveu no prefácio de um dos livros de Cassandra que ela "é excepcional naquilo que estuda, aqueles es-

PERFIL CONCLUSÃO

## Odete jamais leria os livros de Cassandra

caninhos da mente humana até agora barrados — pelo puritanismo ou por leis ultrapastadas — à discussão pública". E disse ainda: "Ninguém é profeta em sua terra e estou certo de que um dia ela será conhecida em todo o mundo".

Cassandra não frequenta nenhuma entidade de escritores. Conta que foi convidada a ser membro de uma academia de letros clandestina, que está para ser fundada em São Paulo e que vai ter a "caipirinha das 11" ao invés do "chá das 4". O distintivo — ideia do panfletário Fernando Jorge — será um ovinol.

O apartamento onde vive é simplesmente mobiliado e a existência, nêle, de quatro pequinenses não lhe permite estar sempre brilhando. Todos os cachorrinhos são fêmeas.

— Nunca vou permitir o cruzamento, a menos que haja expressa indicação do veterinário. É muito doloroso para elas.

O lugar mais ajeitado do apartamento é o escritório, onde Cassandra passa a maior parte do tempo. Quando está criando um livro, leva-o de cambalo, trabalhando de doze a quinze horas por dia; só interrompe para ver as novelas da televisão. Ela própria faz a revisão de provas — edições e reedições — e isso corresponde a um trabalho cansativo, quase braçal. Para evitar a repetição de prejuízos com editores (já chegou a comprar sete vezes todos os exemplares restantes de uma edição que estava oficialmente esgotada), ela agora rubrica todos os livros, um por um. Quando se trata de livro novo (20 000 exemplares na primeira edição), chega a formar calo no dedo.

Na parede atrás da escrivaninha, no escritório, estão alguns desenhos seus, fotografias de quando ela recebeu uma comenda e três reproduções clássicas de mulheres nuas (ninfas e oceânides). Um dia notei que as reproduções tinham sido cobertas com páginas comuns de revista.

— Que foi?



— Quando mamãe vem aqui eu faço isso. Não gosto que ela veja.

### Um bôlo de fubá

— Quem é você, Cassandra?

— Sou uma criatura simples, comum, cheia de problemas, triste e amarga. A vida de escritora tem sido muito dura para mim.

— Que é o homossexualismo?

— Uma questão de preferência. Com boa retórica, eu podia aqui alinhar uma centena de causas, mas, no fundo, o homossexual é homossexual porque é homossexual. É o homem que gosta de homem em vez de gostar de mulher; é a mulher que gosta de mulher em vez de gostar de homem. Foi alguém à sua casa perguntar por que você usa camisa esporte ou prefere Volkswagen? Acho que não. É a mesma coisa. Se as pessoas se preocupassem menos com as preferências alheias, o mundo seria bem melhor.

— É uma aberração?

— Não é. É uma forma de sexualidade como a outra. Os homossexuais não são pessoas aberrantes.

— Tem aumentado no Brasil o número de homossexuais?

— Não é que tem aumentado. É que, à medida que o assunto é debatido e estudado com seriedade, as pessoas tomam coragem de se revelar, vencem o medo reverencial que as mantinha à margem da vida, e passam a viver dentro de sua verdadeira situação.

— Você acha então que devia ser

permitido o casamento entre pessoas do mesmo sexo?

— Seria engraçado. E quando um casamento desses se desfizesse quem reclamaria pensão de quem?

— Por que você acha que seus livros não são pornográficos?

— Pornografia é intenção deliberada de chocar, é corrupção, é prostituição impressa, é sexo pelo sexo. Nos meus livros, o sexo só acontece em função do amor, para realizá-lo plenamente e sem preconceitos.

Para responder a qualquer dessas perguntas, Cassandra dá voltas, cita fontes, refere-se a leituras e estudos e tem o cuidado de não parecer catodétrica ou pedante. Jamais diz um palavrão, ainda que os use frequentemente nos livros.

— Passei a escrever palavrão depois que ele virou moda; também não posso ficar para trás.

Enquanto a gente conversa no escritório, Maria traz café, oferece bôlo de fubá ou sugere que a gente experimente o doce de leite que uns parentes lá de Barretos mandaram. Uma vez ou outra, a conversa pode ser interrompida pela chegada de um parente, seu ou de Maria, que vem combinar o almoço de domingo ou o jogo de baralho para uma noite dessas. O ambiente é o mais familiar possível. Com os parentes — seja o sobrinho de dezoito anos, sejam primos do interior — Cassandra é amável e sincera. Sempre os retém para almoçar ou jantar, mas hospedá-los já envolve um problema de espaço: o apartamento só tem um quarto.



## ANEXO C – Artigo: Homossexualismo

Na Idade Média, eles eram queimados vivos. Hoje são considerados criminosos em muitos países, marginalizados em tôdas as sociedades. Durante semanas, o jornalista Hamilton Almeida viveu o mundo triste e desumano dos homens que negam sua condição de homens.

# HOMO

**É**ste bar tem um colorido todo seu. É muito iluminado, as lâmpadas frias provocam uma luz clara e forte, que chega a doer nos olhos quando misturada com a fumaça de muitos cigarros. O colorido do bar vem das roupas, das camisas, cintos e calças dos freqüentadores. Fica solto no ar, por cima das cabeças de todos, e chega a dar a impressão de que há aqui uma nuvem de cores.

A juke-box, máquina de tocar disco, fica sempre ligada. É tôda azul e também iluminada. As músicas, sempre quentes, jovens, não variam muito. Nunca se sai dos Beatles, Mama's and Papa's, Rolling Stones, Roberto Carlos, Caetano Veloso, Jordans, Incríveis, e de vez em quando Elizeth Cardoso cantando *Apêlo*.

Agora, por exemplo, o bar não está completamente lotado e a música que vem da juke-box é *All You Need Is Love*, com os Beatles. A freqüência a esta hora, ao cair da tarde, é pequena. Daqui a mais algumas horas, a lotação estará esgotada. E o barulho das conversas, o vaivém de gente pedindo licença para passar, mais o som estri-

dente das músicas, poderão tornar o lugar um pouco mais irritante e o ambiente quase insuportável. Os freqüentadores vêm em ondas, leves no andar, espalhafatosos no vestir, dos pés à cabeça, onde normalmente o cabelo é bem grande.

Essa gente são os homossexuais e este é um de seus pontos de encontro. Um lugar para se ficar dependurado em volta de uma mesa, bebendo cerveja ou uísque, falando da vida ou mesmo de nada, simplesmente ficando. A volta deles, circula um outro tipo de jovens. Alguns mal vestidos, não muito limpos, o rosto já marcado por uma vida não muito certa. São os "profissionais", rapazes que transformaram em profissão o ato de sair com homossexuais. Em troca de dinheiro, pura e simples, ou em busca de algum presente: uma camisa, um par de sapatos. Ou ainda para roubar alguma coisa, e então recebem o apelido de "gato-prêto". No fundo, são todos iguais, vêm dos bairros ou de outras cidades, não moram mais em casa, nem trabalham ou estudam. E, se até o fim da noite não arrumarem onde dormir, ficarão na rua mesmo.

Nesta hora, de tardezinha, a maioria dos poucos freqüentadores que estão aqui no bar são jovens mal vestidas que parecem mais velhas do que realmente são, e alguns "velhos". Estes — um outro tipo de gente que circula nesses ambientes — são maniacos sexuais que gostam de garotos. E pagam na mesma moeda que os "profissionais" se vendem: com dinheiro ou com presentes.

Os "profissionais" e os "velhos" normalmente disputam suas prêsas, mas ainda não é chegada a hora, e a convivência, por enquanto, é cordial. Uns sentados nas mesas dos outros, bebendo e conversando juntos. As mocinhas que ficam saltitando por aqui, dançando sózinhas, não são nada, nem prostitutas. Igualam-se aos "profissionais" na forma de vida, porque também moram na rua ou na casa de alguém por uma noite, mais para ter onde dormir.

— Ai, hein, Débora! Amarrou três de uma vez.

Era um môço, de camisa vermelha, gritando do fundo do bar para mexer com um homossexual que conversava com três rapazes, todos de terno e gravata, com jeito de empregados de escri-

# SSSEXUALISMO

tório. Quando eles saem, o rapaz vai até quem fez a piada:

— Não faça isso, diabo! Você me chama de Débora na frente dos homens. Eles são amigos do meu pai e eu estava dando um jeito de pô-los para fora daqui.

Débora ou Geraldo, um rapaz de menos de vinte anos, o rosto cheio de espinhas e roupas comuns, faz muitos trejeitos para falar com os outros e sua voz sai bem fina, como de mulher.

*A extrema reprovção social domina toda a vida exterior do homossexual. Esta reprovção não determina todas as características do seu comportamento, mas ainda assim representa o fator mais importante, obrigando-o a dissimular seus sentimentos e a reunir-se em grupos mais ou menos fechados aos estranhos à sua condição.*

*Peios menos uma parte de sua existência ele procura passar entre os que participam de suas emoções, que o compreendem, que ele compreende, e junto aos quais pode ser ele mesmo: o resultado é que não só leva uma dupla vida,*

*mas que, num certo sentido, passa a ser duas pessoas em uma só.*

— Por que vocês vêm a este bar?

Quem vai responder é um rapaz de 22 anos, loiro e alto, esguio, muito delicado nos gestos e na voz baixa e macia, com os cabelos caindo de vez em quando sobre os olhos. Fábio vem de uma cidade do interior, tem o curso científico.

— Vir aqui é uma tentativa do homossexual de investigar se ele é realmente um marginal. Na rua, nós somos marginais, as pessoas nos olham estranhamente. No meu trabalho, queira ou não, sou um marginal. Em casa, já fui posto para fora, sou marginal. Aqui, não nos sentimos culpados sozinho.

Fábio vive de escrever. Ganha um bom salário e mora num apartamento muito bem montado. É inteligente e culto. Até os dezessete anos, morou com a família; depois, foi posto para fora de casa. Sofreu pressões de todos os tipos, quando os pais desconfiaram de sua virilidade. Chegou a ser trancado numa sala para que uma mulher, a

mando do pai, o seduzisse. Já fez tratamento psiquiátrico com três médicos diferentes e dele agora só consegue contar histórias trágicas ou engraçadas. Não disfarça sua condição de homossexual, tem sempre os mesmos gestos e jeitos, seja na rua, no trabalho ou no bar.

*O homossexualismo não é uma característica do corpo, mas da personalidade. Para aquele que atingiu a idade adulta, deixar de ser homossexual significa destruir toda uma existência anterior, negar suas relações mais íntimas, um tipo habitual de raciocínio e esperanças secretas. Então, por um mecanismo natural de defesa, todos os que se encontram nessa situação preferem assim permanecer a se transformar da noite para o dia num ser completamente estranho a si mesmo.*

O colorido do bar vai aumentando com o avanço da noite. Passada a hora do jantar, todos vão chegando. Quem não entra e senta, prefere ficar conversando em pé perto da porta. Uma patrulha

800X

# HOMOSSEXUALISMO

## No bar, há tumulto, mal-estar, muita tensão

lha de soldados passa por dentro do bar, em atitude policial, olhando feio e pedindo documentos a um e outro. Dois garçons trabalham a noite inteira, mas não dão conta do serviço, e a maioria dos fregueses se dirige diretamente ao balcão para pegar sua bebida. Mesmo na mesa, a bebida é paga no ato em que é pedida. Como são freqüentes as brigas, o dono do bar tem menos prejuízo dentro desse sistema, pois na hora da confusão muitos saem correndo e acabam não voltando para pagar a despesa.

*Homossexualismo não é caso de polícia. A lei brasileira não faz referência expressa a ele. A interferência policial só se verifica quando o comportamento dos homossexuais — como de qualquer outro indivíduo — atenta contra o pudor e a moralidade pública, ou envolve exploração e corrupção de menores. Embora, evidentemente, não seja compreensível combater o homossexualismo através da repressão policial, é possível, por meio de uma série de medidas, evitar ou tornar menos intensa sua proliferação. Nesse sentido, há um anteprojeto de lei no Congresso Nacional proibindo o aliciamento de pessoas nas vias públicas. Visa especificamente a combater a prostituição mas, se aprovado, também se aplicará aos homossexuais, uma vez que em seu texto não se menciona um sexo determinado.*

Os bares não duram muito na vida dos homossexuais, que criam entre si uma linguagem quase própria, alguns valores dentro de um mundo ainda fechado, e por isso são obrigados a mudar de bar quando ele passa a ser "ponto de atração turística".

Nas mesas, nas conversas, mesmo as mais banais, os homossexuais são muito agressivos. Entre eles existe uma necessidade de ser brilhante, inteligente e ligeiro nas respostas às provocações. Maurício, um rapaz de teatro, defende agora na mesa do bar já barulhento e cheio, com a música cada vez mais alta e cada vez mais misturada com as vozes, a situação do homossexual:

— Diante da vida, o homossexual tem que ser inteligente e brilhante. Se na hora de arranjar o emprego aparecer um outro candidato com as mesmas qualidades, o lugar é dele, não meu.

Mesmo nos seus ambientes, onde pode agir livremente, o homossexual não consegue ficar só. Sempre se fecha em grupos. Parece procurar no grupo uma forma de se defender e de sustentar sua condição. Todos se conhecem bem, se criticam, sabem dos casos de cada um.

*Grande parte da reprovação moral que pesa sobre os homossexuais vem do fato de que os heterossexuais não são capazes de imaginar que o contato físico entre dois seres do mesmo sexo tenha qualquer coisa a ver com o amor. E é precisamente em nome do amor que muitos indivíduos justificam uma posição homossexual.*

*Os especialistas discutem a possibilidade de amor homossexual. Alguns entendem que a relação homossexual continua e baseada num ato de livre escolha seja possível, embora rara, como aliás qualquer ato humano que se pretenda intrinsecamente livre. Outros negam totalmente essa possibilidade, argumentando que na personalidade do homossexual predominam os elementos egocêntricos e fantásticos, o que determina uma relação fundamentalmente agressiva, e portanto qualquer tentativa de comunicar-se amorosamente no plano sexual com o mesmo sexo está condenada ao fracasso.*

### "Vou jogar água fria na canalha"

No tumulto do bar, as coisas vão acontecendo tôdas ao mesmo tempo. Há troca de olhares, discussões entre os homossexuais, situações de mal-estar por sentarem na mesma mesa pessoas que já tiveram coisas em comum e brigaram; tudo cria um clima de tensão permanente. Os homossexuais vivem isso todos os dias e é comum que algum deles tenha um "revertério" ou, traduzindo, dê um escândalo.

Adilson, um jovem de 23 anos, aparentemente calmo, de pouco falar, está chateando-se. Levanta-se para dar uma volta e vai colocar uma ficha na juke-box.

— O bar está deprimindo-me. Vou botar Elizeth Cardoso. Jogar água fria nessa canalha.

De certa forma, apesar da atração pelo ambiente, os homossexuais se discriminam dentro do bar. A "boneca" (aquêle de classe social mais baixa e mais irreverente no vestir, no falar e nos gestos) chega a irritar os mais in-

teligentes, socialmente melhor de vida e mais discretos. Para definir as "bonecas", usam outro termo próprio: "fechar". O mesmo que se exibir ostensivamente pela rua, andando com maquiagem ou dando pulinhos e gritinhos. Um homossexual da classe média para cima dificilmente se mostra "fechativamente" pela rua. Exerce, inclusive, na maioria dos casos, dois tipos de comportamento. É mais sóbrio quando fora de seus ambientes e só dá sinais ostensivos em locais fechados, festinhas ou boates de homossexuais de mesmo nível.

As "bonecas", essas que aparecem pelas ruas (seja na Avenida São Luís, em São Paulo; na Cinelândia, no Rio; na Praça da Alfândega, em Porto Alegre; ou na Praça Sérgio Loreto, no Recife), são muito semelhantes às prostitutas, inclusive procuram freqüentar o ambiente delas. Vivem na rua, dormem dentro dos cinemas e servem de tema para a conversa dos homossexuais de outro nível:

— Essa sociedade se sente mais agredida pelas "bonecas" que por nós. "Elas" são os palhaços, servem de símbolo oficial para o homossexualismo.

Nem sempre o homossexual gosta de falar seriamente, de discutir seu problema. Quem toca no assunto com eles, normalmente recebe primeiro uma série de agressões. Pedro, o que fala das "bonecas", é muito agressivo. Não admite a tranquilidade na relação homossexual e diz que ela equivale, na sua autodestruição, a um protesto:

— Essa tentativa de agredir as pessoas na rua, com trejeitos e cara pintada, é menor. Só os cultos, inteligentes ou muito experientes na vida tentam agredir através da sua própria destruição e da destruição de quem se deixar envolver.

Maurício, um desses tipos autodestrutivos, chega a falar com tom de deboche:

— Ao fim de um certo tempo, isso de homossexualismo se torna um vício.

Temos agora umas três mesas, com umas dez pessoas em volta, muitas garrafas de cerveja e copos de uísque e de chope. O bar está completamente lotado. Os soldados já deram outras batidas. A fumaça dos cigarros fumados um atrás do outro é grande, densa e colorida. O *Apêlo* cantado por Elizeth Cardoso não esfriou o ambiente. A esta altura parece que nada é capaz de esfriar os ânimos. Ouvem-se muitas risadas desencontradas e estridentes. Em volta da juke-box, os que não mais conseguiram cadeiras para sentar (o número de cadeiras é bem inferior ao de freqüentadores) ficam como que se embaldando ao ritmo das músicas.

## Alguns já tentaram o caminho da psicoterapia

José, um rapaz de 27 anos, moreno e bonito, cabelos pretos e cheios, com uma fala levemente afeminada, já chegou. É uma espécie de líder. Todos procuram por ele, esperam-no para definir qualquer programa e sua palavra é sempre a final.

José é o mais agressivo de todos, é o que vai dizendo as coisas que lhe vêm à cabeça e talvez seja essa agressividade que o faça respeitado, líder. Não trabalha, mora ainda com a família, seu pai é médico e de estudos parou pelo ginásio. Veste-se bem, roupas finas e coloridas, mas não é sempre que está com dinheiro no bolso.

José fala tudo muito rápido, mexendo com as mãos. Gosta de beber cerveja e não sabe o que vai fazer amanhã, nem a que horas ou com quem irá sair hoje. Isso não é importante para ele. Pode ficar indefinidamente ali, sentado, conversando ou não, mas ali, parado. É exatamente a impressão causada pelo bar. A de um corte no tempo, na vida, a de estarem todos aqui soltos no ar, parados. Não há o que fazer amanhã.

Dos que estão sentados, uns dez ao todo, a maioria já tentou resolver o seu problema através da psicoterapia. Outros ainda tentam. Henrique, um rapaz de vinte anos, espalhafatoso, dá o motivo das risadas gerais. No meio de toda a confusão, conta passagens das suas sessões de psicoterapia de grupo. Exagera um pouco, leva as situações ao ridículo e todos morrem de rir. É estudante, não trabalha, sua família é rica. Fala alto e coloca alguns palavrões, cuidadosamente, para chocar.

*Nenhum homossexual admite ser o seu homossexualismo uma doença. No máximo admite ser um vício, se for necessário usar um termo mais forte. A maioria prefere explicar sua atitude como uma busca de amor, uma procura existencial. Todos, sem exceção, criam teorias para justificar suas atitudes. Constroem todo um mundo de fantasias, mas acabam mesmo se perdendo dentro desse mundo. Muitos também não aceitam as palavras "tratamento" e "cura" aplicadas ao seu caso. Argumentam que isso implica um julgamento de ordem moral, onde fica subentendido que os homossexuais não são indivíduos como os outros e que devem ser tratados ou curados no seu próprio interesse e nos dos demais. Exceto casos raríssimos de hermafroditismo, quando o indivíduo pode apresentar características físicas de ambos os sexos (e pode ter o seu problema resolvido cirurgicamente), a homossexualidade é abordada mais do*

*ponto de vista psíquico que do ponto de vista médico. A teoria genética da homossexualidade — hereditária e condicionada pelos distúrbios hormonais — é ultrapassada. A homossexualidade é considerada do ponto de vista psiquiátrico como neurose de caráter e enquadrada nas chamadas personalidades psicopáticas. A teoria analítica restringe-se a interpretações psicológicas. O tratamento varia de acordo com a posição teórica do terapeuta. Segundo os analistas, a homossexualidade representa a expressão física de uma fantasia, elaborada pelo próprio indivíduo a partir de algum fato real durante a primeira infância, e é através dela que a homossexualidade se reveste de significação. Embora produto da imaginação, a fantasia atua como se fosse realidade, condicionando o comportamento do indivíduo. A psicanálise pretende tratar o problema do homossexualismo através do estudo e da conscientização das fantasias ligadas ao sintoma sexual. Há possi-*

### “É ridículo pensar em tratamento”

*bilidade de cura, ou seja, de o indivíduo vir a manter relações com o sexo oposto, desde que a fantasia seja reconhecida e relacionada com a realidade.*

*Outras correntes psiquiátricas não acreditam na cura do homossexualismo, e neste caso todo o tratamento se resume em adaptar o indivíduo à sua condição, evitando sofrimento inútil.*

— Plínio, que idade você tem?

Ele não é alto, está mais para o gordo, anda curvado para a frente e gosta de olhar para as pessoas com quem está falando. Veste-se normalmente, atualizado nas roupas, mas discreto, mesmo nas cores fortes. É inteligente, rápido nas respostas, um pouco maldoso e agressivo num jogo de palavras que sabe usar muito bem. Psicólogo com curso de especialização no exterior e muito esnobe em tudo, principalmente em matéria de comida e bebida.

— Tenho 43 anos.

— Não parece, você é bem conservado.

— É. Eu preciso.

Plínio tem caso com um rapaz de menos de vinte anos. Esse é o seu sétimo ou oitavo “romance”.

— Ele é muito bonito. Eu não subo com ele aqui neste bar. Levo-o comigo a muitos lugares; em todos em que chego, sinto que as mulheres estremecem. É um tipo misto de Jean Sorel e James Dean. Muito agressivo, mas ainda não sabe quase nada. Sou eu quem lhe ensina tudo. Pago-lhe o picanalista, ensino-lhe como comportar-se em sociedade, enfim transmito-lhe os meus conhecimentos.

Plínio não se aproxima das mulheres por ter medo delas. Em cada uma, vê uma fonte de mistérios, um enigma a ser decifrado, como ele mesmo fala. Nos homens não vê problema maior de relacionamento.

Plínio não fica muito no bar. Vai embora logo, sempre está por aqui de passagem — seus ambientes são outros, mais finos e requintados.

Já pelo meio da noite, as pessoas estão com ar abatido, gastas pela bebida e pelos cigarros fumados em excesso. A roda de gente falando, andando, tentando rir ou dançar — mesmo sentada nas cadeiras —, continua girando. As mesas estão molhadas de gelo que transpirou dos copos, alguma cerveja já foi derramada, e o chão sujo do bar parece que nunca mais conseguirá recuperar sua verdadeira cor.

Fábio está acompanhado por outro jovem. Conta que até os treze anos tinha tendências normais. Gostava de namorar suas primas, só que não era um garoto de jogar futebol com os outros, preferia ficar dentro de casa, lendo ou estudando. Adquiriu raiva das mulheres através das insinuações, de ser chamado de “mulherzinha” pelos outros e até mesmo pela família. Tornou-se homossexual, mas não se vê num beco sem saída.

— Já gostei de uma mulher. Se ela não fosse casada, ou, mesmo sendo, tivesse dado certo comigo, eu não teria continuado homossexual. Ela teria sido uma saída. Porém, acho tolo dizer que tratamento ou força de vontade resolvem. Preciso de instrumentos para sair.

*Uma idéia bastante aceita entre os especialistas é a de que a homossexualidade e a heterossexualidade perfeitas representam os extremos de uma linha, correspondendo a pequena parcela da população. A grande maioria não está situada em nenhuma das extremidades, mas distribuída em posições intermediárias.*

# HOMOSSEXUALISMO

## Na família, Adílson não passa de um boêmio

rias. Em um dos seus trabalhos, Freud chamou a atenção para o fato de que todo o ser humano no seu desenvolvimento atravessa uma etapa bissexual, quando apresenta características psíquicas de ambos os sexos. Mais tarde, o componente homossexual é reprimido, permanecendo entretanto alguns traços na vida adulta. A homossexualidade insuficientemente reprimida pode posteriormente manifestar-se em determinadas circunstâncias — prisões, quartéis, conventos — ou através de sintomas neuróticos.

Adílson está no segundo copo de uísque. É tímido, não tem jeito de homossexual e no fundo não chega mesmo a ter certeza se é ou não. Está tratando-se porque a única coisa real que o liga a esse mundo é a raiva que tem das mulheres, da sua "burrice e dependência", e o impulso que sente de ficar entre homens.

Adílson é jovem, mas não estuda nem trabalha. Vive do pouco dinheiro que seu pai lhe dá e das noites inteiras sentado pelos bares, boates ou festinhas. Em sua casa, a imagem que acabou ganhando foi a de boêmio. Dorme até tarde, não gosta da família e por isso pouco pára em casa. Durante a tarde, visita os amigos ou simplesmente anda pelas ruas. Seu dia é vazio, não tem o que fazer. Mas é muito inteligente e está procurando resolver seu problema.

— Quais as coisas que lhe dão mais raiva?

— Tenho ódio de mulher burra e de ver meu pai comer — responde.

Adílson não gosta também de concorrer com os outros. Trancou sua matrícula na faculdade e detesta ter que se medir com outras pessoas em testes para conseguir emprego. Mesmo que passe nos testes, resolve nunca mais voltar, acaba achando que prejudicou alguém. É muito irrequieto e, conforme as horas vão-se passando dentro do bar, vai ficando irritado e é obrigado a sair para dar uma volta, respirar.

Adílson foi respirar.

Os "profissionais", geralmente de calças apertadas, ao contrário dos homossexuais, a essa hora já estão preocupados se ainda não conseguiram estabelecer qualquer tipo de ligação. Ficam andando de um lado para outro, forçando ares, em atitudes de filme de banguê-bangue, e olhando a todos por cima. As mãos, às vezes, ficam até a altura da cintura, onde poderia estar colocado o revólver, caso fossem mesmo mocinhos de cinema. São personagens trágicos.

— Estou procurando meu hóspede; disseram-me que houve briga aqui por

perto com um sujeito cafaíste e pensei que fosse ele. Vocês não o viram?

A preocupação do homem que chega perguntando é muito relativa. A pergunta é feita por trás de um leve sorriso. É Fernando, 38 anos, advogado rico e muito bem vestido. Vem de um jantar num restaurante luxuoso e reclamando do menu. Se fosse visto na rua, não pareceria homossexual:

— Sei que não apareço hospedar cafaístes, mas as aparências enganam. Gosto desses meninos. Não dão trabalho, não provocam amor ou fazem pensar. Não lhes dou nem o direito de falar. Vão comigo e pronto. Pessoas que pensam dão muito trabalho, fazem a gente ter sentimentos.

Fernando sempre acompanha as coisas que diz com uma risadinha cínica. Os óculos são o único toque mais afinado de sua pessoa.

— Me tornei homossexual aos 28 anos. Foi depois da minha terceira tentativa de casamento com uma mulher

“Tenho ódio de ver meu pai comendo”

muito rica, da alta sociedade. Antes de casarmos, ela se entregou a mim e eu criei um trauma. Passei a achar que não podia mais me casar com ela. Logo depois, entrei neste mundo.

Fernando não demora nem cinco minutos mais. Paga seu uísque e se retira. Não há comentários. Alguns nem notam sua saída.

Alvaro é um "profissional" que hoje não apareceu, mas não é como os outros. Está integrado no grupo. Fala para todo mundo que tem dezenove anos, porém sua idade verdadeira é quinze. Não trabalha, nem estuda. Quando o pai não lhe dá dinheiro, sabe onde arrumar. Todos gostam de Alvaro; é tido como a alma boa. Adílson é quem se lembra dele, agora:

— Ele não é bonzinho, é bom mesmo. Capaz de sair da mesa para apanhar dinheiro com alguém, só para pagar a bebida de um de nós que esteja na fossa e duro. É muito ingênuo, sabe, uma vez pediu minha escova de dentes

emprestada. Coitado, vai se arrebanhar.

José está agora propondo um outro programa, uma esticada a uma boate de "entendidos". Uma casa nova recém-aberta. Enquanto a idéia é discutida, Adílson mostra um pouco de sua raiva:

— Eles deviam inventar outra coisa que não fosse a família. Deviam inventar outra coisa.

*A desarmonia do relacionamento afetivo e emocional e a impossibilidade de identificação da criatura em relação à figura paterna ou materna também se constituem num dos fatores importantes estudados como causa do homossexualismo. É a impossibilidade de manifestar-se através da imitação dos gestos e hábitos do pai por parte do menino, e da mãe, no caso da menina, que constitui a modelação das características psicológicas e sexuais da criança.*

Maurício, do outro lado da mesa, está falando de seus problemas. As conversas vão chocando-se num ritmo igual ao do bar, sóto e sem coerência:

— Não existe homossexualismo. Existem homossexuais. E cada um tem um mundo dentro de si. Veja eu — às vezes gosto de ser roubado.

José continua tentando reunir a turma para a esticada e Adílson agora fala ôble:

— Tenho a impressão de que vai acabar num sanatório. Qualquer hora dessas, não vai entender mais nada do que acontece à sua volta. Ai estoura.

Alguns estão saindo para a boate, outros vão embora para casa.

*Determinadas atitudes físicas comuns a grande número de homossexuais, que lhes emprezam semelhanças com indivíduos de outro sexo, são consequência, e não causa do homossexualismo. É a atitude mental do homossexual que imprime em sua aparência física um porte e uma mímica semelhantes às do sexo oposto. Essas considerações deixam claro que o homossexualismo não é inato e, mais amplamente, que a escolha do objeto do amor pelos seres humanos não depende de tendências instintivas. Seja qual for o amor, paterno ou erótico, heterossexual ou homossexual, só muito remotamente se vincula com os instintos. Depende, isto sim, do condicionamento histórico-social do indivíduo, isto é, do seu meio e da sua história pessoal. O amor humano nada tem de "natural", de instintivo. Aos animais machos, pouco importa esta ou aquela fêmea em particular, seja ela clara ou*

## Ângelo vai à boate, sua mãe sabe quem êle é

*escara, jovem ou velha, desde que esteja no cio. Se o homem, pelo contrário, escolhe, prefere, em uma palavra, uma, é porque não é "natural". Se um homem ama esta e não aquela mulher, é porque encontra nela certos valores estéticos, éticos, sociais, positivos ou negativos, aos quais persegue mesmo sem o saber. O amor humano é finalista e explicá-lo não é descobrir suas causas, é descobrir seus fins; ou seja, saber que valores verdadeiramente se vivem a observar naquela pessoa querida.*

*Existe uma idéia generalizada de que em todo casal homossexual um desempenhará o papel do homem (ativo) e outro o da mulher (passivo). Isso não é válido para a maioria dos casos: em geral, ambos desempenham indistintamente os dois papéis.*

*Entretanto, como em qualquer relação humana, um dos dois tomará a iniciativa, terá decisões, dominará o outro, não só no terreno sexual, mas em todos os outros.*

Na sua casa, num bairro longe do centro, Ângelo, um garoto de dezoto anos, muito loiro, cabelos bem curtos e penteados para a frente, parecendo uma menina, está aprontando-se. É que hoje aquela boate de "entendidos" vai dar uma festa e o traje é fantasia.

A rua onde mora não é calçada, sua casa não tem muro na frente e os cômodos são poucos e pequenos. Ângelo tem um sorriso bonito, um certo ar de ingenuidade no rosto e é delicado tanto no falar como nos gestos. Estudou até o primeiro ano normal, mas parou, e agora trabalha como auxiliar de escritório, no centro da cidade.

Ângelo se veste sempre com um toque feminino. Gosta de andar assim pela cidade, desfilando.

A mãe de Ângelo, uma senhora idosa, de cabelos brancos, sabe que seu filho é homossexual. É ela quem prepara seu vestido para a festa da boate. Pouco antes da hora de sair, êle experimenta, olhando-se no espelho como só mulher é capaz de fazer. Depois embrulha a roupa, põe outra mais discreta e vem para a cidade, trocar-se perto da boate, no apartamento de um amigo.

Para sua mãe, tanto faz que êle seja homossexual ou não. Ela chega a dar a impressão de que no fundo gostaria mesmo é que êle tivesse nascido menina.

A boate onde vai haver o baile a fantasia não dá para todos. Já está cheia e teve até gente que na véspera não conseguiu mais comprar mesa. O porteiro tem ordens de fazer uma seleção na porta, pelo modo de vestir, preferindo

gente de melhor classe social ou os amigos da proprietária.

— Venha cá. Você ainda não deu um beijo na "bruxa"?

É a dona da boate, uma senhora de cabelos vermelhos, magra e baixa, que está na frente da porta, recebendo seus amigos. A entrada em cima é muito pequena. Ali só ficam os garçons apanhando bebida no bar e uma mesa onde fica a "bruxa". Por uma escada carpetada desce-se para o subsolo, que tem a pista de dança e as mesas. A luz é azulada, muito fraca, quase desmaiada.

A escada não está mais dando passagem. Lá embaixo só há homossexuais. Não há mais como dançar e o vapor de suor paira sobre as cabeças. Muitos estão sem camisa, com o corpo brilhando na luz azul. Dançam músicas tocadas por um conjunto *sé-sé-lé*. Mas pulam muito, juntos ou separados, e em cima de tôdas as mesas há gente empoleirada. Uma delas, Ângelo, com seu vestido todo rodado, cheio de flores. Por perto,

Lá embaixo, na rua, uma perua do Juizado de Menores está lotada de rapazes. Um dêles pede aos que passam para avisar sua mãe:

— Diga a ela que eu levei um tiro no pé. Ela sabe o que é.

Na mesma hora, no bar, houve briga entre o garçon e um freguês que se dizia mal servido. Na confusão, o homem da caixa deu uma paulada no freguês, que saiu todo ensangüentado, levado pelos guardas e gritando:

— Eu volto para fechar isso aqui a tiro. Mato vocês "tôdas", suas...

Fábio está lá e se irrita:

— Nenhum homossexual gosta de ser chamado disso na rua, ofensivamente. Sou capaz de brigar.

Fábio traz um protesto dentro de si no que toca ao seu homossexualismo e sobre êle está escrevendo uma peça.

A briga esvaziou o bar. O chão ficou cheio de cacos e garrafas. Só que ninguém foi embora. Todos saíram, mas ficaram ali por perto, esperando as mesas serem recolocadas no lugar. Nem a *juke-box* parou de tocar. Dessa vez, alguém pôs Chico Buarque. Daqui a pouco, tudo estará normal aqui.

Nas ruas, as "bonecas" estão andando, fazendo "gênero".

Na boate, o ambiente é alucinante. As pessoas sobre as mesas, o vapor no ar e os gritos dão a impressão de que os que pulam na pista vão entrar em transe. O colorido das roupas se destaca contra a luz azul, apesar da penumbra.

Sem fantasia, com duas malhas e o rosto transtornado, muito vermelho, um velho está no meio da pista. Tenta dançar, pular e vai levando trancos dos mais jovens, que rodam pulando mais que êle. É a primeira vez que vem aqui; foi trazido por um rapaz que acaba de deixá-lo sozinho. Professor primário aposentado, fala que tem 43 anos, mas aparenta mais de sessenta.

O velho pula sem parar, ri e sua muito. Como que se oferece a todos que passam. Olha para êles tentando transmitir alguma coisa. Mas sua figura é deprimente.

Está agora me chamando para dançar. Tenta envolver-me, sua imagem é quase trágica, abafante; estou saindo, indo embora, mas ainda ouço sua pergunta:

— Você volta, não?

Para a pesquisa desta reportagem foram consultados os doutores: Bernardo Blay Neto, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise; Bénédicto Arthur Sampaio, psiquiatra; Maria Stella Gall, pedagoga; Bernardo Leo Wojchenberg, endocrinologista; Ruy Coelho, sociólogo; e obras de Hirschfeld, Jung, Freud, Stokel, Bergler, Ferenczi, Adler, Karen Horney e Erich Fromm.

### "Venha dar um beijo na bruxa"

noutra mesa. Homero está de baiana e mexe com os olhos e as mãos procurando imitar Cármen Miranda.

*Há dois tipos de travesti: o verdadeiro e o falso. O verdadeiro está disposto a submeter-se a qualquer tipo de tratamento que lhe permita mudar de sexo. A mudança, em geral, consiste em certas operações e injeções de hormônios que provocam ou evitam o crescimento de barba, etc. Já o "objetivo" de vida do falso travesti é assemelhar-se o mais possível ao indivíduo do outro sexo. Isso não quer dizer que seja um homossexual passivo, mas simplesmente um exibicionista. Não pretende mudar o sexo, e tira grande prazer do fato de enganar os outros e ser tratado como mulher.*

A festa na boate é uma pequena parte do que os homossexuais estão vivendo nesta noite em todos os cantos da cidade.

## ANEXO D – Seção Literatura do Lampião da Esquina nº 01

LITERATURA

Em vez dos poemas novos que LAMPÃO prometeu em seu número zero, três poemas postumamente de JULIÃO MARI de Andrade, o baiano Joségenes Costa e o carioca Schmidt. Por quê? O motivo é simples: o primeiro dos poemas selecionados não chegou a tempo para a seleção prévia, e vai esperar até o próximo número. Os outros dois foram os poemas aqui reunidos não o foram por acaso primeiro porque eles representam uma incursão

de um três poetas num território que geralmente lhes foi estranho (eles se referem à beleza do adolescente). Segundo porque os três provavelmente serão incluídos numa antologia de poemas malditos, cujo lançamento também já planejamos para os próximos meses. Para ilustrar os três poetas escolhidos, um artista alívio de maior importância, Evandro de Andrade, com um desenho também pertinente ao tema ( Gasparino Damatta)

**ODE**

Eu te fizeste dos grandes instantes  
Em que tua cabeça adolescente  
Adormeceu cansada sobre os meus ombros.  
Eu te falei dos grandes instantes  
Em que teu espírito recebeu  
As minhas palavras  
E os teus olhos ardentes revelaram a tua ingênua  
compressão

Eu te falei dos grandes instantes  
Em que a minha música (trôvel)  
Penetrou o teu corpo e criou um ritmo novo para o  
teu ser

Eu te falei dos grandes instantes  
Em que te senti coroado de violetas,  
Em que te senti pleno e perfeito,  
Espírito e glória, caloroso como os velhos vinhos.  
Eu te falei da tua clara beleza,  
E falei com que a tua nudez  
Se revele no teu equilíbrio e no pudor perfeito,  
Glória jovem e divina,  
Glória eterna,  
Foste nascida para os altos pensamentos,  
Alma trágica como os poetas  
E simples como a água das fontes,  
Dona jovem, Deusa da mocidade epifânica,  
Filha do Grande Amor,  
Herde e Criança!

Augusto Frederico Schmidt

**SONETO**

Admirável é amar como eu o en-  
caro?  
... Azul bem leve, um rímbo,  
suavemente  
Guarda-te a imagem, como um  
atoparo  
Corta estes móveis de banal  
presente,  
Tudo o que há de melhor e de  
mais raro  
Vive em teu corpo tu de adoles-  
cente,  
A pena assim jogada e o braço,  
o claro  
olhar preso no meu, perdidamente.  
Não exijas mais nada. Não desejo  
Também mais nada, só te olhar,  
enquanto  
A realidade é simples, e isto  
apenas.  
Que grandeza... A evasão total  
do peso  
Que nasce das imperfeições. O  
encanto  
Que nasce das adorações se-  
cretas.

Mário de Andrade

**SONETO AO ANJO**

Por tua causa o meu jardim  
fechou-se  
às mulheres que vinham buscar  
lírios,  
quando o poente cor-de-rosa e  
doce  
pantou parvo nos capitéis as-  
drios

Tua beleza como um pássaro me  
trouxo  
o mais azul de todos os delírios.  
Por tua causa o meu jardim  
fechou-se  
às mulheres que vinham buscar  
lírios.

Só tu agora colhes azalés  
e os cintilantes cachos de azarúia  
mágica flor que em meu jardim  
nasceu  
Só tu verás os lírios cor-de-sangra.  
Meu parvo dormirá contigo  
agora  
e o meu jardim desolado agora é  
teu.

Joségenes Costa

Página 18

LAMPÃO da Esquina

**ANEXO E** – Olavo Bilac e João do Rio, escarnecidos como homossexuais em charge de Seth, publicada em **O Gato**, 1911



“- Soberbo, hein!

- Que delicioso seria se todos os homens fossem assim.”

**Fonte:** <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=365718&PagFis=0>>. Acesso em dez. 2018.

**ANEXO F** – Foto do filme Carnaval de Fogo (1949)



**Fonte:** Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-216484/fotos/detalhe/?cmediafile=20382839>>. Acesso em 22 dez. 2018.

**ANEXO G – *O menino e o vento* (1967), filme de Carlos Hugo Christensen**



**Fonte:** <<http://www.portalbrasileirodecinema.com.br/christensen/filme-o-menino-e-o-vento.php?indice=filmes>>. Acesso em 22 dez. 2018.

ANEXO H – Chana com Chana, Edição 02.

havia nada a dizer a voce naquela tarde... a verdade não importa pra mim sou fo... vil enfrentar a furia dos fascistas porque uma m... o

**♀ CHANACOMCHANA**

GRUPO DE AÇÃO LÉSBICO-FEMINISTA

Associação das donas-de-casa discute lesbianismo, aborto...

Sandra Mara «Bigode» A Queda Para O Alto

8 de março: Dia Internacional da Mulher

BAJUBÁ

Fonte: Acervo Bajubá. Chana com Chana, Edição 02. Disponível em: < http://acervobajuba.com.br/wp-content/uploads/2018/11/ChanacomChana02md.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

CHANACOMCHANA

## BOLETIM Chanacomchana

O BOLETIM CHANACOMCHANA é um espaço criado por mulheres lésbicas para mulheres lésbicas e todas as pessoas que queiram debater, conversar e se divertir conosco. Queremos que ele seja um veículo de informação, discussão, humor, namoro, poesia e sonho para todas que o fizem

ram e para quem for lê-lo também. Ele é um dos frutos dos quase 4 anos de atividades do GALF, Grupo de Ação Lésbico - Feminista, e representa a continuação do jornal de mesmo nome que lançamos em fevereiro de 1981. Ele é produto de nosso trabalho que, embora, às vezes, difícil e árduo, tem sempre muito amor e paixão, e sem a paixão que esperamos ver transbordar de todos os nossos textos.

### NESTE NÚMERO:

8 DE MARÇO - pág 1  
A Negação de Honrosa  
Xuxuxuxu - pág 2  
Fazendo Poesia - pág 3  
A Guedê para o ALTO  
- pág 4  
ASSOCIAÇÃO DAS DONAS  
DE CASA DISCUTE LES-  
BIANISMO, ABORTO...  
- pág 6  
INFORMES - pág 11  
CARTAS - pág 12



### 8 de março Dia Internacional da mulher!

O DIA INTERNACIONAL DA MULHER, 8 de março, surgiu como símbolo da luta das mulheres pela igualdade e melhores condições de vida, lembrando o sacrifício de 129 operárias têxteis de Nova Iorque que entraram em greve em 1907 para reivindicar redução da jornada de trabalho, de 16 horas para 10 horas. De retróscas se recusaram a atender mais reivindicações e as mulheres ocuparam a fábrica. A polícia cercou o local e atirou fogo na fábrica. As mulheres morreram no incêndio. Em 1910, no Congresso Internacional de Mulheres, como proposta das socialistas alemãs, o dia 8 de março foi instituído como DIA INTERNACIONAL DA MULHER, para lembrar o acontecimento.

No Brasil, a partir de 1976, surgiram várias entidades feministas que dão um novo impulso ao movimento de mulheres. Há também muitas mulheres participando de movimentos sociais, e a grande transformação deste período foi o fato destas mulheres tentarem se unir para discutir seus problemas e propor uma plataforma comum de reivindicações. Estas tentativas foram concretizadas em 1979, quando foi realizado o 1º Congresso da Mulher Paulista, que marcou a comemoração do DIA INTERNACIONAL DA MULHER daquele ano.

Nos dois anos seguintes, realizamos II e III Congressos que também foram importantes espaços, onde a preocupação básica era envolver a luta das mulheres e a conscientização de sua opressão específica na sociedade. Destes três congressos e de seus discursos foram tirados alguns textos, bandeiras

e resoluções, sendo visto também - e no âmbito de trabalho, o salário igual para trabalho igual e a expressão nas fábricas: igualdade da mulher, o direito ao prazer, a contracepção e aborto; e violência sobre a mulher na sociedade, na família, no dia-a-dia.

Estas discussões sobre a opressão das mulheres no dia-a-dia aprofundaram nossa luta pela liberdade e a democracia, tocando nos pontos importantes e essenciais do sistema social opressor em que vivemos - o machismo.

Em 1982, o 8 de março foi organizado de forma descentralizada, comemorando o DIA INTERNACIONAL DA MULHER com debates, encontros, discussões, palestras e manifestações em todo bairro, região, cidade e o estado. O objetivo disto era fortalecer os trabalhos existentes nas lutas específicas das mulheres, ampliar estes trabalhos e possibilitar o surgimento de outros. Estas comemorações foram realizadas numa festa política, em São Paulo.

Este ano, 1983, o DIA INTERNACIONAL DA MULHER foi novamente organizado de forma descentralizada e será comemorado em várias regiões de São Paulo com debates, projeção de filmes, passantes, etc... que também serão relatados nessa festa política, no dia 8 de março, a partir das 20:00 hrs, no Museu de Arte de São Paulo (MASP). A festa será constituída de um show com artistas das áreas de música, dança, vídeo, e apresentação de "ilvaes sobre as mulheres e a conscientização das reivindicações do Movimento da Mulher por algumas de suas representantes. A festa é grátis e também é sua. COMPAREÇA!

**BAJUBÁ**  
MEMÓRIA LOST

## CHANACOMCHANA



## A NEGAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE

Muitas pessoas vem colocando, há algum tempo, a questão dos riscos e a que a afirmação da homossexualidade pode implicar. Existe-dizem-o grande perigo de, ao se afirmar a homossexualidade, cair-se num esquema de normatização, modelização, padronização que apenas reforçaria as tão fustigadas categorias sexuais de nossa sociedade. A preocupação é pertinente e justa e realmente necessário estar sempre alerta. No entanto, a maneira como vem sendo colocado o problema, que exige uma discussão mais profunda da que se faz no momento, parece estar levando à negação da homossexualidade, ou melhor, à negação da condição homossexual.

Nós, do grupo de ação lésbico-feminista, sempre criticamos o caráter reformista, meramente reivindicativo, que o movimento homossexual teve em

alguns países, inclusive no Brasil. Para nós, mulheres lésbicas, não é interessante lutar tão somente pelas mesmas direções das mulheres heterossexuais, já que as mulheres de um maneira geral não têm privilégios para dividir entre si. Nosso objetivo maior é a transformação desta sociedade, pelo fim da dominação de todas as mulheres, pelo fim da opressão dos papéis sexuais, por um verdadeiro respeito a individualidade de cada um. Almejamos um futuro sem padrões e nenhuma espécie, onde todas as pessoas tenham acesso a livre expressão de suas sexualidades. No entanto, reconhecendo estar esse futuro esperada ainda bastante distante de nossas mãos, procuramos tentar concretizá-lo passo a passo não fazendo interpretações ideais de realidade. Nós que trabalhamos com nossa realidade

objetiva, com a realidade objetiva das mulheres lésbicas que nos procuram por cortejos pessoalmente, sabemos que a nível do cotidiano, do dia a dia, a homossexualidade existe sim, assim como a heterossexualidade. A heterossexualidade é hoje o padrão de conduta sexual tido como "normal e obrigatório", diante do qual as outras formas de sexualidade são consideradas desviantes e por tal relegadas a total marginalização. A heterossexualidade, não a heterossexualidade em si, ou seja, não necessariamente as relações heterossexuais, mas a heterossexualidade enquanto instituição, é um instrumento de opressão das pessoas, e especialmente das mulheres, cuja finalidade é manter intactas as estruturas repressivas do sistema patriarcal. Por estas razões, considerando que ainda vivemos numa sociedade sexista, cujo padrão de comportamento tido como "correto" é o heterossexual, achamos precário uma visão generalizante da sexualidade, pois ela pode se inclinar para a anula-

- Ser lésbica, às vezes, é fogo... a repressão a qualquer coisa... tem sempre um Richettio por aí.
- Mi, que nada! Sem essa de rótulo. Esse negócio de hétero e de homo não existe...
- Claro! Hoje eu transo um cara, amanhã posso transar uma mulher... Eu sou é gente!
- Só! Além disso, a polícia em cima de todo mundo!
- Documentos!
- Quer uma bebidinha, seu guarda?
- Quem é sapatão pro camburão!
- Tá, amor!
- Pô! Esse lugar é muito barra pesada, não vamos mais vir aqui, tá!

Fonte: Acervo Bajubá. Chana com Chana, Edição 02. Disponível em: < <http://acervobajuba.com.br/wp-content/uploads/2018/11/ChanacomChana02md.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

ção das diferenças do presente contexto social.

Concluindo, acreditamos que, se por um lado, as afirmativas e homossexualidade, corremos o risco de normalizá-la, por outro, ao negarmos a homossexualidade, corremos o risco igual ou maior de diluir uma importante luta contra um preconceito que atinge inúmeras pessoas em todas as partes do mundo. A condição homossexual, transitória ou permanente, também determina a vida que levamos, as profissões que ocupamos e o lugar que ocupamos na sociedade. Negar estes fatos e suas implicações significa fechar os olhos à própria realidade.

#### NOTAS

##### 1. Paixão sexual

Padrões de comportamento tidos como "naturais", chamados de masculino e feminino, que são impostos às pessoas desde a infância através da família, escola e demais instituições da sociedade

##### 2. Sistema patriarcal

Sistema de dominação do homem sobre a mulher existente na maioria das países e das civilizações do mundo

Fichetti é o sobrenome do delegado da seccional de Polícia da Zona Centro que tornou-se famoso, durante o ano de 1980, pela chamada "operação limpeza" responsável por inúmeras prisões ilegais de homossexuais, prostitutas, travestis, etc...

##### Míriam



## FAZENDO POESIA

### TARDE E ESTRELA

És linda  
como anoitecendo  
as estrelas pintas  
(brilho coexistindo  
com o resíduo  
de sbóbade clara)  
Brilho,  
e a celeste alvura  
em instantes turquesa escuro  
(até que cada enfia  
ao negresse da noite)  
És linda  
nesse momento raro  
de tarde e estrela,  
(pois se noite alguma  
foste contigo até cans,  
em fins de tarde já se beijaste,  
luzindo estrelas  
d'alva esperança acases.



### VANGE

#### CRIME PERFEITO

Quando vejo seus olhos de senha,  
quando beijo sua boca ilícita,  
um gosto de sangue me excita  
a garganta calada:- Venha!  
O corpo a gente esconde debaixo dos olhos do mundo.  
As pintas a gente encobre num sorriso profunda.  
O alibi, sendo nós, é um crime perfeito,  
o que torna ainda mais, um pouco mais,  
tão bonito sermos cúmplices.

#### MÍRIAM

...não havia nada a dizer a você naquela tarde de abril a não ser que este amor cada vez mais se tornou toda a verdade não importa pra mim que foi difícil enfrentar a fúria dos fascistas porque pra mim o que importa é minha nudez espregueada na tua nudez minha esada mulher esada por mim que cada vez mais que como num espelho vejo a mim a ti refletidas no paixão e na grande alegria que é tocar seus olhos enquanto você toca os meus querida naquele apartamento onde trocamos as nossas carícias perto da insana alegria de amar enquanto ondas de mar e paixão revolvia-nos e não acreditava naquele suor divino que exalava de nossos corpos chatos do amor numa ansia de te conhecer mais do que a mim naquele momento de uma entrega embebedada ainda trazo de saudade e paixão e cada vez mais quero conhecer a alegria de ser lésbica com você: no meu sonho adolescente onde duas mulheres adultas tocavam as os pés por debaixo da mesa de jantar como se fossem alébricas cortassem o ar e volvessem os ventos onde voz caía a ser a tua companheira mesmo que os seres os separas cada ora enfrentar a minha como dizem inocência os pulhas ainda seresos duas mulheres na praia e viver como lobas d e prazer...

#### REGINA

## ANEXO I – Manifesto do Jornal do Gay, nº 2. 1978.

## O HOMOSSEXUALISMO NÃO É DOENÇA

Muitos médicos e psiquiatras, até há poucos anos afirmavam que o homossexualismo era doença e que, conseqüentemente, seriam doentes os homens e mulheres homossexuais. Tal pensamento era também comum a muitos psicanalistas. Isso se devia a que o homossexualismo era, quase sempre, visto mais pelo prisma de idéias teóricas do que pelo estudo de casos concretos. Ou então, sua perspectiva era deformada em virtude de serem os casos concretos basicamente clínicos.

Havia ainda fatores religiosos, filosóficos e pseudo-científicos que solidificavam preconceitos estabelecidos há muito. Tais preconceitos levavam médicos, psiquiatras e psicanalistas, e todos, de modo geral, a considerarem os homossexuais como doentes que necessitam de imediato e rigoroso tratamento clínico e psiquiátrico-psicanalítico para curarem-se da sua "doença".

### CARACTERÍSTICAS DA MÃE DO PRÉ-HOMOSSEXUAL

Um dos mais notáveis defensores desta idéia, Dr. Irving Bieber, célebre psiquiatra dos Estados Unidos, no seu capítulo "Aspectos Clínicos da Homossexualidade Masculina", do livro "A Imersão Sexual", escrito com vários outros autores, afirmou: "As mães relacionam-se de maneira característica com os filhos que se tornam homossexuais. O padrão típico é uma intimidade excessiva da mãe, que se mostra possessiva, dominante e super-protetora, destruindo a tendência masculina do filho. Embora tenha outros filhos, a mãe geralmente favorece o pré-homossexual, dispensa-lhe muito tempo e exige dele atenção e solicitude indevidas. Incentiva uma aliança contra o pai e, quase sempre e ostensivamente, prefere-o ao marido. O filho é, com freqüência, um confidente, com quem ela partilha intimidades."

### MAIS DA METADE DOS HOMENS JÁ TIVERAM EXPERIÊNCIA HOMOSSEXUAL

Em 3 de dezembro de 1973 o homossexualismo deixou oficialmente de ser considerado doença, apesar da opinião oposta de vários médicos. Foi quando a Associação Americana de Psiquiatria declarou publicamente ser contrária à interpretação da homossexualidade como forma de desordem psíquica.

O Dr. Kinsey e sua equipe demonstraram que 50% dos homens haviam tido alguma forma de experiência homossexual antes da

puberdade, 30% depois dela, 10% eram predominantemente homossexuais, e 4% exclusivamente homossexuais. Pela primeira vez soube-se qual era, realmente, a proporção de homossexuais da população. E que, também, 80% das pessoas já tinham tido, em alguma ocasião de suas vidas, algum tipo de experiência homossexual.

### SIGMUND FREUD E SEU PENSAMENTO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

Em 1935, uma mãe norte-americana escreveu pedindo a Freud, pedindo-lhe conselhos, pois tinha um filho homossexual e estava desesperada. O "Pai da Psicanálise" respondeu-lhe que, se a homossexualidade não é vantagem, também não é vergonha, nem vício e nem doença; e afirmou: "Nós consideramos o homossexualismo uma variante da função sexual, produzida pelo parafuso do desenvolvimento sexual."

E escreveu, entre outras coisas: "Muitos indivíduos, altamente repetíveis, nos tempos antigos e modernos, foram e são homossexuais como, entre outros, Platão, Michelangelo, Leonardo da Vinci e Oscar Wilde. É injusta, além de cruelidade, perseguir o homossexualismo como se fosse crime."

### EXISTEM VÁRIOS TIPOS DE HOMOSSEXUAIS

O Dr. Judd Marmor, escrevendo a introdução do livro "A Invenção Sexual", diz: "A suposição de que os homossexuais são todos idênticos é um estereótipo nascido do preconceito cultural, cujo absurdo se torna evidente se comparado com a suposição correspondente de que todos os heterossexuais se assemelham."

Diz o Dr. Ernest van der Haag: "Não se pode conceituar o homossexualismo como doença, apenas porque existem homossexuais neuróticos e que procuram tratamento psiquiátrico ou psicanalítico. Da mesma maneira, a heterossexualidade seria patológica, pois grande número de heterossexuais são portadores de perturbações mentais e buscam cuidado médico".

O grande psiquiatra norte-americano, Dr. Judd Marmor, concluiu: "Estou convencido de que a tendência, tão freqüente na literatura, em delinear uma personalidade homossexual específica, algum dia vai parecer tão arcaica quanto nos parece hoje a antiga descrição da personalidade "típica" do tuberculoso ou do epiléptico."

### ALARMA CONTRA A PSICANÁLISE ORTODOXA

Querido irmão gay!

Mesmo em seus momentos de maior angústia, jamais procure por um desses psicanalistas conservadores que tentarão transformar você num heterossexual. Tal médico pertence à horda dos machões que criaram os preconceitos que agora atormentam você. Além de não conseguir alterá-lo, esse psiquiatra irá atormentá-lo com sentimentos de culpa, dopá-lo com psicotrópicos que destruirão seu corpo e seu cérebro, e extorquir o seu dinheiro.

O sofrimento do gay não é inerente à sua sexualidade, mas proveniente dos preconceitos sociais.

Você não é nem doente, nem viciado, nem anormal, nem psicologicamente doado!

Viva sem conflito sua sexualidade! Lutemos contra os preconceitos, e não contra nossas tendências!

Em 3 de dezembro de 1973, a Associação Americana de Psiquiatria concluiu que o homossexualismo não é um desvio psíquico, mas sim, apenas outra forma normal de sexualidade.

É fato que, diante da ameaça de perder os honorários dos homossexuais deprimidos, os psicanalistas tradicionais protestaram!

Portanto, se você tiver algum problema emocional, profissional ou familiar, escreva-nos, que ficaremos muito felizes em orientá-lo! E de graça! Por amor pela causa!

E vivam as borboletas!

## O Dia do Gay Brasileiro e o Hotel Gay

### DIA DO GAY BRASILEIRO

Já que existem o dia da secretária, o dia do soldado, o dia da telefonista, etc. pensamos em criar o dia do gay brasileiro. Reuniáremos toda a Irmandade (que é grande), numa festa de confraternização em um dos clubes entendidos de São Paulo. Haverá drinks, forfocas, danças e bacalações mil. Pensamos numa data fixa, por exemplo, o dia 16 de outubro que é a data de nascimento de Oscar Wilde.

O que vocês acham da idéia? Escrevam.

### UM HOTEL GAY EM SÃO PAULO PARA NOSSOS IRMÃOS DE OUTROS ESTADOS

O Círculo Corydon pretende, dentro em breve, instalar um hotel para as acomodações de todos gays que virem de outros estados.

Os visitantes que chegarem aqui encontrarão neste hotel um ambiente acolhedor, roteiros de divertimentos gays e muitos amigos. Os interessados escrevam.

JORNAL DO GAY - 1978

ANEXO J – Revista Rose, nº 66, 1982.

## De cabo a rabo



### ROSE & OS TRAVESTIS

A estrelíssima Barbara Hudson (foto) escreve a *De Cabo a Rabo* protestando (e até insinuando) que *Rose* “tem preconceito contra atores transformistas profissionais”, já que, apesar de insistentes e generosas remessas enviadas desde Maringá (no interior paranaense), onde realiza show de grande sucesso – noticiado em edição anterior –, “nada publicamos” a seu respeito.

Queremos deixar bem claro que a revista não só não tem preconceito contra “atores transformistas”, como também não os alimenta com relação aos “travestis de rua que, com raras exceções, são marginais que sujam o bom nome” da classe, conforme afirma enfaticamente a própria Bárbara.

Aproveitamos a “deixa” não só para publicar a (bela) foto em que, esplendorosa, Miss Hudson lê, com concentrado charme, a nossa *Rose*, como também para informar a todos os que

4 ROSE

nos enviam notícias que, como se vê, o espaço é exíguo – e as solicitações, muitas, o que não deixa de nos envidar, pois comprova a hoje significativa penetração da revista nos mais remotos lugares do País. E em tempo: gente do Acre, Amapá, Rondônia, amigos sempre, suas notícias não deixarão de ser publicadas. Paciência também é “touché”...

### HOMOSSEXUALISMO NÃO É DOENÇA E NEM DESVIO!

Praticamente todos os dias, os diversos grupos de ativistas gays no Brasil têm consideravelmente aumentadas as suas listas de adesões à Campanha Nacional contra o parágrafo 302 do Código de Saúde do INAMPS que rotula o homossexualismo como “desvio e transtorno sexual”. Últimas e importantes adesões: a do jurista Raimundo Faoro (ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB), escritor Fernando Gabeira, atriz e empresária Ruth Escobar, entre inúmeras outras personalidades.

Já são milhares o número de assinaturas, num verdadeiro abaixo-assinado nacional, o qual será levado ao Ministro da Previdência, Jair Soares.

Aliás, o Grupo Gay da Bahia – o sempre ativo G.G.B. –, adiantando-se ao abaixo-assinado, ou preparando terreno para ele, já entregou ao Ministro Jair Soares, em mãos, uma carta aberta exigindo a revogação do famigerado dispositivo do Código de Saúde do INAMPS, em recente viagem do titular da Previdência Social a Salvador.

Mostrando-se relativamente aberto à proposição, o Ministro, acusando boa vontade, prometeu que, tão logo retornasse a Brasília, encaminharia o documento à consultoria jurídica do INAMPS.

Uma luta que certamente os homossexuais brasileiros vencerão. Quem viver, verá.

BAJUBÁ

ANEXO K – Revista Rose, nº 77, 1983.

## De cabo a rabo



### CAPITÃO GAY: ÍDOLO DOS NOVOS TEMPOS

Recente pesquisa efetuada entre diversos colégios secundaristas da capital paulista – efetuada por universitários paulistanos – perguntava qual era o herói favorito da estudantada.

E qual não foi a surpresa a que chegaram os pesquisadores: o “Capitão Gay”, personagem vivido por João Soares, na televisão, ganhou disparado nas listas de preferência, seguido – muito de longe – pelo “Homem-Aranha”.

Claro está que isto não configura nenhuma tendência generalizada ao homossexualismo, como os mais tacanhos poderiam supor, mas saudável indicativo de que a democracia sexual está chegando, mais cedo do que se esperava, à juventude brasileira.

### HOMOSSEXUALISMO NÃO É DOENÇA

A sessão mais concorrida, em termos de público, da última reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizada, este ano, em

Campinas (SP), foi – como não poderia deixar de ser – a que tratou da “Sexualidade no Brasil”. Eram tantos os interessados, que o debate – reunindo cientistas, estudantes, leigos – teve que ser transferido para pátio aberto, já que as dependências do auditório não comportavam o número de pessoas – calculado em milhares.

Através de nosso colaborador baiano, antropólogo Luís Mott, da Universidade Federal da Bahia, o Movimento Homossexual Brasileiro pediu publicamente – e no mais alto foro da Ciência brasileira – que o Ministério da Previdência Social decida pela extinção do parágrafo 302 do código de doenças do INAMPS, que caracteriza o homos-



sexualismo como “desvio e transtorno sexual”. O que, endossamos, é uma evidente aberração que não traduz, em hipótese alguma, os novos tempos em que vivemos.

Aliás, abaixo-assinado com mais de 15 mil adesões, entre elas as de políticos como Ulysses Guimarães, João Breda, Franco Montoro e artistas como Ruth Escobar, Fernando Gabeira e Dina Sfat, já deve estar na mesa do Ministro da Previdência. Quem viver, verá!

6 ROSE

BAJUBÁ

**ANEXO L – Conto: Dei pra meu vizinho dotado e virei putinha dele**

Tito (apelido) era um vizinho de levar qualquer um a loucura. Um moreno alto, corpo normal, 38 anos e machão. Eu sempre ouvia comentários na rua que ele era o maior garanhão apesar de ser casado. As mulheres que moravam perto de nossas casas o desejavam, inclusive eu é claro. Mas nunca pensei que aconteceria o que vou relatar o que até agora eu tinha somente em minhas fantasias, nossa foi muito bom.

Eu o via a noite de vez enquanto e nos finais de semana pelo fato de ele trabalhar a semana toda, mas nesta semana estranhei em vê-lo durante a semana em casa. O via pela janela que dava pra minha casa. Ele estava sem camisa bem a vontade, não pude ver da cintura pra baixo, mas fiquei comendo ele com os olhos, um peito forte, peludo (coisa que me deixa maluco é homem com peito peludo). Era uma tarde ensolarada e eu não tinha o que fazer a fiquei em casa vendo sacanagem na internet. Teve um momento que não vi mais ele pela janela, procurei pra ver se via ele e pra minha surpresa ele estava nos fundos da casa colocando roupas no varal. Disfarcei e arrumei um pretexto pra ir aos fundos da minha casa pra ver ele. Nossa que loucura, ele estava usando uma calça moletom de cor cinza um pouco justa e sem camisa como disse antes. Vi logo que não estava usando cueca porque o pau dele estava solto, bem a vontade. Imaginem a cena uma macho assim, tipo Humberto Martins e tu louco pra fazer tudo que tua imaginação permitir com ele e ser dominado por ele!

Quando ele levantava os braços pra estender as roupas, o movimento fazia com que a cintura do moletom baixasse um pouco exibindo os pentelhos e o volume parecia mais. Fiquei paralisado com a cena. Ele viu que eu estava olhando e cumprimentou com a cabeça e dando um sorriso maroto. Puxei conversa e perguntei se ele estava de folga; disse que estava de férias e como não tinha o que fazer estava ajudando nas tarefas de casa enquanto a mulher dele trabalhava. Conversamos um pouco e eu quanto mais tentava disfarçar sempre o comia com os olhos, principalmente o volume que era grande apesar de mole. Ele desconfiou que eu curti machos, mas naquele dia não rolou nada para minha frustração. Passou uma semana e eu ficava mais louco a cada vez que via ele. Até que um dia ele viu que eu estava olhando ele através da janela. Fiquei sem jeito e parei de olhar, mas não resisti e olhei de novo, mas não o vi mais. Tive a idéia de ver se ele estava nos fundos da casa e fui ver. Dito e feito, ele estava na varanda usando o mesmo moletom sem cueca como gosto e uma camiseta azul. Disfarcei e puxei assunto. Ele estava diferente daquele dia, me olhava diferente e coçava o saco. Não preciso nem falar que pirei com isso. Perguntei o que ele tava fazendo e ele disse que tava vendo TV no quarto e tava entediado por não ter o que fazer. Perguntei que tipo de filme ele

tava vendo, disse que era de ação. Eu disse que adorava filmes de ação (menti pra ver se ele me convidava pra ver tbm), Tito perguntou o que eu tava fazendo, disse que nada. Ele perguntou se não queria ver o filme que ele tava assistindo. Nossa, disse que sim antes que ele terminasse a frase. Disse que trancaria a casa e iria em seguida.

Bati na porta da casa dele e ele veio abrir, quando fiquei perto dele pude sentir um cheiro forte de macho. Aquele cheiro que alguém sendo quando o cara ta doido pra te comer. Fomos para o quarto e sentei em uma poltrona e ele na cama atiradão. Conversávamos durante o filme e claro, arrumei um jeito pra conversar sobre sexo. Eu já não me importava mais o que ele pensaria o queria de qualquer jeito. Falei algumas sacanagens que via na internet e percebi que ele ficou excitado porque apertava o pau por cima do moletom. Tito levantou dizendo que iria ao banheiro e quando levantou deu pra ver o tamanho do cacete dele meio duro, nossa como era grande o volume. Imagina duro. Quando ele voltou do banheiro me assustei, Tito voltou com o pau pra fora e parou na minha frente balançando aquele mastro na minha cara e perguntou o que eu faria se ele esfregasse o pau na minha cara. Eu disse se ele esfregasse eu mostraria o que faria. Não deu outro ele passou o pau no meu rosto e eu cai de boca. Chupei como se fosse a ultima coisa que eu faria na minha vida. Claro que ter o teu objeto de desejo na tua mão tu aproveita todos os segundos.

Ele dizia sacanagens, “eu sabia que era isso que tu queria”, “chupa gostoso, engole minha pica”. Ele tirou o moletom e disse pra eu sentar na cama, ficou na minha frente e levantou uma das pernas e mandou que eu engolisse o pau dele. Mamei pra valer o pau e as bolas daquele macho gostoso. Cara, sem brincadeira pedi que ele me desse um trena pra eu medir o tamanho (tenho uma tara por pau grande que sempre quero medi pra acreditar no tamanho), e sem mentir media 26cm e grosso. “Engole vai viado faz o que minha mulher não faz e depois vou rasgar teu cu com ele”. “já comi outro viado um tempo atrás e gostei porque viado gosta de dar o cu e eu adoro judiar de um rabo”.

Mamei por um tempo e Tito disse que queria me comer, me mandou ficar de quatro na beira da cama e ele ficou em pé. Mandou que eu arregaçasse a bunda com as duas mãos pra ele meter. Se posicionou atrás de mim, deu uma cuspidinha no meu cu e outra no pau dele. “agora tu agüenta viado, porque eu vou entrar com tudo”. Encostou a cabeça na portinha do meu cu e me segurou com as duas mãos. Começou e empurrar e quando entrou a cabeça daquele pauzão eu dei uma gemida. Que sair, mas ele me segurou e disse. Agüenta não era isso que tu queria? Eu disse que sim, mas tava doendo. “agüenta que passa, eu não vou tirar”. Quando tava tudo dentro ele começou a mexer. Até a dor passar eu tiver que agüentar ele socando e abrindo meu cu com vontade. Tirou o pau pra ver o estrago e disse “meu, que

buraco eu abri no teu rabo. Ta doendo? Eu até to com pena de ti por eu ter enfiado tudo isso no teu cu”. Disse que tava parando de doer e que queria que ele metesse mais. Fiquei de bruços e abri bem a bunda, ele veio por cima apoiando-se na cama e meteu de vez. “é assim que tu quer, então vai levar pau nesse cu”.

Socava e socava como louco em mim. Ficou de joelhos na cama e cavalgava em cima de mim. Eu quis tomar um pouco as rédeas da foda e disse que queria mudar de posição. “a putinha quer dar de outro jeito é?”. Fiquei de frango assado e coloquei um travesseiro embaixo da bunda ele veio pra cima e meteu com vontade. “viadinho, quer ver teu macho te socando quando mete nesse rabo?”.

Dei de lado, de bruços de novo com ele arregaçando minha bunda com as mãos e metendo. De quatro dizendo palavrões como “vou encaixar nessa cadela”, “vai vaca, geme quando teu touro trepar em ti”, “ta gostando do meu pau potranca dentro de ti”. Que loucura, é dessas fodas que eu gosto ser dominado por machos assim. Sentei em cima dele cavalgando de costa pra ele, sentava e tirava deixando ele louco quando eu sentava de uma vez e com vontade. “mexe mais um pouco que to quase gozando, mas quero gozar na tua boca com tu me chupando”. Quando ele disse que tava quase gozando, sai de cima dele e ele ficou deitado de barriga pra cima com os braços embaixo da cabeça. Mamei até ele ejacular na minha boca, nossa que gozada farta. Porra pra tudo que é lado. Claro que umas jorradinhas foi dentro, direto na garganta e que tive que engolir. Continuei mamando a bati uma punheta e gozei. Fiquei com o pau dele na boca até ele se recompor e depois se levantou peladão, foi no banheiro. Tomou banho e voltou enrolado na toalha. Não resisti e pedi pra chupar ele de novo, no qual ele atendeu meu pedido abrindo a toalha na minha cara e mandando eu cair de boca. Caprichei até ele encher minha boca com a porra dele e engoli todinha. Depois disso fui pra casa sem acreditar no que tinha acontecido. Durante as férias dele trepamos mais vezes a tarde. Agora raramente porque ele voltou a trabalhar.

Sou moreno, 1:80 altura, 80kl e com jeito e voz de homem. Não curto afetados e somente machos. Me escrevam.

*Abstratus\_rs*

**Fonte:** Abstratus-rs. Dei pra meu vizinho dotado e virei putinha dele. **Contoseróticos.com**. Disponível em: <<https://www.contoerotico.com/conto/10192/319894/dei-pra-meu-vizinho-dotado-e-virei-putinha-dele.html>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

## ANEXO M – Conto: Iniciação e orgia na Educação Física

Eu tinha cerca de quinze anos, acabara de ingressar no ensino médio e era um carinha muito tranqüilo, sociável e popular na minha escola. Ninguém me incomodava! Meu único problema era o esporte: eu sempre fui muito mal nos esportes de quadra; vôlei, basquete, handebol, nenhum deles eu jogava realmente bem.

Meu professor era ainda muito jovem; com cerca de 23 anos, havia completado a curso de Educação Física há muito pouco tempo.

Ele era muito legal, descontraído e informal no trato com os alunos: nada daquela diferença que os professores sempre mantinham entre eles e a gente. Mas, em compensação, ele criava um clima de cumplicidade que não raramente terminava em bagunça.

No meu caso em particular, ele sempre tirava um pouco de sarro da minha incapacidade para os esportes, fazendo insinuações que eu não conseguia compreender, mas que causavam risos entre alguns garotos maiores, que eram especialmente próximos a ele.

Houve um dia em especial em que a aula estava a maior bagunça possível. Como sempre, eu me esforçava sem muito sucesso em jogar o melhor que podia. Mas era handebol e eu era especialmente ruim neste esporte. Eu via que alguns garotos nem sequer participavam da aula: num grupinho na pequena arquibancada da quadra, o “Rica” havia arriado a calça de moleton do “Nando” e este havia corrido atrás dele de bunda de fora quase por meia quadra! Todos riram com aquilo, inclusive o Professor, que observou que era bem gostosinha a bunda o “Nando”, provocando gargalhadas ainda maiores entre nós todos...

Logo depois, ele voltou-se para mim e soltou esta direto:

- Por falar nisso, quem é que vai ensinar o “Nil” a jogar de direito, afinal de contas!

Todos entenderam, inclusive eu, o motivo do “por falar nisso”! A questão é que, apesar de ser do tipo magro, eu tinha a bunda bem empinadinha e – modéstia a parte – bem atraente, tanto que muitos rapazes me “passavam a mão” de vez em quando. Eu até já havia me acostumado com aquilo e nem ligava mais, a não ser – é claro – quando o cara se excedia e começava a me fazer passar vergonha.

O chato, porém, é que até o fim da aula ficou um clima super chato para mim, com quase todos os outros rapazes fazendo insinuações a meu respeito, gestos furtivos, risinhos sarcásticos e outras coisas assim. Tanto que eu fiquei ainda mais confuso de que costume e joguei ainda pior do que era o habitual.

Terminada a aula, muito desemxabido, eu fui logo em direção ao banheiro, para me trocar e voltar para casa, pois, apenas três horas mais tarde já seria hora de retornar a escola, para as aulas “normais”.

Eu já estava sem camisa, meio inclinado, com meu calção na altura dos joelhos, quando eu ouvi alguma coisa e, de repente, senti aquela “encostada” na minha bunda...

Era o Denis, aluno do 2º colegial, de 18 anos, um garoto de cor moreno clara, olhos e cabelos castanhos, mais alto e forte do que eu, corpo tão lindo quanto o seu rosto...

Nós não éramos precisamente amigos, mas já havíamos trocado algumas palavras e estabelecido uma relação de simpatia mútua, principalmente nas aulas de Educação Física. Só me incomodava um pouco a maneira um pouco insinuante como ele falava comigo de vez em quando, como se nós fôssemos cúmplices em alguma coisa, o que nem de longe era o caso. Mas eu confesso que, junto ao desconcerto que sentia nestas ocasiões, eu pagava o maior pau pelo Denis. Era uma admiração tão pronunciada que beirava o tesão – e eu tinha plena consciência disso...

Agora que ele me “encochava” no banheiro – tão seguro de si mesmo que chegou a colocar as duas mãos na minha cintura para me puxar ainda mais junto a si – eu nem mesmo consegui esboçar uma reação mais “enérgica”, digamos assim... Dei a maior bandeira, isso sim, simplesmente me erguendo e perguntando, um pouco assustado, porque ele fazia aquilo.

O Denis nem se dignou a responder: simplesmente me puxou junto a si, agarrando minha bunda com suas duas mãos e fazendo com que o seu pau duro tocasse o meu e ficasse ali roçando, enquanto seu rosto, com uma expressão super tesuda, quase grudava ao meu, os olhos fixos em mim e a respiração pesada, refletindo o tesão que ele estava sentindo.

— Eu sou louco por você cara — disse ele com uma voz rouca que era a coisa mais tesuda que eu já havia ouvido até então — Não quer que eu te ensine a jogar cara, não quer, depois você me deixa eu te foder gostoso, ussssssss, bem gostosinho cara ussssssss...

Bem, vocês imaginam o que eu estava sentindo àquela hora. Enquanto o seu pau continuava o seu passeio sobre o meu, enquanto suas mãos apertavam cada vez mais forte minha bunda, eu já percorria os seus braços, peito e costas com as minhas mãos, gemendo cada vez mais alto.

— Ai, Denis, como você é bonito, cara! Como você é tesudo! — eu dizia quase suspirando...

Já completamente tomado pelo tesão, eu não resisti sequer um segundo quando o Denis começou a baixar minha cueca e enfiar a mão na minha bunda nua. Eu só gozava o

prazer de sentir sua mão agarrar minhas nádegas por inteiro e depois o dedinho que, se enfiando no rego, tentava penetrar o meu cu...

Seu pau agora estava tão duro, era tão gostoso senti-lo junto ao meu corpo que não resisti mais a tentação: comecei a baixar o seu short, lentamente, até ver o pauzão surgir bem duro na minha frente e se colar às minhas coxas. Foi demais: eu me abaixei como se estivesse caído!

Primeiro, eu senti, por alguns segundos aquela trolha enorme roçar a minha cara; uma delícia! Depois, com a mão direita do Denis já agarrada firmemente a minha nuca, eu comecei a brincar de tentar prende-la com meus lábios. Enfim, quando a cabeça daquela pica se encaixou direitinho em meus lábios ainda fechados, o Denis a empurrou firmemente para dentro e ela deslizou até a garganta!

Eu nunca havia chupado uma pica antes; mas para isso não há necessidade de aula ou exemplo, se aprende na hora facilmente...Em poucos minutos o Denis já estava gemendo, com as duas mãos agarradas a minha nuca e aquele entra-e-sai interminável em minha boca.

Às vezes, eu perdia o fôlego, tirava aquele tronco da boca e começava a mordisca-lo e lambe-lo todinho, dando leves lambidinhas na cabeça ou passando levemente os meus lábios por ela. Era incrível, com a cabeça voltada para o teto, os olhos fechados de tanto êxtase, o Denis gemia sem parar. E eu não ficava atrás, gemendo e suspirando de puro tesão...

Completamente alucinado ele dizia que eu era a puta da sua vida e esfregava o meu rosto contra o seu pau quase sem parar! Colocando então uma das pernas sobre o banco de cimento que havia no banheiro e que servia de vestiário, ele deu de costas para mim e me pediu que eu chupasse o seu cu.

Eu também nunca havia chupado um cuzinho antes. Mas com aquela bundona em minha cara, como resistir? Logo eu estava esticando minha língua e dando pequenas lambidelas no seu rego, que o fazia tremer todo, até que, enfim, sentindo o quanto era gostoso aquilo, eu enfiei minha língua com vontade no seu cu e fiquei ali durante um tempão, lambendo sem parar.

O Denis já não conseguia mais agüentar! Louco de tesão ele me levantou, me fez encostar junto à parede e antes que eu mesmo respirasse um pouco, seu pau já estava tentando se enfiar na minha bunda.

O problema é que ele estava sem lubrificante e – por maior que fosse meu tesão em ver aquele corpo lindo fazer aqueles movimentos de ida-e-volta contra a minha bunda – meu cuzinho virgem jamais se abriria daquele jeito.

Nós estávamos assim quando, repentinamente, apareceu o Professor. Com a maior tranquilidade do mundo, como se nada houvesse acontecendo de anormal, ele parou ao nosso lado, massageando de leve o seu pau sobre a calça do uniforme, e começou a apreciar a espetáculo.

— Então, não vai comer? — perguntou para o Denis, com a mesma naturalidade de antes.

— Está difícil de entrar! — respondeu o Denis com um jeito meio constrangido, mais pela dificuldade de me penetrar, penso eu, do que pelo espetáculo que nós oferecíamos.

— Usa isso aqui! — sugeriu o Professor, enquanto tirava do bolso uma gominha de plástico, como aqueles em que se bebe doce de leite.

O Denis imediatamente estendeu a mão, pegou o troço e logo depois eu sentia um líquido meio frio percorrendo o meu rego e entrando no meu cu, com a ajuda de um dos seus dedos.

Pouco depois, a bengala do meu colega voltou a forçar a entradinha do meu cu e desta vez entrou sem muita dificuldade. É claro que doeu p'ra burro, especialmente nos primeiros “passeios” daquele pauzão no meu cu. Era um vaivém doloroso, mas que no finalzinho de cada estocada dava um prazer indescritível... Tanto que em breve eu já mexia toda minha bunda, de modo a sentir toda aquela trolha nas paredes do meu cu e multiplicar meu prazer, gemendo como uma menininha.

O Professor então, mostrou o que realmente estava acontecendo. Enquanto eu me abaixava cada vez mais, para sentir com mais intensidade a entrada o pauzão de Denis no meu buraco, o Professor levantava sua camisa e encostava o seu peito em minha cara, ao mesmo tempo em que eu abaixava a sua calça.

Foi então que eu via a sua bengala, que não ficava nada a dever para a pica do meu enrabador.

— Chupa viado! — ele ordenou.

E eu chupei, é claro, porque era uma sensação supergostosa chupar uma rola coma aquela, enquanto que o Denis me enrabava com cada vez maior violência.

Enfim, quando eu me voltei para o lado, por ter ouvido uma voz diferente, qual não foi a minha surpresa ao ver quatro dos meus colegas com o calção abaixado até os joelhos, se masturbando sem parar e assistindo ao espetáculo aqueles dois estavam fazendo nos meus buracos.

Notei que, enquanto assistiam ao “showzinho”, eles se bolinavam mutuamente e se beijavam na boca sem a menor vergonha, explicando com esta bandeirosa todo o porquê de tanta cumplicidade com o Professor de Educação Física.

Por fim, não agüentando mais de tanto prazer, com o Denis gostoso enfiando com uma rapidez insana o seu pau no meu cu e toda aquela trolha do Professor saindo e entrando da minha boca, eu comecei a transar loucamente. Já havia gozado algumas vezes, mas nunca daquele modo, com tanto prazer.

Foi então que o “Nando”, aquela da bundinha p’ra fora, deixou simplesmente de assistir ao espetáculo e – ao se ajoelhar ao meu lado – bebeu toda a porra que sobrou em pinha pica. Neste momento, o “Su”, um loirinho que também estava assistindo, se ajoelhou atrás dele e começou a esfregar o pau no seu rego.

Eu não pude assistir aquela encoxada por muito tempo, pois logo eu senti o Denis gritar alto e – logo depois de tirar o pau do meu cu – espirrar toda a sua porra nas minhas costas e na cara do “Nando”, que depois lambeu todo o restinho que restava em sua trolha.

Enfim, já sentindo com pena o enorme vazio que o Denis deixara em minha bunda, percebi então que o Prof. esfregava loucamente a cabeça do seu pau no céu da minha boca e gemia cada vez mais alto até que, pela primeira vez em minha vida, eu senti o gosto de porra. Foi uma delícia!

Em seguida todos os outros rapazes, fizeram questão de também deixar sua porra em minha boca, com exceção do “Nando” que decidiu distribuí-la entre o Professor e o Denis, que estavam agora ajoelhados diante do seu pau.

Assim eu transei com um homem a primeira vez em minha vida. E também esta a minha primeira orgia. As outras, conto mais tarde.

*Nielsen*

**Fonte:** Nielsen. Iniciação e orgia na Educação Física. **Contoseróticos.com**. Disponível em: <<https://www.contoerotico.com/conto/1829/396483/iniciacao-e-orgia-na-educacao-fisica.html>>. Acesso em 15 fev. 2019.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

D111r da Silva Oliveira, Rubenil  
REPRESENTAÇÕES DAS IDENTIDADES  
HOMOFATIVAS NA PROSA CONTEMPORÂNEA  
BRASILEIRA : leituras sobre a escrita de si / Rubenil da Silva  
Oliveira. — 2019.  
305 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Maria do Perpétuo do Socorro Galvão  
Simões  
Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras,  
Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará,  
Belém, 2019.

1. Homoafetividades. 2. Literatura contemporânea. 3.  
Escrita de si. 4. Narrativas de resistência. I. Título.

CDD 869.9309

---